

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara - SP

FLAVIA KARLA RIBEIRO SANTOS

**O CONCEITO DE FIGURATIVIDADE E AS
PRÁTICAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA
SEMIÓTICA NO BRASIL E NA FRANÇA**

ARARAQUARA – S.P.
2020

FLAVIA KARLA RIBEIRO SANTOS

O CONCEITO DE FIGURATIVIDADE E AS PRÁTICAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA NO BRASIL E NA FRANÇA

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CAPES (Código de Financiamento 001).

Santos, Flavia Karla Ribeiro
O conceito de figuratividade e as práticas de
institucionalização da semiótica no Brasil e na França
/ Flavia Karla Ribeiro Santos – 2020
347 f.

– Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

1. Figuratividade. 2. Historiografia linguística. 3.
Institucionalização da semiótica. 4. Práticas de
institucionalização da semiótica. 5. Tipologia das
ideias sobre a figuratividade. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FLAVIA KARLA RIBEIRO SANTOS

O CONCEITO DE FIGURATIVIDADE E AS PRÁTICAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA NO BRASIL E NA FRANÇA

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CAPES (Código de Financiamento 001).

Data da defesa: 28 / 05 / 2020.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela
Faculdade de Ciências e Letras/Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan
Faculdade de Ciências e Letras/Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann
Faculdade de Ciências e Letras/Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Assis e de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Ciampone Mancini
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro Titular: Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata
Universidade de Franca (UNIFRAN)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

Para Marcelo.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, é preciso assinalar que existem coerções que impossibilitam agradecer nominalmente a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que o caminho até aqui percorrido se cumprisse: *a priori*, porque a memória, eventualmente, não conseguiria resgatá-los em sua totalidade, ficando o inventário inevitavelmente incompleto. De outra parte, porque o próprio gênero exige certa dose de comedimento, não havendo, portanto, espaço suficiente para listar tantas contribuições. Por essa razão, representando todas as pessoas, equipes e instituições que colaboraram com este trabalho, registro, aqui, minha gratidão:

Ao Marcelo – mais que marido, companheiro –, aos meus pais – Wandercy e Maria –, às minhas irmãs – Paula e Jacqueline – e sobrinhos, enfim, à minha família, pela compreensão nos momentos de ausência em função da dedicação à pesquisa e pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, por acreditar em mim como pesquisadora, como profissional, como aluna. Ainda pelos conselhos, pela confiança, pelas oportunidades concedidas, pelas conversas animadoras e francas, pela atenção, pela paciência diante de meu processo demorado de escrita e pela compreensão em ocasiões de angústia e de inquietação. Obrigada por ser não apenas meu orientador, mas também por se tornar meu amigo.

Às equipes da Seção Técnica de Pós-Graduação e da Biblioteca, pelo atendimento sempre atencioso e impecável.

À CAPES, pelo financiamento que propiciou a realização desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Às amigas para a vida, Renata Cristina Duarte e Raíssa Médici de Oliveira, pelo companheirismo, pela força, pelas horas de estudos conjuntos e por tornarem o trajeto Franca-Araraquara-Franca um espaço-tempo de incontáveis e preciosos debates científicos.

À também amiga Patricia Veronica Moreira, pela energia positiva, pelo apoio e pela confiança concedidos.

À professora Dra. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, por ser a primeira a incitar em mim o interesse pela pesquisa.

À querida professora Dra. Vera Lucia Rodella Abriata, pela competente orientação durante o mestrado, sem a qual eu não poderia ter trilhado esse caminho até aqui.

Aos professores Dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini [Ude] Baldan e Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann, pela leitura atenta e pelas contribuições no Exame de Qualificação, que muito enriqueceram esta pesquisa; e às professoras Dra. Renata Ciampone Mancini e Dra. Vera Lucia Rodella Abriata que a eles se juntam para compor a Banca Examinadora de Defesa desta tese de doutorado: professores e pesquisadores que admiro, respeito e que participaram de diferentes e gratas maneiras da minha formação enquanto pesquisadora e semioticista.

A todos que não mencionei, embora reconheça seus méritos, minha sincera gratidão!

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura realizam-se através de uma grande variedade de *práticas sociais*. As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de *sistemas de signos* para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para a geração seguinte. (E. LOPES, 1976, p. 15, grifos do autor).

Visualizada como irrupção do sentido, a significação tem sido normalmente descrita como um emergir do descontínuo a partir do contínuo, e, como tal, associada a certos gestos fundadores, os quais, por se acharem nas raízes da semiose, podem ser vistos como gestos radicais. Desde sua instauração como projeto científico, a reflexão sobre a significação tem se valido de modelos figurativos como a folha de papel, o xadrez, o triângulo, o quadrado, o hexágono, o trapézio, o cubo, a árvore, para citar os mais conhecidos. Por vezes, tamanha é a força da figuratividade do modelo escolhido, que chega a marcar acentuadamente – e mesmo, em alguns casos, a estigmatizar – a perspectiva sob a qual será pensada a teoria. (SILVA, 1995a, p. 13).

RESUMO

Entendida como elemento de análise semiótica que atua na construção do sentido desde as instâncias profundas até as superficiais do discurso materializado em textos verbais, visuais e sincréticos, a figuratividade organiza figuras de expressão e de conteúdo que simulam experiências sensíveis a fim de produzir efeitos de verdade. Com vistas a contribuir para a constituição de uma história das ideias semióticas, examinamos, nesta pesquisa, um corpus composto de artigos científicos publicados em periódicos brasileiros e franceses especializados em semiótica discursiva, a fim de fazer transparecer o processo de elaboração do conceito de figuratividade na disciplina. Assumindo que as discussões teóricas são iniciadas em grupos de pesquisa – espaços institucionalizados formados por especialistas em determinado campo de pesquisa – e que as contribuições decorrentes desses debates são comunicadas aos semioticistas em periódicos fundados e administrados por tais grupos, também investigamos as práticas de institucionalização da semiótica discursiva, entre elas: práticas de construção da identidade dos grupos de especialidade e de transmissão do saber acerca da teoria, à qual são englobadas práticas de formação de semioticistas – a exemplo da implantação de cursos de pós-graduação e da inserção de disciplinas relacionadas com a teoria em cursos de graduação – e práticas editoriais de comunicação científica, que envolvem a difusão dos avanços da teoria e os debates teóricos empreendidos conforme as ideias sobre a figuratividade de maior relevância para a comunidade semiótica são utilizadas como discursos referenciais em estudos empreendidos pelos grupos de especialidade de onde se originam essas ideias ou por outros grupos. Para tanto, empregamos elementos metodológicos da Historiografia Linguística, desenvolvida, sobretudo, por Pierre Swiggers, Konrad Koerner e Cristina Altman, além de estudos empreendidos por Stephen O. Murray acerca da formação de grupos de especialidades, associados às pesquisas de Jacques Fontanille relacionadas com as práticas semióticas para compreendermos as práticas de institucionalização da Semiótica empreendidas nos e pelos grupos de especialidade. Assim, além de definirmos o estatuto do conceito para a teoria, periodizamos as mudanças de perspectiva por parte dos semioticistas à medida que descrevemos sua evolução e interpretamos os dados coletados, tendo em vista o seu surgimento, a sua fundamentação e o seu desenvolvimento. Resultam dessa revisão histórica das transformações sofridas pela figuratividade: a identificação do papel dos semioticistas na construção de uma teoria do figurativo que se enraíza no projeto greimasiano, a exemplo do ineditismo da contribuição de Ignacio Assis Silva para a semiótica brasileira; o desenvolvimento de uma tipologia das ideias sobre a figuratividade que circulam ou circularam nos e entre os grupos de especialidade investigados nesta pesquisa.

Palavras-chave: Figuratividade. Historiografia linguística. Institucionalização da semiótica. Práticas de institucionalização da semiótica. Tipologia das ideias sobre a figuratividade.

ABSTRACT

Understood as semiotics element of analysis that operates in the construction of meaning from deep instances until discourse surfaces materialized in verbal, visual and syncretic texts, the figurativity organizes figures of expression and content that simulate sensitive experiences in order to create truth effects. For this reason, in order to contribute for the constitution of a history of semiotics ideas, we examine, in this research, a corpus composed of scientific articles published in Brazilian and French periodicals specialized in semiotics of discursive, in order to make clarify the process of elaboration of the figurative conception in the discipline. Assuming that the theoretical discussions are initiated in researching groups – institutionalized spaces formed by experts in certain searching fields – and that contributions stemming from these discussions are communicated to the semioticians in the periodicals founded and managed by those groups, we also analyzed the institutionalization practices of discursive semiotics. Among them, practices for building the identity of specialty groups and transmitting knowledge about theory, which includes semiotician training practices - such as the implementation of postgraduate courses and the insertion of disciplines related to theory in undergraduate courses – and the editorials practices that involve the diffusion of the theory advances and theoretical discussions undertaken according to the ideas about figurativeness that are most relevant to the semiotic community are used as referential discourses in studies undertaken by the specialty groups from which these ideas originate or by other groups. For this purpose, we employed methodological elements from Linguistic Historiography developed, above all, by Pierre Swiggers, Konrad Koerner e Cristina Altman, besides the studies undertaken by Stephen O, Murray about the formation of specialty groups, associated with researching by Jacques Fontanille related to semiotics practices in order to understand the practices of institutionalization of semiotics undertaken in and by specialty groups. Therefore, besides defining the conception statute for the theory, we determine the periods of perspective changes by the semioticians, as long as we describe its evolution and interpret collected data, having in mind its emergence, grounds and development. The result of this historical review of the transformations undergone by figurativity: the identification of the role of semioticians in the construction of a theory of figurative that is rooted in the greimasian project, such as the originality of Ignacio Assis Silva's contribution to Brazilian Semiotics; the development of a typology of ideas about figurativity that circulate or circulated in and between the specialty groups investigated in this research.

Keywords: Figurativity. Linguistic Historiography. Institutionalization of the Semiotics. Institutionalization practices of semiotics. Typology of ideas about figurativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Correlação entre níveis de significação do motivo e o percurso gerativo do sentido	41
Figura 2	Fatores que compõem a comunicação verbal	42
Figura 3	Signo e “não signos”	46
Figura 4	Diferentes construções sógnicas pelos “não signos”	46
Figura 5	Marcos teóricos da figuratividade na história da semiótica	48
Figura 6	Etapas de formação dos grupos de especialidades	72
Figura 7	Movimento de citação direta de proposições teóricas	94
Figura 8	Movimento de citação indireta de proposições teóricas	95
Figura 9	Representação dos modos de existência no campo de presença do discurso	103
Figura 10	(Re)configurações institucionais dos Seminários de Semiótica e dos <i>(Nouveaux) Actes Sémiotiques</i>	151
Figura 11	Dispersão dos grupos de especialidades que geraram periódicos de semiótica discursiva em universidades brasileiras	157
Figura 12	Articulação de práticas e valores na institucionalização dos grupos de semiótica	195
Figura 13	Configuração do formante icônico-plástico	206
Figura 14	Tempo-movimento de desreferencialização e de referencialização da leitura	209
Figura 15	Movimento rumo à figuratividade ideal na concepção Silva em “Une lecture de Velasquez” (1980)	210
Figura 16	Operacionalidade da figura da perspectiva de Greimas e Courtés (1979) e Geninasca (1981a)	220
Figura 17	Figuratividade espacial em “Du figuratif à l’abstrait” (1982)	236
Figura 18	Construção do semissímbolo (transformação do signo em símbolo)	254
Figura 19	Recontextualização sógnica em símbolo/semissímbolo/signo-símbolo	254
Figura 20	Dupla leitura do percurso da figuratividade nos moldes ignacianos	256
Figura 21	Modelo de metamorfose radical (a transformação de Eco e Narciso)	262
Figura 22	Evolução da figuratividade nos estudos de Ignacio Assis Silva	262
Figura 23	Constituição das figuras visuais/gestuais	264

Figura 24	Papel actancial do gesticulante na enunciação e no enunciado gestual	265
Figura 25	A figuratividade no CESAJG	271
Figura 26	Influência dos líderes intelectuais do GRSL e do CESAJG nos trabalhos publicados nos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i> e nos <i>Estudos Semióticos</i>	287
Figura 27	Publicações nos periódicos do CASA e do GES-USP e tensividade como clima de opinião entre pesquisadores do grupo da USP	288
Figura 28	Mapa da figuratividade nos grupos GRSL, CESAJG, CASA e GES-USP	290
Figura 29	O discurso sobre a figuratividade na história da semiótica: marcos teóricos revisitados	308

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	A figuratividade nos <i>Actes Sémiotiques</i> nas décadas de 1970 e 1980	78
Quadro 2	Autores que publicaram nos números 20 e 26 dos <i>Bulletins</i>	79
Quadro 3	Publicações relacionadas com a figuratividade em 1981 e 1983 nos <i>Documents</i>	80
Quadro 4	Autores que não publicaram nos <i>Bulletins</i> 20 e 26, mas publicaram nos <i>Documents</i> em 1981 e 1983	80
Quadro 5	A figuratividade nos <i>Nouveaux Actes Sémiotiques</i> na década de 1990	81
Quadro 6	A figuratividade nos <i>Nouveaux Actes Sémiotiques</i> nos anos 2000	81
Quadro 7	A figuratividade na <i>Significação</i> nas décadas de 1970 e 1980	82
Quadro 8	A figuratividade na <i>Significação</i> na década de 1990	83
Quadro 9	A figuratividade na <i>Significação</i> na década de 2000	83
Quadro 10	A figuratividade nos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i> na década de 2000	84
Quadro 11	A figuratividade nos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i> após 2010	85
Quadro 12	A figuratividade no periódico <i>Estudos Semióticos</i> na década de 2000	86
Quadro 13	A figuratividade no periódico <i>Estudos Semióticos</i> entre 2011 e 2016	87
Quadro 14	Artigos dos periódicos de semiótica selecionados para análise	89
Quadro 15	Critérios de identificação de relevância de proposições teóricas	107
Quadro 16	Grupos de semiótica surgidos depois do CESAJG	127
Quadro 17	As transformações do periódico (<i>Nouveaux</i>) <i>Actes Sémiotiques</i>	136
Quadro 18	As transformações da <i>Significação</i>	140
Quadro 19	Vínculo institucional da <i>Significação</i> entre 1974 e 2016	140
Quadro 20	Panorama dos periódicos de semiótica	146
Quadro 21	Hierarquia dos níveis de pertinência	168
Quadro 22	Operacionalidade das recorrências figurativas no percurso gerativo do sentido	227
Quadro 23	Distribuição dos textos-fontes segundo as retomadas, as reformulações e as “fraturas” teóricas	295
Quadro 24	Proposições teóricas que contribuíram para o estudo da figuratividade	301
Quadro 25	Repercussão de proposições teóricas mediante assimilação de ideias	302
Quadro 26	Pesquisadores de outros campos disciplinares mais requisitados a contribuir para o estudo da figuratividade nos textos investigados	309

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. A FIGURATIVIDADE NA SEMIÓTICA DISCURSIVA: AS METAMORFOSES DE UM CONCEITO	31
1.1. As origens da figuratividade na teoria estética	31
1.2. O percurso da figuratividade em semiótica	38
1.2.1. Contribuições exteriores (e anteriores) à semiótica discursiva que se entrelaçam ao projeto greimasiano	38
1.2.2. A teoria do figurativo no interior da semiótica discursiva	47
2. A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO SEMIO-HISTORIOGRÁFICO	59
2.1. Historiografia Linguística: aspectos teórico-metodológicos	59
2.2. Organização de uma pesquisa em HL	63
2.3. Como surgem os grupos de especialidades?	68
2.4. Procedimentos de investigação: do levantamento de textos-fontes a uma proposta de análise que se situa na convergência de duas teorias	76
2.4.1. O inventário dos textos-fontes	77
2.4.1.1. Seleção de textos sobre a figuratividade nos <i>(Nouveaux) Actes Sémiotiques</i>	77
2.4.1.2. Seleção de textos sobre a figuratividade na revista <i>Significação</i>	81
2.4.1.3. Seleção de textos sobre a figuratividade nos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i>	84
2.4.1.4. Seleção de textos sobre a figuratividade nos <i>Estudos Semióticos</i>	86
2.4.1.5. Seleção de textos para análise	88
2.4.2. Por uma metodologia de análise de dados: abordagem semio-historiográfica dos debates e da relevância das ideias sobre a figuratividade	90
2.4.2.1. O discurso científico, o discurso referencial e a noção de influência	90
2.4.2.2. Critérios de identificação de relevância de proposições teóricas	97
2.4.2.2.1. Primeiro critério: a aspectualização	101
2.4.2.2.2. Segundo critério: os modos de existência	101

2.4.2.2.3.	Terceiro critério: o domínio actancial	104
2.4.2.2.4.	Da relevância ao desvanecimento de ideias: o cruzamento dos três critérios	105
3.	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA NO BRASIL E NA FRANÇA: GRUPOS DE ESPECIALIDADES E PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS	109
3.1.	Os grupos de especialidades	114
3.1.1.	Escola de Paris: onde os seminários de Greimas fazem a semiótica germinar e se desenvolver	114
3.1.2.	Reestruturação e manutenção do campo: o surgimento do CeReS	118
3.1.3.	Na gênese da semiótica discursiva brasileira, o Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas (CESAJG)	120
3.1.4.	Manutenção do campo e fortalecimento das pesquisas na UNESP: o Grupo CASA	128
3.1.5.	Manutenção do campo e fortalecimento das pesquisas na USP: o GES-USP	132
3.2.	Os periódicos de semiótica	134
3.2.1.	Os <i>(Nouveaux) Actes Sémiotiques</i>	134
3.2.2.	<i>A Significação</i> : de revista brasileira de semiótica a revista de cultura audiovisual	137
3.2.3.	Os <i>Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)</i>	141
3.2.4.	Os <i>Estudos Semióticos (eS:Se)</i>	144
3.3.	Formação e reconhecimento dos grupos de semiótica pela comunidade científica como forma de institucionalização da disciplina	146
4.	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E TRANSMISSÃO DO SABER: AS PRÁTICAS QUE MODELAM OS GRUPOS DE SEMIÓTICA	163
4.1.	A semiótica das práticas e os níveis de pertinência de análise	165
4.2.	A semiótica como prática e a liderança intelectual como destinadora do fazer do semioticista	173
4.3.	A construção da identidade dos grupos de semiótica e a formação de novos semioticistas	177
4.3.1.	Valores subjacentes à identidade do semioticista: um éthos que toma	177

	forma em meio à prática acadêmica	
4.3.2.	Transmissão do saber: a prática de formação do semiótico	183
4.3.3.	Transmissão do saber: a prática acadêmica de comunicar o saber científico	187
4.4.	A convergência de práticas e valores rumo à institucionalização dos grupos de semiótica	191
5.	ESTUDOS SOBRE A FIGURATIVIDADE NA FRANÇA: ENTRE A PLASTICIDADE, O SEMISSIMBOLISMO E A VIRADA FENOMENOLÓGICA	196
5.1.	A contribuição do GRSL para a figuratividade	197
5.2.	As produções de membros do GRSL (honorários e fixos) publicadas nos <i>(Nouveaux) Actes Sémiotiques</i>	197
5.2.1.	A busca por uma teoria geral da figuratividade: entre o plástico e o figurativo	199
5.2.1.1.	A relação entre o figural e o figurativo na constituição dos formantes: contribuições de Ziilberberg ao estudo de Ruprecht	205
5.2.1.2.	O simbólico e o mítico, a referencialização e a desreferencialização nas produções de Ignacio Assis Silva	208
5.2.1.3.	O tratamento das relações simbólicas e semissimbólicas por Thürlemann e Floch	211
5.2.1.3.1.	Considerações sobre o componente retórico na análise de textos plásticos	216
5.2.2.	A busca por uma teoria geral da figuratividade: a operacionalidade da organização figurativa se entrama ao percurso greimasiano	218
5.2.2.1.	A crítica de Jacques Geninasca à perspectiva greimasiana sobre a operacionalidade da figura	218
5.2.2.2.	A relação sintagmática e paradigmática dos arranjos figurativos nos e entre os três níveis do percurso gerativo do sentido	223
5.2.2.3.	Os efeitos de sentido de verdade e/ou realidade do discurso: apontamentos sobre a ilusão/impressão referencial	230
5.2.2.4.	Algumas considerações sobre os dois tomos de “La figurativité” e a busca pela sintaxe figurativa	239
5.2.3.	A experiência sensível: da plasticidade nas relações semissimbólicas	242

	e perceptivas dos textos à construção de uma sintaxe figurativa	
5.3.	A figuratividade nos (<i>Nouveaux</i>) <i>Actes Sémiotiques</i> : um esforço coletivo de compreensão e construção de um conceito	247
6.	ESTUDOS SOBRE A FIGURATIVIDADE NO BRASIL: DAS METAMORFOSES IGNACIANAS À FIGURATIVIDADE SENSÍVEL DE UM NOVO SÉCULO	249
6.1.	As produções de membros do CESAJG na <i>Significação</i>	249
	A figuratividade da metamorfose que funda a apreensão mítica:	
6.1.1.	contribuições de Ignacio Assis Silva para uma semiótica efetivamente brasileira	250
	Da compreensão da figura na linguagem gestual à publicidade: a	
6.1.2.	assunção da figuratividade na homologação de categorias entre os planos da linguagem	263
	“Jogo de espelhos”: a contribuição de Ignacio Assis Silva (e do CESAJG) para a semiótica brasileira	
6.1.3.		271
6.2.	A figuratividade nos grupos CASA e GES-USP: as heranças greimasiana e ignaciana nos grupos do século XXI	274
	Encontro de gerações nos Estudos Semióticos: o semissymbolismo	
6.2.1.	no trabalho de uma remanescente do CESAJG e a percepção aos olhos de um membro do GES-USP	274
	Contornos tensivos no estudo da figuratividade e da percepção: três	
6.2.2.	investigações do GES-USP nos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i>	278
	Intersecções discursivas nos periódicos <i>Cadernos de Semiótica Aplicada</i> e <i>Estudos Semióticos</i>	
6.2.3.		286
6.2.4.	Um cartograma para concluir	288
7.	POR UMA TIPOLOGIA DAS IDEIAS SEMIÓTICAS SOBRE A FIGURATIVIDADE	291
7.1.	Primeiro momento: os tipos de artigos identificados	293
7.2.	Segundo momento: a identificação das proposições teóricas	296
7.3.	Terceiro momento: a aplicação dos critérios de identificação de relevância de proposições teóricas	303
7.4.	Para além das ideias semióticas sobre a figuratividade: os textos que as comportam e as influências exteriores à semiótica	306
	CONCLUSÃO	310

REFERÊNCIAS	317
ANEXOS	336
ANEXO A – ACTES SÉMIOTIQUES - BULLETINS (1978-1987)	337
ANEXO B – ACTES SÉMIOTIQUES - DOCUMENTS (1979-1987)	340
ANEXO C – NOUVEAUX ACTES SÉMIOTIQUES [IMPRESSO] (1989-2006)	343
ANEXO D – NOUVEAUX ACTES SÉMIOTIQUES [ONLINE] (2007-2012)	346
ANEXO E – ACTES SÉMIOTIQUES [ONLINE] (2013-2016)	347

INTRODUÇÃO

Quantas vezes fazer avanços em ciência não quer dizer caminhar em profundidade, mas movimentar, o menos inadequadamente possível, as pedras no jardim, situando os conceitos no quadro teórico, metodológico e sobretudo epistemológico das ciências da linguagem. (SILVA, 1995a, p. 23).

A epígrafe que reproduzimos acima pertence ao início do primeiro capítulo de *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (1995a), decorrente da metáfora também mencionada por Algirdas Julien Greimas em *Da imperfeição* (2002 [1987], p. 89), do jardineiro que, sutilmente, muda as pedras do jardim de lugar todos os dias, criando, assim, a cada dia, um novo jardim. É desse modo, portanto, que Ignacio Assis Silva desenha o papel do cientista: fazer a ciência avançar, ou evoluir, da mesma forma que um jardineiro muda de lugar as pedras do jardim, ou seja, por meio de pequenas mudanças na forma de olhar para a teoria, para a sua metodologia e para o conhecimento que se tem sobre ela; e, desse modo, identificar as transformações, as novas possibilidades de aplicação teórica aos objetos, ou, simplesmente, aprender mais sobre aquilo que já se considerava assentado. Esse rotineiro “movimentar” em oposição ao “caminhar em profundidade” não somente é mais frequente e comum, como também faz com que a ciência, sobretudo a ciência da linguagem, evolua continuamente, sempre acompanhando a mutabilidade que lhe é inerente.

Da mesma forma caminha nossa tese, em que apresentamos um estudo com viés historiográfico sobre um componente da metalinguagem semiótica: a figuratividade. Entretanto, antes de falar do conhecimento produzido sobre a figuratividade, cabe lembrar que esse termo pertence a uma metalinguagem científica, ou seja, um conjunto de léxicos específicos de uma teoria científica que, por sua vez, é estudada por uma comunidade de pesquisadores que a incorporaram a suas práticas acadêmicas. Sendo assim, a figuratividade deve ser compreendida, primeiramente, como léxico constitutivo de uma linguagem construída dentro de uma cultura científica (GREIMAS, 1982, p. 7), a Semiótica.

No tocante à relação entre figura e linguagem, em *Fundamentos da linguística contemporânea*, Edward Lopes (1976) apresenta a diferença entre o “universo das coisas naturais” e o “universo das práticas sociais”, sendo este último parte da cultura, pois compreende a natureza transformada e tudo aquilo que é ensinado ao homem, para explicar que ao estudar não somente os sistemas de signos, mas também quaisquer esferas em que são utilizados, a Semiótica tem por objetivo estudar o universo cultural de uma sociedade e como essa realidade é recriada através de todas as manifestações da linguagem. Assim, tendo em

vista as palavras de E. Lopes (1976), é possível afirmar que é tarefa da Semiótica discursiva investigar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso e a dimensão persuasiva da manifestação discursiva. Essa persuasão ocorre na relação entre ser e parecer ser verdade o que se enuncia, organizada por um arranjo de figuras do mundo natural e do discurso, recurso semântico muito utilizado para conduzir um enunciatário a crer em um discurso manifestado conforme percebe o mundo e o apreende. Em outros termos, as figuras permitem ao texto simular experiências sensíveis que levam o enunciatário a considerá-las verdadeiras. Esse arranjo de figuras é chamado de figuratividade, conceito¹ oriundo da teoria estética que, em semiótica, nas palavras de Bertrand (2003 [2000], p. 154), “[...] foi estendido a todas as linguagens, tanto verbais quanto não-verbais, para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas”.

Desde o início da década de 1980, alguns trabalhos de investigação não somente teórica, mas também histórica foram realizados em torno da figuratividade, como em *Caminhos da semiótica literária* (2003 [2000])², de Denis Bertrand, e *Das figuras do mundo às figuras do discurso: uma visão semiótica da percepção* (2002), tese de Iara Rosa Farias. Essas obras demonstram a preocupação dos semioticistas de se fazer um levantamento histórico sobre a mudança de olhar dos semioticistas para a figuratividade, especialmente a partir do momento em que estudos fenomenológicos sobre a percepção vieram se somar ao conceito. No que diz respeito à semiótica em geral, decorridos mais de cinquenta anos da publicação de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), apesar da extensa produção teórica

¹ Em seu livro *Que é um conceito?*, Benoit Hardy-Vallée (2013, p. 13-16) traça um panorama sobre o que se entende por conceito no que concerne ao seu caráter técnico e ao seu uso didático, a depender do campo onde esse termo é empregado e das condições enunciativas que o demandam. Afinal, é uma ferramenta utilizada para a assimilação do saber, sempre em movimento na medida em que constantemente agrega novas informações. De outra parte, o filósofo também distingue conceito e noção, pois não os considera sinônimos. Assim sendo, destaca que um “conceito” é um conhecimento específico que “[...] pode ser expresso por uma ou mais de uma palavra” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 16) e “noção” é um conhecimento mais geral e abstrato, portanto, de uso mais adequado às concepções científicas. Por outro lado, os conceitos científicos têm como característica serem distribuídos entre várias pessoas e entre diferentes suportes, desempenhando, assim, tendo em vista o uso social da palavra, duas funções na linguagem: comunicar, à medida que os enunciados são produzidos e, concomitantemente, apreendidos e compreendidos pelo enunciatário; e significar, pois a eficácia da comunicação requisita dos conceitos o fornecimento de relações semânticas reconhecíveis no interior da cultura. Tal concepção encontra embasamento teórico na perspectiva wittgensteiniana para explicar que os conceitos são adquiridos pela língua e mantêm sua existência através de seu registro tanto em suportes materiais (como os livros) quanto imateriais (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 53-105). Em vista disso, ao longo deste trabalho, embora em raros momentos, a figuratividade poderá ser entendida como noção quando nos referirmos a um conhecimento sobre ela que é anterior à sua introdução na semiótica discursiva, ou seja, à ideia que antecede a sua formulação enquanto conceito operatório. Caso contrário, será sempre entendida como conceito, uma vez que nos referimos a uma ideia definida em dicionário, isto é, cuja definição está registrada em suportes materiais e imateriais que versam sobre a semiótica de vertente francesa, tal qual preconiza Benoit Hardy-Vallée (2013) ao tratar da função do conceito na linguagem.

² O título original, publicado em 2000, é *Précis de sémiotique littéraire*.

realizada nos diversos países onde a pesquisa em semiótica discursiva se destaca, e da publicação de obras como *História concisa da semiótica*, de Anne Hénault (2006 [1992])³, que narra uma parte da história da disciplina, ainda encontramos pouca literatura historiográfica sobre conceitos pertencentes à metalinguagem da semiótica francesa. Quando isso ocorre, é, geralmente, através dos dicionários, como o *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), o *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), *Tensão e significação* (2001 [1998]), *Semiótica do discurso* (2012 [1999]) e *Vocabulaire des études sémiotiques et sémiologiques* (2009), entre outros.

No campo da Linguística, entretanto, desde os anos 1980 impera uma tradição de investigação do saber produzido sobre a língua no âmbito de uma história de ideias, a exemplo do trabalho desenvolvido por Eni Orlandi no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), vinculado à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um macroprojeto que se intitula “História das ideias linguísticas” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2019, p. 1). A busca pela compreensão de como a linguística se desenvolve no Brasil, segundo a linguista, parte de pelo menos dois pressupostos: o da “[...] relação que mantemos com a produção de conhecimento sobre a língua [que] não é indiferente ao modo mesmo como a língua se constitui enquanto [...] língua comum a um povo [...] e seus modos de representação para os sujeitos”; o da responsabilidade atribuída à história do conhecimento linguístico, tanto de constituição da língua, quanto de instituição de políticas a serem sustentadas pelo Estado sobre essa língua a fim de institucionalizar e administrar o saber sobre ela, bem como as relações entre esse saber e o uso dessa língua no interior de dada cultura (ORLANDI, 2002, p. 5).

Entre as parcerias de diferentes instituições de ensino superior e pesquisa do Brasil e do exterior, esse macroprojeto contou com a parceria da Universidade de São Paulo (USP), por meio do projeto “História das Ideias Lingüísticas no Brasil: Ética e Política das Línguas”, coordenado por Diana Luz Pessoa de Barros e Eni Orlandi, no Brasil, e Sylvain Auroux, na França, mas que também agrega como colaborador outro pesquisador da USP, José Luiz Fiorin. Decorrem dele, pesquisas relacionadas com a construção de um saber metalinguístico e com a constituição da língua nacional, a partir das quais Barros e Fiorin, amparados pelo arcabouço teórico da semiótica discursiva, publicaram textos que dão um passo, mesmo que discreto, tanto para a utilização de ideias semióticas na (re)construção da história de ideias linguísticas, quanto para a construção das ideias semióticas em meio às ideias linguísticas.

³ O título original, publicado em 1992, é *Histoire de la sémiotique*.

Algumas das contribuições dos semioticistas para essa empresa conjunta são os artigos “O discurso da norma na gramática de João de Barros” (2001), “O discurso da norma nas gramáticas portuguesas do século XVI” (2005), “O discurso da gramática: imagens da norma e da língua” (2006), “O discurso da gramática do português” (2011), entre outros, de Diana Luz Pessoa de Barros, e “Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa”, de José Luiz Fiorin. Sobre esse trabalho de Fiorin, publicado em 2002 no volume 42 dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos* da Unicamp, cabe destacar que se trata de uma reconstituição de cada etapa de formação do percurso gerativo do sentido, dos contratos veridictórios, desde *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), passando pelos estudos dos sistemas semissimbólicos e da experiência sensível até chegar à semiótica das paixões e, de certo modo, a elementos constituintes da dimensão tensiva do discurso. É um trabalho que possui uma narrativa voltada para a diacronia dos fatos teóricos, pois relata as sucessivas mudanças na metodologia de análise semiótica ao longo da história da disciplina, configurando-se uma crônica sobre uma ideia semiótica, considerando-se as duas formas, identificadas por Jean Cristtus Portela (2018), de os semioticistas historiografarem a semiótica – por meio de uma abordagem “cronista” ou “inovadora”.

No âmbito da proposta de Portela (2018, p. 141), a abordagem “cronista” busca mostrar as continuidades e as discontinuidades acerca de um conceito-ocorrência “[...] em relação à grande cena científica de uma época”. Além disso, é importante para a transmissão de conhecimentos sobre a semiótica e para mostrar o valor dessa teoria enquanto disciplina. Constitui-se, pois, um tipo de trabalho historiográfico que se assemelha àqueles realizados por Anne Hénault (2006 [1992]) e por Denis Bertrand (2003 [2000]), ao mesmo tempo em que difere da abordagem “inovadora”, ou seja, de uma historiografia que dá conta da diacronia dos fatos teóricos, porém olhando para eles de uma perspectiva que não se prende às coerções temporais ao construir um sistema singular de relato “dos acontecimentos julgados relevantes” sem desconsiderar as “datas das publicações” conforme “se sucederam no tempo” (PORTELA, 2018, p. 141). Assim, a narrativa historiográfica tanto pode considerar a continuidade ou a discontinuidade do trabalho de dado autor por autores que o sucederam – um autor primeiro é retomado por outro que, por sua vez, é visitado por um autor subsequente, e assim por diante, exemplo de abordagem “cronista” –, quanto o modo como um autor aborda o fazer de autores que o antecederam – de que maneira um autor enxerga ou torna conhecida a obra de outro, exemplo de abordagem “inovadora”.

É importante esclarecer que a preocupação de Portela (2018) com a relação entre historiografia e semiótica surge em vista de uma carência de trabalhos voltados para uma

inquirição simultaneamente semiótica e historiográfica, como propomos fazer nesta tese. É nesse sentido que o semioticista da UNESP de Araraquara desenvolve o projeto “Semiótica do discurso: epistemologia e história”, cujo objetivo é fazer uma reflexão historiográfica sobre a semiótica discursiva mediada por uma interpretação crítica de seu arcabouço teórico para, assim, identificar a real contribuição da teoria para as ciências da linguagem. Desse projeto, deriva o artigo “História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores” (PORTELA, 2018, p. 138), que analisa as abordagens historiográficas praticadas por outros semioticistas, classificadas por ele como “cronistas” ou “inovadoras”, e propõe alguns fundamentos que possibilitam a realização de uma pesquisa “[...] meta-historiográfica de inspiração greimasiana”.

Como parte do mesmo projeto, o organizador de *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias* (2008) publicou, em coautoria com Carolina Mazzaron de Castro, os artigos “A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido” (2018) e “Uma abordagem semiótica sobre o gênero de divulgação científica” (2019). Também publicamos em coautoria com Portela, o artigo “A comunicação científica na revista *Actes Sémiotiques*: práticas e estratégias de difusão do saber científico”, em 2018, fruto de nossa investigação semio-historiográfica – pois amalgama, em sua metodologia, elementos metodológicos das duas teorias (Semiótica e Historiografia Linguística) – na qual verificamos como o conceito de figuratividade evolui na semiótica em meio a práticas de institucionalização da disciplina no Brasil e na França, que culmina nesta tese, *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da Semiótica no Brasil e na França*.

Ressaltamos ainda que, além desta tese, dentro do mesmo projeto de Portela resultam outros trabalhos acadêmicos sob sua orientação. Entre eles, destacamos as teses de doutorado *A enunciação na semiótica discursiva: um estudo historiográfico*, de Maria Goreti Silva Prado, concluída em 2018 e; *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*, de Patricia Veronica Moreira, defendida em 2019. Somam-se a eles, outras pesquisas em desenvolvimento, como: “Semiótica e cultura de massa: um estudo historiográfico” e “Epistemologia e história da semiótica do discurso: a questão das estruturas elementares”, dos mestrados Amanda Helena Granado e Igor Rezende Nardo; “A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva” e “Semiótica e estudos literários: a constituição de uma semiótica literária no Brasil”, das doutorandas Carolina Mazzaron de Castro e Euzenir Francisca da Silva, respectivamente.

No empenho de construir uma história crítica da semiótica a partir das metamorfoses de seu arcabouço teórico, propomos examinar o percurso da figuratividade dentro da

semiótica discursiva, sua influência e contribuição para a teoria, sem perder de vista as preocupações do projeto greimasiano, as diferentes perspectivas teóricas sobre a semiótica erigidas após o falecimento de Greimas e a forma de divulgação das descobertas científicas da disciplina. A um só tempo, sem deixar de lado a produção científica e intelectual responsável por trazer à luz os novos olhares sobre essa teoria e sobre a própria figuratividade, nossa pesquisa prevê relacionar as propostas de operacionalização desse elemento de análise semiótica e as discussões em torno dessas proposições, assim como identificar aquelas que perduraram e o porquê disso ocorrer.

Se se realiza uma leitura atenta de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) e dos artigos “Por uma teoria da interpretação narrativa mítica” (1975 [1970; 1966])⁴ e “Condições para uma semiótica do mundo natural” (1975 [1970; 1968])⁵, de Algirdas Julien Greimas, é possível perceber que essa concepção começa a ser esboçada ainda na década de 1960, o que vai resultar em pesquisas sobre o papel da figura e do figurativo para a construção do sentido já na década seguinte, refletindo-se em uma busca por melhores contornos teóricos nos debates dos anos 1970 de modo que começam a ser efetivamente conceituados em 1979. No que tange à figuratividade, embora sua operacionalidade no interior do percurso gerativo do sentido tenha sido discutida no mesmo período, atingindo o ápice no início de 1980, é ratificada como metalinguagem semiótica somente no tomo II do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* em 1986.

Por essa razão, nossa hipótese é que o conceito de figuratividade, tal qual é conhecido pela comunidade semiótica nos anos 2010, resulta de sucessivas mudanças no tratamento do conhecimento teórico concernente à função da figura na construção do sentido do discurso. Nesse sentido, cada nova perspectiva sobre a figuratividade acompanha as transformações sofridas pela própria semiótica greimasiana na medida em que o conceito foi reivindicado em diferentes debates, mesmo que direcionados a outros elementos de análise. Esses debates resultaram em vários trabalhos de revisão teórica nas décadas seguintes, como os de Teresa Keane (1991), Ignacio Assis Silva (1992), Jacques Fontanille (1999), Denis Bertrand (2000),

⁴ Publicado originalmente no nº 8 da revista *Communications* com o título “Éléments pour une théorie de l’interprétation du récit mythique”, esse artigo foi republicado em 1970, em *Du sens*, de Greimas. Na obra traduzida em 1975, *Sobre o sentido*, foi nomeado “Por uma teoria da interpretação narrativa mítica”. Todavia, a mesma tradutora, Maria Zélia Barbosa Pinto, atribuiu ao texto o título “Elementos para uma teoria da interpretação narrativa mítica” na obra *Análise estrutural da narrativa* (2011 [1971]), de Roland Barthes et al, que corresponde à republicação do número 8 da revista *Communications*. O mesmo artigo ainda foi publicado em língua inglesa, intitulado “Structural Analysis of Oral Tradition”, em uma revista norte-americana de antropologia organizada por Pierre Maranda e Elli-Kaija Kõngäs Maranda em 1971.

⁵ Intitulado “Conditions d’une sémiotique du monde naturel”, o artigo foi publicado primeiramente no nº 7 da revista *Langages* em 1968. Depois, foi republicado em 1970 em *Sobre o sentido* (1975 [1970]).

entre outros, de certa maneira devido ao interesse dos semioticistas por novos objetos, muito diferentes dos textos literários, que embora não tenham comprometido o princípio da imanência, certamente exigiram a adoção de novas perspectivas conceituais e teóricas.

Nasce daí, ainda, da efervescência das atividades coletivas desenvolvidas nos grupos de especialidades, o interesse por aliar à nossa investigação o papel da institucionalização dos grupos de semiótica na conceituação e na evolução do entendimento sobre as funções desempenhadas pela organização figurativa nas análises semióticas. Da mesma forma, interliga-se às ações dos grupos a decisão de tornar conhecidos os resultados das pesquisas, fazer mediado pelos periódicos de semiótica, propiciando a diferentes grupos de especialidades a possibilidade de contribuir para os trabalhos uns dos outros.

Considerando que essa tarefa só poderá ser realizada se transcendermos a reescrita da história de um conceito, nossa proposta de pesquisa prevê utilizar a metodologia de trabalho da Historiografia Linguística, ou HL daqui em diante, para fazer um levantamento crítico, portanto interpretativo, das pesquisas realizadas em torno da figuratividade à medida que esse conceito foi se conformando e se estabilizando na semiótica. Nesse sentido, aspiramos à realização de uma abordagem ao mesmo tempo “cronista” e “inovadora”, como sugere Jean Cristtus Portela (2018, p. 141): abordagem “cronista” porque buscamos mostrar as continuidades e as discontinuidades dos fatos teóricos (os modos de pensar a figuratividade); e abordagem “inovadora”, pois pretendemos nos servir da narração dos acontecimentos para reconstruirmos o sistema de introdução de fatos/acometimentos relevantes para a teoria, mostrando, também, as ideias que, embora transmitidas em discursos científicos posteriores a seu aparecimento, tiveram seu discurso de origem perdido no esquecimento.

Como as informações sobre a figuratividade são, muitas vezes, entremeadas ao desenvolvimento de outras pesquisas e de outros conceitos dentro da semiótica, ao pensá-la dentro de uma história das ideias semióticas, conforme proposta de Portela (2018), a HL pode ajudar a reuni-las e a documentá-las. Assim, nossa contribuição com esta pesquisa seria, sobretudo, para a própria semiótica, levando-se em conta a reunião de um material de pesquisa que possibilite a pesquisadores e estudantes universitários brasileiros conhecer como foi construído o saber sobre a figuratividade, desde o seu surgimento até a sua assunção ao *status* que tem hoje dentro da teoria. Louis Panier (apud FONTANILLE; HÉNAULT; PANIER; TARASTI, 2013, p. 7), em mesa-redonda realizada em 2012, alerta para a dificuldade de se ter acesso aos registros sobre a teoria, que ele chama de “[...] sinal da precariedade da institucionalização de nossa disciplina”, uma vez que embora a semiótica seja

originária das ciências da linguagem, é comum encontrar seus objetos “[...] fora do campo da linguagem”.

Creemos, desse modo, que os resultados desta pesquisa poderão propiciar o acesso a diferentes estudos necessários para se compreender como a figuratividade opera e a razão pela qual ela é importante para as pesquisas em semiótica. O conhecimento mais aprofundado nesse assunto poderá, dessa maneira, ajudar os semioticistas a identificarem novas e talvez melhores formas de analisar diferentes semióticas-objeto. Dito isso, uma pesquisa orientada por uma metodologia historiográfica é ainda justificada pelo fato de a prática científica necessitar avançar e, mais que avançar, acumular, divulgar e estimular o avanço científico, como afirma Cristina Altman (1996, p. 2), um avanço que, segundo Fiorin (2002, p. 145), advém das mudanças requeridas ao discurso científico cada vez que a realidade discursiva o confronta com novos fenômenos a serem descritos e explicados.

Desse modo, nosso objetivo principal é a investigação do processo de construção do conceito de figuratividade e dos diferentes modos de operacionalização desse instrumento de análise de maneira que possamos reconhecer e classificar as contribuições trazidas para a semiótica discursiva ao longo das transformações sofridas pela teoria. Para tanto, inventariamos artigos que tenham sido publicados em periódicos franceses e brasileiros especializados nessa disciplina – *Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e *Estudos Semióticos* – para analisarmos e interpretarmos nosso corpus conforme metodologia de pesquisa da HL.

Essa disciplina utiliza-se de um “arsenal metodológico” para descrever e interpretar a aquisição, o desenvolvimento e a transmissão do conhecimento e, até mesmo, seu desaparecimento, segundo Hackerott (2013, p. 6), desenvolvido, sobretudo, por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2009). Principal divulgadora das propostas desses historiógrafos da linguística no Brasil, Cristina Altman (1998) também contribui para esse conjunto de métodos de análise à medida que desenvolve uma tipologia dos artigos científicos, além de agregar, às suas análises, a pesquisa desenvolvida por Stephen O. Murray (1994), que identifica os critérios necessários à formação e à manutenção de grupos de especialidades. Nesse sentido, a metodologia da HL fornece elementos de investigação que nos permitem fazer um levantamento crítico acerca do saber construído sobre a figuratividade na semiótica, além de compreender o contexto de produção científica em que o conceito despontou e se desenvolveu no quadro geral da teoria.

Quanto aos objetivos específicos, intencionamos: i) verificar como se formaram os espaços institucionalizados da semiótica e as contribuições dos grupos de especialistas para a

produção científica sobre a figuratividade; ii) identificar as práticas de institucionalização realizadas pelos grupos de semiótica, entre elas, as práticas de transmissão do conhecimento especializado, tendo em vista o valor científico dos trabalhos publicados nos periódicos científicos investigados e, ainda; iii) relacionar os trabalhos dos pesquisadores que investigaram a figuratividade e publicaram seus trabalhos nos periódicos científicos examinados, assim como as propostas teóricas por eles defendidas e/ou contestadas dentro da teoria.

Concorrem, portanto, para a obtenção dessas informações, tanto elementos de análise fornecidos pela própria semiótica (contribuições de Jacques Fontanille no que concerne aos níveis de pertinência da análise semiótica), quanto advindos da HL (formação de grupos especializados e classificação de artigos científicos), que juntos se transformam em um método híbrido, o qual denominamos *semio-historiográfico*, já que convoca as duas teorias para a identificação dos pesquisadores e/ou dos artigos e/ou ideias que exerceram maior ou menor influência na produção científica sobre figuratividade dentro dos grupos de semiótica.

Ademais, para a seleção do *cópus* consideramos a pertinência da proposição de Greimas em *Semântica estrutural* (1966 [1973], p. 187) de que ele deve satisfazer, ao mesmo tempo, critérios de representatividade, exaustividade e homogeneidade. Entendemos que o *cópus* é representativo, pois os textos a serem inventariados e analisados pertencem ao próprio escopo da semiótica francesa. Trata-se de textos publicados em periódicos de semiótica fundados e administrados por grupos especializados nessa mesma disciplina, além de responsáveis, em maior ou menor medida, pela institucionalização dessa teoria do discurso na França e no Brasil (nesse caso, no estado de São Paulo, especificamente).

No que diz respeito à escolha dos grupos de pesquisa e dos periódicos, onde se encontra nosso *cópus*, é na França que a semiótica, na qualidade de teoria da significação, nasce e se desenvolve, na Escola de Altos Estudos e Ciências Sociais, localizada em Paris, e onde surgiu o primeiro grupo de semiótica, o Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (GRSL). Também é onde ocorriam os Seminários de Semântica Geral de Greimas, posteriormente, Seminário de Semiótica. Outro grupo essencialmente de semiótica, embora transdisciplinar em certa medida, é o Centre de Recherches Sémiotiques (CeReS), de Limoges, universidade do interior francês que não somente abriga um importante grupo de especialidade, como, desde 1989, é responsável pela publicação do periódico (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*. Este é o único periódico exclusivamente de semiótica em atividade na França, configurando-se “[...] uma publicação de referência para a maioria dos semioticistas de orientação estrutural”, como atesta Landowski (2017d [2015], p. 58), além de divulgar,

desde 1977, comunicações científicas resultantes dos debates ocorridos no Seminário de Semântica Geral/Semiótica, bem como das pesquisas realizadas pelo GRSL e, depois, pelo CeReS.

Quanto aos grupos brasileiros, diante da multiplicidade de grupos de semiótica espalhados em um país de proporção continental, houve necessidade de fazermos um recorte de espaço de inquirição. Sendo assim, optamos por espaços de reflexão sobre a teoria em atividade no estado de São Paulo, visto que é nesse estado que surge o primeiro grupo de semiótica do país, o Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” (CESAJG), mais especificamente em seu interior, ramificando-se por toda essa divisão territorial brasileira. Também porque é nas universidades paulistas que a primeira geração de semioticistas se instala e inicia o processo de enraizamento da teoria através de diferentes práticas de institucionalização, que transcendem a criação de grupos de especialidades: transmissão da teoria (oferta de disciplinas vinculadas à semiótica a alunos de graduação e de pós-graduação, além de produção de teses e dissertações, assim como de material didático voltado para o ensino fundamental e médio), acolhimento de associações científicas, apoio institucional e financeiro à comunicação científica sobre a teoria, etc.

Mesmo no próprio estado de São Paulo, que abriga diversos grupos⁶, tivemos que selecionar apenas três. Assim, além do CESAJG, a pesquisa conta com o Grupo Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA) da UNESP de Araraquara, e o Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP), fundados por egressos do CESAJG, cuja distinção dos demais é terem periódicos cujo escopo é a divulgação de comunicações científicas sobre semiótica, exclusivamente, como a *Significação*, antes de se tornar revista de cultura audiovisual: os *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e o periódico *Estudos Semióticos*, publicamente reconhecidos como importantes espaços de difusão de pesquisas em semiótica⁷. Os textos publicados nos periódicos de semiótica investigados nesta tese, por fim, embasaram e embasam a elaboração da teoria à proporção que divulgam discussões de suma importância para o enriquecimento de nosso arcabouço teórico.

Nosso cópuz também atende ao critério greimasiano de exaustividade, porque obedece a um recorte cronológico determinado: entre 1974, ano em que surge o primeiro

⁶ Cabe lembrar, aqui, que em São Paulo vigoraram e/ou vigoram importantes espaços de divulgação e institucionalização da semiótica discursiva: o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), formado em 1994, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; o Actantes, em atividade desde 2016 na Universidade de Franca (UNIFRAN); o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom), que fundado em 1999 na UNESP de Bauru; o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica, criado em 2010 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); e Projetos Semióticos, em exercício desde 2015 na UNESP de Assis, entre outros.

⁷ De acordo com Diana Luz Pessoa de Barros (2012, p. 159), ao lado da revista *Galáxia*, da PUC-SP, são “as principais revistas de semiótica no país que publicam trabalhos sobretudo em semiótica discursiva [...]”.

periódico de semiótica no Brasil⁸ e 2016, ano em que iniciamos a nossa investigação⁹. São pesquisados, nesses exemplares, artigos que versem sobre a figuratividade, tanto na qualidade de escopo de uma pesquisa, quanto no desenvolvimento dela. No que tange ao critério de homogeneidade, são analisados artigos que, de alguma forma, exploram o conceito de figuratividade dentro da semiótica greimasiana. Dessarte, sendo nosso objeto de análise as manifestações textuais e discursivas sobre a própria teoria, nossa investigação prioriza artigos científicos que versam sobre a figuratividade, ou que a utilizam como principal ferramenta para a (re)construção do sentido em suas análises.

Nosso percurso de pesquisa

Nossa investigação tem início no primeiro capítulo – “**A figuratividade na semiótica discursiva: as metamorfoses de um conceito**”. Nele, apresentamos as origens da figuratividade, termo tomado emprestado dos estudos sobre iconologia e iconografia, mais especificamente sobre os motivos e os sistemas de convenções simbólicas. Por meio de um rápido cotejo dos pontos de vista dos críticos de arte com alguns aspectos da metodologia semiótica demonstramos como a figuratividade transcende as artes plásticas e assume posição de relevância na metodologia da semiótica idealizada por A. J. Greimas.

O modo como a figuratividade é introduzida na semiótica e o percurso que realiza até assumir o estatuto atual na economia geral da disciplina é demonstrado por meio de uma revisão bibliográfica de obras que são referencial teórico para os semioticistas, entre elas: *Sobre o sentido* (1970), *Dicionário de semiótica* (1979), *Petites mythologie de l'œil et de l'esprit* (1985), *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), *Da imperfeição* (1987), *Semiótica das paixões* (1991), *Caminhos da semiótica literária* (2000), *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (1995).

Esse panorama geral sobre a forma como a figuratividade é entendida em diferentes momentos da história da disciplina serve para que, durante e após o exame dos textos-fontes, no quinto e no sexto capítulos desta tese, fique mais fácil para o leitor visualizar os caminhos teóricos percorridos pelos semioticistas até a publicação das obras “balizares”, termo que tomamos emprestado de Ignacio Assis Silva (1995a), visto que esses trabalhos tornaram-se ferramentas de consulta teórica imprescindíveis à construção do projeto semiótico.

⁸ Considerando que, entre os periódicos a França e do Brasil escolhidos, a *Significação* é o mais antigo.

⁹ Apesar dessa delimitação de corpúsculo, em alguns momentos, recorreremos a textos publicados em livros, teses e em outros periódicos, que não integram o escopo de nossa investigação, para complementarmos as análises.

No segundo capítulo “**A construção de um percurso semio-historiográfico**”, uma vez que visamos à reconstrução da história da figuratividade textualizada em artigos científicos publicados em periódicos de semiótica, empregando ferramentas metodológicas da HL, também destinamos algumas páginas à apresentação dessa disciplina e dos elementos de seu método de pesquisa utilizados neste trabalho. Assim, elencamos os princípios de investigação a serem assumidos para a realização de uma pesquisa historiográfica e os procedimentos de levantamento e organização dos textos-fontes que adotamos, o tipo de pesquisa historiográfica que escolhemos fazer, bem como conhecimentos necessários à identificação de como os grupos de especialidades são formados para também examinarmos de que forma a institucionalização da semiótica contribuiu para o estudo da figuratividade.

Ademais, apresentamos nosso percurso de levantamento e seleção de artigos para análise – ficando o quadro 14 reservado à delimitação dos textos-fontes que examinamos nos capítulos cinco e seis –, bem como os procedimentos de análise desses textos que desenvolvemos e nomeamos “semio-historiográficos”, pois reúnem as duas metodologias, Semiótica e HL. Entre esses procedimentos, destacamos a observação de um conjunto de fenômenos que servem de critérios de identificação da relevância das proposições teóricas presentes nos textos-fontes selecionados para análise; proposições a serem classificadas no último capítulo dentro de uma tipologia de ideias semióticas sobre a figuratividade também desenvolvida neste capítulo da tese. Tudo isso, em vista de, com o rigor científico caro à própria semiótica, recolher dados, organizá-los e refletir sobre eles no que tange ao momento e/ou à forma como a figuratividade foi introduzida na semiótica, à contribuição e ao mérito dos grupos de especialidades para que se tornasse um conceito operatório e aos avanços que as concepções teóricas acerca da figuratividade promoveram para o projeto semiótico.

No terceiro capítulo, “**A institucionalização da semiótica no Brasil e na França: grupos de especialidades e periódicos especializados**”, procedemos a um levantamento histórico sobre alguns grupos de semiótica franceses e brasileiros, tendo em vista o papel que desempenharam e ainda desempenham para a manutenção da semiótica enquanto disciplina no campo das ciências humanas e sociais e para o progresso científico do projeto greimasiano (incluindo os estudos sobre as organizações figurativas), constantemente em construção. Tendo em vista que os campos científicos – e as disciplinas que englobam – dependem da institucionalização para a prática científica, analisamos a formação desses grupos de especialidades com o amparo do estudo de Stephen O. Murray (1994) sobre a formação de grupos de especialidades, mas também dialogando com o trabalho de Pierre Bourdieu sobre os usos sociais da ciência e a concepção de campo de pesquisa. Afinal, é nesses ambientes

que se formam os espíritos científicos. Entre os grupos de semiótica, integram essa averiguação o Seminário de Semiótica, em conjunto com o Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (GRSL) de Paris, o Centro de Pesquisas Semióticas (CeReS) de Limoges, bem como os brasileiros Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas (CESAJG), Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)¹⁰ e o Grupo de Estudos Semióticos (GES) da USP.

Igualmente, apresentamos os periódicos científicos que nasceram desses grupos a fim de comunicar à comunidade semiótica os resultados das pesquisas ali desenvolvidas e que, conseqüentemente, são os responsáveis por abrigar e difundir os estudos relacionados com a figuratividade que examinamos nesta empresa: (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e *Estudos Semióticos*.

É a partir desse levantamento do processo de institucionalização da disciplina e da formação dos grupos de semiótica que, no quarto capítulo, **“Construção da identidade e transmissão do saber: as práticas inerentes aos grupos de semiótica”**, desenvolvemos a discussão em torno das práticas de institucionalização dos grupos de semiótica. Assim, por intermédio dos pressupostos teóricos sobre as práticas semióticas, desenvolvidos por Jacques Fontanille (2005, 2008a, 2008b), exploramos as práticas de institucionalização dos grupos de semiótica; práticas que possibilitam continuarem atuantes nas instituições de ensino que os abrigam. Dessarte, apresentamos as práticas sociais que os organizam, os valores que regem o fazer desses grupos de especialidade e o modo como divulgam a sua produção intelectual e/ou como divulgam a produção intelectual advinda de pesquisas exteriores aos próprios grupos.

As práticas de institucionalização, desse modo, são concebidas do ponto de vista da construção do éthos do semioticista, da construção e do enraizamento de valores inerentes à disciplina que adotam e ajudam a erigir, da formação de intelectual dos membros dos grupos e também de novos semioticistas, que reforçam e garantem a manutenção de um clima de opinião e de um espírito de conjunto. Por fim, neste capítulo também se destacam as práticas editoriais de comunicação do saber semiótico – nos periódicos de semiótica (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e *Estudos Semióticos* – com vistas a disseminar não somente a teoria semiótica, mas também os valores do grupo mantenedor do periódico que veicula tais comunicações.

Uma vez que a nossa investigação em torno da figuratividade divide-se em dois territórios, geograficamente distribuídos em continentes distintos, dividimos o espaço de análise da produção científica sobre o conceito em dois capítulos: o quinto capítulo, **“Estudos**

¹⁰ Atualmente Grupo de Pesquisas em Semiótica (GPS).

sobre a **figuratividade na França: entre a plasticidade, o semissimbolismo e a virada fenomenológica**”, dedicado ao estudo da figuratividade na França, berço do projeto semiótico; o sexto capítulo, **“Estudos sobre a figuratividade no Brasil: das metamorfoses ignacianas à figuratividade sensível de um novo século”**, consagrado às propostas brasileiras de aplicação desse conceito às análises semióticas. Desse modo, no quinto capítulo são analisados os artigos publicados no periódico francês, ficando para o sexto, o exame dos textos-fontes publicados nos periódicos brasileiros.

Para a análise dos textos-fontes selecionados conforme a metodologia da HL, porém, também atendendo aos critérios greimasianos de seleção de corpúsculo, de acordo com o segundo capítulo desta tese, nessa fase da pesquisa, em termos landowskianos, Semiótica e HL interagem e, finalmente, se unem e se ajustam para que apresentemos as contribuições teóricas sobre a figuratividade, os posicionamentos de continuidade e/ou de ruptura (se parcial ou total), as perspectivas de outros pesquisadores, evidenciando em que medida são favoráveis ou discordantes das proposições de seus pares.

É também, nesses capítulos, que recuperamos tanto as proposições teóricas e metodológicas sobre a figuratividade que se cristalizaram no imaginário cultural¹¹ dos semioticistas, visto que são constantemente consultadas, seja por pesquisadores iniciantes ou mais experientes, quanto as que, de alguma maneira, sofreram apagamento na história da semiótica e do conceito, conseqüentemente.

No último capítulo, **“Por uma tipologia das ideias semióticas sobre a figuratividade”**, classificamos os textos-fontes examinados nos capítulos cinco e seis, expomos as principais propostas relacionadas com a figuratividade identificadas nesses textos e desvelamos a relevância dessas propostas teóricas. Também identificamos como e em que medida esses discursos circulam entre os grupos, ou seja, se os trabalhos produzidos por um grupo são assimilados por outro(s) e se essa assimilação repercute no quadro geral da teoria. Em outras palavras, verificamos de que maneira cada grupo contribui para a evolução teórica e operacional da figuratividade e como a evolução desse conceito é agregada à metodologia semiótica.

Conscientes de que este trabalho, assim como a semiótica, não pode se considerar concluído, iniciamos a nossa empreitada.

¹¹ De acordo com Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (2004a, p. 3), o imaginário cultural é o conjunto das “[...] diferentes linguagens produzidas por uma determinada comunidade”. Diferentemente da imaginação, que é uma linguagem individual, o imaginário é produto de uma coletividade, portanto, remete à cultura.

1. A FIGURATIVIDADE NA SEMIÓTICA DISCURSIVA: AS METAMORFOSES DE UM CONCEITO

A pesquisa de um método rigoroso e em certos momentos verificável não implica, [...] segundo a estética de derivação linguística e semiótica, uma recaída naquele cientificismo tanto eufórico quanto ingênuo que caracterizou grande parte da cultura da segunda metade do século XIX (e, para muitas ocasiões, continua a caracterizar a do século XX). Implica, antes de tudo, a assunção consciente de um olhar analítico que, no momento mesmo em que descreve os próprios objetos de estudo, põe constantemente em discussão a si mesmo e aos próprios métodos; um olhar, em suma, que caracteriza aquele domínio do saber onde se pensam e se constroem as assim ditas ciências humanas e sociais (MARRONE, 2001 [1995], p. 2).

Em 1987, quando discursa na UNESCO sobre os “Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem”¹², Greimas (1990 [1987], p. 187) explica para seu público que a observação de mudanças na evolução de um campo disciplinar pode esbarrar em diferentes obstáculos, como a dificuldade de reconhecimento de transformações epistemológicas profundas e de distinção dos “[...] fenómenos de moda intelectual propriamente ditos das articulações paradigmáticas de tipo conjuntural, dispostas em diacronia”. Pensando, então, no desafio de identificar transformações epistemológicas, como aquelas a que o mestre lituano se refere, para dar início à investigação de como ocorreu o processo evolutivo da figuratividade, neste capítulo, revisitamos os campos disciplinares essenciais à edificação da figuratividade na qualidade de conceito semiótico. Além disso, fazemos uma revisão bibliográfica voltada para o estudo desse conceito na semiótica discursiva, desenhando um panorama geral sobre o modo como a figuratividade foi entendida ao longo da história da disciplina.

É, portanto, pelas origens estéticas da figuratividade que inauguramos o nosso percurso investigativo.

1.1. As origens da figuratividade na teoria estética

Desde os anos 1980 interessa aos semioticistas investigar o lugar de nascimento da noção de figuratividade. Na introdução do número 26 do *Bulletin*, “La figurativité II” (1983), a atenção para essa questão é chamada quando Bertrand (1983a, p. 3, tradução nossa)¹³ diz que “a pesquisa semiótica age, muitas vezes, por empréstimos conceituais. Apropriando-se de

¹² Texto traduzido para o português por Norma Tasca.

¹³ Trecho original: “La recherche sémiotique procède solvante par emprunts conceptuels. S’appropriant telle ou telle notion qui a pris naissance dans un autre domaine que le leur propre, les sémioticiens la modèlent et la redéfinissent conformément à leurs principes de pertinence [...]”.

tal ou tal noção nascida em outro domínio, os semioticistas modelam-na e redefinem-na conforme seus princípios de pertinência [...]”. Desse modo, assim como a isotopia e o quadrado semiótico são conceitos tomados de empréstimo de outro campo científico, o mesmo ocorre com o figurativo, visto ser, nas palavras do semioticista, uma “[...] noção aplicada geralmente à representação pictural: mas que recebeu uma acepção muito mais ampla no campo semiótico” (BERTRAND, 1983a, p. 3, tradução nossa)¹⁴. Esse posicionamento de que o termo figuratividade tem origem na teoria estética encontra eco em Joseph Courtés (1986), que não separa a figuratividade de suas origens na iconografia e na iconologia ao basear seus estudos sobre o conto maravilhoso francês na teorização panofskiana acerca das organizações figurativas intituladas “motivos”.

No que concerne ao empréstimo conceitual a que se refere Bertrand (1983a), se considerado em acepção de dicionário de léxicos de uma língua natural, o empréstimo pode ser entendido como apropriação de um traço ou de uma unidade linguística concernente a uma cultura por outra, até então carente desse traço/unidade linguístico(a), de modo que passe a fazer parte do vocabulário da outra cultura parcial (o termo utilizado conserva os aspectos fonológicos e ortográficos da cultura de origem) ou integralmente (ocorrência de integração fonológica, ortográfica e morfológica pela cultura de destino), tal qual define Dubois (2011, p. 209). Entretanto, nas palavras de Portela (2012, p. 8), tratando-se de metalinguagem científica, caso da semiótica, entre outras disciplinas, o empréstimo de um termo deve ser compreendido como fenômeno que ocorre “[...] nos níveis de pertinência lexical e discursivo, manifestando-se pela introdução, na língua de especialidade [...], de termos herdados de outros domínios teóricos, por meio de citações e alusões, em um verdadeiro processo de intertextualidade”.

Tendo em vista que a metalinguagem científica é uma linguagem construída, importa levarmos em conta que termos emprestados de outras disciplinas possuem uma equivalência metafórica em que subsistem semelhanças e diferenças conceituais (GREIMAS, 1982, p. 7-9). Como a metalinguagem semiótica é uma metalinguagem científica, assim como a metalinguagem da teoria estética, da qual tomou de empréstimo os termos figurativo e figuratividade, entre outros, antes de fazermos uma revisão teórica sobre o que a semiótica discursiva entende por figuratividade, importa conhecermos em que medida a conceituação de origem desse termo se assemelha à da semiótica, o que possibilitará, também, compreender em que medida esse conceito atinge uma acepção mais ampla nesse campo. Visto que no

¹⁴ Trecho original: “[...] notion appliquée généralement à la représentation picturale: c’est qu’elle a reçu dans le champ sémiotique une acception beaucoup plus large”.

projeto semiótico a figuratividade não pode ser concebida senão na relação primeira entre temas e figuras, não importando *a priori* qual exerce predomínio na organização figurativa, retomemos no campo de origem dessa relação, no estudo da iconografia e da iconologia, mencionado por Courtés (1986), como ela ocorre.

De acordo com Erwin Panofsky (2007 [1955], p. 47-48)¹⁵ a “iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou da mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma”¹⁶. O pesquisador ilustra essa definição, a fim de distinguir “forma” de “tema”, tomando como exemplo o conhecido que tira o chapéu para cumprimentá-lo. Ele, no princípio, reconhece visualmente as cores, as linhas e os volumes, e então identifica o cavaleiro, um objeto de seu mundo. Todavia, é o detalhe do ato de tirar o chapéu que faz com que ele ultrapasse “[...] os limites da percepção puramente formal [...]” e penetre “[...] na primeira esfera do tema ou mensagem” (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 48), um significado factual. Nas palavras do teórico,

O significado assim percebido é de natureza elementar e facilmente compreensível [...] é apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 48).

Depois, evidentemente, ele identifica as nuances psicológicas do cavaleiro, como o humor, o que exige certa sensibilidade, outro tipo de significado (expressional). O que Panofsky (2007 [1955], p. 48-49) destaca, no entanto, é a importância do campo de interpretação do ato de tirar o chapéu na qualidade de saudação, pois esse é peculiar à cultura ocidental – uma forma de demonstrar respeito ou, em último termo, de demonstrar intenções pacíficas que é resquício do cavalheirismo medieval. Em outras sociedades ou em outra época, esse ato pode não ser compreendido como tal. Esse reconhecimento do ato de saudação polida é, portanto, da ordem do inteligível, porque exige familiaridade com os costumes e as tradições de uma dada cultura, ao passo que o reconhecimento do humor é da ordem do sensível. Assim, os dois significados pertencem ao nível dos “temas primários”.

Outro nível de significação é o do “tema secundário ou convencional”, que na semiótica discursiva chamaríamos de simbólico. Nos termos de Panofsky (2007 [1955], p. 50, grifos do autor), concerne à percepção de que “[...] um grupo de figuras, sentadas à uma mesa

¹⁵ Joseph Courtés (1986, p. 21) concede alto valor ao trabalho teórico de “interpretação e organização de dados figurativos”, realizado por esse pesquisador, razão pela qual dedica o primeiro capítulo de *Le conte populaire: poétique et mythologie*, que é a sua tese de doutorado, defendida em 1983, publicada na forma de livro, ao estudo do motivo, segundo proposições de Erwin Panofsky.

¹⁶ Em termos semióticos, a “forma” corresponde ao significante, enquanto o “tema”, ao significado.

de jantar numa certa disposição e pose, representa a *Última Ceia* [...]”. Trata-se, dessa maneira, de identificar assuntos e conceitos por meio da ligação de “motivos” (imagens, estórias e alegorias)¹⁷ e de combinações de motivos artísticos. Ele se liga ao último nível, o do “significado intrínseco ao conteúdo”, aquele em que há a apreensão de princípios em que subjazem “[...] as atitudes básicas de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 52). Por fim, reconhecidos os três níveis, segundo Panofsky (2007 [1955], p. 54), concerne à iconologia, “[...] método de interpretação que advém da síntese mais que da análise [...]”, interpretar corretamente a análise dos motivos.

Ainda na seara da crítica de arte, Nelson Goodman (2006 [1976]) não utiliza termos como “temas” (primários ou secundários) ou “motivos” em sua metalinguagem. Todavia, seu ponto de vista sobre a necessidade de que o enunciatário tenha familiaridade com as convenções sociais (costumes e tradições) de uma dada cultura para que ele identifique elementos do mundo natural em textos não verbais assemelha-se à de Panofsky (2007 [1955]), além de também não deixar de fora de sua pesquisa o papel dos “símbolos” nesse processo de construção da significação.

Para Goodman (2006 [1976]), nas artes, os símbolos integram sistemas simbólicos que são construídos pelo homem, portanto, convencionados socialmente. Por isso, toda representação artística pode ser considerada convencional, tal qual a linguagem verbal. Desse modo, para que uma representação (um quadro, por exemplo) seja compreendida, é necessário que esteja ancorada em um sistema de convenções pertencente a uma cultura, pois nela são identificadas práticas culturais, ou seja, papéis banalizados pelo uso (estereótipos), que tornam a representação mais ou menos familiar para o enunciatário.

Nas palavras de Goodman (2006 [1976], p. 64), “[...] o que é observado varia com interesses e hábitos”. Sendo assim,

Considere-se uma imagem realista, pintada em perspectiva comum e cor normal, e uma segunda imagem exactamente como a primeira, excepto por uma perspectiva invertida e cada cor ter sido substituída pela cor complementar. A segunda imagem [...] dá lugar exactamente à mesma informação que a primeira [...].

[...] Para ler apropriadamente a segunda imagem temos de descobrir regras de interpretação e de as aplicar deliberadamente. Ler a primeira resulta de

¹⁷ Conforme a história da arte e os estudos folclóricos, os motivos “[...] apareceram como formas narrativas e ou figurativas autônomas e móveis, suscetíveis de passarem de uma cultura a outra, de se integrarem em conjuntos mais vastos, perdendo parcial ou totalmente suas significações antigas em benefício de investimentos semânticos desviados ou novos” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 87).

um hábito quase automático; a prática tornou os símbolos tão transparentes que não temos noção de qualquer esforço, de quaisquer alternativas, nem de fazer qualquer interpretação. (GOODMAN, 2006 [1976], p. 65-66).

Isso quer dizer que tal qual os motivos são reconhecidos em razão da familiaridade com as convenções sociais que manifestam, do ângulo panofskyano, o reconhecimento de práticas sociais simbolizadas nas artes depende de um conhecimento prévio dessas práticas por parte do observador, nos termos de Goodman (2006 [1976]).

Outro pesquisador interessado pelas organizações figurativas em obras de arte, Wilcon Joia Pereira (1976) defende que cabe aos temas e às figuras a função de fazer significar organizações complexas que reúnem tanto formas verbais quanto formas plásticas. De acordo com o pesquisador, durante séculos, seja na cultura oriental, seja na ocidental, caracteres da escrita foram integrados a objetos plásticos que

[...] dependiam, em grau maior ou menor, deste hegemônico meio de significações: dispor os signos plásticos e escriturais, enlaçá-los através de formas sutis e complexas, possibilitando à imagem que esclarecesse o texto e ao sintagma verbal que, por sua vez, iluminasse o símbolo visualizado. (PEREIRA, 1976, p. 3).

A partir do século XV passa a vigorar o chamado “sistema da figura”, ou seja, os objetos visuais desvinculam-se dos caracteres verbais. O mundo percebido começa, então, a ser representado na pintura, na gravura, no desenho e na aquarela com contornos com maior ou menor definição, em diferentes disposições espaciais, etc. Esses objetos plásticos são, dessa maneira, concebidos “[...] como reprodução das aparências visíveis ou visualizáveis [...]”, que se constituem, pois, de cenas observáveis ou idealizadas da vida, assim como de cenários mitológicos, etc. (PEREIRA, 1976, p. 4), ou seja, reproduzem, artisticamente, práticas socioculturais reconhecíveis, tal qual aquelas chamadas por Panofsky (2007 [1955]) de motivos e por Goodman (2006 [1976]) de “imagem”, que pode ser mais ou menos realista a depender da familiaridade do enunciatário com as convenções sociais que representa.

Esse “sistema da figura” vigora durante séculos, arrefecendo entre meados do século XIX e início do XX, quando caracteres como letras e números reaparecem com vigor em obras que vão de Van Gogh a Picasso, chegando a Kandinsky, Mondrian e Klee. A escrita, dessa maneira, une-se aos traços e às formas e assume, entre outras funções, a tarefa de tematizar experiências cotidianas, conferindo poeticidade à representação pictural. Como resultado das operações estéticas realizadas pela escrita nas artes plásticas, surge o “escritema”, neologismo criado por Pereira (1976, p. 28, grifos do autor) para designar a “[...]”

escrita considerada como *tema* pelos artistas plásticos [...]” ou a “[...] escrita *tematizada* nas artes visuais”.

Para tratar das “[...] figuras geradas através da espacialização da linguagem”, o pesquisador também considera necessário distinguir “figura” de “figurativo”, sendo aquela equivalente à forma, ao contorno visualmente representado de um dado corpo. Esta, por outro lado, não apenas se opõe ao abstrato, mas também se constitui de formas que, por semelhança ou analogia com o objeto representado, possibilitam o reconhecimento desse objeto pelo enunciatário.

Baseando-se em trabalho do filósofo francês Jean-François Lyotard, o pesquisador ainda busca uma definição para a figuratividade: “[...] propriedade relativa à vinculação do objeto plástico com o que ele representa. Ela desaparece se o quadro não tem mais por função representar, se é o próprio objeto. Vale então pela exclusiva organização do significante” (LYOTARD apud PEREIRA, 1976, p. 29). Dito de outra forma, a figuratividade, para a teoria estética, corresponde à organização dos elementos que compõem o objeto de modo que sejam reconhecidos pelo enunciatário. Tudo isso, para chegar à noção de “figuralidade”, termo utilizado “[...] para designar as formas e figuras que engendram [...] os escritemas”. É, pois, a propriedade do que vem a ser reconhecido, visualmente percebido; uma figuratividade em devir. Nas palavras do filósofo,

A figuralidade é destarte *une chose à voir*, uma coisa a ver, como diz Lyotard; uma forma, que se exhibe à nossa percepção visual: volumes, vazamentos, estímulos cromáticos, espessuras, incisões, ritmos que nos excitam objetivamente, patenteando enfim as suas implícitas energias espaciais. (PEREIRA, 1976, p. 29-30, grifos do autor).

É importante esclarecer, aqui, que a noção de figura em semiótica tem uma natureza mais complexa do que para o filósofo brasileiro, pois do ponto de vista semiótico ultrapassa a relação com a representação visual da forma, como veremos na próxima seção. O mesmo ocorre com o termo figurativo, um qualificativo, dizem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 212-213) cujo emprego está sempre relacionado com a correspondência entre figura (expressão) e tema (conteúdo).

Ainda assim, Pereira (1976), ao contrário dos filósofos alemão e estadunidense, traz à luz o termo figuratividade, definindo-o e correlacionando-o, em certa medida, ao que compreende por figura, figurativo, figuralidade. Por outro lado, faz coro com Panofsky (2007 [1955]) e Goodman (2006 [1976]) ao relacionar representação e organização figurativa de

elementos do mundo natural, fazendo o enunciatário reconhecê-los como existentes em uma cultura.

A natureza simbólica da cristalização de práticas sociais enquanto usos de tal maneira estereotipados que se convertem em motivos – entendidos como configurações discursivas, ou seja, micronarrativas com organizações sintático-semânticas que adquirem significações de acordo com a cultura, podendo ser examinadas através do percurso gerativo do sentido, conforme esclarecem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 87) –, transmitindo valores e convenções sociais de uma cultura conforme se fazem reconhecer por meio das formas e da organização dessas formas, que é a figuratividade, parece perpassar os trabalhos desses três teóricos da arte.

Ao mesmo tempo, após essa explicação sucinta de como temas e figuras se estruturam e se conformam nas artes visuais, podemos concordar com Bertrand (1983a, p. 3) que a noção de figuratividade na semiótica discursiva tem, de fato, aplicação bem mais alargada, visto que o arranjo dos temas e das figuras, para começar, não fica restrito às artes visuais, nem à identificação imediata de elementos do mundo natural. Mais que isso, ela é reclamada na construção de conceitos, como figurativização e semissimbolismo, e ainda na identificação de experiências sensíveis e estéticas tanto do ponto de vista artístico, quanto do das interações sociais. Ademais, a relação de oposição entre o figurativo e o “não-figurativo”, tal qual nos lembra Baldan (2003, p. 2), ganha contornos mais abrangentes que a simples distinção entre presença e ausência de formas. O espaço dado atualmente ao figural é exemplo disso.

Da perspectiva da pertinência lexical e discursiva no processo de apropriação da noção de figuratividade pela semiótica, a alusão à teoria estética parece bem clara na semelhança: i) do que se entende por símbolo enquanto gradação figurativa com o nível do “tema secundário ou convencional” (PANOFSKY, 2007 [1955]) e com o fato de os símbolos pertencerem a sistemas simbólicos que são convenções sociais identificáveis na cultura (GOODMAN, 2006 [1976]); ii) do papel do motivo na organização figurativa, outro termo da teoria estética que é caro à semiótica, pois definido por Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 323) como “[...] uma unidade de tipo figurativo, que possui [...] um sentido independente de sua significação funcional em relação ao conjunto da narrativa em que se encontra”; iii) da semiótica das culturas de Jacques Fontanille (2008a, 2008b) com o “significado intrínseco ao conteúdo” (PANOFSKY, 2007 [1955]), nível que equivale à condensação de uma forma de vida inteira em uma figura; iv) do reconhecimento de valores e elementos do mundo natural com o nível primeiro, aquele dos “temas primários” (PANOFSKY, 2007 [1955]); v) da relação entre o figural e o figurativo, explorada, por exemplo, em *Figurativização e metamorfose: o mito de*

Narciso (1995a), por Ignacio Assis Silva com a relação entre formas verbais e formas plásticas, explorada por Pereira (1976).

Concluída essa explanação sobre o empréstimo da noção de figuratividade à semiótica discursiva pela Teoria Estética, apresentamos, a seguir, o percurso trilhado por esse conceito conforme se arraiga no projeto greimasiano.

1.2. O percurso da figuratividade na semiótica

1.2.1. Contribuições exteriores (e anteriores) à semiótica discursiva que se entrelaçam ao projeto greimasiano

Embora a noção de figuratividade na semiótica remonte a 1966, em *Semântica Estrutural*, quando Greimas cria o conceito de nível semiológico, posteriormente substituído por nível figurativo (SILVA, 1974, p. 30) e depois por componente figurativo (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 447), o termo “figuratividade” começa a ser utilizado na década de 1970, quando a disciplina ainda situa os arranjos figurativos no patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido, o nível discursivo. Nesse estrato do percurso, o enunciatário reconhece um discurso como verdadeiro conforme os temas são recobertos pelas figuras, uma vez que as figuras remetem a elementos do mundo natural, que em maior ou menor grau, produzem efeitos de realidade e, conseqüentemente, de crença em um discurso. Nas palavras de Iara Rosa Farias (2010, p. 3), atualmente, a figuratividade está relacionada com a “[...] qualidade que um texto possui em simular, por meio das suas figuras, a experiência sensível, podendo levar o enunciatário a tomá-lo como verdadeiro”. Contudo, estudada, primeiramente, “[...] como recurso de manipulação da interpretação do enunciatário, constituiu-se numa visão segundo a qual era entendida como um acabamento do percurso gerativo do sentido, ou seja, do discurso manifestado” (FARIAS, 2003, p. 3).

Assim, para compreendermos o contexto em que esse conceito surge, como ele opera na construção do sentido do discurso e em que medida deixou de ser entendido como “acabamento do percurso gerativo do sentido”, reproduzindo a expressão de Farias (2010, p. 3), e passou a simular a experiência sensível, como aponta a pesquisadora, é necessário abordarmos a figuratividade do ponto de vista de obras que balizam os estudos em semiótica discursiva e que consideramos marcos de sua transformação e evolução na teoria.

Levando-se em conta que esse conceito passou por diversas fases na semiótica e que não só deriva do termo figura, de uma mirada etimológica, mas também está relacionado ao

modo como as figuras se organizam no discurso para produzir sentido, mais precisamente, para que uma enunciação enunciada seja tomada como verdadeira por seu enunciatário, nossa investigação parte do conceito de figura, considerando, assim, três perspectivas: panofskyana, em vista da herança da iconografia e da iconologia; jakobsoniana, que inevitavelmente margeia aspectos da retórica; e hjelmsleviana, escolha que se deve ao fato de o termo figura já fazer parte de estudos de teóricos contemporâneos de Greimas desde a época em que se dedicava à lexicologia, como o trabalho de Hjelmslev, que exerceu forte influência na construção do projeto greimasiano e, sobretudo, no entendimento de como a figura poderia contribuir para a significação. Essas contribuições não somente fornecem subsídios para a edificação dos conceitos de figura e de figuratividade, conseqüentemente, como permanecem amparando estudos que a envolvem, bem como os conceitos a ela correlatos ainda no século XXI, como mostraremos nas análises.

Na seção anterior, apresentamos o ponto de vista da iconografia/iconologia sobre a construção figurativa, intimamente vinculada à formação dos motivos. Entrementes, quem semiotiza o estudo panofskyano sobre iconologia e iconografia para melhor explicar de que maneira os motivos operam na construção do sentido é Joseph Courtés em *Le conte populaire: poétique et mythologie* (1986). À medida que investiga as relações sintagmáticas e paradigmáticas entre as figuras na análise de contos maravilhosos, o semiótico resume a concepção panofskiana sobre os três níveis de significação do motivo, evidenciando a perspectiva da teoria estética ao mesmo tempo em que traz à luz a relação que esses níveis estabelecem com a metodologia semiótica.

Conforme Courtés (1986, p. 25), no primeiro nível de significação do motivo, aquele da “significação primária ou natural” há uma atribuição de um significado de base (correlato ao formante figurativo na semiótica plástica) a um significante visual, que corresponde às “puras formas”, que poderíamos chamar de mundo comum, no sentido greimasiano. O motivo panofskyano (enquanto significado) é entendido, nesse caso, como o figurativo na semiótica: qualquer conteúdo que tem um correspondente no plano de expressão do mundo natural.

No segundo nível de significação, que Courtés (1986, p. 27-30) chama de “nível de interpretação da obra de arte”, a imagem surge da relação entre o motivo e um “tema”/“conceito”. No caso de existirem dois ou mais motivos, eles são sintagmaticamente organizados em um encadeamento narrativo, formando, assim, significações secundárias, que são as alegorias. Além disso, nada impede que as significações secundárias estabeleçam

correspondência com as significações primárias, como um jogo de denotação e conotação¹⁸ em que a significação secundária pressupõe a primária – como ver um homem com pés e mãos com furos flutuando no ar (significação primária) e essa imagem significar Cristo se elevando depois de ressuscitado (significação secundária). Não obstante, significações primárias (motivos) diferentes também podem compor uma significação secundária, a exemplo de variáveis figurativas que remetem ao ambiente doméstico (como uma isotopia figurativa vinculada a um mesmo tema/valor).

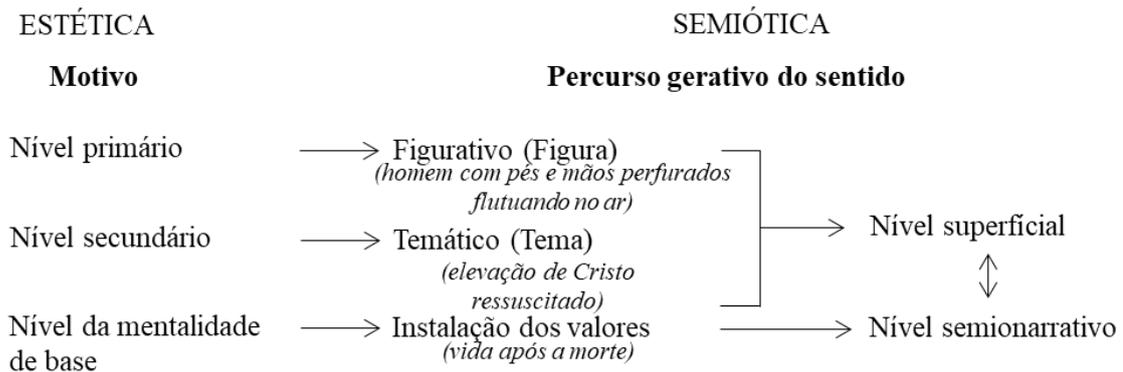
O terceiro nível é aquele que se apoia sobre os anteriores à medida que os associa a temas ou conceitos para formar um conteúdo último. Esse motivo de terceiro nível, *a priori*, pode ser considerado simbólico. Mas, da perspectiva courtesiana, ele supera o fato de estar ligado a um contexto sociocultural ou a uma “condição de produção”, pois, no caso da obra de arte, esse último conteúdo é a obra de arte realizada que conserva os dois níveis a ela subjacentes. Do ponto de vista de Courtés (1986, p. 31, tradução nossa¹⁹), nesse nível, a “mentalidade de base” pode ser semioticamente interpretada “[...] como uma espécie de semântica fundamental, em oposição às significações ‘primária’ e ‘secundária’ que se ergueriam de uma semântica superficial [...], sendo as relações entre estes dois níveis [fundamental e superficial] traduzíveis, se for caso disso, em termos de conversão [...]”.

Assim, a significação secundária corresponderia à conversão de valores em temas. Considerando o discurso religioso, a que pertence o exemplo da elevação de Cristo, a ressurreição configura-se um objeto-valor com o qual o cristão, sujeito de busca, quer entrar em conjunção após a sua morte. A vida após a morte é, portanto, um valor/tema recoberto pela figura “Cristo ressuscitado” (homem com marcas da crucificação erguendo-se em direção ao céu) no nível primário.

De forma resumida, para Courtés (1986), há uma correlação entre o figurativo, na semiótica, e o motivo, na iconografia, uma vez que os três níveis de significação deste último operam paradigmaticamente, passando de uma semântica fundamental a uma semântica superficial, tal qual acontece no percurso gerativo do sentido, como ilustramos a seguir:

¹⁸ Floch (1983, p. 6) explica que o sistema de conotações sociais é composto da produção do efeito de “integração” e do efeito de “analogia”. O primeiro é compreendido como referência externa, ou seja, é a estabilização de referências entre enunciado e enunciação. O segundo é entendido como referência interna, que nada mais é que a ancoragem espaço-temporal-actancial, mais conhecida como “imagem do mundo” (imagem ancorada em uma dada época, conformada pela apreensão da realidade pelo observador). Esses referenciais são estabilizados no interior do enunciado. Além disso, esse fenômeno é produzido por figuras icônicas.

¹⁹ Trecho original: “[...] comme une sorte de sémantique fondamentale, par opposition aux significations ‘primaire’ et ‘secondaire’ qui relèveraient alors d’une sémantique superficielle [...], les rapports entre ces deux niveaux étant traduisibles, le cas échéant, en terme de conversion [...]”.

Figura 1 – Correlação entre níveis de significação do motivo e o percurso gerativo do sentido

Fonte: autora.

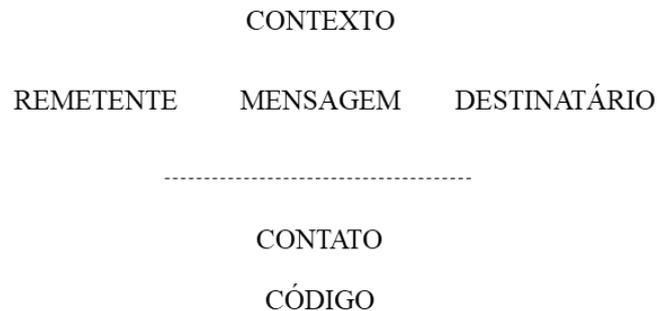
O papel da linguística estrutural, por meio de Roman Jakobson (2010 [1960]), também merece ser lembrado quando falamos de figuratividade, haja vista os estudos sobre as funções da linguagem empreendidos pelo pesquisador moscovita serem evidenciados não somente no *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), mas também em trabalhos de Greimas e Courtés (1979), Barros (1974, 2010), Silva (1995a), entre outros.

Como sugere o título da comunicação, em “Linguística e poética”, Jakobson (2010 [1960]) tem como objeto a relação da poética com a linguística, mais especificamente, os critérios que conferem o estatuto de obra de arte a uma “mensagem verbal”. Para o pesquisador, todo sistema de significação, ou seja, “todas as variedades de linguagem” contém traços poéticos, uma vez que as “[...] relações entre a palavra e o mundo diz[em] respeito não apenas à arte verbal, mas [...] a todas as espécies de discurso” (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 152). Do mesmo modo, para Jakobson (2010 [1960], p. 153-156) toda comunicação tem um objetivo (uma finalidade), que varia e deve estar em conformidade com o modo como é realizada, senão não surte o efeito desejado. É dessa perspectiva que o estudioso define que “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções” (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 156), sendo a função poética, uma delas. Ademais, essas funções associam-se aos fatores que constituem o processo linguístico pertencente a todo ato de comunicação verbal:

O *remetente* envia uma *mensagem* ao *destinatário*. Para ser eficaz, a mensagem requer um *contexto* a que se refere (ou “referente” [...]), apreensível pelo destinatário e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um *código* total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um *contato*, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que capacite ambos a entrar e permanecer em comunicação. (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 156, grifos do autor).

Esse processo é esquematizado pelo pesquisador da seguinte maneira:

Figura 2 – Fatores que compõem a comunicação verbal



Fonte: Roman Jakobson (2010 [1960], p. 157).

Conforme Jakobson (2010 [1960], p. 157-163), a cada um desses fatores, corresponde uma função da linguagem: a emotiva (centrada no remetente), a poética (valoriza a mensagem), a fática (pende para o contato), a metalinguística (foca no código), a conativa (direciona-se ao destinatário) e a referencial ou denotativa (geralmente dominante em grande parte das mensagens, relaciona-se com o contexto). Todavia, a contribuição jakobsoniana para a semiótica, sobretudo à teoria do figurativo, diz respeito, principalmente, à função poética, à ênfase dada à mensagem.

No *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), na entrada “poética”, ao linguista russo é creditada a definição de que, no discurso poético, o eixo paradigmático se projeta sobre o sintagmático, isto é, existe, nesse discurso, uma relação de hierarquia que liga termos por derivação em diferentes níveis – como uma isotopia figurativa que comporta “barba feita” e “terno alinhado”, metonimicamente representando um homem. Em virtude dessa projeção, o discurso poético reforça o efeito de sentido de verdade ao comportar um “estatuto paradoxal”, na medida em que “[...] sintaticamente é abstrato [...]; semanticamente, é um discurso figurativo e, como tal, [é] garantia de uma forte eficiência comunicativa”, dizem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 375).

Essa afirmação é mais bem explicada na entrada “metaforização”, quando Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 306) também alertam para a constatação de que o aspecto paradigmático da produção discursiva ainda pressupõe a “[...] substituição de um indivíduo semiótico por outro [...]”, que é a metaforização. Em outras palavras, em uma língua existem conjuntos de sememas que possuem pelo menos um sema comum. Esse sema comum é que propicia a esses sememas integrarem uma isotopia, já que ela é constituída da iteração de semas. O problema que os semioticistas enxergam na função poética jakobsoniana está no

fato de o pesquisador explorar as semelhanças e não as diferenças que, no sentido saussuriano, produzem a significação. Porém, esse problema é remediado, na metodologia semiótica, pelas isotopias figurativas, formadas no eixo sintagmático²⁰.

O que os autores do *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]) querem dizer com isso é que, embora haja semelhança nos semas iterados, essa semelhança é “anulada” pelas diferentes figuras que revestem os mesmos semas. No que concerne à metáfora²¹, já que os semioticistas estão tratando de metaforização, ela é apreendida no discurso conforme constitui uma isotopia figurativa que ultrapassa o nível da frase no discurso. Nesse sentido Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 307) afirmam que os procedimentos de substituição paradigmática “[...] se apresentam como interligadores de isotopias e, depois, em intervalos regulares, como mantenedores ou conectores de isotopias que as ligam umas às outras; as isotopias figurativas remetem quer a outras isotopias figurativas, quer a isotopias temáticas mais abstratas”. Reproduzindo palavras de Fiorin (2014), a fim de compreendermos melhor o que o procedimento de substituição paradigmática significa, na prática,

O que determina um plano de leitura de um texto é um conjunto de recorrências semânticas que se distribuem ao longo do tecido linguístico. [...] Essa reiteração de um traço semântico que constitui um plano de leitura é chamada isotopia. Há muitos textos que são pluri-isotópicos, isto é, que admitem várias leituras. [...] Esses diferentes planos de leitura podem relacionar-se metafóricamente ou metonimicamente. (FIORIN, 2014, p. 46).

Toda essa discussão em torno das derivações e substituições paradigmáticas mediadas pela metonímia e pela metáfora demonstra que a aproximação entre a Retórica e os estudos discursivos, no caso, a Semiótica, configura outra contribuição jakobsoniana para o projeto semiótico e para a figuratividade. Esse é o mesmo ponto de vista de Baldan (2003, p. 1) ao afirmar que Roman Jakobson teve um importante papel para a Linguística ao “[...] mostrar [...] as noções de metáfora e metonímia como caracterizadoras de diferentes tipos de discurso e não apenas como figuras de palavras ou frases”.

Se, no *Dicionário* de 1979, a aproximação entre Semiótica e Retórica aparece mediada por Jakobson no verbete “metaforização”, fica mais estreita no verbete “retórica”, no qual Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 421) deixam claro que as problematizações teóricas em

²⁰ Ainda em “Introduction à l’analyse structurale des récits”, Barthes (1966, p. 13) já afirmava que Greimas havia corrigido/completado o “paradigmatismo das funções” desenvolvido, originalmente, por Jakobson.

²¹ De acordo com Fiorin (2014, p. 34), “a metáfora é uma concentração semântica” que por meio de “[...] traços comuns a dois significados que coexistem [...], dá concretude a uma ideia abstrata [...], aumentando a intensidade do sentido”. No exemplo “O homem é um cordeiro”, a ideia abstrata de mansidão é atribuída ao “homem”, tornando mais intensa a sua característica de ter um gênio brando. É, pois, oposta à metonímia, que tem o caráter de promover a “difusão semântica”, ou seja, espalha o valor semântico pelo discurso (FIORIN, 2014, p. 37).

torno do discurso fizeram ressurgir um interesse pela retórica e alguns aspectos desta disciplina podem contribuir para a resolução de questões que inquietam os semioticistas no final da década de 1970. Haja vista que, segundo Olivier Reboul (2004 [1991], p. XIV), “a retórica não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam persuadir [...]”, o posicionamento de Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 421) de que à retórica concerne a classe dos discursos persuasivos e que a parte da disciplina denominada “inventio”, “[...] poderia ser reexaminada como um depósito ‘em língua’ tanto dos principais temas discursivos, quanto das figurações discursivas mais genéricas [...]” muito a aproxima dos estudos sobre a figuratividade, também problematizada à época. Os semioticistas ainda levam em conta a integração das figuras de retórica à semiótica enquanto componente estilístico, e a possibilidade de estudo de “figurações discursivas mais genéricas” na semântica fundamental, tornando as duas disciplinas ainda mais próximas.

Cabe esclarecer, no entanto, que a aproximação entre retórica e figuratividade ou figuras não ocorre a partir do *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), existe registro da relação entre figuratividade, isotopia e retórica anos antes dessa obra ser publicada. Em nossa investigação, o termo “figuratividade” aparece pela primeira vez em 1973, no Brasil, em uma das aulas do curso “Semiótica da narrativa”, ministrado por Greimas na Universidade Barão de Mauá. Em 1982, essa aula é transcrita e publicada na forma de artigo, “*Métaphore et isotopie*”, na revista *Significação*. Nesse texto, Greimas (1982, p. 5-11) se ocupa, a princípio, da construção de uma metalinguagem científica – referindo-se à metalinguagem semiótica –, e descreve a dificuldade de se parafrasear a linguagem objeto por meio de uma língua construída, ou seja, mostra que não é fácil constituir equivalências semânticas e conseguir identidade total entre as duas linguagens (a metalinguagem e a linguagem objeto). Quando essa fusão acontece, contudo, significa que a construção metalinguística conseguiu se identificar com a representação semântica figurativa da língua objeto, o que faz com que a metáfora (relação de equivalência semântica) quase desapareça.

Esse “quase” deve-se ao resquício que fica como um lembrete de que existe uma equivalência entre os termos, mas não uma identidade. Isso se evidencia em semas semelhantes entre esses dois níveis, mas que, ao mesmo tempo, os diferencia. O semioticista chama essa recorrência de semas de isotopia, além de afirmar que o conjunto de isotopias garante a coerência do discurso. No entanto, explica: as relações de junção em um enunciado exigem um operador metalinguístico que, *a priori*, equivale a operações metafóricas, configurando um problema para a enunciação; problema que é resolvido na medida em que ocorre a passagem “do grau frástico ao grau discursivo”, ou seja, quando são constituídas

isotopias que interligam os níveis profundo (onde ficam as operações lógicas e abstratas) e superficial e produzem significação nas relações hierárquicas entre eles (GREIMAS, 1982 [1973], p. 11).

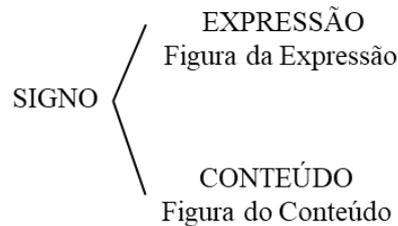
Considerando essa explicação greimasiana, esse texto não só faz uso de elementos retóricos para explicar as relações hierárquicas de produção do sentido, como traz uma potencial formulação do conceito de figuratividade: ela propicia a equivalência entre o nível das operações lógicas e o nível que comporta a sintaxe antropomorfa, e as metáforas são recursos semânticos que permitem a transição do abstrato ao figurativo. Assim, uma das formas em que a metaforização pode ser vista é da perspectiva de que “[...] há um nível abstrato e não figurativo a partir do qual, graças às metáforas que constituem uma isotopia, pode-se passar a um nível figurativo” (GREIMAS, 1982, p. 11-12, tradução nossa²²). Além disso, existem várias isotopias figurativas ou metafóricas, o que possibilita “[...] dizer que a metaforização [equivalente aos conectores de isotopias] é o estabelecimento de relações entre várias isotopias que, em si, são todas figurativas” (GREIMAS, 1982, p. 12, tradução nossa²³).

A contribuição hjelmsleviana à definição de figura é notada nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*²⁴ (2003 [1943]). Nessa obra, Hjelmslev (2003 [1943], p. 47-52) assegura que a linguagem é um sistema de signos, tal qual preconiza Saussure, acrescentando que um signo é o resultado da união de um plano da expressão com um plano do conteúdo. No entanto, para que esse sistema, que é a linguagem, funcione, novos signos precisam ser produzidos frequentemente, ou seja, é necessário à linguagem um número ilimitado de signos. Para garantir o cumprimento dessa exigência (a existência de um número ilimitado de signos), os signos são ajudados por “não-signos”, que são limitados e não têm uma significação completa devido ao fato de serem formados, ou somente pelo plano da expressão, ou somente pelo plano do conteúdo. Dito de outro modo, se um signo é formado da semiose entre expressão e conteúdo, os “não-signos” são a expressão e o conteúdo, tomados separadamente, antes de se tornarem signos. Além disso, esses “não-signos” são denominados figuras, uma vez que as situações comunicativas nem sempre requerem a união do mesmo plano da expressão com o mesmo plano do conteúdo. Vejamos a ilustração que segue:

²² Techo original: “qu’il y a un niveau abstrait et non figuratif a partir duquel on peut, grâce à des métaphores qui, elles, constituent une isotopie, passer à un niveau figuratif”.

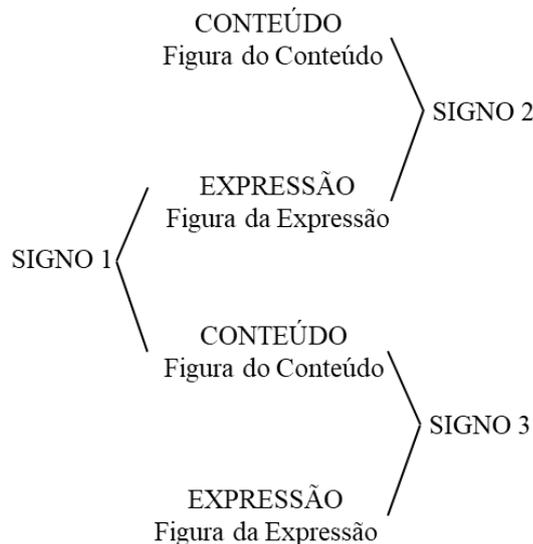
²³ Trecho original: “[...] dire que la métaphorisation est l’établissement de relations entre plusieurs isotopies qui, elles, sont toutes figuratives”.

²⁴ Publicada em 1943, o título original dessa obra é *Omkring sprogteoriens grundlæggelse*. Ela foi traduzida para o inglês *Prolegomena to a theory of language* pela primeira vez em 1953, para o francês *Prolegomènes à une théorie du langage* em 1968, para o alemão *Prolegomena zu einer Sprachtheorie* em 1974 e para o português *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* em 1975.

Figura 3 – Signo e “não-signos”

Fonte: autora.

Em razão da não obrigatoriedade de união da mesma expressão com o mesmo conteúdo, associações distintas entre os planos da linguagem podem produzir novos signos, com significados diferentes do signo primeiro a depender da combinação realizada, pois, tanto o primeiro signo pode possuir o mesmo plano do conteúdo que o atual, mas não o mesmo plano da expressão, como pode acontecer o contrário, permanecer a expressão e mudar o conteúdo. É por isso que, por exemplo, o lexema (signo) “manga” pode significar “fruto da mangueira” ou “parte de uma vestimenta que cobre os braços”. Da mesma forma, uma figura do conteúdo como “morte” pode receber como significante a expressão lexical “indesejada das gentes” (no estilo de Manuel Bandeira) ou a representação icônica dos esqueletos de Bruegel²⁵.

Figura 4 – Diferentes constituições sígnicas pelos “não-signos”

Fonte: autora.

Resumindo, para o linguista dinamarquês, as figuras só passam a serem signos quando uma figura da expressão se une a uma figura do conteúdo, propiciando não só o surgimento de

²⁵ Referimo-nos à pintura *Triunfo da morte* (1562), de Pieter Bruegel, o velho, em exposição no Museu do Prado, em Madri (Espanha).

um signo, mas de um signo com significação diferente, conforme a situação comunicativa, ou o contexto. Hjelmslev (2003 [1943], p. 51) deixa claro que uma linguagem, ou o sistema de signos, depende de um arranjo entre as figuras da expressão e as figuras do conteúdo para que se obtenha um número ilimitado de signos. Nesse sentido, as línguas “[...] conforme sua estrutura interna, elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos” (HJELMSLEV, 2003 [1943], p. 52).

A figura, em Hjelmslev, pode ser entendida, portanto, como um indício da noção de figura na teoria greimasiana. Dizemos isso, pois, em Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209), a figura semiótica é definida como uma unidade decomponível em *sema*²⁶ ou *fema*²⁷, unidades mínimas (categorias figurativas) dos dois planos da linguagem: o *sema* para o conteúdo e o *fema* para a expressão. Todavia, como essa terminologia pode causar confusão em análises de semióticas não linguísticas (chamar de *fema* ou fonema, a categoria figurativa da expressão de um texto visual, por exemplo), as categorias figurativas passaram a ser chamadas de figura do conteúdo – que comporta a figura nuclear (ou núcleo sêmico) – e figura da expressão. Assim, da mesma maneira que o linguista dinamarquês compreende a figura como um manifestante em relação com um manifestado, em semântica discursiva, conforme Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209), o termo “figura” fica reservado às “[...] figuras de conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural) [...]”, mundo imediatamente percebido pelo sujeito. Na próxima seção, vemos como a figura é abordada pela semiótica desde *Semântica estrutural* (1973 [1966]).

1.2.2. A teoria do figurativo no interior da semiótica discursiva

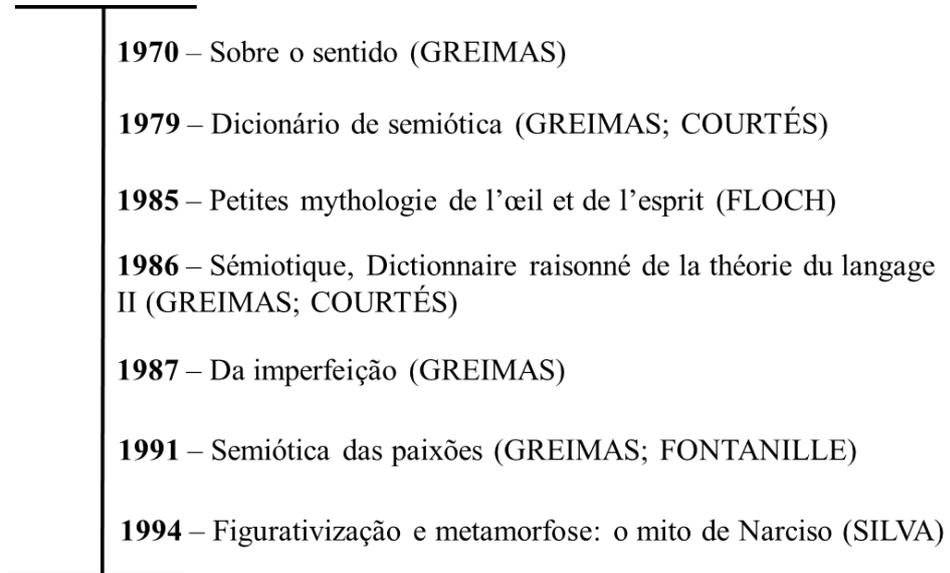
Tendo apresentado as contribuições da Linguística e de outras disciplinas do campo das ciências humanas, como a Teoria Estética, para a compreensão do papel da figuratividade na semiótica discursiva, empreendemos, agora, uma breve revisão histórica da construção do conhecimento semiótico sobre esse conceito. Visto que a finalidade dessa revisão é situar a figuratividade minimamente na história da semiótica a fim de que, no decorrer das análises, possa ser compreendida em toda a sua complexidade, adiantamos ao leitor desta tese que o percurso traçado por essa revisão histórica é embasado em obras que representam momentos não necessariamente de ruptura, mas de transformação, de reflexão mais acentuada sobre o fazer semiótico e também sobre a figuratividade. Apontamos essas obras na figura 5:

²⁶ Traço mínimo de sentido no plano do conteúdo, segundo Edward Lopes (1976, p. 158).

²⁷ Unidade linguística mínima no plano da expressão (E. LOPES, 1976, p. 151).

Figura 5 – Marcos teóricos da figuratividade na história da semiótica

1966 – Semântica Estrutural (GREIMAS)



2000 – Caminhos da semiótica literária (BERTRAND)

Fonte: autora.

Como mostra a ilustração acima, partimos de *Semântica Estrutural: pesquisa de método*²⁸, publicada por Greimas em 1966, momento em que está muito preocupado com as questões relativas à significação, que para ele cria e, ao mesmo tempo, pode apreender diferenças (FIORIN, 2003, p. 32). A semiótica, como adverte Fiorin (2003, p. 48) a respeito da proposta greimasiana nessa obra, tem o objetivo de determinar “[...] o sistema estruturado de relações que produz o sentido do texto” e não o sistema da língua, como fizera Hjelmslev vinte e três anos antes. Assim, em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), o semioticista dedica boa parte de sua atenção ao estudo de um elemento conceitual fundamental para a produção do sentido: a figura.

Greimas (1973 [1966], p. 63-73) chama a figura, inicialmente, de figura nuclear, pois é constituída de núcleo semântico e figura sêmica. A figura nuclear corresponde ao núcleo sêmico de um lexema e, embora possua um caráter geral, recobre, de forma aberta, as derivações semânticas possíveis. Essa propriedade da figura nuclear é exemplificada por Greimas (1973 [1966], p. 102) a partir da análise do lexema “cabeça” (*tête*), que pode significar, metonimicamente, a parte de um animal (o todo), mas também pode ser reconhecida como uma cabeça de alho, explica. O lexema cabeça é, pois, uma figura exteroceptiva (do senso comum) que de forma recorrente está associada ao sema

²⁸ Utilizamos, neste trabalho, a obra traduzida para o português em 1973, *Semântica Estrutural: pesquisa de método*, mas o título original, publicado em 1966 é *Sémiotique Structurale: recherche de méthode*.

“extremidade”. A figura nuclear integra, assim, um procedimento no qual um lexema produz lexemas derivados em uma situação comunicativa (GREIMAS, 1973 [1966], p. 102-103).

É, entretanto, ao tratar das manifestações figurativas e “não-figurativas” do discurso que Greimas (1973 [1966], p. 176-182) demonstra, de forma mais concreta, o modo como uma figura se relaciona com a significação do ponto de vista semiótico. São as manifestações figurativas que possibilitam a descrição no discurso, visto que as categorias sêmicas gerais que formam as figuras têm a capacidade de sustentar e de enquadrar a descrição de tal modo que mesmo quando as manifestações figurativas ficam implícitas no discurso, remetem a uma explicitação, a uma concretização (ou modelo). Em seu entendimento, a manifestação “não-figurativa” – aquela que apresenta sememas com menos semas em seu interior, ou figuras nucleares dissolvidas, criando configurações mais abstratas, mais distantes de modelos imediatamente perceptíveis – também é portadora de sentido. A diferença entre a manifestação figurativa e a “não-figurativa” está no fato de a segunda ser percebida de forma mais sutil no interior do discurso, como geralmente ocorre no discurso científico.

Ainda em 1966, Greimas publica no nº 8 da revista *Communications*, “Por uma teoria da interpretação da narrativa mítica”²⁹, texto embasado nos trabalhos de Claude Lévi-Strauss sobre mitos e que introduz aos estudos semânticos a importância da isotopia narrativa para a significação. Nesse trabalho, a isotopia é entendida como:

[...] um conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme da narrativa, tal como ela resulta das leituras parciais dos enunciados após a resolução de suas ambigüidades, esta resolução ela mesma sendo guiada pela procura da leitura única. (GREIMAS, 1975 [1970], p. 174).

As palavras do semioticista parecem já antever, nessa definição, a possibilidade de arranjos figurativos que permitem leituras pluriisotópicas haja vista posicionar-se dizendo que, em uma narrativa, a isotopia produz leituras parciais, ambíguas, e que as diferentes leituras podem se convergir em uma leitura única. Greimas (1975 [1970], p. 174-175) ainda esclarece que é a organização isotópica que permite as diferentes leituras sobre os planos discursivo e estrutural da narrativa, no caso, a mítica, e ainda assegura a importância da isotopia para o estabelecimento dos jogos da verdade, entre ser e parecer, e até mesmo de jogos da decepção³⁰. Além disso, faz referência à noção de figura ao afirmar que os elementos

²⁹ Em nossas citações e referências futuras utilizamos a versão republicada e traduzida por Maria Zélia Barbosa Pinto na coletânea *Sobre o sentido (Du sens)* em 1970.

³⁰ Para tratar dos jogos da decepção Greimas (1975 [1970], p. 192-193) desenvolve um esquema na seção intitulada “A vingança”, afirmando que, no futuro, tal esquema permitirá chegar a uma tipologia da decepção.

da narrativa que constituem uma isotopia manifestam-se na forma de lexemas e que, a depender da organização narrativa, isto é, da posição ocupada na narrativa, podem comportar diferentes efeitos de sentido (GREIMAS, 1975 [1970], p. 178-181).

Em 1969, em simpósio intitulado “Estudos Cognitivos e Pesquisa de Inteligência Artificial³¹”, organizado pela Fundação Wenner-Gren, o mestre lituano apresenta a comunicação “A estrutura semântica” (“La structure sémantique”), também publicada como um capítulo de *Sobre o sentido* (1975 [1970]). Nesse texto, Greimas (1975 [1970], p. 42-43) retoma o exemplo do lexema cabeça para associar a figura nuclear ao processo de percepção do mundo manifestado na e pela linguagem, e revela que o mundo é apreendido na forma de expressão, que corresponde à manifestação sensível das línguas naturais. Em outras palavras, à medida que o homem percebe o mundo (natural), esse mundo só se torna cognoscível, ou seja, reconhecido e apreendido por ele através da linguagem (língua natural).

Usando termos greimasianos, a partir da percepção, a expressão (o mundo percebido, como o sol ou o calor, por exemplo) é transcodificada em conteúdo e tornada inteligível na manifestação linguística da estrutura semântica. É essa transcodificação que faz o sol ou a sensação tátil a ele relacionada (o calor), exemplificação de mundo percebido, serem reconhecidos. Isso quer dizer, de acordo com Greimas (1975 [1970], p. 43), que o mundo considerado “existente” para o homem é projetado semanticamente como “existente” e “significante” ao ser transformado em linguagem. Afinal, o mundo natural nada mais é que “[...] a natureza enformada pela cultura”, esclarecem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 449), e é por essa razão que, ao discorrer sobre o mundo natural³² no artigo “Condições para uma semiótica do mundo natural” (1975 [1970; 1968])³³, o pesquisador refere-se às figuras como “*figuras* do mundo”, um mundo que é forma e não substância (GREIMAS, 1975 [1970], p. 51, grifo do autor).

Essa relação direta das figuras com o mundo natural, com a forma como o homem o percebe discursivamente, estreita-se em *Maupassant a semiótica do texto: exercícios práticos*³⁴. Na obra, Greimas (1993 [1976]) relaciona dois tipos de estruturas axiológicas na construção da valoração figurativa presente na análise de um conto de Guy Maupassant: uma

Fica evidente, nesse texto, um estudo embrionário do ser do sujeito, ou seja, uma antecipação do que virá a se tornar um estudo das manifestações passionais.

³¹ Título original: “Cognitive Studies and Artificial Intelligence Research”.

³² Greimas e Courtés entendem por mundo natural o simulacro, o mundo criado pelo enunciador a partir da colocação de figuras em uma “estrutura discursiva”, e, portanto, superficial, que remetem ao mundo conhecido pelo “senso comum”. É para os autores “[...] o ‘enunciado’ construído pelo sujeito humano e decifrável por ele” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 324).

³³ Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar em *Sobre o sentido* (1975 [1970]).

³⁴ Título original, de 1976: *Maupassant: la sémiotiques du texte, exercices pratiques*.

elementar, que remete à manifestação figurativa proposta em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), classificada como “[...] estereótipos culturais cuja universalidade não está provada, mas cuja generalidade [...] é evidente” (GREIMAS, 1993 [1976], p. 130); e uma abstrata, que equivale à manifestação “não-figurativa”. Essas duas estruturas axiológicas são homologadas pela figurativização do discurso, uma em relação à outra, levando a uma valoração das figuras. Esses valores podem ser assumidos em um universo individual figurativo, no qual um universo socioletal representa coletivamente os valores individuais e o universo idioletal organiza, a seu modo, um “sistema de valores individuais”; e ainda em um universo coletivo figurativo, em que o universo socioletal equivale ao mitológico e o universo idioletal interpreta individualmente os valores coletivos, assevera Greimas (1993 [1976], p. 130-131).

Em 1979, no tomo I do *Dicionário de semiótica*³⁵, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209-2013) a figura e mais dois termos a ela inerentes, figurativização e figurativo, são conceituados. Ao tratarem da figura, partem da concepção hjelmsleviana acerca do conceito para instalar a figura no cerne das análises de conteúdo do percurso gerativo do sentido. De acordo com Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 210), as figuras resultam da combinação e da organização de fonemas (expressão) e de sememas (conteúdo), mais precisamente de figuras da expressão e de figuras do conteúdo. No entanto, essa definição fica ainda mais acertada se ao termo figura ficarem reservadas apenas as “[...] figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural)” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 210), de modo que os semas contextuais recorrentes – que só fazem sentido na relação com outros semas – não integrem a figura nuclear, responsável por recobrir apenas a parte figurativa do semema. Dessa forma, as figuras de conteúdo se instalam no percurso gerativo a fim de propiciar o investimento semântico tanto ao nível figurativo, quanto ao nível abstrato do discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 210).

O figurativo é entendido, nesse sentido, como um qualificativo da figura, na medida em que seu emprego requer a relação de um conteúdo de uma linguagem com a expressão de uma semiótica do mundo natural (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 212). Já a figurativização, é considerada por Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 210), nesse momento de construção teórica, como um conjunto de “[...] procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado”. Entendem que os simulacros do mundo natural no percurso gerativo do sentido são construídos pela figurativização, isto é, instauram figuras de valor a

³⁵ O título original é *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Porém, consultamos, neste trabalho, a segunda edição, de 2011, da versão traduzida para o português pelos membros do Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” (CESAJG).

fim de recobrirem os valores que subjazem os discursos, como exemplificam suas palavras: “O discurso que relata a busca do automóvel, o exercício e, eventualmente, o reconhecimento por outrem do poder que ela permite manifestar será um discurso figurativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 211). Ademais, não somente cabe à figurativização especificar e particularizar o discurso abstrato (temático) apreendido nas estruturas profundas de modo que atores, espaço e tempo sejam projetados na sintaxe discursiva pelo sujeito da enunciação, como também compete a esse procedimento recobrir os temas com figuras que em termos de densidade sêmica tanto podem ter um grau de cobertura figurativa mais genérico, como mais específico, neste caso, mais próximo da iconização. Assim, figuras como “rei” e “inverno” seriam menos próximas da reprodução do real do que um nome próprio ou uma datação, dizem os semioticistas (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 212).

Uma vez que o termo figuratividade é recorrente entre os semioticistas pelo menos desde 1973³⁶, os autores reconhecem que um estudo sobre a figuratividade já é corrente, mas não a conceituam, tendo em vista ainda considerarem a sua conceituação “perigosa”. Essa decisão mostra-se pertinente na medida em que atribuem à figuratividade afigurar-se como quarta acepção de “figurativização”, na qual pressupõem a existência de “[...] dois patamares nos procedimentos de figurativização: [...] da *figuração*, ou seja, instalação das figuras semióticas (uma espécie de nível fonológico); [...] da *iconização*, que visa revestir exhaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 212). Em outras palavras, se a figurativização, nesse momento é vista realizando não somente o procedimento de iconização, mas também o de figuração, não seria difícil considerar “figuratividade” e “figurativização” termos sinônimos, daí o risco de uma conceituação apressada (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 211).

Entre o primeiro e o segundo *Dicionário*, ou seja, entre 1979 e 1986, em várias publicações nos *Actes Sémiotiques* e em teses defendidas, esse conceito semiótico herdado dos estudos sobre iconologia e iconografia –, conforme seções anteriores, foi reclamado a operacionalizar as análises semióticas, sendo, ainda, a própria figuratividade, objeto de estudo dos semioticistas. É em decorrência de debates iniciados no ateliê de semiótica visual no final dos anos 1970, que Jean-Marie Floch publica *Petites mythologie de l’œil et de l’esprit* em 1985, obra que comporta análises em que a figuratividade é requisitada no tratamento das relações entre a “visão” e o “espírito”, entre o visível e o sentido. Do ponto de vista de Floch (1985, p. 13), esse novo olhar para e sobre a figuratividade configura uma abertura

³⁶ Consideramos, aqui, o curso de Greimas “Semiótica da narrativa”, ministrado na FFCL Barão de Mauá em julho de 1973.

“semiótica” às linguagens visuais que não pretende dar conta das qualidades visíveis dos objetos estudados sem “apagar” seu significante, uma vez que nenhuma imagem, para o semioticista, se reduz às variações literárias. Por esse motivo, as sete análises realizadas nesse trabalho, todas tendo como objeto textos visuais, não se ocupam de imagem, da linguagem ou dos signos em si, mas, sim, das operações semióticas que envolvem figuratividade (mais e/ou menos concreta), sincretismo e plasticidade (FLOCH, 1985, p. 12).

Em vista disso, Floch (1985, p. 14-15) examina as organizações figurativas à medida que identifica as relações semissimbólicas que fazem emergir o sentido dos textos pictóricos, portanto, plásticos, haja vista o semissimbólico ser, segundo o pesquisador, lugar do exercício do pensamento mítico que, por ser correlativo e contrastivo, visa à apreensão dos contrários que coexistem nas estruturas profundas. Além disso, Floch (1985, p. 18) antecipa proposições acerca da figuratividade, sobretudo da figura, que serão formalmente instituídas na semiótica discursiva no *Dicionário* de 1986, como a relação entre o figurativo e o figural. De acordo com o pesquisador, na análise das obras figurativas, ao invés de se distinguir o abstrato do figurativo, é mais adequado distinguir o “figurativo” e o “figural”. Desse modo,

O figurativo implicaria no recorte usual do mundo natural, seu conhecimento e seu exercício da parte daquele que, na imagem, reconhece objetos, personagens, gestos e situações. Quanto ao figural, ele seria um figurativo... “abstrato”, implicando uma articulação [...] do mundo visível ou de um universo visível construído, mas cujas unidades não são ainda “feitas” (no sentido de “arranjadas”) por figuras do mundo “natural”. (FLOCH, 1985, p. 18-19, tradução nossa³⁷).

Em 1986, a figuratividade já foi amplamente discutida entre os semioticistas e já integra a metalinguagem semiótica depois de ser reiterada em teses como as de Bertrand e de Courtés, defendidas em 1983, que se transformaram em obras como *L'espace et le sens. Germinal d'Emile Zola* (1985) e *Le conte populaire: poétique et mythologie* (1986), respectivamente, bem como em trabalhos a exemplo de *Petites mythologie de l'œil et de l'esprit* (1985), de Floch. Em outros termos, a figuratividade já era um conceito estabilizado na metalinguagem semiótica, ou seja, reconhecido e cristalizado pelo uso. A publicação do tomo II do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), serve para, finalmente, institucionalizar a figuratividade, conceituá-la, uma vez que já era amplamente realizada nas análises semióticas.

³⁷ Trecho original: “Le figuratif impliquerait alors le découpage usuel du monde naturel, sa connaissance et son exercice de la part de celui qui reconnaît, dans l'image objets, personnages, gestes et situations. Quant au figural, il serait un figuratif... ‘abstrait’, impliquant une articulation [...] du monde visible ou d'un univers visible construit, mais dont unités ne sont pas encore ‘faites’ (au sens d’‘apprêtées’) aux figures du monde ‘naturel’”.

Assim, nessa obra, que Greimas e Courtés são organizadores e não autores de todos os verbetes como em 1979, cabe a François Rastier, bem como a Denis Bertrand e a Jean-Marie Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90-91) esclarecerem as dúvidas suscitadas em 1979 acerca do conceito e formalizarem concepções teóricas a respeito da figuratividade em circulação entre os semioticistas há vários anos³⁸.

De acordo com Rastier (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90), a figuratividade foi observada de início enquanto efeito resultante da colocação das figuras em discurso, ou seja, como responsável por estabilizar as isotopias figurativas que, sintagmaticamente, atualizam o sentido da primeira figura por meio das figuras subsequentes com as quais se relacionam. Isso quer dizer que, colocada a primeira figura no discurso, as seguintes vão recuperar o sentido já virtualizado da primeira, de modo que o conjunto de figuras possibilite o reconhecimento dos valores recobertos por elas como “existentes” no mundo natural.

Até então vistas atuando apenas no nível discursivo do percurso gerativo do sentido, as figuras semânticas tinham a função de se organizarem no tecido do discurso para a produção do efeito de realidade, fazendo referência a elementos do mundo real em um procedimento chamado de ancoragem³⁹. É nesse sentido que a figuratividade passou a ser entendida como produtora da referencialização, na medida em que um discurso denominado figurativo constrói a sua credibilidade por meio da alta densidade sêmica e de conexões das figuras, resultando em um efeito de iconicidade – “uso abundante da referencialização”, acrescenta Rastier (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90-91).

Entretanto, a figuratividade também pode se constituir no sentido inverso, ou seja, pode “[...] ‘revestir’ as estruturas profundas, conforme o princípio de enriquecimento e complexificação sêmica que rege a passagem das estruturas fundamentais às estruturas superficiais”, explicam Bertrand e Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91, tradução nossa⁴⁰). Na verdade, elas se organizam em vários níveis de profundidade à medida que as isotopias vão se desreferencializando, estruturando a significação de forma mais abstrata até chegarem a uma linguagem figurativa metassemiótica. Nesse nível de abstração, a figuratividade organiza e estrutura os conceitos e os valores que conformam o viés ideológico, isto é, a “visão do mundo” que o discurso comporta. É, assim, virtualizados no nível

³⁸ Trataremos dessas proposições teóricas no quinto e no sexto capítulos, no exame dos textos selecionados e listados no quadro 14.

³⁹ Diana Luz Pessoa de Barros (2005, p. 58) define a ancoragem como “[...] atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’, pelo procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os ‘iconizam’, os fazem ‘cópias da realidade’. Na verdade, fingem ser ‘cópias da realidade’, produzem tal ilusão”.

⁴⁰ Trecho original: “[...] ‘habillage’ des structures profondes, conformément au principe d’enrichissement et de complexification sémique qui régit le passage des structures fondamentales aux structures superficielles”.

profundo, que os valores convergem em temas no nível semionarrativo. Tendo, a semiótica, atribuído essas características operacionais à figuratividade, ela passa a ser vista articulando e unindo os espaços cognitivo e tímico e a ser entendida não como uma dimensão autônoma do discurso, mas como o “[...] elemento constitutivo das diferentes ordens de conversão da categoria tímica inerentes a sua produção” (BERTRAND; FLOCH *in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90, tradução nossa)⁴¹, além de favorecedora da estruturação paradigmática do discurso (entrelaça os níveis do percurso gerativo).

No ano seguinte, em *Da imperfeição*⁴², Greimas (2002 [1987]) situa a figuratividade nos estudos semióticos sobre o sensível e exalta a sua importância na construção de novas significações até mesmo por meio da sensorialidade. A esse respeito, considerando a construção do objeto no meio do campo perceptivo (2002, p. 34-35), ressalta que é produzindo a descontinuidade sobre o contínuo do espaço visual que o objeto estético se constitui. A um só tempo, a experiência estética admite uma hierarquia de sensações, ou seja, a percepção estética pode ocorrer no estrato eidético, que é mais superficial, passando pelo cromatismo até chegar à luz. Essa experiência é construída no texto pelas organizações figurativas, como mostra a descrição do avanço do olhar do sujeito Palomar no texto de Calvino:

[...] o avanço é, como se sabe, a forma figurativa do desejo [...] prolongando assim a isotopia da visualidade pela tutilidade. Pois o tato é algo a mais do que a estética clássica dispõe-se a nele reconhecer – sua capacidade para explorar o espaço e levar em conta os volumes: o tato se situa entre as ordens sensoriais mais profundas, ele exprime proxemicamente a intimidade optimal e manifesta, sobre o plano cognitivo, a vontade de conjunção total. (GREIMAS, 2002, p. 35-36).

O avanço do olhar de Palomar provoca um estremeamento nesse sujeito, o que leva Greimas (2002, p. 36-37) a esclarecer, sobre as reações patêmica e sensorial do sujeito, que as paixões da alma e do corpo são reunidas como uma fusão momentânea do homem e do mundo no sincretismo dos actantes sujeito e objeto, e, ainda, como concretização da estesia; esta, figurativizada pelo estremeamento, que ocorre quando o sujeito olha de perto o objeto.

Diante dessas novas formas de ver a figuratividade na (re)construção do sentido, em “A escuta do sensível”, Ignacio Assis Silva (1996, p. 19), diz que “esse novo papel da figuratividade mostra que o evento estético se liga à paixão”. De fato, a relação da figuratividade com o sentido, que ultrapassa a identificação de elementos do mundo natural,

⁴¹ Trecho original: “[...] élément constitutif, les différents ordres de conversion de la catégorie thymique inhérente à sa production”.

⁴² O título da publicação de 1987 é *De l'imperfection*. Todavia, utilizamos em nossas consultas a versão traduzida para o português em 2002 por Ana Cláudia de Oliveira, intitulada *Da imperfeição*.

pois se associa à experiência sensível, ao modo como o sujeito percebe e apreende o sentido pelos sentidos (ou pelo corpo), torna-se fulcral em *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*⁴³, levando Greimas e Fontanille (1993 [1991], p. 13) a afirmarem que “é pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua – que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito”.

Esse ponto de vista atrela-se, dessarte, à afirmação greimasiana de que ao contrário do entendimento de que a figuratividade seria apenas enfeite ou embelezamento da linguagem, devido à sinestesia que provoca nos sujeitos, ela é responsável pela possibilidade de o sujeito que percebe desvendar o além do sentido de um enunciado. Exemplo disso é a percepção da linguagem pictórica, que possui uma “grade de leitura” própria, somente lida porque está fundamentada na figuratividade. Nesse sentido, Greimas (2002, p. 74) esclarece que a figuratividade não tem função decorativa, pois é a “tela do parecer” que se entreabre como uma “possibilidade de além (do) sentido”, graças ou em razão de sua imperfeição.

Também em 1991, Teresa Keane explora ainda mais esse novo tratamento dado à figuratividade. Ao propor que ela tem duas faces, uma profunda e outra superficial, Keane (1991) não somente organiza o seu funcionamento na construção do sentido de um texto, como a associa à dimensão estética. Ponto de vista semelhante é o de Silva (1995a) que propõe a descrição sistemática, objetiva e consciente, bem como uma “estruturação dos primitivos figurativos” através da constituição de uma “[...] gramática profunda dos modos de expressão, através de figuras, dos grandes temas que embasam e embalam o ser-estar do homem no mundo” (SILVA, 1995a, p. 29).

Orientado pelas propostas greimasianas presentes em *Da imperfeição* (2002 [1987]), o autor de *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* finaliza esse pensamento inserindo a ideia de que a figuratividade está ligada ao imaginário humano, que seria um macrouniverso e, ao mesmo tempo, ao texto que espelha esse imaginário, um microuniverso (SILVA, 1995a, p. 30), que corresponderiam (macro e microuniverso) às faces profunda e superficial de que também trata Keane (1991). Essas proposições de Keane e de Silva demonstram novas perspectivas em relação ao estudo e ao funcionamento da figuratividade, alinhando-se, ambos, às proposições presentes no tomo II do *Dicionário de semiótica* (1986) e em *Da imperfeição* (2002 [1987]).

⁴³ Neste trabalho, consultamos a obra traduzida para o português, publicada em 1993. O título original da publicação de Greimas e Fontanille, de 1991, é *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d'âme*.

Em 2000, Denis Bertrand publica *Précis de sémiotique littéraire* ou *Caminhos da semiótica literária*⁴⁴. Ainda na introdução, esclarece que o método de análise da semiótica, em última instância, privilegia quatro dimensões – a narrativa, a passional, a figurativa e a enunciativa – que se articulam de forma muito apropriada para a construção da significação em um texto literário. Ao conferir o estatuto de “dimensão” à figuratividade, o semioticista reafirma que, nesse momento da história da semiótica, a figuratividade já ultrapassou os limites do nível discursivo, como já afirmara Floch em 1986, tomo II do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, e não somente perpassa todos os níveis de significação do discurso, como também é fundamental para a produção do sentido na medida em que “[...] inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente, a percepção e as formas de sensorialidade” (BERTRAND, 2003 [2000], p. 29), reafirmando o ponto de vista sobre a figuratividade pós-*Da imperfeição* (2002 [1987]).

Ademais, Bertrand (2003 [2000], p. 17-21) resgata a importância das raízes fenomenológicas na construção da teoria ao lado da linguística (saussuriana e da enunciação) e da antropologia cultural, uma vez que é influência da fenomenologia expressões como “parecer do sentido”, “véu do parecer”, “tela do parecer” caras a Greimas e à semiótica, pois é graças à figuratividade que o mundo sensível pode ser visto e, conseqüentemente, apreendido. Assim, para demonstrar o quanto a figuratividade se aproxima da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, pois se relaciona a elementos da percepção para apreender sensorialmente os objetos do mundo natural, o semioticista explica que a dimensão figurativa

[...] se interessa pela maneira como se inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente, a percepção e as formas da sensorialidade. Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, é tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas (BERTRAND, 2003 [2000], p. 29).

De mais a mais, nessa obra dividida em cinco partes para apresentar a semiótica discursiva e os desenvolvimentos teóricos mais atuais à época, aplicados ao discurso literário, o autor dedica três capítulos à figuratividade. Segundo Bertrand (2003 [2000], p. 205, grifos do autor), esses capítulos correspondem a três fases de reflexão semiótica sobre o conceito: “[...] a introdução do conceito de figuratividade no contexto da semiótica estrutural; o percurso dos efeitos de sentido figurativos num *continuum* que vai da iconicidade à abstração; a relação estreita entre figuratividade da linguagem e ato de percepção”. Em outros termos, a

⁴⁴ Consultamos, nesta pesquisa, a publicação de 2003, *Caminhos da semiótica literária*, traduzida pelo Grupo CASA da UNESP de Araraquara.

perspectiva bertraniana é de que o primeiro momento da figuratividade instaura o conceito nas estruturas da teoria, ainda que reconhecido apenas no nível discursivo do percurso gerativo do sentido, em grande medida devido à organização isotópica dos temas e das figuras para a construção dos efeitos de sentido; o segundo momento constata que a figuratividade possibilita o reconhecimento da semiose na representação visual, haja vista a observação de que existe uma gradação da manifestação figurativa mais icônica à mais abstrata; e o terceiro momento reconhece não somente que a figuratividade transita por todos os níveis do percurso gerativo, mas, sobretudo, que a sensorialidade é uma abertura para o além dos limites do sentido, posicionamento teórico evidente a partir de *Da imperfeição* (2002, [1987]).

Apresentamos, neste primeiro capítulo, a figuratividade e os movimentos na história da semiótica para a compreensão do papel desse conceito na disciplina, tendo como textos orientadores, aqueles que, no sentido lato, são considerados fundamentais para o estudo da figuratividade e, a um só tempo, configuram-se marcos teóricos para o projeto semiótico. O modo como as pesquisas foram conduzidas para se chegar a esses resultados, bem como os possíveis desdobramentos teóricos provocados pelas mudanças de paradigmas ora apresentadas e aqueles que surgiram (se surgiram) a partir dos 2000 serão mostrados nas análises. No capítulo a seguir, ocupamo-nos dos elementos metodológicos que amparam a nossa pesquisa semio-históricográfica.

2. A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO SEMIO-HISTORIOGRÁFICO

[...] a historiografia de uma disciplina científica diz respeito não apenas ao exame da sua prática, enquanto produto, mas também da sua prática, enquanto atividade – produção, divulgação e recepção [...]. (ALTMAN, 1998, p. 24-25).

Como no capítulo anterior tratamos do nosso objeto de investigação, ou seja, da figuratividade em sua imanência, das suas especificidades e da sua abrangência na economia geral da semiótica, dedicamo-nos, neste capítulo, a apresentar os procedimentos metodológicos necessários à realização de nossa pesquisa. Isso quer dizer que, para darmos continuidade à nossa investigação, trazemos à luz os aspectos teórico-metodológicos da HL, bem como elementos da metodologia da semiótica discursiva.

É através da amálgama de métodos de levantamento de dados e de análise dessas duas disciplinas que, como será mostrado adiante, realizamos o levantamento de textos-fontes a serem analisados e desenvolvemos critérios para a identificação da relevância de ideias sobre a figuratividade, tendo em vista correlacioná-los a uma tipologia de ideias sobre esse conceito. Ao mesmo tempo, as duas metodologias contribuem para a reconstrução do processo de institucionalização da semiótica no Brasil e na França a partir da criação dos grupos de especialidades e para a identificação de práticas realizadas por esses grupos, responsáveis por, entre outras ações, fazer evoluírem os estudos sobre a figuratividade e/ou sobre conceitos com que ela se relaciona. Dito isso, iniciamos o nosso percurso metodológico apresentando a HL.

2.1. Historiografia Linguística: aspectos teórico-metodológicos

A Historiografia Linguística ou HL, como já vem sendo chamada, é uma linha de pesquisa acadêmica que reúne duas disciplinas – Linguística e História –, uma vez que esse campo científico investiga o saber já produzido sobre a linguagem conforme a língua é observada na interação social, ou seja, como explica Cristina Altman (1998, p. 25), ela tem por objetivo “[...] descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”. Essa proposta de trabalhar com a descrição e a explicação do modo como o conhecimento linguístico é produzido e se desenvolve em uma cultura, considerando outras disciplinas das ciências humanas, vai ao encontro do pensamento de autores como o polonês Ernst Frideryk Konrad Koerner, considerado o precursor desse campo de estudo, e Pierre Swiggers, que desenvolveram aparatos metodológicos similares para esse campo das ciências da linguagem.

Segundo Jarbas Vargas Nascimento (2005, p. 2-3), a HL se desenvolve a partir da Linguística Histórica e atinge o estatuto de disciplina desvinculando-se da História da Linguística e da Gramática Histórica na medida em que busca a interdisciplinaridade entre elas. Entretanto, ao mesmo tempo em que se desprende dessas disciplinas, essa interação entre Linguística e História mantém contato com a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia e a Psicologia, “procedimento pluridisciplinar” que, em suas palavras, torna “[...] possível conciliar perspectivas teóricas, históricas e socioculturais e agregar valores no processo de compreensão e interpretação do documento” (J. NASCIMENTO, 2005, p. 3). Trata-se, nesse sentido, de um retorno ao passado de uma teoria, reatualizando “os dados impressos nos documentos” investigados que não somente possibilita interpretar a atividade de pesquisa do passado, mas também como se reflete no presente. Essa reconstrução linguística da memória da teoria é de tal modo sistematizada para que os dados materializados nos documentos não se percam no processo natural de rememoração e possam, concomitantemente, interagir e dialogar com épocas distintas de produção do conhecimento. Dessa maneira, o pesquisador pode conhecer profundamente o seu passado e ter domínio teórico suficiente para identificar contribuições futuras para a disciplina investigada (J. NASCIMENTO, 2005, p. 3-4).

De acordo com Swiggers (2010, p. 2-3), a correlação de diferentes disciplinas das ciências humanas – como a Linguística, a História, a Filosofia e a Sociologia da Ciência – é necessária ao trabalho historiográfico para responder a questões relacionadas à aquisição do conhecimento linguístico, bem como à formulação, difusão, preservação e/ou perda, além de relação de influência, de poder, de longevidade “entre as ‘extensões’ coexistentes ou subsequentes ao conhecimento linguístico”. Explicando melhor o pensamento desse pesquisador, se se pretende conhecer a história de uma ciência, nesse caso a história da linguística, no nosso, a história de um conceito da semiótica, é preciso conhecê-la no que concerne à sequência dos fatos que a constituem. Por outro lado, também é condição dessa tarefa a identificação dos acontecimentos que perturbam essa história, assim como dos desafios que fazem mudar o rumo da teoria e provocam mudanças de pontos de vista (quando uma ideia tida como verdade passa a ser uma incerteza e/ou torna-se ultrapassada), fazendo avançar essa ciência. É nesse sentido que a Filosofia e a Sociologia são convocadas a participar desse processo de reconstrução da história do conhecimento linguístico, pois contribuem para a explicação de como esse saber surge, é difundido, se transforma e/ou se perpetua em meio às demais teorias que constituem as ciências humanas.

Essa perspectiva de Swiggers (2010) também é assumida por Cristina Altman (1998, p. 27), para quem historiografar uma disciplina científica vai além de definir se as práticas

científicas passadas serão reconstruídas a partir de momentos de continuidade ou de ruptura, pois, como esclarece, “o fato de a produção do conhecimento não resultar da simples acumulação de conquistas passadas, progressivas, em uma mesma direção, não implica obrigatoriamente que tenha havido só rupturas”. Por isso, cabe ao historiógrafo realizar um exame sistemático “[...] das condições passadas de produção e de recepção do conhecimento linguístico [...]” a fim de resgatar os pressupostos teóricos que conduziram os pesquisadores do passado a propor e a desenvolver novas técnicas de investigação, bem como produzir novos conhecimentos científicos sobre as línguas e a linguagem (ALTMAN, 1998, p. 28).

Também refletindo sobre as continuidades e as discontinuidades dos fatos históricos, observadas conforme esses fatos são reconstituídos, J. Nascimento (2005, p. 4) alerta que:

[...] o historiógrafo da língua deve saber que sua especificidade não se prende somente à materialidade linguística do documento, lugar onde se organiza e se enquadra um modo de compreensão da realidade, mas também se estende ao território do contexto intelectual, espaço extralinguístico por meio do qual se pode chegar ao conhecimento do histórico e do social. Para isso, faz-se necessária [...] a capacidade de síntese e de seleção, capacidade de percepção das possíveis repercussões que um fato registrado pode ter no futuro, bem como formação intelectual adequada para interpretar fontes primárias.

A “[...] produtividade linguístico-histórica na interpretação do documento [...]”, dessa perspectiva, é operada na HL por meio: da quebra da dicotomia sincronia/diacronia, pois possibilita recortar “o processo de mudança que sofre a língua, a fim de apreendê-la em sucessivos espaços de tempo em que alterações e permanências são perceptíveis em determinados estados de língua”; e da convergência entre continuidade e discontinuidade, uma vez que há um direcionamento do exame e da “interpretação das marcas linguísticas no contexto de sua história”, assevera J. Nascimento (2005, p. 4). De forma mais sucinta, Altman (1998, p. 35) é assertiva ao dizer que “[...] o avanço [...] do conhecimento que produzimos em ciência(s) da linguagem ocorre não só por rupturas e discontinuidades mas também por acumulação e continuidades”. E complementa que tanto os momentos de divergência quanto os de convergência são “[...] igualmente importantes para o refinamento do conhecimento produzido no âmbito da disciplina”.

Dito de outro modo, conforme Altman (1998) e J. Nascimento (2005), a reconstrução da história do conhecimento linguístico investigado não pode ser realizada sem se levar em conta toda a complexidade que cerca a produção científica, que se dá, ao mesmo tempo, na continuidade, através de acumulação de conhecimento, e na ruptura com proposições passadas, pois na medida em que há rejeição de ideias erigem-se discontinuidades.

Do mesmo modo que os demais pesquisadores, no artigo “A importância da historiografia linguística e o lugar da história nas ciências da linguagem”, originalmente publicado em 1977, no volume 14 da revista *Foundations of Language* sob o título “The Importance of Linguistic Historiography and the Place of History in Linguistic Science”, Koerner (2014a [1977], p. 9) defende que a história da linguística é essencial para a disciplina como um todo e propõe uma historiografia cuja missão dentro dessa disciplina esteja ligada ao “[...] facto de a história da linguística poder perfeitamente construir uma chave muito valiosa para uma melhor compreensão e apreciação da história das ideias em geral [...]” o que “[...] só pode reforçar o seu significado” (KOERNER, 2014a [1977], p. 12). É nesse sentido que oferece quatro razões que justificam a necessidade de se estudar a história da linguística, estando a primeira direcionada para a própria teoria à medida que o historiógrafo adquire perspectiva e distanciamento que lhe permitem distinguir tanto os ganhos proporcionados por teorias novas, como a ausência de fundamento dessas teorias. A segunda razão está relacionada ao fornecimento de dados, ou seja, de informações necessárias à obtenção de conhecimento sobre o modo como o seu próprio campo se desenvolve. Em terceiro lugar, é necessária a promoção da habilidade de julgar, ou melhor, de contrastar teorias novas que porventura surjam ou que sejam opostas às já existentes, assegurando que não se aceite ou não se rejeite acriticamente tais propostas. A última razão relaciona-se com a possibilidade de abertura a conhecimentos multidisciplinares, ampliando a experiência pessoal do cientista (KOERNER, 2014a [1977], p. 12).

As preocupações de Koerner (1996, p. 46) são, desse modo, voltadas à reconstrução crítica do percurso de uma disciplina, ou de um conceito, ou de uma obra, pois mesmo que o historiógrafo relate acontecimentos passados, sua tarefa ultrapassa a descrição da história de uma atividade linguística. O historiógrafo da linguística também afirma que, para a realização de um bom trabalho historiográfico, em meio aos inúmeros dados oferecidos ao historiógrafo durante a pesquisa é crucial que ele saiba filtrar as informações essenciais entre os fatos levantados a partir de fontes originais (KOERNER, 1996, p. 47). Por isso, a atividade historiográfica busca conhecer os movimentos da teoria na história e é preciso que o pesquisador organize o seu campo e selecione, ordene, reconstrua e interprete os fatos considerados relevantes para a pesquisa.

Arelado às proposições koernianas, Jarbas Nascimento (2005, p. 7) atribui à HL a tarefa de lidar com questões relacionadas com a periodização, a contextualização e os procedimentos de investigação do objeto estudado, embora, para o historiador de linguística

polonês, o papel do pesquisador nesse campo atinja um desafio metodológico mais amplo (e que compreende as proposições desta pesquisa em particular):

Há vários problemas metodológicos – e epistemológicos – que enfrenta o historiógrafo da linguística. Estes incluem questões de **periodização**, **contextualização** e, geralmente, **procedimentos de investigação**, assim como questões relativas às mudanças de ênfase na prática linguística atual, a **identificação de diferentes fases de desenvolvimento num quadro teórico particular**, ou em períodos de tempo mais amplos, e no papel de fatores externos, por exemplo, os sócio-políticos, **na aceitação ou rejeição de um referencial teórico** (KOERNER, 1996, p. 58, grifos nossos).

Dessa maneira, preparando-se para enfrentar os desafios metodológicos impostos pela disciplina, J. Nascimento (2005, p. 7-8) defende o uso de uma metalinguagem própria que possibilite a descrição do passado da prática linguística no presente sem que os termos técnicos da atualidade interfiram no sentido das terminologias que a modernidade visa explicar, ou seja, os termos contidos nos textos-fontes, conforme propõe Koerner (1996, p. 58). Sendo assim, para evitar que o passado seja interpretado de forma equivocada, com base em informações distorcidas no momento de sua reatualização, propõe, como recurso de metalinguagem, o uso dos três princípios koernianos de operacionalização – contextualização, imanência e adequação teórica (tratamos deles na seção seguinte).

De sua parte, para que a tarefa do historiógrafo seja empreendida com sucesso, Swiggers (2009, p. 68) defende a existência de uma metodologia que confira cientificidade à pesquisa, que leve em conta o objeto, o período a ser descrito, o material que o pesquisador possui, a disposição do pesquisador e a perspectiva adotada por ele. Nesse sentido, a descrição historiográfica se baseia na constituição de um *cópus* cuja extensão pode abranger uma obra particular, o conjunto da produção de um autor, ou um conjunto de textos que tratem do conhecimento sobre a linguagem. Pensando em tudo isso, desenvolve procedimentos metodológicos para a disciplina que, concomitantemente, fazem coro com os desenvolvidos por Koerner (1996) e os complementam, além de serem incorporados, em maior ou menor medida, ao método de investigação adotado por Altman (1998).

2.2. Organização da pesquisa em HL

Assim como as demais teorias científicas, a HL possui uma metalinguagem utilizada como ferramenta para a identificação e descrição de seu objeto. No entanto, antes de aplicá-la à pesquisa recomenda-se dar atenção a três princípios que, como afirma Koerner (1996, p.

60), devem ser adotados pelo pesquisador que utiliza métodos de análise dessa disciplina: contextualização, imanência e adequação.

De acordo com Koerner (1996, p. 60), o “princípio de contextualização” leva em conta, primeiramente, todas as influências do espírito intelectual, social, econômico e político da época em que as ideias linguísticas pesquisadas se desenvolvem. Trata-se da observância da produção e do desenvolvimento do conhecimento linguístico no interior do “espírito de época”⁴⁵ que impera na cultura, visto que para Koerner (2014b, p. 94) um objeto “[...] só pode ser compreendido por si mesmo e através do seu tempo”, reproduzindo palavras em nota de rodapé, direcionadas a estudo empreendido sobre o linguista Wilhelm von Humboldt.

Esse ponto de vista koerniano muito se assemelha às ideias de Gaston Bachelard (1966 [1949], p. 248) em *Le rationalisme appliqué* ao discorrer sobre a complexidade que permeia a ciência de seu tempo. Nessa obra, pondera que os conceitos científicos se organizam em um conjunto de ideias que formam o pensamento científico e, de forma intercambiável, se inter-relacionam a fim de se tornar coerentes à medida que se integram ao espírito científico que lhes é contemporâneo. Além disso, o espírito científico é formado em meio a uma “conversão de interesses” que, no intuito de avançar cientificamente, preservando, assim, o princípio do compromisso científico, também pode abandonar as ideias e os valores existentes em busca de novas descobertas, abrigadas nos valores que não são aceitos pela norma vigente. Em vista disso, a atenção dada pela pesquisa historiográfica ao clima de opinião de uma época considera o fato de que “[...] o documento analisado não pode ser destituído de seu contexto histórico-cultural, [e] das concepções linguísticas [...] em circulação à época de sua produção”, reproduzindo palavras de Jarbas Nascimento (2005, p. 8).

O “princípio da imanência” consiste em conhecer por completo o objeto da pesquisa, ou seja, conhecer o objeto histórica, crítica e, se possível, filologicamente, respeitando a linguagem da época e mantendo distância da formação individual do pesquisador e de doutrinas linguísticas modernas, após a localização e a compreensão do objeto em “seu contexto histórico original”. Esse cuidado de analisar o texto no interior de seu próprio quadro teórico, abstendo-se de concepções contemporâneas e modernizantes, é imprescindível para o pesquisador não incorrer em “[...] distorções sérias das ideias e intenções dos linguistas, dos filósofos da linguagem, ou dos gramáticos do passado” (KOERNER, 1996, p. 60-61). Além

⁴⁵ A expressão “espírito do tempo” ou “espírito de época”, originalmente emprestada do termo alemão “*zeitgeist*”, nasceu do pensamento desenvolvido pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Na obra *Filosofia da história* (1999 [1837], p. 15), Hegel assevera que cada período de tempo guarda conjuntos de eventos que lhe são peculiares, exigindo ações adequadas às situações ali e daquela maneira vivenciadas que, por isso, o individualiza em relação aos demais momentos da história.

disso, preserva, à medida que restaura o passado, “[...] as influências e as manifestações histórico-intelectuais da época [...]” materializadas nos textos-fontes da pesquisa, esclarece Jarbas Nascimento (2005, p. 8). Esse tipo de informação, do ponto de vista metodológico, não pode ser negligenciado, pois as influências tanto podem ser reveladas de forma indireta, por meio de experiências compartilhadas, educação e espírito de época, quanto de forma direta, [...] “documentada com base em referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, e assim por diante”, reproduzindo palavras de Koerner (1996, p. 61).

Quanto ao princípio de adequação, o último a ser observado, mas não menos importante que os demais, o pesquisador deve interpretar o trabalho, o conceito ou a teoria e o vocabulário técnico da época cuidadosamente e, de forma explícita, torná-los compreensíveis para o leitor da atualidade, mas sem mudar o significado original de teorias discutidas no passado (KOERNER, 1996, p. 60). Segundo o pesquisador, a não ser que o historiógrafo tenha por objetivo utilizar os mesmos termos da época da teoria investigada em sua prática descritiva, é impossível escapar à necessidade de tornar a linguagem do passado mais acessível ao leitor contemporâneo, o que o desafia a evitar, a todo custo, “[...] distorcer a intenção e [o] significado originais” (KOERNER, 1996, p. 59).

Em adição aos princípios koernianos, cabe considerar as reflexões de Swiggers (2010, p. 4-5) em artigo traduzido por Cristina Altman, “História e historiografia da linguística: *status*, modelos e classificações”, no qual ele defende que o trabalho historiográfico pode ser organizado sob três aspectos – descritivo, epi-historiográfico e meta-historiográfico –, sendo admissível que mais de um desses aspectos seja abordado ao mesmo tempo. Desse modo, uma pesquisa de abordagem descritiva, segundo o pesquisador, alia a descrição explicativa das informações, desde o ponto de partida da pesquisa até o “presente do historiógrafo”, ao relato dos fatos relacionados com o passado da teoria investigada. Inevitavelmente, todo trabalho de cunho historiográfico realiza essa atividade, restando ao pesquisador associá-la a uma ou às duas outras perspectivas.

Dessa forma, a escolha por uma abordagem epi-historiográfica, por um lado, coloca em foco as contribuições dos pesquisadores (seja individuais seja organizados em grupos de trabalho) para a teoria em exame – que também podem ser chamados de “agentes do campo”, nos termos de Pierre Bourdieu (2004 [1997]; 1975), ou de atores do discurso, em termos greimasianos⁴⁶ –; por outro, a produção científica desses pesquisadores, que equivale a um arquivo do conhecimento sobre essa teoria. Além disso, o “[...] componente epi-

⁴⁶ Nesse caso, considerando que o ator é constituído do papel actancial de sujeito, que busca e produz o conhecimento, e do papel temático de pesquisador, ambos construídos pelo discurso do historiógrafo.

historiográfico também integra o material documental produzido por historiógrafos, como meio de apoio e reforço à pesquisa meta-historiográfica”, tipo de organização que, por outro lado, tem por objeto “[...] as práticas e os produtos historiográficos”. Dito de outro modo, a meta-historiografia pode desenvolver novos métodos de reflexão sobre o passado linguístico, avaliar o resultado das pesquisas de caráter historiográfico ou delimitar e expor o objeto, o *status* e a organização e as perspectivas relativas ao campo da HL (SWIGGERS, 2010, p. 5), estratégia de pesquisa que não corresponde aos nossos propósitos.

O respeito aos princípios koernianos – inicialmente, os princípios de contextualização e de imanência, até chegar, por fim, ao princípio de adequação – é notado no trabalho de Swiggers (2009) na medida em que ele imbrica os três princípios defendidos por Koerner (1996, p. 60) à sua metodologia de investigação e análise. De acordo com o Swiggers (2009, p. 70), o primeiro passo em uma pesquisa de natureza historiográfica é acessar os textos-fontes, sempre considerando três parâmetros: cobertura, perspectiva e profundidade. A “cobertura” equivale ao período, ao espaço geográfico e/ou à temática que constituem o objeto a ser estudado. A “perspectiva” corresponde ao ponto de vista mais interno, que pressupõe uma análise imanente (voltada para o objeto em si) ou mais externo da historiografia, ou seja, envolve o contexto sócio-histórico e político em que o objeto está inserido. Na “profundidade”, a depender da documentação disponível e do interesse do analista, a pesquisa pode se concentrar na apresentação de dados e de textos, ou na crítica histórica de ideias e de práticas, ou na explicação dos “[...] grandes processos de evolução na história” do objeto.

O princípio de adequação (KOERNER, 1996, p. 60) está associado à última parte da proposta de Swiggers (2009, p. 70-71), na qual é preciso analisar, descrever e interpretar os materiais identificados para, por fim, expor os resultados, conforme outros três parâmetros: formato de exposição, intencionalidade do historiógrafo e programa cognitivo. De acordo com o analista, o “formato de exposição” das informações pode obedecer a uma sequência narrativa, focalizando seja a análise de um tema seja a análise de um problema; ou pode relacionar contexto e pontos de vista diferentes dentro de algum momento na história. Quanto à “intencionalidade”, cabe ao historiógrafo apresentar as considerações mais adequadas, relevantes, válidas e científicas acerca do objeto estudado. Por fim, no “programa cognitivo” é definido o perfil intelectual do trabalho executado, que propõe a realização de quatro tipos de historiografia: o atomístico, o estrutural-conceitual, o axiomático-arquitetônico ou o teórico-correlativo. No perfil “atomístico”, o foco é a narração dos fatos e eventos na história do elemento linguístico seguindo uma ordem cronológica. Já o “nocional-estrutural” prefere

analisar internamente “[...] um conjunto de determinados conceitos que correspondem a uma ‘teoria’ ou ‘modelo’”. O perfil “axiomático- arquitetônico” compara teorias com foco nos pressupostos, nas hipóteses nas demonstrações empíricas, entre outros elementos que conferem cientificidade a um modelo teórico. O perfil “correlativo” correlaciona teoria e contexto sociocultural e/ou político e/ou institucional, como esclarece Swiggers (2010, p. 6).

De mais a mais, para Swiggers (2010, p. 6) o perfil intelectual está relacionado com o tipo de abordagem adotado pelo historiógrafo, que pode ser “discriminadora” (ou discriminador-imanente), mais adequada à epi-historiografia, tendo em vista a “[...] inclinação maior para a história das ideias e das ‘conquistas’ linguísticas [...]”, uma vez que foca a formulação e a difusão de ideias, ao passo que pode ser “tipologizante” se o objetivo for dar destaque aos “[...] modelos (ou modelizações) do conhecimento linguístico [...]” que interessam à meta-historiografia. Dessa forma,

[...] enquanto a abordagem discriminadora é muito mais sujeita a um tratamento “atomístico” ou “estrutural-conceptual”, a abordagem tipologizante tende a seguir um perfil “axiomático-arquitetônico” ou “teórico-correlativo”. Mas então, novamente, um modo “sociocorrelativo” de narrativa histórica se imporá para ambos os tipos, quando a pesquisa focalizar a contextualização social e institucional das ideias linguísticas (SWIGGERS, 2010, p. 6).

De sua parte, Koerner (1996, p. 57) não acredita que uma abordagem discriminadora (história das ideias) contribua para a disciplina de forma tão efetiva, pois o historiógrafo pode chegar aos mesmos resultados ainda que não adote esse tipo de abordagem. Para ele, já é consenso na HL que o desenvolvimento das teorias linguísticas está imbricado seja ao espírito científico e intelectual que compõem o clima de opinião da época seja às “[...] atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”. No entanto, concorda com a contribuição de Stephen Murray (1994) para o aspecto social desse tipo de abordagem no que tange à formação de “grupos de especialidade”.

Desse modo, com base nas proposições metodológicas de Koerner (1996) e Swiggers (2009; 2010), e apesar das críticas do linguista polonês à história das ideias, optamos por uma abordagem epi-historiográfica e pelo perfil correlativo, pois pretendemos correlacionar pontos de vista sobre a figuratividade em semiótica e o contexto institucional em que o conceito surge e se desenvolve, inevitavelmente, um ponto de vista “‘sociocorrelativo’ de narrativa histórica”, como alerta Swiggers (2010, p. 6). Além disso, considerando que o tratamento epi-historiográfico em uma pesquisa visa à identificação dos pesquisadores, dos grupos de especialidades (ambiente institucional) e a produção científica que decorre de seus trabalhos,

assim como nossa proposta prevê investigar a produção científica sobre semiótica em artigos científicos publicados em periódicos especializados em semiótica discursiva, para cotejar as ideias dos grupos de pesquisadores especialistas e identificar similitudes e diferenças no estudo sobre a figuratividade que empreendem, faz-se necessário compreender como esses grupos se formaram e de que modo se mantém ativos no campo da semiótica levando em conta as contribuições de Murray (1994) para a HL e os estudos de Pierre Bourdieu sobre a constituição de um campo científico.

2.3. Como surgem os grupos de especialidades?

Em *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*, Pierre Bourdieu (2004 [1997], p. 18-20) explica que as instituições exercem um papel social em que são responsáveis pela edificação, pela conservação e pelo fortalecimento das áreas científicas de conhecimento que abrigam e promovem. Para o sociólogo, conforme a ciência se constitui como tal e é produzida, também é arregimentada, isto é, alinha-se a um modo de fazer próprio de um grupo científico cujo objetivo extrapola a contribuição científica para a sociedade ou as descobertas visadas, pois se estende na busca pela perpetuação da ciência ali realizada.

Para evitar posicionamentos extremos ora voltados para a preocupação com a ciência em si mesma ora para a relação entre a ciência e o contexto sociocultural e econômico onde é construída, Bourdieu (2004 [1997], p. 20) propõe que “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência” seja chamado de campo, uma vez que apesar de esse universo ainda ser um meio social (ou “mundo social”, como prefere dizer), é um ambiente com leis estritas – específicas para o atendimento de suas particularidades –, sendo, por essa razão, um espaço com diferentes graus de liberdade para a realização do fazer científico em relação às leis sociais *lato sensu*. Dito de outra maneira, não obstante o campo obedecer a normas próprias no interior de uma cultura, não é completamente independente das leis sociais que regem aquela sociedade como um todo. Assim sendo, sua autonomia é relativa porque cada campo se submete de forma mais ou menos acentuada às imposições das leis sociais gerais de modo a torná-lo autônomo em maior ou menor medida em relação a essas leis, ou seja, às pressões que lhe são externas. Logo, o grau de autonomia de um campo⁴⁷ (nesse caso, sempre nos referindo ao campo

⁴⁷ Para Bourdieu (2004 [1997], p. 21), tanto a “ciência pura” de um lado quanto a “ciência escrava” de outro, a primeira livre de imposições sociais e a segunda totalmente dependente das demandas externas, são ruins para o campo científico.

científico, como as ciências humanas, ou a uma disciplina em particular, como a semiótica) depende da sua capacidade de resistir às demandas político-econômicas⁴⁸ e a mesma regra pode ser aplicada às instituições, que podem ser mais heterônomas ou mais politizadas, embora a politização não seja necessariamente positiva devido ao risco de a política não ser suficientemente competente para impedir a intervenção de princípios heterônomos (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 21-22).

Considerando a reunião de pesquisadores com interesse comum no interior de um campo, formando um grupo de especialistas em determinada teoria que assumem posicionamento comum com relação aos empreendimentos científicos que demandam dessa teoria e, conseqüentemente, conformam o campo, a análise historiográfica toma a expressão “grupos de especialidade” emprestada do sociólogo do conhecimento norte-americano Stephen Murray (1994), *Theory groups and the study of language in North America: A social history*, que investiga a formação de grupos científicos no âmbito dos estudos da linguagem. Nesse estudo antropológico, nos termos do pesquisador, conforme examina o modo como a Antropologia Linguística investigada nos Estados Unidos é unificada e se diversifica na história da disciplina por meio da formação de grupos ou comunidades de cientistas e da relação que estabelecem entre si, Murray (1994) reconhece que existe um processo de formação desses grupos, que conforme buscam legitimidade e respeito dos demais grupos, além da relação de afinidade teórica ou intelectual, precisam se reconhecer como membros da mesma comunidade científica, dividir os mesmos valores e atuar como uma unidade em dado campo científico.

De acordo com Cristina Altman (1998) e Ronaldo Batista (2013), embasados nesse estudo de Murray (1994), da formação inicial até o seu estabelecimento no interior de um campo científico, os grupos de especialidades passam por quatro estágios que, em condições ideais, podem ser reconhecidos como: normal, de liderança intelectual, de sucesso intelectual e social, e *cluster* (noção de conjunto ou agrupamento)⁴⁹. No estágio “normal”, o primeiro,

⁴⁸ Essa capacidade de resistência do campo, nas palavras de Bordieu (2004 [1997], p. 21), “[...] são os mecanismos que o microcosmo [campo científico enquanto meio social particular] aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas”.

⁴⁹ Patricia Veronica Moreira (2019, p. 60-62) faz uma leitura diferente de Altman (1998) e Batista (2013) dos estágios de formação dos grupos de especialidades. Para a autora, que também se fundamenta em Murray (1994), os quatro estágios são: normal, de liderança organizacional, grupo de especialidade e acadêmico. No entendimento de Moreira (2019, p. 61-62) os dois primeiros estágios constituem fases rudimentares da formação de grupos. O sucesso intelectual e social e a formação *cluster* configuram um processo de transição para o terceiro estágio, o qual é reconhecido pelo fato de o grupo tornar-se institucionalizado. O estágio acadêmico, dessa forma, corresponde à consequência de o reconhecimento acadêmico tornar a ciência produzida pelo grupo o novo normal. Preferimos conduzir o nosso trabalho com base nas proposições de Altman (1998) e Batista (2013).

apesar de unidos pelo mesmo interesse, os pesquisadores mantêm um relacionamento distante entre si, muito provavelmente pela ausência de um líder intelectual, em que se nota a existência nula ou quase nula de trabalho coletivo, haja vista a identificação de poucas coautorias e a ausência de polemização de ideias. Nessa fase primeira, para o autor, a formação do grupo é ainda rudimentar (MURRAY, 1994, p. 14-15).

O estágio seguinte é o da “liderança intelectual”, aquele em que se dá o reconhecimento de um ou mais pesquisadores responsáveis pela produção e difusão⁵⁰ científica do grupo. Em outros termos, os líderes intelectuais são aqueles cientistas que terão seus projetos (revolucionários ou não) assumidos pelos demais membros, mantendo-os atuantes no campo científico (MURRAY, 1994, p. 22). A liderança intelectual advém, portanto, do reconhecimento positivo de determinadas ideias, conforme Altman (1998, p. 42), mas não é suficiente para que um grupo exista. Ela precisa estar associada a uma “liderança organizacional”, responsável por executar as ideias legitimadas como boas, segundo a pesquisadora brasileira. Nesse sentido, Murray (1994, p. 23, tradução nossa⁵¹) esclarece que cabe à liderança organizacional a organização de horários, bem como conseguir “[...] investimentos financeiros e facilidades para a pesquisa; meios para comunicar descobertas e nomeações para aqueles que fazem pesquisas validadas pelos líderes intelectuais”.

Em outros termos, as lideranças intelectual e organizacional equivalem ao que o sociólogo francês chama de “capital científico” do campo. No artigo “La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison”, Bourdieu (1975, p. 95) explica que o capital científico (lê-se, no artigo, capital social) corresponde ao reconhecimento de valor da produção de um pesquisador em particular por parte dos pares-concorrentes dentro do campo. Esse reconhecimento de mérito é medido por meio de prêmios, traduções para línguas estrangeiras, número de citações⁵², ou seja, são indicadores que conferem prestígio, reputação, autoridade, competência, entre outros atributos no interior desse campo. Esse é um capital científico que exerce um poder específico. Não obstante, em *Os usos sociais da ciência* (2004 [1997], p. 35) menciona um segundo tipo de capital científico: aquele que

⁵⁰ De acordo com Wilson Costa Bueno (1984, p. 15), a difusão científica é “[...] todo e qualquer processo ou recurso utilizado para veiculação de informações científicas e tecnológicas” que pode ser dividido em dois tipos: a divulgação científica e a comunicação científica. O primeiro tipo informa o público alheio à atividade científica responsável pela descoberta divulgada (área de conhecimento, embasamento teórico, metodologia utilizada na pesquisa, etc.), ao passo que o segundo é direcionado aos especialistas pertencentes a determinado campo das ciências, geralmente pesquisadores.

⁵¹ Trecho original: “[...] funds, and facilities for research; means for communicating findings and appointments for those doing research validated by the intellectual leader(s)”.

⁵² Em termos semióticos, a citação a que se refere o autor corresponde a uma anaforização discursiva, um procedimento de recuperação de um discurso realizado por outro discurso, conforme Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 28).

exerce o poder político, ou institucional. É um poder institucionalizado em importantes posições em instituições científicas que dá o direito de gerir os meios de produção e de reprodução da ciência. Em outras palavras, esse tipo de capital comanda os departamentos e os laboratórios, assim como as comissões e os comitês de avaliação ao mesmo tempo em que tem autoridade sobre contratos, créditos, postos e gerencia carreiras.

Desse modo, a ação das lideranças intelectual e organizacional nessa fase de formação dos grupos converge na proposição bourdieuiana de que o campo científico é regido por uma estrutura composta de relações – como pontos de vista, intervenções científicas, lugares de publicação de temas escolhidos, objetos de interesse, etc. – entre seus agentes. Essa estrutura “[...] determina o que eles podem e não podem fazer [...]”; logo, a tomada de posição dos agentes que a integram depende do lugar que ocupam na hierarquia do campo (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 23-24). Dessarte,

Os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, [...] o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, “compensar”, determinando uma concentração de esforços de pesquisa (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 25).

O estágio seguinte da formação de grupos é o de “sucesso intelectual” (e social). É possível identificá-lo quando é percebido maior entrosamento entre os membros, ou seja, quando se estreitam as relações entre professor e aluno, professor e professor, aluno e aluno, ao passo que a comunicação exterior ao grupo fica mais frágil. Nessa fase, o grupo torna-se visível, condição necessária à evolução para o estágio seguinte, quando o seu poderio é testado por ataques de outros grupos, reação considerada um indicador de sucesso (MURRAY, 1994, p. 15-16).

Assim, de acordo com Murray (1994, p. 16-17), no último estágio, “*cluster*”, os trabalhos de coautoria não somente aumentam, como também se dá no grupo a conscientização de sua força enquanto conjunto, seja pelo reconhecimento da produção especializada pela comunidade científica (grupos de alta posição acadêmica), seja pelo envolvimento em polêmicas na relação com outros grupos, seja pela criação de meios de difusão de sua produção científica, tornando-se, por fim, um grupo de especialidade, além de, conseqüentemente, institucionalizado, como comprovam as palavras do sociólogo:

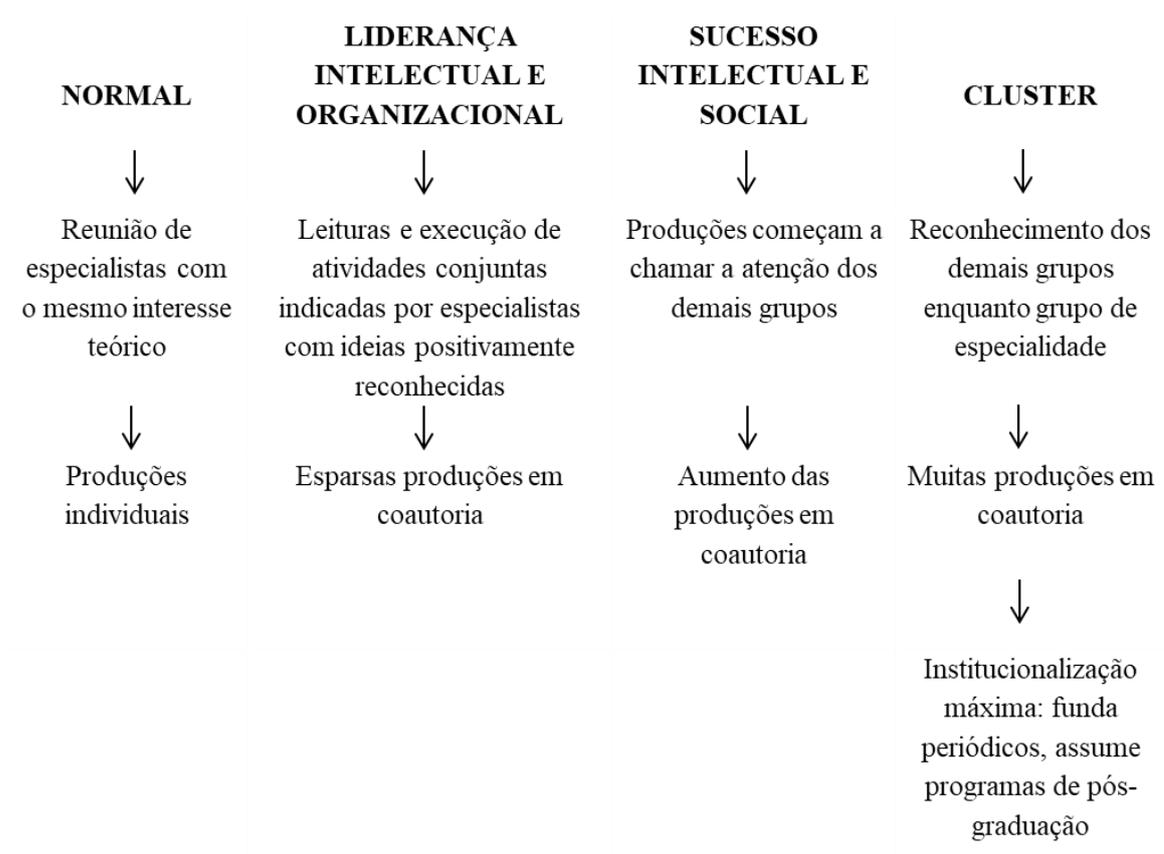
A reação a uma nova linha de trabalho - especialmente a aceitação ou rejeição por editores e avaliadores de periódicos profissionais - determina se o grupo se tornará uma “especialidade de elite” aceita e assimilada em

instituições existentes ou se tornará revolucionária e se sentirá forçada a recuar para formar suas próprias contrainstituições, conquistar as existentes, ou perecer (MURRAY, 1994, p. 16, tradução nossa⁵³).

Por fim, o pesquisador afirma que essa transição de estágios até o nível de especialista não é rígida, mas quando os grupos de especialidade adquirem o estatuto de grupo acadêmico e tornam-se institucionalizados, passam a receber apoio institucional que vai do aumento de membros do grupo à criação de novos periódicos ou apropriação dos já existentes (MURRAY, 1994, p. 17-18). Além disso, mediante o posicionamento dos grupos frente às bases científicas que defendem, podem se colocar em favor da continuidade de trabalhos científicos realizados por grupos que os antecederam ou em oposição a tais preceitos teórico-científicos, caracterizando-se como grupo revolucionário.

A formação dos grupos de especialidades pode ser resumida da seguinte maneira:

Figura 6 – Etapas de formação dos grupos de especialidades



Fonte: autora.

⁵³ Trecho original: “The reaction to a new line of work - especially the acceptance or rejection by editors and referees of professional journals - determines whether the group will become an 'elite specialty' accepted by and assimilated into existing institutions or will become revolutionary and feel itself forced back on itself to form its own counter-institutions, to conquer existing ones, or to perish”.

Ainda que um grupo chegue à última fase, sua longevidade é ameaçada pela inevitabilidade da dispersão de seus membros para vários centros, uma vez que as universidades buscam diversificar os especialistas, tornando quase impossível que um mesmo tipo de pesquisa seja realizado por um tempo longo” (MURRAY, 1994, p. 484). Dessa forma, o sucesso do grupo depende da manutenção da coerência dos estudos apesar da fragmentação dos objetos de investigação. Nas palavras de Murray (1994, p. 484, tradução nossa⁵⁴) “[...] grupos multicêntricos coerentes sobreviveram, em alguns casos, a várias gerações científicas”. Outra dificuldade enfrentada diz respeito à interdisciplinaridade que acompanha a dispersão dos membros do grupo “[...] porque o avanço e o prestígio [de um grupo] são determinados pela intradisciplinaridade e porque a educação e a socialização profissional são principalmente intradisciplinares” (MURRAY, 1994, p. 485, tradução nossa⁵⁵). Todavia, é possível sobreviver aos desafios da dispersão e da interdisciplinaridade se houver liderança intelectual e organizacional, acrescenta Murray (1994, p. 485).

Nesse sentido, a perspectiva bourdieuiana vai ao encontro da proposição de Stephen O. Murray de que são as lideranças que mantêm um grupo em atividade, pois, no tocante à heterogeneidade de pontos de vista no interior de um campo e ao aproveitamento dessa diversidade para fazer progredir a ciência, Bourdieu (2004 [1997], p. 69) propõe a reunião de pesquisadores com diferentes visões em estruturas organizacionais instauradas com vistas à produção coletiva uma vez que os progressos mais significativos da ciência nascem nos laboratórios e nos seminários, que são, em suas palavras, “[...] invenções organizacionais [...] concernentes à maneira de fazer trabalhar em conjunto pesquisadores dotados de interesses diferentes porque inseridos em campos dotados de lógicas quase antagônicas [...]”.

Acerca desse processo de avanço científico, Murray (1994, p. 486, tradução nossa⁵⁶) afirma que “as mudanças na ciência são feitas por grupos, não pela criação automática de ideias por outras ideias, nem por indivíduos isolados, por mais brilhantes que sejam seus pensamentos e pesquisas”. Além disso, são poucos os cientistas que participam de grupos que trazem novas perspectivas teóricas para o campo.

Esse movimento de produção científica, ora em conformidade ora em oposição às ideias vigentes, está em conformidade com os estudos empreendidos por Pierre Bourdieu (2004 [1997], p. 22-23) ao afirmar que o campo científico, assim como qualquer campo, é

⁵⁴ Trecho original: “[...] coherent multi-centered groups have in some cases survived through several scientific generations”.

⁵⁵ Trecho original: “[...] because advancement and prestige are determined intra-disciplinarity and because education an professional socialization are primarily intra-disciplinarity”.

⁵⁶ Trecho original: “Changes in science are made by groups, not by the automatic breeding of ideas by other ideas, nor by single individuals, however brilliant their thoughts and research”.

uma força que constantemente luta pela sua conservação, se não, pela sua transformação. Em vista disso, os pesquisadores (sujeitos individuais e coletivos, como os grupos ou as instituições), isto é, o capital social ou científico do campo, que são os agentes de luta; as pesquisas realizadas por eles, que são a força; e a ação desses agentes dentro do campo científico, bem como as relações objetivas que estabelecem entre si, sobretudo, podem culminar tanto na manutenção da estrutura do campo como foi criado, quanto na deformação do campo em torno de si (dos agentes).

Nesse sentido, um exemplo de ação transformadora no que diz respeito à ação do capital científico, segundo o sociólogo, é a influência einsteniana sobre os físicos contemporâneos ou que lhe sucederam (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 23). Em suas palavras, “[...] não há físico, pequeno ou grande, em Brioude ou em Harvard que (independentemente de qualquer contato direto, de qualquer interação) não tenha sido tocado, perturbado, marginalizado pela intervenção de Einstein” (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 23).

No campo da semiótica, podemos observar essas lutas ora em busca de conservação, ora de ação transformadora cada vez que a *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) de Greimas é reivindicada para embasar pesquisas ulteriores a essa obra, que além de pedra angular da disciplina, fundamenta grande parte das pesquisas, visto ser o argumento de autoridade para diferentes pontos de vista dentro da mesma teoria que fundou. Desde a explicação sobre o papel da figura para a construção do sentido naquela obra de 1966 – passando pela definição do conceito de figura no *Dicionário de semiótica* em 1979; pela proposição de Bertrand e Floch em torno da conceituação da figuratividade, no segundo tomo do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* em 1986; pela discussão em torno da existência de duas figuratividades (uma profunda e outra superficial) no final dos anos 1980 e início dos anos 1990; pela relação entre a figuratividade e as percepções e, até mesmo, da organização figurativa que medeia a materialização dos contornos em figuras nas análises de signos visuais, como pinturas, esculturas, etc. naquela mesma década; ou pela função desse conceito no estudo das práticas empreendido nos anos 2000 –, a influência dessa obra greimasiana é presença constante nos trabalhos desenvolvidos pelos semioticistas que acompanham Greimas entre a década de 1960 e o seu falecimento em 1992, bem como por aqueles que se consideram herdeiros de seu empreendimento teórico, ainda que por intermédio de alunos e contemporâneos do teórico.

Da parte de Bourdieu (2004 [1997], p. 25), para que um pesquisador (agente, segundo o sociólogo; ator, em termos semióticos) venha a ser destinador do fazer do sujeito coletivo (o grupo) de modo que esse último demande esforços sobre questões que são pertinentes para o

pesquisador destinador⁵⁷ – ou liderança intelectual (MURRAY, 1994) –, ele vai depender da força que exerce individualmente sobre o campo científico em que atua. Dessa maneira, o crédito científico a um agente do campo de peso mais frágil na hierarquia só acontece excepcionalmente – se, por acaso, fizer uma descoberta revolucionária que transforme os fundamentos até então estáveis dentro da ordem científica. Nessa última situação, se a compararmos com a pesquisa de Murray (1994), o pesquisador/agente de campo pode formar uma nova frente de trabalho, talvez até dar início a um novo grupo, tendo em vista a ruptura com as ideias até o momento estabelecidas. Por outro lado, essas ideias podem não significar uma ruptura *stricto sensu*, mas uma reformulação teórica que embora não rompa com fundamentos estabelecidos, coloca-os em outra perspectiva. Seria como se houvesse um meio-termo entre a continuidade e a ruptura com uma conduta teórico-científica vigente.

A esse respeito, Altman (1998, p. 43) estabelece que existe uma distinção entre grupos que assumem o que Murray (1994) chama de “retórica revolucionária”⁵⁸ – que propõe mudanças no pensamento que impera em uma época – e “retórica de continuidade” – que defende a manutenção das ideias que lhe são contemporâneas – na possibilidade de emergência de três tipos de grupos, sendo o primeiro, “[...] predominantemente formado por profissionais estabelecidos” que dão “continuidade à geração (ou gerações) que o antecedeu(eram)”, assim como o segundo tipo de grupo, “[...] formado predominantemente por estudantes que perceberam abertura aos seu trabalho pelas instituições existentes [...]”. O terceiro grupo é aquele que reivindica, nas palavras da historiógrafa, “independência e originalidade em relação ao trabalho daqueles que o antecederam” uma vez que é “[...] formado predominantemente por estudantes que perceberam rejeição ao seu trabalho, em alguma medida, por parte dos outros grupos” (ALTMAN, 1998, p. 43).

Para finalizar, toda essa dinâmica de formação de grupos de especialidades e de posicionamento teórico e institucional frente ao clima de opinião da época pode amparar a análise de nosso *cópus* se associada não aos procedimentos metodológicos de seleção e inventário de textos-fontes, mas aos de sua descrição.

⁵⁷ O mesmo se aplica à adoção da perspectiva de determinado grupo por uma instituição.

⁵⁸ Segundo Ronaldo de Oliveira Batista (2018, p. 149-151) é imperativo que não se considere a noção de revolução atrelada ao rompimento completo com o passado, como se ele todo devesse ser desprezado, uma vez que a mudança pressuposta na revolução está mais voltada para a manifestação linguístico-discursiva inovadora por parte de um pesquisador no interior de um grupo, de um campo, de um programa de investigação que tem por objetivo persuadir seus pares. Isso, em HL, é chamado de “retórica revolucionária”, pois associa a “retórica” ao discurso persuasivo e a “revolução” ao caráter inovador desse discurso que provoca mudanças significativas no campo de estudos em que aparece. Em termos semióticos equivale a uma tomada de posição assumida pelo ator da enunciação que utiliza arranjos figurativos responsáveis pela produção de efeitos discursivos que levam o enunciatário a crer em uma verdade construída pelo discurso, nesse caso científico, que se mostra diferente, em maior ou menor medida, do que se considerava verdadeiro em discursos anteriores.

2.4. Procedimentos de investigação: do levantamento de textos-fontes a uma proposta de análise que se situa na convergência de duas teorias

Tendo em vista o atendimento aos critérios de representatividade e de homogeneidade propostos por Greimas em *Semântica Estrutural* (1966 [1973], p. 187), os textos-fontes de nossa pesquisa – artigos científicos que exploram a figuratividade – a serem inventariados, selecionados e, posteriormente, analisados conforme a metodologia da HL, não somente pertencem ao próprio escopo da semiótica francesa, mas também estão publicados nos periódicos especializados da teoria: (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e *Estudos Semióticos*. Sendo assim, pensando os pressupostos metodológicos da HL, ao mesmo tempo em que obedecemos aos princípios koernianos de contextualização, imanência e adequação, para procedermos nossa investigação, também seguimos a proposta de Swiggers (2009, p. 70) e realizamos uma revisão bibliográfica de caráter geral, já apresentada no início do capítulo, a fim de situarmos a tensão entre uma acepção e outra do conceito de figuratividade em cada momento de concepção teórica ou de produção científica da teoria divulgada nos periódicos mencionados.

Para tanto, um levantamento de textos-fontes – nesse caso, artigos científicos sobre a figuratividade, publicados nos periódicos de semiótica selecionados –, foi realizado dentro de uma delimitação temporal previamente imposta: de 1974 – ano de publicação do primeiro número da *Significação*, o periódico mais antigo entre os investigados nesta tese – até 2016. Esse é o mesmo período que abrange nossa revisão de literatura acerca do conceito na semiótica, além de atender a outro critério greimasiano de seleção de corpúsculo, o de exaustividade. Ademais, também buscamos, pelo menos em um primeiro momento, selecionar os textos que tivessem “figuratividade” ou conceitos a ela correlatos no título.

Todavia, considerar o título dos artigos como parâmetro para a identificação dos textos que tratavam da figuratividade mostrou-se ineficaz uma vez que nos *Actes Sémiotiques*, títulos e conteúdo dos artigos eram correspondentes, ao passo que nas revistas brasileiras, como a *Significação*, por exemplo, o mesmo resultado não foi obtido⁵⁹. A um só tempo, a revista francesa também publicou textos que exploraram a figuratividade sem mencioná-la (ou conceitos a ela correlatos) no título. Outra dificuldade enfrentada foi o acesso aos números impressos dos *Actes Sémiotiques* e dos *Nouveaux Actes Sémiotiques*, já que poucos estão

⁵⁹ Tomamos como modelo os textos de Ignacio Assis Silva publicados na *Significação* e nos *Actes Sémiotiques*, que embora explorem a figuratividade conforme o pesquisador constrói toda a sua história de pesquisa em torno desse conceito, não faz referência a ela nos títulos de seus artigos.

disponíveis em bibliotecas ou digitalizados. Em razão disso, optamos, como será mostrado nas próximas páginas, pela seleção de textos para análise por meio de amostragem⁶⁰.

Assim, verificamos como a figuratividade foi estudada nas revistas de semiótica, abandonando o inventário dos artigos a partir dos títulos e passando a considerar o assunto tratado, isto é, o papel exercido pela figuratividade nos estudos empreendidos nos textos publicados nos periódicos (*Nouveaux) Actes Sémiotiques, Significação, Cadernos de Semiótica Aplicada e Estudos Semióticos*. Embora essa abordagem pareça subjetiva, nos periódicos que estão disponibilizados *on-line*, pudemos verificar em quais artigos a figuratividade ou termos correlatos ao conceito apareciam tanto nas análises quanto na forma de seções teórico-metodológicas, ou, então, perpassavam todo o texto. Naqueles periódicos disponíveis somente na versão impressa, pesquisamos, nas edições a que tivemos acesso, as comunicações que possuíam as mesmas características dos textos que estão *on-line*.

Nessa primeira seleção, identificamos um conjunto de textos-fontes e organizamos os dados reunidos em quadros, obedecendo, primeiramente, a uma ordem cronológica de publicação dos textos, subdividida em décadas e, depois, a uma distinção entre os tipos de artigos identificados. Desse modo, à exceção dos *Bulletins* dos *Actes Sémiotiques*, todos os artigos foram catalogados, os quadros foram alimentados com dados como o nome do periódico, o ano, o volume e/ou o número da publicação, o(s) autor(es), o título do artigo publicado e/ou o tema do volume/número da publicação.

2.4.1. O inventário dos textos-fontes

2.4.1.1. Seleção de textos sobre a figuratividade nos (*Nouveaux) Actes Sémiotiques*

No que concerne ao inventário dos artigos nos (*Nouveaux) Actes Sémiotiques*, elencamos, nos *Bulletins* e nos *Documents* das décadas de 1970 e 1980, os autores e os

⁶⁰ Em conformidade com Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2002, p. 41-42), a amostragem é um recurso utilizado quando a tarefa de levantar dados de um grupo numeroso é impossibilitada justamente pelo excesso de informação. Sendo assim, para que o levantamento de dados seja realizado sem prejuízo para a finalidade a que se destina, apenas parte desse conjunto de informações é escolhida para representar todo o conjunto. Diferentes técnicas de amostragem podem ser aplicadas a depender do objeto de investigação (que constitui o conjunto ou o todo) e da porção efetivamente verificada, podendo ser do tipo probalístico (aleatório, no sentido *lato sensu*) ou não probalístico, quando o conjunto não pode ser exposto a “formas aleatórias de seleção”, uma vez que fórmulas estatísticas não são aplicáveis a ele (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 51-52). Em casos como esses, uma maneira, entre outras, de se obter amostras representativas é a amostragem por tipicidade, na qual um subgrupo considerado típico “em relação à população como um todo” é utilizado para medir as constâncias e as mudanças no interior de dado universo. Os resultados das observações sobre essa parcela investigada são, dessa perspectiva, generalizados, de modo que se tornam característicos de todo o grupo, como explicam Marconi e Lakatos (2002, p. 53).

trabalhos comunicados que tiveram esse conceito como temática a fim de explorarmos as discussões que mais envolveram a comunidade científica à época em torno de sua operacionalidade dentro da teoria, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – A figuratividade nos *Actes Sémiotiques* nas décadas de 1970 e 1980

	ANO	Nº	AUTOR(ES)	TEMA/TÍTULO
<i>Bulletins</i>	1981	20	-	La figurativité, I
	1983	26		La figurativité, II
	1987	44		L'art abstrait ⁶¹
<i>Documents</i>	1979	6	Jean-Marie Floch	Des couleurs du monde au discours poétique
	1980	19	Ignacio Assis da Silva	Une lecture de Velasquez
	1981	22	Eric Landowski	Jeux optiques: une dimension figurative de la communication
		25	Michel Arrivé	Le concept de symbole (1 ^e partie sémiolinguistique)
		26	Jean-Marie Floch	Sémiotique plastique et langage publicitaire
		29	François Rastier	Le développement du concept d'isotopie
	1982	36	Michel Arrivé	Le concept de symbole (2 ^e partie: psychanalyse)
		39	Denis Bertrand	Du figuratif à l'abstrait
	1983	43	Henri Quéré	Symbolisme et énonciation
			Michèle Coquet	Le discours plastique d'un objet ethnographique
		45	Louis Panier	La "vie éternelle": une figure
		49	Jean Davallon	L'espace de la "lecture" dans l'image
	1984	58	Jacques Geninasca	Le regard esthétique
		59	Denis Bertrand	Narrativité et discursivité: points de repère et problématiques
		60	Algirdas Julien Greimas	Sémiotique figurative et sémiotique plastique

Fonte: autora.

Considerando o período compreendido entre 1979 e 1987, encontramos discussões teóricas, nos *Documents*, realizadas por pesquisadores como Ignacio Assis Silva, Michel Arrivé, Jean-Marie Floch, Michèle Coquet, François Rastier, Michel Arrivé, Jacques

⁶¹ A respeito do *Bulletin 44*, faremos referência apenas ao texto de Ignacio Assis Silva, "L'art abstrait: une poétique du depouillement" (1987b) no decorrer desta tese.

Geninasca, Denis Bertrand, Louis Panier, Jean Davallon, Algirdas Julien Greimas e Henri Quéré, como mostra o quadro acima. Observamos que em 1981 e em 1983 houve maior recorrência de publicações de textos sobre a figuratividade nos *Documents*, apesar de entremeadas a outras preocupações teóricas, já que essa série publicava trabalhos, tanto individuais quanto coletivos, considerados mais estáveis dentro da teoria.

Quanto aos *Bulletins* 20 e 26, quatro pesquisadores publicaram no primeiro exemplar – Françoise Bastide, Felix Thürlemann, Jacques Geninasca e Peter Frölicher –, ao passo que, no segundo, mais semioticistas contribuíram para as discussões sobre o conceito: Algirdas Julien Greimas, Claude Zilberberg, Denis Bertrand, Françoise Bastide, François Rastier, Felix Thürlemann, Georges Maurand, Hans-George Ruprecht, Joseph Courtés, Jacques Fontanille, Jacques Geninasca, James Sacre, Jean-Marie Floch, Louis Panier.

Com base nesses dados, cotejamos os *Bulletins* de 1981 e 1983 para verificarmos quais autores publicaram nos números 20 e 26 e os inventariamos⁶² a fim de identificarmos, posteriormente e em comparação com o primeiro quadro, quais publicaram textos sobre a figuratividade somente nos *Documents*. A partir desse cotejo, notamos que dos quatro autores que publicaram no número 20 (1981) do *Bulletin*, três também publicaram no número 26 (1983) do periódico: Françoise Bastide, Felix Thürlemann, Jacques Geninasca.

Quadro 2 – Autores que publicaram nos números 20 e 26 dos *Bulletins*

<i>BULLETIN</i> 20	APENAS <i>BULLETIN</i> 20	<i>BULLETIN</i> 20 E 26	<i>BULLETIN</i> 26
Bastide. Thürlemann; Geninasca; Frölicher.	Frölicher	Bastide. Thürlemann; Geninasca.	Greimas; Zilberberg; Bertrand; Bastide; Rastier; Thürlemann; Maurand; Ruprecht; Courtés; Fontanille; Geninasca; Sacre; Floch; Panier.

Fonte: autora.

Em seguida, buscamos a recorrência de autores que publicaram nos *Bulletins* dedicados à figuratividade e, no mesmo período, publicaram trabalhos relacionados com a organização figurativa nos *Documents*, conforme quadro abaixo:

⁶² A escolha de inventariar somente os autores nos *Bulletins* e autor e título do trabalho nos *Documents* é devida ao fato de, na primeira, serem publicados trabalhos que derivam de uma discussão coletiva (é uma publicação temática) e, na segunda, resultados de pesquisas individuais ou em coautoria em torno de um tema.

Quadro 3 – Publicações relacionadas com a figuratividade em 1981 e 1983 nos *Documents*

Nº	<i>DOCUMENTS 1981</i>		Nº	<i>DOCUMENTS 1983</i>	
	Autor(es)	Título		Autor(es)	Título
22	Eric Landowski	Jeux optiques: une dimension figurative de la communication	43	Henri Quéré	Symbolisme et énonciation
25	Michel Arrivé	Le concept de symbole (1e partie: sémio-linguistique)	45	Louis Panier	La “vie éternelle”: une figure dans la première épître de Saint Jean
26	Jean-Marie Floch	Sémiotique plastique et langage publicitaire	49	Jean Davallon	L'espace de la “lecture” dans l'image
29	François Rastier	Le développement du concept d'isotopie		Michèle Coquet	Le discours plastique d'un objet ethnographique

Fonte: autora.

Esses dados mostraram os números dos *Documents* publicados em 1981 e em 1983 que se ocuparam da figuratividade (ainda que não no sentido estrito, visto também abordarem conceitos que a ela se ligam como figura, isotopia, dimensão figurativa, simbolismo, etc.), e os que tratavam de objetos que requerem a operacionalidade do conceito como recurso de análise, a exemplo dos visuais – semiótica plástica, discurso plástico, imagem.

Para finalizarmos o levantamento de dados referente a esse período, listamos os exemplares dos *Documents* de 1981 e 1983 que direta ou indiretamente estudaram a figuratividade, mas cujos autores não publicaram nos números 20 e 26 do *Bulletin*:

Quadro 4 – Autores que não publicaram nos *Bulletins* 20 e 26, mas publicaram nos *Documents* em 1981 e 1983

ANO	NÚMERO	<i>DOCUMENTS 1981 / 1983</i>	
		Autor(es)	Título
1981	25	Michel Arrivé	Le concept de symbole (1e partie: sémio-linguistique)
1983	43	Henri Quéré	Symbolisme et énonciation
1983	49	Jean Davallon	L'espace de la “lecture” dans l'image

Fonte: autora.

Nos anos 1990, década em que se faz conhecer a *Semiótica das paixões* (1993 [1991]), de Greimas e Fontanille, destacam-se, nos *Nouveaux Actes Sémiotiques*, títulos como “Figurativité et perception” (1991), de Teresa Keane, “Signification et sensation” (1992), de

Pierre Ouellet , “Analyse sémiotique de la perception d'un objet naturel” (1996), de Marie Renoue, e “Modes du sensible et syntaxe figurative” (1999), de Jacques Fontanille:

Quadro 5 – A figuratividade nos *Nouveaux Actes Sémiotiques* na década de 1990

ANO	Nº	AUTOR(ES)	TÍTULO/TEMA
1991	17	Teresa Keane	Figurativité et perception
1992	20	Pierre Ouellet	Signification et sensation
1996	48	Marie Renoue	Analyse sémiotique de la perception d'un objet naturel
1999	61-62-63	Jacques Fontanille	Modes du sensible et syntaxe figurative

Fonte: autora.

A partir dos anos 2000, menos pesquisadores ocupam-se da figuratividade *stricto sensu*, mesmo assim, os pesquisadores Eric Landowski, Anne Beyaert-Geslin, Denis Bertrand, Tarcisio Lancioni ainda flertam em maior ou menor medida com o conceito:

Quadro 6 – A figuratividade nos *Nouveaux Actes Sémiotiques* nos anos 2000

ANO	Nº	AUTOR(ES)	TÍTULO
2007	110	Eric Landowski	Le papillon tête-de-Janus: à propos de <i>Sémantique Structurale</i> , quarante ans après
2009	112	Denis Bertrand	Structure et sensibilité
2010	113	Anne Beyaert-Geslin	Espace du tableau, temps de la peinture
		Tarcisio Lancioni	Mode semi-symbolique et architectures textuelles

Fonte: autora.

Após esse primeiro levantamento, selecionamos os seguintes textos-fontes para serem analisados: “Des couleurs du monde au discours poétique” (1979) e “Sémiotique plastique et langage publicitaire” (1981), de Floch; “Une lecture de Velasquez” (1980) e “L’art abstrait: une poétique du depouillement” (1987b), de Silva; “Du figuratif à l’abstrait” (1982), de Bertrand; “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” (1984a), de Greimas; os *Bulletins* 20 e 26, “La figurativité” (1981), e “La figurativité II” (1983); “Figurativité et perception” (1991), de Keane, e; “Modes du sensible et syntaxe figurative” (1999), de Fontanille.

2.4.1.2. Seleção de textos sobre a figuratividade na revista *Significação*

Concernente às comunicações científicas em periódicos brasileiros, nosso inventário inicia-se pela *Significação*. Tendo em vista a periodicidade irregular das publicações nesse

periódico até 2000, listamos, em um mesmo quadro, os textos publicados de 1974 a 1990 relacionados com a figuratividade. Destacam-se, nesse período, trabalhos de Ignacio A. Silva, Diana Luz P. de Barros, Jesus Antonio Durigan, Cidmar T. Pais, Eduardo Peñuela Cañizal, René Lindekens, A. J. Greimas, J.-M. Floch, Edward Lopes e Leonilda Ranzani de Luca.

O primeiro (1974) e o sexto (1987) números da revista foram os que apresentaram maior produtividade no desenvolvimento de trabalhos relacionados com a figuratividade. Além disso, em todas as publicações da revista, foram encontrados textos que se dedicavam em maior ou menor grau ao estudo das manifestações figurativas. Observemos o quadro 7:

Quadro 7 – A figuratividade na *Significação* nas décadas de 1970 e 1980

ANO	Nº	AUTOR(ES)	TÍTULO
1974	1	Ignacio Assis Silva	Estruturação do universo linguístico
		Diana Luz Pessoa de Barros	Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação
		Jesus Antonio Durigan	As leituras das isotopias espaciais em Rotação de Murilo Mendes
		Cidmar Teodoro Pais	Relações isotópicas e heterotópicas no universo semiológico
		Eduardo P. Cañizal	Figuração e situação de relato em Vidas Secas
1975	2	René Lindekens	Approche d'une théorie de la substance sémiotique de l'image
		Eduardo P. Cañizal	Figuras geométricas e objetuais no contexto linguístico de alguns poemas de vanguarda
1982	3	A. J. Greimas	Métaphore et isotopie
1984	4	A. J. Greimas	Semiótica figurativa e semiótica plástica
		Eduardo P. Cañizal	Considerações sobre a Metáfora Pictórica
1987	6	Diana Luz Pessoa de Barros	Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão
		Jean-Marie Floch	Semiótica plástica e linguagem publicitária
		Ignacio Assis Silva	A construção do ator: do sígnico ao simbólico
1987	7	Edward Lopes	Contextos postos e pressupostos: o lugar do histórico e do mítico na obra de Jorge Luís Borges
1990	8-9	Leonilda R. de Luca	A figurativização na publicidade
		Ignacio Assis Silva	Indagações sobre os fundamentos da linguagem

Fonte: autora.

Nos anos 1990, há menos artigos que têm a figuratividade como foco. Em 1994, Tiekō Y. Miyazaki publica “Figura da Mulher no Imaginário Masculino no Mundo dos Coronéis”, e

Silva, “Sincretismo e Comunicação Visual”. Em 1999, Cañizal publica “La Metáfora Visual en las Cartografías del Cuerpo” enquanto Silva publica, “Métamorphose et Rationalité Mythique Chez Lygia Clark”, texto que apresenta análise e contribuições teóricas.

Quadro 8 – A figuratividade na *Significação* na década de 1990

ANO	Nº	AUTOR(ES)	TÍTULO
1994	10	Tieko Yamaguchi Miyazaki	Figura da mulher no imaginário masculino no mundo dos coronéis
		Ignácio Assis Silva	Sincretismo e comunicação visual
1999	13	Eduardo Peñuela Cañizal	La metáfora visual en las cartografías del cuerpo
		Ignácio Assis Silva	Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark

Fonte: autora.

Entre 2001 e 2006 destacam-se: “La nuit sacrée: figurações de espelhamento no filme de Nicolas Klotz”, de Reto Melchior (2001); “Narratividade e discursividade: pontos de referência e problemáticas” (2003), de Denis Bertrand⁶³; “Figurativização e a estrutura seriada da telenovela” (2005), de Ana Sílvia Lopes Davi Médola; e a republicação “Le papillon tête-de-Janus: A propos de *Sémantique Structurale*, quarante ans après”, de Eric Landowski (2006)⁶⁴. O próximo quadro resume as publicações do século XXI até o último ano da revista com escopo exclusivamente voltado para a semiótica discursiva:

Quadro 9 – A figuratividade na *Significação* na década de 2000

ANO	Nº	VOL.	AUTOR(ES)	TÍTULO
2001	15	28	Reto Melchior	La nuit sacrée: figurações de espelhamento no filme de Nicolas Klotz
2003	19	30	Denis Bertrand	Narratividade e discursividade: pontos de referência e problemáticas
2005	24	32	Ana Sílvia Lopes Davi Médola	Figurativização e a estrutura seriada da telenovela
2006	25	33	Eric Landowski	Le papillon tête-de-Janus: A propos de <i>Sémantique Structurale</i> , quarante ans après

Fonte: autora.

⁶³ Artigo traduzido por Ivã Carlos Lopes, mas originalmente publicado no nº 59 dos *Documents* de 1984, “Narrativité et discursivité: points de repère et problématiques”.

⁶⁴ Texto publicado originalmente em 2005 como prefácio da tradução de *Semântica Estrutural* para o lituano com o título “Drugys Jano veidu”, no nº 110 dos *Nouveaux Actes Sémiotiques* em 2007 e no livro *Com Greimas*, em 2017a, traduzido para o português (“A borboleta cabeça-de-Janus: a propósito de Semântica Estrutural”) por Ana Claudia de Oliveira.

Considerando os textos-fontes dispostos nos quadros 7, 8 e 9, realizamos uma segunda seleção de textos-fontes publicados na *Significação*. Os artigos selecionados para análise distribuem-se em: “Estruturação do universo linguístico” (1974), “A construção do ator: do sígnico ao simbólico” (1987b), “Indagações sobre os fundamentos da linguagem” (1990), “Sincretismo e Comunicação Visual” (1994) e “Métamorphose et Rationalité Mythique Chez Lygia Clark” (1999), de Silva; “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação” (1974) e “Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão” (1987), de Barros; (1982), “A figurativização na publicidade” (1990), de Luca.

2.4.1.3. Seleção de textos sobre a figuratividade nos *Cadernos de Semiótica Aplicada*

Em 2003, entram em atividade os *Cadernos de Semiótica Aplicada*. No entanto, somente a partir de 2004, são publicados, nesse periódico, textos que exploram a figuratividade, cabendo a Bertrand publicar, nesse ano, “A Noite Desfigurada: das figuras ao sujeito em ‘A Noite’ de Maupassant”, além de “Entimema e textualização”, em 2009⁶⁵. Gláucia M. P. Lara, Rubens C. Baquião, Diana Luz P. de Barros, Iara Rosa Farias, Ana Cláudia de Oliveira e Norma Discini também têm textos publicados nos *CASA* nessa década.

Quadro 10 – A figuratividade nos *Cadernos de Semiótica Aplicada* na década de 2000

ANO	Nº	VOL.	AUTOR(ES)	TÍTULO
2004	2	2	Denis Bertrand	A Noite Desfigurada: das figuras ao sujeito em “A Noite” de Maupassant
2007	5	2	Gláucia Muniz Proença Lara	Lendo textos verbais e não-verbais: uma abordagem semiótica
2009	7	2	Denis Bertrand	Entimema e textualização ⁶⁶
2010	8	1	Rubens César Baquião	A figura de Jesus Cristo no discurso da mídia contemporânea
		2	Diana Luz Pessoa de Barros	Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual
			Iara Rosa Farias	Nos caminhos da figuratividade
			Ana Cláudia de Oliveira	Estesia e experiência do sentido
			Norma Discini	Da presença sensível

Fonte: autora.

⁶⁵ Os dois textos foram traduzidos por Dilson Ferreira da Cruz Jr.

⁶⁶ Traduzido por Dilson Ferreira da Cruz Jr., o texto original foi publicado no número 137 da *Langages* em 2000.

Nos anos 2010, publicam textos que se interessam pelo estudo da figuratividade: Glaucia Muniz Proença Lara; Ricardo Lopes Leite; Jacques Fontanille; Cléber Luís Dunge e Tiekō Yamaguchi Miyazaki; Ana Claudia de Oliveira; Raquel Salcedo Gomes e Marcelo Salcedo Gomes; Bruno Sampaio Garrido; Lucas Shimoda; Renata Cristina Duarte e Vera Lúcia Rodella Abriata; Marcela Ulhôa Borges Magalhães e João Batista Toledo Prado; e Karla Cristina de Araujo Faria.

Quadro 11 – A figuratividade nos *Cadernos de Semiótica Aplicada* após 2010

ANO	Nº	VOL.	AUTOR(ES)	TÍTULO
2011	9	1	Glaucia Muniz Proença Lara	A imagem como objeto de ensino
			Ricardo Lopes Leite	O corpo enunciado e suas metamorfoses: operações enunciativas em anúncios classificados de serviço de sexo
2012	10	1	Jacques Fontanille	L’exploration du visible et de l’invisible
		2	Ana Claudia de Oliveira	<i>Fait divers</i> na ressignificação da vida
			Cléber Luís Dunge; Tiekō Y. Miyazaki	Rede isotópica em amarelo manga de Cláudio Assis
2013	11	1	Raquel Salcedo Gomes; Marcelo Salcedo Gomes	Sincretismo na figurativização da aula de inglês: análise de um livro didático
			Bruno Sampaio Garrido	A ciência das mulheres: relações entre texto e imagem na revista Unesp Ciência
		2	Lucas Shimoda	O conceito de conotação em Greimas
2014	12	2	Renata Cristina Duarte; Vera Lúcia Rodella Abriata	O metadiscorso literário em “Um conto obscuro” de Sérgio Sant’anna: uma abordagem semiótica
2015	13	1	Marcela Ulhôa B. Magalhães; João Batista T. Prado	A estrutura da função poética
		2	Karla Cristina de Araujo Faria	Temporalização e espacialização no jornal <i>online</i>

Fonte: autora.

Feito esse primeiro inventário, selecionamos, para análise, os artigos: “Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual” (2010), de Barros; “Nos caminhos da figuratividade” (2010), de Farias, e; “Da presença sensível” (2010), de Discini.

2.4.1.4. Seleção de textos sobre a figuratividade nos *Estudos Semióticos*

A publicação de comunicações científicas que envolvem a figuratividade no periódico *Estudos Semióticos* tem início em 2006, um ano após o seu aparecimento, com um texto de Camila dos Santos Ribeiro. Em 2007, publicaram no periódico da USP: Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira e Berenice Martins Baeder. Em 2008, documentamos os trabalhos de Fabiane Renata Borsato, Márcia Maria Sant’Ana Jõe, Francisco Elias Simão Merçon. Ao final da década, em 2009, Stefania Caliandro e Mariza Bianconcini Teixeira Mendes também publicaram trabalhos.

O quadro abaixo relaciona os autores a suas publicações na primeira década deste século:

Quadro 12 – A figuratividade no periódico *Estudos Semióticos* na década de 2000

ANO	Nº	VOLUME	AUTOR(ES)	TÍTULO
2006	-	2	Camila dos Santos Ribeiro	Os limites do semi-simbolismo na arte abstrata
2007	-	3	Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira	Isotopia temática e figuratividade em “Eis os amantes” e “Intradução”, de Augusto de Campos
			Berenice Martins Baeder	Olhar semi-simbólico de um desenho-charge de Angeli
2008	-	4	Fabiane Renata Borsato	A dimensão figurativa em poemas de <i>A educação pela pedra</i> , de João Cabral de Melo Neto
			Márcia Maria Sant’Ana Jõe	Escrituras de Drummond: Arte em exposição (Questões de iconicidade e abstração)
			Francisco Elias Simão Merçon	Considerações acerca da figuratividade e da percepção
2009	5	1	Stefania Caliandro	O semi-simbólico na arte
			Mariza Bianconcini Teixeira Mendes	Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial

Fonte: autora.

Um número maior de artigos foi publicado entre 2011 e 2016 na revista da USP, onde, assim como na década anterior, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes comunica trabalhos relacionados com o conceito. Além de comunicações dessa pesquisadora, também são

encontrados textos de Odair José Moreira da Silva, Sonia Merith-Claras, Anne Beyaert-Geslin, Maria Giulia Dondero e Georges Roque. De mais a mais, como mostra o quadro 13, várias comunicações científicas em torno da figuratividade resultam de trabalhos em coautoria, a exemplo de: Amanda Cristina Martins Raiz e Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento; Loredana Limoli e Ana Paula Ferreira de Mendonça; Ricardo Lopes Leite e Susy Anne Almeida Cabral; Renata Cristina Duarte e Vera Lucia Rodella Abriata.

Quadro 13 – A figuratividade no periódico *Estudos Semióticos* entre 2011 e 2016

ANO	Nº	VOLUME	AUTOR(ES)	TÍTULO
2011	7	1	Mariza Bianconcini Teixeira Mendes	Capitu entre dois enigmas: veridicção e fíducia
2012	8	2	Amanda Cristina Martins Raiz; Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento	Acontecimento e rotina na figurativização da forma de vida da “adolescente descolada”, presente na revista <i>Atrevida</i>
			Loredana Limoli; Ana Paula Ferreira de Mendonça	Campos lexicais e leitura semiótica: análise de um conto de Clarice Lispector
2013	9	1	Ricardo Lopes Leite; Susy Anne Almeida Cabral	A construção de identidades discursivas em textos sincréticos: IstoÉ x Veja, Dilma x Serra
			Odair José Moreira da Silva	Por um modelo actancial do corpo em metamorfose no cinema de horror
		2	Renata Cristina Duarte; Vera Lucia Rodella Abriata	Estratégias enunciativas em “Tão felizes” de Ivan Ângelo
2015	11	3 (dossiê especial Groupe μ)	Sonia Merith-Claras	Uma leitura semiótica de “Pais e filhos”: o plano do conteúdo da canção
			Anne Beyaert-Geslin	A figura, o fundo e o abismo (Em homenagem ao Groupe μ)
			Maria Giulia Dondero	A semiótica visual entre princípios gerais e especificidades: a partir do Groupe μ
			Georges Roque	Sobre o Tratado do Signo Visual: uma observação e duas questões

Fonte: autora.

Entre os textos publicados nesse periódico, selecionamos para análise: “Considerações acerca da figuratividade e da percepção” (2008), de Francisco Merçon, e “Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial” (2009), de Mariza Bianconcini Teixeira Mendes.

Na próxima seção, mostramos como organizamos os textos-fontes publicados nos periódicos investigados e selecionados para serem examinados.

2.4.1.5. Seleção de textos para análise

Concluída a identificação dos textos-fontes, organizamos os artigos selecionados por amostragem para análise em um novo quadro. Esclarecemos que o quadro 14 tanto é constituído dos textos-fontes selecionados por amostragem para a análise, como também apresenta uma disposição de dados simultaneamente espacial e temporal. Optamos por agrupar os artigos por periódico para facilitar a visualização de quais textos pertencem a cada periódico e, ainda, o espaço geográfico de publicação desses trabalhos, visto que os *Actes Sémiotiques* pertencem a um grupo francês e os demais periódicos são administrados por grupos brasileiros. A segunda coluna, referente ao ano de publicação dos trabalhos, permite ao leitor identificar a cronologia das publicações ao mesmo tempo em que visualiza os espaços em que foram difundidas as ideias sobre a figuratividade de que tratamos nesta tese.

Além disso, a distribuição dos periódicos, partindo dos *Actes Sémiotiques* para, em seguida, dispormos a *Significação*, os *CASA* e, por fim, os *Estudos Semióticos*, não é aleatória. Embora a *Significação* seja a primeira a surgir, contribuindo, dessa maneira com textos mais antigos, temos três revistas brasileiras e uma francesa, correspondendo, conseqüentemente, a três grupos brasileiros e um grupo francês. Colocar o bloco de textos-fontes do periódico francês no topo, e também disjunto dos demais, justifica-se, nesse sentido, pelo fato de que a análise dos artigos selecionados será feita em dois blocos, portanto, distribuída em dois capítulos.

Dessarte, os artigos que constituem o quadro 14, serão analisados nos seguintes capítulos desta tese: cinco, destinado aos textos publicados na França, e seis, reservado às comunicações científicas publicadas no Brasil. Assim, poderemos identificar as contribuições dos autores desses textos para a figuratividade e, ainda, verificar quais autores acataram ou discordaram das proposições teóricas identificadas, bem como de que maneira tais proposições teóricas contribuíram para o avanço teórico do conceito no dispositivo geral da disciplina.

Quadro 14 – Artigos dos periódicos de semiótica selecionados para análise

PERIÓDICO	ANO	ARTIGOS
<i>(Nouveaux) Actes Sémiotiques</i>	1979	Des couleurs du monde au discours poétique
	1980	Une lecture de Velasquez
	1981	<i>Bulletin</i> - La figurativité ⁶⁷
	1981	Sémiotique plastique et langage publicitaire
	1982	Du figuratif à l'abstrait
	1983	<i>Bulletin</i> - La figurativité II ⁶⁸
	1984	Sémiotique figurative et sémiotique plastique
	1987	L'art abstrait: une poétique du depouillement
	1991	Figurativité et perception
	1999	Modes du sensible et syntaxe figurative
<i>Significação</i>	1974	Estruturação do universo linguístico
	1974	Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação
	1987	Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão
	1987	A construção do ator: do sógnico ao simbólico
	1990	Indagações sobre os fundamentos da linguagem
	1990	A figurativização na publicidade
	1994	Sincretismo e comunicação visual
	1999	Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark
2006	Le papillon tête-de-Janus	
<i>CASA</i>	2010	Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual
	2010	Da presença sensível
	2010	Nos caminhos da figuratividade
<i>Estudos Semióticos</i>	2008	Considerações acerca da figuratividade e da percepção
	2009	Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial

Fonte: autora.

Como já dissemos, mais que um inventário de propostas, nosso objetivo é empreender uma análise crítica, revelando em que medida esses trabalhos foram aceitos e/ou assimilados

⁶⁷ Comunicações científicas: “Place du figuratif”; “Le sentier et la cascade”; “Des centaures aux sphinx”; “La double spatialité em peinture”.

⁶⁸ Comunicações científicas: “Figurativité et représentation”; “Symbolisme conventionel et production du symbolique”; “Rôle de l’observateur dans la mise em discours des figures”; “Le problème du figuratif et l’impression référentielle”; “Translocation, plasticité et prégnance”; “Du motif à la rhétorique”; “Le temps et l’espace comme figurants”; “Figures, code figuratif et symbolisation”; “Espace figuratif et langage spatial”.

ou, então, contestados nos grupos de semiótica, ou seja, de que modo passaram (ou não) a integrar o projeto greimasiano. Em vista disso, a seguir, apresentamos os parâmetros adotados para a análise dos artigos ora selecionados e relacionados no quadro 14. Esses parâmetros são constituídos tanto de procedimentos metodológicos da HL, como da semiótica discursiva, conferindo a esta pesquisa de doutoramento um caráter semio-históricográfico.

2.4.2. Por uma metodologia de análise de dados: abordagem semio-históricográfica dos debates e da relevância das ideias sobre a figuratividade

2.4.2.1. Discurso referencial, citação e a noção de influência

A ciência é entendida por Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2003, p. 80) como “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. Inversamente, para Greimas (1981 [1976], p. 4), o modo como o sistema é organizado somente adquire sentido com o auxílio do “conhecimento dos sistemas realizados”. Assim, uma vez que as ciências humanas não comportam uma “[...] organização acabada dos conhecimentos [...]”, elas devem ser entendidas não enquanto sistema, e sim na qualidade de processo de produção do saber. Em suas palavras, esse processo corresponde a “[...] um *fazer* científico que se manifesta, de maneira sempre incompleta e frequentemente defeituosa, nos discursos que produz, e que só são reconhecíveis, numa primeira abordagem, graças às conotações sociolinguísticas de ‘cientificidade’ de que são dotados” (GREIMAS, 1981 [1976], p. 3, grifo do autor). Dito de outro modo, como a ciência não é apenas falível, sempre tem um algo a mais a conhecer, o discurso que revela um “fazer” científico (realizado por um sujeito que busca comunicar um saber a outrem) só tem sua cientificidade reconhecida em razão dos arranjos figurativos (BASTIDE, 1983, p. 16-20) aceitos como verdadeiros na medida em que são reconhecidos na microcultura de especialistas na qual está inserido.

O discurso, do ponto de vista semiótico, é produto de uma enunciação, que é realizada por um dado sujeito, num dado tempo e num determinado lugar que se torna conhecido para o enunciatário, sujeito a quem o discurso enunciado se dirige, através do texto (lugar de sua manifestação), segundo Barros (2005, p. 54). É, por isso, ao mesmo tempo linguístico e

histórico, uma construção linguística que não pode significar qualquer coisa, mas cuja significação “delimita uma identidade⁶⁹” (FIORIN, 2012, p. 146).

Importa ressaltar que essa relação entre discurso e história, embora assunto considerado espinhoso para alguns, não é nova para a semiótica, razão pela qual retomamos o que dizem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 146):

Deixando de ser uma estrutura extralinguística que serve de base às trocas de mensagens, a comunicação se apresenta como uma instância, um marco, no percurso gerativo do discurso, o qual faz aparecer ora um só ator-sujeito da enunciação, que assume e projeta fora de si diferentes papéis actanciais, ora uma estrutura actorial bipolar, que produz um discurso a duas vozes (=a “comunicação”), situada, não obstante, numa isotopia semântica homogênea, cujas formas sintáticas são comparáveis às do diálogo instalado, depois da enunciação, no discurso enunciado. Mais do que isso, a estrutura da comunicação não tem mais necessidade, para ser compreendida e descrita, de uma pragmática (no sentido norte-americano) que lhe seja exterior: os actantes da enunciação, pelo fato de assumirem uma competência semionarrativa que os ultrapassa e os faz participar do universo semiótico, são competentes por definição e “sabem comunicar” sem recorrerem a parâmetros psicossociológicos.

Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 146), portanto, não negam a historicidade do discurso, mas deixam claro que é na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a História que o perpassa. Dito de outro modo, o sentido do discurso é construído por mecanismos intra e interdiscursivos, ou seja, organiza-se aliando uma estruturação propriamente discursiva a um diálogo que mantêm com outros discursos a partir dos quais se constitui. Na medida em que tanto pode apresentar relações contratuais, quanto polêmicas, esse interdiscurso também é responsável por tornar o discurso um objeto histórico, cuja historicidade é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição, a exemplo de mecanismos discursivos de tematização e figurativização como o procedimento de ancoragem histórica (BARROS, 2009). Defendendo que o texto que manifesta o discurso é, simultaneamente, “[...] objeto de significação e objeto de comunicação [...]”, a autora acrescenta que além das relações interdiscursivas, os discursos também mantêm relações intertextuais com aqueles com os quais dialogam (BARROS, 2009, p. 352).

⁶⁹ A identidade tanto pode se associar à manutenção do “ser” de um indivíduo, ainda que sofra ou provoque modificações em sua existência narrativa, quanto “à permanência de um actante apesar das transformações de seus modos de existência ou dos papéis actanciais que ele assume no seu percurso narrativo”. Também pode ser entendida como “a permanência [...] de um ator discursivo no decorrer do discurso no qual ele está inscrito: nesse nível, é o procedimento de anaforização que permite a identificação de um ator em todos os instantes de sua existência discursiva”, como asseveram Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 252). É a essa última acepção que se refere Fiorin (2012).

Resta ainda lembrar que o discurso é enunciado por um actante sintático, o “sujeito do discurso”. Trata-se de uma instância virtual responsável por realizar um programa discursivo à medida que manipula as categorias linguísticas, ou seja, atualiza a língua formando encadeamentos sintagmáticos organizados – seleciona e exclui termos essenciais à produção de sentido –, bem como adota “[...] categorias semânticas – como a asserção e a denegação, a conjunção e a disjunção, para citar as mais evidentes – necessárias para permitir que o sujeito assumo o papel de operador que manipula e organiza os termos convocados” (GREIMAS, 1981 [1976], p. 4-5). Dotado, portanto, de uma competência discursiva – um saber-fazer – conforme atualiza a língua, virtualiza o discurso, o que faz com que sempre se manifestem de forma incompleta e inacabada na atualização de suas *performances*. Isso ocorre porque embora adquira e amplie competências com as práticas discursivas durante o exercício individual da linguagem, as transformações sofridas pelas estruturas sintáticas fazem com que o sujeito do discurso permaneça em construção no plano social. Todavia, em termos de apreensão do fazer linguístico, os processos de produção e organização do discurso só podem ser reconhecidos quando o sujeito discursivo “[...] nos faz saber [algo] de si mesmo [...]” (parcialmente e, muitas vezes, de forma mentirosa) ou “[...] por pressuposições lógicas que podem postular, a partir dos discursos realizados, quanto às condições de sua existência e de sua produção” (GREIMAS, 1981 [1976], p. 5-6).

Retomando, pois, a proposição greimasiana, no início dessa seção, de que a veracidade do “fazer” científico é atestada no discurso por meio de uma organização discursiva reconhecível em dada comunidade científica, Greimas (1981 [1976], p. 8, grifos do autor) diz que o traço que o distingue dos demais discursos é o fato de que é “*o lugar de um fazer taxinômico*”⁷⁰ (construir objetos semióticos) que tem como objetivo organizar “[...] o universo semântico localizado que ele explora”. Desse modo, à medida que o sujeito do discurso procura tornar seu fazer reconhecível em sua microcultura também precisa instituir um estatuto de verdade ao que enuncia. Em vista disso, constrói a coerência interna do discurso por meio de uma dupla organização isotópica – racional e semântica – articulada de forma que os enunciados descritivos sejam recobertos e, conseqüentemente, modalizados pela recorrência de um feixe de categorias pertencentes a um mesmo universo semântico – “sistema [de] valores de verdade”. Entretanto, se os valores de verdade que atestam o saber enunciado estiverem ancorados a “[...] outro discurso ou outro sistema de saber [...]”, é

⁷⁰ De acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014), “taxinomia”, mesmo que “taxonomia”, é uma “ciência ou técnica de classificação”.

instaurado um discurso referencial: “[...] operação anaforizante⁷¹ do sujeito, que assume aquilo que se sabe, para transformá-lo em um fazer-saber que ele efetua [...]” (GREIMAS, 1981 [1976], p. 9-14).

De acordo com Greimas (1981 [1976], p. 15-16), o discurso referencial é, portanto, um referente externo que, recuperado através de anaforização cognitiva, revela uma identidade assertiva do conteúdo chamado a compor a veridicção do discurso. No caso do discurso científico, desde que a asserção não seja definitiva, esse recurso anafórico pode ser usado como estratégia do /querer-saber/ para fazer avançar a ciência.

Da nossa perspectiva, essa noção de discurso referencial permite compreender o que a HL entende por argumento de influência. Consoante Ronaldo de Oliveira Batista (2013, p. 93), como a análise historiográfica “[...] observa diferentes tipos de diálogos estabelecidos no processo histórico, tendo em vista características da própria natureza social e cultural de cada época”, tem condições de identificar as influências responsáveis pela promoção de transformações, sejam elas mais ou menos diretas. O pesquisador baseia-se na proposta de Koerner (1989) de que o argumento de influência é constituído da formação intelectual de um autor, que se revela em diferentes tipos de citações em seus textos. Desse modo, “[...] as influências devem ser analisadas tendo em vista a formação de determinado autor e a rede de referências (visível, por exemplo, em citações textuais)” (BATISTA, 2013, p. 94). Todavia, o historiógrafo brasileiro expande a proposta do pesquisador alemão ao acrescentar que os posicionamentos intelectuais e científicos resultam também de influências procedentes “[...] do contato com uma atmosfera intelectual específica, sem a necessidade de um debate travado exatamente entre os pares” (BATISTA, 2013, p. 94). Em outros termos, Batista (2013, p. 94) defende que tanto as citações, que demonstram um conhecimento não somente científico, mas também enciclopédico de um pesquisador, quanto o clima de opinião⁷² compõem o argumento de influência.

Uma vez que o recurso de utilizar citações para ratificar a argumentação é constitutivo de todo discurso científico, no sentido *lato sensu*, e que esse recurso nada mais é que uma recuperação anafórica do discurso de outrem, conforme Greimas (1981 [1976]) – um procedimento chamado intertextual, no caso da citação direta; ou interdiscursivo, se a citação for indireta, e ambos (os procedimentos) reconhecidos na semiótica discursiva, de acordo com Barros (2009) –, o discurso referencial e a citação têm o mesmo propósito neste trabalho,

⁷¹ A anaforização, segundo Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 28), “é um dos principais procedimentos que permitem ao enunciador estabelecer e manter a isotopia discursiva”.

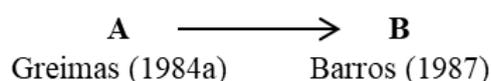
⁷² De nossa parte, escolhemos considerar sempre o contexto científico ao tratarmos de clima de opinião, embora a HL também leve em conta o contexto social, ideológico, político e cultural, como propõe Batista (2013).

como demonstramos em nossa sugestão de análise de dados de um ponto de vista concomitantemente historiográfico e semiótico.

Entretantes, pensando na afirmação de Batista (2013, p. 94) de que o clima de opinião pode ser considerado um argumento de influência, faz-se necessário levarmos em conta a existência de discursos cujas proposições teóricas não citam ou não referenciam proposições anteriores ou contemporâneas a elas. Refletir a esse respeito importa à nossa pesquisa, uma vez que a proposição teórica formulada por um dado pesquisador (ou por um conjunto de pesquisadores), no nosso entendimento, precisa ser atualizada, ou seja, recuperada anaforicamente por mais de um membro do mesmo grupo de especialidade (e/ou de outros grupos), de modo a confirmar uma asserção de identidade. Ademais, o período em que essas contribuições são requisitadas pode indicar o quão necessárias são para o avanço da teoria, ou seja, se transcendem um espírito de época ou se pertencem a um clima de opinião específico de produção científica. Essa dificuldade de se distinguir a aceitabilidade ou a recusa de uma proposição teórica pode ser atenuada, a princípio, pela observância dos discursos referenciais (citações diretas/ indiretas, referências bibliográficas), que Koerner (2014b) chama de “reconhecimento público”.

Nesse tipo de discurso, o trabalho de um pesquisador A, enunciador de um discurso referencial (proposição teórica aceita por um grupo de especialidades) pode ser citado diretamente ou indiretamente (anaforização intertextual e interdiscursiva) por um pesquisador B. No primeiro caso, é realizada a citação da proposta e/ou do pesquisador citado [A] no corpo do texto e/ou nas referências bibliográficas do pesquisador citante [B]. Exemplo: Barros (1987, p. 12) [citante] diz que “Não se deve confundir tal dependência com cópia e sim entender ‘que as qualidades do mundo natural selecionadas servem para a construção do significante dos objetos planares’ (Greimas, A.J.: semiótica figurativa e semiótica plástica) [citado]”. Aqui, fica claro que Barros [B] cita/menciona aquilo que foi proposto por Greimas (1984a) [A], citação que pode ser assim representada:

Figura 7 – Movimento de citação direta de proposições teóricas



Fonte: autora.

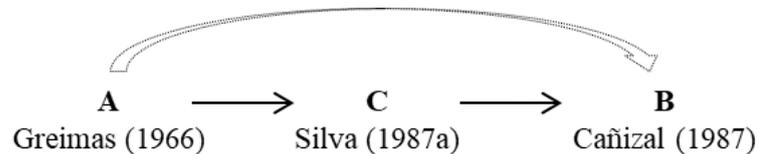
No segundo caso, a proposta do pesquisador A não é imediatamente atribuída a ele pelo citante (pesquisador B). Dessa maneira, o leitor (re)conhece a proposta de A no discurso

do pesquisador B, por meio da citação de um pesquisador C, que embasa a sua contribuição teórica em A; citação empreendida pelo citante B. Exemplo: Cañizal (1987, p. 4, grifo nosso) [B] diz que “[...] Ignácio Assis Silva [1987a], ao assinalar a transformação da função prática em função mítica, confere aos chamados **semas contextuais** a condição de domínio por excelência da **atividade humana** [...]”. Contudo, no texto citado, Silva (1987a, p. 53, grifo nosso) [C] afirma que

Para Greimas (1966: 65) [A], as figuras sêmicas que constituem o que estamos chamando de base sêmica, situam-se no interior do processo de percepção [...] A essa luz, o conjunto formado pelos **semas contextuais** assume a característica de lugar ou instância de **mediação entre o âmbito daquilo que é representado pela base sêmica** [...] e [...] **pela base classemática**.

Ora, Cañizal (1987) cita Silva (1987a) ao mencionar a função dos semas contextuais de possibilitar o reconhecimento do mundo natural pelas línguas naturais, mas não foi Silva quem falou disso primeiro, e sim Greimas (1973 [1966]), citado por Silva (1987a). Dito de outro modo, o pesquisador A é citado pelo pesquisador B por intermédio do pesquisador C de acordo com a seguinte representação:

Figura 8 – Movimento de citação indireta de proposições teóricas



Fonte: autora.

Pode acontecer, no entanto, de uma proposição teórica já estar de tal modo absorvida pelo pesquisador B, que ele se apropria dela como se fosse senso comum no campo ou na disciplina de modo que já não ocorre a esse pesquisador citar a fonte primeira da proposição teórica. Isso pode acontecer, acreditamos – com base na afirmação de Batista (2013) de que o clima de opinião pode ser considerado argumento de influência –, em um processo conjunto de construção teórica, quando o assunto ainda está sendo debatido, isto é, não tem um “proprietário” conforme consenso do grupo, ou na medida em que o pesquisador B não atribui crédito a um texto que é contemporâneo a outros textos também considerados “balizares” e que tratam do mesmo conteúdo. Nesse caso, parece-nos que ocorre um fenômeno de “assimilação” de uma proposição teórica por parte do pesquisador citante que, por intermédio

de uma abordagem tensiva da noção koerniana de influência, Patricia Veronica Moreira (2019, p. 57) chama de “citação assimilada”⁷³.

Outro cuidado que se deve ter ao observar a escolha do pesquisador por citar dado texto e não outro é com o fato de que pode ocorrer de o pesquisador B citar o pesquisador A, mas o pesquisador A já ter publicado o mesmo conteúdo em um texto anterior, posterior ou contemporâneo à obra citada e que contém a mesma proposição teórica. *Figurativização e metamorfose* (1995a), de Ignacio Assis Silva, é exemplo disso, pois, se desmembrada, comporta textos muito anteriores à sua publicação e também ulteriores.

Para Koerner (2014b, p. 102), no que concerne ao princípio de reconhecimento público no tratamento da influência em HL,

Provavelmente a prova mais importante a favor de uma reivindicação de influência pode resultar de referências diretas de um autor às obras de outros. [...] Ainda que estas referências diretas por si só não provem muito, a não ser que sejam fundamentadas através da comparação textual [...], parece mais apropriado investigar os estudiosos e as obras mencionadas por um determinado autor, antes de atribuir uma existência real de um impacto sobre o seu pensamento por aqueles aos quais nunca se referiu nos seus escritos, publicados ou não.

Da perspectiva da investigação de autoria, esse parece ser um caminho mais adequado de investigação. A citação explícita, evidentemente, é mais fácil de ser identificada pelo leitor e pelo analista, principalmente se não tiver o conhecimento prévio sobre a proposição fundadora da ideia citada. Nesse caso, um leitor/analista com maior bagagem de leitura, certamente, tem mais condições de reconhecer o discurso fundador de dado posicionamento teórico. Por outro lado, levando-se em conta a ideia linguística – concernente a esta tese, a ideia semiótica –, a característica mais importante de um texto cujas proposições teóricas tornam-se basilares em uma disciplina talvez seja ter a contribuição teórica de tal modo assimilada pela disciplina que se enraíza nos discursos de outros pesquisadores da mesma especialidade.

⁷³ Visando à realização da tarefa historiográfica de “recuperação do reconhecimento público”, Moreira (2019, p. 55-57) elabora uma “tipologia citacional” para tratar da questão da influência em sua pesquisa. Essa tipologia amalgama, à proposta koerniana, os estudos zilberberguianos relacionados com as operações de triagem e de mistura, nas quais se destacam as noções de mestiçagem, mescla e fusão. Desse trabalho, além da “citação direta”, da “citação indireta” e da “citação da citação”, resulta uma quarta, a “citação assimilada”. Nesse tipo de citação ocorre uma fusão “[...] dos enunciados do texto-citante e do texto-citado, impossibilitando, em alguns casos, a recuperação do reconhecimento público, se não for encontrado nenhuma prova textual que confirme a real influência” (MOREIRA, 2019, p. 57). Além disso, conforme Moreira (2019, p. 57), “essa operação pode ocorrer de forma consciente ou não, já que fatores extralinguísticos [...] podem interferir no texto-citante”. Embora não adotemos uma abordagem tensiva da referenciação de textos-fontes/proposições teóricas, a terminologia “citação assimilada”, elaborada pela pesquisadora, ajusta-se às reflexões empreendidas nesta tese.

2.4.2.2. Critérios de identificação de relevância de proposições teóricas

Seguindo a proposta historiográfica, a mera seleção dos textos-fontes que investigam a figuratividade não é suficiente para estabelecermos a contribuição de seu conteúdo para a teoria nem a evolução do conceito. É preciso identificar, nos discursos manifestados nesses textos, as retomadas, as reformulações e as possíveis rupturas teóricas. Por isso, tomamos emprestada a proposição de Altman (1998, p. 48-49) de que existem três tipos de artigos na comunicação científica: os “programáticos”, os “de pesquisa” e os “de crítica”.

A pesquisadora considera que os artigos que propõem a instauração de “[...] novas direções de pesquisa [...]” (modelo ou tipo de investigação) (ALTMAN, 1998, p. 279), muitas vezes adotando um tom injuntivo, que prevê um “o quê” e um “como fazer”, são do tipo “programático”. Quando a proposta do artigo é a aplicação de uma teoria (ou de um modelo de pesquisa) à análise de determinado objeto, ele deve ser chamado de “artigo de pesquisa” (ALTMAN, 1998, p. 48-49). Por outro lado, se o texto publicado busca revisar problemas que já foram “[...] descritos e/ou explicados, visando quer à reformulação das análises já feitas, quer à reformulação do(s) referencial(ais) teórico(s) que as autorizam”, trata-se de um “artigo de crítica”, relata Altman (1998, p. 49), uma vez que contestam, em maior ou menor medida, uma teoria ou um modelo de investigação para introduzir um novo referencial teórico no campo (ALTMAN, 1998, p. 279).

Ainda em conformidade com Altman (1998, p. 45), os artigos publicados em periódicos científicos especializados são o produto do fazer científico, e tendo sido aceitos para publicação, pressupõem, em suas palavras, “[...] certa compatibilidade com o que a comunidade científica – ou, ao menos, parte dela – considera relevante”. Isso quer dizer que, quando o resultado de um trabalho é publicado, tal publicação indica os caminhos de pesquisa (a serem) seguidos por uma dada comunidade científica, ou pela maioria de seus membros.

Dito de outro modo, a aceitação das ideias semióticas é revelada por intermédio das mídias especializadas que, por sua vez, publicam aquelas que são avaliadas por outros semioticistas (pares) como pertinentes, portanto, merecedoras de nelas serem veiculadas. Desse modo, parece adequado assumir que os artigos publicados nos periódicos científicos pressupõem uma dupla avaliação eufórica: aquela do pesquisador ao adotar determinado ponto de vista teórico em detrimento de outro; e a dos pesquisadores do mesmo campo – membros do mesmo grupo ou de grupos concorrentes – que avaliam a cientificidade e a relevância teórica dos artigos a serem publicados. Assim sendo, a adesão e a contestação de uma proposição teórica vinculam-se às práticas de difusão do conhecimento especializado –

que serão abordadas no próximo capítulo com o amparo do estudo de Jacques Fontanille (2005, 2008a [2006], 2008b) sobre as práticas semióticas.

Em vista disso, considerando que os referenciais bibliográficos adotados em uma pesquisa configuram-se na validação de determinado ponto de vista teórico, baseamo-nos na classificação que Altman (1998, p. 45-49) faz dos artigos científicos para identificarmos os debates teóricos que esses textos apresentam e, ao longo das análises, determinarmos quais, entre aqueles que podem ser considerados “programáticos” e “de crítica” (se houver)⁷⁴, apresentam reprodução com reformulação ou não de um posicionamento teórico já existente sobre a figuratividade, ou ruptura teórica, apresentando um posicionamento novo frente àquele vigente. Levando-se em conta tudo o que já foi apresentado sobre a HL no que se refere aos debates continuístas de ruptura (seções 1.2 e 1.3), pensamos que os debates teóricos podem ser revelados, nesse caso: i) pela adoção de um pensamento que rompe (parcial ou integralmente) com aquele que o antecede por meio de uma retórica revolucionária, mais próximos, dessa perspectiva, dos “artigos de crítica”; ii) pela opção de dar continuidade às ideias em uso, isto é, pela manutenção de pontos de vista teórico-científicos que regem as atividades científicas dos grupos de especialidades, conforme Murray (1994) e Altman (1998), característica dos “artigos programáticos”; iii) pelas manifestações de concordância e de discordância assumidas por semioticistas, explícitas ou não, a proposições científicas sobre a figuratividade comunicadas nos textos examinados.

Nesse sentido, e em similaridade com Altman (1998), os debates que estabelecem pontos de contato com um posicionamento teórico preponderante podem ser considerados implicativos, pois seus argumentos tanto revelam conformidade, manifestada tal qual propõem os textos em que se alicerçam, quanto complementariedade, o que demonstra aprimoramento da teoria. Por outro lado, os debates que propõem mudanças demandam discursos concessivos, haja vista serem orientados pela argumentação de oposição, ou então, de transformação, não descartando que, apesar do tom de contrariedade, também possibilite o avanço da disciplina.

Dessa forma, não desprezando que a adesão dos pares a pontos de vista responsáveis por fazer evoluir a teoria é requerida tanto por ideias novas quanto antigas, porém predominantes no campo ou em um grupo, essa aprovação pode ser mensurada pela adoção de (re)formulações teóricas nas análises dos objetos de que os “artigos de pesquisa” se ocupam. Dito de outro modo, os “artigos de pesquisa” que aderem a pontos de vista de conformidade

⁷⁴ *A priori*, considerando a seleção de textos para análise ilustrada no quadro 14.

e/ou complementariedade teórica acerca do que se entende por figuratividade na semiótica discursiva promovem a continuidade de ideias através de reprodução ou de aperfeiçoamento dos estudos de que derivam, assim como a escolha por defender uma retórica revolucionária sobre o conceito pode se converter em métodos inovadores de análise semiótica.

Em vista disso, em atenção à distinção entre artigos que trazem debates continuístas e de rompimento com a tradição – que também pode ser entendido como redirecionamento de abordagem teórica –, bem como ao compromisso da metodologia da HL de reconstruir a história de uma disciplina apontando as continuidades e as descontinuidades dos fatos históricos (J. NASCIMENTO, 2005, p. 4), buscamos, durante a interpretação e a análise dos dados, identificar: i) as contribuições teóricas (ou ideias semióticas) para o estudo da figuratividade presentes nos artigos selecionados, conforme quadro 14; ii) os possíveis debates que geraram entre os pares dentro dos grupos de especialidades; iii) a relevância das contribuições teóricas para a disciplina, ou seja, as ideias que permaneceram e as que se perderam com o tempo – nos dois últimos casos, considerando todos os textos inventariados.

A respeito da relevância das contribuições para o conceito de figuratividade, acreditamos que as escolhas epistemológicas da parte de um pesquisador-autor (sujeito do fazer científico em uma narrativa sobre a história de um conceito semiótico), tanto as que integram um todo teórico, como as que se configuram um texto singular, podem, nos dois casos, comportar contribuições consideradas referência teórico-metodológica para a comunidade científica. Assim, uma ou várias comunicações publicadas em um ou mais periódicos pode(m) resultar em ou ser o resultado – talvez o desdobramento – de uma obra considerada basilar para o desenvolvimento da teoria, na medida em que demarca seja a instauração seja a mudança de paradigmas. Nesse sentido, comunicações que precedem essa obra e/ou são anexadas a ela (na forma de capítulos) constituindo um todo teórico, bem como aquelas que derivam do texto integral, são a forma condensada de um discurso. A obra, em contrapartida, é uma totalidade, é um discurso expandido que engloba uma sequência de manifestações discursivas (a serem) disseminadas em periódicos.

Quando falamos de um marco teórico⁷⁵, é possível levar em conta que ele pode englobar não necessariamente outras manifestações discursivas, e sim o percurso de uma proposição teórica que se transforma ao longo do tempo na medida em que é estudada, verificada, debatida e passa a agregar novos conhecimentos, e/ou em razão do amadurecimento teórico do próprio pesquisador. Independente do percurso científico

⁷⁵ Conforme figura 5.

realizado para que uma proposição teórica seja levada a público, em algum momento da história da disciplina ela é solicitada a engendrar o “discurso referencial” (GREIMAS, 1981 [1976]) de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores.

Por outro lado, o discurso referencial reivindicado em textos científicos, nem sempre se vale apenas de publicações na forma de livros, mas também de artigos científicos. Sendo essas comunicações, portanto, textos-fontes de contribuições teóricas (discursos) que transitam tanto no interior do grupo de onde surgiram, quanto em outros grupos de especialidades, à medida que são acessadas (e lidas) por seus membros, se são aceitas, não importa em qual grupo, e, por conseguinte, reproduzidas pelos especialistas, as comunicações de que se originam tais propostas de trabalho assumem o estatuto de referência teórica. Em outras palavras, tornam-se potenciais discursos científicos a serem atualizados – recuperados anaforicamente – para serem realizados em outros discursos científicos.

Por isso, considerando i) as revistas de semiótica investigadas, ii) os grupos de especialidades que abrigam os pesquisadores que publicam nessas mídias; iii) os textos-fontes selecionados conforme quadro 14 para serem examinados nesta pesquisa e; iv) a influência dos discursos referenciais, desenvolvemos uma tipologia da relevância das contribuições teóricas para a figuratividade presentes nos artigos analisados na qual possa ficar evidenciada a abrangência de circulação dessas proposições teóricas entre grupos de semiótica e, ao mesmo tempo, da influência que exercem nesses e em seus grupos. O objetivo final dessa tipologia é, sobretudo, a verificação de como as proposições ora identificadas se entram no tecido teórico da semiótica. Para tanto, estabelecemos critérios em que se sobressai o ponto de vista qualitativo sobre essas proposições, ainda que valorizemos as citações.

Reconhecemos a importância de se considerar a perspectiva da recorrência de retomadas anafóricas de discursos comunicados nos periódicos estudados, pois entendemos que quanto mais um artigo é chamado a constituir discursos referenciais nos periódicos examinados, e quanto mais distribuído está entre os grupos, mais relevante é a sua contribuição para a economia geral da teoria. Todavia, entendemos que utilizar a recorrência de citações como critério de relevância não é suficiente para se medir a solidez de uma proposição teórica, uma vez que esse critério pode revelar a aceitação por parte de um pesquisador do próprio grupo e até de outro, mas não a força de dada ideia dentro de um grupo. Referimo-nos às citações assimiladas, conforme Moreira (2019, p. 57), visto que a distinção entre a aceitabilidade ou a recusa de uma proposição teórica pode ser relativizada por condições de produção que dificultam a contabilização dos discursos referenciais. Exemplo disso é o clima de opinião, responsável por fazer com que os membros de um grupo

reverberem o mesmo ponto de vista sobre dado assunto, além de outras situações, como no caso do ponto de vista que pode estar de tal modo arraigado no fazer científico em um campo ou disciplina que os pesquisadores já não sentem a necessidade de recuperar a origem primeira daquela contribuição teórica. Nesses casos, tendo já assimilado (ou absorvido) determinada proposição teórica, o pesquisador citante não atribui crédito a outro pesquisador – contemporâneo ou anterior a ele – pela proposição manifestada em seu discurso.

Diante dessa indeterminação da recorrência de citações para a mensuração da influência/relevância das proposições teóricas citadas, consideramos, para esse fim, critérios qualitativos, como a aspectualização, os modos de existência e a circulação das proposições teóricas nos e entre os grupos de semiótica. Nas seções que seguem, explicamos como esses critérios contribuem para a identificação da relevância das proposições sobre a figuratividade.

2.4.2.2.1. Primeiro critério: a aspectualização

A escolha pela aspectualização está associada ao seu aspecto processual, conseqüentemente, temporal. Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 40), esclarecem que enunciados narrativos são convertidos em enunciados processuais para que o analista possa identificar “[...] a relação que existe entre as transformações diacrônicas e suas manifestações temporais (ou históricas)”. Em *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993 [1991], p. 72-73) esclarecem que a aspectualização também está associada ao processo de construção teórica, aos efeitos de continuidade e de descontinuidade que o engendram. Ela pode ser vista da perspectiva da ordenação dos eventos – da disposição das proposições em uma ordem temporal, isto é, da narração dos fatos conforme acontecem – ou da intervenção cognitiva – competência da observação. Vê, portanto, os fenômenos que surgem nesses fatos do ponto de vista da duração: se incoativa, durativa, iterativa, terminativa ou pontual, por exemplo.

É nesse sentido que a aspectualização é aqui observada, pois entendemos que, por meio dos fatos teóricos narrados, a identificação da vigência (duração) dessas proposições pode ajudar a determinar se as contribuições teóricas relacionadas com a figuratividade perpassam diferentes momentos da história da semiótica, ou se se fixam a um momento específico da história da disciplina, atreladas a um espírito de época, sem transcendê-lo.

2.4.2.2.2. Segundo critério: os modos de existência

Adotamos o modo de existência como critério em razão de os discursos que introduzem, reproduzem ou contestam proposições teóricas possuírem uma existência semiótica na narrativa da história das ideias sobre a figuratividade. Em outras palavras, para que sejam aceitas, assimiladas e/ou rejeitadas no interior dos grupos de especialidades e entre esses grupos, essas proposições são, antes, percebidas e apreendidas pelos pesquisadores, ou seja, elas precisam irromper o campo de presença desses sujeitos do discurso (nesse caso, científico), permanecendo ou sendo retiradas desse campo de presença conforme os interesses científicos se mantêm ou se transformam.

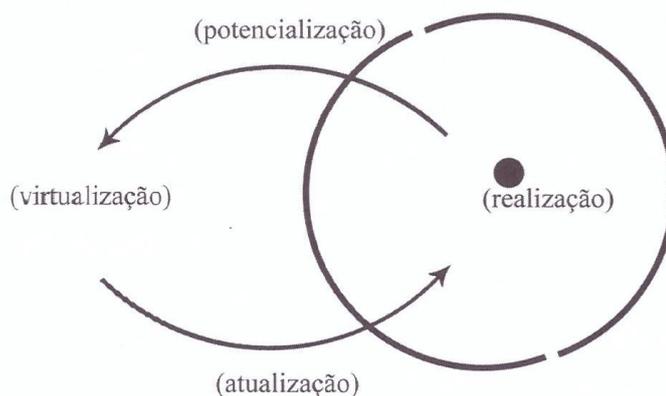
De acordo com Fontanille (2012 [1999], p. 168), a presença é administrada no campo do discurso pela práxis enunciativa, lugar da semiose em ato, que é responsável por conservar, ao mesmo tempo, a organização narrativa em que se estabelece um sistema de valores e a emergência desses valores no discurso em ato. É também a práxis enunciativa que faz aparecerem e desaparecerem enunciados e formas semióticas, seja no campo do discurso, seja “[...] no encontro entre o enunciado e a instância que o assume”, esclarece o pesquisador (FONTANILLE, 2012 [1999], p. 271).

Concernente à relevância das proposições teóricas em torno da figuratividade, este conceito configura-se, portanto, o objeto-valor de sujeitos coletivos (grupos de semiótica) e as proposições sobre ele podem ser consideradas enunciados enunciados pelos membros dos grupos; enunciados fadados a tornarem-se presentes e/ou ausentes na instância do discurso científico, isto é, a aparecerem e/ou desaparecerem conforme a práxis enunciativa os convoca (ou não), mais especificamente, conforme ela reproduz enunciados cujos sentidos já foram estereotipados e cristalizados pelo uso no interior desses grupos ou os ressignifica.

Dessa perspectiva, os enunciados fazem-se percebidos (irrompem o campo de presença) por meio dos modos de existência que podem ser, segundo Fontanille (2012 [1999], p. 73-74), virtualizados, atualizados, realizados ou potencializados. Anterior à convocação dos enunciados, o virtual existe fora do campo do discurso, enquanto o realizado (ocorrência do discurso em ato, apreendido quando o mundo sensível do plano do conteúdo do discurso é materializado pelo plano da expressão) fica no centro desse campo. O modo de existência atualizado, de sua parte, é responsável pela passagem do virtual para o realizado (é pressuposto ao realizado na medida em que a atualização faz perceber o que antes não era notado em razão de estar fora do campo), ao passo que o potencializado (lugar em que o discurso é dessemantizado pelo uso, ficando à espera de ser atualizado para retornar ao centro do campo de presença ou de ser colocado definitivamente na memória discursiva) intermedeia a transição do realizado em direção ao virtualizado. Este, cabe esclarecer, já não é mais o

virtual, visto participar do discurso em ato, porém em uma posição equivalente a um “[...] segundo plano ao funcionamento das figuras do discurso” (FONTANILLE, 2012 [1999], p. 275-276), também entendido como a “memória das operações do discurso”, nas palavras de Fontanille e Zilberberg (2001 [1998], p. 175). Esse movimento dos modos de existência no campo de presença ficam, portanto, assim representados:

Figura 9 – Representação dos modos de existência no campo de presença do discurso



Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001 [1998], p. 185) e Fontanille (2012 [1999], p. 275).

De forma resumida, “os modos de existência [...] dizem respeito diretamente às relações entre o sistema e o discurso, já que o sistema é por definição virtual, ao passo que o discurso *visa* à atualização” (FONTANILLE, 2012 [1999], p. 273, grifo do autor). Além disso, em *Tensão e significação*, Fontanille e Zilberberg (2001 [1998], p. 175) explicam que “os modos virtualizado e potencializado correspondem ambos ao estado latente das formas disponíveis [...]” seja à linguagem, pois no modo potencializado ocorre a cristalização dos usos na forma de estereótipos, seja ao sistema, já que o virtualizado é o lugar das memórias da práxis enunciativa.

Se tomarmos, de um lado, os textos-fontes que veiculam as proposições teóricas acerca da figuratividade e, de outro, essas ideias em si, é importante levarmos em conta que nem sempre estarão, ambos, no mesmo campo de presença do pesquisador. Entretanto, para que não haja confusão entre a recepção da ideia e a recepção da(s) obra(s) que a(s) contém/contêm, concentramos-nos na visada e na apreensão, por parte dos membros dos grupos de semiótica, apenas das proposições teóricas, embora nada impeça que essa nossa proposta de identificação de relevância seja aplicada aos textos-fontes também.

Sendo assim, se pensarmos no objeto (proposição teórica) antes de entrar no campo de presença do sujeito – pesquisador(es) –, temos uma **proposição virtual**, que fica à espera de uma atribuição de valor, ou seja, de entrar no campo de presença (ser assumida por) de um

sujeito. Mas, se a proposição aparece no campo de presença de um sujeito (é retomada em algum texto-fonte), estando, pois, em vias de realização, temos uma **proposição atualizada**⁷⁶. A partir do momento em que a proposição entra em conjunção com um sujeito, ainda que, nesse caso, apenas um pesquisador de cada grupo tome a proposição como discurso referencial (reproduza-a), podemos considerá-la uma **proposição realizada**. Quando a proposição deixa de ser retomada pelo(s) pesquisadore(s), ficando à espera de vir a ser novamente convocada (atualizada) por ele(s) para ser realizada e se transformar em discurso referencial, trata-se de uma **proposição potencializada**. Contudo, esse produto do uso, de tal modo estereotipado, pode ficar disponível e não ser atualizado, passando a integrar a memória do discurso de que um dia fez parte. Se isso ocorre, ele desaparece ou é resignificado, tornando-se uma **proposição virtualizada**⁷⁷.

2.4.2.2.3. Terceiro critério: o domínio actancial

O terceiro critério a ser considerado para a identificação da importância das contribuições dos semioticistas para o estudo da figuratividade é o domínio actancial, lugar da circulação das proposições contidas nos textos-fontes, mais especificamente, desses objetos imbuídos de valor teórico-científico no interior dos grupos de semiótica e entre eles.

De acordo com Greimas (2014 [1980], p. 39), a circulação de valores está intimamente ligada à existência semiótica na medida em que os valores recebem investimentos figurativos, transformando-se nos objetos visados pelos sujeitos. Ademais, diz Greimas (2014 [1980], p. 58) que é o objeto que faz o valor circular conforme é deslocado de um espaço a outro pelos sujeitos, e essa circulação ocorre em função da forma como são projetadas as relações do homem no mundo (contexto sociocultural). Dessarte, os valores tanto podem circular na imanência de um dado universo, como podem transcender esse universo, ou, ainda, organizarem-se em “[...] microuniversos polarizados que permitem determinar as relações existentes entre valores positivos e negativos [...]” (GREIMAS, 2014 [1980], p. 44).

A partir dessa explicação e entendendo a figuratividade como valor intermediário (uso) – haja vista a construção do projeto semiótico ser o valor de base do semioticista (trataremos disso no quarto capítulo) –, enquanto objeto-valor que se insere no campo de presença do(s) sujeito(s), as proposições teóricas circulam no interior dos grupos e/ou entre

⁷⁶ No caso de um texto-fonte, a atualização da presença pode ser identificada nas citações que, referencializadas, inserem esse texto no campo de presença do sujeito da enunciação, tornando-o realizado.

⁷⁷ Se o texto-fonte não é citado, ainda que a proposição teórica que veicula seja realizada em outros textos, a obra pode ser conduzida ao desaparecimento do horizonte do campo.

eles à medida que seu conteúdo manifesta perspectivas sobre a figuratividade consideradas negativas ou positivas por seus membros. Nesse sentido, podem ser retomadas com o intuito de dar continuidade e/ou reformular referenciais teóricos, ou para romper com eles. De qualquer forma, a depender do clima de opinião, as proposições sobre a figuratividade podem ficar restritas a um grupo; também podem transitar entre vários grupos ou perpassar todos os grupos de semiótica, reverberando a asserção da ideia pelo campo. Em algumas situações, pode fazer um eco tímido em outro grupo.

Dito isso, ainda que o grupo seja um sujeito coletivo, no sentido estrito, na medida em que reúne vários pesquisadores, cada qual um indivíduo, sempre que fizermos referência ao domínio actancial no tratamento da circulação das proposições teóricas, o sujeito coletivo será entendido, por nós, como a reunião de dois ou mais grupos. Conseqüentemente, cada grupo, com sua individualidade e singularidade próprias, será considerado um sujeito individual.

2.4.2.2.4. Da relevância ao desvanecimento de ideias: o cruzamento dos três critérios

Tendo em vista a adoção dos três critérios para a identificação da relevância das proposições sobre a figuratividade ora explicitados, nomeamos **esteares** as proposições que visam à revisão ou à (re)formulação de um referencial teórico ou à sua complementação, reconhecidos pela comunidade científica enquanto discurso referencial de pesquisas que pertençam ao mesmo grupo de pesquisadores – reforçando a produção intelectual da equipe –, ou a outros grupos – que a adaptam a outros trabalhos e discussões, impulsionando as proposições do grupo de origem para além dos debates que geraram tais ideias – e, ainda, perpassam gerações de pesquisadores. O que torna essas contribuições teóricas orientadoras de outras produções, ou “balizas” (SILVA, 1995a, p. 24), é o fato de, simultaneamente, englobarem um processo a um só tempo individual e conjunto (discussões em grupos) de construção teórica que as antecede e as constitui, e serem englobadas por investigações teóricas que a elas são ulteriores.

Da nossa perspectiva, tal prática revela um aspecto iterativo de um percurso ascendente do modo atualizado para o realizado, nos termos de Fontanille (2012 [1999], p. 277), uma vez que a proposta é várias vezes atualizada e realizada (aplicada a análises de semióticas-objeto) dentro de um mesmo espírito de época, ou, até mesmo, durativo, pois transcende um espírito de época e permanece sendo convocada em trabalhos relacionados com outros objetos de interesse. Além disso, circulam em vários grupos (ou em todos eles) “contaminando-os”, utilizando uma expressão landowskiana, à medida que as proposições

neles contidas se infiltram nas produções intelectuais desses grupos, como a proposta de que as linguagens semissimbólicas também podem se realizar entre manifestações de linguagens diferentes como na constituição das linguagens sincréticas, conforme Floch (1981).

Existem, ainda, propostas que contribuem para a revisão teórica, sua (re)formulação ou complementação, obtêm o estatuto de cientificidade e são utilizadas como referencial teórico no interior de dado grupo, podendo ser referência em trabalhos pertencentes a outros grupos de especialidades, porém produzidos pelo mesmo pesquisador. Além disso, embora elas possam ficar restritas a um limite temporal, não se circunscrevem a um espaço específico, na medida em que o mesmo pesquisador perpassa diferentes grupos. Chamamos essas propostas de **mediadoras**, pois embasam a literatura fundamental da teoria conforme intermedeiam transições de pontos de vista. Outrossim, não só podem dar encerramento ao espírito de uma época – apresentando aspecto terminativo –, como podem ser estendidas por desdobramentos teóricos englobados por um trabalho maior, mais completo – característica que lhes atribui um aspecto incoativo, pois iniciam um percurso de construção teórica.

Dessarte, as propostas mediadoras também realizam um percurso ascendente, pois são atualizadas e realizadas conforme são chamadas a fundamentar a proposição de novas contribuições teóricas, que as contestam ou lhes dão continuidade e passam a assumir o posto de discurso referencial no lugar do texto fundador. Exemplificamos: no artigo “Une lecture de Velasquez”, publicado por Silva em 1980 no periódico do GRSL, quando os visualistas começavam a introduzir novas concepções em torno do papel da figuratividade nos textos, o pesquisador diz que a desreferencialização desconstrói a substância da manifestação, enquanto a referencialização reconstrói a substância da manifestação, restituindo-lhe a forma. Dessa maneira, o enunciado torna-se legível para o enunciatário através da leitura simbólica ou mítica do objeto reconstruído, que instaura a ilusão referencial (reconhecimento de um universo sociocultural). Essa proposta é retomada em vários trabalhos do semioticista brasileiro no CESAJG até ser incorporada a *Figurativização e metamorfose*, em 1995, obra considerada um marco para os estudos da figuratividade no Brasil.

Existem pesquisas, de outra parte, que apresentam contribuição inovadora e continuísta (não se trata de uma retórica revolucionária), e, da mesma maneira que as propostas mediadoras e as esteares, impactam positivamente nos trabalhos de outros pesquisadores, favorecendo a produção de artigos de pesquisa, ou seja, de aplicação teórica a semióticas-objeto. Todavia, não se tornam perenes – são aspectualmente pontuais – e não transitam entre mais do que dois grupos de especialidade. Intitulamo-nas **incidentais**, pois ainda que essas pesquisas sejam resultantes de discussões prévias, ou seja, derivem de debates

nos grupos, podem não se tornar discurso referencial em produções contemporâneas ou futuras em curto prazo – pelo menos, não explicitamente. Nada impede, todavia, que essas proposições sejam reconhecidas no interdiscurso, mesmo que não haja a ratificação explícita em referências bibliográficas ou citações.

Em contrapartida, essas propostas têm a capacidade de serem desencadeadoras de debates futuros. Nesse caso, já instauradas no campo, elas realizam um percurso descendente do modo realizado para o potencializado (FONTANILLE, 2012 [1999], p. 277), ficando reservadas até extrapolarem o espírito da época em que surgem e serem revisitadas (convocadas) em outros tempos, realizando, então, o percurso inverso, ou seja, ascendente, rumo à realização, a exemplo dos formantes plásticos e figurativos, importantes para a constituição de uma semiótica plástica nos anos 1980, ficando inativa a partir da segunda metade daquela década até ser recuperada em outros estudos nos anos 2000.

Embora a adesão a quaisquer proposições ora apresentadas dependa da difusão do saber produzido nas comunicações científicas em periódicos especializados e essa difusão esteja subordinada a práticas editoriais necessárias à aceitação das pesquisas pela comunidade científica – pois as mídias especializadas medeiam a divulgação de novos e antigos conhecimentos no interior de um campo das ciências –, mesmo que algumas sejam publicadas e, por isso, consideradas pertinentes e de certa relevância teórica, não são reproduzidas em comunicações de outros pesquisadores. Denominamos tais propostas **latentes**; pois, ainda não visadas por outros pesquisadores, permanecendo, por isso, virtuais, ficam à espera de se tornarem discursos de autoridade, circulando em período posterior ao recorte temporal adotado nesta pesquisa e/ou em trabalhos que não pertençam ao nosso cópulus de análise.

O próximo quadro resume as características dessas propostas:

Quadro 15 – Critérios de identificação de relevância de proposições teóricas

RELEVÂNCIA DA PROPOSIÇÃO	ASPECTO	MODO DE EXISTÊNCIA	DOMÍNIO ACTANCIAL
Latente	Não há	Virtual	Não há
Estear	Durativo / Iterativo	Atualizado e Realizado	Coletivo
Mediadora	Incoativo / Terminativo	Atualizado e Realizado	Individual ou Coletivo
Incidental	Pontual	Potencializado	Individual (geralmente)

Fonte: autora.

A caminho de concluirmos este capítulo, ao longo desta parte da tese, empenhamo-nos em apresentar a base teórica que nos possibilita construir o fio narrativo sobre a história de um conceito operacional da semiótica discursiva: a figuratividade. Falamos em fio narrativo porque a proposta de fazer investigação historiográfica, em certa medida, está vinculada à narração de fatos acerca de um dado objeto, no nosso caso, a figuratividade, um conceito semiótico. Por outro lado, esta pesquisa também se vale de elementos da metodologia da semiótica, sobretudo, no que concerne à análise dos dados sobre a figuratividade, o que nos autoriza a pensar o fio narrativo sobre a história desse conceito enquanto transformação, realização de um PN por um sujeito (pesquisador-autor), de certa forma autodestinado, cuja busca é a construção de uma teoria da figuratividade e, assim, contribuir para a evolução do conceito na semiótica discursiva.

As ferramentas de investigação da HL forneceram procedimentos de investigação que partem do levantamento, do inventário e da seleção dos textos-fontes elencados no quadro 14. Porém, coube à adequação de aspectos da HL – a exemplo da noção de influência (BATISTA, 2013) e da tipologia de artigos científicos (ALTMAN, 1998) – à metodologia semiótica – como discurso referencial, conforme Greimas (1981 [1976]) e Barros (2009), noções de aspecto e de modo de existência (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979]) – o desenvolvimento de nossa própria proposta de análise dos dados a serem fornecidos pelos textos-fontes nos capítulos finais deste trabalho.

Tendo em vista que faz parte de uma pesquisa historiográfica a investigação do contexto de produção dos textos-fontes examinados e que a semiótica considera pertinente, em suas análises, o diálogo dos textos com outros textos pertencentes a tempos e espaços contemporâneos e extemporâneos àqueles de sua produção, no capítulo a seguir, apresentamos os grupos franceses e brasileiros de semiótica que propomos investigar – GRSL, CeReS, CESAJG, CASA, GES-USP –, lugares de discussão e construção do projeto semiótico. Assim, com base nos estudos de Stephen O. Murray (1994) e de Pierre Bourdieu (2004), mostramos como os grupos de especialidades se formaram e se institucionalizaram à medida que também erigiam uma teoria da figuratividade.

3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA NO BRASIL E NA FRANÇA: GRUPOS DE ESPECIALIDADES E PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS⁷⁸

[...] não se estuda semiótica sozinho. Essa não é uma ciência solitária. Aliás, duvido que exista alguma ciência solitária (SILVA, 2000 apud BALDAN, 2003, p. 7).

Como muitos que faziam parte do grupo, nunca fui aluna do Ignácio, não me sentei num banco escolar para ouvi-lo falar de Semiótica. A sua postura ortodoxa em relação à Semiótica - tão conhecida de todos - foi sendo ministrada gota a gota no decorrer de conversas, no macio do dia-a-dia, como acredito deva ser todo ensino que não se faz pela imposição, ou pela intimidação, mas pela tentação, provocação e sedução. Pela sedução, principalmente, fui conduzida e sem saber - hoje, escrevendo estas linhas, é que tomo consciência disso - tornei-me sua discípula (E. NASCIMENTO, 2004b, p. 2).

Nos capítulos anteriores, apresentamos: i) o conceito de figuratividade desde suas raízes na teoria estética até as últimas perspectivas pós-greimasianas (teóricas e/ou práticas) acerca da operacionalidade desse conceito na semiótica discursiva; ii) a historiografia linguística, disciplina que nos fornece as ferramentas metodológicas necessárias à reconstrução da história do conceito de figuratividade na semiótica e ainda à identificação das contribuições dos grupos de especialidades (entendendo-se, aqui, os grupos de semiótica) para a institucionalização da semiótica e consequente participação no avanço dos estudos sobre a figuratividade; iii) uma proposta de análise de dados que coadunando a Semiótica e a HL, acreditamos que nos propicia examinar o nosso *cópus* adotando uma perspectiva semio-historiográfica para identificarmos, ao final, as colaborações dos pesquisadores para a construção do conceito tal qual é compreendido hoje entre os semioticistas, assim como as contribuições da figuratividade para a semiótica discursiva à medida que o entendimento sobre esse conceito se transforma ao longo dos anos.

Dando continuidade à nossa proposta de trabalho, expomos, neste capítulo, de que maneira a semiótica da Escola de Paris se enraizou nos estudos pertencentes ao campo das

⁷⁸ Entendemos que a institucionalização de um campo não é medida apenas pela criação e fixação de grupos de especialidades em Instituições de Ensino Superior - IES (universidades), pois parte desse processo também se deve à formação de pesquisadores de um campo tanto em nível de graduação (oferta de disciplinas obrigatórias e optativas sobre o campo) quanto de pós-graduação *stricto sensu* (pesquisas em níveis de mestrado e doutorado), como preveem Lemos, Portela e Barros (2012, p. 58-59). Tendo em vista, no entanto, a investigação sobre a figuratividade em periódicos de semiótica com o objetivo de identificar os debates que conduziram à aceitação ou contestação de pontos de vista acerca do conceito à medida que evoluiu no interior da disciplina, não abordamos, neste capítulo, a formação em nível de graduação ou de pós-graduação oferecida pelas universidades, mas a atuação de grupos de especialidades com consequente necessidade de comunicação das descobertas científicas em torno da figuratividade em referidas mídias, pois são os membros dos grupos de especialidades que sancionam ou não a pertinência dos estudos realizados por aqueles que atuam naquele campo científico.

ciências humanas e sociais, sobretudo no que concerne ao estudo sobre a significação na linguagem humana, em universidades francesas e brasileiras; neste último caso, mais especificamente, em universidades paulistas. Como qualquer ciência, a semiótica “[...] não é uma ciência solitária”, pondera Ignacio Assis Silva (2000 apud BALDAN, 2003, p. 7) na epígrafe deste capítulo; porém, da mesma forma que as demais, precisa se impor para se conservar no campo a que pertence. Em outros termos, não basta a uma ciência ser fundada, precisa ser conservada no campo, visto que tal qual exprime Pierre Bourdieu (2004 [1997], p. 22-23), não há campo científico que não se configure “um campo de forças” e, ao mesmo tempo, “[...] um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. Pensando nisso, para melhor explicar o processo de institucionalização da disciplina, simultaneamente à apresentação dos grupos de especialidades – de como e de quando se formaram e se mantiveram (ou não) em atividade –, trazemos à luz os periódicos que deles surgiram, fazendo com que a divulgação da produção científica da semiótica não ficasse sob o jugo de outras disciplinas.

Em atenção ao princípio de contextualização de Koerner (1996, p. 60), nossa jornada em direção à institucionalização da semiótica parte de uma breve retomada do espírito científico e político, em certa medida, das universidades francesas em que Algirdas Julien Greimas traz à luz a obra fundadora de sua teoria do discurso, uma vez que quando publica *Semântica Estrutural* em 1966, o mestre lituano já é membro da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)⁷⁹, em Paris, desde 1965.

De acordo com Landowski em “O círculo semiótico de Greimas” (2017d [2015], p. 50-55)⁸⁰, a efervescência intelectual da cidade de Paris após a Segunda Guerra foi propícia para que o lituano radicado na França, teórico da linguagem reconhecido entre os linguistas e colaborador de periódicos de diferentes áreas das ciências humanas – *Argumentos*⁸¹ (1956), de filosofia; a *Le français moderne*⁸² (1956), de linguística; *Annales*⁸³ (1958), de história; *L’Homme*⁸⁴ (1963), de antropologia; a *Temps modernes*⁸⁵ (1966), de política, literatura e

⁷⁹ Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais.

⁸⁰ Esse texto foi publicado em 2015: em inglês, com o título “The greimasian semiotic circle”, em livro organizado por M. Grishakova, *Theoretical Schools Circles in the Twentieth Century Humanities: Intellectual and Cultural Legacy*; e em francês, intitulado “Le cercle sémiotique de Greimas”, nos *CASA*. Utilizamos, nesta tese, a versão traduzida por Ana Claudia de Oliveira para o livro *Com Greimas: interações semióticas* (LANDOWSKI, 2017a).

⁸¹ Fundada por Edgar Morin, Roland Barthes e Jean Duvignaud.

⁸² Atualmente dirigida por Jean-Marie Klinkenberg, foi fundada em 1933, por Albert Dauzat, em substituição à *Revue de Philologie Française*, do filólogo, fundada em 1897 por Léon Clédat.

⁸³ Fundada por Lucien Febvre em 1929 (historiador). À época, dirigida por Fernand Braudel e Robert Mandrou.

⁸⁴ À época, dirigida por Claude Lévi-Strauss e Émile Benveniste.

⁸⁵ Fundada por Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

filosofia –, participar da corrente de pensamento estruturalista ao lado de pesquisadores como Lévi-Strauss e Barthes, entre outros. Embora participasse, informalmente, de círculos de discussões ainda quando lecionava em Alexandria, entre 1959 e 1958, é quando se instala em Paris, em 1960, que se integra a um grupo de intelectuais de prestígio e força político-científica. No entanto, é somente na década de 1970, ainda em Paris, mas sem a mesma influência política dos pesquisadores franceses, egressos das grandes instituições de ensino superior, que Greimas realmente consegue formar um grupo, qualificado pelo mestre lituano, nas palavras de Landowski (2017d [2015], p. 53), um “clube de iguais”.

Voltemos à década de 1960. Ao mesmo tempo em que Greimas se associa ao que Landowski (2017d [2015], p. 52) chama de “corrente de reflexão coletiva” (o estruturalismo), afloram diferentes correntes de pensamento responsáveis por propiciar o estabelecimento de uma tensão de ideias entre alguns membros da Academia que se opõem ao pensamento estruturalista defendido por Greimas e esse grupo de pensadores das ciências sociais. Mesmo em meio a esse clima de opinião tumultuado e politicamente engajado, conforme François Dosse (1993 [1991]), o pesquisador conduz encontros científicos semanais, evento que nomeia Seminário de Semântica Geral, reunindo seus alunos e pesquisadores de áreas afins ao estudo da linguagem como filósofos, sociólogos, antropólogos, entre outros, que flertavam, em maior ou menor medida, com a vertente estruturalista.

Embora o projeto semiótico ainda esteja em estado embrionário, em termos de comunicação de resultados de pesquisa, o ano de 1966 é considerado o ano de ouro do estruturalismo francês, e, nesse sentido, as várias publicações de Greimas em diferentes revistas científicas, bem como a participação do pesquisador lituano em seminários, congressos e colóquios diversos refletem a intensa produção científica em torno de uma teoria que viesse a ultrapassar a linguística e a englobar, reproduzindo as palavras de Dosse (1993 [1991], p. 241), “[...] todo o campo das ciências do homem”.

Dois anos após publicar a obra fundadora da semiótica discursiva, em maio de 1968, eclode, na França, um movimento de contestação universitária, que embora resulte, entre outras ações, em um ataque ao movimento intelectual estruturalista de que Greimas faz parte, não impede que os seminários continuem acontecendo nem consegue abalar o seu comprometimento com o projeto científico iniciado em 1966. Como consequência dessa revolta, iniciada em Nanterre, são criados novos departamentos de ensino, como o de Linguística Geral, inexistente até então, e os docentes estruturalistas, cada qual em sua disciplina, veem suas ideias institucionalizadas após a insurgência dos opositores ao estruturalismo. A institucionalização, portanto, configura-se uma vitória desse grupo, ainda

que a corrente de pensamento em prol das estruturas tenha se arrefecido (DOSSE, 2007 [1992], p. 173).

Tomando como princípio a importância das instituições para um campo e a forma como o campo, através das instituições, age na cultura que o engloba, segundo Bourdieu (2004 [1997]), é em um cenário a um só tempo de enraizamento de ideias (construção de uma teoria de investigação do sentido), de agrupamento de agentes em torno de uma busca comum (constituição de um grupo de discussões sobre a teoria), de definição de posicionamento científico e de campo de pesquisas que se dá a institucionalização da semiótica discursiva na década de 1970. É, pois, quando os seminários de Greimas, apesar de receberem, como visitantes, pesquisadores simpatizantes de seu projeto intelectual – Michel De Certeau, Paul Ricoeur, Louis Marin, Bernard Pottier, Umberto Eco, Ítalo Calvino, Bruno Latour (LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 56) – acolhem muitos colaboradores e estudantes, franceses e estrangeiros que aderem ao seu projeto e rigor científicos e se tornarão grandes difusores da teoria em seus países e em suas universidades. Entre esses pesquisadores figuram Jacques Fontanille, Jean-Marie Floch, Jean-Claude Coquet, Eric Landowski, Michel Arrivé, Paolo Fabbri, Diana Luz Pessoa de Barros, Manar Hammad, etc., como relatam Barros (2017) e Landowski (2017d [2015]). Sobre essa difusão da semiótica para outros países, Landowski (2017d [2015], p. 70) acrescenta que

[...] o grupo se constituiu a dois passos do Sena. Mas seus membros, na maioria, eram parisienses apenas por intermitência, por acidente ou por adoção. O seminário era composto por quartos de estudantes estrangeiros e colegas provenientes de todos os continentes. Uma vez que retornaram, eles fundaram novos círculos em seus países. De forma que se foi mesmo na França que esta semiótica nasceu, foi enquanto produto de exportação que ela em seguida se desenvolveu. E hoje em dia mais do que nunca, de Bolonha a São Paulo, de Vilnius a Tehrân, Oujda ou Istambul, e muitos outros lugares de estudo, o advir do projeto intelectual greimasiano joga-se no plano internacional, longe do Quartier Latin.

Esse papel desempenhado por Greimas “de construtor de ‘actantes coletivos’”⁸⁶; papel de inspiração dos participantes do Seminário a divulgar a semiótica nas universidades a que se vinculam é evidenciado no artigo de Barros intitulado “A formação do semiótico: experiência e paixão semióticas” (2017, p. 1-3). Nesse texto, a semiótica revela, além da liderança intelectual exercida pelo mestre lituano, a liderança organizacional do semiótico que lidera o grupo parisiense à medida que narra suas vivências enquanto orientanda de Greimas durante estágios de mestrado entre 1970 e 1971 e de doutorado no período de 1976 e

⁸⁶ Conforme relato de Landowski (2017d [2015], p. 54), essa expressão era utilizada pelo próprio Greimas.

1977, realizados na França, bem como sua relação com Greimas e a confiança que ele deposita na pesquisadora para assumir a responsabilidade de fortalecer a semiótica no Brasil. De acordo com o relato, a amizade, que se estende para além dos encontros em Paris, pois se perpetua através da correspondência epistolar, acompanha um *dever fazer* que lhe é destinado pelo autor de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]). Nessas cartas, Greimas a encarrega da tarefa de divulgar a semiótica no Brasil por intermédio da tradução de pesquisas originalmente publicadas em língua francesa, da divulgação do periódico (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques* e da publicação de trabalhos autorais. Outrossim, a instiga a desenvolver a teoria em território brasileiro, promovendo a institucionalização da semiótica em universidades brasileiras com vistas à formação de novos semioticistas (BARROS, 2017, p. 3).

É em razão de intervenções desse tipo que ainda na primeira metade dos anos 1970 a semente plantada entre os pesquisadores estrangeiros passa a render frutos. A semiótica da Escola de Paris se extracontinentaliza e se enraíza em países como o Brasil, por exemplo, onde, na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, surge um grupo de especialidade institucionalizado na forma de em um centro de estudos semióticos e ainda vê despontar, em 1974, uma revista brasileira de divulgação do conhecimento científico no campo da semiótica, a *Significação*⁸⁷. Na segunda metade da mesma década, como será mostrado adiante, após testemunhar a teoria se internacionalizar e começar a se firmar fora da França, com o apoio financeiro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)⁸⁸, do Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (GRSL)⁸⁹ – alunos-pesquisadores participantes dos seminários parisienses – e do Institut National de la Langue Française⁹⁰, além de motivado pela necessidade de divulgação do projeto científico e da produção científica do GRSL, funda a revista francesa de semiótica *Actes Sémiotiques*.

Mostramos a seguir, os diferentes ambientes franceses e brasileiros de discussão teórico-científica que abrigaram e ainda abrigam as ideias semióticas, contribuindo para a institucionalização inequívoca da disciplina, assim como aqueles que desde então buscam difundir as descobertas realizadas não somente em seminários e colóquios de semiótica, entre outros eventos científicos, mas em meios formais de registro e de propagação do conhecimento científico que sejam mais especializados que aqueles direcionados a linguistas, semioticistas e pesquisadores dos campos das ciências humanas e sociais: os periódicos de

⁸⁷ Trataremos mais detalhadamente da relação dos semioticistas brasileiros com Greimas, bem como do surgimento do Centro de Estudos Semióticos em Ribeirão Preto (SP) e da revista *Significação* mais adiante.

⁸⁸ Centro Nacional da Pesquisa Científica - CNRS.

⁸⁹ Grupo de Pesquisas Semiolinguísticas - GRSL.

⁹⁰ Instituto Nacional da Língua Francesa.

semiótica. Entre esses grupos de estudo (e de discussão) e as revistas científicas, destacamos, no país de origem da semiótica discursiva, a importância dos Seminários de Paris e do CeReS, em Limoges, para os *Actes Sémiotiques*; e, no Brasil, a relação entre o CESAJG e a *Significação*, o CASA e os *Cadernos de Semiótica Aplicada*, e o GES-USP e a *Estudos Semióticos*.

3.1. Os grupos de especialidades

3.1.1. Escola de Paris: onde os seminários de Greimas fazem a semiótica germinar e se desenvolver

Entre 1970 e 1971, as seções semanais do Seminário de Semântica Geral acontecem em Paris, em uma pequena sala do Centro Experimental de Vincennes, pertencente à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Participam do evento pesquisadores mais e menos conhecedores dos estudos semióticos, sendo os alunos mais experientes responsáveis pela apresentação dos trabalhos que são imediatamente discutidos por Greimas. Trata-se de um grupo ainda em formação, no entanto harmonicamente organizado, descreve Barros (2017, p. 1). Trata-se de um ambiente diferente daquele da década de 1960, que segundo Landowski (2017d [2015]) não funcionava como uma atividade que visa à “construção de um projeto comum”. A descrição do semiótico aproxima-se muito da primeira fase de formação de um grupo de especialidade (MURRAY, 1994, p. 14-15), em que pesquisadores com o mesmo interesse teórico reúnem-se, mas se mantêm independentes uns dos outros. Até 1968, nas palavras do semiótico, “Este seminário em sua primeira forma, por mais prestigioso que fosse [...] não deve nos iludir: neste estágio, nenhum ‘círculo semiótico greimasiano’ ainda existia” (LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 55-56). Desses seminários, participavam Gérard Genette, Oswald Ducrot, Christian Metz, Julia Kristeva, Claude Brémont, Tsvetan Todorov, Tomas Pavel, entre outros, que mais exercitaram a confrontação com Greimas do que o interesse por tornarem-se greimasianos.

Foi, de fato, a partir dos eventos de 1968 que os encontros, menos espetaculares do que austeros, com discussões sistemáticas e endógenas, e com participantes que buscavam consolidar e desenvolver o projeto proposto por Greimas em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) que o grupo começou a adquirir contornos de grupo de trabalho e os seminários realmente se transformaram em espaço de reflexão, tipo de trabalho, em equipe, muito caro a Greimas (LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 55-57). Exemplo disso é o número 22 da revista

Langages, publicado em 1971 sob a direção de Claude Chabrol e Louis Marin, “Sémiotique narrative: récits bibliques”, inteiramente dedicado à semiótica narrativa aplicada aos relatos bíblicos, mas que resulta de um congresso dos biblistas da França realizado em 1969⁹¹, conforme Louis Panier (apud FONTANILLE; HÉNAULT; PANIER; TARASTI, 2013, p. 7), demonstrando o início de um processo de consolidação daquele grupo.

Na segunda metade da mesma década, segundo Barros (2017, p. 2), os seminários realizados sempre às quartas-feiras são abrigados em um espaço maior, porém ainda sem condições de acomodar confortavelmente os participantes. Além disso, apresenta um novo formato, dividindo-se em “grande seminário” – de caráter geral, é voltado para todos os pesquisadores que se interessam pela significação do discurso – e “meta-seminário” ou “mini-seminário”, do qual participam apenas pesquisadores convidados, reunidos no gabinete de Greimas situado à rua Monsieur-le-Prince. Nesse ambiente, são discutidas questões relativas à metodologia semiótica, obras recém-publicadas, pesquisas envolvidas em projetos comuns aos presentes, assim como políticas acadêmica e científica. Práticas de estudo como leitura de livros e textos para posterior explanação para os demais membros também fazem parte das atividades do Seminário. Ademais, participantes de outras áreas das ciências humanas e sociais ainda se somam ao grupo, apresentando trabalhos de interesse compartilhado a exemplo de Claude Brémond, Michel Arrivé, Michel De Certeau, entre outros.

A investigação científica e intelectual com foco em uma produção coletiva, mas capaz de contribuir efetivamente com pesquisas individuais pode ser considerada uma marca dos seminários e dos encontros de pequenos grupos de trabalho denominados “ateliers”, reproduzindo termo utilizado por Landowski (2017d [2015], p. 58), que se reuniam em torno de determinado tópico de estudo (discursos científicos, religiosos, literários; semiótica do espaço, visual, sociosemiótica e etnossemiótica, por exemplo). De todas essas reuniões surge a necessidade de comunicação das descobertas científicas ali realizadas, levando à publicação do primeiro número dos *Actes Sémiotiques - Le Bulletin* em 1977, intitulado “Vers une sémiotique de la manipulation”. Essa edição conta com um texto de Diana Luz Pessoa de Barros, uma síntese crítica das comunicações sobre manipulação realizadas naquele ano letivo, conforme relata (BARROS, 2017, p. 3). Outras atividades, todavia, também são realizadas pelo grupo, como cursos de formação, e também publicação de resultados de

⁹¹ Segundo Panier (2013, p. 7), quem sugere que os organizadores do evento entrem em contato com Greimas é Paul Ricoeur, em 1968. Embora Greimas não tenha participado do evento, foi representado por seus alunos que depois publicaram os trabalhos apresentados no evento na revista *Langages* em 1971.

trabalhos conjuntos e resenhas de obras consideradas importantes para o desenvolvimento do projeto semiótico em periódicos científicos diversos, explica Barros (2017, p. 3).

O “grande seminário”, mencionado por Barros (2017, p. 2), acontece à rua de Tournon, espaço que é analisado por Hammad, Arango, de Kuyper e Poppe no artigo “L'espace du séminaire” (1977). Nesse texto que tem como objeto o Seminário de 1976/1977, a análise faz uma abordagem tanto no âmbito da expressão quanto no do conteúdo. Dessa forma, esse local de encontro dos greimasianos é descrito como um espaço de ensino e de formação, embora também possa ser usado para assembleias e discussão dos problemas universitários. No nível da expressão não são analisados apenas os aspectos arquitetônicos, pois também existe grande preocupação com aqueles concernentes à organização da sala, como a distribuição das cadeiras: parte disposta no entorno da mesa e outra parte encostada na parede, logo atrás das primeiras; que embora impeçam a livre circulação pelo ambiente, inviabilizando pausas durante as reuniões, apresentam um arranjo que não é fortuito. Primeiramente, porque o formato retangular da mesa propicia manter o costume ocidental de o professor responsável pela reunião, assim como seus palestrantes convidados, se sentar à extremidade da mesa. Em segundo lugar, essa forma de organização do espaço onde acontece o Seminário ainda propicia uma subdivisão dos participantes na qual os membros mais próximos de Greimas e que têm direito à palavra sentam-se à mesa; aqueles que podem, excepcionalmente, tomar a palavra, sentam-se junto à parede; e os demais participantes, que ficam ainda mais longe do professor regente, apenas assistem (HAMMAD; ARANGO; DE KUYPER; POPPE, 1977, p. 34-39). São, portanto, os participantes que se sentam mais próximos de Greimas aqueles que mais contribuem para a produção coletiva que resulta dos debates ali empreendidos.

O seminário de duas horas, dirigido por Greimas, conta com participação irregular de seu assistente e discussões que ocorrem tanto durante as exposições, quanto ao final. Os autores descrevem-no, do ponto de vista do conteúdo, como um meio de “transmissão de saber”, sendo delegado a Greimas o papel actancial de destinador e, aos demais participantes, o de destinatário – um destinatário coletivo. As discussões então promovem uma transformação no esquema de base, aquele de “transmissão de saber”, dando lugar a uma “produção de saber” que, em outros termos, são os trabalhos que resultam dos debates. Assim, fica evidente que a finalidade principal do seminário é, sobretudo, a produção de um saber que é analisável em uma transmissão na medida em que acontece uma transformação de saber, como enfatizam Hammad, Arango, de Kuyper e Poppe (1977, p. 37-42).

Se os anos 1970 e 1980 são considerados a *belle époque* da produção coletiva e do desenvolvimento do projeto semiótico, os anos 1990, assevera Landowski (2017d [2015]), são considerados uma década de crise entre os especialistas em semiótica discursiva reunidos na França. O GRSL se desintegra, processo iniciado antes mesmo do falecimento do mestre-fundador da disciplina e sujeito destinador do fazer do grupo. Embora permaneça a ideia de que é uma teoria em construção, portanto inacabada, o argumento de que a semiótica é um projeto coletivo já não é aceito como forma de manipulação dos destinatários, até então sujeitos coletivos modalizados por um dever-fazer e por um querer-fazer, isto é, dar seguimento àquela semiótica mais rígida e menos flexível que imperara até meados dos anos 1980. Essa perspectiva landowskiana é confirmada por Jacques Fontanille, em entrevista a Jean Cristtus Portela (2006, 167-168), ao responder que as rédeas do Seminário greimasiano foram tomadas por ele, Denis Bertrand, Claude Zilberberg e Jean-François Bordron após o falecimento do mestre fundador da semiótica. Os quatro erigiram, dessa forma, o Seminário Intersemiótico de Paris, dando continuidade ao trabalho até então empreendido por Greimas, haja vista Anne Hénault ter se mudado para o Canadá, Jean-Marie Floch estar ocupado com o seu trabalho, Joseph Courtés ter se mudado para Toulouse por motivos pessoais, Jean-Claude Coquet e Jean Petitot terem fundado o seu próprio seminário e Landowski estar a milhares de quilômetros da França à época.

A partir daí, novas semióticas, desenvolvidas por herdeiros do projeto greimasiano, ou seja, que se colocam como integrantes da semiótica discursiva nascida de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), surgem, acompanhando a flexibilização investigativa de *Da imperfeição* (2002 [1987]), porém sem perder o rigor metodológico greimasiano. Exemplo disso é o enraizamento do pensamento pós-greimasiano⁹² nos grupos de semiótica brasileiros, como a produção de Landowski, Fontanille e Zilberberg, envolvendo as suas sociosemiótica, semiótica da experiência e semiótica tensiva, respectivamente.

Quanto aos seminários, após 1992, ano de falecimento do mestre lituano, o Seminário de Semântica Geral transforma-se em Seminário de Semiótica de Paris como forma de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por Greimas na EHESS, afirma Valeria De Luca (2015-2016, p. 1) no artigo “La sémiotiques en France”, publicado na revista da Universidade de Liège, *Signata*. De acordo com a autora, também acontece uma fusão entre o Seminário de

⁹² De acordo com Patricia Veronica Moreira (2019), “pensamento pós-greimasiano” são as ideias de autores cujos trabalhos produzidos de 1992 aos dias atuais obtiveram repercussão positiva na semiótica discursiva, destacando-se pela reprodução de suas pesquisas por pesquisadores da Europa e, sobretudo, do Brasil. São, portanto, cientistas – a exemplo de Jacques Fontanille, Claude Zilberberg, Eric Landowski – cujas “ideias potencialmente inovadoras” são fortemente recepcionadas por outros semioticistas.

Semiótica, ainda vinculado à EHESS, o Seminário Intersemiótico de Paris e o Metaseminário de Paris IV entre 2012 e 2013, elevando o Seminário de Semiótica à condição de um grande seminário que visa à discussão de questões relacionadas com a cultura contemporânea para, dessa forma, produzir uma pesquisa de excelência, voltada para a solução de problemáticas mais atuais. A partir de 2016, mediante a abrangência ainda maior dos encontros, alcança o patamar de Seminário Internacional de Semiótica de Paris, contando não somente com a coordenação de Pierluigi Basso Fossali e Jean-François Bordron, mas também com a supervisão de um comitê científico do qual fazem parte: os coordenadores, Anne Beyaert-Geslin, Denis Bertrand, Nicolas Couégnas, Ivan Darrault-Harris, Maria Giulia Dondero, Jacques Fontanille, Didier Tsala-Effa, Alessandro Zinna (DE LUCA, 2015-2016, p. 1-2).

De acordo com De Luca (2015-2016, p. 1), em 2016, os encontros do Seminário Internacional de Semiótica de Paris ainda acontecem às quartas-feiras, porém quinzenalmente e em outro endereço: na Maison Suger (Fondation de la Maison des Sciences de l'Homme – FMSH⁹³). Além disso, os encontros são mantidos pela Universidade Paris 8-Vincennes-Saint-Denis e pela Universidade de Limoges, razão pela qual a direção das reuniões é dividida entre Denis Bertrand, Jean-François Bordron, Ivan Darrault-Harris e Jacques Fontanille. Atualmente, as reuniões do Seminário Internacional de Semiótica são dirigidas por Pierluigi Basso Fossali, com o apoio de Juan Alonso Aldama, Maria Giulia Dondero, Didier Tsala-Effa (ASSOCIATION FRANÇAISE DE SÉMIOTIQUE, 2020, p. 1).

3.1.2. Reestruturação e manutenção do campo: o surgimento do CeReS

Visando fazer avançar a pesquisa científica na França, o CNRS estimula e ampara reuniões entre pesquisadores de diferentes campos das ciências por meio da formação de grupos de especialidades denominados Groupement de Recherches (Grupos de Pesquisas), mesmo que GDR (CNRS, p. 1). Ao apresentar o grupo de semiótica que atua na Universidade de Limoges, Isabelle Klock-Fontanille (2019, p. 1) relata que entre 1993 e 1999 o GDR “Sémiotique” buscou empreender ações capazes de reestruturar a pesquisa em semiótica na França. É dessa maneira e em razão dessas ações que, em 2000, Jacques Fontanille, diretor do GDR de semiótica sob a tutela do CNRS, implanta, na Universidade de Limoges, um grupo de especialidade como forma de estender os trabalhos até então desenvolvidos na instituição federal e, ao mesmo tempo, de dar abertura a pesquisadores interessados pelo

⁹³ Fundação da Casa das Ciências do Homem.

desenvolvimento de projetos de pesquisa diferentes dos existentes até o momento: o Centre de Recherches Sémiotiques (CeReS).

Esse Centro de Pesquisas Semióticas (em tradução para o português) é, atualmente, um dos seis grupos de trabalho abrigados pelo Institut de Recherche des Sciences de l'Homme et de la Société (IR SHS)⁹⁴ que, por sua vez, é mantido pelo setor de ciências humanas e sociais da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Limoges, segundo Bertrand Westphal (2019, p. 1). Dirigido por Isabelle Klock-Fontanille desde 2013, o CeReS conta com formação multidisciplinar, englobando professores-pesquisadores das áreas de Semiótica, Linguística, Ciências da Informação e Comunicação (KLOCK-FONTANILLE, 2019, p. 1); é, portanto, um grupo heterogêneo. Para citar alguns dos pesquisadores que integram o CeReS, além da diretora, Nicolas Couegnas, Jacques Fontanille, Cindy Lefebvre-Scodeller e Didier Tsala-Effa encontram-se entre os membros permanentes (CERES, 2019a, p. 1), que também contam com apoio de pesquisadores associados, a exemplo de Eric Landowski, Valeria De Luca, Eric Bertin, Ivan Darrault-Harris, etc. (CERES, 2019b, p. 1).

Dessarte, conforme esses pesquisadores estudam o discurso, também cotejam os mecanismos discursivos para produção do sentido com outros campos científicos, sejam quais forem os tipos de textos estudados (verbais, não verbais, sincréticos) ou as práticas que os envolvem e a que se vinculam. Dito de outro modo, as investigações semióticas são direcionadas, dessa perspectiva, à articulação das possibilidades de sentido existentes nas diferentes manifestações enunciativas com as práticas que são inerentes à realização da enunciação (CERES, 2019c, p. 1). Assim, estruturado em torno da tradição de se adaptar aos novos objetos à medida que surgem sem abandonar os referenciais teóricos em que a semiótica sempre se apoiou, aqueles desenvolvidos por Greimas (sozinho ou com a colaboração de pesquisadores contemporâneos ao mestre lituano) e pelos herdeiros de seu legado, o projeto científico do CeReS visa a uma continuidade dessa orientação greimasiana com vistas a uma intensificação da produção teórica que, embora interdisciplinar, mantém uma homogeneidade epistemológica.

De acordo com o CeReS (2019c, p. 1), três grandes eixos de pesquisa abrigam os projetos dos semioticistas que ali desenvolvem seus trabalhos: i) mediações semióticas (signos e suportes), que se ocupa da iconicidade das semióticas-objeto em sua relação com a propagação do sentido por meio das culturas midiáticas, comportando subgrupos de trabalhos como “Escrituras” (Ecritures) e “Percepção sensorial e enunciação” (Perception sensorielle et

⁹⁴ Instituto de Pesquisa das Ciências do Homem e da Sociedade.

énonciation), entre outros; ii) as questões da descrição da linguagem (textos, línguas e discursos), que se interroga sobre a própria semiótica para fazer uma reflexão crítica sobre a teoria e sobre o que produzido pela e para a disciplina ; iii) o sentido em situação (culturas e práticas e modos de existência), que “[...] explora a dinâmica das práticas significantes” (CERES, 2019c, p. 1, tradução nossa)⁹⁵.

Além disso, há uma troca de experiências com outras universidades e a comunicação científica dos trabalhos como meios de difusão e fortalecimento do projeto científico. Dessa maneira, a fim de obter estatuto de excelência e, de certo modo, força política enquanto instituição de pesquisa, o centro de pesquisas mantém parceria com universidades francesas – Paris IV, Paris VIII, Toulouse II, Lyon I, EHESS – e de outros países como a Universidade Católica de Louvain-la Neuve e a Universidade de Liège, na Bélgica; as Universidades de Veneza, de Bolonha e de Siena, na Itália; a Universidade de São Paulo – USP, no Brasil; e, para finalizar, a Universidade de Puebla, no México (UNILIM, 2019a, p. 1).

Finalmente, quanto à comunicação dos resultados dos empreendimentos científicos, além da divulgação das teses que redundam das pesquisas, o grupo conta com a publicação de livros – como *Terres de sens - Essai d’anthroposémiotique* (2018), de Jacques Fontanille e Nicolas Couegnas; *Formes de vie* (2016), de Jacques Fontanille –, e de artigos científicos em revistas voltadas para as ciências humanas e sociais – *Interfaces numériques*⁹⁶ – ou exclusivamente de semiótica, os *Actes Sémiotiques*, que nas palavras de Valeria De Luca (2016, p. 3, tradução nossa)⁹⁷ assegura “a difusão das atualidades da pesquisa semiótica na França [...]”, além de estar vinculada ao CeReS, informação que a pesquisadora não deixa de mencionar. Ainda merece destaque, segundo De Luca (2016, p. 3), a realização de eventos, como o Colóquio “La sémiotique face aux défis sociétaux du XXIe siècle”, em 2015, e o Colóquio Internacional “Le structuralisme. Entre héritage et transformations contemporaine” também realizado na Universidade de Limoges, em 2016, em parceria com a Association des Jeunes Chercheurs en Sémiotique (AJCS)⁹⁸.

3.1.3. Na gênese da semiótica discursiva brasileira, o Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas (CESAJG)

⁹⁵ Trecho original: “[...] explore la dynamique des pratiques signifiantes”.

⁹⁶ Revista criada pelo grupo para comunicar trabalhos voltados para o design digital. Pluridisciplinar, aceita trabalhos das áreas de ciências da informação e comunicação, antropologia, sociologia, semiótica, história de arte, filosofia, etc.

⁹⁷ Trecho original: “La diffusion des actualités de la recherche sémiotique en France [...]”.

⁹⁸ Associação de Jovens Pesquisadores em Semiótica.

No Brasil, a difusão da semiótica discursiva tem início no trabalho de dois pesquisadores: Eduardo Peñuela Cañizal e Edward Lopes. Esses professores do Departamento de Língua e Literatura Espanhola e Literatura Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), embalados pela semiologia de Hjelmslev, Barthes, Greimas e do Groupe μ , de Liège (Bélgica), fundam, em 1967, a revista *Clavileño* a fim de divulgar seus trabalhos de orientação semiológica. Em 1969, Cañizal assume uma cadeira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI) em São José do Rio Preto, atual Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e une-se aos professores Alceu Dias Lima, Ignacio Assis Silva e Tiekko Yamaguchi Miyazaki para montar um grupo de estudos sobre semiologia, o Bacab⁹⁹. De acordo com Silva (1992 apud SOUZA, 2003, p. 3), é Cañizal quem apresenta a semântica greimasiana ao grupo, embora Edward Lopes¹⁰⁰, anos mais tarde, afirme ser ele o primeiro a ler Greimas e depois Peñuela Cañizal¹⁰¹. De qualquer maneira, é a partir da leitura de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) pelo grupo de semiologia que surge a revista *BACAB - Estudos Semiológicos* (LOPES; SILVA, 1984, p. 1-2) em 1970,

A revista *BACAB* tem existência curta, pois publica apenas dois números: o primeiro, impresso pela editora Vozes¹⁰², sediada em Petrópolis (RJ), com cinco artigos marcadamente voltados para a semiologia barthesiana, em 1970, republicado em 1971; e o segundo que, impresso pela editora Livraria Planalto de São José do Rio Preto, conta com oito trabalhos publicados, em 1975¹⁰³, já mesclando textos de orientação semiológica e de preocupação com a significação, visto que são embasados na *Semântica Estrutural* de Greimas (1973 [1966]).

⁹⁹ Conforme registrado na contracapa das duas únicas edições da revista (1971 e 1975), o termo BACAB faz referência à mitologia asteca que reverencia deuses nomeados Bacabes, responsáveis pela circunscrição da orientação cósmica no calendário daquele povo. Tendo em vista que esse periódico tem como escopo os estudos semiológicos, a escolha de nomeá-lo, assim como ao grupo, *BACAB*, está vinculada ao fato de considerarem a simbologia do Ideograma Cósmico asteca um bom exemplo de sistema semiológico.

¹⁰⁰ Em entrevista inédita a Diniz e Portela, à época, pesquisadores vinculados ao Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom), da UNESP de Bauru. Não tivemos acesso ao áudio, apenas à transcrição realizada por alunos do curso de Jornalismo na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, câmpus de Bauru, em versão impressa. O documento não está publicado.

¹⁰¹ Edward Lopes (2000, p. 9; 13) afirma, na entrevista a Diniz e Portela, ser ele o primeiro membro do Bacab a ler *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) – “[...] como que entrou Greimas aqui? O primeiro leitor de Greimas fui eu”. Mais adiante na conversa, complementa que somente após tê-lo lido, repassa a obra a Cañizal – “[...] afinal de contas eu o havia lido há muito pouco tempo [...] E aí eu passei para o Eduardo, porque naquela época eu tinha saído da USP [...]”.

¹⁰² A editora Vozes também é responsável pela publicação da *Revista de Cultura Vozes*, onde estão publicados vários artigos dos membros do Bacab, entre eles Edward Lopes e Ignacio Assis Silva, na primeira metade da década de 1970.

¹⁰³ Apesar de o segundo número ter sido publicado em 1975, Silva (1992 apud SOUZA, 2003, p. 3) considera que o periódico se metamorfoseou em *Significação - revista brasileira de semiótica* ainda em 1973, conforme Memorial do pesquisador intitulado “Permanências”, apresentado à banca examinadora de livre-docência e transcrito por Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza (2003, p. 4) em artigo homônimo.

Ainda em 1969, tendo se mudado para Ribeirão Preto, e já inspirado pelos textos greimasianos, Edward Lopes inicia o processo de criação de um centro de estudos semióticos.

Conforme relato de Edward Lopes e Ignacio Assis Silva (1984, p. 1-2), ao mesmo tempo em que o Grupo Bacab se interessa pelo projeto de E. Lopes, também se consolida o amparo e o apoio financeiro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, para trazer Greimas ao Brasil com o objetivo de ministrar um curso intitulado “Semiótica da Narrativa” em julho 1973. Após três semanas de curso, como menciona Barros (2017, p. 2), também inaugura um Centro de Estudos Semióticos, que recebe, sob a coordenação de Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Ignacio Assis Silva e Jesús Antonio Durigan, o nome “A. J. Greimas”, passando a ser conhecido como CESAJG.

Na ocasião, E. Lopes explica que Greimas tanto inspira a formação do CESAJG, como dá outras duas ideias ao grupo: formar semioticistas na escola de Paris através de intercâmbio de pesquisadores; e criar um periódico a fim de dar visibilidade ao trabalho do grupo:

No fim do curso [...], o Greimas deu duas ideias pra nós. A primeira, ele disse: “[...] Eu vou filiar o grupo de vocês que eu gostei muito, [...] ao grupo de Paris. Ao meu grupo de Paris”. [...] Isso ele falou para mim pessoalmente: “Edward, você me indica um professor por ano daqui, manda estudar comigo que eu concedo uma bolsa para ele lá em Paris. E vocês arranjam aqui”. Eu falei: “Ótimo”. Tanto que nós mandamos. Acho que a primeira que foi, foi a Diana até. [...] depois foi o Eduardo, depois foi o Ignacio. O Ignacio [...] foi em 80. Eu sei, eu guardo bem o ano. Porque ele estava fundando comigo a pós-graduação em Araraquara. Então, a segunda coisa que o Greimas sugeriu foi: “Este pessoal que está aqui que está interessado em Semiótica, que vai ficar filiado ao grupo, ao nosso grupo, eu sugiro que vocês façam uma revista para publicar o trabalho de vocês aqui e divulgar no Brasil”. E nós achamos boa a ideia dele [...] (E. LOPES, 2000, p. 15-16).

Sempre interessado pela difusão de seus pensamentos (conf. LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 55), o paraninfo do Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” publica em diferentes ocasiões no periódico edificado em 1974, conforme sugerido por Greimas, como forma de dar visibilidade aos trabalhos do grupo. Além disso, em seu primeiro ano de existência, a *Significação - revista brasileira de semiótica* (SIGNIFICAÇÃO, 1974, p. 7) tem o conteúdo do curso de Greimas ministrado no ano anterior como mote de suas discussões.

Apesar de a FFCL Barão de Mauá propiciar o surgimento do primeiro grupo de semiótica no Brasil, não permanece como mantenedora do CESAJG por muito tempo, pois o centro de estudos é transferido para o câmpus de Araraquara da UNESP em 1978, mesmo ano da reestruturação das unidades da Universidade Estadual Paulista, segundo Ana Cláudia

Fernandes Ferreira (2009, p. 30) em sua tese *A Linguística entre os nomes da linguagem* - uma reflexão na História das Idéias Linguísticas no Brasil.

Colaboram, ainda, com a estabilização dos estudos semióticos nessa universidade do interior paulista na década de 1970: a publicação de outras obras de Greimas e outras práticas de institucionalização, como a criação de programas de pós-graduação, o que torna possível introduzir a semiótica entre as disciplinas cursadas pelos alunos da instituição. No que concerne aos novos textos greimasianos, embora *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) seja considerada uma obra basilar para os estudos semióticos na França e no Brasil, *Maupassant a semiótica do texto: exercícios práticos*, de 1976, trouxe considerável contribuição para a estabilização dos estudos semióticos. Para a semioticista da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Ana Cláudia de Oliveira (2010b, p. 142), essa é uma obra de grande valor científico para o grupo brasileiro, uma vez que introduz importantes “[...] desdobramentos teóricos dos estudos [semióticos] enquanto gramática narrativa” e é intensamente estudada na UNESP de Araraquara. Quanto à introdução da semiótica em Programas de Pós-graduação, é por meio do processo 119/77-FFCL¹⁰⁴, que documenta a origem, a aprovação e o credenciamento, em 1978, do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa no Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE) do câmpus de Araraquara, que a semiótica, na qualidade de disciplina, é oficialmente introduzida na pós-graduação da UNESP a partir de 1980. Também em 1980, entra em atividade o Programa de Pós-Graduação em Semiótica, do qual fazem parte Edna Nascimento, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan (Ude Baldan) e Alceu Dias Lima, que transita entre os programas, assim como Ignacio Assis Silva e Edward Lopes.

Acerca dos Programas de Pós-graduação, para Maria Célia Leonel (2010, p. 3), “[...] a abertura de um Programa no campo da Literatura na FCL de Araraquara deve-se ao grupo de semioticistas que transitavam entre a Linguística e a Literatura e eram credenciados no Programa de Linguística”, propiciando à semiótica espaço em todos os campos pertencentes ao curso de Letras da UNESP. O Programa de Pós-Graduação em Semiótica, que se torna Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários em 1987¹⁰⁵, é um exemplo disso,

¹⁰⁴ O processo 119/77-FFCL remonta o processo 217/75 da unidade de Marília, que após a reestruturação da UNESP teve o seu Instituto de Letras incorporado pelo câmpus de Araraquara, exigindo que alterações fossem impostas ao projeto inicial, adequando-o à nova realidade do ILCSE. Entre as alterações sublinhamos a mudança do título do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Literatura Portuguesa, originalmente, para Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - PROCESSO 119/77-FFCL, 1977, p. 6-8).

¹⁰⁵ Ao tornar-se Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, em 1987, passa a abarcar duas áreas de concentração, Teoria da Literatura e Semiótica, até se tornar Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários em 2002, ficando a semiótica absorvida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua

pois oferece, nos anos 1990, o curso “Indagações sobre os fundamentos da linguagem: figurativização e metamorfose”, ministrado por Ignacio Assis Silva, segundo relato de Neiva Ferreira Pinto (2003, p. 175).

Ainda que a década de 1980 favoreça o empoderamento da semiótica na UNESP de Araraquara, o CESAJG não permanece na instituição. Em 1982, a coordenação do grupo fica sob a responsabilidade de José Luiz Fiorin, Daisi Malhadas, Luiz Gonzaga Marchezan e Diana Luz Pessoa de Barros, sendo retomada por Ignacio Assis Silva em 1984, ao lado de Neiva Ferreira Pinto e Ude Baldan e passada a Eduardo Peñuela Cañizal, Waldir Bevidas e Alceu Dias Lima em 1985. A partir de 1987, coordenado por Diana Luz Pessoa de Barros, o CESAJG muda-se para a Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo, embora ainda continue contando com o apoio da UNESP haja vista a coordenação estar a cargo de Tiekio Yamaguchi Miyazaki, assessorada por Arnaldo Cortina, em 1990.

Na década seguinte, o centro de estudos é sediado e financiado apenas pela USP, ficando sob a responsabilidade de Eduardo Peñuela Cañizal (coordenador), Luiz Tatit (secretário) e Geraldo Carlos do Nascimento (tesoureiro), conforme edições 10 (1994) e 11-12 (1996) da *Significação*, que o mantêm em funcionamento até sucumbir antes mesmo do encerramento do século XX. A publicação da *Significação* de 1999 já não menciona mais o apoio institucional do CESAJG.

Não obstante, cabe ressaltar a importância desse grupo de especialidade que vigora por pelo menos vinte e cinco anos e pode ser considerado a pedra fundamental para o estabelecimento e a institucionalização dos estudos semióticos no Brasil, não apenas por ter disseminado a teoria através das traduções de suas obras basilares, mas também por estimular a transmissão do aparato metodológico da semiótica em diferentes instituições de ensino, promovendo a radicação da disciplina por todo o estado de São Paulo. Isso se mostra pelo fato de que ao ser edificado em Ribeirão Preto, interior do estado, em 1973, o grupo que frequenta o CESAJG é composto de aproximadamente vinte membros, conforme relato de Oliveira (2010b, p. 141), e em 1984, de acordo com Lopes e Silva (1984, p. 2), além de Araraquara, conta com subgrupos atuando tanto na capital, São Paulo, quanto em outras cidades do interior paulista como São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Batatais, Matão e Franca.

Um dado relevante a ser considerado na atividade do CESAJG é o intercâmbio de pesquisadores, ora recebendo aqueles que atuam junto a Greimas na EHESS, e passam a

Portuguesa (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2019, p.1). Ainda assim, a semiótica continuou a fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, na linha de pesquisa Relações Intersemióticas, da qual fazem parte Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan, João Batista Toledo Prado, Alexandre Silveira Campos, Márcio Natalino Thamos, entre outros.

participar das atividades do grupo brasileiro, como Eric Landowski e Éliséo Verón, ora sendo recebido pelo grupo de pesquisadores da instituição francesa, onde membros do CESAJG obtiveram especialização científica junto ao GRSL atuando sob a supervisão do semiótico lituano e ainda participando dos seminários de Paris, a exemplo de Ignacio Assis Silva, Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, esclarecem Lopes e Silva (1984, p. 3).

Outrossim, cabe ressaltar a presença do CESAJG em projetos de institucionalização da semiótica em outras universidades brasileiras, além da USP e da UNESP, a exemplo das reuniões e dos eventos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS) da PUC de São Paulo. A atuação do CESAJG – representado por Ignacio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Waldir Bevidas, entre outros –, junto ao grupo da PUC fundado em 1992 compreende a participação em diversas atividades: seminários, conferências, debates, etc., conforme registro na agenda de atividades do CPS (1995, 1996 e 1999). Além disso, o CES ainda trabalha com o CPS na organização de eventos de semiótica como o Colóquio conjunto da PUC-SP e da USP “Unidade e pluralidade: em torno da obra de A. J. Greimas” realizado em 1994 e que viabiliza a publicação de *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de A. J. Greimas* em 1995, organizado por Eric Landowski e Ana Claudia de Oliveira, com artigos dos organizadores, bem como de José Luiz Fiorin, Edward Lopes, Ignacio Assis Silva, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit, Waldir Bevidas, Eduardo Peñuela Cañizal, Beth Brait, Maria da Graça Krieger e João Frayze-Pereira.

Outra parceria entre CES e CPS é o Colóquio Internacional Interdisciplinar “Corpo e sentido”, levado a efeito na UNESP de Araraquara em 1995 pelos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários e em Linguística e Língua Portuguesa, coordenados por Maria Célia Moraes Leonel e Edna Maria Fernandes do Nascimento, respectivamente, resultando na obra homônima organizada por Ignacio Assis Silva e publicada em 1996 pela editora UNESP, explica Leonel (1996, p. 8).

Quanto à produção acadêmica, além da criação da revista *Significação* e da publicação de diferentes trabalhos científicos – artigos, dissertações, teses e livros – decorrentes das discussões empreendidas pelo grupo, a contribuição dos membros do CESAJG também se evidencia na tradução de obras dos pesquisadores do GRSL para a língua portuguesa. Exemplificam esse trabalho: a coletânea organizada por Claude Chabron, *Semiótica narrativa e textual*, do original de 1973 – *Sémiotique narrative et textuelle* –, publicada pela editora Cultrix em 1977 e traduzida por Leyla Perrone Moisés, Jesus Antonio Durigan e Edward Lopes, que abriga o artigo “Os atuantes, os atores e as figuras”, de Greimas; e a tradução de

Cidmar Teodoro Pais¹⁰⁶ da obra greimasiana *Semiótica do discurso científico e da modalidade*¹⁰⁷, publicada em 1976 pela editora de São Paulo, Difusão Editorial.

Lopes e Silva (1984, p. 4), destacam, porém, o papel do CESAJG na tradução do *Dicionário de semiótica*, originalmente *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1979), publicada pela editora Cultrix em 1983¹⁰⁸. Essa ação reflete o engajamento da equipe com o projeto greimasiano debatido nessa compilação de conceitos, ou seja, com o rigor teórico exigido por uma teoria erigida a partir de preceitos estruturalistas e a ser aplicado aos objetos que interessam àqueles pesquisadores, conforme Oliveira (2010b, p. 142):

A tradução do dicionário pelo grupo de estudiosos brasileiros em 1983, deu continuidade na semiótica brasileira das mesmas bases de compartilhamento e debate rigoroso dos conceitos centrais da teoria, ao mesmo tempo em que os seus translados epistemológicos para os campos de interesse dos nossos estudiosos que se caracterizavam por estudos das línguas e seu ensino, estudos literários de prosa e poesia, estudos da visualidade, em particular, pintura e escultura, estudos audiovisuais de cinema e televisão, estudos da canção que pautaram muitas discussões dos seminários de discussão em Araraquara.

Uma vez formado por professores-pesquisadores que, em sua maioria, exerciam atividades de docência e pesquisa em universidades paulistas (UNESP de São José do Rio Preto e Araraquara; USP, na FFLCH e na ECA), os membros do CESAJG formaram, nessas instituições “[...] a maioria dos pesquisadores em semiótica no Brasil [...]”, além de terem desenvolvido “[...] grande parte dos projetos de pesquisa na área”. Tendo introduzido a semiótica em cursos de graduação e de pós-graduação nessas universidades, o CESAJG foi responsável pela formação de “[...] semioticistas do discurso para diferentes universidades e novos núcleos de pesquisa se constituíram. [...] Muitas gerações de semioticistas surgiram desse tronco comum”, assevera Barros (2012, p. 157-158).

Assim, mesmo após o encerramento de suas atividades, o CESAJG continuou a fazer ecoar o entusiasmo pela pesquisa semiótica em novos grupos, seja formados e conduzidos por seus ex-participantes, seja por semioticistas formados pelos membros desse grupo fundador, possibilitando à semiótica discursiva transcender as fronteiras paulistas e ser institucionalmente representada em quase todas as regiões brasileiras. No quadro que segue, destacamos os grupos mais conhecidos, conforme base de dados do CNPq:

¹⁰⁶ Considerado o responsável pela solidificação da Linguística, nos anos 1960, e da Semiótica, na década seguinte, na USP, segundo Altman (1998), Pais não pertencia ao CESAJG, mas colaborava com o grupo.

¹⁰⁷ O título original da obra publicada em 1976 é *Un accident fréquent dans les sciences humaines (Analyse d'un texte de Georges Dumezil). Pour une théorie des modalités*.

¹⁰⁸ Tradução realizada por Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis Silva, Maria José Castagnetti Sombra e Tieko Yamaguchi Miyazaki.

Quadro 16 – Grupos de semiótica surgidos depois do CESAJG

GRUPO	LÍDERES INTELLECTUAIS¹⁰⁹	UNIVERSIDADE
Actantes	Vera Lucia R. Abriata e Alexandre Marcelo Bueno	Universidade de Franca (UNIFRAN)
Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS)	Ana Claudia de Oliveira e Eric Landowski	Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Grupo de Estudos em Semiótica e Discurso (SeDi)	Lucia Teixeira e Silvia Maria de Sousa	Universidade Federal Fluminense (UFF)
Grupo de Estudos Semióticos da UEL (GES – UEL)	Loredana Limoli	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Grupo de Estudos Semióticos da USP ¹¹⁰ (GES-USP)	Ivã Lopes e Luiz Tatit	Universidade de São Paulo (USP)
Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (SEMIOMS)	Maria Luceli F. Batistote e Geraldo Vicente Martins	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
Grupo de Estudos Semióticos do Ceará (SEMIOCE)	Américo Saraiva e Ricardo Lopes Leite	Universidade Federal do Ceará (UFCE)
Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom-UNESP)	Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz	Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de Bauru
Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS- UNESP) ¹¹¹	Arnaldo Cortina e Jean Cristus Portela	Universidade Estadual Paulista (UNESP) – C. de Araraquara
Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica	Mariana Luz Pessoa de Barros	Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
Laboratório de Estudos Semióticos das Interações de Cuidado (LESIC)	Denise Tolfo Silveira e Luiza Maria Gerhadt	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Núcleo de Pesquisas em Semiótica (NUPES)	Regina Souza Gomes e Julio Cesar S. de Oliveira	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Projetos Semióticos	Matheus Nogueira Schwartzmann	Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de Assis
Texto Livre: Semiótica e Tecnologia	Ana Cristina Fricke Matte e Daniervelin R. M. Pereira	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Fonte: autora.

Como evidencia o quadro acima, destacam-se o Actantes, o Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), o Grupo de Estudos em Semiótica e Discurso (SeDi), o Grupo de Estudos Semióticos da UEL (GES – UEL) – inativo –, o Grupo de Estudos Semióticos da

¹⁰⁹ Conforme base de dados do CNPq consultada em novembro de 2019.

¹¹⁰ Registrado na base de dados do CNPq como “Semiótica: modelos teóricos e descritivos”.

¹¹¹ Antes, Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA).

USP (GES-USP), o Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (SEMIOMS), o Grupo de Estudos Semióticos do Ceará (SEMIOCE), o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom-UNESP) – inativo –, o Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS- UNESP) – antigo CASA –, o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica, o Laboratório de Estudos Semióticos das Interações de Cuidado (LESIC), o Núcleo de Pesquisas em Semiótica (NUPES), o Projetos Semióticos, bem como o Texto Livre: Semiótica e Tecnologia. Além disso, em nível nacional, a semiótica conta com um Grupo de Trabalho na Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), o GT de Semiótica da ANPOLL, atualmente presidido por Matheus Nogueira Schwartzmann, da UNESP de Assis, e Silvia Maria de Sousa, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Em território paulista, especificamente, destacamos o surgimento dos grupos de especialidades Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA), na UNESP de Araraquara, criado por Ignacio Assis Silva e que passa a ser Grupo de Pesquisas Semióticas (GPS) após a década de 2010; e Grupo de Estudos Semióticos (GES), na USP, no qual atuam Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas, Norma Discini, Antônio Vicente Pietroforte, Elizabeth Harkot-de-La-Taille, além de José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, estes últimos, herdeiros diretos do legado greimasiano ao lado dos fundadores do CESAJG, entre outros.

3.1.4. Manutenção do campo e fortalecimento das pesquisas na UNESP: o Grupo CASA

Com o fim do CESAJG, Ude Baldan (2003, p. 1-2) relata que Ignacio Assis Silva começa a ficar inquieto, a sentir-se isolado na realização de pesquisa em semiótica, tendo em vista não estar vinculado a um trabalho específico. Assim, manifestando um desejo de estudar a semiótica poética, especificamente, o semioticista forma um grupo de pesquisadores que reúne alunos, ex-alunos e professores, colegas de trabalho advindos de diferentes departamentos (Linguística, Literatura) e Instituições de Ensino Superior ou *campi* – UNESP, de Araraquara e de Bauru; USP de São Paulo; Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) – e funda o grupo Cadernos de Semiótica Aplicada, chamado por Silva de CASA (BALDAN, 2013, p. 8), um projeto interinstitucional e, a um só tempo, menos burocrático haja vista o compromisso ser assumido por todas as instituições a ele vinculadas.

De acordo com a proposta, aceita pelo grupo e levada a cabo mesmo após a perda do mestre, os textos teóricos são estudados a fim de desempenhar “duas funções: promover uma convergência conceitual entre os pesquisadores, afastados em pesquisas individuais, e transformar alguns textos teóricos em textos legíveis para alunos da graduação”, bem como

produzir “[...] análises de poemas, buscando a aplicação da teoria semiótica estudada” no momento (BALDAN, 2003, p. 2). Para tanto, além do trabalho metódico e do compromisso com a semiótica da Escola de Paris, o mesmo rigor metodológico da pesquisa semiótica greimasiana é exigido dos pesquisadores no que diz respeito ao tempo de estudo e aos encontros, uma vez que é prevista, no projeto, a dedicação de cinco horas semanais de estudo, além da participação em reuniões de trabalho a cada três semanas, sempre aos sábados, ora em Araraquara, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, ora em Ribeirão Preto, no Espaço Cultura EVOHÉ (SILVA, 2000 apud BALDAN, 2003, p. 2).

De mais a mais, o projeto é dividido por Silva (2000 apud BALDAN, 2003, p. 3-4) em duas fases, tendo em vista a necessidade de estudar a semiótica poética em um primeiro momento, visando à apreensão da estrutura e do funcionamento de um poema através da metodologia semiótica, com todo o seu rigor, de modo a ter condições de compreender a semiótica plástica num segundo momento, mais especificamente, a noção de semissymbolismo, um dos focos de estudo da semiótica à época. Nesse sentido, as leituras concentram-se, inicialmente, em *Razão e poética do sentido*, de Claude Zilberberg (2006 [1988])¹¹², passando a desdobramentos mais recentes da semiótica, como *Tensão e significação*, publicação de Claude Zilberberg e Jacques Fontanille em 1998¹¹³, com tradução para o português em 2001. As duas obras traduzidas por Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. Também são listados como material de leitura e estudo: *La parole littéraire* (1997), de Jacques Geninasca, além de textos, ainda que não especificados, de Denis Bertrand, Jean-Claude Coquet e outros de Zilberberg.

Prevendo, entre os textos discutidos no grupo, a existência de leituras com diferentes graus de dificuldade de compreensão e assimilação teórica – leituras talvez mais árduas que outras, não tão mais fáceis, mas, às vezes, mais atraentes ou deleitantes –, das quais são tirados conceitos a serem colocados em prática, esse mesmo projeto também considera a publicação de textos produzidos pelo grupo, claros o bastante para serem entendidos pelos iniciantes nos estudos semióticos. Desse modo, propõe como atividades do grupo: a tradução de textos teóricos considerados de base, explicando, por meio de glosas, os “passos mais difíceis, deixando clara, porém, a intervenção”; a construção do que chama de “discurso de mediação”, que é tornar os textos difíceis mais acessíveis para a produção de trabalhos de aplicação teórica (analíticos); a produção de textos didáticos, transformando os conceitos de modo a tornar as leituras mais produtivas. Esse trabalho faz-se necessário porque o grupo é

¹¹² O título da publicação original, de 1988, é *Raison et poétique du sens*.

¹¹³ O título da publicação original, de 1998, é *Tension et signification*.

formado por pesquisadores com diferentes níveis de conhecimento em semiótica (alunos de graduação, de pós-graduação e docentes-pesquisadores) e uma das finalidades da institucionalização da teoria é a formação de pesquisadores a partir da graduação, motivo pelo qual cabe ao grupo escrever para esse público de modo que os conceitos sejam apreendidos pelos alunos como produtivos e como “ferramenta operacional” (SILVA, 2000 apud BALDAN, 2003, p. 5-6). Todo esse trabalho é consequência do fato de que alguns dos trabalhos a serem estudados pelo grupo exigirão mais que compreensão da metalinguagem, mas a capacidade de adequação ao processo de construção de conhecimento sobre essa metalinguagem, a exemplo do pensamento zilberberguiano, ainda em construção. É nesse sentido que se faz tão necessário para o grupo a produção de material didático, pois o foco não deve ser “[...] a terminologia, mas o processo de construção do discurso semiótico”, propõe Silva (2000 apud BALDAN, 2003, p. 7).

Esse projeto mostra que o grupo CASA nasce, nas palavras de Ana Cristina Ficke Matte (2003, p. 1), “[...] do espírito empreendedor de um professor apaixonado pela semiótica, [...] com a preocupação de torná-la cada vez mais acessível a um público cada vez maior”. Heterogêneo, pois composto de pesquisadores em diferentes níveis de formação, mantém-se unido por anos, mesmo após a perda de seu fundador com apenas duas reuniões realizadas, o que motiva o grupo a dar seguimento a mais uma parte do que Ude Baldan nomeia “O desenho do arquiteto” (2003), erigindo o periódico de mesmo nome do grupo, *Cadernos de Semiótica Aplicada*, a fim de comunicar aos semioticistas a produção científica dos membros daquele grupo e de receber trabalhos que possam contribuir para suas pesquisas.

O ano de 2003 também é marcado por outras conquistas na medida em que tem início o Grupo de Estudos sobre Leitura e o grupo, representado por Ivã Lopes, Edna Nascimento, Mariza Mendes, Marisa Giannecchini de Souza, como coordenadores de tradução, bem como pelos colaboradores Lilian Reichert Coelho, Marcos Lopes, Maria Cecília Campos, Maria Célia Leonel, Maria do Carmo Corrêa, Maria Tereza Roland, Neiva Ferreira Pinto, Renata Marchezan, Ude Baldan e Vera Abriata, que juntos traduzem e lançam, pela editora da Universidade Sagrado Coração, *Caminhos da semiótica literária*, obra publicada na França por Denis Bertrand em 2000, originalmente intitulada *Précis de sémiotiques littéraire*.

Dez anos após o falecimento de Silva, em comemoração ao decênio do grupo que imaginou, planejou e fundou, o semioticista é homenageado em um Seminário de Semiótica que recebe o título “Ignacio Vive: 10 anos do Grupo CASA”, realizado no câmpus da UNESP de Araraquara. No evento, pesquisadores dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, representando os grupos de especialidades que integram são reunidos com o propósito

de discutirem “[...] não apenas os avanços da teoria semiótica dos últimos anos, como também as atuais possibilidades de atuação de professores e alunos nas associações que reúnem grupos de pesquisa no Brasil” (MARCHEZAN; BALDAN, 2010, p. 1). Além disso, decorre desse encontro um volume especial dos CASA dedicado ao homenageado, que conforme discutem a produção teórica do semioticista e sua contribuição para a semiótica também recuperam as ações desse pesquisador em defesa da institucionalização desse campo das ciências humanas.

Em 2012, já coexiste com o CASA o Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS - UNESP). Assim, em busca de continuar contribuindo para a difusão do conhecimento resultante das pesquisas em semiótica, o CASA funde-se ao GPS e ao grupo da UNESP de Assis, Projetos Semióticos, contando ainda com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara para promover encontros mensais dos membros dos grupos com palestrantes convidados a apresentarem trabalhos desenvolvidos no âmbito da semiótica discursiva, bem como com pesquisadores integrantes desses grupos com vistas a divulgarem as suas pesquisas. Esse evento organizado por Arnaldo Cortina, Jean Cristtus Portela, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan e Matheus Nogueira Schwartzmann é chamado de Seminário de Semiótica da UNESP (SSU). Dessa proposta também surge o Blog do SSU que tem como função socializar a programação dos seminários e o material de leitura e pesquisa que dele decorrem, assim como sugestões de leitura, chamadas para publicação em periódicos diversos, notícias sobre eventos, entre outras atividades dos grupos de pesquisadores especializados em semiótica (SEMINÁRIO DE SEMIÓTICA DA UNESP, 2012, p. 1).

A partir de 2014, o CASA e o GPS, outrora Grupo de Estudos sobre Leitura (GELE), sofrem uma fusão que resulta na constituição de apenas um grupo de especialidade em semiótica na UNESP de Araraquara, o Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS-UNESP), que mantém as atividades do SSU, do grupo de leituras em semiótica, o LeSem, além de continuar responsável pela publicação dos *Cadernos de Semiótica Aplicada* e pelas Jornadas do GPS-UNESP. Atualmente o grupo tem como parceiros colaboradores na produção científica de seus membros o CeReS, da França, e a Universidade de Liège, da Bélgica, que participam de eventos científicos e ministram cursos e palestras direcionados aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, porém abertos para a comunidade em geral. Entre os pesquisadores que participaram das atividades promovidas pelo CASA/GPS, destacamos: Jacques Fontanille, Denis Bertrand, Claude Zilberberg, Isabelle Kock-Fontanille, Maria Giulia Dondero, Verónica Estay Stange, Alessandro Zinna, Sémir Badir, François

Provenzano, Bruno Leclercq, Éric Landowski. Desde 2003, ano de realização do I Congresso Internacional da ABES, na UNESP de Araraquara, o CASA/GPS registra a visita de semioticistas de outros países.

3.1.5. Manutenção do campo e fortalecimento das pesquisas na USP: o GES-USP

Também no início dos anos 2000, surge na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), em São Paulo, o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo, o GES-USP. Assim como o grupo CASA, o GES é um grupo heterogêneo, constituído de alunos-pesquisadores da graduação e da pós-graduação, ou seja, da Iniciação Científica ao Pós-Doutorado, e de professores do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP e é sediado no curso de Letras daquela universidade. Com o objetivo de discutir os desdobramentos atuais da semiótica de vertente francesa, perpassam o GES trabalhos que refletem as diferentes tendências no âmbito dos estudos semióticos (GES, 2019a, p. 1).

A criação do GES em 2001 é uma iniciativa dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP, segundo Ivã Carlos Lopes, em entrevista concedida em 2017¹¹⁴. Ainda de acordo com I. C. Lopes (2017), o grupo de estudos surge da necessidade de minimizar a solidão inerente à atividade de pesquisa dos pós-graduandos que sentem, no momento, uma forte necessidade de realizar encontros para leituras de textos em conjunto. Assim, em abril de 2001, uma equipe formada por orientandos e orientandas de Luiz Tatit, Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin como Nilton Hernandez, José Roberto do Carmo Júnior, Renata Mancini, Ana Cristina Fricke Matte, Márcio Coelho, entre outros, reúnem-se pela primeira vez com vistas a estudar textos semióticos. Ivã Carlos Lopes (2017) relata que se junta ao grupo em maio daquele ano e com aqueles alunos estuda a epistemologia das paixões presente em *Semiótica das paixões* (1991), de Greimas e Fontanille, quando retorna a São Paulo após deixar a UNESP de São José do Rio Preto e passar a integrar o corpo docente da graduação da USP. Em 2010, o GES alcança o estatuto de grupo de especialidade atuante na área da semiótica discursiva desenvolvida no Brasil, do qual estão à frente não somente Ivã Lopes e Marcos Lopes, na coordenação, mas

¹¹⁴ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 16 de setembro de 2017, em Campo Grande (MS), após participação no Encontro Intermediário do GT de Semiótica da ANPOLL, realizado na UFMS. O material não está publicado.

também Waldir Beividas e Elizabeth Harkot-de-La-Taille, responsáveis pela manutenção da programação e da agenda de atividades do grupo, esclarece Oliveira (2010b, p. 143).

Há quase duas décadas, o GES promove reuniões, debates, cursos e eventos científicos (simpósios, ciclos de palestras), além de atividades como o Fórum de Atualização em Pesquisas Semióticas (FAPS) e o Laboratório de Orientação em Estudos Semióticos (LabOrES). Os encontros do FAPS, idealizados e implantados em 2003 por Ana Cristina Fricke Matte, atualmente na UFMG, acontecem mensalmente, às sextas-feiras, por meio de um ciclo de conferências. Esses debates são realizados tanto por recém-doutores quanto por pesquisadores mais experientes e renomados e têm por objetivo discutir o futuro da semiótica (GES, 2019b, p. 1). O LabOrES é nome dado a partir de 2007 às atividades elementares do GES, que envolvem leitura programada de textos de semiótica para posterior discussão do assunto, sobretudo, no que concerne à formação teórica e epistemológica contínua. Ademais, essa atividade visa à promoção do engajamento dos alunos participantes (GES, 2019c, p. 1).

Para além dos debates sobre teoria e rumos da disciplina a ação do GES também envolve formação complementar e divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos membros do grupo através de eventos científicos e de publicações. O Seminário de Semiótica Seminal, inicialmente uma atividade anual, surgida em 2007, é retomada em 2018, quando passa a ser semestral e é uma oportunidade de realização de cursos de curta duração, geralmente ao longo de três tardes, ministrados por pesquisadores de diferentes universidades brasileiras: Lucia Teixeira, Renata Mancini, José Luiz Fiorin, Kati Caetano, José Roberto do Carmo Jr., Matheus Nogueira Schwartzmann, conforme informações do site do grupo (GES, 2019d, p. 1).

A difusão das atividades de pesquisa, por outro lado, acontece anualmente, no mês de outubro, em um evento de abrangência nacional, o miniENAPOL de semiótica. Trata-se de um encontro sobre as pesquisas em andamento na área, aberto tanto para alunos quanto para professores. Além do miniEnapol, o GES também promove o Seminário de Semiótica na USP, que acontece bianualmente com a participação de docentes da área atuantes em diferentes universidades do país, como esclarecem as seções “miniENAPOL” e “SEM-SEM” (GES, 2019e; 2019f). Todavia, não bastasse todo o esforço em torno da pesquisa em semiótica, a necessidade crescente de divulgar os trabalhos resultantes das discussões realizadas entre os membros do GES ainda faz surgir, em 2005, o periódico científico semestral e *online* de semiótica *Estudos Semióticos (eS:Se)* sobre o qual discorreremos mais adiante.

Na seção “Sobre o Ges-Usp” (GES, 2019a, p. 1) constam os pesquisadores de diversos países que já atuaram em atividades do GES, ministrando cursos ou proferindo palestras. Muitos deles atuam na área da semiótica discursiva desde os anos iniciais do projeto

greimasiano (Denis Bertrand, Anne Beyaert-Geslin, Jacques Fontanille, Jean-Marie Klinkenberg, Michel Arrivé, Claude Zilberberg, Per Aage Brandt, Herman Parret, Manar Hammad, por exemplo); outros são de geração mais recente, mas que não deixou de dar continuidade ao legado greimasiano (Driss Ablali, Sémir Badir, Ivan Darrault-Harris, Maria Giulia Dondero, Verónica Estay Stange, Alessandro Zinna, etc.). Pierre Swiggers, conhecido por empreender estudos na área da HL, também integra o rol de participantes estrangeiros na agenda de trabalhos do grupo da USP, que atualmente é coordenado pelos docentes e pesquisadores Elizabeth Harkot-de-La-Taille, Waldir Bevidas e Ivã Carlos Lopes.

3.2. Os periódicos de semiótica

3.2.1. Os *(Nouveaux) Actes Sémiotiques*

Com a finalidade de comunicar à comunidade científica os resultados do Seminário de Semântica Geral realizados pelo Grupo de pesquisa semio-linguística (GRSL)¹¹⁵, Anne Hénault, pesquisadora atuante nos seminários greimasianos, idealiza um periódico intitulado *Actes Sémiotiques (AS)*. O primeiro número temático da revista, “Vers une sémiotique de la manipulation”, com o subtítulo *Le Bulletin (du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques)* e sob a direção de Algirdas Julien Greimas é publicado em dezembro de 1977¹¹⁶ (BARROS, 2017; LANDOWSKI, 2007).

Os *Bulletins* podem ser entendidos como uma compilação de relatos de diferentes atividades de pesquisa em semiótica tanto dentro do seminário de Greimas, quanto fora e têm a finalidade seja de informar seja de orientar a pesquisa voltada para essa disciplina (COQUET, 1985, p. IXXIV), apesar de se organizarem em torno de uma temática. Dessa maneira, fazendo referência ao fórum de discussões sobre semiótica, são publicados seis fascículos (números 1 ao 6) do periódico até o final de 1978. Adotando o mesmo subtítulo, de 1979 a 1981, por meio de publicações trimestrais, são divulgados os números 7 a 20 dos *Bulletins*. No mesmo período, também são publicados os números 1 a 30 de uma série paralela surgida em 1979, *Documents du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques*, sendo dez números por ano dos *Documents*. Entre 1982 e 1987, as publicações seguem o mesmo ritmo: trimestrais, dos *Bulletins*, números 21 a 43; dez a cada ano, dos *Documents*, números

¹¹⁵ Tradução nossa para “Groupe de recherche sémio-linguistique”.

¹¹⁶ Em artigo publicado no periódico *Estudos Semióticos* em dezembro de 2017, “A formação do semioticista: experiência e paixão semióticas”, Barros relata que o primeiro *Bulletin*, intitulado “Vers une sémiotique de la manipulation”, do qual é coautora, foi publicado em 1977.

31 a 90. Os *Documents*, nas palavras de Portela (2008b, p. 30) equivalem à publicação de “[...] um ensaio de autoria individual ou coletiva e tinha a função de fazer circular, na forma de documentos de trabalho, as contribuições mais sólidas à teoria”.

Até 1987, os *Actes Sémiotiques* são dirigidos por Greimas e coordenados por Landowski, compostos de textos que trazem grande contribuição para a implantação e a consolidação da semiótica como disciplina, bem como para o estudo da figuratividade. O último número dos *Bulletins* possui 64 páginas, um texto introdutório de Greimas e quatro artigos, ao passo que o primeiro contara com apenas 16 páginas e um único artigo. Apesar do evidente crescimento, a aposentadoria de Greimas provoca incertezas que culminam no cancelamento do apoio do CNRS ao periódico, fazendo com que as publicações sejam suspensas em 1988, esclarece Landowski (2007, p. 1).

Em 1989, o periódico volta a ser publicado, porém com algumas mudanças. É acrescido o lexema *Nouveaux* ao título, que passa a *Nouveaux Actes Sémiotiques (NAS)*. A responsabilidade pela impressão da revista é assumida pela Universidade de Limoges, através da editora Pulim, e acaba a divisão em *Bulletins* e *Documents*. Além disso, há uma alteração em relação às publicações: seis números ao ano. Assim, de 1989 a 2006 são publicados os números 1 ao 109 sob a direção de Jacques Fontanille e Eric Landowski. Em 2007, acontecem mais mudanças: as publicações passam do formato impresso para o formato eletrônico, ambientado no *site* da Universidade de Limoges e o número de edições é reduzido a uma ao ano, e, com essas novas configurações, em 2012, a *NAS* chega ao número 115. Nesse período, a revista é dirigida por Anne Beyaert-Geslin.

A partir de 2013, Eric Landowski reassume a direção do periódico junto a Jacques Fontanille¹¹⁷ e a edição número 116 protagoniza uma nova metamorfose: volta a se intitular *Actes Sémiotiques*, mas mantém as publicações anuais e o formato eletrônico, além de continuar a receber o suporte da editora Pulim (sediada na Universidade de Limoges). Resumimos esse histórico da revista conforme informações veiculadas no comunicado “Aux lecteurs, contributeurs et collaborateurs des *Actes Sémiotiques*” (LANDOWSKI, 2013a):

¹¹⁷ Em 2020, apenas Jacques Fontanille está à frente da direção científica do periódico.

Quadro 17 – As transformações do periódico (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*

TÍTULO DA REVISTA		Nº	PERÍODO	Nº AO ANO	FORMATO
<i>Actes Sémiotiques</i>	<i>Le Bulletins</i>	1-6	1978	6	Impresso
	<i>Bulletin du GRSL</i>	7-20	1979-1981		
	<i>Bulletins</i>	21-43	1982-1987		
	<i>Documents du GRSL</i>	1-30	1979-1981	10	Impresso
	<i>Documents</i>	31-90	1982-1987		
Suspensão da publicação			1988		
<i>Nouveaux Actes Sémiotiques</i>		1-109	1989-2006	6	Impresso
		110-115	2007-2012	1	Online
<i>Actes Sémiotiques</i> ¹¹⁸		116-119	2013 - 2016	1	Online

Fonte: autora.

Ainda hoje, para apresentar contribuições que possibilitem a evolução das pesquisas em semiótica, do periódico (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques* visa, de acordo com sua atual política editorial, publicada em junho de 2013, orientar os pesquisadores em semiótica de forma que não somente espelhem a herança intelectual greimasiana, mas também estejam abertos às reflexões que envolvam novas questões e novos horizontes de pesquisa em semiótica. Além disso, faz parte de sua proposta a divulgação desses diferentes trabalhos e o esforço em estreitar relações com centros de pesquisa estrangeiros a fim de fomentar as trocas de informações de pesquisa entre gerações, correntes de pesquisa e até mesmo entre continentes – já que o periódico não publica trabalhos somente da França, mas também do Brasil, do México, da Espanha, da Itália, entre outros países – dando continuidade, assim, ao processo de institucionalização e de internacionalização da teoria iniciado nos anos 1970.

Quarenta anos após o surgimento do periódico, se no princípio divulga as discussões dos seminários de semiótica que acontecem em Paris, na segunda década do século XXI também coloca em pauta as discussões dos seminários sediados no CeReS, localizado na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Limoges. Além disso, é direcionada a um público-alvo mais abrangente que aquele dos primeiros anos de sua existência, o que fica evidente nas palavras de Eric Landowski (2007), um dos diretores científicos e redatores chefe dos *Actes*, ao recordar que, em suas primeiras edições, a revista

¹¹⁸ Gostaríamos de acrescentar que a primeira renovação da revista afeta até mesmo a numeração das edições. Mesmo mantendo o mesmo escopo e divulgando trabalhos dos mesmos pesquisadores dos *Actes Sémiotiques*, a publicação dos *Nouveaux Actes Sémiotiques* tem início no número 1, desconsiderando as publicações do formato anterior. Apesar disso, na transição para retomar o título original em 2013, não ocorre o reinício de numeração de edição nem há retomada da numeração dos *Actes Sémiotiques* encerrada em 1987. Desse modo, os *Actes Sémiotiques* de 2013 é a revista de número 116 e assim por diante.

“projetada por Anne Hénault para ligar os participantes do seminário de Greimas era um pequeno livro de dezesseis páginas em conformidade, tanto quanto fosse possível, com as normas de publicação acadêmica” (LANDOWSKI, 2007, p. 1). Em comunicado intitulado “Les nouveaux Nouveaux Actes Sémiotiques: présentation” (2007), Landowski afirma que uma nova fase da revista e do desenvolvimento da pesquisa semiótica se inicia a partir do número 110 (2007), na medida em que uma maior abertura ao público-alvo se fez necessária, tendo em vista atingir um público que excedesse os limites de um círculo restrito de semioticistas que atuavam na França e em alguns outros países¹¹⁹. Enfim, a quantidade de pesquisadores preocupados com a semiótica discursiva vem crescendo desde a escola de Paris e a divulgação das pesquisas e dos resultados dos novos debates dos seminários de semiótica precisam chegar a todos os pesquisadores, participantes ou não dos seminários de Paris, de Limoges e de outras universidades da França, bem como de outros países onde se encontram os semioticistas de herança greimasiana (LANDOWSKI, 2013a; 2013b).

3.2.2. A Significação: de revista brasileira de semiótica a revista de cultura audiovisual

Fundado pelos membros do CESAJG, o periódico surge com o interesse principal pela “construção de uma metalinguagem científica para a abordagem dos problemas semióticos” (SIGNIFICAÇÃO, 1974, p. 7). Embora o número piloto em homenagem a Greimas reúna artigos baseados nos trabalhos já publicados pelo homenageado e nas discussões sobre a teoria durante o curso ministrado em 1973, a proposta primeira da revista – com conselho editorial formado por Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Evaldo Amaro Vieira e Ignácio Assis Silva – visa à publicação de trabalhos de pesquisadores que compartilhem os mesmos interesses que o CESAJG, não importando a forma como as pesquisas tenham sido conduzidas. Além disso, apesar de a língua oficial ser o português, o periódico não coloca impedimento quanto à publicação de pesquisas redigidas em outra língua, como a espanhola, a italiana, a francesa ou a inglesa.

Na edição de 1982, terceiro número do periódico, além do CESAJG, a *Significação* recebe o apoio do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação de Araraquara – UNESP ao qual está vinculada desde 1978 e tem conselho editorial composto por Diana Luz Pessoa de Barros, Edward Lopes e Eduardo Peñuela Cañizal. Os números quatro e cinco, de 1984 e

¹¹⁹ Entendemos que na qualidade de veículo de difusão de conhecimento científico, a abertura a que se refere Landowski equivale a possibilitar que mais pesquisadores em semiótica francesa tenham acesso à revista. A difusão pela internet corresponderia a uma estratégia de comunicação do conhecimento científico mais eficaz que a revista impressa.

1985, respectivamente, também são publicados com recursos financeiros da UNESP de Araraquara, porém E. Lopes e Cañizal deixam o conselho editorial, ficando Luiz Tatit e Ignacio Assis Silva ao lado de Diana Barros com essa responsabilidade. Além disso, Geraldo Carlos do Nascimento assume a função de diretor/jornalista responsável pelo periódico em 1985, cargo ocupado por Jeanne Marie M. de F. Interlandi até 1984. Cinco anos depois, ainda recebendo o apoio da UNESP, que continua responsável pela impressão da revista até a edição 1990, e com publicação vinculada ao CESAJG, transfere-se para a Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo, em 1987, acompanhando aquele grupo de especialidade. A comissão editorial, nesse período, é formada, na edição de número 6, por Eduardo Peñuela Cañizal, Leonilda Ranzani de Luca, José Luiz Fiorin e Paulo Eduardo Lopes, mesmo grupo que assume os números 8 e 9, de 1990. No número 7, da edição de 1987, são Leonilda Ranzani de Luca, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan e Paulo Eduardo Lopes os pesquisadores que compõem a comissão editorial.

A partir do número 10, de 1994, o periódico é impresso pela editora Annablume e Eduardo Peñuela Cañizal, Maria Bernadette Cunha de Lyra, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan e Eric Landowski tomam a frente das decisões editoriais. No ano de 1999, o periódico deixa de ser uma publicação do CESAJG. Assim, com comissão editorial formada por Eduardo Peñuela Cañizal, Eric Landowski, Kati Eliana Caetano, Maria Bernadette Cunha de Lyra e Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan, além de editada por Eduardo Peñuela Cañizal e Geraldo Carlos do Nascimento, passa a ser uma publicação do Núcleo de Pesquisa em Poética da Imagem (NUPPI), com o apoio da Universidade Tuiuti do Paraná, parceria que vigorará até 2006. A partir de 2000, mantendo os mesmos editores e conselho editorial, a *Significação* transfere-se para o Departamento de Cinema, Televisão e Rádio (CTR) da ECA/USP e, por isso, vincula-se ao Centro de Pesquisa em Poética da Imagem – CEPPI.

Em 2001, uma nova fase é iniciada, pois Muniz Sodré se junta à comissão editorial, permanecendo inalterados os demais membros, inclusive os editores, e a revista vira uma publicação semestral. Ainda assumida pelo CTR/ECA/USP, recebe apoio financeiro do CINUSP “Paulo Emílio”, órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, de 2006 a 2009. Nesse interstício, em 2007, após mais de vinte anos publicando artigos com temas que relacionavam ciências humanas, artes, comunicações e audiovisual, muda o escopo de suas publicações, deixando de preocupar-se apenas com as pesquisas em semiótica e passando a intitular-se: *Significação – revista de cultura audiovisual*. Os editores do primeiro número nesse formato ainda são Eduardo Peñuela Cañizal e Geraldo Carlos do Nascimento, mas na comissão editorial, permanecem apenas Eduardo Peñuela Cañizal e Eric Landowski. Os novos

membros são Etienne Samain, Maria Dora Genis Mourão, Eduardo Victorio Morettin, Rubens Luís Ribeiro Machado Junior e Esther Império Hamburger. Apesar de não ser mais uma revista de semiótica, apenas, a primeira edição conta com um texto de Greimas publicado originalmente no número 13 dos *Actes Sémiotiques- Documents*, de 1980, “A propos du jeu”, traduzido por Jean Cristtus Portela, “Acerca do jogo”, que, nas palavras dos editores, “analisa o uso que se faz da analogia do jogo de xadrez nas ciências da linguagem – F. de Saussure, L. Hjelmslev, L. Wittgenstein –, indo daí ao percurso do sujeito ‘jogador’, às suas interações e às suas estratégias” (SIGNIFICAÇÃO, 2007, p. 8), entre outros artigos com abordagem puramente semiótica, como “Romaria – uma análise semiótica”, de Ana Raquel Mota. A partir de 2009, dez anos após as primeiras mudanças em seu aspecto gráfico e integrando o Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, o periódico recebe nova reformulação gráfica.

Uma nova fase marca a história da revista em 2011: deixa de ser publicada em formato impresso, ficando disponível apenas na internet. A comissão editorial passa a ser formada por Arlindo Machado, Eduardo Peñuela Cañizal, Eduardo Victorio Morettin, Geraldo Carlos do Nascimento, Maria Dora Genis Mourão e Rosana de Lima Soares. Em 2014, migra para o Portal de Revistas da Universidade de São Paulo, mudança que facilita o acesso à revista visto que o portal disponibiliza o acervo completo do periódico com todas as edições anteriores à mudança de formato em versão digitalizada.

De acordo com página da Internet intitulada “Histórico do periódico”, mantida pelo site da revista, diferentes editores assumiram o comando da revista *Significação*, sendo, alguns deles, semioticistas cujas pesquisas se destacaram ao longo da história da semiótica no Brasil, como Eduardo Peñuela Cañizal e Irene Machado, por exemplo. Conforme palavras de Eduardo Morettin, redator de texto que resume a história editorial da revista:

Do número 1 (1974) ao 4 (1984), Jeanne Marie M. de F. Interlandi é a diretora responsável pela publicação. É sucedida por Geraldo Carlos do Nascimento, que assume a função, ora com esta designação ora como jornalista responsável, entre os anos de 1985 (n. 5) e 1996 (n. 11/12). A partir do número 13 (1999), Eduardo Peñuela Cañizal, sempre presente nas sucessivas comissões editoriais desde o seu primeiro número, e Nascimento são os editores da revista. Sandra Fischer assume a coordenação editorial neste momento, função que será exercida por Eduardo Morettin em 2006 (n. 25 e 26), Rubens Machado em 2007 (n. 27 e 28) e Maria Dora Genis Mourão em 2008 e 2009 (n. 29 a 32). Entre os anos de 2010 e 2012 (n. 37) não há editor ou coordenador responsáveis pela revista, gerida, a princípio, pela sua comissão editorial composta por Arlindo Machado (n. 33 a 37), Cristian Borges (n. 37), Eduardo Peñuela Cañizal (n. 33 a 37), Eduardo Vicente (n. 37), Eduardo Morettin (n. 33 a 37), Geraldo Carlos do Nascimento (n. 33 a

37), Irene Machado (n. 37), Maria Dora Genis Mourão (n. 33 a 37) e Rosana de Lima Soares (n. 33 a 37). Com o número 38 (2012), a função de editor é atribuída a Eduardo Morettin (2012 a ...), Rosana de Lima Soares (2012 a 2013) e Irene Machado (2014 a ...) (MORETTIN, 2017, p. 2).

Abaixo, apresentamos um quadro que ilustra as transformações da revista no que concerne ao título, à quantidade de publicações por ano e ao formato:

Quadro 18 – As transformações da *Significação*

TÍTULO DA REVISTA	Nº DE EDIÇÕES	PERÍODO	Nº AO ANO	FORMATO
<i>Significação - revista brasileira de semiótica</i>	1 – 14	1974 – 2000	Periodicidade irregular	Impresso
	15 – 26	2001 – 2006	Semestral	Impresso
<i>Significação – revista de cultura audiovisual</i>	27 – 46	2007 – 2016	Semestral	Impresso / Online

Fonte: autora.

A fim de também ilustrar as mudanças de parcerias institucionais ocorridas ao longo da história da revista, elaboramos o quadro a seguir:

Quadro 19 – Vínculo institucional da *Significação* entre 1974 e 2016

TÍTULO DA REVISTA	ANO	VÍNCULO INSTITUCIONAL	APOIO FINANCEIRO E INSTITUCIONAL	CIDADE-SEDE
<i>Significação - revista brasileira de semiótica</i>	1974	CESAJG	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) Barão de Mauá	Ribeirão Preto
	1978	CESAJG	UNESP	Araraquara
	1987	CESAJG	UNESP / ECA - USP	São Paulo
	1999	NUPPI (USP)	USP / Universidade Tuiuti do Paraná	São Paulo
	2000	CTR da ECA / CEPPI. (USP)	USP / Universidade Tuiuti do Paraná	São Paulo
	2006	CTR da ECA (USP)	CINUSP “Paulo Emílio”, órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP	São Paulo
<i>Significação – revista de cultura audiovisual</i>	2007	Mudança de nome e de escopo		
	2009 – 2016	Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais	Universidade de São Paulo	São Paulo

Fonte: autora.

O CESAJG e a *Significação* - revista brasileira de semiótica resistem por um longo tempo, firmando várias parcerias institucionais no decorrer dos anos após seu aparecimento, até que, inevitavelmente, ou se veem extintos, como no caso do grupo de especialidade, ou têm que sucumbir a novas exigências científicas, como a que leva a revista a adotar um novo escopo e expandir (ou mesclar) o campo, continuando especializada, porém não restrita apenas à semiótica. O fim do CESAJG certamente causa prejuízo institucional à pesquisa semiótica, visto que há perda de um grupo de especialistas estabilizado e de um periódico renomado entre os semioticistas, além de essencialmente voltado para a comunicação das descobertas científicas em semiótica. Todavia, os mesmos integrantes do Centro de Estudos Semióticos se reorganizam, cada qual nas instituições em que atuam, outros em instituições próximas às cidades onde residem e/ou trabalham, e fundam novos grupos de especialidades, que abrigam antigos e novos capitais sociais (pesquisadores), parafraseando Bourdieu (2004 [1997]), e novos periódicos, como os *CASA* e a *Estudos Semióticos*.

3.2.3. Os Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)

Sob a iniciativa de Ana Cristina Fricke Matte, o periódico eletrônico *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* é fundado em 2003 pelo grupo homônimo, dando seguimento ao projeto apresentado por Ignacio Assis Silva na segunda reunião com os colegas, ocorrida em julho de 2000. Tomando emprestadas as palavras de Matte (2003, p. 1), o também fundador do CESAJG e da revista *Significação* “tinha nos Cadernos uma de suas principais propostas”, para quem eram considerados “importantes frutos do trabalho do Centro de Estudos Semióticos”. É também, Ana Cristina Fricke Matte, a primeira editora dos *Cadernos de Semiótica*, nos primeiros anos organizados e editados pelos próprios membros do CASA. Ademais, para pôr a nova mídia para comunicação dos trabalhos em semiótica, adotam o formato eletrônico, colocando *online* as publicações semestrais desde o número inaugural.

Conhecida como a primeira revista eletrônica de semiótica, não é difícil vislumbrar que a ideia de um periódico científico desse tipo, ignorando o formato impresso já tão conhecido, tenha provocado inquietação no grupo, dividido opiniões sobre essa escolha, pois esse tipo de publicação muito se distancia do “passado glorioso dos belos volumes impressos”, como narra Jean Cristtus Portela (2013, p. 1) no editorial do primeiro número do volume 11. No entanto, a comunicação do conhecimento científico produzido por esse grupo de semioticistas no formato eletrônico poderia ter um alcance maior de leitores, acreditaram, além de libertar o periódico de coerções financeiras que pudessem inviabilizar a continuidade

das publicações dos *CASA*, recorda Portela (2013, p. 1), que ainda complementa: “Não poderíamos ter feito uma escolha melhor. Em 2012, por exemplo, segundo o relatório de estatísticas de acesso do Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, o sítio da revista recebeu 24.559 acessos”. Dito de outro modo, apesar do risco assumido de colocar em circulação um periódico virtual em oposição ao conhecido papel, a decisão não poderia ter sido mais acertada, tendo em vista o fato de ter promovido o acesso rápido, fácil e de baixo custo a um número maior de leitores-pesquisadores, ou seja, de semioticistas de diferentes partes do mundo.

Quanto à estrutura dos *CASA*, seções como “artigos”, “traduções” e “resenhas” são comuns às revistas científicas brasileiras. Entretanto, de 2003, sob responsabilidade de Ana Cristina Fricke Matte, a 2004, ano em que a pesquisadora divide a responsabilidade de edição com Ivã Carlos Lopes, outras seções são acrescentadas ao periódico concebido pelo “professor Silva”, reproduzindo expressão utilizada por Matte (2001, p. 1). Assim, “esteio da braúna” é criada como forma de aclamar Silva – professor, pesquisador e, para muitos, também amigo, a exemplo de relato de Edna Nascimento (2004) –, que inspirara os acadêmicos à sua volta a dar seguimento aos estudos na área da semiótica, teoria constantemente sendo construída. Por isso, abriga artigos que tratam dos diferentes papéis temáticos assumidos pelo ator “Igas”¹²⁰ na história da semiótica da UNESP de Araraquara e daqueles que o rodearam, a exemplo do texto de Ude Baldan, “O desenho do arquiteto”, encontrado na primeira publicação do periódico e que se baseia no projeto dos *CASA* redigido e apresentado por Silva àquele grupo. Nos demais números seguem as homenagens: “Permanências: Ignacio por ele mesmo”, de Marisa Gianecchini Gonçalves de Souza (2003); “Resposta ao Ignacio: um galo sozinho não tece uma manhã”, de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, e; “O corpo, a paixão no pensamento de Ignácio A. Silva (I): Corpo e Paixão: a gênese do sujeito”, de Ana Cristina Fricke Matte. A construção dessa seção conta com a palavra “esteio” na medida em que são as ideias e o trabalho ignacianos que mantém o grupo *CASA* unido e em atividade; e “braúna” porque o ideal desse remanescente do CESAJG é tão vigoroso e forte quanto a madeira da árvore que carrega esse nome, parafraseando Matte (2003, p. 1), para quem “o projeto dos *CASA*, [...] é o verdadeiro esteio de braúna sustentando nossas empreitadas”.

¹²⁰ Iniciais de Ignacio Assis Silva. Essa forma de assinatura utilizada pelo pesquisador em seus textos manuscritos e/ou datilografados transformou-se em uma maneira respeitosa de se fazer referência a ele. No artigo “Permanências: Ignacio por ele mesmo”, Marisa Gianecchini Gonçalves de Souza (2004, p. 1) menciona essa forma de tratamento. Em suas palavras, “o professor Ignacio Assis Silva, o **Igas** como conhecemos é presença junto a seus pares [...]” (SOUZA, 2004, p. 1, grifo nosso).

Em “sarau”, é dada uma oportunidade de divulgar produções artísticas dos pesquisadores, um trabalho laborioso de criar concomitantemente se faz ciência. A um só tempo, é mais uma forma de fazer deferência ao trabalho da vida de Silva, bem como ao seu respeito e gosto pela arte. Nas palavras da editora responsável pelo primeiro número da revista, “*Sarau em CASA* é o lugar em que o poema se mostra sem dizer como, nem por quê. É um espaço para a criatividade, aberto a todas as formas de arte passíveis de veiculação pela internet” (MATTE, 2003, p. 2, grifos da autora). Ademais, no segundo número de 2003 e no primeiro de 2004 os *CASA* também contam com uma seção voltada para publicações de tópicos da semiótica por professores com experiência didática na teoria. Intitulada “Sala de Aula”, na primeira edição em que aparece a seção, destaca-se uma publicação de Luiz Tatit, “Elementos para a análise da canção popular”.

A partir de 2005, a função de editora responsável é assumida por Renata Maria Facuri Coelho Marchezan e os *Cadernos de Semiótica Aplicada* se dividem em apenas “artigos”, “traduções” e “resenhas”. Marchezan dedica-se ao comando da revista pela primeira vez entre 2005 e meados de 2007, pois Arnaldo Cortina é o editor responsável pelo segundo número do volume 5 (2017) e pelo primeiro número do volume 6 (2008). A partir do número 2 de 2008, Renata Marchezan retoma a função de editora responsável até 2012 (volume 10), dividindo a edição em números especiais “com Ude Baldan (volume 8, número 2), Diana Junkes Bueno Martha-Toneto (volume 9, número 2) e Cristiane Passafaro Guzzi (volume 10, número 2)”, segundo seção “Histórico da revista”, da *home page* do periódico (CASA, 2018a, p. 1). Jean Cristtus Portela é o último a assumir a posição de editor responsável desde o volume 11 (2013), auxiliado pela editora adjunta Cintia Alves da Silva, embora a edição do segundo número do volume 13 (2015) tenha ficado sob os cuidados das pesquisadoras Diana Luz Pessoa de Barros, vinculada à Universidade Presbiteriana Mackenzie e à USP e Lucia Teixeira de Siqueira e Oliveira, docente na Universidade Federal Fluminense, especialmente convidadas para a execução dessa tarefa (CASA, 2018a, p. 1).

Destacamos que Jean Cristtus Portela, Matheus Nogueira Schwartzmann, Cristiane Passafaro Guzzi, Diana Junkes Bueno Martha-Toneto, Lucília Saad Mamar, entre outros, prestaram apoio técnico ao periódico, realizando atividades como formatação de artigo, revisão de língua, atualização de páginas em *.html*, por exemplo.

A partir de 2014, os *CASA* passaram a receber apoio financeiro da PROPe/UNESP¹²¹, e o Laboratório Editorial FCL-UNESP tornou-se responsável pelo suporte técnico às

¹²¹ Pró-reitora de pesquisa da Universidade Estadual Paulista - UNESP.

publicações (CASA, 2018b, p. 1). Embora o Grupo CASA seja renomeado Grupo de Pesquisas em Semiótica (GPS) em 2016, como já mencionado, mantém o nome do periódico, assim como o objetivo de publicar trabalhos resultantes de pesquisas em semiótica. Do mesmo modo, ainda que os membros grupo da UNESP de Araraquara não atuem de forma tão expressiva quanto no início do projeto na sua organização e na sua edição, a responsabilidade pelas edições ainda é de um capital científico do CASA, conforme registra a seção “Equipe Editorial” (CASA, 2018c, p. 1), que continua a acolher textos de pesquisadores do CASA (UNESP) e de outras instituições, além de trabalhos resultantes de pesquisas de outros grupos, como sempre acolheu ao longo de sua existência.

3.2.4. Os Estudos Semióticos (eS:Se)

A revista semestral e *online* de semiótica da USP, *Estudos Semióticos (eS:Se)*, surge em 2005 da necessidade crescente de divulgação dos trabalhos resultantes das discussões realizadas entre os membros do Grupo de Estudos Semióticos da FFLCH-USP, o GES. Tendo sido erigida dois anos após o surgimento dos *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, a instituição de outro periódico de semiótica encontra resistência dos professores da USP haja vista uma preocupação com o sucesso dos *CASA*, que nascem de um projeto de Ignacio Assis Silva, um dos fundadores do CESAJG e da *Significação*, e que ainda contam com o apoio de Ivã Carlos Lopes que, à época, também é filiado ao grupo de Araraquara. Além disso, inquieta os pesquisadores mais experientes, a dúvida acerca de uma possível saturação de publicações científicas causada pela instituição de mais uma revista de semiótica. Entretanto, o impulso do grupo de alunos, que manifesta uma necessidade de “imprimir uma identidade da USP” na pesquisa semiótica, e a “empolgação pessoal” de Peter Dietrich, orientando de Luiz Tatit, para que a *Estudos Semióticos* saia do papel superam o cuidado dispensado pelo corpo docente, esclarece I. C. Lopes (2017). Não à toa, Dietrich é o primeiro editor responsável pela revista, permanecendo nesse cargo de 2005 a 2008, período em que a revista é anual. A *Estudos Semióticos* torna-se semestral a partir de 2009.

Da mesma maneira que as demais revistas desse campo científico – *Actes Sémiotiques*, *Significação*, *CASA* –, a *Estudos Semióticos* admite textos que sejam inéditos, bem como produzidos não somente na língua materna, nesse caso a portuguesa, mas também na francesa, na italiana, na espanhola e na inglesa. Além disso, publica trabalhos resultantes de pesquisas em semiótica ou que, apesar de advindas de outros campos da ciência, tenham pontos de contato com a semiótica; apresentem um estudo relacionado com essa teoria; e se ocupem de

signos, de textos, de discursos e/ou de práticas sociais produtoras de sentido (ESTUDOS SEMIÓTICOS, 2018a, p. 1).

A condição de pós-graduando é exigência mínima para a publicação de artigos e resenhas nesse periódico, embora tenha sido criada uma seção intitulada GRADUS em 2010 para atender demandas de pesquisadores que queiram publicar trabalhos, mas não atendem ao requisito de já estarem pelo menos na pós-graduação¹²². Ainda assim, quando aceitas, somente comunicações científicas na forma de artigos podem ser publicadas nessa seção específica, conforme esclarece o site do periódico (ESTUDOS SEMIÓTICOS, 2018a, p. 1).

De acordo com o “Histórico do periódico”, na seção “Sobre a revista” (ESTUDOS SEMIÓTICOS, 2018a, p. 1), a responsabilidade editorial é assumida por alunos da pós-graduação nas edições regulares: Peter Dietrich dos números 1 (2005) ao 4 (2008); Francisco Merçon e Mariana Luz Pessoa de Barros dos volumes 5 (2009) ao 8 (2012); Carolina Tomasi e Conrado Moreira Mendes como editores convidados para os volumes 8 (2012) e 9 (2013); e Daniela Nery Bracchi na condição de editora adjunta dos volumes 9 (2013) ao 14 (2013).

As edições especiais, por outro lado, são assumidas por pesquisadores pós-graduados ou renomados dentro da comunidade semiótica: Elizabeth Harkot-de-la-Taille e Adriana Zavaglia, docentes na USP, dividem a edição do terceiro número do volume – “Dossiê especial Groupe μ ” (2015); Valeria de Luca, da Universidade de Lyon 2 Lumière (França), e Carolina Lindenberg Lemos, da Universidade Federal do Ceará, dirigem o primeiro número do volume 13 – “número especial AJCS” (2017) e; Waldir Beividas, da USP, e Eliane Soares de Lima, vinculada à Universidade Federal do ABC em São Paulo, são responsáveis pelo segundo número do volume 13 – “edição especial em homenagem ao centenário de A. J. Greimas - parte I” (2017) e pelo primeiro número do volume 14 - “edição especial em homenagem ao centenário de A. J. Greimas - parte II” (2018). Atualmente, como relatado na seção “Equipe editorial”, os editores responsáveis pelas publicações são os docentes Ivã Carlos Lopes (USP), José Américo Bezerra Saraiva (Universidade Federal do Ceará) e Eliane Soares de Lima, Universidade de São Paulo (USP), tendo publicado o primeiro número do volume 15 (2019) – “edição especial em homenagem a Claude Zilberberg” (ESTUDOS SEMIÓTICOS, 2018b, p. 1).

O próximo quadro resume as características gerais dos periódicos de semiótica em exame:

¹²² Entendemos que esses pesquisadores tanto podem ser graduados, quanto ainda não graduados, mas que realizem ou tenham realizado pesquisas de Iniciação Científica (IC).

Quadro 20 – Panorama dos periódicos de semiótica

TÍTULO DA REVISTA	INÍCIO E FIM DE ATIVIDADES	PERIODICIDADE	FORMATO
<i>Actes Sémiotiques</i> <i>Nouveaux Actes Sémiotiques</i> <i>Actes Sémiotiques</i>	1977	16 ao ano / (1978-1987) 6 ao ano / (1989-2006) Anual / (a partir de 2007)	Impresso <i>Online</i>
<i>Significação - revista brasileira de semiótica</i>	1974-2006	Irregular / (até 1999) Semestral / (2000 a 2006)	Impresso
<i>Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)</i>	2003	Semestral	<i>Online</i>
<i>Estudos Semióticos (eS:Se)</i>	2005	Anual / (2005-2008) Semestral / (a partir de 2009)	<i>Online</i>

Fonte: autora.

Esse percurso da pesquisa semiótica para se institucionalizar a partir da ação de grupos de especialidades e da comunicação do conhecimento científico produzido em periódicos especializados, seja no Brasil seja na França, será tratado na sequência, tendo em vista o acolhimento dos grupos, bem como dos pesquisadores que os compõem, e das revistas de semiótica em universidades como a UNESP, a USP, além da EHESS e da Universidade de Limoges.

3.3. Formação e reconhecimento dos grupos de semiótica pela comunidade científica como forma de institucionalização da disciplina

Tomando como primeiro grupo de semiótica os membros do GRSL, que se reuniam em torno de Greimas nos Seminários de Semântica Geral, iniciados com a chegada do pesquisador lituano à EHESS em 1965, como mostram os percursos dos grupos franceses e brasileiros já descritos, é em meio ao engajamento político-científico de pesquisadores e alunos daquela universidade parisiense que o grupo de Greimas se encontra em seu estágio inicial de formação, quando ainda não existe produção sobre a semiótica tal qual a conhecemos. A teoria está começando a ser construída e o foco ainda é o fortalecimento do pensamento estruturalista; mas, a partir de 1968 já começa a se desenhar um grupo minimamente organizado de pesquisadores (alunos e professores) que se reúne para discutir sobre um fazer científico comum. Ao mesmo tempo, a produção científica sobre semiótica daquele que será considerado o líder intelectual dos semioticistas da Escola de Paris até o seu

falecimento, décadas mais tarde, reforça a proposição de Murray (1994, p. 14) sobre o que considera ser o estágio normal de formação de grupos, no qual ainda não há produção coletiva e as ideias a serem de fato reconhecidas como boas e seguidas pelos membros do grupo ainda estão se estabelecendo no campo das ciências sociais.

No final da década de 1960, os semioticistas do GRSL, coordenados pela liderança intelectual de Greimas, chegam à segunda fase da formação de grupos, de acordo com Murray (1994, p. 15). Embora ainda não exista muita produção coletiva, o reconhecimento das ideias greimasianas é notado pela heterogeneidade de nacionalidades e de níveis de formação acadêmica dos membros do grupo e pela influência que começa a exercer fora da França, como demonstra o percurso de leitura dos semioticistas brasileiros que se engajaram para erigir um Centro de Estudos Semióticos no Brasil após lerem *Semântica Estrutural* (1973 [1966]). A liderança intelectual exercida pelo pesquisador lituano é notada na descrição que Barros (2017) faz do período em que integrou o grupo entre 1970 e 1971, deixando clara a sua crença no valor eufórico do projeto que estava sendo construído:

Os alunos de Greimas mais adiantados, entre os quais eu não me incluía, apresentavam seus trabalhos, que o mestre discutia, criticava e elogiava. Foi um momento de boa aprendizagem da teoria por meio da prática analítica comentada e, principalmente, a ocasião de sentir que começava ali um projeto coletivo em que se acreditava e para o qual se trabalhava, ainda de forma incipiente, em um grupo coeso (BARROS, 2017, p. 2).

A descrição da pesquisadora brasileira é reforçada pela perspectiva do semioticista francês, que acompanhou o percurso do GRSL desde o seu estabelecimento até o arrefecimento de suas atividades. Pelo olhar landowskiano:

Este grupo se constituiu, próximo ao fim dos anos 60, por bricabraque, pela simples justaposição de vocações individuais esparsas. Em seguida, foi rapidamente unificado sob o comando de seu “diretor”, ou [...] sob o encantamento de um “Destinador” pouco inclinado a estabelecer regras mas capaz de dar sentido e valor a uma ação desempenhada coletivamente (LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 60).

O relato da pesquisadora também evidencia que em meados dos anos 1970 também é forte a liderança organizacional greimasiana haja vista a extensa lista de atividades distribuídas pelo líder do GRSL para serem realizadas pelos pesquisadores que participam dos seminários:

Além do papel fundamental do seminário de 1976/77 para o desenvolvimento teórico e metodológico da semiótica, [...] Greimas criou [...] o metaseminário [que] era realizado depois do “grande seminário”, para um grupo restrito, no gabinete de Greimas na Rue Monsieur-le-Prince. Participavam dessas reuniões semanais, [...] apenas uns poucos pesquisadores convidados, para discussão de questões metodológicas, apresentação de obras que acabavam de ser publicadas e debates sobre projetos comuns e também sobre política acadêmica e científica. [...] Greimas distribuía livros e outros textos que recebia entre os participantes do grupo, para que falássemos deles aos demais (BARROS, 2017, p. 2).

O “sucesso intelectual” (MURRAY, 1994, p. 15-16) é demonstrado pela participação de pesquisadores de outras áreas das ciências humanas nos seminários – “Além dos participantes fixos, outros eram solicitados a apresentar pequenas comunicações de interesse para as propostas do Grupo, como J. Rey-Debove, Cl. Brémont, Cl. Chabrol, M. Arrivé, M. De Certeau, L. Marin” (BARROS, 2017, p. 2) –, pelas atividades realizadas individualmente e em grupo, pela necessidade de manter os debates e as reflexões teóricas intragrupo e pela importância dada ao trabalho coletivo – “As forças de todos eram [...] mobilizadas turno a turno [...], em verdadeiras campanhas de exploração ou de conquista conceituais cujos resultados seriam em seguida, se possível, integrados ao modelo teórico comum” (LANDOWSKI, 2017d [2015], p. 60-61). Ilustram essa fase do processo de constituição de grupos as seguintes palavras de BARROS (2017, p. 3):

A tradição do encontro e das discussões em grupos [...] mostrou-me outro modo de se encararem a pesquisa e a produção científica e intelectual, concebidas como projetos coletivos, de que muitos participam e para cujo desenvolvimento todos contribuem com suas pesquisas individuais.

No estágio final da formação de grupos, *cluster*, em consonância com Murray (1994, p. 16-17), o grupo reclama a comunicação de trabalhos realizados coletivamente, individualmente ou em coautoria como resultado dos debates e de outras discussões realizadas entre os colegas, o que culmina no surgimento da *Actes Sémiotiques* em dezembro de 1977. A um só tempo, faz transparecer a existência de grupos de trabalho e de publicações em coautoria em periódicos científicos de outras áreas das ciências humanas (BARROS, 2017, p. 3). Esse aumento de trabalhos coletivos, a conscientização de que os participantes do seminário formam um conjunto com força política dentro da Academia com produção em diferentes periódicos e, sobretudo, com meios próprios de difusão do saber produzido por eles – do periódico (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques* faz com que o GRSL se torne um grupo de especialidade e institucionalizado, que recebe apoio da EHESS e do CNRS.

Esse é o apogeu do GRSL, a fase mais entusiasta da reflexão conjunta com vistas a uma construção coletiva de uma teoria; construção orientada por Greimas por uma equipe mobilizada a dar a sua contribuição intelectual (e científica) para os estudos da significação, e que perdura ao longo dos anos 1980 até que a força da heterogeneidade de ideias e de interesses pessoais faça com que o grupo se desintegre. No entanto, após os anos 1990, o espírito de construção coletiva adquire novos contornos e retoma o empreendimento científico de inspiração greimasiana, em grande parte, apoiados na base institucional da revista do grupo, a (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, que “[...] manteve a linha teórica estrutural de base [...]” da semiótica, segundo Landowski (2017d [2015], p. 61-63). Da força dessa base institucional dentro do campo da semiótica, trataremos no próximo capítulo.

O CeReS, por outro lado, é um grupo que já nasce institucionalizado e subsidiado pela Universidade de Limoges e pelo CNRS. Conta com fortes lideranças intelectuais (Jacques Fontanille, Eric Landowski, por exemplo) e organizacionais conforme é dirigido por Isabelle Klock-Fontanille e ambientado no IR SHS. O centro de pesquisas de Limoges é um desdobramento do Seminário de Semiótica e, simultaneamente, está associado ao evento que ocorre em Paris, uma vez que os pesquisadores e os líderes intelectuais circulam pelos dois espaços de reflexão conjunta. Em termos de produção coletiva, os membros do CeReS publicam na (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques* diferentes dossiês (trabalhos coletivos), bem como os resultados de teses e dissertações defendidas. Esses pesquisadores possuem, nesse sentido, produção especializada reconhecida pela comunidade semiótica.

Do ponto de vista institucional, a pesquisa em semiótica realizada na França vivencia um processo de multcentralização de atividades, que é regido pela natureza concessiva da dispersão de capital científico¹²³ pelo país: apesar do sucesso dos Seminários de Semiótica com participação dos membros do GRSL não só nos seminários, mas também em outras reuniões da EHESS, os pesquisadores precisam se tornar atuantes em universidades espalhadas em outros estados. Esse processo de dispersão, inevitável nas universidades, pois têm necessidade de diversificar as especialidades, tornando quase impossível manter um mesmo projeto científico em atividade por muito tempo, conforme (MURRAY, 1994, p. 484), principia-se, na França, não pela redistribuição de capital científico, mas pela transferência de apoio financeiro e institucional do periódico do grupo greimasiano. Assim, ainda que o Seminário de Semiótica permaneça em Paris, onde são reunidos os semioticistas de toda a França e de outros países onde a semiótica discursiva é estudada, é iniciado um movimento

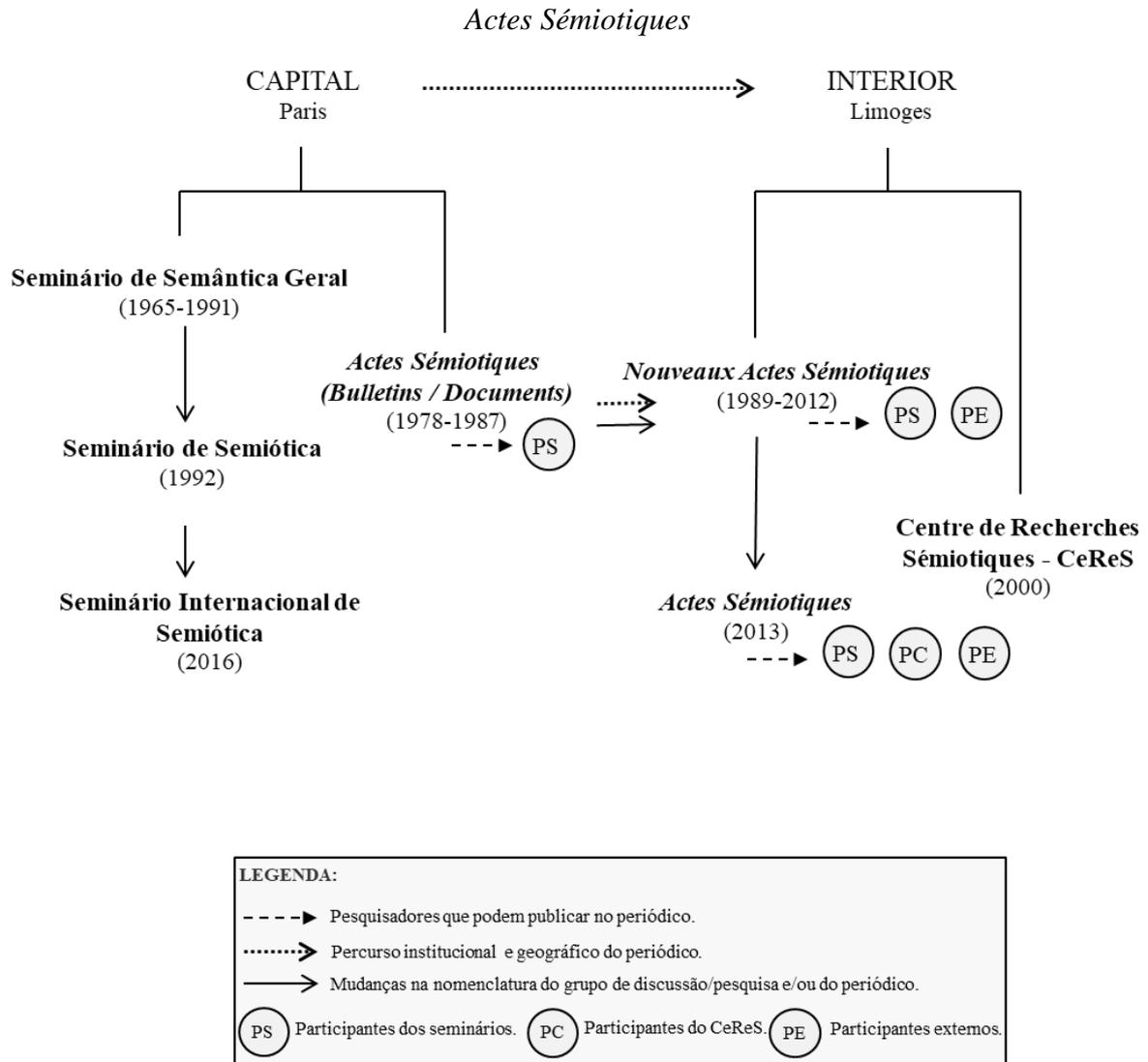
¹²³ Conforme Bourdieu (2004 [1997]).

rumo ao interior a partir de 1989, ocasião em que a revista exclusivamente de semiótica, os *Actes Sémiotiques*, se transfere para a Universidade de Limoges.

Como mostra o percurso histórico da revista, a *Actes Sémiotiques* sofre uma transformação brusca com o fim do patrocínio da EHESS, pois não somente deixa de ser impressa na capital francesa, instalando-se no interior do país, como também muda de nome, tornando-se *Nouveaux Actes Sémiotiques*, e ainda deixa de se subdividir em atos de colóquios (*Bulletins*) e comunicação de trabalhos individuais ou coletivos mais estabilizados na teoria (*Documents*). Mais de duas décadas depois, vislumbra um retorno parcial às origens com a retomada do título original. Além disso, se em sua primeira fase, nas décadas de 1970 e 1980, aceita apenas trabalhos resultantes de discussões temáticas do GRSL ou de pesquisas oriundas de debates realizados nos seminários de Greimas, em sua maioria, atualmente mostra-se aberta a receber trabalhos resultantes de outros processos de pesquisa.

Um olhar mais refinado sobre os *Actes* traz à luz, no entanto, que, inicialmente, na qualidade de mídia de comunicação científica especializada, é apenas um canal para o fortalecimento da pesquisa em semiótica produzida pelo grupo de especialidade da capital. Isso acontece porque, embora seja representado enquanto grupo de trabalho nos seminários conduzidos por Greimas na EHESS desde 1965, o GRSL começa a reclamar o registro oficial da produção científica decorrente dessa atividade, o que é tornado possível por meio do periódico (com seus *bulletins* e *documents*) no final de 1977. Até o surgimento dos *Actes Sémiotiques*, o Groupe publica em revistas esparsas, de linguística ou de outras áreas do grande campo das ciências sociais – *Langages*, *Communications*, *Cahiers de Lexicologie e Langue Française*, entre outras, reconhecidas pela comunidade científica –, assim como fizera o mestre, Greimas, antes mesmo de publicar *Semântica Estrutural* (1973 [1966]). Assim, números temáticos como os *Bulletins* sobre figuratividade de 1981 e 1983 e trabalhos individuais como os *Documents* de Greimas sobre semiótica figurativa e semiótica plástica, ou os de Bertrand sobre o figurativo e o abstrato, somente ganham estatuto e relevância científicos em razão do caráter documental e escrito de terem sido publicados em um periódico científico, composto de comitê editorial para atestar a cientificidade desses trabalhos e redator responsável pela publicação. Observemos a figura:

Figura 10 – (Re)configurações institucionais dos Seminários de Semiótica e dos (*Nouveaux*)



Fonte: autora.

Se, em conformidade com os estudos empreendidos por Pierre Bourdieu (2004 [1997], p. 22-23) o campo científico está constantemente lutando seja pela sua conservação seja pela sua transformação e, para isso, lança mão da qualidade e do impacto social e científico das pesquisas de seus agentes, constata-se, nesse caso, uma lógica implicativa sobre a institucionalização da semiótica e a definição da disciplina enquanto campo científico: se realiza pesquisas, então comunica os resultados aos pares, difundindo, assim, a teoria que está sendo construída e fortalecendo o grupo, que encontra um espaço próprio para difundir o conhecimento sobre a semiótica, não importa em que parte geográfica da França esteja. Nesse sentido, a figura acima ilustra como a institucionalização da semiótica é distribuída da capital francesa ao interior do país.

A figura ainda mostra que é no primeiro decênio dos anos 2000 que se nota uma ação do capital científico da semiótica a fim de manter esse campo em atividade, nos termos de Bourdieu (2004, p. 22-23). Dito de outro modo, evidencia um ganho de força no processo de efetiva institucionalização da pesquisa semiótica na França. O Seminário de Semiótica – que deixara de ser Seminário de Semântica Geral após o falecimento de Greimas – torna-se um “grande seminário”, na medida em que reúne o mesmo tipo de evento científico voltado para pesquisas em semiótica realizadas nas demais universidades parisienses e potencializa a força científica desse campo ao se tornar Seminário Internacional de Semiótica. Essa internacionalização do tradicional seminário que, na prática, existe desde 1965, transfigura-se em dado oficial e em marco de institucionalização do campo entre os demais campos das ciências humanas, tornando a existência do grupo atestada – conhecida e reconhecida – e, dessa maneira, distinta entre os demais grupos, como esclarece Bourdieu (1996 [1982], p. 112) ao refletir sobre a construção da identidade de um grupo no interior de um campo.

A um só tempo, o CeReS, um centro de pesquisas erigido na Universidade de Limoges, instalada no interior da França, a quilômetros de Paris, é fundado em 2000, mostrando a força institucional da Unilim, onde Jacques Fontanille atua há pelo menos uma década e que fornece apoio institucional e financeiro aos *Nouveaux Actes Sémiotiques*, fazendo o periódico permanecer ativo desde 1989, após pausa de um ano. Assim, o periódico que até o momento publica, em grande medida, os trabalhos resultantes do Seminário de Semiótica, começa a publicar os trabalhos conjuntos e individuais, temáticos ou atemáticos, de pesquisadores do grupo de especialidade daquela instituição, que recebe tanto pesquisadores franceses quanto estrangeiros, vinculados ao grupo parisiense e/ou a grupos de universidades exógenas (estrangeiras e francesas). Essa heterogeneidade de pesquisadores aptos a publicar no periódico faz culminar na adoção de práticas editoriais comuns a grande parte das revistas científicas e, conseqüentemente, na abertura para a comunicação de trabalhos não procedentes nem do GRSL nem do CeReS. Trata-se de um desdobramento da multacentralização de capital científico que vai ao encontro das proposições de Bourdieu (2004 [1997], p. 69), sobre a necessidade heterogeneização de pontos de vista, e de Murray (1994, p. 484-485), no que tange ao papel das lideranças intelectual e organizacional na relação entre a intradisciplinaridade necessária ao progresso de um campo e a interdisciplinaridade que acompanha a dispersão dos membros de um grupo.

Nesse sentido, é em razão do deslocamento institucional da principal mídia francesa responsável pela comunicação científica das discussões sobre semiótica e da necessidade dos pesquisadores herdeiros do legado greimasiano erguerem grupos de discussão sobre os

trabalhos desenvolvidos nas universidades onde atuam fora da capital francesa – a exemplo de Jacques Fontanille, Eric Landowski, Nicolas Couégnas em Limoges, pesquisadores que se destacam pela difusão do pensamento pós-greimasiano, tomando de empréstimo expressão de Patricia Moreira (2019) –, que surgem grupos como o CeReS, atualmente tanto contribuindo para os debates do Seminário Semiótica de Paris quanto para publicações nos *Actes Sémiotiques*, além de assumir o compromisso de manter o periódico em atividade.

O desenvolvimento da semiótica no Brasil tem início na segunda metade da década de 1960, quando alguns professores, embalados pelos ensinamentos de Barthes e, depois, de Ferdinand de Saussure, iniciam as primeiras fases da formação de um grupo de especialidade, o estágio normal e o de liderança intelectual, ao se reunirem em São José do Rio Preto, sob a coordenação de professores que migraram da USP de São Paulo para a universidade daquela cidade (Eduardo Peñuela Cañizal, espanhol radicado no Brasil, e Edward Lopes) para formar o grupo Bacab. As palavras de Lopes e Silva (1984, p. 1) ilustram, com detalhes, esse momento do grupo:

Em 1969, ambos deixam as disciplinas que lecionavam na USP, indo [Edward] Lopes para Ribeirão Preto e Peñuela Cañizal para São José do Rio Preto, no interior do Estado de São Paulo, onde se reúnem com os professores Alceu Dias Lima, Ignacio Assis Silva e Tieko Yamaguchi para montar um grupo de estudos voltado para o debate e a aplicação metódica das idéias agitadas pela Semiologia da época. A criação de uma revista – BACAB - Estudos Semiológicos – assinala o primeiro resultado prático desse projeto.

O objetivo do grupo ao se reunir em 1969 é, pois, discutir e, se possível, levar para os estudos linguísticos e literários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI)¹²⁴ novas correntes linguísticas, especialmente aquelas voltadas para a semiologia e para a semântica de Barthes e Greimas, respectivamente, elaboradas no auge do pensamento estruturalista francês (OLIVEIRA, 2010b, p. 139-140).

Ainda que Edward Lopes tenha sido o primeiro membro do grupo a ler a obra fundadora da semiótica¹²⁵, Cañizal é o líder intelectual do grupo, o responsável por levar a *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) de Greimas para ser discutida pelos colegas, como aponta relato de Silva (1992 apud SOUZA, 2003, p. 3, grifos do autor): “O responsável imediato pela ida, não apenas minha, mas de todo o grupo *BACAB*, à *Semântica Estrutural* de Greimas foi o

¹²⁴ Atualmente, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP.

¹²⁵ Reproduzindo palavras do pesquisador em entrevista a Diniz e Portela: “[...] afinal de contas eu o havia lido há muito pouco tempo e o primeiro que leu fui eu, como eu disse o *Sémantique*. E aí eu passei para o Eduardo, porque naquela época eu tinha saído da USP [...]” (E. LOPES, 2000, p. 13).

professor Peñuela Cañizal [...]”. Todavia, cabe a Edward Lopes a liderança organizacional que garante ao grupo de semiologia, intelectualmente bem sucedido, haja vista já ter conseguido publicar o primeiro número de um periódico homônimo em 1971, o amparo institucional da FFCL Barão de Mauá, de Ribeirão Preto, para trazer o precursor da semiótica discursiva, Algirdas Julien Greimas, ao país a fim de que ministre o curso “Semiótica da Narrativa”, como esclarecem Lopes e Silva (1984, p. 1): “Um outro resultado surgirá, anos depois, em Ribeirão Preto, onde desde 1969 [Edward] Lopes vinha preparando o terreno para a criação de um centro de estudos semióticos”. Esse apoio institucional, que não somente financia a atividade com o pesquisador lituano, mas também possibilita a criação do Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” em 1973 e ainda faz o periódico *BACAB* se metamorfosear na primeira revista de semiótica brasileira, a *Significação*, em 1974¹²⁶, formaliza o acesso do grupo Bacab, que passa a ser o Centro de Estudos Semióticos, ao estágio final de formação de um grupo de especialidade, que se torna, por fim, um grupo acadêmico, institucionalizado, como confirma o estudo de Murray (1994, p. 14-21).

Cinco anos após o grupo ser instituído e com dois números da *Significação* publicados, o CESAJG e o periódico transferem-se para o Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE) da UNESP de Araraquara em 1978, passando, em 1987, a ser abrigados na USP de São Paulo (capital), onde são acolhidos em diferentes departamentos até a extinção do CESAJG na segunda metade da década de 1990 e a transformação da *Significação* em revista de cultura audiovisual em 2007. Nesse ínterim, há uma dispersão dos pesquisadores, conforme Murray (1994, p. 484), para diferentes instituições de ensino superior no estado de São Paulo. Assim, Alceu Dias Lima, Ignacio Assis Silva¹²⁷ (embora atue como professor convidado e orientador na USP em 1998) e Edward Lopes mantêm vínculo profissional e institucional com a UNESP de Araraquara, participando, inclusive, da criação de dois Programas de Pós-Graduação: Linguística e Língua Portuguesa, e Semiótica. Edward Lopes e Alceu Dias Lima¹²⁸, hoje, estão aposentados; já Silva, falece em 2000. Quanto a Jesus Antonio Durigan, orienta pesquisas no Programa de Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP). Nos anos 2000, integra o corpo docente do curso de Administração do Centro Universitário FACEF, de Franca, no interior paulista, onde atua até falecer, em 2005.

¹²⁶ Apesar de, em 1975, ainda ser publicado o segundo e último exemplar do periódico de semiologia, esclarece Silva (1992 apud SOUZA, 2003, p. 3).

¹²⁷ Conforme consulta ao Currículo Lattes do pesquisador: <http://lattes.cnpq.br/3294565159970447>.

¹²⁸ Conforme consulta ao Currículo Lattes do pesquisador: <http://lattes.cnpq.br/0920239652325840>.

De 1960 a 1965, Eduardo Peñuela Cañizal¹²⁹, leciona na UNESP de São José do Rio Preto, sendo contratado pela USP em 1966, instituição à qual permanece vinculado até a aposentadoria em 1999, embora volte a lecionar na UNESP entre 1981 e 1983. De 2003 a 2005 integra o quadro funcional da Universidade Tuiuti do Paraná. A partir de 2005, não somente leciona na Universidade Paulista (UNIP), como assume a coordenação do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Comunicação e Cultura da UNIP até o seu falecimento em 2014. Tiekko Yamaguchi Miyazaki¹³⁰, aposentada na UNESP desde 1998, vai para a Universidade Tuiuti do Paraná. Atualmente, está vinculada à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Diana Luz Pessoa de Barros¹³¹ leciona na USP de 1973 a 2003, atuando como professora colabora na FFCL Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, entre 1978 e 1981. Após aposentadoria na USP, passa a atuar como professora e pesquisadora na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, onde permanece. José Luiz Fiorin¹³² atua no quadro de professores da UNESP de Araraquara de 1980 a 1987, quando é contratado na USP, onde permanece até aposentar-se. Continua atuando como pesquisador.

Essa dispersão dos membros do grupo traz, como consequência, constantes mudanças de espaço e de financiamento institucional até o encerramento das atividades do CES e a perda do periódico especializado, ainda que o grupo tenha conquistado a visibilidade acadêmica, o reconhecimento científico (MURRAY, 1994, p. 16-17) e a crença de autoridade (BOURDIEU, 1996 [1982]) que são necessários à institucionalização de um campo, haja vista os trabalhos publicados na revista, não só de brasileiros, mas de pesquisadores do GRSL da França, como Greimas, Bertrand, Floch, Panier, Landowski, entre outros.

Certamente, essa dispersão de capital social é acompanhada da submissão do grupo às imposições sociais, como crises econômicas que reduzem o apoio financeiro às instituições e, conseqüentemente, ao campo, coerções consideradas pressões externas, nos termos de Bourdieu (2004 [1997], p. 21-22), que afetam a produção científica e a expansão do campo, e impossibilitam a continuidade do CESAJG depois de 1996, mesmo que o grupo seja atuante, bem como nacional e internacionalmente reconhecido. Ademais, a intradisciplinaridade, que para Murray (1994, p. 485) faz avançar as pesquisas e confere prestígio ao grupo, nesse caso, já não se associa mais às pesquisas em semiótica discursiva, mas, sim, ao objeto visual, levando a *Significação* a mudar sua identidade dez anos depois, completamente tomada pelos

¹²⁹ Conforme consulta ao Currículo Lattes do pesquisador: <http://lattes.cnpq.br/6707993081990828>.

¹³⁰ Conforme consulta ao Currículo Lattes da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/1263051399657638>.

¹³¹ Conforme consulta ao Currículo Lattes da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/4742321400577426>.

¹³² Conforme consulta ao Currículo Lattes do pesquisador: <http://lattes.cnpq.br/9543646027338523>.

estudos do campo da comunicação, apesar das várias parcerias institucionais com o fim de obter apoio não só institucional, mas financeiro para a suas publicações.

Lemos, Portela e Barros (2012, p. 51-52) esclarecem que, no Brasil, o reconhecimento dos grupos de semiótica enquanto espaços institucionalizados está subordinado a três instituições: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cuja base de dados os acolhe, embora não garanta que se mantenham em atividade; a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão que atribui bolsas de pesquisa aos alunos regulares dos programas de graduação e de pós-graduação das universidades, e estabelece os critérios a serem seguidos na avaliação das publicações científicas; e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), que representa os programas de pesquisa em Letras¹³³ dos quais os grupos de semiótica fazem parte conforme são promovidas políticas de pesquisa no país, além de reunir pesquisadores de diferentes universidades, organizando-os em Grupos de Trabalho (GT), sendo a maior parte dos pesquisadores que integram o GT de Semiótica, de acordo com os autores, legados greimasianos. Quanto à injeção de recursos financeiros nas universidades para incentivo à pesquisa, como aumento de financiamento de bolsas de pesquisa, por exemplo, acontece somente a partir dos anos 2000, afirma Ivã Carlos Lopes (2017).

É nesse sentido que, ainda de acordo com Ivã Lopes (2017), a irregularidade de publicação da *Significação* até o fim da década de 1990 é devida às vicissitudes da história das pesquisas no Brasil que vivenciou sucessivas crises econômicas, responsáveis pela falta de capital financeiro necessário às universidades públicas para o financiamento de impressões dos periódicos científicos. Ademais, as dificuldades financeiras que perpassaram as atividades dos grupos de especialidades nos anos 1990 também provocaram instabilidades que não somente fomentaram a manutenção de um universo restrito de pesquisa, como também criaram ora momentos de coesão, ora de dispersão dos grupos.

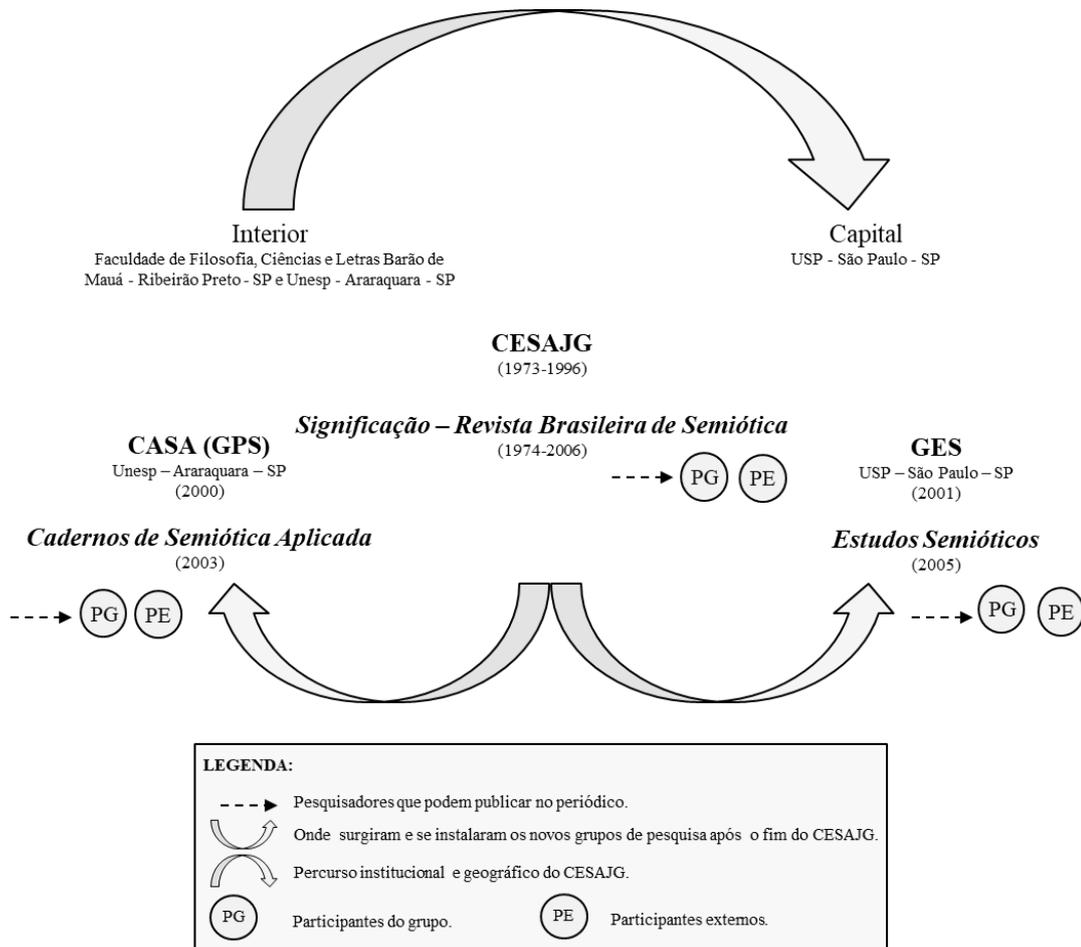
O depoimento de Ivã Lopes (2017) e os desafios impostos à longevidade dos grupos de especialidades elencados por Murray (1994) explicam o fato de que ao longo de suas existências, CESAJG e *Significação* produzem e comunicam, respectivamente, trabalhos dos mesmos pesquisadores, salvo um ou outro novo semioticista que surge nesse período, revelando que a falta de financiamento também pode afetar a formação de novos pesquisadores, que são o capital científico necessário à manutenção do campo em atividade.

¹³³ Os autores afirmam que a semiótica discursiva, ou seja, de inspiração greimasiana, desenvolvida no Brasil está, em sua maior parte, abrigada no campo das Letras, mais especificamente, em departamentos de Linguística, embora, de modo geral, também seja encontrada em departamentos de Literatura e de Comunicação (LEMOS; PORTELA; BARROS, 2012, p. 47-52).

Não obstante concentrados em São Paulo capital, do ponto de vista espacial e não de capital científico, a *Significação* consegue se desdobrar em outros periódicos, assim como o CESAJG, cujos membros continuam atuantes mesmo após o seu fim e criam novos grupos de especialidades, seja na UNESP de Araraquara seja na USP, em São Paulo.

A figura abaixo desenha como o primeiro grupo de semiótica surge no interior de São Paulo, e dissemina a disciplina em vários centros de pesquisa pelo estado:

Figura 11 - Dispersão dos grupos de especialidades que geraram periódicos de semiótica discursiva em universidades brasileiras



Fonte: autora.

Apoiados no trabalho iniciado pelo CESAJG, o CASA e o GES conquistam espaço científico significativo no que tange à pesquisa, minimizando o impacto institucional da perda daquele grupo já estabilizado. Em outros termos, ainda que o espaço institucional pioneiro da pesquisa semiótica tenha chegado ao fim, novos grupos derivam dele, conservando, assim, a estrutura do campo da semiótica no que concerne a capital científico, a força de pesquisa e engajamento dos grupos em uma busca comum: dar continuidade ao empreendimento greimasiano e ao trabalho dos primeiros semioticistas brasileiros.

Desse modo, alunos e professores da UNESP de Araraquara, à qual Ignacio Assis Silva está vinculado, dão vida ao projeto CASA, mantendo-o em atividade a partir de julho de 2000, assim como fazem sair do papel os *Cadernos de Semiótica Aplicada*, periódico também idealizado por Silva para difundir os resultados das pesquisas realizadas pelo grupo araraquarense. De acordo com Jean Cristtus Portela (2013, p. 1), a razão para o surgimento dos *Cadernos de Semiótica Aplicada* tem relação com “[...] a ideia de que, para se fazer ciência de qualidade, é preciso criar um espaço para a circulação do conhecimento e para a interlocução com os pares”. Sendo assim, mais que consequência da atividade de pesquisa, o grupo e a revista resultam da necessidade de se oficializar os modos de pensar, de se organizar e de se constituir culturalmente, dentro da instituição de ensino em que alunos e professores se reúnem para discutir e fazer avançar a semiótica. Assim, os objetivos de existência desse grupo são transformados em projeto de trabalho executado por Silva nos dois primeiros encontros e depois por seus colegas e alunos, em razão da perda inesperada do mestre.

Tão repentina quanto estarrecedora para o grupo, a morte de seu idealizador não faz desaparecer a dedicação de cerca de trinta anos à semiótica e as contribuições do pesquisador configuram-se na força motriz do Grupo CASA, na essência das ideias que ali vigoram, arraigando-se na história da própria semiótica. Trata-se de um princípio de coletividade que faz o semioticistas de Araraquara darem continuidade ao projeto ignaciano, em consonância com o pensamento de Hegel (1999 [1837], p. 53-72), para quem o modo de pensar e de agir de um grupo que não desaparece com a morte nem cai no esquecimento após se fixar na história de um povo ganha tamanho ânimo no grupo e no tempo em que se funda, que escapa ao seu próprio tempo, transitando por sua história. O conhecimento produzido transpõe, dessa perspectiva, a morte do sujeito, porém se abriga no grupo social de que faz parte, tornando-se o espírito do grupo, visto que é na coletividade que o espírito de uma época se fortalece.

Em termos semióticos, o pensamento ignaciano permanece como destinador do fazer dos membros do Grupo CASA, portanto, destinatários desse programa de busca pela transmissão de saberes sobre semiótica. De forma mais específica, as palavras de Silva continuam a manipular por sedução esse destinatário “Grupo CASA”, actante coletivo modalizado pelo querer dar continuidade no projeto do mestre e/ou amigo, detentor de um poder institucionalizado e de um saber conferido pelo conhecimento adquirido; conhecimento, em grande medida, produzido e transmitido pelo próprio destinador Ignacio Assis Silva. Manter o grupo em atividade equivale à realização bem-sucedida da *performance* do destinatário e o reconhecimento do valor do grupo pela comunidade científica é a sanção cognitiva recebida pelo grupo.

O surgimento do GES, entretanto, decorre de uma motivação diferente da que faz nascer o Grupo CASA. É uma iniciativa dos alunos – e não um projeto de um ou mais pesquisadores experientes – aceita e assumida pelos docentes da USP que sem o CESAJG até então participam das reuniões e das ações dos grupos de Araraquara e da PUC de São Paulo. Quanto ao periódico *Estudos Semióticos (eS:Se)*, necessita de luta por parte dos idealizadores para existir, visto que impera apreensão naqueles que também são membros do Grupo CASA em lançar uma revista concomitantemente irmã e concorrente daquela planejada por Silva, considerando serem ambas especializadas em semiótica.

Levando-se em conta um ponto de vista de natureza implicativa em relação às atividades do grupo unespiano, se Ignacio Assis Silva aspirava um grupo atuante na UNESP de Araraquara e um periódico derivado desse grupo, então o propósito ignaciano de formar novos semioticistas, publicitar e fazer avançar a semiótica deveria ser efetivado. A mesma perspectiva, entretanto, parece não poder ser associada à institucionalização da semiótica na USP; pois, naquela instituição, ela resulta da persistência dos alunos em se organizarem em torno de estudos mais efetivos sobre a semiótica, criando, desse modo, um grupo de especialidade. Assim, apesar da resistência dos professores em criar um periódico científico de semiótica na USP, quando já existe outro em atividade com poucos anos de existência, essa mídia é criada.

Cotejando os grupos de semiótica da França e do Brasil erigidos após os anos 2000, assim como o CeReS deriva do GRSL, o CASA e o GES podem ser considerados desdobramentos do CESAJG. Do mesmo modo, os *Cadernos de Semiótica Aplicada* e a *Estudos Semióticos* provêm da *Significação- revista brasileira de semiótica*. Além disso, os grupos brasileiros surgem orientados por lideranças intelectuais e organizacionais remanescentes de outros grupos, sendo, dessa perspectiva, experientes na realização de produção científica coletiva – como propõe o projeto de Silva no Grupo CASA ou em razão de contar com docentes que participaram do CESAJG e do grupo de Araraquara, no caso do GES –, e têm consciência de sua força enquanto grupo, uma vez que também contam com um intercâmbio de pesquisadores atuando nas atividades dos grupos (do Brasil e da França) e publicando em suas respectivas revistas. Ademais, recebem apoio institucional e financeiro de suas universidades, têm pesquisas financiadas por fundações que entre outras obrigações, fomentam a produção científica com atribuição de bolsas de estudo, apoio e auxílios à pesquisa, como a CAPES, o CNPq e a FAPESP, bem como são registrados no CNPq. Isso confere aceitação e reconhecimento pela comunidade acadêmica, o que configura que são grupos no estágio *cluster*, segundo Murray (1994), desde o início de sua formação.

Em contrapartida, diferenças sensíveis na formação dos grupos brasileiros do século XXI são notadas com relação ao de Limoges, visto que os primeiros decorrem de iniciativas seja de professores seja de alunos que se sentem solitários no processo de produção científica, provavelmente devido a uma nova dispersão de capital científico após o fim do CESAJG. Eles são apoiados institucionalmente pelas universidades onde atuam com a oferta de estrutura física e de fundos para a pesquisa – esses últimos, entretanto, somente à medida que essas universidades recebem recursos de agências de fomento à pesquisa, como a CAPES e o CNPq. O CeReS, por outro lado, resulta de uma política do CNRS de apoio à pesquisa, instituição francesa internacionalmente reconhecida pelo amparo às pesquisas científicas em diferentes áreas. Visto que a semiótica integra as ciências humanas e sociais, no INSHS¹³⁴ são abrigados grupos de especialidades nacionais como o GDR de Semiótica. Esse grupo, que ao longo dos anos 1990 discutiu formas de reestruturar a pesquisa em semiótica na França, é responsável pela criação do CeReS na Universidade de Limoges em 2000, um centro de estudos interdisciplinar, característica que concorre para a manutenção dos valores do CNRS. Não se trata, portanto, da emergência de um grupo que busca discutir uma teoria, mas da continuidade de um trabalho de manutenção de um campo. Obviamente, o CASA e o GES também visam à manutenção do campo; são ferramentas para isso, mas não surgiram especificamente com esse objetivo, contrariamente ao que ocorre com o CeReS.

Por fim, considerando o percurso da pesquisa semiótica no Brasil, na qualidade de campo científico instituído pela ação de grupos de especialidades – os constantes deslocamentos institucionais do CESAJG e da *Significação*, e, ao mesmo tempo, a estabilização do Grupo CASA e do GES-USP, bem como de seus periódicos *Cadernos de Semiótica Aplicada* e *Estudos Semióticos*, respectivamente, em suas universidades e programas de pesquisa –, e ainda as concepções bourdieunianas sobre as instituições, o campo (no nosso caso, o semiótico) e o movimento dos agentes no interior desse campo, o fato de a semiótica ter se arraigado tanto no interior quanto em um centro metropolitano como São Paulo (capital) leva a pensar que a semiótica, enquanto campo científico, não pode ter tido um uso social no Brasil que não seja aquele que a coloca a serviço de seu próprio progresso, em alusão a Bourdieu (2004 [1997], p. 43).

Nesse sentido, a *Significação* desempenha um duplo papel, no qual é fundadora da comunicação científica da pesquisa semiótica desenvolvida no Brasil e, sincronicamente, se

¹³⁴ Através do Institut des Sciences Humaines et Sociales (INSHS), o CNRS oferece uma estrutura voltada para a implementação de políticas científicas que comporta laboratórios onde projetos interdisciplinares são compartilhados, visando sempre à inovação científica.

mantém resistente à falta de recursos para manutenção da comunicação das pesquisas realizadas pelos pesquisadores do CESAJG, que se sustenta, mesmo que irregularmente. Uma nota de fim em texto de Diana Luz Pessoa de Barros, publicado no número 6, de 1987, comprova essa condição: “A **ausência de reprodução dos quadros, por dificuldades de verba**, prejudica bastante a leitura do texto. A pintura de Van Gogh está reproduzida na coleção *Gênios da Pintura*, da Abril Cultural” (BARROS, 1987, p. 11, grifos da autora, grifos nossos).

O periódico *Estudos Semióticos* resulta de uma busca por comunicar os avanços do GES-USP na pesquisa semiótica e, mesmo tendo se originado de pontos de vista divergentes no interior do grupo, culmina em uma tomada de posição que coloca os pares na mesma direção, uma vez que visam, sobretudo, ao desenvolvimento da teoria (BOURDIEU, 2004 [1997], p. 43-44). Além disso, assume o papel de grupo mais ativo no país na atualidade, centralizando a formação de novos grupos a partir das atividades que nele são desenvolvidas, dos pesquisadores que o integram e depois assumem cargos em outras universidades, e da promoção de eventos regulares e nacionalmente reconhecidos, a exemplo do MiniEnapol, como esclarecem Lemos, Portela e Barros (2012, p. 53-55).

Quanto ao Grupo CASA, da mesma forma que o periódico, surge de um desejo comum dos pares que, em consonância com os pesquisadores da USP, se ocupam dos avanços da semiótica. Nesses grupos e entre eles, não há oposição de ideias a respeito de fazer expandir a ciência¹³⁵, da mesma maneira que acontece nos grupos franceses – GRSL, CeReS, reuniões do Seminário de Semiótica – à medida que se relacionam uns com os outros e com os grupos brasileiros para continuar ao legado greimasiano. Ser renomeado GPS em 2014 não diminuiu as atividades de pesquisa do Grupo CASA, que continuam acontecendo por meio da realização de eventos científicos e da parceria com grupos europeus, como o belga Groupe μ da Universidade de Liège, que resultou na realização do Colóquio Internacional “Linguagens sincréticas: novos objetos novas abordagens teóricas” em janeiro de 2019 e na oferta de disciplinas ministradas por professores-pesquisadores daquela instituição no PPGLLP; além da manutenção das atividades do periódico CASA, do SSU, do Blog do SSU e dos encontros do LeSem.

¹³⁵ Embora a preocupação com o avanço da semiótica seja comum aos dois grupos, o trabalho de Patricia Moreira (2017), ao tratar da recepção do pensamento pós-greimasiano no Brasil, evidencia uma divisão identitária entre eles. Segundo Moreira (2017, p. 78), prevalece uma escolha pela semiótica tensiva de Claude Zilberberg nas pesquisas realizadas na USP, de um lado; enquanto prepondera a escolha pela semiótica da experiência (práticas/formas de vida) de Jacques Fontanille nas pesquisas da UNESP de Araraquara, de outro lado.

Como explanamos até o momento neste capítulo, essa aceitação, por parte desses grupos, franceses e brasileiros, de um conjunto de valores científicos, figurativizados pela metodologia que circunscreve a semiótica em cada momento de sua história, sobretudo, fazendo com que os pesquisadores persistam em se especializar e fazer com que os estudos semióticos avancem e se enraízem nas pesquisas sobre o sentido dos discursos atrela-se ao que propõe Bourdieu (1996 [1982], p. 111-112) acerca do reconhecimento de características que são inerentes a determinado grupo de especialidade no interior de um campo. Para o sociólogo, a identidade de um grupo no interior de um campo conforma e é conformada pelos seus membros à medida que partilham o reconhecimento e a crença de autoridade que o funda, nesse caso, os pressupostos greimasianos. Esse grupo é definido, dessa maneira, pelo compartilhamento de visão que reúne os membros em uma unidade (grupo de semiótica) e essa identidade se manifesta, portanto, através de uma nomeação pública que oficializa esse grupo e o torna visível para outros grupos e para aqueles que o integram, demonstrando o interesse por ser institucionalizado, uma vez que é reconhecido.

Em termos semióticos, no que concerne à relação entre identidade e alteridade no interior dos grupos, essa identificação dos primeiros grupos com os pressupostos greimasianos, e daqueles que surgiram depois, cuja busca pelos estudos do sentido no interior dos discursos e pela formação de novos semioticistas impera em suas ações, resulta da manutenção de um discurso fundador que medeia as discussões e as produções desses grupos. Pode-se dizer, nesse caso, que há a permanência de um ator discursivo nos diálogos que perpassam os discursos de cada grupo que surge; discursos responsáveis por fazer com que os agentes lutem pela conservação do campo (da teoria semiótica) ou pela sua transformação no sentido de buscar pela evolução e não pelo desaparecimento das ideias e dos valores fundantes desse campo, a exemplo do rigor metodológico, da construção coletiva da ciência e da consciência de que a semiótica permanece inacabada. Tais discursos inscrevem-se no que chamamos de práticas de institucionalização, de que tratamos no próximo capítulo.

4. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E TRANSMISSÃO DO SABER: AS PRÁTICAS QUE MODELAM OS GRUPOS DE SEMIÓTICA

O espírito científico constrói conjuntos coerentes de ideias, ou seguindo a bela expressão de Alfred Jarry, de “poliedros de ideias”. Os encantos do pensamento científico não são encantos oferecidos à contemplação. Eles [os encantos do pensamento científico] parecem contemporâneos ao esforço de construção. (BACHELARD, 1966 [1949], p. 248¹³⁶).

Nada seria mais falso do que imaginar a semiótica pronta: se ela está pronta, por que falarmos dela? (GREIMAS, 1982, p. 13, tradução nossa¹³⁷).

Como demonstrado no capítulo anterior, a semiótica arraiga-se no seio de grandes universidades – a exemplo da EHESS e da UNILIM, em território francês; da UNESP e da USP, no Brasil, entre outras – por intermédio da ação de pesquisadores que ali exercem docência e nesses espaços reúnem-se para não somente estudar e debater o projeto greimasiano iniciado com a publicação de *Semântica Estrutural* (1073 [1966]), mas também para colaborar para a sua edificação. Dessas reuniões surgem os grupos de semiótica (GRSL e CESAJG são os mais antigos) e desses espaços de reflexão teórica vêm a lume os periódicos científicos cuja especialidade é difundir as pesquisas desenvolvidas nos grupos a que se vinculam. Os primeiros periódicos, como esclarecido, são *Actes Sémiotiques* e *Significação*.

Em fala introdutória à mesa-redonda “A semiótica de Greimas nas instituições”, Jacques Fontanille (2013, p. 2) diz que,

Não há pesquisa e treinamento em qualquer campo que possa ser feito fora das instituições, sejam instituições existentes ou instituições a serem criadas. Mesmo os pesquisadores mais solitários e individualistas não podem prescindir das instituições que os outros animam, organizam simpósios e congressos, dirigem periódicos ou coleções, organizam seminários onde são convidados e que procuram e encontram financiamento para tudo isso. (FONTANILLE, 2013, p. 2, tradução nossa)¹³⁸.

O pesquisador explica que Greimas não mediu esforços em criar diferentes espaços de reflexão e de difusão da pesquisa em semiótica, mas só permaneceram aqueles espaços que

¹³⁶ Trecho original: “L’esprit scientifique construit des ensembles cohérents d’idées, ou suivant la belle expression d’Alfred Jarry, des “polyèdres d’idées”. Les beautés de la pensée scientifique ne sont pas des beautés offertes à la contemplation. Elles apparaissent contemporaines à l’effort de construction”.

¹³⁷ Trecho original: “Rien ne serait plus faux que de s’imaginer la sémiotique toute faite: si elle était faite, pourquoi en parlerait-on?”.

¹³⁸ Trecho original: “Il n’y a pas de recherche et de formation dans quelque domaine que ce soit qui puisse se faire em dehors des institutions, qu’il s’agisse des institutions existantes ou des institutions à créer. Même les chercheurs les plus solitaires et les plus individualistes ne peuvent se passer des institutions que d’autres animent, qui organisent des colloques et des congrès, qui pilotent des revues ou des collections, qui organisent des séminaires où ils sont invités, et qui cherchent et trouvent des financements pour tout cela”.

estavam “ancorados” em instituições estabelecidas e reconhecidas. Exemplos disso, segundo ele, são os (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, apoiados, primeiramente, pelo CNRS e, depois, pela Universidade de Limoges; e o Seminário que, após deixar a EHESS, encontrou abrigo no Instituto Universitário da França (IUF)¹³⁹ e na Universidade de Paris IV (FONTANILLE, 2013, p. 2). A esses exemplos, embora não mencionadas pelo pesquisador de Limoges, acrescentamos a fundação do CESAJG e a criação da revista *Significação*, no Brasil, que também resultam de ações de difusão teórica realizadas pelo próprio Greimas junto a pesquisadores brasileiros, conforme capítulo anterior.

Fica claro na fala de Fontanille (2013) que a institucionalização é pré-condição para o reconhecimento do valor de um grupo de especialidade, considerando a denominação de Murray (1994), e do que ele produz. Além disso, se o semioticista da Universidade de Limoges¹⁴⁰ não considera a possibilidade de haver ciência (ou reconhecimento científico) fora das instituições, esse posicionamento ganha mais solidez se ancorado aos estudos de Pierre Bourdieu (2004 [1997]), para quem o contexto social e cultural de produção do conhecimento científico é simultaneamente institucionalizado e vinculado a um determinado campo do conhecimento.

Tendo em vista, portanto, a relação inextricável da produção científica com as instituições, às quais cabem a edificação, a conservação e o fortalecimento das áreas científicas de conhecimento que abrigam e promovem – ação muitas vezes reservada aos grupos de especialistas, cuja função essencial é perpetuar a ciência realizada nessas instituições –, como explica Bourdieu (2004 [1997], p. 18-20), neste capítulo, intentamos demonstrar de que modo são manifestadas as práticas de institucionalização da semiótica discursiva. Entre essas práticas, destacamos aquelas de construção da identidade dos grupos de especialidade, termo emprestado à HL por Stephen Murray (1994) e que se adequa à nossa investigação semio-historiográfica, bem como as práticas de transmissão do saber acerca da teoria; esta última, englobando práticas de formação de semioticistas e práticas editoriais de comunicação científica.

Reconhecer o papel da institucionalização da disciplina para a manutenção e a revisão dos saberes produzidos dentro desses grupos (saberes intra-grupos) possibilita compreender como as atividades dos grupos (debates, projetos, etc.) medeiam o processo de transformação das ideias sobre a figuratividade ao mesmo tempo em que subsidiam a transmissão da

¹³⁹ Institut Universitaire de France.

¹⁴⁰ Além de fundador do CeReS e membro da Federação Românica de Semiótica (FedRoS) e da Associação Francesa de Semiótica.

enunciação científica que trata desse conceito, produzindo saberes extra-grupos e entre-grupos. De nossa parte, essa produção de conhecimento entre os grupos, tornando-os um conjunto, uno apesar de suas peculiaridades, é fator necessário à manutenção da semiótica discursiva ativa entre outras disciplinas que se ocupam do discurso. Isso, porque faz os grupos, metonimicamente unidos por saberes comuns – compartilhados entre eles e transmitidos para novas gerações de semioticistas –, responsáveis pela continuidade das pesquisas de seus predecessores e pela chegada a novas descobertas, a exemplo do que acontece com os estudos sobre a figuratividade, como veremos nos próximos capítulos.

Dito isso, antes de partirmos para a apresentação das práticas que subjazem à transformação da função do conceito de figura na construção do sentido do discurso e à transmissão desse conhecimento, discorreremos sobre o estudo de Jacques Fontanille (2005, 2008a, 2008b) sobre práticas semióticas, que subsidiam esta parte de nossa investigação.

4.1. A semiótica das práticas e os níveis de pertinência de análise

No *Dicionário de semiótica*, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 380, grifos dos autores) denominam “**práticas semióticas** os processos semióticos reconhecíveis no interior do mundo natural e definíveis de modo comparável aos discursos (que são ‘práticas verbais’, isto é, processos semióticos situados no interior das línguas naturais)”. São, nesse sentido, construções discursivas reconhecidas pelo enunciatário como práticas sociais, uma vez que são apresentadas como “sequências significantes de comportamentos somáticos organizados, cujas realizações vão dos simples estereótipos sociais até as programações de forma algorítmica”. Ademais, os modos como esses comportamentos se organizam são passíveis de análise discursiva, já que podem ser considerados programas narrativos.

Em artigo intitulado “O olhar implicado”¹⁴¹, Eric Landowski (2001 [1998], p. 7) explica que “[...] reconhecer [...] os traços genéricos de um tipo já conhecido” não é suficiente para que os processos semióticos que constituem as práticas signifiquem; é necessário que o material de que dispõe o analista seja descrito e analisado de modo a resgatar, ainda que minimamente, levando-se em conta as características que lhe são inerentes, “[...] os efeitos de sentido resultantes da própria organização estrutural do objeto ou da prática em questão”. Para que isso seja possível, é preciso lançar mão de um aparato metodológico que

¹⁴¹ O texto original em francês, “Le regard implicé”, foi publicado na *Revista Lusitana* em 1998.

[...] ao iluminar bem os dados empíricos, permita construir, a partir das características observáveis da manifestação textual (ou gestual, ou qualquer outra), uma rede de traços pertinentes cujas relações façam sentido, e tudo isso – tal condição é essencial – sem impor sobre o que aparece nenhum “saber” *a priori* (LANDOWSKI, 2001 [1998], p. 7-8, grifos do autor).

De forma resumida, o dispositivo de análise utilizado deve ser um modelo vazio de conteúdo (sem rótulos), tal qual preconiza a semiótica discursiva concebida por Greimas (LANDOWSKI, 2001 [1998], p. 8).

De sua parte, diante da crescente busca da semiótica por diferentes objetos, dos textuais às situações, Jacques Fontanille (2008a [2006], p. 15-17) volta o olhar para as operações de produção de sentido no interior da cultura. Isso faz com que o pesquisador se ocupe não somente do estudo das práticas semióticas que constituem uma cultura, mas também da elaboração de uma hierarquia de níveis de pertinência que, identificados e articulados pela análise, deem conta da relação entre as semióticas construídas tanto por concentração, quanto por expansão (englobantes). Essa escolha por uma estratificação da análise em níveis de pertinência, não é nova, pois acompanha o desenvolvimento do projeto greimasiano, a exemplo do percurso gerativo do sentido, e, antes disso, dos estudos benvenistianos.

Cabe, portanto, a Émile Benveniste (2005 [1966]), ao dedicar um capítulo de *Problemas de linguística geral I* ao exame dos níveis da análise linguística, propor que essa tarefa seja executada mediante procedimentos de segmentação e de substituição. Assim, um texto deve ser reduzido em partes a tal ponto que se chegue a elementos indecomponíveis para, a partir daí, serem identificados os fonemas. Os fonemas estão no nível inferior da análise, que passam ao nível do signo ao se identificar seja com uma forma livre seja com uma forma conjunta, que seria um morfema. O nível subsequente é o das palavras, que tanto pode ser decomponível em fonemas (nível inferior) como pode integrar-se ao nível superior, o da frase, último nível da análise, uma vez que não pode se integrar a outro tipo de unidade. Essa relação entre níveis diferentes é chamada integrativa, pois é necessário o reconhecimento de um traço distintivo de um elemento de determinado nível em uma unidade linguística do nível superior, do mesmo modo que os elementos formais de uma unidade linguística precisam ter “[...] a capacidade de dissociar-se em constituintes do nível inferior [...]” (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 128-137). Ademais, Benveniste (2005 [1966], p. 127) demonstra preocupação com a essencialidade da noção de nível para se determinar o procedimento de análise em razão da “[...] natureza *articulada* da linguagem e ao caráter

discreto dos seus elementos [...]” uma vez que é a noção de nível que permite o reconhecimento das partes e do todo das formas em sua complexidade.

No *Dicionário de semiótica*, a entrada “nível”, entre outras acepções, baseia-se na linguística estrutural para afirmar que toda semiótica – e entenda-se por semiótica o mesmo que língua natural – “pode ser descrita como uma hierarquia”. Além disso, retoma o posicionamento de Benveniste e de Hjelmslev para esclarecer que o nível “[...] é constituído de unidades de um mesmo grau, definidas pelas relações que mantêm entre si (relações distribucionais, segundo Benveniste) e com as unidades do nível superior (relações integrativas) [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 339). Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 339) ainda asseveram que o nível é um recurso necessário à semiótica na medida em que hospeda os “[...] procedimentos de descrição e entra na definição da pertinência semiótica [...]”, visto que “[...] as relações estruturais de um objeto semiótico [...]” são demasiadamente complexas para que seja realizada uma análise coerente sem uma decomposição em níveis.

Partindo desses pressupostos, Fontanille desenvolve um percurso gerativo da expressão, que mantém semelhanças com o percurso gerativo do sentido – parte das instâncias inferiores (dos signos e das figuras) em direção às superiores (das formas de vida), assim como as estruturas semionarrativas se integram às discursivas –, parafraseando Portela (2008a, p. 97), e o apresenta pela primeira vez, junto aos níveis de pertinência da análise semiótica, na Universidade de Paris VIII, durante o Colóquio “Transversalidade do sentido: pesquisa e confrontação de modelos”, ocorrido em 2004. A proposta fontanilliana chega ao Brasil em 2005, ocasião em que o semioticista ministra um curso “Significação e visualidade: exercícios práticos” no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, segundo Portela (2008a, p. 97).

Na introdução de “Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização”¹⁴² Fontanille (2008a [2006], p. 16-17) esclarece que esse modelo constituído de níveis emerge em razão da preocupação com as exigências de análise impostas pelas semióticas-objeto em torno de questões colocadas tanto no interior, quanto no exterior delas, na medida em que estão inseridas em uma cultura. Nesse sentido, preocupações com práticas englobantes dentro de uma cultura – como os objetos, as práticas e as formas de vida – são associadas às análises para que a práxis enunciativa engendre a apreensão do sentido e ainda

¹⁴² Traduzido do francês “Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation” por Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Adriane Ribeiro, Andaló Tenuta, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes, Jean Cristtus Portela e Matheus Nogueira Schwartzmann. Esse texto foi publicado, originalmente, em 2006, na revista *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 104-105-106.

inventarie e explique a metalinguagem semiótica. Tais práticas são necessárias para que se delimite a pertinência de análise das semióticas-objeto que interessam ao semioticista da atualidade, assegura Fontanille (2008a [2006], p. 17).

Esses níveis de pertinência das práticas semióticas são organizados de maneira que obedecem a uma hierarquia constituída de seis instâncias formais (signos e figuras, textos-enunciados, objetos e suportes, práticas e cenas, situações e estratégias, formas de vida) que se relacionam com seis tipos de experiência semiótica (figuratividade, coerência e coesão interpretativa, corporeidade, prática, conjuntura, ethos e comportamento), respectivamente, como mostra o quadro desenvolvido pelo pesquisador (FONTANILLE, 2008b, p. 34):

Quadro 21 - Hierarquia dos níveis de pertinência

<i>Tipo de experiência</i>	<i>Instâncias formais</i>	<i>Interfaces</i>
Figuratividade	Signos ↓	Formas recorrentes
		Isotopias figurativas da expressão
Coerência e coesão interpretativas	Textos-enunciados ↓	Dispositivo de enunciação/inscrição
		Suporte formal de inscrição
Corporeidade	Objetos ↓	Morfologia práxica
		Cena predicativa
Prática	Cenas práticas ↓	Processos de acomodação
		Gestão estratégica das práticas
Conjuntura	Estratégias ↓	Iconização de comportamentos estratégicos
		Estilos estratégicos
Ethos e comportamento	Formas de vida	

Fonte: Fontanille (2008b, p. 34).

O nível da figuratividade corresponde à dimensão das “unidades mínimas” possíveis de serem analisadas. É constituído por formantes figurativos e por traços que permitem reconhecer essas unidades e distingui-las – experiência mediada pela figuratividade. Assim, a recorrência dos formantes fundamenta a construção de isotopias ao se integrar ao nível seguinte, o dos textos-enunciados.

Esse nível corresponde à organização das figuras semióticas de forma homogênea (isotopias do plano da expressão e isotopias do plano do conteúdo), segundo uma intencionalidade, conforme as inscreve em um objeto-suporte, próximo nível da hierarquia (FONTANILLE, 2008b, p. 18-20). De acordo com Portela (2008a, p. 100), nos textos-

enunciados as figuras do patamar anterior são interpretadas, pois é nesse nível que o sentido dos signos e das figuras é percebido e leva o sujeito a “[...] posicionar-se seja como intérprete seja como produtor em relação ao que é percebido”. Ao mesmo tempo, passar pela experiência das totalidades coerentes – interpretação das figuras –, face formal do plano de imanência que integra esse nível ao anterior, significa apoiar-se sobre um dispositivo de inscrição, ou seja, face substancial que possibilita aos textos enunciados serem integrados ao nível superior, o dos objetos (FONTANILLE, 2008b, p. 20-21).

Os objetos, afirma Fontanille (2008b, p. 21, tradução nossa¹⁴³), “[...] são estruturas materiais tridimensionais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é ‘destinado’ a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”. Nas palavras de Portela (2008a, p. 102), corresponde a “[...] tudo que concerne à captação e registro de uma linguagem [...]: o papel e o modo de impressão, o tipo de tela-suporte [...]”, etc. Sendo assim, o nível dos objetos é, simultaneamente, o da estrutura material e do suporte formal de inscrição do texto-enunciado. Uma vez que o objeto pressupõe um uso, uma experiência prática, não pode apresentar traços e características que não sejam desses usos e dessas práticas. Dessa forma, o objeto, além de suporte de inscrição, também proporciona um modo de utilização desse suporte, o que o converte em ator de práticas semióticas, esclarece Fontanille (2008b, p. 21-24).

Ademais, em razão de sua composição morfológica, concomitantemente formal (suporte que rege o sistema de inscrições) e material (detentor de propriedades relativamente sólidas que possibilitam modalizar práticas que exigem uma praxeologia específica) faz aparecer um nível de pertinência que alia às práticas, propriedades de corpos-objetos – práticas de escrita, práticas comerciais, práticas de manipulação de objetos – e ainda proporciona uma experiência de suporte de impressão e de manipulações práticas aos corpos-materiais (FONTANILLE, 2008b, p. 22-23). Nessa relação do suporte de inscrição com as práticas semióticas, entretanto, no que concerne ao princípio de integração entre níveis, “[...] seu funcionamento semiótico é inseparável tanto do nível de pertinência inferior (os textos-enunciados), quanto do nível de pertinência superior, aquele das práticas” (FONTANILLE, 2008b, p. 23, tradução nossa¹⁴⁴).

¹⁴³ Trecho original: “[...] sont des structures matérielles tridimensionnelles, dotées d’une morphologie, d’une fonctionnalité et d’une forme extérieure identifiable, dont l’ensemble est ‘destiné’ à un usage ou une pratique plus ou moins spécialisés”.

¹⁴⁴ Trecho original: “[...] leur fonctionnement sémiotique est inséparable aussi bien du niveau de pertinence inférieur (les texte-énoncés), que du niveau de pertinence supérieur, celui des pratiques”.

Definida como “[...] uma configuração heterogênea que comporta todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa” (FONTANILLE, 2005, p. 24), a situação semiótica – esclarecendo que a situação não pode ser entendida como contexto – é a conversão da experiência de uma situação vivenciada, seja de interação com textos ou objetos, seja de ajustamento entre interações paralelas ou entre práticas complementares ou concorrentes, conforme Landowski (1992), em uma prática. Essa prática, por sua vez, através de sua dimensão predicativa, é convertida em “[...] atos de enunciação que implicam papéis actanciais representados, entre outros, pelo texto ou pela própria imagem, por seu objeto-suporte, por elementos do entorno, pelo passante, o usuário ou o observador, por tudo aquilo que constitui a *cena* típica de uma prática” (FONTANILLE, 2005, p. 25-26, grifo do autor). Em entrevista a Portela (2006, p. 181), o semioticista relaciona a prática a um conjunto de atos cuja significação é construída “[...] ‘em tempo real’ por adaptação desses atos em relação uns aos outros”. Além disso, eles comportam uma cena prática que se organiza em torno de um actante operador, de um objeto e da interação com outras práticas.

A principal característica das práticas, nas palavras de Fontanille (2008b, p. 26-27, tradução nossa¹⁴⁵, grifos do autor) é o fato de serem “[...] *processos abertos circunscritos em uma cena* [...]”, que apreendidos no movimento de sua transformação, no domínio da expressão, tornam-se cenas predicativas. Outrossim, de acordo com a especificidade da predicação da cena que se organiza em torno de um ato, diferentes papéis actanciais podem ser desempenhados, assim como diferentes relações, a exemplo das modais e das passionais, esclarece o semioticista.

Passando para o nível das estratégias, Fontanille (2008b, p. 28-29) esclarece que é nele que uma cena prática se ajusta a outras cenas práticas, acomodando-se figurativa, actorial, espacial e temporalmente. Nesse nível, as práticas ocorrem concomitante e sucessivamente a outras, conforme se ajustam, formam “[...] conjuntos significantes novos, mais ou menos previsíveis (usos sociais, ritos, comportamentos complexos) [...]”, diz Fontanille (2008b, p. 26-27, tradução nossa¹⁴⁶). Essa integração pressupõe uma prática interpretativa, ou seja, para passar ao nível das estratégias o actante operador, ao mesmo tempo observador, precisa ser o intérprete de sua própria prática. O ritual, por exemplo, é um conjunto significativo que em sua “[...] organização sintagmática, aspectual e rítmica da seqüência prática” requer uma

¹⁴⁵ Trecho original: “[...] *processus ouvert circonscrit dans une scène* [...]”.

¹⁴⁶ Trecho original: “[...] *ensemble signifiants, plus ou moins prévisibles (des usages sociaux, des rites, des comportements complexes)* [...]”.

modalização – pelo dever, pelo querer, pelo poder ou pelo saber – que assegura a sua eficiência (FONTANILLE, 2008a [2006], p. 46-47). Sendo assim, quatro isotopias modais dominantes compõem os agenciamentos sintagmáticos garantidores da coerência de um ritual: a práxis, o procedimento, a conduta e o protocolo.

Regulada pelo *poder* realizar uma organização sintagmática e pela capacidade de realizá-la, a *práxis* é uma “forma genérica mínima”, ou seja, sempre corresponde a um gênero. A avaliação interpretativa que decorre dessa isotopia se baseia apenas na possibilidade e na impossibilidade de se realizar. O *procedimento* pressupõe uma programação prévia, que requer ser aprendida pelo actante operador; por isso, manifesta um *saber*. Exige uma avaliação mais elaborada que compreende a capacidade de realização e “[...] a organização adequada das etapas da ação [...]”. O *querer* modaliza a *conduta* porque pressupõe a manifestação de “[...] intenções, tendências e valores [...]” próprios do actante, responsável, ele mesmo, pela adoção da organização sintagmática. Essa avaliação pode se apoiar nessa atribuição de responsabilidade e “[...] tratar, sobretudo, dos valores expressos pelo comportamento do actante [...]”. Quanto ao *protocolo*, “[...] implica um *dever*, já que sua eficiência é regulada do exterior da práxis por regras e por normas que se impõem a todos os participantes”. Preestabelecida, à avaliação interpretativa importa “[...] o respeito das regras e das normas, relativas tanto à organização, aos valores, aos papéis, quanto aos detalhes figurativos”, esclarece Fontanille (2008a [2006], p. 47, grifos do autor).

Como no ritual todos os participantes partilham o mesmo *crer*, requisito para que a ação seja exitosa, durante a elaboração da prática, a avaliação pode se voltar não somente para a veracidade da crença, mas também para a sua intensidade ou para os níveis anteriores. Fontanille (2008a [2006], p. 48, grifo do autor) então propõe uma tipologia cuja operacionalidade está vinculada à combinação de modalidades que engendra cada prática ritualística, porém dando especial atenção à isotopia modal dominante. Destacamos algumas: a práxis comporta apenas o poder; o procedimento soma o poder ao saber; a conduta adiciona, ao poder e ao saber, o querer; e o protocolo combina as quatro isotopias – poder, saber, querer e dever. A análise, desse modo, para ser adequadamente conduzida, consiste em identificar: “[...] (1) as isotopias modais dominantes; (2) as combinações e os níveis de modalizações aceitos; (3) as formas aspecto-temporais [...]” (FONTANILLE, 2008a [2006], p. 49).

Em suma, as estratégias servem para acomodar as práticas em experiências comportamentais, ou seja, em formas de vida, que podem estruturar áreas inteiras da cultura (FONTANILLE, 2008a [2006], p. 17). Último nível de pertinência da análise semiótica, a forma de vida é também o mais complexo, pois não somente reúne os níveis anteriores

(figuras, textos-enunciados, objetos, cenas práticas e estratégias), como também corresponde ao resultado da repetição regular de estratégias utilizadas para que cenas práticas sejam articuladas entre si, do ponto de vista do plano da expressão (FONTANILLE, 2008b, p. 32-33). Mais próximo da instância da cultura (de difícil composição e análise), é o último nível semioticamente operável, como afirma Portela (2008a, p. 105), no entanto “[...] suscetível de integrar a totalidade dos níveis inferiores para produzir globalmente uma configuração pertinente para a análise das culturas” (FONTANILLE, 2008b, p. 33, tradução nossa¹⁴⁷).

Fontanille (2008a [2006], p. 19-27) ainda acrescenta que essas instâncias são interdependentes e integram-se, progressivamente, a cada nível de pertinência, obedecendo seja a um sentido ascendente, isto é, partem do nível dos signos até, sucessivamente, chegarem, se for o caso, ao das formas de vida – modelo canônico –, seja a um sentido descendente, fazendo um percurso contrário que vai do nível das formas de vida até o nível dos signos, se convier à análise. Em alguns casos, um ou mais níveis podem não ser pertinentes à análise de determinado objeto, forçando a ocorrência do que o pesquisador chama de “integrações irregulares” ou sínopes, que podem ser ascendentes ou descendentes. Em outras palavras, a sucessão entre um nível e outro pode ser suprimida, tornando possível transpor um ou mais níveis no percurso de integração canônico. Passar do nível dos textos-enunciados às estratégias seria, a título de exemplo, uma síncope ascendente.

Cabe observar que esses modelos de integração entre níveis propostos por Fontanille (2008a [2006]; 2008b) já eram previstos em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), pois se assemelham ao princípio de equivalência de unidades desiguais, explicitado por Greimas (1973 [1966], p. 97) para explicar o funcionamento das línguas naturais por meio da expansão dentro do funcionamento metalinguístico do discurso. Segundo o semioticista, (GREIMAS, 1973 [1966], p. 97-98) as coisas tanto podem se apresentar simples, quanto complicadas, por isso palavras simples às vezes exigem sequências complexas e amplas de explicação, ao passo que é possível utilizar uma única palavra para resumir uma sequência desenvolvida.

Por fim, de acordo com a proposta de Fontanille (2008a [2006], p. 56, grifos do autor) é permitido ao analista escolher entre *dois modos de análise* de níveis de pertinência: o detalhamento, que consiste no exame das estruturas formais dos níveis considerados pertinentes para a análise, ou o realçamento, que é a colocação de um dos níveis em destaque. O nível destacado é aquele tido como o mais importante para a análise dentro de um conjunto, o que exige maior aprofundamento por parte do pesquisador. No entanto, uma vez que cabe

¹⁴⁷ Trecho original: “[...] susceptible d’intégrer la totalité des niveaux inférieurs pour produire globalement une configuration pertinente pour l’analyse des cultures”.

ao analista, ao utilizar os níveis de pertinência de análise semiótica, a escolha de ocupar-se de todos os níveis, ou de alguns, em consonância com Greimas (1973 [1966]) e Fontanille (2008b), propomos utilizar os dois procedimentos.

Apresentados os pressupostos teóricos sobre as práticas semióticas, passemos ao exame das práticas de institucionalização da semiótica discursiva, como as práticas de construção da identidade dos grupos de semiótica e as práticas de transmissão do saber sobre a disciplina, que se desdobra em práticas de formação de semioticistas e práticas editoriais de comunicação científica. Desse modo, teremos um panorama do espírito científico que rege o fazer dos semioticistas, a produção de propostas sobre a figuratividade e a sua circulação.

4.2. A semiótica como prática e a liderança intelectual como destinadora do fazer do semioticista

Retomando o trabalho de Murray (1994) sobre o modo como os grupos de especialidades são constituídos em um campo do conhecimento, já explorado no segundo capítulo desta tese, a formação canônica de grupos pressupõe etapas e a primeira delas é a reunião de especialistas com o fim de fazer avançar dada teoria. Entretanto, a reunião desses especialistas só começa a adquirir estatuto de grupo a partir do momento em que, reunidos em torno de uma liderança intelectual e coordenados por uma liderança organizacional, passam a ganhar força de conjunto, demonstrada pela produção em coautoria. O auge da formação de um grupo de especialidade é o reconhecimento da força desse grupo no interior do campo pelos demais grupos que o compõem; grupos, muitas vezes, considerados de elite. Desse reconhecimento resulta a completa institucionalização do grupo de especialidade, geralmente, em uma universidade, conforme essa instituição lhe oferece estrutura física, material de trabalho, capital científico (pesquisadores), além de mediar repasses financeiros. Murray (1994) assinala como marca desse reconhecimento o controle do grupo sobre a divulgação do conhecimento produzido na instituição, seja criando periódicos científicos, seja assumindo periódicos já existentes.

Por outro lado, o reconhecimento não garante a longevidade do grupo mesmo que o capital científico que o integra exerça muito poder no interior do campo. As universidades constantemente renovam e diversificam os quadros de especialistas e essa dispersão de capital social torna muito difícil uma mesma pesquisa ter uma duração extensa. Em adição a isso, a manutenção, o avanço e o prestígio de um grupo dependem da intradisciplinaridade. Contudo, os pesquisadores precisam se adaptar a programas interdisciplinares nas instituições onde

atuam (MURRAY, 1994, p. 484-485). Dessa forma, o sucesso do grupo requer a manutenção da coerência dos estudos apesar da fragmentação dos interesses de investigação, papel desempenhado pelas lideranças intelectual e organizacional.

E como isso acontece? Que ações tornariam possível a mudança de comportamento individual para coletivo, a institucionalização com vistas à formação de novos pesquisadores dentro do campo e à difusão das ideias ali produzidas em periódicos especializados próprios, ganhando, assim, o reconhecimento dos demais grupos do campo? De nossa parte, acreditamos que o comportamento coletivo demanda a aceitação de um contrato fiduciário pelos pesquisadores que integram um grupo de especialidade, no qual o trabalho conjunto e a busca pela manutenção da disciplina são a força motriz para que o grupo se estabeleça no campo. Entretanto a aceitação do contrato decorre da instituição, pelas lideranças intelectuais e organizacionais, de: i) práticas e estratégias de construção de uma identidade para esses grupos, conforme são formados, e de; ii) práticas de transmissão de saber que de um lado vinculam-se à formação de novos pesquisadores e, de outro, à difusão do conhecimento que resulta das atividades do grupo.

Em outros termos, um grupo torna-se um grupo de especialidade *stricto sensu* mediante um conjunto de cenas práticas estrategicamente organizadas de modo que culminem na acentuação da força do grupo dentro do campo. Entre essas estratégias, encontram-se o estabelecimento de valores intrínsecos à identidade dos grupos e de formas de transmissão do saber construído em torno da teoria, que tanto pode se dar pela formação de capital científico, quanto pela criação de periódicos. Assim sendo, as práticas que leva(ra)m ao estabelecimento e à institucionalização dos grupos de semiótica são consideradas, neste trabalho, práticas semióticas que se manifestam no interior da cultura de investigação da semiótica discursiva e entrelaçam-se ao processo de formação dos grupos selecionados para exame nesta pesquisa de doutoramento: GRSL e CeReS, CESAJG, CASA e GES-USP.

Para investigarmos essas práticas, é importante levarmos em conta que a própria semiótica “[...] é uma prática, participando do gênero ‘prática científica’, cujo resultado é um texto, que ressalta do discurso científico”, de acordo com Fontanille (2008b, p. 231, tradução nossa¹⁴⁸). A um só tempo, a prática científica é uma prática social e, por isso, reconhecível pelo enunciatário por meio dos comportamentos estereotipados construídos pelo e no discurso, organizados na forma de programas narrativos, tal qual propõem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 380).

¹⁴⁸ Trecho original: “[...] est une pratique, participant du genre ‘pratique scientifique’, dont le résultat est un texte, qui relève du discours scientifique”.

Soma-se à asserção de que a semiótica é uma prática, o fato de que Greimas, nas palavras de Fontanille (2008b, p. 223, tradução nossa¹⁴⁹), “[...] tomou a precaução de jamais colocar a semiótica como uma ‘ciência’ propriamente dita [...]”, escolhendo referir-se à disciplina como “projeto científico”. Em decorrência dessa escolha epistemológica, o “projeto” semiótico de Greimas, concomitantemente, “[...] está situado em uma prática, individual, como ‘projeto de vida’, ou coletiva, como visada própria ao conjunto de membros associados a um programa de pesquisas inscrito em uma disciplina intelectual”, explica o semioticista (FONTANILLE, 2008b, p. 223, tradução nossa¹⁵⁰). Isso quer dizer que a pesquisa semiótica tanto se configura uma prática do pesquisador, sujeito individual, como uma prática do grupo, sujeito coletivo, que se ocupa de pesquisas relacionadas com essa disciplina. É, nesse sentido, um fazer concomitantemente individual e coletivo, mesmo assim, impessoal, já que é dever do semioticista seguir regras e normas que regem o seu fazer científico; pressuposto ético subjacente a esse fazer (FONTANILLE, 2008b, p. 224-225).

Para Fontanille (2008b, p. 231), portanto, a prática analítica de Greimas busca evitar que se avultem, nas análises, traços individualizantes do analista, motivo pelo qual atribui mais-valia à publicação coletiva ou em parceria, pois, assim, o discurso científico torna-se impessoal. Contudo, no entendimento de Portela e Lopes (2014, p. 94, grifos dos autores), a prática analítica que Greimas imputa ao semioticista, *a priori*, é aquela “[...] orientada pelos princípios de cientificidade tomados por Hjelmslev [...] e pelo objetivo central, também hjelmsleviano, de explicar as dependências que estruturam o objeto semiótico”, que se somam “[...] à concepção *sticto sensu* de imanência que perpassa as primeiras décadas da semiótica, [e] deram origem a um imaginário analítico greimasiano ascético e asséptico, austero e metódico [...]”, que torna o analista autômato.

Ao analisar a forma de vida do semioticista, Portela e Lopes (2014, p. 90) chamam a atenção para esse fazer deôntico do semioticista ladeado por regras e normas, nomeando-o de “mito da criação da semiótica discursiva”. Para os pesquisadores, “[...] as formas de vida do *rigor* e da *prudência* exercem a todo momento seu poder coercitivo, obrigando o semioticista a tomar boa distância de seu objeto e a não interrogar a extensão dos seus métodos” (PORTELA; LOPES, 2014, p. 90, grifos dos autores). No entanto, no entendimento de Portela e Lopes (2014, p. 99), o analista não é impossibilitado de encontrar brechas nessas formas de

¹⁴⁹ Trecho original: “[...] il a pris la précaution de ne jamais poser la sémiotique comme une ‘science’ à proprement parler [...]”.

¹⁵⁰ Trecho original: “[...] est clairement situé dans une pratique, individuelle, comme ‘projet de vie’, ou collective, comme visée propre à l’ensemble des membres associés à un programme de recherches inscrit dans une discipline intellectuelle”.

vida para exercer a “[...] sua capacidade de (re)significar a complexa rede de relações figurativa tecida pelo enunciador [...]” do texto/discurso que analisa; não está, portanto, impedido de dar lugar à sua intuição e à sua erudição, conferindo um certo grau de ousadia à análise, como fez o próprio Greimas em análises como a do conto “Dois amigos”, por exemplo, em *Maupassant* (1993).

Como forma de deixar ainda mais evidente que o projeto semiótico é uma prática, Fontanille (2008b, p. 224) ainda assevera que cada vez que Greimas se refere a ele, associa o fazer científico a desafios, valores, atores, sequências de atos ordenados (metodologia), com vistas a atingir dado objetivo, constituindo uma cena prática inscrita em uma cultura. Além disso, enquanto prática social, o fazer científico é gerador de um discurso cerceado por uma deontologia. Em resumo, o fazer do semiótico (fazer científico) é um fazer deontológico, pois as condições práticas de sua realização implicam a obediência a regras e normas em “[...] uma cena prática cujas relações entre ato, operador, objetivo/resultado e horizonte estratégico são controladas e validadas por uma instância exterior garantidora das normas”, diz Fontanille (2008b, p. 225, tradução nossa¹⁵¹). Essa instância, da nossa perspectiva, é a comunidade científica (sendo mais precisos, especialistas em semiótica). Considerando, mais especificamente, os grupos de semiótica, a instância responsável por garantir a obediência às normas é a liderança intelectual, destinadora do fazer dos pesquisadores no interior desses grupos.

O fazer deontológico ora mencionado constitui, pois, o *éthos* semiótico, que alia uma tradição de aprendizagem voltada para o atendimento às normas do fazer científico, de vocação geral, a uma atitude¹⁵², que lhe é singular. Esse *éthos* é uma das especificidades práticas da semiótica¹⁵³ (FONTANILLE, 2008b, p. 233) e interessa-nos na medida em que é constituidor da relação entre o fazer individual e o fazer coletivo, inseparáveis da prática científica, sobretudo a prática semiótica.

É dessa perspectiva, que verificamos como os valores assumidos pelos grupos GRSL/CeReS, CESAJG, CASA e GES-USP circulam e constituem a razão de existirem, ou seja, como a identidade dos grupos é construída no e pelo discurso das lideranças intelectuais

¹⁵¹ Trecho original: “[...] une scène pratique dont les relations entre acte, opérateur, objectif/résultat et horizon stratégique, sont contrôlées et validées par une instance extérieure garante des normes”.

¹⁵² A atitude é uma forma de identidade transitória, pertencente a um percurso identitário aberto (em devir), ou seja, não estereotipado, de um actante ou de um ator. Vinculada às modalidades do saber-fazer e do querer-fazer, é reconhecida pela sua imprevisibilidade, visto ainda não ter sido cristalizada pelo uso, assevera Fontanille (2012 [1999], p. 150-153).

¹⁵³ De acordo com Fontanille (2008b, p. 228-234), a semiótica comporta uma prática interpretativa, uma prática gerativa – esta, à medida que as semióticas-objeto que analisa engendram formas de conteúdo e de expressão – e um *éthos* semiótico (uma identidade).

desses grupos e as práticas de formação de semioticistas, por meio dos editoriais (prefácios e apresentações) e artigos publicados nos periódicos que mantêm – (*Nouveaux) Actes Sémiotiques, Significação, Cadernos de Semiótica Aplicada, Estudos Semióticos* – e, eventualmente, em documentos institucionais, como o processo 119/77 para instalação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Literatura Portuguesa na UNESP de Araraquara.

4.3. A construção da identidade dos grupos de semiótica e a formação de novos semioticistas

4.3.1. Valores subjacentes à identidade do semioticista: um éthos que toma forma em meio à prática acadêmica

Durante nossa exposição acerca da implantação do CeReS, evidenciamos a configuração multidisciplinar daquele grupo de especialidades que busca contribuir para a manutenção e solidificação dos estudos semióticos na Université de Limoges e em toda a França (DE LUCA 2016, p. 3). Sendo apontado por Murray (1994) como vilão, mas também como diferencial positivo para a manutenção de um grupo de especialidades, o caráter interdisciplinar nesse grupo visa à construção de um trabalho comum, portanto coletivo, a fim de manter a homogeneidade epistemológica também no campo da semiótica.

Desdobramento do GRSL, a importância dada ao trabalho coletivo no CeReS é herança desse primeiro grupo de semiótica em território francês, valorização evidenciada no prefácio do *Bulletin* número 11, de 1979, que comunica as obras e as teses dos membros do GRSL publicadas entre 1978 e 1979, complementar ao *Bulletin* número 9, que se ocupara do tema dos seminários daquele mesmo ano. Nesse *Bulletin*, Felix Thürlemann (1979, p. 2, grifos nossos, tradução nossa¹⁵⁴) destaca: “[...] com o presente número [...] se desenha uma outra **imagem do grupo**, aquela que ele exterioriza; uma imagem necessariamente mais **variada** e mais **complexa**, visto que ela é **composta de frutos de um trabalho que remonta, no conjunto, a vários anos**”. Sublinhando a maturidade científica dos membros do grupo em comparação aos primeiros anos do projeto teórico de Greimas, complementa: “Basta sobrevoar os títulos de teses e obras, individuais e coletivas, para convencer-se de que, a esse respeito também, **o trabalho do grupo progrediu**” (THÜRLEMANN, 1979, p. 2, grifos

¹⁵⁴ Trecho original: “[...] avec le présent numéro [...] se dessinera une **toute autre image du groupe**, celle qu’il donne de lui-même à l’extérieur; une image nécessairement plus **variée** et plus **complexe**, vu qu’elle se **compose des fruits d’un travail qui remonte, dans l’ensemble, à plusieurs années**”.

nossos, tradução nossa¹⁵⁵). Além disso, como os autores dos textos apresentados nesse *Bulletin* são membros do GRSL e essas apresentações são realizadas por membros do mesmo grupo, a edição “trata-se, portanto, de uma apresentação do grupo pelos membros do próprio grupo”, afirma Thürlemann (1979, p. 3, tradução nossa¹⁵⁶).

A preocupação com o trabalho coletivo também é notada no prefácio dos *Documents* número 60, “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”. Na apresentação de seu trabalho, Greimas (1984c) menciona, a um só tempo, o esforço coletivo de Jean-Marie Floch, Félix Thürlemann, Denis Alkan, Diana Luz Pessoa de Barros, entre outros, em desenvolver e amadurecer uma semiótica voltada para o objeto visual, e o seu “[...] papel de observador e de conselheiro” (GREIMAS, 1984c, p. 3, tradução nossa¹⁵⁷), isto é, de líder intelectual do grupo. O ponto alto das palavras de Greimas (1984c), no entanto, está na menção à atividade em equipe robustecida pelo vínculo com o progresso da teoria. Se Thürlemann (1979) constata que o trabalho realizado pelo GRSL progrediu, o líder intelectual do grupo vai além e reconhece, na ação coletiva, o progresso da teoria. Constatada a importância da construção do saber em grupo, nesse caso em especial, a reflexão é dirigida ao estatuto da figuratividade no interior da economia semiótica: “Os **progressos internos** da semiótica geral tiveram um papel determinante. Assim, a **reflexão coletiva** empreendida sobre o problema da figuratividade [...] somente poderia provocar, em resposta, o reexame dos resultados provisórios da semiótica visual [...]” (GREIMAS, 1984c, p. 4, grifos nossos, tradução nossa¹⁵⁸).

Na versão traduzida por Ignacio Assis Silva como “Semiótica figurativa e semiótica plástica”, publicada também em 1984 na *Significação* e republicado em 2004 na coletânea *Semiótica Plástica*, organizada por Ana Cláudia de Oliveira, o prefácio não é reproduzido. No entanto, o título é acompanhado de uma nota de rodapé, evidenciando e, acima de tudo, valorizando o papel da construção do conhecimento em equipe:

Este texto foi escrito para servir de apresentação a uma coletânea de artigos sobre semiótica do visual, ainda no prelo. Ele é o resultado de reflexões dispersas por vários anos e que são comuns a um pequeno grupo de investigadores. **A responsabilidade por eventuais erros é do signatário; os méritos, se existem, são coletivos** (GREIMAS, 1984b, p. 18, grifos nossos).

¹⁵⁵ Trecho original: “Il suffit de survoler les titres des thèses et des ouvrages, tanto individuels que collectifs, pour se convaincre, qu’à cet égard aussi, **le travail du groupe a progressé**”.

¹⁵⁶ Trecho original: “Il s’agit donc d’une présentation du groupe par les membres du groupe lui-même.”.

¹⁵⁷ Trecho original: “[...] du rôle d’observateur et de conseiller.”.

¹⁵⁸ Trecho original: “Les **progrès internes** de la sémiotique générale, ont joué un rôle déterminant. Ainsi la **réflexion collective** entreprise sur les problèmes de la figurativité [...] ne pouvait que provoquer, par ricochet, le réexamen des acquis provisoires de la sémiotique visuelle [...]”.

Tomando por base o excerto extraído da tradução realizada por Silva, a importância dada pelo grupo francês ao trabalho coletivo no período em que é liderado por Greimas tem semelhanças com as ações valorizadas pelo CESAJG. Cabe destacar a parceria contínua entre Edward Lopes e Eduardo Peñuela Cañizal em diversos trabalhos em coautoria, principalmente no caderno “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, e em periódicos como o *BACAB*, por exemplo. No grupo também é notado um esforço coletivo em manter as atividades do CESAJG e as publicações da revista em meio à dificuldade de se estabelecerem permanentemente, ora nas universidades por onde passaram, ora nos departamentos que os acolheram. Em outras palavras, apesar da instável condição de não ter um espaço fixo, é a força do conjunto que mantém o grupo ativo e atuante por mais de vinte anos, assim como as publicações de sua revista não cessam, ainda que sejam inconstantes.

Essa força de conjunto é mais intensa quando o CESAJG atua em parceria, como a que conta com o apoio do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), da PUC, na ocasião do Colóquio Internacional Interdisciplinar “Corpo e sentido”¹⁵⁹, levado a efeito na UNESP de Araraquara em 1995 pelos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários e em Linguística e Língua Portuguesa, coordenados por Maria Célia Moraes Leonel e Edna Maria Fernandes do Nascimento, respectivamente, resultando na obra homônima organizada por Ignacio Assis Silva e publicada em 1996 pela editora UNESP, explica Leonel (1996, p. 8). Composto de conferências e mesas-redondas, como “Corpo e sentido em Semiótica discursiva e teorias afins” e “Corpo e sentido em Semiótica e Psicanálise” (SILVA, 1996, p. 13), o evento promove discussões interdisciplinares em prol de uma semiótica que se abre para o sensível; um sensível que transforma a relação entre sujeito e objeto, bem como o sujeito e o objeto, eles mesmos.

De acordo com Leonel, a participação de Silva não somente como colaborador, mas na qualidade de coordenador do evento resulta em um duplo impacto positivo para os participantes: é representante dos dois Programas de Pós-Graduação UNESP e, ainda, do Centro de Estudos Semióticos. Além disso, a pesquisadora ressalta a participação apaixonada dos semioticistas brasileiros e estrangeiros – como Herman Parret e Eric Landowski –, que se envolvem com o projeto do Colóquio, contribuindo para a qualidade intelectual com intervenções “de nível elevado”. Outrossim, a reunião de semioticistas faz aumentar o

¹⁵⁹ Esse não é o primeiro evento em que CPS e CESAJG trabalham juntos. Em 1994, o CESAJG participa do Colóquio “Unidade e pluralidade: em torno da obra de A. J. Greimas”, fruto de uma parceria entre a PUC e a USP, do qual resulta a coletânea organizada por Landowski e Oliveira, *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de A. J. Greimas* em 1995.

companheirismo e o entusiasmo em dar continuidade ao projeto greimasiano, conforme Leonel (1996, p. 7-8).

Quanto à escolha de “Corpo e sentido” como tema do evento, ela é inspirada em duas obras de Greimas, *Da imperfeição* (2002 [1987]) e *Semiótica das paixões* (1993 [1991]), esta última, quase póstuma e em parceria com Jacques Fontanille. Esses trabalhos constituem marcos teóricos para o estudo da figuratividade e das manifestações sensíveis do discurso, ou seja, das formas como a percepção do mundo sensível é tornada inteligível à medida que é apreendida pelo corpo. Dessarte, essas obras também marcam uma nova forma de pensar a semiótica, pois investem na perspectiva fenomenológica merleau-pontyana sobre o corpo que sente, um “eu-metáfora do organismo”, diz Silva (1996, p. 12), e inauguram um novo espírito de época, estruturalmente menos rígido, mas não menos rigoroso na busca da semiótica discursiva em significar, agora, as situações e os objetos do cotidiano e “[...] explicar as forças que os tensivizam e os processos que os transformam”, assevera Leonel (1996, p. 7). Nesse sentido, conclui Silva (1996, p. 19) há “[...] um alargamento do canteiro de obras da Semiótica com abertura de novas frentes relacionadas, todas elas com a problemática da discursivização [...]”.

Para Ana Claudia de Oliveira (2010, p. 5), líder intelectual do CPS, “o evento [Corpo e sentido] e seu registro em uma coletânea podem ser considerados uma abertura multidisciplinar para o tratamento do lugar do corpo com os seus mecanismos de sensibilidade na construção da significação”. A preocupação com o corpo e com as operações semissimbólicas que propiciam a homologação da inteligibilidade da experiência sensível constitui um eixo de investigação do CPS entre 1996 e 1999 com discussões animadas pelo pesquisador da UNESP de Araraquara e membro do CESAJG, das quais resultam inúmeros trabalhos naquele grupo, em grande medida suscitados por Silva, como resumem as palavras da semioticista da PUC:

As minhas lembranças desse percurso coletivo que resultaram em teses, dissertações e livros devem-se à **atuação de Ignacio Assis Silva** como animador desse grupo de trabalho e de sua **exigência ortodoxa** na utilização da teoria semiótica, aliada a um **grande rigor metodológico**. **Talvez essa sua exigência fosse defendida mais agudamente, pois o que tratávamos envolvia o conceito de figuratividade nas operações discursivas**, mecanismos de enunciação, apreensão e de sentir e as operações de conversão do plano da expressão em plano do conteúdo que lhe eram muito caras. (OLIVEIRA, 2010a, p. 5, grifos nossos).

A fala da pesquisadora do CPS nos mostra a influência exercida pelo capital intelectual do grupo de semiótica mais antigo do Brasil sobre outro grupo, levando para essa

agremiação os mesmos valores, como o rigor metodológico e o trabalho coletivo, praticados pelos membros do CESAJG.

Em adição à promoção de eventos científicos e à publicação de trabalhos autorais, a produção coletiva dos membros do CESAJG esforça-se, também, em dar enfoque às traduções. Exemplo disso, são o tomo I do *Dicionário de semiótica* (1983), a coletânea de André Helbo, *Semiologia da Representação* (1980), e ainda a obra *A produção do Sentido* (1981), de Eliseo Verón, conforme E. Lopes e Silva (1984). Essa atividade, a de tradução, integra um conjunto de práticas englobadas pela prática de transmissão do saber, na medida em que pode ser considerada uma prática voltada à difusão do conhecimento científico que, herdada de Greimas, assim como o valor dado ao esforço coletivo, tem, ao lado da escrita autoral, a finalidade de divulgar a semiótica, de institucionalizá-la e de formar novos semioticistas, como mostra o excerto do artigo “A formação do semioticista: experiência e paixão semióticas”, de Diana Luz Pessoa de Barros (2017, p. 3, grifos nossos):

Finalmente a última tarefa [dada por Greimas] que mencionei foi a de trabalhar pela divulgação e desenvolvimento da semiótica no Brasil. Isso incluía muita coisa: **traduzir textos e escrever outros**, divulgar as revistas *Le Bulletin* e *Les Documents de Recherche*, **institucionalizar a semiótica, formar novos semioticistas**.

Tornar a semiótica acessível é um interesse que se mantém atualizado em todos os grupos de semiótica analisados e em atividade, como os grupos CASA e GES-USP, surgidos após o desvanecimento do grupo fundado em 1973, porém herdeiros dos ensinamentos greimasianos e, conseqüentemente, do mesmo entusiasmo dos pesquisadores do CESAJG (Ignacio Assis Silva, Edward Lopes, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, citando apenas alguns membros da primeira geração de semioticistas brasileiros). No caso do primeiro grupo, Ignacio Assis Silva não lhe dá o estatuto de grupo na ocasião em que o cria; ele nomeia a reunião de especialistas em semiótica de “projeto CASA”, aparente alusão à escolha de Greimas de chamar a semiótica de “projeto científico”, pois, assim como Greimas atribui um conjunto de fazeres de natureza deôntica ao semioticista (FONTANILLE, 2008b, p. 224). Nesse sentido, o projeto ignaciano comporta práticas deliberadamente pensadas a serem realizadas pelos pesquisadores que aderirem ao contrato de crença no qual ele é o destinador do fazer e os demais pesquisadores, destinatários.

Sua proposta, manuscrita, é de um projeto interinstitucional e metodologicamente rigoroso; um projeto que converge a aplicação teórica às análises, e o estudo de textos teóricos com vistas a torná-los mais acessíveis a todos os níveis de formação acadêmica:

desde alunos de graduação a docentes-pesquisadores fluentes na metodologia e na metalinguagem semióticas, como esclarece Baldan (2003, p. 2). A preocupação do pesquisador brasileiro, podemos notar, é com a transmissão e a manutenção da semiótica, e, ainda, com a formação de semioticistas, o que também decorre da institucionalização. Por esse motivo, não somente considera no projeto que os textos produzidos pelo grupo sejam publicados, como igualmente encarrega os semioticistas mais experientes de publicarem textos didáticos, que possam ser compreendidos por alunos iniciantes (SILVA, 2000 apud BALDAN, 2003, p. 5-6).

São englobadas à prática da transmissão, cenas práticas do estudo, da produção e publicação de textos. Todavia, outras cenas práticas são descritas no projeto, nesse caso, relacionadas com a identidade do grupo, ou seja, com o comprometimento com o projeto CASA, com o fazer científico da semiótica (rigor metodológico) e com o projeto greimasiano:

O que se pede: 5 horas semanais de cada um (onde estiver)

1 sábado a cada 3 semanas para sessões de trabalho, alternando as reuniões entre FCL-UNESP de Araraquara e Espaço EVOHÉ - Espaço Cultural de Ribeirão Preto

Obs: Presença física nas sessões de trabalho para reforçar a **cumplicidade**, sobretudo depois de Corpo e Sentido!

Suas exigências: - **trabalho metódico**

- **compromisso com o projeto greimasiano**

Obs: evitar veleidades interdisciplinares. (SILVA, 2000 apud BALDAN, 2003, p. 2, grifos nossos).

O excerto acima suscita ainda atenção à importância dada para o reforço da cumplicidade, valor inerente à realização de atividades coletivas, visto que, de acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014), o cúmplice é entendido como “aquele que colabora com outrem na realização de alguma coisa”. Dessarte, o desafio da cumplicidade demonstra um enaltecimento do trabalho em conjunto.

Da aceitação desse contrato de crença firmado entre o líder intelectual (Ignacio Assis Silva) e os demais membros do grupo resulta um engajamento que confere ao conjunto de cenas práticas ora mencionadas, um modo de agir próprio, um traço identitário relacionado com o fazer colaborativo e com a manutenção do campo, isto é, com a continuidade da construção do projeto semiótico de Greimas, como evidenciam a tradução coletiva de *Caminhos da semiótica literária*, de Denis Bertrand, em 2003, originalmente *Précis de sémiotique littéraire* (2000), bem como as palavras de Ana Cristina Fricke Matte no editorial da primeira edição dos *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*:

O grupo CASA nasceu do **espírito empreendedor** de um professor apaixonado pela semiótica, **Ignácio Assis Silva**, com a **preocupação de torná-la cada vez mais acessível a um público cada vez maior**, e tinha nos Cadernos uma de suas principais propostas. **É um dos importantes frutos do trabalho do Centro de Estudos Semióticos, que o professor Silva**, com a paixão que lhe era peculiar, **ajudou a construir** [...] (MATTE, 2003, p. 1, grifos nossos).

Encerradas as considerações sobre os valores práxicos que constituem a identidade do semioticista, tratamos, a seguir, das práticas de transmissão do saber intrínsecas ao fazer do semioticista.

4.3.2. Transmissão do saber: a prática de formação do semioticista

Antes do surgimento do CASA, importa esclarecer, Silva e outros membros do CESAJG, entre eles Edward Lopes e Alceu Dias Lima, iniciaram o processo de formação de semioticistas na UNESP de Araraquara. Juntos, participam ativamente da criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP). Silva atuando como membro do Conselho de Curso, do rol dos orientadores e do corpo docente do Programa, ministrando disciplinas como “Sintaxe-semântica das classes gramaticais”, esta em conjunto com Lima, e “Semântica da dinâmica textual”. Alceu Dias Lima, além de exercer a orientação aos discentes do Programa e colaborar com Ignácio Assis Silva na disciplina “Sintaxe-semântica das classes gramaticais”, é responsável pela disciplina “Morfo-sintaxe”. Já Edward Lopes exerce docência na disciplina “Semiologia”, conforme processo 119/77-FFCL¹⁶⁰ que documenta a origem, a aprovação e o credenciamento, em 1978, do PPGLLP no Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE) do câmpus de Araraquara, atual Faculdade de Ciências e Letras (FCL), registro original do papel dos pesquisadores e cofundadores do CESAJG na pesquisa em semiótica desenvolvida na UNESP e no Brasil.

Silva e Lima também exercem docência no Programa de Pós-Graduação em Semiótica, criado na UNESP de Araraquara em 1980, junto a Edna Nascimento e Ude Balcan, entre outros discentes, atualmente Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Ademais, assim como os dois membros-fundadores do CESAJG, Eduardo Peñuela Cañizal,

¹⁶⁰ Texto inédito, o processo 119/77-FFCL remonta o processo 217/75 da unidade de Marília, que após a reestruturação da UNESP teve o seu Instituto de Letras incorporado pelo câmpus de Araraquara, exigindo que alterações fossem impostas ao projeto inicial, adequando-o à nova realidade do ILCSE. Entre as alterações sublinhamos a mudança do título do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Literatura Portuguesa, originalmente, para Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - PROCESSO 119/77-FFCL, 1977, p. 6-8).

Edward Lopes e Tiekio Miyazaki também orientam os pesquisadores formados no Programa de Estudos Literários.

Ex-orientandos de Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes orienta, no mestrado em Estudos Literários, Renata Marchezan, que depois se doutora em Linguística, na USP, orientada por Diana Luz Pessoa de Barros, e Ude Baldan, que se torna doutora em Letras sob orientação de João Alexandre Barbosa; da mesma forma que Tiekio Miyazaki orienta Vera Lucia Rodella Abriata no mestrado em Estudos Literários, cujo doutorado em Linguística e Língua Portuguesa é realizado sob orientação de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (pesquisadora que, membro do CASA, também orienta Matheus Nogueira Schwartzmann, líder intelectual do grupo Projetos Semióticos na UNESP de Assis, no mestrado em Estudos Literários e no doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). De sua parte, Alceu Dias Lima orienta Márcio Thamos no mestrado e no doutorado em Estudos Literários, além de Neiva Ferreira Pinto no doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, depois de formada mestra em Estudos Literários sob orientação de Cañizal. Quanto a Ignacio Assis Silva, o futuro líder intelectual do grupo CASA orienta, entre outros, Maria Thereza de França Rolland e Maria Angélica Seabra no mestrado, bem como Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza no doutorado em estudos literários. Remanescentes do CESAJG, Renata Marchezan, Maria de Lourdes (Ude) Ortiz Gandini Baldan, Vera Abriata, Edna Nascimento e Marisa Giannecchini representam parte das pesquisadoras e dos pesquisadores, legados do primeiro grupo brasileiro de semiótica, que acompanham Ignacio Assis Silva na implantação do CASA e, depois, de sua morte, na manutenção do projeto ignaciano.

Segundo Edna Nascimento (2004b), Silva ministra, no Programa de Pós-Graduação em Semiótica /Estudos Literários, as disciplinas “Literatura e artes visuais”, “Semiótica das Paixões”, “Teoria Semiótica II”, “O espaço como prática significante”¹⁶¹ e ainda escreve o *Roteiro: para Introdução à Semiótica Greimasiana* em 1981¹⁶², documento compartilhado em cópia com professores e alunos da instituição, porém não publicado.

Em complementariedade à exposição da prática didática, engendrada pela prática de formação de semioticistas, realizada pelos membros do CESAJG, lembramos que a liderança intelectual de Ignacio Assis Silva no cenário da semiótica desenvolvida no Grupo CASA resulta da liderança intelectual e de orientações de natureza organizacional exercidas por

¹⁶¹ As informações sobre as disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Semiótica (ou Estudos Literários, alguns anos depois) encontram-se no Currículo Lattes do pesquisador, disponível em <http://lattes.cnpq.br/3294565159970447>.

¹⁶² Edna Nascimento (2004b, p. 2) esclarece que Silva escreveu o roteiro ao retornar do estágio com Greimas, em Paris, com o fim de “facilitar a compreensão dos princípios semióticos”. O documento não foi publicado.

Greimas junto aos primeiros membros do CESAJG. É de Greimas a inspiração para o surgimento do Centro de Estudos Semióticos, o apoio para a formação mais aprofundada de semioticistas na EHESS, por meio de intercâmbio de pesquisadores, e a ideia da criação de um periódico a fim de dar visibilidade ao trabalho do grupo, como narra Edward Lopes:

No fim do curso [...], o Greimas deu duas ideias para nós. A primeira, ele disse: “[...] Eu vou filiar o grupo de vocês que eu gostei muito [...] ao meu grupo de Paris”. [...] Isso ele falou para mim pessoalmente: “Edward, você me indica um professor por ano daqui, manda estudar comigo que eu concedo uma bolsa pra ele lá em Paris. E vocês arranjam aqui”. Eu falei: “Ótimo”. Tanto que nós mandamos. Acho que a primeira que foi, foi a Diana até [...] depois foi o Eduardo, depois foi o Ignacio. O Ignacio quando foi, foi em 80. Eu sei, eu guardo bem o ano. Porque ele estava fundando comigo a pós-graduação em Araraquara. Então, a segunda coisa que o Greimas sugeriu foi, “este pessoal que está aqui que está interessado em Semiótica, que vai ficar filiado ao grupo, ao nosso grupo, eu sugiro que vocês façam uma revista para publicar o trabalho de vocês aqui e divulgar no Brasil”. E nós achamos boa a ideia dele [...] (E. LOPES, 2000, p. 15-16, grifos nossos).

Não é, portanto, sem motivo que o grupo CASA se identifica e se confunde com o CESAJG. Ignacio Assis Silva ergueu o Grupo CASA e participou ativamente da fundação do CESAJG, ambos heterogêneos e unidos pelo ideal comum de formar semioticistas e institucionalizar a semiótica no Brasil, perspectiva herdada de Greimas. O apoio institucional – estar vinculado a programas de pós-graduação de que Silva participa –, o respeito e a admiração que o grupo dedica ao seu líder intelectual primeiro e fundador também são parte da identidade desse grupo e, em larga medida, parece-nos, é a razão de se manter unido e dar continuidade ao projeto ignaciano após o seu falecimento:

O grupo CASA continua tão maravilhosamente heterogêneo quanto na época de sua formação, naquele inverno de 2000, o mesmo inverno que congelou uma parte de nós ao interromper sem piedade o trajeto do nosso mestre, amigo e fundador. Heterogêneo e unido: [...] [que] a partir do esteio doado por Ignacio, levantaram as primeiras paredes daquilo que hoje já se parece com uma casa, o abrigo da asa.

[...]

É o projeto dos CASA, é o projeto do grupo CASA, é o verdadeiro esteio de braúna sustentando nossas empreitadas desde então (MATTE, 2003, p. 1).

O reconhecimento da liderança intelectual de Silva é semelhante àquele dedicado à Greimas, porém este último perpassa a história da semiótica da Escola de Paris, mistura-se a ela, ao passo que o pesquisador brasileiro encontra maior visibilidade na semiótica desenvolvida no Brasil. Quanto ao Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP), não

somente açambarca pesquisadores em diferentes estágios de formação, mas também possui um capital científico que comporta líderes intelectuais oriundos do CESAJG (muitos deles, formados por membros desse grupo inaugural) e/ou que já integraram o Grupo CASA.

A maior parte dos líderes intelectuais do GES-USP é oriunda do CESAJG e ou recebeu formação dos membros desse grupo, a exemplo de Ivã Carlos Lopes que fez mestrado orientado por Anna Maria Balogh, cujo orientador foi Eduardo Peñuela Cañizal, e doutorado sob orientação de Luiz Tatit; Antonio Vicente S. Pietroforte, orientado por Luiz Tatit no mestrado, recebeu orientação de José Luiz Fiorin no doutorado; este ainda orientou Norma Discini de Campos no mestrado e no doutorado, além de Lucia Teixeira, que se tornou líder intelectual do Grupo de Pesquisa Semiótica e Discurso - SeDi, na UFF, ao lado de Renata Mancini, cujo orientador de doutorado foi Tatit (também responsável pela formação de Iara Rosa Farias, Ana Cristina Fricke Matte, Francisco Elias Simão Merçon, José Roberto do Carmo Júnior, Peter Dietrich, etc.). Além disso, Diana Luz Pessoa de Barros foi orientadora de doutorado de Waldir Bevidas. A pesquisadora ainda orientou outros semioticistas, que embora não tenham se tornado líderes intelectuais no grupo da USP, lá atuaram, como Nilton Hernandez, Alexandre Marcelo Bueno, entre outros. Barros, no mestrado, e Fiorin, no doutorado do Programa de Pós-Graduação da USP, outrossim, orientaram Arnaldo Cortina, líder intelectual do CASA, que por sua vez, orientou Jean Cristtus Portela a nível de doutorado, outro líder intelectual do grupo da UNESP de Araraquara.

Mais jovem do que os outros grupos de que tratamos até o momento, o GES-USP compartilha dos mesmos valores que os demais: trabalho em conjunto para dar continuidade ao projeto greimasiano, formação de pesquisadores a fim de manter o campo da semiótica em atividade no futuro, difusão dos trabalhos realizados pelo grupo – se possível, a nível internacional –, institucionalização da semiótica.

Concernente à formação de semioticistas, os membros do grupo são responsáveis por disciplinas na graduação e na pós-graduação, além das atividades exercidas pelo GES-USP de leitura e debate de textos, bem como de formação contínua de semioticistas por meio de minicursos, por exemplo, como descrito no capítulo anterior. Na graduação em Linguística, originalmente de responsabilidade de Luiz Tatit e Diana Barros, a disciplina “Teoria e Análise de Textos: Semiótica Narrativa e Discursiva”, obrigatória nesse curso, é ministrada por Ivã Carlos Lopes atualmente. A atuação do grupo na graduação não somente demonstra o compromisso com a formação de semioticistas, mas também com o preparo desses discentes para a atuação docente, seja no ensino fundamental e médio, seja no superior, conforme objetivos explicitados no conteúdo programático da disciplina (USP JÚPITER, 2020, p. 1).

Vinculado ao curso de Letras, o GES-USP forma mestres, doutores e pós-doutores em um Programa de Pós-Graduação efetivamente instaurado em 1971, o atualmente intitulado Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo¹⁶³. Entre as disciplinas ministradas nesse Programa de Pós-Graduação, destacamos “A semiótica e o tempo”, de responsabilidade de Ivã Lopes e Mariana Luz Pessoa de Barros; “Semiótica: teoria e aplicação na canção brasileira”, ministrada por Luiz Tatit, em 2014 (GES, 2019a); “Teoria Semiótica do Discurso: Imanência e Transcendência na Emergência do Sentido. Tendências Atuais”, ministrada por Waldir Bevidas e Carolina Lindenberg Lemos, em 2016 (GES, 2019b). Pesquisadores de outros países também exercem atividade docente na USP, como Juan Alonso Aldama, da Université Paris Descartes, que oferece uma disciplina concentrada “Semiótica e política” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2019).

A prática de ter pesquisadores atuantes em universidades estrangeiras ministrando disciplinas em Programas de Pós-Graduação não se aplica apenas à USP. No PPGLLP da UNESP de Araraquara, Maria Giulia Dondero, junto a Jean Cristtus Portela, oferece a disciplina “Questions d'énonciation: linguistique et sémiotique visuelle” em 2018, assim como Denis Bertrand ministra “Escrita, pintura e significação linguística”, em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Outras disciplinas, de responsabilidade de membros do Grupo CASA integram o componente curricular desses programas da UNESP: “Práticas Semióticas” (Jean Cristtus Portela), “Semiótica e Leitura” (Arnaldo Cortina), “Semiótica do Discurso” (Arnaldo Cortina) no PPGLLP (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2020a), e “Semiótica e Literatura” (Ude Baldan), No PPGEL, citando algumas (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2020b).

4.3.3. Transmissão do saber: a prática acadêmica de comunicar o saber científico

Levando-se em conta os editoriais dos periódicos examinados nesta tese e também alguns artigos de números especiais dessas mídias, eles registram isotopias temático-figurativas que revelam os modos de fazer ciência dos grupos que as mantêm e, sobretudo, os valores eufóricos que legitimam esse fazer. Desse modo, encontramos, nesses textos, recorrência de isotopias do fazer coletivo, da continuidade do projeto greimasiano, da

¹⁶³ Segundo relatório do Programa de Linguística da Universidade de São Paulo submetido à Plataforma Sucupira, da CAPES, em 2017, a Pós-graduação em Linguística da instituição surge em 1963, sob a liderança intelectual de Theodoro Henrique Maurer Jr. e Isaac Nicolau Salum, quando vigorava o chamado “Regime Antigo”. Porém, o Programa de Pós-graduação em Linguística passa a existir formalmente na universidade somente ao ser implantado o “Regime Novo” em 1971 (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2017).

internacionalização (do grupo, do seu periódico, dos seus valores e daquilo que produz, respectivamente). No caso do fazer coletivo, identificamos figuras como “trabalho do grupo”, “trabalho coletivo”, “imagem do grupo”, “conjunto”, “membros do grupo”, “reflexão coletiva”, “méritos coletivos”, “Heterogêneo e unido”, “projeto do grupo”, “nossas empreitadas”, “agradecer a toda a equipe”, “agradecimento coletivo”, “comunidade dos semioticistas brasileiros”, etc. Sobre a continuidade do projeto greimasiano, as figuras “avanço”, “evolução”, “enraizamento institucional da semiótica”, “projeto”, “projeto em construção”, entre outras, também aparecem nesses textos. Já a internacionalização é axiologizada em figuras como “cenário científico nacional e internacional”, “quadro internacional”.

Essa organização figurativa dos valores arraigados no fazer dos semioticistas, fazer deôntico que também pressupõe um componente volitivo, pois comporta um engajamento na realização desse fazer, configura-se uma manifestação icônica que regula uma conduta dos pesquisadores dos grupos de semiótica. Nesse sentido, conduta e protocolo se complementam (FONTANILLE, 2008a, p. 62) na medida em que se constituem textos-enunciados e as figuras ora destacadas compõem isotopias que revelam o comprometimento com o trabalho coletivo do grupo – “Naturalmente, o CASA teve que se modificar, e é por isso – por seu dinamismo e ainda pelo exercício do **trabalho coletivo** – que o grupo sobrevive. O CASA resulta de que ‘um galo sozinho não tece um amanhã’” (LEONEL, 2010, p. 5, grifos nossos) – e com o avanço da semiótica em constante devir, visto reconhecer que toda ciência é sempre incompleta e está em contínua expansão:

[...] esses trabalhos apresentam particularidades que denunciam a **evolução** [da semiótica] que se deu, no campo dos estudos da linguagem, nestes últimos vinte anos. Da análise dos objetos de valor de um texto se passa à construção de modelos que legitimam as relações de componentes textuais advindos de “realidades” diferentes e ao estudo da interdiscursividade, considerando-se as questões fundamentais da enunciação. O vínculo da linguagem com as tecnologias digitais também faz parte desse diálogo (CAÑIZAL, 1996, p. 5, grifo nosso).

Além disso, nesses textos-enunciados é demonstrado o compromisso com a internacionalização das atividades do grupo e o conseqüente reconhecimento de sua ação dentro do campo, haja vista pesquisadores estrangeiros quererem publicar nesses periódicos – “O periódico eS:Se começa, ainda que timidamente, a encontrar alguma ressonância internacional. Praticamente a metade dos trabalhos do presente número provém de centros de investigação estrangeiros” (LOPES; SARAIVA, 2013a, p. I) ou “Além disso, os CASA

constituem um importante polo divulgador dos estudos em semiótica francesa, [...] ocupando atualmente, no cenário científico nacional e internacional da área de letras e linguística, o lugar outrora ocupado pela revista *Significação* [...]” (PORTELA, 2013, p. 1, grifo do autor) e ainda “Concluimos que os *Actes*, revista de vocação unificadora, deve atualmente acolher *na versão original* contribuições de valor escritas nas principais línguas que são hoje as da semiótica no mundo, nomeadamente italiano, inglês, português e espanhol” (LANDOWSKI, 2013a, p. 1, grifos do autor, tradução nossa¹⁶⁴). Tal processo de internacionalização condensa-se figurativamente no próprio periódico científico que se torna, assim, o objeto no qual se materializa a imagem do grupo diante dos grupos-pares.

Entre os grupos investigados nesta tese, o que atribui maior importância para a internacionalização é o GES-USP. No periódico *Estudos Semióticos*, a ênfase às publicações de pesquisadores estrangeiros no discurso dos editores é mais recorrente, constituindo uma isotopia temática da internacionalização do fazer de um grupo de especialidade, como mostram os seguintes excertos: i) “[...] o periódico eS:Se começa [...] a encontrar alguma **ressonância internacional**” (LOPES; SARAIVA, 2013a, p. I, grifos nossos); ii) “Variada é a origem dos artigos aqui publicados. Alguns são provenientes de diversos Estados brasileiros [...]. Outros dão mostra da **crecente internacionalização** do periódico” (LOPES; SARAIVA, 2013b, p. I, grifos nossos); iii) “Nesses 10 anos de história, destacam-se dois momentos de inflexão. O primeiro, em 2008, quando a revista amplia seu escopo de atuação editorial e passa a acolher, numa ou noutra edição, **trabalhos oriundos de países diversos, escritos ou não em língua estrangeira**” (LOPES; SARAIVA, 2015, p. I, grifos nossos); iv) “[...] em breve, como dissemos no início, publicaremos a segunda parte deste dossiê especial, que **também conta com artigos de pesquisadores nacionais e internacionais**” (BEIVIDAS; SOARES DE LIMA, 2017, p. V, grifos nossos).

Como vemos nas expressões grifadas nos trechos dos editoriais de 2009, 2013, 2015 e 2017, no periódico do grupo da USP é recorrente a menção à internacionalização como recompensa pela realização de um árduo trabalho coletivo. Nesse caso, dois valores (internacionalização e trabalho coletivo) articulam-se para reforçar a identidade coletiva do grupo, uma vez que, para o GES-USP, ser recompensado com a internacionalização corresponde a uma sanção pragmática positiva, ou seja, trata-se de um prêmio recebido pela

¹⁶⁴ Trecho original: “Nous en concluons que les *Actes*, revue à vocation fédératrice, se doivent aujourd’hui d’accueillir *en version originale* des contributions de valeur écrites dans les principales langues qui sont aujourd’hui celles de la sémiotique dans le monde, à savoir l’italien, l’anglais, le portugais et l’espagnol”.

realização de uma *performance* por esse sujeito simultaneamente coletivo e autodestinado a querer difundir contribuições teórico-metodológicas à semiótica discursiva.

Outrossim, os editoriais sempre dedicam atenção ao trabalho de edição e de divulgação do periódico, uma forma de ratificar que o “trabalho coletivo” é essencial para o bom desempenho das atividades de um grupo, utilizando como modelo a constatação de que a responsabilidade pela revista não é de apenas um membro do grupo, é fruto do empenho de todos. Esse cuidado em ressaltar a importância do labor em conjunto para levar o periódico a público mostra-se bastante evidente, nas edições brasileiras:

- (a) *Estudos Semióticos* – “[...] queremos deixar registrado aqui um agradecimento coletivo a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram com a revista nas suas fases sucessivas, [...] Desde a inauguração, tudo foi concretizado graças ao engajamento voluntário dos membros da equipe editorial” (LOPES; SARAIVA, 2014, p. II);
- (b) *CASA* – “Agradeço à Comissão Editorial pelo grande envolvimento no preparo desta edição e pelo apoio incondicional do Conselho Editorial. **Ao grupo CASA, nosso berço e nosso respaldo institucional** e pessoal. Aos assessores *ad hoc* [...]. A todos os autores [...]” (MATTE, 2003, p. 2, grifos nossos);
- (c) *Significação* – “Agradecimentos: [...] A Leonilda Ranzani de Luca e Luiz Gonzaga de Luca pela diagramação, editoração eletrônica e artes-finais. A Edna M. Fernandes dos Santos Nascimento e Geraldo Carlos do Nascimento pela revisão geral deste número” (SIGNIFICAÇÃO, 1990, p. 1).

Essa manipulação por sedução exercida pelos líderes intelectuais é corroborada pelo conjunto de cenas práticas que compõem a prática de difusão do saber produzido no campo, aqui, o da semiótica. São necessários vários atores na cena prática do funcionamento de um periódico científico, que engloba um conjunto de outras cenas como: envio de textos para publicação, avaliação dos pares, tradução, revisão, editoração, difusão, etc. Essas práticas, por sua vez, englobam outras, a exemplo do envio de textos para publicação, que podem ser produzidos por apenas um indivíduo ou em coautoria, comportamento característico de especialistas que integram grupos de especialidades propriamente ditos. Por fim, o convite à leitura por parte do leitor configura-se a última etapa da prática de comunicação científica, razão de ela existir, e que se entrelaça à prática de construção da identidade do grupo que no periódico publica e esse mesmo periódico lê: “A última seção dos Cadernos é onde o leitor se

faz presente: *a Sala de Visitas* é um espaço interativo no qual os que são de CASA e os que estão em CASA esperam por você” (MATTE, 2003, p. 2, grifos da autora); ou ainda “Somos gratos também, pela fidelidade, ao leitor, derradeiro sentido do que fazemos, a quem entregamos este novo número” (LOPES; SARAIVA, 2014, p. II).

Vejam, agora, como as práticas ora elencadas e os valores que as subjazem convergem na manutenção da institucionalização dos grupos GRSL/CeReS, CESAIG, CASA e GES-USP.

4.4. A convergência de práticas e valores rumo à institucionalização dos grupos de semiótica

Ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar como os grupos de semiótica se organizam para formar uma base disciplinar sólida no campo das ciências humanas e sociais. A manutenção da disciplina no campo, já esclarecemos, é tão importante quanto a formação dos grupos de especialidades e esses grupos por si só figurativizam uma das formas de uma disciplina se institucionalizar e, assim, manter-se no campo. Ademais, as ações dos grupos constituem-se PN de uso para que as práticas de enraizamento na instituição que os abrigam se consolidem, como a administração de periódicos científicos e a formação de pesquisadores. Nesse sentido, a construção do *éthos* do pesquisador é importante, pois é em razão do arraigamento de valores que o grupo se torna unido e consegue realizar todas as práticas necessárias à institucionalização da disciplina. Evidentemente, não tratamos de todas. Escolhemos algumas, que, como vimos, agregam várias outras práticas, englobando-as e/ou sendo englobadas por elas.

Além disso, evidenciamos que os grupos da USP e da UNESP são de base greimasiana, desdobramentos do Centro de Estudos Semióticos, constituídos de líderes intelectuais remanescentes daquele grupo primeiro do estado de São Paulo, sendo que alguns chegaram a ser formados pelo próprio Greimas, caso de Ignacio Assis Silva, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin. Quando fundados, no entanto, esses grupos não puderam contar com a influência direta das ideias do primeiro líder intelectual da semiótica, pois Greimas falecera quase dez anos antes. Assim, aliadas às ideias de Greimas, receberam ideias de pesquisadores do chamado pensamento pós-greimasiano, que passaram a ser referência entre aqueles semioticistas após o falecimento do mestre lituano: uma perspectiva notadamente zilberbergiana no GES-USP, embora Claude Zilberberg tenha cofundado o Seminário Intersemiótico de Paris ao lado de Jacques Fontanille, Denis Bertrand e Jean-

François Bordron em 1992, conforme narra o próprio Fontanille (apud PORTELA, 2006, p. 167), mas nunca tenha estado institucionalmente vinculado a uma instituição de ensino superior; e outra mais voltada para os trabalhos de Jacques Fontanille no Grupo CASA.

Essas escolhas configuram traços distintivos na identidade desses grupos, evidentemente, visto que tendo seguido os mesmos programas narrativos, de base e de uso, o saber ali produzido dá continuidade ao mesmo projeto semiótico inicial, mas com referência pós-greimasiana diferente: uma zilberbergiana, outra fontaniliana. Evidentemente, isso não impede que o grupo da USP reproduza trabalhos do grupo da UNESP e vice-versa, nem torna um grupo de especialidade mais semiótico do que outro, apenas confere certa alteridade, necessária, acreditamos, para que cada grupo possa contribuir de maneira diferente um do outro, porém complementando um ao outro, paradoxo característico da evolução da ciência.

Uma ressalva, porém, merece ser feita. Como é possível observar, os valores práticos “trabalho coletivo”, “construção do projeto greimasiano”, “transmissão do saber”, “internacionalização do periódico” e “rigor metodológico” são comuns a todos os grupos, à exceção da “referência pós-greimasiana”, haja vista o GRSL manter-se em atividade, efetivamente, enquanto Greimas estava vivo, ficando, o restante dos anos 1990, limitado aos encontros do Seminário; o CeReS ser um desmembramento do GRSL, pois fundado e gerenciado por pesquisadores que atuaram junto a Greimas na França, e; o CESAJG ter seus próprios líderes intelectuais, ainda que alguns tenham sido formados pelo próprio Greimas.

Que características, nesse sentido, esses grupos destituídos do valor “referência pós-greimasiana” compartilham? A princípio, eles produzem/produziram ideias e transmitem/transmitiram-nas, como todo grupo de especialidade; no caso dos franceses, exportam-nas. No que concerne ao grupo brasileiro, existe importação de ideias, mas, sobretudo, as greimasianas, cabendo aos trabalhos dos demais pesquisadores do grupo francês o papel de complementação das propostas ali construídas. Ainda que em menor medida, também exportam ideias como mostra a publicação de textos ignacianos em outras línguas (francesa e italiana), além da presença de textos desse pesquisador e de outros membros do CESAJG (Barros, Fiorin, E. Lopes, Cañizal, Miyazaki, entre outros) na revista portuguesa *Cruzeiro Semiótico*. Quanto aos franceses, não tomam para si proposições exteriores aos próprios grupos ou às discutidas nos Seminários de Semiótica. No caso do CeReS, erigido em 2000, e representado, sobretudo por Jacques Fontanille, produz ideias e dissemina-as para o Brasil, mas não vemos os semioticistas daquele grupo importando ideias brasileiras, citando pesquisadores brasileiros. Nos grupos CASA e GES-USP, por outro lado, mesmo estando conjuntos de líderes intelectuais remanescentes do CESAJG e/ou de pesquisadores brasileiros

que trouxeram, e ainda trazem, importantes contribuições para a teoria, persiste a influência da “referência pós-greimasiana”, a força das ideias francesas sobre as brasileiras.

No tocante ao fazer dos grupos de especialidades, eles são sujeitos coletivos modalizados pelo destinador “líder intelectual” a /querer-fazer/, ou seja, entrar em conjunção com um objeto-valor “conhecimento sobre dado campo do saber”. No caso dos grupos de semiótica, o objeto-valor primeiro é a “construção do projeto semiótico”. Trata-se de um valor que vem a se desdobrar em vários objetos de interesse – construção de uma etnosemiótica, de uma semiótica das paixões, de uma semiótica do afeto, de uma semiótica das culturas, etc. –, cuja base, a busca primeira e que vai colaborar com a economia geral da teoria, é a contribuição para um projeto geral e em constante transformação, que é a semiótica.

A segunda epígrafe deste capítulo, de Greimas (1982), é exemplo de que a semente da construção do projeto semiótico é plantada ainda na implantação do CESAJG, na ocasião do curso de Greimas em Ribeirão Preto, durante a aula sobre metáfora. Sobre essa aula, diz Edward Lopes (2000, p. 13, grifos nossos): “Mas o que me impressionou,[...] porque **me impressionou**, a seriedade com que ele levava o curso dele. [...] que virou o segundo artigo da revista, porque foi **uma aula magistral sobre metáfora**”.

Essa aula, como menciona E. Lopes, foi publicada em 1982 na revista *Significação* com o título “Métaphore et isotopie”. Mas o que chama a atenção, no que diz respeito ao princípio de inacabamento de uma teoria que se concebe científica, é a parte final da fala greimasiana, na qual ressalta que a semiótica é uma teoria que ainda está sendo construída, não podendo nada nela ser considerado definitivo. O que ele mostra, no momento, são apontamentos de pesquisa que estão em curso, passíveis de serem revistos à medida que a própria teoria for amadurecendo a sua metodologia, como demonstram as suas palavras: “Estou assinalando as pesquisas que estão em curso, mas o campo está aberto, a teoria não está toda constituída atualmente” (GREIMAS, 1982, p. 13, tradução nossa¹⁶⁵). Assim sendo, conforme citado na epígrafe, não há sentido em debater uma teoria considerada pronta, uma teoria que não tem mais como evoluir, o que não é o caso da semiótica, que busca constantemente pela sua edificação, aspecto durativo de um modo de existência de atualização irênica do fazer dos grupos, cujos membros ao mesmo tempo, querem e devem, sabem e podem dar continuidade a um projeto *in fieri*.

Essa busca pela conjunção com a “construção do projeto semiótico” requer a mobilização dos membros dos grupos para a realização de um “trabalho coletivo”. O querer

¹⁶⁵ Trecho original: “Je vous signale les recherches qui sont en cours, mais le champ est ouvert, il n’y a pas de théorie toute constituée à l’heure actuelle”.

construir o projeto semiótico por meio de um trabalho coletivo proporciona aos grupos, sujeitos coletivos observadores de seus fazeres e intérpretes de suas práticas, que integrem esses valores estrategicamente às suas atividades como parte de sua identidade.

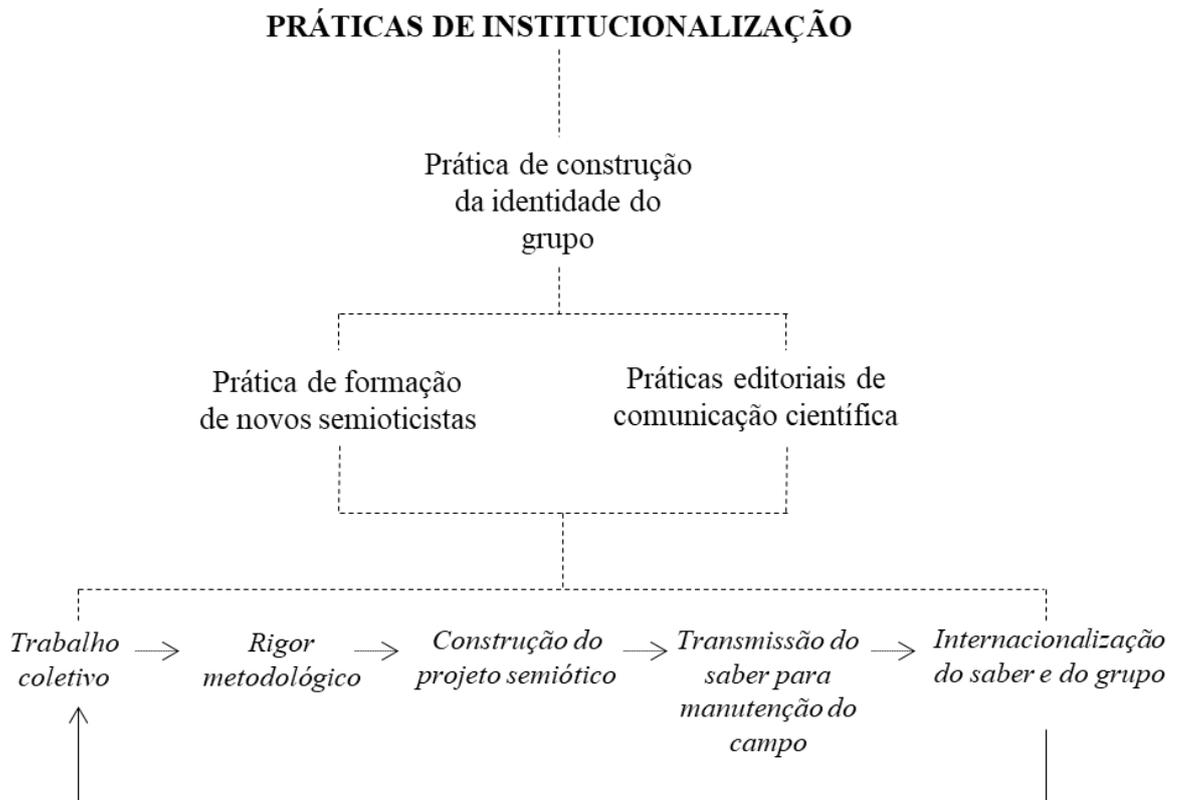
Somam-se à prática de construção da identidade dos grupos de semiótica, aquelas de transmissão do saber, que integram práticas de formação de novos semioticistas e práticas de comunicação do conhecimento produzido pelo grupo. Essas duas práticas pressupõem a integração do protocolo à sua dimensão interpretativa, inextricável das práticas institucionais em geral. Se a prática editorial de comunicação científica se ocupa de reforçar o éthos do semioticista, engrandecendo o fazer coletivo em prol da continuidade do projeto greimasiano e atribuindo à internacionalização o estatuto de sanção pragmática positiva pela realização desse fazer, a formação de semioticistas engloba atender às normas da instituição para implantação e avaliação de cursos e disciplinas, bem como cenas práticas inerentes à prática docente que engloba cenas práticas tais como debates de textos, avaliação de conhecimentos, aprovação e reprovação no curso e/ou disciplina.

Já a construção da identidade dos grupos, parece mais próxima da conduta, na medida em que trabalhar em conjunto para construir e/ou dar continuidade ao projeto semiótico pressupõe um querer, um saber e um poder realizar tal tarefa, que transcende o dever, haja vista os valores já terem sido assimilados pelo actante a ponto de ser responsável pelo seu próprio fazer, ainda que esse fazer esteja agregado ao fazer de outros membros do grupo. Essa conduta do membro do grupo corresponde, portanto, a um engajamento com as propostas greimasianas, com o rigor metodológico, com a transmissão do saber, com todos os valores que acompanham o fazer do pesquisador.

Como a assunção de outros papéis temáticos, como de autor, de editor, de docente, em contrapartida, vem acompanhada do fazer deôntico, do cumprimento de normas específicas desses fazeres (publicar, lecionar), levando-se em conta as práticas de construção da identidade do grupo e as de transmissão do saber (formação de capital científico e comunicação do saber científico produzido) é possível admitir que os membros dos grupos de semiótica transitam entre a volição e a obrigação. No entanto, as duas modalizações convergem para um mesmo valor fundamental: a construção do projeto semiótico.

Abaixo, ilustramos como se articulam as práticas de institucionalização dos grupos de semiótica de que tratamos neste capítulo:

Figura 12 – Articulação de práticas e valores na institucionalização dos grupos de semiótica



Fonte: autora.

Levando-se em conta a contribuição dos textos que tratam da figuratividade publicados nos periódicos (*Nouveaux Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada* e *Estudos Semióticos*) para a teoria e o valor dado pelos grupos que os administram para a construção do projeto greimasiano, por meio das comunicações sobre figuratividade selecionadas e distribuídas no quadro 14, buscamos desvelar, nos próximos capítulos, as principais propostas resultantes dos debates conduzidos nos grupos de semiótica e comunicadas nesses periódicos, de que forma foram assimiladas pelos semioticistas e quais foram relegadas ao esquecimento.

5. ESTUDOS SOBRE A FIGURATIVIDADE NA FRANÇA: ENTRE A PLASTICIDADE, O SEMISSIMBOLISMO E A VIRADA FENOMENOLÓGICA

Fazer semiótica [...] é sempre correr o risco de, a qualquer momento, se ver obrigado a rever as próprias afirmações. Para quem gosta de verdades e certezas, talvez seja melhor, então, enveredar por outros caminhos teóricos. (MATTE; LARA, 2009, p. 349).

Nos capítulos três e quatro, tratamos do processo de formação dos grupos de semiótica franceses e brasileiros e da sua consagração enquanto grupos de especialidade. Voltamos para as práticas que compõem a institucionalização dos grupos de semiótica, demonstrando que, instalados nas universidades, colocam em ação estratégias de enraizamento de valores relacionados com o fazer científico específico da disciplina e estratégias de difusão da semiótica para fins de sua manutenção no campo das ciências humanas e sociais, ainda que esteja em constante evolução.

Dessa incursão pelos conjuntos de traços identitários dos grupos de semiótica, sobrelevou-se a prática do trabalho coletivo, que concluímos ser inerente ao fazer dos semioticistas comprometidos com um projeto jamais acabado, como deve ser, concordamos, a ciência. A produção do conhecimento em conjunto, nesse sentido, colaborou, e ainda colabora, não somente para a unidade dos grupos, mas também para uma coerência teórica, um “falar a mesma língua” por parte dos semioticistas, e para que a assimilação de novos conhecimentos produzidos pelos grupos esteja mais do lado da continuidade do que da descontinuidade do projeto semiótico¹⁶⁶, levando-se em consideração o ponto de vista de J. Nascimento (2005) e Altman (1998) sobre a continuidade e a descontinuidade da ciência. Por outro lado, a escolha pela assimilação e pela continuidade não deixa de implicar que ocorram apagamentos de produções teóricas da semiótica, ainda que eles não sejam intencionais.

Diante disso, neste capítulo e no próximo verificamos de que maneira o trabalho realizado nos grupos contribui para a economia geral da semiótica, mais especificamente no que diz respeito à construção do saber sobre a operacionalidade da figuratividade em sua metodologia de análise. Assim, conforme recuperamos, nos periódicos de semiótica e, conseqüentemente, na história da disciplina, como a figuratividade evoluiu à medida que contribuía para a (re)construção da significação, também fazemos transparecer quais

¹⁶⁶ Concernente à descontinuidade, no caso da semiótica discursiva, entendemos que poderia provocar uma ruptura dos grupos ora inqueridos com a proposta greimasiana, haja vista uma desestabilização dos valores repetidamente atualizados pelas estratégias de construção de identidade executadas pelas lideranças intelectuais e organizacionais, como a prática da construção conjunta da disciplina.

pesquisadores trouxeram à luz essas contribuições. Pensando nisso, neste capítulo, tratamos das propostas e dos debates teóricos sobre a figuratividade no GRSL.

5.1. A contribuição do GRSL para a figuratividade

Como mostramos no segundo capítulo, de acordo com os dados levantados no inventário dos textos-fontes, é entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1990 que se concentra grande parte da produção científica sobre a figuratividade na França. Os seminários greimasianos realizados nos anos 1980 repercutiram em publicações que serviram de referência para toda uma geração de semioticistas interessados pela operacionalidade desse conceito, como Jean-Marie Floch, Denis Bertrand, e o próprio Greimas. Exemplos disso, destacamos as publicações dos *Documents* (números 6, 19, 26, 39, 60), dos *Bulletins* (números 20, “La figurativité”; 26, “La figurativité II”, e; 44, L’art abstrait), no caso dos *Actes Sémiotiques*, e dos *Nouveaux Actes Sémiotiques* (números 17 e 61-62-63).

Assim, com o intuito de desnudar as transformações no estatuto da figuratividade na semiótica nos textos-fontes que compõem o quadro 14 desta tese, nas seções que se seguem, debruçamos-nos sobre os estudos que estão nesse quadro, foram realizados por pesquisadores vinculados ao GRSL e publicados nos (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*.

5.2. As produções de membros do GRSL (honorários e fixos) publicadas nos (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*

Concernente aos trabalhos publicados nos *Documents* sobre a figuratividade, alguns deles podem ser considerados parte de metodologias de análise; outros, complementares às problematizações inscritas nos debates coletivos. A publicação “La ‘vie éternelle’: une figure dans la première épître de Saint Jean”, de Louis Panier (1983), é um exemplo de trabalho publicado nos *Documents* em complementariedade a um debate que deu origem ao *Bulletin* número 26 no mesmo ano, pois desenvolve, em quase trinta páginas, as duas páginas de “La ‘vie éternelle’: une figure” divulgada em “La Figurativité II”. Por outro lado, Jean-Marie Floch publica “Figures, iconicité et plasticité” no mesmo *Bulletin*, após ter publicado “Sémiotique plastique et langage publicitaire” em 1981 e “Des couleurs du monde au discours poétique” em 1979, no *Documents* número 6, demonstrando um processo inverso ao de Panier, de condensação ao invés de expansão de uma pesquisa (mesmo caso de Bertrand e de Courtés, que publicaram resumos de suas teses recém defendidas).

Também podemos afirmar, acerca dos trabalhos publicados nos *Documents*, que os textos evidenciam uma preocupação com objetos que reivindicavam uma abordagem ora mais voltada para a representação pictural – caso de “Une lecture de Velasquez”, de Ignacio Assis Silva, publicado no número 19, de 1980 –, ora para a literatura – como “Du figuratif à l’abstrait”, de Denis Bertrand, que integra o número 39, de 1982. Entretanto, também existem textos cuja pesquisa alia a plasticidade comum aos objetos visuais à poeticidade dos textos literários, como “Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités”, de Floch (1979), e “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, de Greimas (1984a).

No caso dos *Bulletins*, algumas publicações – como os números 20 e 26 – ratificam uma busca conjunta por uma teoria do figurativo. Da mesma forma que aqueles publicados nos *Documents*, ocupam-se de diferentes tipos de textos: literários, pictóricos, publicitários, científicos, etc. Contudo, os trabalhos comunicados nos *Bulletins* (pelo menos a maioria) possuem extensão mais curta, conseqüentemente, o que impede o desenvolvimento de reflexões teórico-analíticas mais refinadas. Ainda assim, esses trabalhos estão intertextual e interdiscursivamente relacionados. Isso quer dizer que há um entrelaçamento de ideias em “La figurativité” (1981) e “La figurativité II” (1983), que não se limita ao próprio tempo e espaço de publicação (dentro do mesmo *Bulletin*), visto complementarem e/ou serem complementares a trabalhos comunicados nos outros *Bulletins*, nos *Documents* e em textos exteriores aos *Actes Sémiotiques*.

É nesse sentido que, conforme o quadro 14, examinamos textos publicados nos *Documents* dos *Actes Sémiotiques* e nos *Nouveaux Actes Sémiotiques*: “Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités” (1979) e “Sémiotique plastique et langage publicitaire” (1981), de Jean-Marie Floch; “Une lecture de Velasquez” (1980) e “L’art abstrait: une poétique du depouillement” (1987b), de Ignacio Assis Silva; “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, de Greimas (1984a); “Figurativité et perception” (1991), de Teresa Keane; “Modes du sensible et syntaxe figurative” (1999), de Jacques Fontanille.

Além desses textos, analisamos as comunicações científicas publicadas nos *Bulletins* 20 e 26 – “La figurativité” (1981) e “La figurativité II” (1983)¹⁶⁷ –, “Place du figuratif” (1981) e “Figures, passions et discours” (1983), de Jacques Geninasca; “Le sentier et la cascade”

¹⁶⁷ Deixamos de fora desse levantamento os textos “Eléments d’une approche léxico-sémantique d’un texte littéraire” (1983), de Georges Maurand, “La vie éternelle”, de Louis Panier, e “Figures, iconicité et plasticité” (1983), de Jean-Marie Floch. O primeiro, porque apenas se preocupa em inventariar campos lexicais e campos semânticos necessários à construção da significação de um poema de Victor Hugo. O segundo, por sua vez, não agrega dados à pesquisa, configurando-se uma proposta muito incipiente. O terceiro, por fim, pelo fato de apresentar um tom enciclopédico, em certa medida, dicionarizado. Por isso, é consultado (e mencionado) sempre que as definições de figura são necessárias à compreensão das proposições teóricas dos demais pesquisadores.

(1981) e “Figurativité et représentation” (1983), de Françoise Bastide; “Des centaures aux sphinx” (1981), de Peter Frölicher; “La double spatialité em peinture” (1981) e “Symbolisme conventionel et production du symbolique” (1983), de Félix Thürlemann; “Rôle de l’observateur dans la mise em discours des figures” (1983), de Jacques Fontanille; “Le problème du figuratif et l’impression référentielle” (1983), de François Rastier; “Translocation, plasticité et prégnance” (1983), de Hans-George Ruprecht; “Du motif à la rhétorique” (1983), de James Sacré; “Le temps et l’espace comme figurants” (1983), de Claude Zilberberg; “Figures, code figuratif et symbolisation”(1983), de Joseph Courtés; e “Espace figuratif et langage spatial”(1983), de Denis Bertrand.

Desse modo, distribuimos a investigação sobre a figuratividade no GRSL em dois momentos: i) o da figuratividade que se entremeia à ocupação com a semiótica do visual – presente em textos verbais, não verbais e sincréticos –, destacando-se as relações semissimbólicas e as discussões em torno da plasticidade, do poético e, em certa medida, do mítico; ii) o da figuratividade voltada para os arranjos figurativos constitutivos de uma semiótica que explora os textos verbais, dos literários aos científicos.

A divisão temática que propomos é apenas uma tentativa de deixar a nossa imersão na produção científica do grupo um pouco mais metodológica, pois, inevitavelmente, em muitos momentos um tema invadirá o espaço do outro, uma vez que os trabalhos do grupo estão inseridos em um dado tempo e espaço de produção, assimilação, contestação e transmissão de ideias. Muitas dessas ideias não somente se inter-relacionam, como se complementam, haja vista os atores dos discursos sobre a figuratividade estarem imbuídos dos mesmos valores, empreendendo a mesma busca para chegarem a um projeto comum, ainda que cada um realize o seu próprio percurso modal dentro do programa narrativo de teorização e compreensão da operacionalidade da dimensão figurativa do discurso, programa de uso, já que o programa narrativo de base do grupo é sempre a construção do projeto semiótico.

5.2.1. A busca por uma teoria geral da figuratividade: entre o plástico e o figurativo

No início do primeiro capítulo, apresentamos pontos de vista de alguns teóricos da arte sobre as contribuições da dimensão figurativa para a construção do sentido nas artes plásticas. Dos estudos acerca da iconologia aos dos escriptemas, o revestimento dos temas pelas figuras e a forma como essas figuras são organizadas na manifestação de um discurso é ponto de contato entre a teoria estética e a semiótica, seja ela voltada para o visual ou para textos

literários, visto que todo discurso, para a semiótica, possui uma dimensão figurativa, parafraseando Bertrand (1983a, p. 3).

Se nos voltarmos para os estudos dos visualistas, a existência de um ateliê de semiótica visual desde os anos 1970 – que contou com Floch, Greimas e Thürlemann, entre outros, como participantes permanentes, e com pesquisadores brasileiros como Diana Barros e Ignacio Assis Silva, que por ali transitaram, assim como em outros ateliês nos períodos em que estagiaram no GRSL –, propiciou o surgimento de várias contribuições para o desenvolvimento do conceito de figuratividade e, mais que isso, para que se conhecesse o modo como poderia operar não somente em textos plásticos, mas também em textos verbais. Em 1979, como resultado de discussões empreendidas em torno da independência do sistema semiótico visual das linguagens de manifestação, quaisquer que sejam, Jean-Marie Floch publica “Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités” nos *Documents*, texto que abriga o registro mais antigo do termo “figuratividade” em comunicações nos *Actes Sémiotiques* investigadas nesta pesquisa.

Nesse trabalho, conforme analisa o universo cromático do romance *Sur les Falaises de marbre*, de Ernst Jünger (1939), o termo figuratividade é introduzido em meio à análise das qualidades cromáticas das figuras responsáveis pela manifestação sensível da percepção do narrador sobre a “existência de uma ‘vida profunda’” – manifestação que é dada pela organização figurativa dos elementos do mundo natural figurativizados no nível discursivo. Em suas palavras,

Eventos, situações e intenções são interpretados pelo narrador e seu acompanhante, modalizados segundo a veridicção e na relação com o reconhecimento da existência de uma “vida profunda”. Os objetos ou as paisagens que constituem a **figuratividade** que os dois sujeitos observam são correlativamente dotados de qualidades cromáticas cujas cores asseguram a manifestação. (FLOCH, 1979, p. 11, grifo nosso, tradução nossa¹⁶⁸).

Segundo o semioticista, a organização das inúmeras qualidades cromáticas é responsável por homologar os valores veridictórios. Nesse sentido, “o cromatismo mantém o seu próprio discurso. Formantes figurativos, as cores são utilizadas a fim de constituir os formantes plásticos cromáticos do discurso da veridicção” (FLOCH, 1979, p. 12, tradução

¹⁶⁸ Trecho original: “Événements, situations et propos sont interprétés par le narrateur et son compagnon, modalisés selon la veridiction et par rapport à l’existence reconnue d’une ‘vie profonde’. Les objets ou les paysages qui constituent la figurativité de ce qu’observent les deux sujets sont corrélativement dotés de qualités chromatiques dont les couleurs assurent la manifestation”.

nossa¹⁶⁹). Além disso, o pesquisador empreende um estudo sobre formantes plásticos e formantes figurativos, o que o leva a fazer – depois de analisar imagens, fotografias, quadros – uma distinção capital entre formantes figurativos e formantes plásticos. Os primeiros, para ele, podem ser vistos como uma reunião de traços visuais transformados em signos-objetos à medida que significam por intermédio de uma “grade de leitura” do mundo natural. Os segundos, “[...] são organizações particulares do significante que não se colocam a significar pela aplicação dessa grade de leitura, mas servem de pretextos para investimentos de outras significações, mais abstratas e que são, no caso desse romance, de natureza modal-veridictória” (FLOCH, 1979, p. 28, tradução nossa¹⁷⁰). Os formantes figurativos do desenho e da cor “[...] obedecem a princípios de organização autônoma constituindo-se em formantes plásticos que os autoriza a falar de *linguagem plástica*” (FLOCH, 1979, p. 28, grifos do autor, tradução nossa¹⁷¹), ou seja, podem ser comparados a figuras que, “[...] na poesia, servem de formantes para as unidades de conteúdo tímico ou axiológico, por exemplo” (FLOCH, 1979, p. 28, tradução nossa¹⁷²).

Do ponto de vista de Floch (1979, p. 28-29), a contribuição de “Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités” à semiótica e à figuratividade é a de encontrar tanto uma linguagem plástica, quanto uma “poesia visual” em um texto linguístico, um feito que ultrapassaria o fazer de encontrar uma “linguagem outra” das linguagens visuais planares. Outra contribuição para a figuratividade é a integração da dimensão visual do romance à sensorialidade: manifestações coloridas se juntam às manifestações sonoras como a música, o silêncio ou o agito do vento de forma que a linguagem plástica se una à poesia do sentido, manifestações que duram pela aspectualidade da duratividade, da iteratividade, etc.

O autor tem consciência de que a proposta é nova e ele mesmo diz que não é para o enunciatário-leitor considerá-la um documento de trabalho, porém a lança como conjunto de hipóteses a serem discutidas e exploradas *a posteriori*, tais como: i) a distinção entre tons e figuras cromáticas, sendo os primeiros da ordem da manifestação e as figuras constitutivas do plano da expressão (nível superficial); ii) a equivalência entre a dimensão figurativa do conteúdo e o plano da expressão da dimensão abstrata, uma vez admitido que a figuratividade

¹⁶⁹ Trecho original: “Le chromatisme tiendra son propre discours. Formants figuratifs, les couleurs seront utilisées à fin de constituer les formants plastiques chromatiques du discours de la véridiction”.

¹⁷⁰ Trecho original: “[...] sont des organisations particulières du signifiant qui ne mettent pas a signifier par l’application de cette grille de lecture mais servent de ‘prétextes’ a des investissements de significations autres, plus abstraits et qui sont dans le cas de ce roman de nature modale-véridictoire”.

¹⁷¹ Trecho original: “[...] obéissant à des principes d’organisation autonome, se constituent en formants plastiques qui autorisent à parler de langage plastique”.

¹⁷² Trecho original: “[...] en poésie, servent de formants à des unités de contenu thymique ou axiologique par exemple”.

resulta da “conversão do plano da expressão do mundo natural no conteúdo linguístico”; iii) a existência de uma semiótica plástica ou de uma poesia visual (sensorial) em textos linguísticos; iv) a constituição de uma “linguagem outra” em razão da distinção entre formantes figurativos e formantes plásticos; v) a construção de uma “semiótica poética sinestésica”, tendo em vista que a organização aspectual da sensorialidade participante do discurso veridictório pode homologar figuras situadas na visão, no olfato, na audição (FLOCH, 1979, p. 30-31).

Esse trabalho flochiano é transgressor, do ponto de vista de Thürlemann (1979a, p. 3), porque examina figuras cromáticas em um texto literário e também porque provoca os demais analistas desse gênero a investigarem a organização do mundo sensível, que pode parecer em qualquer grade de leitura figurativa oferecida pela cultura. De nossa parte, iríamos além, pois mais que transgressora a obra é *avant-garde*, visto ser precursora de estudos sobre a natureza sensível do discurso que se faz perceber por meio da figuratividade.

Importa, todavia, acrescentar que sendo esse trabalho flochiano o fruto de discussões empreendidas no final dos anos 1970 no ateliê de semiótica plástica, do qual participavam outros pesquisadores, evidentemente, outras contribuições surgiram daquele mesmo ambiente de discussão e construção teórica. Esse é o caso de “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, que embora publicada somente em 1984, foi redigida por Greimas em 1978, conforme datação seguida de assinatura do semioticista ao final da comunicação científica¹⁷³.

Discurso referencial para os estudos sobre o semissimbolismo, “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” oferece parâmetros para a análise figurativa em objetos planares, poéticos e míticos, além de apresentar uma noção do que é a figuratividade – “[...] um certo modo de leitura – e de produção – de ‘superfícies construídas’ [...]” (GREIMAS, 1984a, p. 11, tradução nossa¹⁷⁴) – e de como ela funciona no processo de construção da significação. Dito de outro modo, Greimas (1984a) volta-se para a identificação de uma organização figurativa intrínseca à manifestação do sentido em objetos visuais (e planares) e desenvolve uma metodologia de análise figurativa que convoca as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas para comporem tanto grades de leitura mais icônicas, quanto mais abstratas desses objetos à medida que fazem significar as figuras do mundo natural.

O semioticista deixa claro que podem existir diferentes grades de leitura em um texto, visto que em cada cultura os elementos do mundo natural produzem significados que são

¹⁷³ Tendo em vista que as ideias divulgadas nesse texto greimasiano foram abordadas antes da sua publicação, em diversos trabalhos examinados nesta tese, decidimos apresentá-lo enquanto resultado de um espírito de época, que corresponde ano de sua produção.

¹⁷⁴ Trecho original: “[...] un certain mode de lecture – et de production – des ‘surfaces construites’ [...]”.

apreendidos de acordo com os valores que ali imperam. Por esse motivo, “[...] a figuratividade dos objetos planares (imagem, quadro, etc.) [...]” tanto requer uma grade iconizante, como também “[...] não exclui a existência de outros modos de leitura igualmente legítimos” (GREIMAS, 1984a, p. 9, traduções nossas¹⁷⁵). Esse ponto de vista sobre a grade iconizante de leitura adequa-se à reflexão de Floch (1983, p. 6) em “Figures, iconicité et plasticité”, publicado no *Bulletin* número 26, “La figurativité II”, para quem as figuras significam mediante sua reunião com outras figuras de modo que pelo menos um de seus sentidos, ao ser associado a um encadeamento de isotopias pertencentes a uma dada cultura, conforme-se com o uso. Estando em conformidade com o uso, a leitura da ilusão referencial produzida será considerada legítima; em caso contrário, incorre em um processo de desiconização¹⁷⁶, assevera o pesquisador.

O mestre lituano também lembra que a leitura iconizante deve ser entendida como uma semiose, uma operação de produção de signos a qual um significante se une a um significado. É fundamentado na semiose sêmica que o semiótico introduz a noção de uma unidade sintagmática do plano da expressão que, veremos, interessa a Hans-George Ruprecht (1983): o formante – “[...] unidade do significante reconhecível quando é enquadrada na grade do significado, como a representação parcial de um objeto do mundo natural” – que pode ser reclamado seja pela semiótica figurativa seja pela semiótica plástica para a formação de grades de leitura (GREIMAS, 1984a, p. 10, tradução nossa¹⁷⁷).

Não deixando escapar a questão dos formantes, em “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, a constituição e a articulação dos formantes figurativos e plásticos recebe um tratamento mais amplo do mestre lituano do que o dado por Jean-Marie Floch em 1979, uma vez que o texto de Greimas (1984a, p. 11) oferece um aparato teórico metodológico mais amplo em conteúdo e dotado de ferramentas de análises aplicáveis a textos verbais, visuais e sincréticos, além de poéticos e míticos. Se, nos textos visuais, a abordagem figurativa é parcial, nos textos verbais, é desenvolvida uma dimensão figurativa própria, constituída de figuras do conteúdo, não da expressão. Além disso, assim como as figuras

¹⁷⁵ Trechos originais: “[...] la figurativité des objets planaires (‘image’, ‘tableau’, etc.) [...]”; “[...] n’exclut pas l’existence d’autres modes de lecture tout aussi légitimes”.

¹⁷⁶ Floch (1983, p. 6) explica que um conjunto de figuras não se constitui uma “imagem do mundo” se não for coerente com o uso, ou seja, se não for reconhecível como prática social. Ele exemplifica essa posição com um desenho de Chaval – caricaturista e cartunista francês – de um porco sentado diante de um homem em uma mesa com alguns papéis sobre ela. No rodapé, o texto verbal: “Porco sábio ajudando um salsicheiro a fazer suas contas”. Diante dessa imagem, o semiótico explica que é possível reconhecer um porco ao lado de um homem, mas não diante do homem, ambos sentados à mesa, e o porco ajudando um salsicheiro a fazer contas. Uma imagem como essa, ao invés de produzir uma ilusão referencial, vai se esvaziar de sentido.

¹⁷⁷ Trecho original: “[...] unité du signifiant, reconnaissable, lorsqu’elle est encadrée dans le grille di signifié, comme la représentation partielle d’un objet du monde naturel”.

podem ser lidas enquanto objetos do mundo nos dois tipos de textos, a organização figurativa nos textos visuais funciona de forma semelhante às metáforas e às metonímias nos verbais, possibilitando que a iconização seja usada como “procedimento de persuasão veridictória”. Ao mesmo tempo, a plasticidade do texto comporta categorias plásticas (cromáticas eidéticas, topológicas) que, pertencentes à forma do conteúdo, no entanto propensas a generalidades, possuem significação abstrata (GREIMAS, 1984a, p. 22).

Os formantes figurativos, nesse sentido, resultam do sincretismo entre um significante planar (composto de feixes de traços visuais e densidade variável) e um significado (investimento semântico). Os formantes figurativos são, nesse sentido, figuras visuais transformadas em objetos, explica o semiótico. Assim, a semiose que faz surgir os formantes nada mais é que “[...] uma articulação do significante planar, seu *recorte* em unidades discretas¹⁷⁸ legíveis, que é feito em vista de uma certa leitura do objeto visual, mas que não exclui de modo algum [...] outras segmentações possíveis do mesmo significante” (GREIMAS, 1984a, p. 10, tradução nossa¹⁷⁹).

Os formantes plásticos, por outro lado, são organizações particulares do significante dotados da capacidade de serem reunidos por significados e, dessa maneira, se constituírem em signos. Apesar de comparáveis aos formantes figurativos por também realizarem a semiose, distinguem-se deles na medida em que os formantes plásticos são chamados a significar antes dos formantes figurativos, ou, pelo menos, até que esses últimos possam ser reconhecidos pelo enunciário, haja vista só significarem “[...] após a aplicação de uma grade de leitura do mundo natural” (GREIMAS, 1984a, p. 17, tradução nossa¹⁸⁰).

Já o estudo greimasiano das relações semissimbólicas, que vão interessar a Teresa Keane (1991), Félix Thürlemann (1981) e Floch (1981), por exemplo, é concernente à identificação de propriedades semissimbólicas de organização da significação em textos plásticos (visuais), reconhecidas pela conformidade entre categorias dos planos da linguagem (expressão e conteúdo), em oposição aos sistemas simbólicos cuja conformidade entre os planos da linguagem se dá através de elementos isolados (GREIMAS, 1984a, p. 21). Trata-se, desse modo, de outra contribuição de “*Sémiotique figurative et sémiotique plastique*” para a teoria, mas não é a última. Considerações teóricas acerca da organização das categorias

¹⁷⁸ De acordo com Greimas (1984a, p. 10), as unidades discretas são constituídas a partir de traços e podem ser reconhecidas como figuras de expressão, no sentido hjelmsleviano, figuras do mundo, em termos bachelardianos ou formas, segundo a Gestalt.

¹⁷⁹ Trecho original: “[...] une articulation du signifiant planaire, son *découpage* en unités discrètes lisibles: *découpage* fait en vue d’une certaine lecture de l’objet visuel, mas qui n’exclut nullement [...] d’autres segmentations possibles du même signifiant”.

¹⁸⁰ Trecho original: “[...] à la suite de l’application de la grille de lecture du monde naturel”.

plásticas e da manifestação semissimbólica por meio da formação de outra linguagem no jogo semiótico entre os formantes plásticos e figurativos também são tributadas a esse artigo.

Dito de outro modo, acerca da semiose que instaura as semióticas figurativa e plástica, não somente os apontamentos sobre as relações semissimbólicas tornam-se parâmetros de análise semiótica, como também a figuratividade que opera as linguagens poética e mítica, caras em trabalhos de Silva (1980; 1987a). A linguagem mítica, à semelhança dos objetos visuais, correlaciona “duas categorias semânticas reconhecíveis” – uma leitura figurativa de superfície e outra profunda, que se dá por “[...] recorrências ‘anafóricas’ de certas grandezas da narrativa e, ao mesmo tempo, de oposições de ‘contrastos’ entre os termos retidos [...] para postular, a seguir, uma *apreensão mítica* atemporal” e chegar à “significação global do texto” (GREIMAS, 1984b, p. 45, grifo do autor). A linguagem poética opera no sentido de fazer surgir uma significação nova por meio da rearticulação de um significante já significado no nível profundo do discurso.

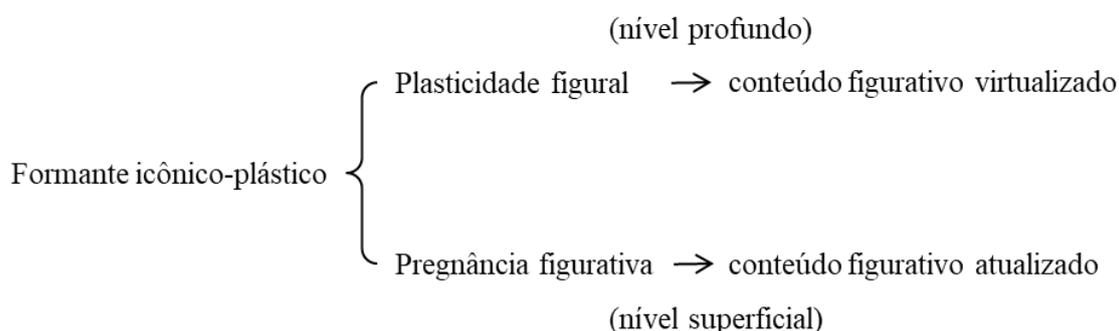
Uma vez que essas obras introduzem outros elementos da metalinguagem semiótica, que não podem ser tratados senão em sua relação com a figuratividade, como os formantes, a homologação entre categorias da expressão e do conteúdo (semissimbolismo), a construção de uma semiótica poética e mítica, a sensorialidade (sensível/percepção), nas seções que se seguem, correlacionamos os textos de Floch (1979) e Greimas (1884a) com outros trabalhos em que esses elementos são explorados.

5.2.1.1. A relação entre o figural e o figurativo na constituição dos formantes: contribuições de Ziilberberg ao estudo de Ruprech

A operacionalidade dos formantes é colocada em prática por Hans-George Ruprech (1983) ao analisar a embalagem de um xarope com o objetivo de verificar como ocorre a translocação (transferência) axiológica de um formante icônico, considerando tanto sua plasticidade figural, quanto sua pregnância figurativa, de maneira que o enunciatário creia no produto e o consuma. Segundo o pesquisador, a crença no produto, no caso, no xarope, depende de uma operação sintático-estratégica de alocação de valores de um formante icônico-plástico em dado lugar no enunciado enunciado, fazendo com que o enunciatário seja levado a comprar o produto (RUPRECHET, 1983, p. 24-25). Em outros termos, o formante icônico-plástico é constituído de uma plasticidade figural, que comporta um conjunto de valores, e de uma pregnância figurativa, cuja forma possui alto grau de densidade sêmica, sendo, dessa maneira, responsável por causar uma forte impressão no enunciatário.

Nesse trabalho, que nos parece complementar aos estudos empreendidos por Floch (1979) e por Greimas (1984a) a respeito dos formantes figurativos e plásticos, Ruprechet (1983, p. 24-25) defende a tese de que o formante é portador de um “conteúdo figurativo virtual” inserido em uma cena prática. Esse conteúdo é atualizado pela cena, que se apropria dos valores que o subjazem, produzindo um alto grau de pregnância desse formante. A figura abaixo elucidada esse “duplo aspecto” do formante icônico-plástico, consoante o pesquisador:

Figura 13 – Configuração do formante icônico-plástico



Fonte: autora.

A fim de ilustrar com mais clareza como se dá esse processo de translocação axiológica, tomemos como exemplo o objeto analisado pelo semioticista: trata-se de um xarope de milho que tem mel em sua composição. No rótulo do produto, entre outras formas significantes, destaca-se a forma emblemática de uma colmeia e um texto verbal que insere uma suposta garantia de pureza do produto: “Esse xarope, embora destilado industrialmente, é tão natural como o mel” (RUPRECHET, 1983, p. 25, tradução nossa¹⁸¹). Do ponto de vista ruprechetiano, há, nesse caso, uma estratégia de manipulação que, no nível profundo, qualifica um produto *a priori* comum com um aditivo natural, o mel. Este, por sua vez, remete a um saber axiológico de valorização secular e transcultural (são reconhecidas no Ocidente e no Oriente) de suas propriedades (RUPRECHET, 1983, p. 25).

Assim, a translocação axiológica, segundo Ruprechet (1983, p. 25), torna o universo semântico do consumo, tematizado no nível profundo do discurso, fortemente atrativo a partir da organização figurativa exibida na superfície desse discurso. Isso quer dizer que o enunciatário “consumidor”, até então hesitante em adquirir o produto, é modalizado para /querer/ comprar o xarope, na medida em que ele tem o /saber/ atualizado pela pregnância figurativa, tornando-se “competente” para escolher o que deseja consumir. O pesquisador ainda esclarece que “essa pregnância figurativa dos valores modais se articula nas estruturas

¹⁸¹ Trecho original: “Ce sirop, bien que distillé industriellement, est aussi naturel que le miel”.

de superfície [...]” por meio de esquemas presentificantes, como o visual (cromatismo) e o tátil (RUPRECHET, 1983, p. 26, tradução nossa¹⁸²).

Essa articulação dos componentes figurativos do formante icônico-plástico realizada por Ruprecht no *Bulletin* 26, “La Figurativité II” (1983), como vemos, retoma conceitos e estudos teóricos desenvolvidos por Floch em 1979 e está adequada às proposições de Greimas (1984a) em “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”. Sublinhamos, no entanto, o fato desse trabalho ruprechtiano agregar o trabalho de Zilberberg concernente à relação entre figura e valor, ou melhor, ao valor a se tornar reconhecido graças ao revestimento figurativo, aos estudos de Floch e de Greimas acerca da formação dos formantes.

Como adequa a teoria dos formantes aos estudos zilberberguianos relacionados com o componente figural da figura, a escolha de Ruprecht (1983), a nosso ver, reverbera, um clima de opinião à época, nos termos de Jarbas Nascimento (2005, p. 8), visto ser indissociável das ideias semióticas em circulação no mesmo número do *Bulletin* (26): as propostas dos visualistas acerca dos formantes e as de Claude Zilberberg, que introduz uma noção ainda embrionária do figural, circunscrito na figuratividade, em “Le temps et l’espace comme figurantes” (1983). Ambicionando uma contribuição mais geral para a operacionalidade do percurso gerativo, nesse trabalho, Zilberberg (1983, p. 35-36), empreende esforços em tornar mais rentável o “magma semiótico”¹⁸³, tendo em vista o entendimento hjelmsleviano sobre a forma como os conceitos de análise e catálise¹⁸⁴ se relacionam, porém, inversamente a Hjelmslev (2003 [1943]), considerando a catálise pressuposta à análise.

Pensando no modo de chegar à catálise, Zilberberg (1983, p. 36) sugere ao analista, *a priori*, atender a alguns princípios que, de sua perspectiva, trazem contribuições para o percurso gerativo do sentido, entre eles, o “princípio de desenvolvimento” e o “princípio de deiscência”. O primeiro, porque considera que um dado catalisado no nível superficial se

¹⁸² Trecho original: “Cette pégnance figurative des valeurs modales s’articule sur des structures discursives de surface [...]”.

¹⁸³ Guardadas as devidas proporções, esse texto é um ensaio de resposta a provocações de Paul Ricoeur acerca do percurso gerativo do sentido em texto publicado nos *Documents* número 15, de 1980, “La grammaire narrative de Greimas”, conforme Zilberberg (1983, p. 35).

¹⁸⁴ De acordo com Hjelmslev (1943 [2003], p. 27-28), uma das exigências impostas pelo princípio de empirismo é a exaustividade, reivindicação que demanda do analista o exame das dependências das partes de seu objeto ou dos relacionamentos internos e externos que essas partes estabelecem. Dessas dependências ou relações resulta a totalidade do objeto.

Em razão de a totalidade ser composta de dependências, sejam recíprocas ou unilaterais, somadas aos relacionamentos internos e externos que as partes estabelecem, algumas condições de análise são requeridas. Chamadas de funções, essas condições de análise estabelecem uma relação de solidariedade em que as partes, sendo dependentes, são pressupostas às subsequentes e pressupostas das anteriores, promovendo coesões entre as partes, ou seja, um sincretismo, uma vez que uma parte não pode ser dissociada da outra. Nesse sentido, a catálise se soma à análise na qualidade de registro dessas coesões (HJELMSLEV, 1943 [2003], p. 29-100).

desenvolve em um nível pressuposto. O segundo, pois, complementar ao anterior, assevera que todo nível comporta duas camadas, uma pressuposta (-al) e uma pressuponente (-ivo)¹⁸⁵.

É no segundo princípio, de deiscência, que Zilberberg (1983, p. 36) circunscreve a figuratividade como um nível vinculado a outros dois: o figurativo, seu pressuponente, e o figural, que entendido como figurável, ou seja, passível de se tornar figurativo, é pressuposto ao primeiro. Além disso, para o pesquisador, nessa relação com a figuratividade ora pressuposta, ora pressuponente, o tempo e o espaço são fraturados de modo que se tornem, simultaneamente, tempos e espaços figurais e figurativos, sendo tempos e espaços figurais, operadores sintáticos do nível figural que tanto podem ser fixos, quanto móveis, ou seja, figurantes.

Apesar de embrionária, entendemos que, fundamentada na relação entre análise e catálise, a proposta zilberberguiana demonstra acrescentar à teoria da figuratividade uma figuratividade em devir. Evidentemente, o figural não é um conceito inédito, haja vista ser utilizado em trabalhos de outros semioticistas em “La figurativité II” (1983), como Ruprecht e Bertrand; e ambos o aplicam à prática analítica. De qualquer modo, é fruto das discussões em torno da figuratividade e demonstra dar continuidade à proposta de se introduzir uma teoria do figurativo na semiótica.

Quanto à dicotomia plasticidade figural e pregnância figurativa constitutiva do formante icônico-plástico em Ruprecht (1983), notamos que essa proposta é regulada pelos princípios zilberberguianos, haja vista a primeira ser pressuposta à segunda. Dito de outra forma, a plasticidade figural comporta, no nível profundo, o conteúdo figurativo virtualizado, ou seja, os valores da enunciação enunciada – como “algo que proporciona benefício para a saúde” – a serem atualizados pela pregnância figurativa que, por ser variável – pode se manifestar de diferentes maneiras, a exemplo do lexema “mel” e da imagem da colmeia – atua nas instâncias superiores do discurso. Ademais, esse estudo traz a figuratividade operando em diferentes níveis do percurso gerativo, entretecendo um tema ao discurso à medida que o reveste de diferentes figuras, construindo, assim, o sentido do texto analisado.

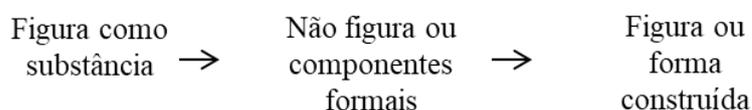
5.2.1.2. O simbólico e o mítico, a referencialização e a desreferencialização nas produções de Ignacio Assis Silva

¹⁸⁵ No francês, o sufixo que corresponde ao pressuposto é “-al” e o que corresponde ao pressuponente é “-if”. Cabe, porém, uma observação acerca da escolha desses sufixos. Derivados do latim, esses sufixos são formadores de adjetivos, sendo que “-al” também pode formar substantivos com valor de coleção ou quantidade. A “-ivo” são atribuídos os traços conclusivo e decorativo, conforme *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014).

É importante assinalar que outros trabalhos decorrem dos debates do ateliê de semiótica visual, como a preocupação com o simbólico e o mítico, caros às linguagens poética e plástica, em dois estudos empreendidos por Ignacio Assis Silva no GRSL: o primeiro em 1980, nos *Documents*, e o segundo em 1987, no *Bulletin* sobre arte abstrata.

Nos *Documents* número 19, “Une lecture de Velasquez”¹⁸⁶, Silva (2004 [1980]) faz uma leitura figurativa (e também simbólica e mítica) do quadro *Vieja friendo huevos* de Velasquez, visando à transposição do sígnico para chegar ao simbólico. Fazendo uso de elementos temporais e espaciais, Silva (2004 [1980], p. 192-203) traça um percurso de leitura do quadro em três tempos – um de movimento de desconstrução da substância da manifestação, outro de reconstrução para restituição da forma e, por fim, um de construção/retomada do sentido descartado. O primeiro movimento desfigurativiza os ritmos e os dinamismos do quadro a fim de constituir uma grade topológica, evidenciando a “gestualidade abstrata” que subjaz aquela imediatamente notada. O segundo movimento recontrói parcialmente a forma desconstruída para, em seguida, operar o terceiro movimento, de construção. Reproduzimos, abaixo, a transformação figurativa revelada pelos dois primeiros movimentos:

Figura 14 – Tempo-movimento de desreferencialização e de referencialização da leitura



Fonte: autora¹⁸⁷.

O terceiro movimento é o “tempo da leitura simbólica ou mítica”, pois

[...] ele se constrói no antagonismo dos movimentos precedentes a fim de chegar à constituição do espaço de leitura como lugar de integração do espaço englobante e do espaço englobado, e de definir o sentido do quadro em termos de tensões entre os percursos que dividem os espaços. (SILVA, 2004 [1980], p. 93-94).

Conforme adentra ao nomeado nível simbólico, Ignacio Assis Silva (2004 [1980], p. 204) identifica a distribuição dos objetos sobre a mesa, no quadro, como mobilizadora de

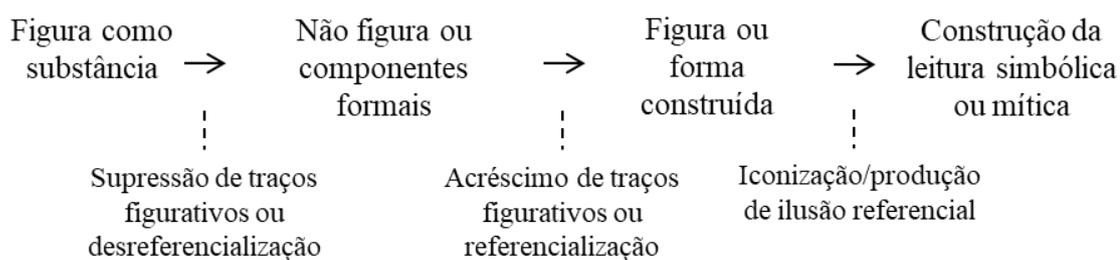
¹⁸⁶ Esse texto foi traduzido por E. Goes e republicado em 2004 na coletânea *Semiótica Plástica*, organizada por Ana Claudia de Oliveira, com o título “Uma leitura de *Vieja friendo huevos* de Velasquez”. Como não tivemos acesso à publicação original, nossa leitura do texto é a da versão traduzida. Outrossim intitulado “Una lettura de *La friggitrice di vova'di Velásquez*”, compõe um dos capítulos do livro *Leggere l'opera d'arte: Dal figurativo all' astratto*, organizado por Corrain e Valenti e publicado em 1991.

¹⁸⁷ Adaptado de Silva (2004 [1980], p. 193).

significantes de valores simbólicos. A um só tempo, considera esse arranjo o projetor de um significante metonímico da relação entre a anciã e o rapaz, aproximando a transformação do sígnico em simbólico, *a priori*, dos procedimentos de metaforização e, depois, da conformidade entre categorias dos planos da linguagem a que se referem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 306; 450).

A gestualidade e as tensões cromático-luminosas são consideradas reveladoras do estabelecimento de “homologações entre as figuras nucleares pertencentes ao gestual, ao plástico e ao verbal”. Assim, referencializando o enunciado, a gestualidade iconizada realiza um procedimento de ilusão referencial, produzindo um efeito de verdade ancorado em usos e costumes de uma dada cultura. A linguagem figurativa, nesse sentido, composta de figuras reconhecidas como elementos pertencentes ao mundo natural, carregam “[...] ‘qualidades sensíveis’ do mundo e tratam diretamente do homem” (SILVA, 2004 [1980], p. 203), tal qual explicitam Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 325) na terceira acepção de Mundo Natural. Diante disso, afirma que é essa figuratividade que queria ver nesse trabalho: a figuratividade do mundo natural “[...] construída pelas interseções de relações reveladas no quadro, antes de seu investimento semântico” (SILVA, 2004 [1980], p. 204). Desse modo, os três movimentos podem ficar assim esquematizados:

Figura 15 – Movimento rumo à figuratividade ideal na concepção Silva em “Une lecture de Velasquez” (1980)



Fonte: autora.

O semioticista, desse modo, despoja da figuratividade, no nível da manifestação, o desencontro dos rostos da anciã e do rapaz para, assim, “[...] resgatar as tensões subjacentes, suscetíveis de caracterizar este desvio como suporte para um desvio semântico” (SILVA, 2004 [1980], p. 190). Dito de outro modo, para chegar ao simbolismo do texto pictural, o pesquisador realiza um exercício de desreferencialização, isto é, desprovê a obra velasquiana de traços figurativos, retomando o sentido descartado na reconstrução da figuratividade ora descartada.

Na comunicação “L’art abstrait: une poetique du depouillement”, em 1987¹⁸⁸, publicada no *Bulletin* número 44, visto ser resultante de debates sobre a arte abstrata, Silva (1987b) desenvolve uma análise dos touros de Picasso, demonstrando como ocorre um tipo de metamorfose em que há supressão de traços figurativos rumo à nulidade. Em comparação ao exame de um texto de Ovídio, cuja transformação ocorre em um sentido inverso, de produção de ilusão referencial, a ser publicado no ano seguinte em outro periódico¹⁸⁹, nomeia anti-ovidiana a metamorfose dos touros picassianos, uma vez que ela opera um procedimento de desreferencialização.

Cabe, aqui, uma observação a respeito das análises do semioticista brasileiro, centrada na desreferencialização operacionalizada de maneiras distintas nos dois trabalhos ora apresentados. Em “Une lecture de Velasquez” (1980), a desreferencialização de um quadro figurativo, nos termos de Thürlemann (1981), é uma desconstrução realizada pela própria leitura. Em “L’art abstrait: une poetique du depouillement” (1987b), a imagem em si apresenta um percurso de subtração de traços figurativos. A análise, no caso, demonstra como se dá esse processo. Os objetos são, desse modo, diferentes: um altamente figurativizado; outro, ao contrário, revelador de um movimento de destituição de traços figurativos. Em vista disso, podemos considerar que a contribuição das comunicações ignacianas nos *Actes Sémiotiques* está voltada para a identificação de operações figurativas de construção e desconstrução do sentido em textos não verbais – procedimentos de referencialização e desreferencialização em textos visuais. Desse modo, faz ressoar as investigações realizadas à época pelos visualistas.

5.2.1.3. O tratamento das relações simbólicas e semissimbólicas por Thürlemann e Floch

No que concerne às relações semissimbólicas, em conformidade com Greimas (1984a), elas são reivindicadas por Félix Thürlemann (1981; 1983) nos *Bulletins* “La figurativité” e “La figurativité II”, bem como por Floch (1981) em “Sémiotique plastique et langage publicitaire”. No caso do primeiro pesquisador, ele também se ocupa da produção simbólica em 1983 e, assim como em 1981, trata da conexão entre a espacialidade e a figuratividade.

¹⁸⁸ Também republicado em italiano, em 1991, na forma de um dos capítulos do livro *Leggere l’opera d’arte: Dal figurativo all’ astratto*, organizado por Corrain e Valenti, esse texto recebeu o título “Arte astratta: una poetica della spoliazione”.

¹⁸⁹ Referimo-nos ao artigo “A metamorfose de Narciso”, publicado em 1988 na revista portuguesa *Cruzeiro Semiótico*.

Assim, com base na forma como se relacionam a sintaxe e a semântica discursiva no nível mais superficial do percurso gerativo do sentido, Thürlemann (1981, p. 34-35, tradução nossa¹⁹⁰) afirma que é “[...] o investimento sucessivo, no discurso, de estruturas de espacialização (paralelamente àquelas de actorialização e de temporalização) [que] contribui para que se confira um caráter cada vez mais figurativo para finalmente chegar a produzir ilusão referencial”¹⁹¹. Por isso, a espacialização está ligada aos procedimentos de simulação do mundo natural, que em semiótica planar corresponde à perspectiva¹⁹² (THÜRLEMANN, 1981, p.34-35).

Tomando, assim, como objeto de interesse no interior do modelo greimasiano apenas a espacialização e o modo como se entremeia à organização figurativa do discurso, Thürlemann (1981, p. 35) constrói sua reflexão sobre a espacialidade dividindo-a em dois tipos: uma conformada pela figuratividade, que, comportando as categorias figurativo/abstrato, pode ser chamada de “espaço simulado”; e outra exterior à figuratividade, nomeada “topologia planar”¹⁹³. Segundo o pesquisador suíço, é no espaço simulado, pois, que se encontra a espacialidade empregada no percurso gerativo do sentido (THÜRLEMANN, 1981, p. 45).

Uma advertência, contudo, é dada pelo visualista: a dupla distinção ora proposta deve ser utilizada somente na análise de pinturas consideradas “figurativas”, isto é, pinturas que ocupam “[...] dois ‘lugares’, um no espaço simulado, outro no interior da superfície plana do quadro” (THÜRLEMANN, 1981, p. 35, tradução nossa¹⁹⁴). Esse tipo de pintura é nomeado, subsequentemente, de “poética”, uma vez que nele as figuras do mundo natural são rearticuladas por intermédio de uma organização semissimbólica, ou seja, a pintura poética relaciona categorias semânticas (antropônimos, cronônimos e topônimos) com categorias plásticas – cromáticas, eidéticas e topológicas¹⁹⁵ (THÜRLEMANN, 1981, p. 46). Para sermos

¹⁹⁰ Trecho original: “[...] l’investissement successif, dans le discours, des structures de spatialisation (parallèlement à celles d’actorialisation et de temporalisation) contribue à lui conférer un caractère de plus en plus figuratif pour arriver finalement à produire l’illusion référentielle”.

¹⁹¹ A afirmação do pesquisador está embasada em Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 212). Segundo os semioticistas, os componentes da discursivização – a actorialização, a temporalização e a espacialização – instalados na sintaxe discursiva são convertidos pelo procedimento de figurativização em antropônimos, cronônimos e topônimos na semântica discursiva à medida que os elementos do mundo natural são especificados e particularizados para se produzir ilusão referencial. Assim, quanto mais alto for o grau de reprodução do real, mais rica em características particularizantes será a figurativização, ou seja, a ilusão produzida em um texto.

¹⁹² A perspectiva é definida no *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014) como “técnica de representação tridimensional que possibilita a ilusão de espessura e profundidade das figuras”.

¹⁹³ O autor se refere à superfície enquadrada oferecida à leitura, à sua organização espacial e à grade topológica que lhe é subjacente, conforme Greimas (1984a, p. 14-15). Trata-se do espaço da pintura, que é independente da paisagem simulada.

¹⁹⁴ Trecho original: “[...] deux ‘places’, l’une dans l’espace simulé, l’autre à l’intérieur de la surface plane du tableau”.

¹⁹⁵ A categoria topológica pertencem as posições horizontal/vertical, alto/baixo, esquerda/direita, primeiro plano/plano de fundo, por exemplo.

mais específicos, a leitura semiótica da pintura alia elementos de análise pertencentes ao percurso gerativo do sentido a elementos particulares aos textos plásticos, fazendo significar a partir do sincretismo entre as linguagens figurativas (que recobrem valores e práticas socioculturais ou individuais) e plásticas, que são as chamadas relações semissimbólicas.

Embora a análise empreendida por Thürlemann (1981) em “La double spatialité en peinture: espace simulé et topologie planaire” identifique manifestações plásticas e figurativas tanto no estrato profundo quanto no nível mais superficial do discurso da pintura “Loth et ses filles”¹⁹⁶, não nos parece haver preocupação do visualista em verificar a articulação figurativa conectando os níveis do percurso gerativo. Por outro lado, ele reconhece que se encontram simultaneamente vinculadas à codificação semissimbólica da pintura poética: uma cena narrativa (mais próxima, acreditamos, de uma ilusão referencial) e estruturas abstratas que articulam o relato figurado (THÜRLEMANN, 1981, p. 46).

Em “Symbolisme conventionnel et production du symbolique” (1983), o pesquisador continua engajado em estudar a narrativa tópica em um objeto pictural, nesse caso, um desenho de Giovanni Bellini. Para tratar da significação advinda dos símbolos e da relação que eles mantêm com a narrativa tópica, retoma o entendimento da História da Arte sobre “cenas secundárias”, que nada mais são do que os motivos, que também podem ser concebidos como símbolos, ou seja, signos convencionais, conforme Thürlemann (1983, p. 37), cuja significação, como apresentado no primeiro capítulo desta tese, do ponto de vista da iconologia, está associada às práticas e às convenções sociais. O pesquisador, entretanto, semiotiza a perspectiva estética, asseverando que os símbolos podem ser lidos por meio de uma “conversão vertical”, isto é, “[...] como uma construção de conteúdos temáticos a partir de figuras manifestadas no texto” (THÜRLEMANN, 1983, p. 37, tradução nossa¹⁹⁷) e a espacialidade encontra-se vinculada a esse processo.

Levando em conta a proposição de Bertrand (1982, p. 11) de que a construção espacial, junto à organização figurativa, cruza diferentes patamares do percurso gerativo na reconstrução do sentido – preocupação não notada em “La double spatialité en peinture: espace simulé et topologie planaire” –, o visualista dá continuidade ao trabalho publicado em “La figurativité” (1981), tornando as estruturas da espacialidade de objetos plásticos operacionais à medida que as divide em “instrumentalização poética” e “instrumentalização retórica” (THÜRLEMANN, 1983, p. 38). Se em 1981, o semioticista propõe a existência de

¹⁹⁶ Essa obra do século XVI, de autor desconhecido, foi catalogada no Museu do Louvre em 1979 como “anônima” podendo ser de Anvers ou de Leyde, vilas belga e holandesa, respectivamente.

¹⁹⁷ Trecho original: “[...] comme une construction de contenus thématiques à partir de figures manifestées dans le texte”.

uma pintura poética e, além disso, que a leitura do espaço no objeto pictórico figurativo tanto pode se desenvolver no espaço simulado, quanto no tópico, em 1983, no *Bulletin* “La figurativité II”, operacionaliza “[...] as estruturas da espacialidade a serviço da produção/recepção do simbólico [...]”. Assim, atribui à espacialidade uma “instrumentalização poética”, que visa à exploração das “estruturas topológicas planares”, e uma “instrumentalização retórica”, cuja tarefa é dar conta da “espacialidade simulada”.

Evidentemente, esse trabalho nos mostra um duplo avanço: de um lado, ao aceitar a proposta de Bertrand no número 39 dos *Documents*, acompanha um espírito de época no qual a figuratividade é identificada na articulação de todos os níveis do percurso gerativo e entre eles; de outro lado, operacionaliza os arranjos figurativos que compõem a espacialidade do discurso de modo que possam ser analisadas tanto as relações semissimbólicas, na instrumentalização poética, quanto o fazer persuasivo sobre o enunciatório, na instrumentalização retórica. É dessa forma que os motivos simbólicos, conclui Thürlemann (1983, p. 38), possibilitam a uma imagem, como no caso do desenho de Bellini, deixar de ser vista como mera ilustração e ser concebida como texto com posicionamento crítico e revelador de valores pertencentes ao universo do enunciatório.

A construção do sentido mediada pelo sincretismo das linguagens, apesar de estudada por Thürlemann (1981; 1983) apenas em textos plásticos, é concebida por Greimas (1984a) também em textos verbais, como parece já ter ficado evidente. Floch (1981), de sua parte, acompanha o ponto de vista greimasiano e analisa textos ao mesmo tempo verbais e visuais, ou seja, semióticas sincréticas¹⁹⁸. Como o próprio título da comunicação nos *Documents* número 26 sugere, em “Sémiotique plastique et langage publicitaire”, o pesquisador aborda como se articulam as dimensões figurativa e plástica e o enunciado linguístico de um texto publicitário (FLOCH, 1981, p. 7), que ele não julga ser diferente da pintura figurativa – tal qual aquela a que se refere Thürlemann (1981) – ou da fotografia de moda, por exemplo.

Antes de expor as suas descobertas sobre o semissimbólico, Floch (1981, p. 22-23) esclarece que em semiótica visual são chamadas de “[...] ‘linguagens plásticas’ as linguagens visuais que manifestam uma semiótica semissimbólica”. Ele não tece mais explicações, apenas deixa uma nota de rodapé, informando a existência de uma coletânea de análises que problematiza o assunto, mas ainda não foi publicada, intitulada *Introduction aux langages*

¹⁹⁸ Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 454) nomeiam “semióticas sincréticas” aquelas em que plano de expressão é constituído “[...] com elementos ligados a várias semióticas heterogêneas, cuja existência é evidente de imediato”.

*visuels. De l'abstrait au figuratif*¹⁹⁹. Esse ponto de vista do autor, apesar de não explorado em “Sémiotique plastique et langage publicitaire” vai ao encontro do que propõe Greimas (1984a) na terceira parte de “Sémiotique figurative e sémiotique plastique” – “Pour une sémiotique plastique”.

Não obstante, outras observações do publicitário repousam nas ideias greimasianas. Floch (1981, p. 22) reconhece, assim como Greimas e Coutés (2011 [1979], p. 452-453) e Greimas (1984a, p. 21), que as linguagens semissimbólicas são caracterizadas pela conformidade entre categorias, porém considera um salto teórico a identificação, em sua análise, de que o mesmo sistema semissimbólico (junção de uma oposição de expressão e de uma oposição de conteúdo) tenha sido constituído de linguagens de manifestação diferentes – a imagem figurativa e o texto verbal. A diferença entre essas linguagens mostra-se: i) em termos de sistemas simbólicos utilizados para remeterem, direta ou indiretamente, tanto ao mundo natural quanto à língua natural, e ii) nos “materiais em que se realizam” (FLOCH, 1981, p. 23). Dito de outro modo, enquanto o plano da expressão da imagem é composto de tipos de cromatismos que se opõem a tipos de consoantes no plano da expressão do texto verbal, no plano do conteúdo, as oposições semânticas dos valores (temas) manifestados pelo anúncio publicitário são recobertas por figuras com alto grau de densidade sêmica de modo que os valores sejam apreendidos por meio de clichês (ou motivos), em outras palavras, usos estabilizados na cultura.

Em “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, Greimas (1984a, p. 21-22) também reconhece a existência de semióticas semissimbólicas que transcendem a mera conformidade entre categorias dos dois planos da linguagem (como a linguagem gestual²⁰⁰), visto que as línguas naturais, metamorfoseadas em linguagem poética, amalgamam-se a categorias prosódicas como a rima e o ritmo, entre outras, homologando categorias tanto no plano da expressão, quanto no do conteúdo; categorias que se ligam por intermédio de oposições de traços plásticos e de unidades de significado.

Igualmente, o semioticista não descarta a comparação das categorias plásticas (cromáticas, eidéticas, topológicas) integrantes do dispositivo topológico – que Thürlemann

¹⁹⁹ Esse trabalho no entanto não chega a ser publicado, como esclarece A. J. Greimas no prefácio à “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, publicado no número 60 dos *Documents* em 1984. Nesse texto, o líder intelectual do GRSL relata que ele, na verdade, é um posfácio de uma coletânea organizada por Floch, um trabalho coletivo que não chegou a ser publicado, cujo título seria *De l'abstrait au figuratif* (GREIMAS, 1984c, p. 3).

²⁰⁰ A linguagem gestual traz um exemplo clássico de homologação entre categorias semissimbólicas, como a oposição sim vs não no plano do conteúdo em conformidade com a oposição gestual horizontalidade vs verticalidade (movimento da cabeça para frente e para trás em oposição ao movimento para os lados) no plano da expressão.

prefere chamar de “topologia planar” – com as gestuais e as prosódicas, sendo estas, da mesma maneira que aquelas, suscetíveis à homologação com categorias do plano do conteúdo, não importando se o investimento semântico (o conteúdo) advém de convenções culturais ou se é universal. Para Greimas (1984a, p. 22), interessa o modo como uma relação semissimbólica opera e se estabelece no discurso. Tal assertiva torna justificada a existência de uma relação semissimbólica entre linguagens de manifestações diferentes, conforme Floch (1981, p. 23), principalmente, considerando a afirmação greimasiana de que a semiótica plástica é um tipo de semiótica semissimbólica, ou seja, podem existir outros tipos (GREIMAS, 1984a, p. 22).

Concernente à afirmação de Floch (1981, p. 24) de que o anúncio publicitário analisado por ele, de tal modo visual e figurativo, configura-se um texto “poético”, entretece-se à proposta de Thürlemann (1983) relacionada com a instrumentalização poética nas relações semissimbólicas, assim como o papel da “imagem retórica” acompanha a instrumentalização retórica que faz o enunciatário crer no enunciado enunciado.

Por outro lado há um alinhamento com Greimas (1984a), pois, de acordo com Floch (1981, p. 24), há, no anúncio, a exploração da figuratividade na dimensão visual à medida que recobre os temas, portanto, os valores intrínsecos ao discurso manifestado na forma de peça publicitária. Assim, o uso da figuratividade icônica para encobrir os valores enunciados aproximou o texto analisado pelo pesquisador dos enunciados míticos ou sagrados, uma vez que, para produzir o efeito de verdade, esse tipo de enunciado articula o discurso abstrato (valores) com o discurso figurativo, sobretudo na dimensão visual.

5.2.1.3.1. Considerações sobre o componente retórico na análise de textos plásticos

Ao se ocuparem do simbólico e do semissimbólicos em seus trabalhos, Floch (1981) e Thürlemann (1983) ancoraram alguns de seus argumentos em aspectos relacionados com a Retórica, sobre os quais tecemos breves comentários.

Em “Sémiotique plastique et langage publicitaire”, Floch (1981) reconhece a contribuição da retórica para as análises semióticas conforme a organização figurativa leva o enunciatário a crer no que é enunciado pela imagem. De sua parte, a eficácia da comunicação de um conceito (no sentido de valor, estilo de vida) é assegurada por uma dimensão ‘retórica’, embora ela não esteja na origem do sentido ou tenha construído o conceito. Segundo o

semioticista, “a retórica da imagem²⁰¹ somente intervém no momento em que o ‘conceito’ se torna figurativo” (FLOCH, 1981, p. 20, tradução nossa²⁰²). O pensamento flochiano, dessa forma, vai ao encontro do que defendem retóricos como Reboul (2004 [1991], p. 85), isto é, que “a imagem é retórica a serviço do discurso, não em seu lugar”.

Entendamos, aqui, que Floch (1981, p. 20, tradução nossa²⁰³) se refere à dimensão retórica na medida em que está relacionada com o isolamento do “[...] tipo de relação entre expressão e conteúdo colocado em jogo na produção do sentido do anúncio [...]” analisado no artigo, propósito do estudo por ele empreendido. Dessarte, se a retórica enxerga que não é característico da imagem produzir argumentação, mas, sim, amplificar o éthos (caráter do orador) e o pathos (emoções que o orador suscita) por meio de conotações (REBOUL, 2004 [1991], p. 83-84), para o semioticista, a imagem é um produto da enunciação, ou seja, é a manifestação de um discurso cujo universo semântico comporta crenças e valores, pois o discurso é construído pelos arranjos figurativos que, por sua vez, tornam possível a manipulação do enunciatário. Em outros termos, o enunciatário somente é levado a crer nos valores que a imagem enuncia após o reconhecimento e a apreensão de elementos do mundo natural e do discurso nesse texto, operação realizada pela figuratividade.

Se retornarmos a Thürlemann (1983, p. 38), o tratamento da instrumentalização retórica das estruturas da espacialidade à medida que se dá a produção/recepção do simbólico está amparado na afirmação de Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 368) de que a “[...] persuasão que procura provocar o fazer do outro, o fazer persuasivo inscreve seus programas modais no quadro das estruturas da manipulação”. Desse modo, “[...] a persuasão

²⁰¹ De acordo com Olivier Reboul (2004 [1991], p. 83) a expressão “retórica da imagem” tem origem barthesiana, mais precisamente em artigo publicado na revista *Communications* em 1964 em que o semiólogo analisa um cartaz publicitário de massas da marca *Panzani*. Todavia, do ponto de vista do retor, “[...] Barthes faz mais semiótica que retórica”. Em 1981, Jean-Marie Floch (1981, p. 20) menciona o mesmo artigo de Barthes ao se referir à retórica da imagem, no entanto, para esclarecer que a abordagem metodológica de seu estudo difere da barthesiana. Isso, porque Barthes (1964) não só realiza uma leitura da imagem da propaganda separada dos componentes verbais, como também defende que na relação entre imagem literal (denotada) e imagem simbólica (conotada), a retórica da imagem, que corresponde ao conjunto de significantes (conotadores) de um mesmo significado (sentido denotado), comporta um caráter, ao mesmo tempo, geral e específico: geral, porque as figuras de retórica apenas interessam no que tange às “relações formais de elementos”; específico, pois a classificação dos conotadores da imagem está subordinada somente à visualidade (diferindo, nesse caso, “das imposições fonadoras” características da linguagem verbal). Para Floch (1981, p. 21), na análise de um texto publicitário, componentes visuais e verbais complementam-se. Assim, se o material visual da publicidade e o material sonoro da linguagem verbal desse mesmo texto, que é sincrético, manifestam a mesma forma de expressão (segundo sua análise) à medida que os valores transmitidos (conteúdo) – como a iniciativa da parada para fumar um cigarro “News” em meio a uma vida social agitada – são figurativizados, passando a constituir o processo persuasivo, não há motivo para considerar uma leitura da imagem apenas do ponto de vista visual, muito menos considerar as figuras enquanto figuras de retórica e somente da perspectiva do modo como se relacionariam (relações metonímicas, metafóricas, etc., por exemplo), conforme propõe Barthes (1964, p. 49-50).

²⁰² Trecho original: “La rhétorique de l’image n’intervient qu’au moment où le ‘concept’ devient figuratif”.

²⁰³ Trecho original: “[...] type de rapport entre l’expression et le contenu mis en jeu dans la production du sens de l’annonce [...]”.

manipuladora só pode montar seus procedimentos e seus simulacros como estruturas de manifestação, destinadas a afetar o enunciatário no seu ser, isto é, na sua imanência”, concluem. Diante disso, podemos afirmar que ao defender que a instrumentalização retórica foca o fazer persuasivo operado na espacialidade simulada, aquela que é conformada pela figuratividade, o ponto de vista do semiótico suíço coloca em convergência os estudos semióticos, estéticos e retóricos sobre o figurativo.

A opção de Thürlemann (1983) de nomear a manipulação da competência do enunciatário de instrumentalização retórica estabelece uma relação interdiscursiva com outros trabalhos que também enxergam a contribuição da retórica para o estudo da figuratividade – Floch (1981), por exemplo –, demonstrando não ser possível desconsiderar, conforme primeiro capítulo desta tese, que não é apenas à teoria estética que interessa o papel das figuras na construção do sentido. As figuras também são caras à retórica e o desenvolvimento do projeto semiótico greimasiano leva esse fato em consideração.

5.2.2. A busca por uma teoria geral da figuratividade: a operacionalidade da organização figurativa se entrama ao percurso greimasiano

Os artigos científicos analisados até o momento esforçaram-se em apresentar várias proposições teóricas da semiótica ao estudo da figuratividade – aspectos constitutivos das organizações figurativas, relação com outros conceitos cuja funcionalidade a ela é inerente, operacionalidade do conceito no percurso gerativo do sentido –, porém exploradas em torno de uma semiótica que se ocupa, em maior ou menor medida, da plasticidade do discurso. A partir de agora, sem desfazermos os laços com os estudos resultantes da busca pela leitura dos objetos plásticos, ou de objetos dotados de elementos que remetem ao visual, procedemos à verificação de propostas e debates teóricos que remetem à preocupação com aspectos da constituição da figura e com a forma como a figuratividade articula os níveis fundamental, narrativo e discursivo ao mesmo tempo em que se engendra neles. Aparentemente, uma busca mais inquieta do que a dos pesquisadores mais atentos à plasticidade e às qualidades sensíveis do texto, cujos trabalhos se harmonizam e se conformam uns aos outros. Deste outro lado, discursos de discordância alternam-se com discursos de complementação e afinidade teórica, como vemos nas próximas seções.

5.2.2.1. A crítica de Jacques Geninascas à perspectiva greimasiana sobre a operacionalidade da figura

A inquietação dos semioticistas em relação à figuratividade nos início dos anos 1980 pode ser notada, ainda em “La figurativité”, mais especificamente na abordagem do figurativo realizada por Jacques Geninasca (1981a, p. 5) nesse primeiro *Bulletin* sobre a figuratividade, que emerge da urgência dos analistas que se ocupam de textos literários em elaborar uma teoria do figurativo inerente ao dispositivo geral da semiótica, assim como da necessidade dos semioticistas identificarem o lugar de articulação da significação a outra, ou seja, o modo como ocorre a passagem de um nível ao outro no percurso gerativo do sentido, visto já haver consenso acerca da organização do plano do conteúdo ser anterior à textualização em níveis. É um momento, esclarece, de formalização de procedimentos de análise e de busca por respostas sobre como as grandezas pertencentes a cada instância do percurso gerativo se relacionam.

Pensando na operacionalidade das conversões das estruturas fundamentais até as de superfície, o estudo do analista sobre o papel da figuratividade no modelo de investigação semiótico parte da existência, no discurso, de uma rede de relações mútuas entre as figuras. Dito de outro modo, as figuras não existem isoladamente. Elas relacionam-se semanticamente com outras figuras por hipotaxe²⁰⁴ ou por hiperotaxe²⁰⁵ em uma relação metonímica na qual tanto podem pertencer a uma totalidade, como, ao contrário, podem ser partes de um todo de sentido; porém, nos dois casos, as figuras são articuladas de modo a constituir uma isotopia figurativa (GENINASCA, 1981a, p. 5-10).

Geninasca (1981a, p. 13) procura esclarecer nesse estudo que cada discurso é dotado de um conjunto significante particular, ou seja, possui um estatuto semântico ali definido e assumido pelas figuras que se articulam semanticamente em organizações discursivas responsáveis pela formação de redes isotópicas, cada qual constituinte de uma totalidade de sentido. Sendo assim, o reconhecimento e a construção de isotopias figurativas requerem um saber prático, voltado para a inteligibilidade à medida que transmite informações do mundo. Não obstante, a organização figurativa também pode explorar os saberes do enunciatário do

²⁰⁴ Conforme Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 244-245) a relação hipotática ocorre quando dois termos de mesma categoria semântica estão hierarquicamente “situados sobre dois patamares diferentes de derivação”. É, nesse sentido, compatível com a relação de subordinação. Citamos como exemplo a relação entre os lexemas “automóvel” (específico) e “veículo” (geral); automóvel (todo) e buzina (parte).

²⁰⁵ Sobre a relação hiperotática, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 244-245) esclarecem que concerne à indicação das “[...] posições formais dos termos anteriormente a qualquer investimento semântico”. Dito de outro modo, a hiperotaxe corresponde ao qualificativo hiperônimo – manifestação de uma categoria pressuposta a um termo sêmico. A título de exemplo, existe hiperotaxe na pressuposição lógica de termos opostos no quadrado semiótico, ou seja, quando, mesmo o discurso explicitando apenas um valor, fica pressuposto, na instância mais profunda do percurso gerativo, a presença do valor oposto, não importando se pertencente à dêixis negativa ou positiva.

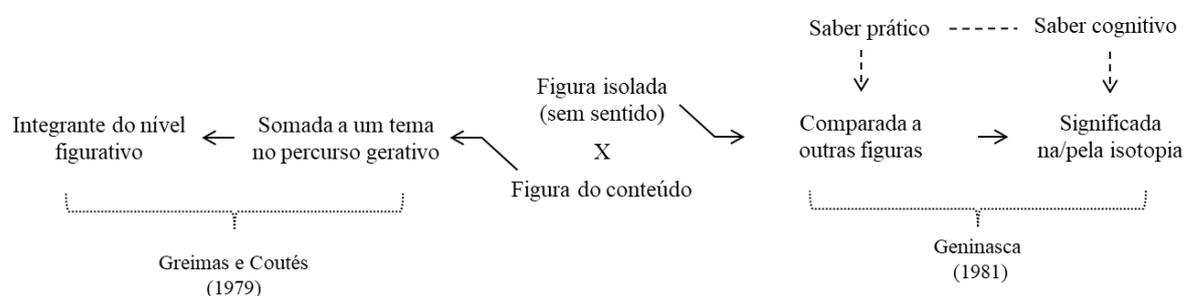
ponto de vista da apreensão, pertencente à dimensão cognitiva, fazendo com que as figuras assumam o papel de formantes do significante discursivo, caso do discurso mítico.

O pesquisador também deixa claro, em “Place du figuratif”, que seu posicionamento sobre a operacionalidade da figura no discurso difere do ponto de vista de Greimas e Courtés (2011 [1979]), como demonstram suas palavras:

Uma discrepância notável aparece assim entre a *figura* que se busca aqui esboçar o modelo e aquela da qual o dicionário de A.J. Greimas e J. Courtés propõem a definição: a primeira pode “figurativizar” a segunda, da mesma maneira que está em condições de revestir [...] articulações sintáticas. (GENINASCA, 1981a, p. 14, grifo do autor, tradução nossa²⁰⁶).

Para compreendermos melhor em que consiste essa divergência entre Geninasca (1981a) e os autores do *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), precisamos, primeiro, rever o que estes últimos definem ser a figura. Para eles, reserva-se “[...] esse termo somente às figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural), assim, a *figura nuclear* só recobre a parte figurativa do semema, excluindo os semas contextuais recorrentes (ou classemas)” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 209, grifos dos autores). Essas figuras do conteúdo, ao se instalarem no percurso gerativo, unem-se aos temas (valores atualizados do discurso), tornando-se parte do nível figurativo do discurso, esclarecem Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209). Diante dessas duas perspectivas, elaboramos um esquema a fim de ilustrar a operacionalidade da figura para os pesquisadores:

Figura 16 – Operacionalidade da figura da perspectiva de Greimas e Courtés (1979) e Geninasca (1981a)



Fonte: autora.

Quanto à narratividade do discurso, em consonância com Greimas e Courtés (2011 [1979]), Geninasca (1981a, p. 15) afirma que é composta de relações entre termos de

²⁰⁶ Trecho original: “Un décalage remarquable se desine donc entre la *figure* dont on cherche ici à esquisser le modèle et celle dont le dictionnaire d’A.J. Greimas et J. Courtés propose la définition: la première peut ‘figurativiser’ la seconde, au même titre qu’elle est en mesure de recouvrir [...] des articulations syntaxiques.”.

diferentes categorias, responsáveis pela instauração dos sujeitos, pela atribuição de competência modal, pela manipulação, enfim, por assegurar as transformações discursivas. Além disso, a articulação das figuras promove a interligação das estruturas hierarquizadas, conferindo inteligibilidade ao texto.

Entretantes, cabe assinalar outro comentário que, da nossa perspectiva, confronta as ideias dos autores do *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]). Para Geninasca (1981a, p. 7), os autores não reconhecem a necessidade de definir, ao mesmo tempo, as grandezas figurativas e as categorias figurativas que abrigam oposições de figuras nas organizações paradigmáticas. Ele retoma a afirmação de Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209) de que as categorias figurativas resultam da decomposição das figuras semióticas em unidades simples – semas (traços distintivos do plano do conteúdo) e femas (traços distintivos do plano da expressão) – para demonstrar que a identificação, no discurso, do modo de existência e da função das figuras semióticas e das figuras nucleares dos sememas não é semelhante.

Da perspectiva do semioticista italiano, nesse momento de construção teórica, faltam à metodologia semiótica elementos de análise capazes de identificar com precisão os semas responsáveis por atribuir investimento semântico (valor dado) às figuras semióticas para serem reconhecidas pelo enunciatário como tal – conforme Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 211) na entrada “figurativização” –, assim como acontece com a figura nuclear do lexema “cabeça” em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]). Nas palavras de Geninasca (1981a, p. 8, tradução nossa²⁰⁷), “os autores não precisam a natureza do investimento semântico que assegura o reconhecimento de uma figura”, haja vista o exemplo dado na acepção “figurativização” (o lexema “automóvel” como figura do valor “poder”).

Para o semioticista, reconhecer “automóvel” como figura englobante não atende ao critério de que deve haver correspondência entre uma figura e um conjunto de invariantes sêmicas pertencentes a dada categoria figurativa. Isso quer dizer que uma invariante sêmica de uma categoria figurativa deveria ter sido atribuída à figura automóvel, esclarece o pesquisador. Além disso, enquanto as categorias figurativas são limitadas, inversamente, a quantidade de figuras do mundo não é. Por isso, os sememas podem ser compatíveis com mais de uma figura – a invariante esfericidade da figura nuclear cabeça possibilita recobrir o lexema “maçã”, por exemplo. Quanto ao reconhecimento das figuras pelo enunciatário, cabe às oposições das figuras conduzi-lo à seleção das categorias sêmicas relevantes pertencentes ao discurso (GENINASCA, 1981a, p. 8).

²⁰⁷ Trecho original: “Les auteurs ne précisent pas la nature de l’investissement sémantique qui assure la reconnaissance d’une figure”.

Outra revisão do pensamento greimasiano realizada por Geninasca (1981a, p. 9) diz respeito às grandezas figurativas – mais especificamente aos traços figurativos (predicados²⁰⁸). Para construir sua argumentação, o pesquisador cita três falas de Greimas (e Courtés, no caso do *Dicionário*) em três obras diferentes e em anos de publicação (momentos de reflexão teórica) diferentes. O primeiro posicionamento teórico é encontrado em *Semântica Estrutural*, em seção intitulada “O lexema: uma constelação estilística” do capítulo “A significação manifestada”:

A primeira definição, fundamental, da qual derivam todas as outras e todos os outros “sentidos” da palavra, dada por Littré de *tête* é sua representação como “parte (do corpo)... unida ao corpo pelo pescoço...” Essa **definição**, como se vê, é “realista” e **se refere à imagem não linguística do corpo**. (GREIMAS, 1973 [1966], p. 58, grifo do autor, grifos nossos).

No artigo “Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor”²⁰⁹, após explicitar os três requisitos necessários à definição do lexema “automóvel” – um componente configurativo, um táxico e um funcional –, o mestre lituano assevera que:

Como objeto linguístico que é, o lexema surge assim como um conjunto de virtualidades cuja organização interna – se existir uma – não é absolutamente evidente, **virtualidades cujas realizações eventuais são precisadas apenas em razão dos percursos sintáticos que se constituem no momento da manifestação discursiva**. (GREIMAS, 2014 [1980], p. 34, grifos nossos²¹⁰).

No *Dicionário de semiótica*, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 443, grifos nossos), ao comentarem o modelo de análise sêmica inaugurado por B. Pottier sobre a taxionomia dos assentos, afirmam: “[...] os critérios escolhidos para delimitar uma subclasse formada de lexemas são pouco seguros e muitas vezes intuitivos [...] e **a natureza dos semas** [...], que estabelecem as distinções necessárias, **causa problemas**”.

Geninasca (1981a, p. 9-10) observa, nas obras mencionadas, o que considera ser uma abertura de ponto de vista sobre a natureza dos predicados. Da sua perspectiva, se em 1966 o estatuto linguístico é negado aos predicados, em 1973 mostra-se “[...] relativamente cético a respeito das ambições e das possibilidades da lexicografia [...]”, e em 1979, os autores do *Dicionário* já não parecem tão certos das convicções anteriores – “colocam [o estatuto

²⁰⁸ Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 382) concebem “[...] o predicado como relação constitutiva do enunciado, isto é, como uma função, cujos termos-resultantes são os actantes [...]”.

²⁰⁹ Esse artigo foi publicado originalmente no número 31 da revista *Langages*, em 1973, com o título “Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur”, e republicado em *Du sens II*, em 1980, cuja versão traduzida para a língua portuguesa, *Sobre o sentido II*, realizada por Dilson Ferreira da Cruz, veio a público em 2014.

²¹⁰ Reproduzimos, aqui, o texto traduzido por Dilson Ferreira da Cruz.

linguístico] em dúvida”, diz. Diante disso, problematiza a questão levantando a possibilidade de os predicados não linguísticos mais que favorecerem o referente, levarem a semiótica a “assumir o uso e a história” em suas análises. Nas palavras do pesquisador,

Ponto de encontro do sujeito e do não sujeito, submetido ao relativismo cultural e histórico, as figuras testemunham o esforço constantemente assumido pelo homem para criar o universo de sua ação. Elas não são as coisas, menos ainda são o simulacro das coisas que lhes são preexistentes. As grandezas figurativas correspondem à maneira pela qual um sujeito competente – capaz, entre outras coisas, de constituir totalidades discretas – dá para si objetos para pensar ou manipular. (GENINASCA, 1981a, p. 10, tradução nossa²¹¹).

Destarte, toda a problematização em torno da natureza não linguística do predicado conduz à defesa, pelo semioticista, de que as figuras não são convocadas para figurativizar dado conteúdo. Ao contrário, virtualizadas, seja por serem inéditas, seja porque já foram realizadas em discursos anteriores, elas estão disponíveis para o recebimento de um investimento semântico pelo discurso “[...] cuja limitação depende de restrições biológicas e históricas, ligadas à dupla inscrição do sujeito enunciador, paciente e agente, no espaço físico do mundo e cultural da sociedade” (GENINASCA, 1981a, p. 14), posicionamento teórico que repercute no trabalho de Peter Frölicher (1981). Em outras palavras, do ponto de vista geninasquiano, ao final dessa comunicação, é de que o investimento semântico recebido pelas figuras é regulado pelas limitações impostas tanto pela natureza, quanto pela cultura a que o sujeito que enuncia pertence.

5.2.2.2. A relação sintagmática e paradigmática dos arranjos figurativos nos e entre os três níveis do percurso gerativo do sentido

Dois anos mais tarde, em meio aos debates sobre a figuratividade retomados nos Seminários de 1982-1983, Geninasca (1983) publica “Figures, passions et discours: a métalecture pictural dans un texte de Diderot” no *Bulletin* número 26, segundo tomo de “La figurativité”. Nesse momento de construção teórica, todavia, o discurso do pesquisador não se constrói a partir de contestações teóricas. Tampouco colabora com o grupo através de um trabalho epistemológico. Geninasca (1983, p. 27-30), dessa vez, examina uma crítica de arte

²¹¹ Trecho original: “Lieu de rencontre du sujet et du non-sujet, soumises au relativisme culturel et historique, les figures portent témoignage de l’effort sans cesse repris de l’homme pour créer l’univers de son action. Elles ne sont pas les choses, et pas davantage le simulacre de choses qui leur préexisteraient. Les grandeurs figuratives correspondent à la manière dont un sujet compétent – capable, entre autres, de constituer des totalités discretas – se donne des objets à penser ou à manipuler”.

realizada por Denis Diderot a um quadro de Jean-Baptiste-Henri Deshayes que, por meio de uma cena de sedução, atribui valor positivo ao seu próprio poder-fazer sedutor.

Do ponto de vista de Geninasca (1983, p. 27-28), a crítica de Diderot se constitui como a articulação de dois tipos de textos, um literário e persuasivo, e outro pictural e sedutor. Ademais, a apreensão da crítica de arte do filósofo iluminista repousa sobre uma estética que amalgama a apreensão figurativa do quadro (valorização ética) e a apreensão perceptiva pressuposta à figurativização (valorização estética), de modo que a relação indissociável dessas apreensões configure a homologação de uma relação semissimbólica.

Nesse sentido, a organização das figuras a fim de dar forma ao julgamento estético revela uma oposição polêmica de dois discursos, individual – crítica realizada por Diderot – e social – imbricação do discurso religioso mantido pela Igreja e do discurso profano, portanto, amoral e mundano – que integram valorizações tímicas e predicativas. Enquanto o discurso religioso refuta a sedução, o discurso profano, paradoxalmente, aceita a cena representada no quadro, mas não reconhece a relação indissociável entre a técnica e a apreensão estética da pintura, que é a representação. Diante disso, o discurso individual é o único capaz de reunir uma comunicação intersubjetiva e de propor uma estética verdadeira, pois inseparável da ética, assevera Geninasca (1983, p. 28-30).

A contribuição de Jacques Geninasca (1983) para o estudo do figurativo nesse trabalho está, dessa maneira, voltada para o modo como as figuras articulam a semântica fundamental e a sintaxe narrativa para a proposição de uma estética verdadeira em um discurso individual na discursivização da enunciação enunciada. Desse modo, demonstra concordância com o grupo parisiense em integrar a figuratividade a todo o percurso gerativo, haja vista reconhecer os arranjos figurativos em todos os seus níveis e articulação dos arranjos interligando esses níveis, a exemplo, entre outros, de Joseph Courtés.

Em “La figurativité II”, no artigo “Figuras, código figurativo e simbolização”, Joseph Courtés (1983, p. 44-47) apresenta resumidamente o resultado de sua tese recém-defendida. Assim, tendo em vista a análise de contos maravilhosos, reconhece na relativa independência de recorrências figurativas nas estruturas sintáticas dos níveis semionarrativos e discursivos, tanto relações sintagmáticas entre as figuras, quanto paradigmáticas. Essas relações formam um “código mítico” à medida que são organizadas e (re)apreendidas, configurando-se como “axes semânticas” possíveis de serem significadas fora dos contos-ocorrência, pois são reconhecidas como universos socioculturais subjacentes a esses contos, manifestados pelo viés dos motivos. Nesse sentido, as axes são equivalentes a códigos figurativos, o mesmo que um nível figurativo profundo, portanto, anterior às figuras concretas da manifestação,

reposicionando “[...] o figurativo na economia geral das formas estruturantes do discurso” (COURTÉS, 1983, p. 45, tradução nossa²¹²).

Assim, conforme a semântica fundamental (que comporta os valores virtualizados) une-se à semântica narrativa, uma tematização narrativa liga-se a uma tematização discursiva (que comporta procedimentos sintáticos de actorialização, espacialização e tematização). Por fim, uma vez que o figurativo recobre os temas, também é possível identificar dois níveis na semântica figurativa: uma “figuração narrativa” – que ao lado da tematização narrativa constituiria a semântica narrativa –, correlacionada a uma “figuração discursiva” – que corresponde à tematização discursiva na semântica discursiva. Ele conclui essa ideia sugerindo que não quer forçar essa correlação entre os estratos semionarrativo e discursivo do percurso, mas não dá para não reconhecer uma organização paradigmática que subjaz as figuras em um discurso que “[...] se estabelece verdadeiramente em níveis diferentes, hierarquicamente ligados uns aos outros” (COURTÉS, 1983, p. 46, tradução nossa)²¹³.

No mesmo *Bulletin*, em consonância com Thürlemann (1983) e Floch (1981), James Sacré (1983, p. 31-34) estabelece um diálogo com a retórica em vias de colaborar com a construção da teoria do figurativo, ao mesmo tempo em que lança mão do conceito de motivo à medida que realiza o exame de um objeto verbal. Diferentemente de Thürlemann (1983), entretanto, o pesquisador não resgata a origem estética do motivo, ele se apoia diretamente na pesquisa de doutoramento de Joseph Courtés que reclama o motivo em análises de textos literários, mais especificamente de contos maravilhosos²¹⁴, construindo o que Sacré (1983, p. 31) denomina ser uma “base essencial e sólida” para compreender a função dos motivos na composição sintática da linguagem. Por outro lado, tal qual Thürlemann (1983), o autor de “Du motif a la rhétorique et vice versa” aproxima sua investigação da retórica, relacionando essa disciplina com o revestimento temático-figurativo do motivo no discurso. Assim, ao longo do texto, o pesquisador busca comprovar a hipótese de que embora o motivo esteja ligado a um componente sintático, assim como propõe Courtés (1983), ele também se junta a outro componente da linguagem, o componente retórico (SACRÉ, 1983, p. 31).

Consoante Sacré (1983, p. 31-33), em um texto literário, um motivo pode, no nível da expressão, ser identificado por uma figura de retórica como a repetição, exemplifica. Esse mesmo motivo recobre vários classemas que lhe possibilitam, por intermédio de

²¹² Trecho original: “[...] le figuratif dans l’économie générale des formes structurantes du discours”.

²¹³ Trecho original: “[...] niveaux différents, hiérarchiquement liés les uns aux autres”.

²¹⁴ O pesquisador se refere à tese e doutorado do semiótico, *Le motif en ethnolettérature: essai d’anthropologie sémiotique*, defendida em 1983 na Université de Paris III, publicada em 1986 com o título *Le conte populaire: poétique et mythologie*. Nesse trabalho, o motivo é descrito por Courtés (1986) como isotopia figurativa organizada de maneira complexa no discurso.

procedimentos metafóricos sucessivos ou simultâneos –, passar por um conjunto de transformações ao longo da narrativa, chamado de “jogo retórico”, que nada mais seria do que um motivo primeiro ser designado outro enquanto esse outro toma para si contornos do motivo primeiro. Em razão desse jogo, conforme a dimensão retórica se intrinca à narratividade, o motivo é articulado de modo que o componente semântico da linguagem entrelace os componentes sintático e retórico. Isso significa, do ponto de vista do pesquisador, que o motivo ligado ao componente sintático é um conjunto de figuras que se movimenta nos e entre os níveis do percurso gerativo, em conformidade com a proposta courtesiana, mas, ao contrário do que defende Courtés (1983), a mobilidade do motivo se deve à sua articulação pelo componente retórico.

A conclusão de James Sacré (1983, p. 34), nesse sentido, é de que a construção temática e figurativa ocorre por meio da retorização que integra o componente semântico da linguagem ao mesmo tempo em que é organizado pelo componente sintático. A retorização, de sua perspectiva, acontece em todos os estratos do percurso gerativo. No nível profundo, uma retórica fundamental, paralelamente a uma sintaxe e uma semântica fundamentais, é responsável pela aproximação dos polos no quadrado semiótico, dando origem à metáfora. Da mesma forma, a presença de semas de s_1 em s_2 produz a ironia (no caso, considerando a análise de um texto de Rabelais). No nível semionarrativo, uma retórica de superfície está ligada à transformação (relações de semelhança, oposição, proximidade, ironia, exemplifica) enquanto, no nível discursivo, junto à discursivação, lugar da tematização e da figurativização, a retorização convoca a atuação das figuras de retórica.

No quadro a seguir, ilustramos as perspectivas de Sacré (1983) e Courtés (1983) acerca da operacionalidade das recorrências figurativas no percurso gerativo do sentido:

Quadro 22 – Operacionalidade das recorrências figurativas no percurso gerativo do sentido

		SACRÉ	COURTÉS	
			<i>Relações Paradigmáticas</i>	
NÍVEL DISCURSIVO	Semântica	<i>Retorização:</i> Tematização + Figurativização	Tematização + Figurativização (atualização dos valores) ↑	<i>Relações Sintagmáticas</i>
	Sintaxe	(figuras de retórica – estilística)	-----> Recorrências figurativas (isotopias)	
NÍVEL NARRATIVO	Semântica	<i>Retórica de superfície:</i> Transformações (relações de semelhança, oposição, proximidade, ironia, etc.)	Tematização + Figurativização (atualização dos valores) ↑	
	Sintaxe		-----> Recorrências figurativas (isotopias)	
NÍVEL FUNDAMENTAL	Semântica	<i>Retórica fundamental:</i> Aproximação dos polos do quadrado semiótico	Valores virtualizados	
	Sintaxe	(metaforização)		

Fonte: autora.

Como mostra o quadro, Sacré (1983) reconstrói o percurso gerativo do sentido, acrescentando-lhe o componente retórico, ou, como nos parece, retoricizando a semiótica. Lembramos, nesse caso, que Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 421) consideram pertinente a exploração de alguns elementos da retórica pela semiótica, chegando a elencar, no *Dicionário*, as dificuldades enfrentadas na construção do projeto semiótico que poderiam receber uma

contribuição daquela disciplina. Entre as preocupações em vigor no final dos anos 1970, destacam a tematização dos valores na semântica fundamental e a descrição do componente estilístico do discurso. Parece ser nesse sentido que Sacré (1983) realiza o estudo voltado para as organizações figurativas e a forma como são articuladas no discurso também pelo componente retórico da linguagem.

A respeito da metaforização, procedimento reclamado na proposta de Sacré (1983), como mostra o quadro, e que também chamou a atenção de Roman Jakobson ao tratar da função poética, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 306) destacam o seu aspecto paradigmático à medida que substituem um indivíduo semiótico por outro. De acordo com os semioticistas, “[...] todos os sememas de uma língua, que possuem pelo menos um sema em comum (ou idêntico), constituem virtualmente um paradigma de termos substituíveis [...]”, condição para a iteratividade de semas constituir uma isotopia. Em outras palavras, figuras com investimentos semânticos constituídos de semas comuns são intercambiáveis, o que possibilita aos semas reaparecerem, nível após nível, revestidos de traços figurativos diferentes. De qualquer modo, seja Courtés (1983), seja Sacré (1983), ambos concordam que a figuratividade se distribui por todos os níveis do percurso gerativo do sentido e entre eles, entrelaçando-os, assim como também sustenta Françoise Bastide (1983).

Em “Figurativité et representation”, também publicado em “La figurativité II”, Bastide (1983) analisa um texto científico, apresentando uma reflexão sobre o modo como a figuratividade opera em textos experimentais. De acordo com a semiótica, em razão de seu caráter argumentativo, o discurso científico costuma ser considerado não figurativo pelo senso comum. Entretanto, os artigos científicos das ditas ciências experimentais utilizam figuras para demonstrar de forma prática e concreta os experimentos realizados, haja vista que concerne ao figurativo estabelecer a correspondência de dado conteúdo, no nível da expressão, a elementos reconhecíveis no mundo natural – cultura do enunciatário (leitor). Assim sendo, a figuratividade no texto científico é, de certa maneira, “[...] *socioletal*, limitada à microcultura dos especialistas de um mesmo domínio [...]” (BASTIDE, 1983, p. 16-17, tradução nossa²¹⁵, grifo da autora) e o enunciatário que não pertence a essa cultura, com sorte, reconhecerá uma conceitualização. Essa observação de que a figuratividade é socioletal leva a pesquisadora a colocar uma restrição à operacionalidade da figura: ela “[...] é um elemento do mundo *reconhecível* somente em um discurso particular” (BASTIDE, 1983, p. 16-17, tradução nossa²¹⁶, grifo da autora).

²¹⁵ Trecho original: “[...] *sociolectale*, limitée à la micro-culture des spécialistes d’un même domaine [...]”.

²¹⁶ Trecho original: “[...] est un élément du monde qui n’est *reconnaisable* que dans un discours particulier”.

Como à atuação da figuratividade no nível superficial (realização dos procedimentos de discursivização), precedem as transformações narrativas (as relações de junção) e a interpretação dos valores nas operações lógicas e abstratas das estruturas profundas, a figura é definida verticalmente no discurso, na oposição entre o concreto e o abstrato, entre o preciso e o vago, entre o geral e o particular. Nesse sentido, é a figura que designa um objeto, sendo ele a representação de um valor que aparece de forma abstrata em uma das dêixis no nível profundo. Horizontalmente, a figuratividade se encontra nas recorrências (isotopias temático-figurativas) inerentes ao percurso figurativo.

A contribuição desse estudo para a economia geral da semiótica discursiva está em ver a figuratividade além do nível discursivo e, ainda, operando não somente em textos literários, a exemplo de Bertrand (1982; 1983b), Floch (1979) e Courtés (1983), ou em textos sincréticos, conforme Floch (1981), até mesmo em textos visuais, como Thürlemann (1981; 1983) e Silva (1980; 1987), mas também em textos científicos. Definindo “[...] a figuratividade como uma exploração de elementos do plano de expressão do mundo natural selecionados por investimento de valores axiológicos profundos, e integrados ao nível discursivo nas redes isotópicas [...]”, Bastide (1983, p. 19, tradução nossa²¹⁷) comprova que os textos científicos também são figurativos. No caso dos textos de ciências experimentais, chegam a ser muito repetitivos no nível discursivo à medida que buscam expor os valores axiológicos que carregam; repetição necessária às conversões do nível profundo ao discursivo no interior do componente semântico, e às “[...] equivalências entre os percursos figurativos isotópos da composição sintática e as figuras da composição semântica no nível discursivo” (BASTIDE, 1983, p. 20, tradução nossa²¹⁸). Essa, entretanto, não é a única contribuição da pesquisadora à teoria da figuratividade, nem a primeira vez que a semiótica problematiza a crença do senso comum de que textos científicos são, sobretudo, abstratos.

Em “La figurativité” (1981), a pesquisadora analisa um texto científico preocupada com a existência de organização figurativa em textos não literários. Intitulado “Le sentier et la cascade, deux figures ‘spontanément’ aspectualisées”, o artigo de Françoise Bastide (1981, p. 16) explora as figuras mais abstratas do discurso, analisando a organização figurativa em um texto experimental que examina um fenômeno bioquímico. Diante desse corpus, ainda no início de sua comunicação, a semiótica apresenta a hipótese de trabalho que sustenta a sua

²¹⁷ Trecho original: “[...] la figurativité comme une exploitation des éléments du plan de l’expression du monde naturel sélectionnés par l’investissement des valeurs axiologiques profondes, et intégrés au niveau discursif dans des réseaux isotopes [...]”

²¹⁸ Trecho original: “[...] équivalences entre les parcours figuratifs isotopes de la composante syntaxique et les figures de la composant sémantique au niveau discursif”.

pesquisa: se a distinção entre abstrato e figurativo está no primeiro “poder formar o espírito” e o segundo representar os objetos e os fenômenos reconhecíveis no mundo natural, não tem como um texto experimental cujo objetivo é descrever o mundo natural conter figuras que não representem esse mundo.

Ao longo do texto, a pesquisadora busca demonstrar de que modo a figuratividade possibilita a comunicação científica, tendo em vista a relação entre o abstrato e o figurativo na descrição de dois fenômenos bioquímicos encontrados no mundo natural, denominados “caminho” (*sentier*) e “cascata” (*cascade*), que Bastide (1981, p. 17, tradução nossa²¹⁹) considera “[...] representações metafóricas do fenômeno que é descrito [...]”, uma vez que o próprio texto científico mostra que o que flui nessa cascata não é água. Esses fenômenos regulam a comunicação intracelular da proteína quinase e são figurativizados tendo em vista o convencimento do leitor de que existem e de como acontecem.

A figura utilizada para descrever o fenômeno reproduz o percurso do observador, da origem ao alvo do fenômeno e vice-versa, ao mesmo tempo em que o descreve. Além disso, para convencer o leitor, o observador (autor da comunicação) se vê na condição de reproduzir o processo de investigação para mostrar que está mesmo convencido de sua descoberta (BASTIDE, 1981, p. 25-26). A questão do efeito de sentido produzido pelo informante e reconhecido pelo observador também interessa a Fontanille (1983) que fundamenta sua pesquisa sobre a figuratividade no papel do referente na produção de sentido, assim como Rastier (1983), Bertrand (1983b) e Frölicher (1981).

5.2.2.3. Os efeitos de sentido de verdade e/ou realidade do discurso: apontamentos sobre a ilusão/impressão referencial

No *Bulletin* número 20, de 1981, Peter Frölicher (1981) deixa de lado os textos que simulam a realidade e defende que os discursos simultaneamente poéticos e figurativos colocam figuras do mundo natural em cena sem produzir ilusão referencial ou destruir uma ilusão criada. Fazendo eco a Jacques Geninasca (1981a, p. 13-14), para quem as figuras não são interpretáveis, portanto, não convocáveis a figurativizar um conteúdo, uma vez que seu conteúdo se realiza no universo sociocultural do enunciatário, Frölicher (1981, p. 27-28) argumenta que as figuras conduzem conteúdos abstratos, ou seja, exprimem os investimentos sêmicos que recebem, e o seu papel no percurso gerativo é garantir a coerência narrativa.

²¹⁹ Trecho original: “[...] représentation métaphoriques du phénomène qui est décrit [...]”.

Como ele não as considera representações do mundo (natural), também as desresponsabiliza de produzir ilusão referencial na superfície discursiva, como demonstram as suas palavras:

Se [...] consideramos as figuras como veículos de conteúdos abstratos e não como uma representação mais ou menos deformada do mundo, não há necessidade de suprimir o efeito de descontinuidade produzido no nível da superfície, mas seremos conduzidos a situar a procura da coerência do texto a um nível mais geral, o das estruturas narrativas. (FRÖLICHER, 1981, p. 27-28, tradução nossa²²⁰).

O pesquisador busca comprovar a sua hipótese examinando duas figuras mitológicas do poema “Le brasier”, de Guillaume Apollinaire. Em sua análise, cada uma dessas figuras (centauros e esfinge) opera uma transformação e a passagem de um programa narrativo para o outro é tematizada por um conector de isotopias (dobradiça). Ao mesmo tempo, o objeto-valor do Narrador – conjunção com o “espaço das esfinges” – é afetado por esses programas, visto que também se transforma em desejo de “ser devorado”. Da perspectiva do semiótico, as similitudes figurativas entre os centauros e a esfinge, enquanto figuras delegadas do Sujeito poético, só podem ser interpretadas em uma estrutura narrativa e os elementos que tornam essas figuras comparáveis podem ser explorados sem, necessariamente, ser estabelecida uma continuidade “referencial” (FRÖLICHER, 1981, p. 28-33).

Falta a esse estudo, pelo visto, cotejar a organização figurativa dos dois níveis (narrativo e discursivo) de modo que possa mostrar se existe um efeito de descontinuidade na superfície do discurso apolinairiano e, existindo, porque ou em que medida essa descontinuidade referencial não afeta a apreensão da significação na totalidade do texto. Por outro lado, esse trabalho de Frölicher (1981) integra o primeiro *Bulletin* sobre a figuratividade. Entre os outros três trabalhos publicados em “La figurativité”, contam os estudos de Thürlemann (1981) e de Bastide (1981) que, da mesma maneira que Frölicher (1981) dá atenção apenas às estruturas narrativas, ficam restritos à superfície do discurso. Sendo assim, parece-nos pertinente afirmar que os trabalhos resultantes do Seminário de 1980-1981 ainda não refletem um esforço coletivo no sentido de identificar a figuratividade articulando e interligando diferentes patamares do percurso gerativo.

A proposição de que a ilusão referencial pode ser desconsiderada na reconstrução do sentido de um objeto poético presente no trabalho de Frölicher (1981), é preciso esclarecer, é diferente da encontrada no estudo de Silva (2004 [1980]), ainda que ambos se ocupem dos

²²⁰ Trecho original: “Si l’on considère [...] les figures comme des véhicules de contenus abstraits et non pas comme une représentation plus ou moins déformée du monde, il n’est pas besoin de suppléer l’effet de discontinuité produit au niveau de la surface, mais on sera amené à situer la recherche de la cohérence du texte à un niveau plus général, celui des structures narratives”.

efeitos de sentido relacionados com a desreferencialização. O semioticista brasileiro enxerga a desreferencialização como parte do processo de construção de uma apreensão mítica do sentido, proporcionada pela figuratividade que constrói um novo sentido a partir da figuratividade primeira, então desconstruída, dessemantizada. A ilusão referencial, para Silva (2004 [1980]), estabelece um vínculo entre a realidade construída no enunciado e o universo sociocultural do enunciatário, tornando a crença no discurso mais forte. Em Frölicher (1981), no entanto, a narratividade é suficiente para a produção da significação.

Inversamente aos estudos de Frölicher (1981), em “La figurativité II”, Fontanille (1983, p. 8-9) preocupa-se com estudar os pontos de vista no discurso e problematiza o modo como as figuras são apropriadas pela dimensão cognitiva, tendo em vista a manipulação de traços figurativos reconhecíveis e, por isso, identificáveis, pelo observador e pelo informante. Dessarte, a sua proposta de mostrar como as figuras são colocadas no discurso, sobretudo pelo observador, focaliza o valor estético das figuras à medida que convocam operações cognitivas na reconstrução subjetiva do sentido por parte desse sujeito.

A hipótese que o semioticista busca comprovar, então, é a de que “o efeito estético ‘impressionista’ consiste em um tratamento particular do espaço e do saber; a ‘impressão’ passa geralmente por uma recepção desintelectualizada da sensação, como uma percepção ‘bruta’ das imagens do mundo” (FONTANILLE, 1983, p. 9, tradução nossa²²¹). Isso quer dizer que antes da impressão estética, o observador percebe as imagens do mundo com imprecisão, ou seja, sem o refinamento necessário a uma recepção racional das sensações que sucedem o fazer perceptivo. Para que a recepção intelectualizada aconteça, o espaço e o saber precisam adquirir características particularizantes na dimensão cognitiva, possibilitando que o sujeito, no processo de actorialização, reconheça a sequência de traços que configuram o saber a ser identificado.

Em um jogo de desconstrução objetiva e reconstrução subjetiva da figuratividade, essa investigação fontanilliana ocorre no nível discursivo em que metáforas, segundo o semioticista, reconstroem o universo figurativo de forma subjetiva e idioletal; colocação em discurso que depende de um observador competente que desempenhe a função de referente interno no espaço enunciado (FONTANILLE, 1983, p. 11). Enquanto Thürlemann (1983) se ocupa de textos visuais e da espacialidade em todos os níveis do percurso gerativo, Fontanille (1983) se dedica, nesse trabalho, a verificar os procedimentos de espacialização, ou seja, o

²²¹ Trecho original: “[...] le effet esthétique ‘impressionniste’ consiste en un traitement particulier de l’espace et du savoir; l’‘impression’ passe généralement pour une réception désintellectualisée de la sensation, comme une perception ‘brute’ des images du monde”.

arranjo de figuras responsáveis pela produção de ilusão referencial e consequente reconhecimento de um espaço no interior de dada cultura por um observador em um texto literário. Em outras palavras, a produção de um efeito estético impressionista pelos procedimentos de espacialização é devida à colocação de figuras com traços capazes de homologar a percepção do mundo e a subsequente apreensão do sentido pelo receptor (observador).

Alargando mais o debate em torno da referencialização do discurso, também no segundo tomo do *Bulletin* consagrado à figuratividade, François Rastier (1983, p. 12-15) dedica-se a desvendar de que maneira o figurativo constrói a impressão referencial. Para o pesquisador, “[...] a impressão referencial produzida por um enunciado ou predicado é função das relações entre os conteúdos desse enunciado [...] e dos domínios semânticos socialmente normatizados” (RASTIER, 1983, p. 12-13, tradução nossa²²²). Dito de outro modo, não existe impressão referencial em um enunciado que não corresponda a um domínio semântico qualquer; a inexistência de correspondência com domínio semântico torna-o absurdo (RASTIER, 1983, p. 13).

Tendo em vista que todo domínio semântico socialmente normatizado é constituído tanto de conteúdos figurativos, quanto não figurativos, o pesquisador esclarece que existe impressão referencial em duas situações: i) em um enunciado composto de uma isotopia genérica, na medida em que associa um único domínio semântico socioletal a vários sememas, produzindo, assim, apenas um significado; ii) em um enunciado que arregimenta várias isotopias genéricas, correspondendo a vários domínios semânticos socioletais, levando à produção de vários significados. Resumindo, o primeiro tipo de impressão referencial é unívoco, por isso, livre de ambiguidade, e o segundo é plurívoco, comportando dessa forma, mais de um sentido, esclarece Rastier (1983, p. 13).

Por outro lado, existem isotopias construídas fora dos domínios semânticos socialmente normatizados e dotadas de conteúdos figurativos e não figurativos, podendo produzir ilusão referencial assim como as anteriores. Chamadas pelo pesquisador de “isotopias integrais”, elas são construídas dentro de um domínio semântico idioletal no qual “[...] um feixe de categorias sêmicas recorrentes em todos os domínios semânticos manifestados garante a coerência integral do texto” (RASTIER, 1983, p. 13, tradução

²²² Trecho original: “[...] la impression référentielle produite par un énoncé ou un prédicat est fonction des relations entre les contenus de cet énoncé [...] et de domaines sémantiques socialement normés”.

nossa²²³). Ao contrário das isotopias pertencentes ao domínio semântico socioletal, além de semas genéricos, essas isotopias também precisam comportar semas específicos e realizar operações de atualização de semas virtuais, sejam eles genéricos ou específicos.

Além disso, Rastier (1983, p. 14) assevera que a ilusão referencial está situada na superfície do discurso. Assim, alerta que em razão de serem construídas no início do percurso interpretativo e de as isotopias genéricas que as constituem serem simultaneamente densas e locais, podem conduzir a uma interpretação equivocada. Entretanto, reconhece a atuação das dimensões temática e figurativa na “[...] conversão do nível narrativo em nível discursivo, e do abstrato em concreto figurado” (RASTIER, 1983, p. 15 tradução nossa²²⁴), o que quer dizer que uma interpretação realizada no nível superficial precisa ser homologada às transformações narrativas e ao universo de valores do discurso. Por fim, Rastier (1983, p. 15) conclui sua comunicação expondo a necessidade de encontrar procedimentos capazes de discernir quais conteúdos são figurativos e quais são temáticos.

Esse jogo interpretativo em que se relacionam a ilusão referencial e a axiologização recoberta pelos arranjos figurativos do nível superficial ao profundo a que se refere Rastier (1983) faz parte das investigações de Denis Bertrand acerca da participação das figuras espaciais na produção de um efeito realista no romance *Germinal*, de Émile Zola. De suas pesquisas já havia resultado, um ano antes do *Bulletin* 26, o número 39 dos *Documents*, “Du figuratif à l’abstrait”, que problematiza as configurações de espacialidade na obra de Zola. Para sermos mais específicos, Bertrand (1982) investiga os arranjos figurativos do e no espaço que conferem originalidade a esse romance realista conforme analisa o exemplar publicado na série Rougon-Macquart, que reúne todo o processo de escrita do romance, desde o esboço até o texto final (BERTRAND, 1982, p. 8).

Na confrontação do texto definitivo da obra com o último texto preparatório, inquieta o semiótico a questão da elasticidade do discurso, ou seja, a maneira como uma operação de expansão faz com que: i) as formas virtuais (valores) sejam atualizadas nas estruturas semionarrativas do texto (transformados em temas); e ii) as estruturas discursivas recebam o revestimento figurativo dos valores atualizados. A verdade é que o pesquisador percebe um “salto qualitativo” entre a versão final do romance e a anterior, concernente ao dispositivo de espacialidade (BERTRAND, 1982, p. 9). Sendo assim, o que chama de “salto qualitativo” é o fato de a transformação na organização espacial acontecer no nível da enunciação:

²²³ Trecho original: “[...] un faisceau de catégories sémiqes récurrents dans tous les domaines sémantiques manifestées qui assure la cohérence intégrale du texte”.

²²⁴ Trecho original: “[...] conversion du niveau narratif au niveau discursif, et de l’abstrait au concret figuré”.

Entre a colocação e a descrição dos lugares nos textos preparatórios e a colocação em discurso final de tudo o que não concerne mais apenas aos lugares, opera-se uma transformação maior que aumenta o espaço e que permite atribuir à figuração espacial no discurso romanesco uma função central e decisiva. (BERTRAND, 1982, p. 9, tradução nossa²²⁵).

Instalada no processo criador do romance, a figuração espacial é responsável, nesse sentido, por instaurar a coerência global do texto de Zola. Sendo assim, a hipótese de trabalho de Bertrand (1982, p. 10) é de que as figuras espaciais que regem o nível profundo no romance examinado dividem-se em dois níveis – um de traços semânticos e outro de traços sintáticos – e, no discurso como um todo, essas figuras estão sistematicamente organizadas em duas dimensões homologáveis entre si, mas cuja conexão é atestada pelo dispositivo espacial. A primeira dimensão é a do universo figurativo, “que garante a isotopia referencial”. A segunda é uma representação “não-figurativa” (nomeada *figural* em 1983), que forma “[...] o suporte regrado e recorrente de um discurso de segundo grau, interpretativo e abstrato” (BERTRAND, 1982, p. 10, tradução nossa²²⁶), no qual se desenvolve uma isotopia hermenêutica.

Dessarte, uma escrita realista seria constituída mais que de ilusão referencial, e sim de referencialização interna, organizada por meio de retomadas anafóricas cujas isotopias figurativas constituem um simulacro de seu referente, fazendo com que, na tessitura do discurso, uma “autorreferencialização” proporcione ao figurativo e ao abstrato ampararem-se um no outro e fundirem-se, visto tornarem-se um reflexo do outro. Tudo isso, assegurado e regulado pela espacialidade. Por outro lado, do ponto de vista bertraniano, uma vez que a espacialidade gerencia o discurso para que, na construção do sentido, não somente a figuratividade espacial mais superficial dos relatos seja apreendida, mas também a articulação figurativa presente em todos os níveis do percurso gerativo, a espacialidade tem um papel muito maior do que funcionar como isotopia semântica ao lado da temporalização e da actorialização. Pertence também às estruturas sintáticas à medida que o espaço da ação é disposto em cena, delimitando a competência modal do ator do discurso enquanto focaliza o seu objeto (BERTRAND, 1982, p. 11-12).

Isso significa, de acordo com Bertrand (1982, p. 13), que, no universo figurativo, a figuratividade espacial integra o procedimento de discursivização na dimensão semântica ao mesmo tempo em que garante o percurso sintagmático do sujeito no espaço circunscrito

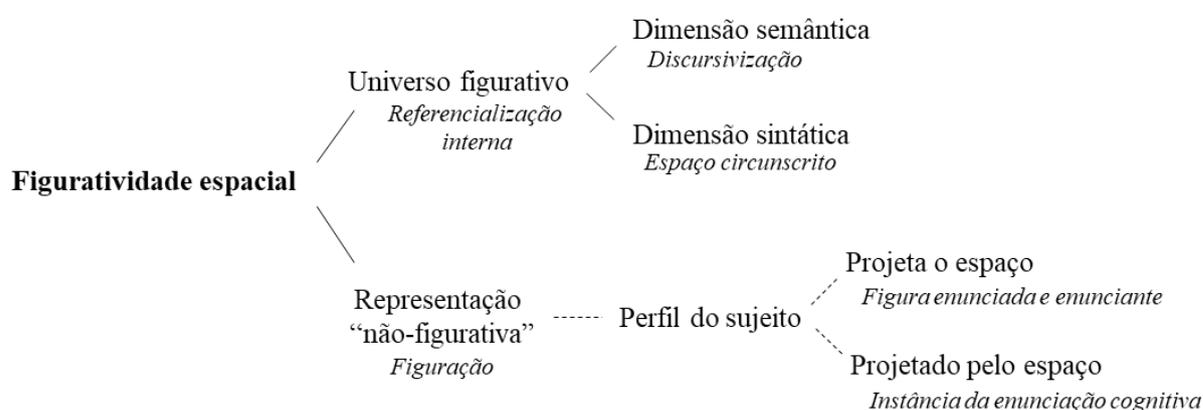
²²⁵ Trecho original: “Entre la mise en place et la description des lieux dans les textes préparatoires, et la mise en discours finale de tout ce qui ne concerne plus seulement les lieux, une transformation majeure s’opère qui relève de l’espace et qui permet d’assigner à la figuration spatiale dans le discours romanesque une fonction centrale et décisive”.

²²⁶ Trecho original: “[...] le support réglé et récurrent d’un discours au second degré, interprétatif et abstrait [...]”.

(espaço de realização de ações como sentar, conversar, trabalhar, etc.). A representação “não-figurativa” do espaço, de sua parte, configura o lugar de construção do perfil do sujeito: de um lado, um sujeito que é simulacro, ou seja, figura enunciada e enunciante do discurso à medida que projeta o espaço; de outro lado, o sujeito é instância da enunciação conforme ele mesmo é projetado pelo espaço. No entanto, ele não é mais instância pressuposta, é instância cognitiva, pois organiza o conhecimento no discurso, um conhecimento que é marcado e mascarado pela figuração.

A figura abaixo tem a finalidade de tornar mais clara a organização das figuras espaciais no romance de Zola, da perspectiva de Bertrand (1982):

Figura 17 – Figuratividade espacial em “Du figuratif à l’abstrait” (1982)



Fonte: autora.

Considerando essa perspectiva, se os lugares são considerados significados figurativos, fazendo com que a autorreferencialização seja essencial para a homogeneização do sentido, o espaço surge como significante interpretativo por meio dos jogos “não-figurativos”, e a interpretação nada mais é, nesse caso, do que “[...] traço de uma configuração cognitiva e axiológizada do sujeito”, diz Bertrand (1982, p. 13, tradução nossa²²⁷). Isso quer dizer que tanto a figuratividade espacial é constituída pelas operações de espacialização, como a figuração espacial de abstração; esta última, mesmo em um discurso dito figurativo. A abstração, nesse sentido, estrutura-se como figura e, à medida que é construída pelas relações de espaço e pelas categorias de espacialidade (alto e baixo, vertical e horizontal, por exemplo), transforma-se em um discurso abstrato. Por isso, como assevera o semioticista, a espacialização não pode ser considerada uma operação responsável por apenas produzir ilusão

²²⁷ Trecho original: “[...] trace d’une configuration cognitive et axiologisée du sujet”.

referencial, pois, mais que isso, ela pode produzir efeitos de sentido conforme constrói a abstração do discurso (BERTRAND, 1982, p. 28).

Na esteira do estudo dessa comunicação, o pesquisador defende sua tese de doutorado em 1983, *Du figuratif à l'abstrait: les configurations de la spacialité dans Germinal d'Émile Zola*²²⁸, mesmo ano em que publica “Espace figuratif et langage spatiel” em “La figurativité II”. Nesse texto, interroga-se sobre a possibilidade de se descrever como a impressão referencial contínua, nos termos de Rastier, produz o efeito realista em um texto “realista” e como as figuras da espacialidade, além de significarem a figuração espacial, promovem a passagem do sentido literal ao mítico. Nesse segundo caso, da perspectiva bertraniana, as figuras da espacialidade conseguem corresponder ao mesmo tempo a dois discursos: um discurso primeiro e outro, subjacente ou coexistente a ele (BERTRAND, 1983b, p. 41), possibilidade levantada em “Du figuratif à l'abstrait” em 1982 (p. 27). Em outras palavras, tais figuras operam preservando mais de um discurso, com efeitos de sentido distintos, manifestados em um mesmo enunciado enunciado.

A resposta à questão que repousa sobre a impressão referencial encontra-se na iconicidade, que é inerente à manifestação sintagmática do discurso, esclarece Bertrand (1983b, p. 41). Segundo o semiótico, é da combinação da referenciação²²⁹ e da referencialização²³⁰, operações distintas, embora complementares, que resulta o efeito icônico das figuras. Além disso, dessas operações decorrem as isotopias, as anáforas e as catáforas, assim como as debragens discursivas, procedimentos que ao serem implementados se entrelaçam, assegurando uma impressão à medida que “[...] impõem como um universo contínuo, homogêneo e compacto, e fundante, no nível superficial do discurso, a simbolização figurativo-icônica” (BERTRAND, 1983b, p. 42, tradução nossa²³¹). É nos efeitos de referencialização que a noção literária de “realismo” se realiza, assegura o pesquisador.

No que tange à produção de efeitos de sentido diferentes em um mesmo texto, para Bertrand (1983b, p. 42-43), ela está relacionada com a organização figurativa nos patamares do percurso, uma vez que em textos realistas como o de Zola, um discurso figurativo na

²²⁸ Dessa mesma tese resulta a obra *L'espace et le sens. Germinal d'Émile Zola*, publicada em 1985.

²²⁹ A explicação de Bertrand (1983b, p. 42, grifo do autor) é de que a operação de referenciação corresponde à primeira acepção de figurativo no *Dicionário de semiótica*: “[...] conteúdo dado (de uma língua natural, por exemplo), quando este tem um correspondente no nível da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural)”. Trata-se, portanto, da “construção de valores referenciais” (BERTRAND, 1985, p. 32).

²³⁰ De acordo com Bertrand (1983b, p. 42), são processos discursivos responsáveis por criar os efeitos de verdade ou de realidade no discurso. São esses procedimentos que atualizam, mantêm e confirmam a ilusão referencial produzida pelas figuras. Esses procedimentos são, desse modo, internos, pertencentes à construção do tecido do discurso, diz Bertrand (1985, p. 32).

²³¹ Trecho original: “[...] les imposent comme un univers continu, homogène et compact, et fondent, au niveau superficiel du discours, la symbolisation figurative-icônique”.

superfície discursiva coexiste com um discurso abstrato nas instâncias profundas. A espacialidade figurativo-icônica de superfície, nesse sentido, corresponde a uma espacialidade “figural” ou abstrata, em termos zilberberguianos. Instalada no nível profundo do percurso gerativo, esta última é isomorfa, pois “[...] as categorias figurais e suas relações tornam-se a estrutura matricial de um novo discurso, [...] abstrato e ‘teórico’, reinvestindo, à sua maneira, as estruturas semionarrativas, únicas suscetíveis de articulá-la nas formas dinâmicas e orientadas de um ‘discurso’” (BERTRAND, 1983b, p. 43, tradução nossa²³²).

O semioticista constata que as formas figurativas icônicas são encontradas no nível mais superficial do percurso gerativo. No entanto, o lugar de pertencimento do figurativo não é apenas a superfície, pois “[...] ele está por toda parte, sob formas diversas entre o icônico e o figural, e suscetível, em razão da abertura de suas virtualidades, de se desenvolver nos discursos consideravelmente diferentes quanto a sua estrutura e quanto a sua visada”, diz Bertrand (1983b, p. 43, tradução nossa²³³). Dito de outro modo, a figuratividade, na visão bertraniana, ocorre nas dimensões sintagmática e paradigmática do discurso, ou seja, no interior e entre os níveis do percurso gerativo do sentido; e, ainda, do figural, no nível profundo, ao figurativo-icônico na superfície do discurso.

Do nosso ponto de vista, esse trabalho configura uma complementação, em grande medida um aperfeiçoamento das proposições encontradas no texto de 1982. Exemplo disso, citamos a mudança terminológica em torno do “figural”, termo caro a Zilberberg, que assume o lugar de “não-figurativo”, revisão adequada, cremos, às novas formas de olhar para a figura e para a organização figurativa, haja vista a terminologia “figural” aparecer no texto de Zilberberg e Ruprecht nesse mesmo *Bulletin* de 1983, depois nas *Petites Mythologie* de Floch, em 1985, para, por fim, ser oficialmente inserido na metalinguagem semiótica no *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II* em 1986. Do mesmo modo, em 1982, Bertrand ainda não fala de referenciação (construção de valores referenciais), que aparece em seu estudo em 1983, em oposição a referencialização (distribuição dos valores referenciais no discurso manifestado). Uma vez que “Espace figuratif et langage spatiel” (1983) decorre diretamente da tese publicada em 1985 – *L’espace et le sens. Germinal d’Emile Zola* – não consideramos a referenciação, nesse caso, uma hipótese de trabalho, pois a aprovação da tese configura uma ratificação das ideias do pesquisador pela comunidade científica.

²³² Trecho original: “[...] les categorie figurales et leurs relations deviennent la structure matricielle d’un nouveau discours, [...] abstrait et ‘théorique’, réinvestissant [...] pour son propre compte, les structures sémio-narratives, seules susceptibles de l’articuler dans les formes dynamiques et orientées d’un ‘discours’”.

²³³ Trecho original: “[...] il est partout, sous des formes diverses entre l’iconique et le figural, et susceptible, en raison de l’ouverture de ses virtualités, de se développer dans des discours considérablement différents quant à leur structure et quant à leur visée”.

Concluído o percurso das proposições teóricas em torno da figuratividade em textos publicados nos *Actes Sémiotiques*, podemos observar que o esforço coletivo foi intenso e produtivo, pois muitos dos pontos de vista colocados e debatidos nesses trabalhos se desdobraram em outros, dentro e fora do GRSL. Concernente aos debates que resultaram nos *Bulletins* 20 e 26, especificamente, algumas questões foram deixadas de lado naquele momento para serem retomadas posteriormente, assim como outras precisaram ser explicadas pelo próprio líder intelectual do grupo, como mostramos a seguir.

5.2.2.4. Algumas considerações sobre os dois tomos de “La figurativité” e a busca pela sintaxe figurativa

Na abertura de seu artigo, “Place du figuratif” (1981a), Jacques Geninasca coloca, de imediato, a busca urgente, em “La figurativité”, por uma teoria do figurativo. No prefácio a essa edição dos *Bulletins*, Geninasca (1981b, p. 4) propõe uma reflexão sobre a relação entre apreensões científicas e míticas do mundo à medida que se interroga sobre a equivalência figurativa entre textos científicos e míticos (ou literários), como demonstram suas palavras: “Em que medida [...] a aplicação de conceitos elaborados para dar conta dos mitos, dos contos populares ou dos textos literários, a textos científicos não é metafórica?” (GENINASCA, 1981b, p. 8, tradução nossa²³⁴). A pergunta não é aleatória, pois Bastide (1981), que analisa um texto científico, coloca que textos experimentais fazem uso de metáforas para descrever um experimento, produzindo, assim, o efeito de verdade necessário à persuasão do enunciatário. Nesse sentido, a teoria geral do figurativo buscada pelo GRSL deveria contribuir exatamente para a análise de qualquer tipo de texto, do científico ao mítico, do mais figurativo ao mais abstrato, conforme análises de Thürlemann (1981) e Frölicher (1981).

Verificados os trabalhos desses autores em “La figurativité”, no entanto, reconhecemos tanto na argumentação de Bastide (1981), como nos esforços de Frölicher (1981) em não atribuir apenas à ilusão referencial a responsabilidade de conferir homogeneidade figurativa ao texto e de Thürlemann (1981) em propor uma dupla leitura de um objeto planar, figurativa e plástica, tendo em vista a existência de dois tipos de espacialidade em um quadro, além de Geninasca (1981a) em identificar o estatuto da figura no processo de construção e instauração de valores no discurso, contribuições importantes para o conceito. No entanto, nesses trabalhos, ainda não fica claro que a figuratividade opera ao mesmo tempo em mais de um

²³⁴ Trecho original: “Dans quelle mesure [...] l’application de concepts élaborés pour rendre compte des mythes, des contes populaires ou des textes littéraires, à des textes scientifiques n’est-elle pas métaphorique?”

nível do percurso gerativo do sentido e as operações figurativas ainda estão presas entre os níveis semionarrativo e discursivo, mais que isso: ou as análises focam um, ou focam o outro nível. Há, pois, poucas definições concretas no sentido de identificar de que forma ocorre a articulação das figuras no discurso, pensando em uma aplicabilidade metodológica comum a todas as semióticas-objeto. Essa tarefa parece ter ficado para os seminários de 1982-1983.

No prefácio do tomo II, Denis Bertrand ressalta que o uso inicial da noção de figuratividade estava relacionado com a representação pictural, mas na semiótica teve uma aceitação bem maior. O semioticista destaca que o que importa, no momento, é dar à figuratividade o estatuto que lhe é devido dentro do quadro geral da teoria e, por isso, o seminário de 1982-1983 discute todos os termos a ela vinculados: figura, ícone e referente, figura e símbolo, figura e motivo, percurso figurativo, isotopia figurativa, etc; ou seja, para o grupo importa refletir sobre a dimensão figurativa do discurso na relação com todo o dispositivo teórico enquanto conjunto (BERTRAND, 1983a, p. 4). Em seguida, ele afirma que em cada trabalho ali publicado as figuras são exploradas profundamente no sentido de investigar o lugar onde se organizam. Além disso, todos buscam “[...] conexões mais finas entre os diversos componentes de análise, a colocação em evidência dos jogos semióticos da figuratividade apreendida no cerne da atividade do discurso”, diz Bertrand (1983a, p. 4, tradução nossa)²³⁵, pois as organizações figurativas perpassam todos os níveis do percurso gerativo do sentido, adquirindo, em cada um deles, funcionalidades semânticas que asseguram a densidade sêmica necessária ao reconhecimento de elementos do mundo natural, desde o nível profundo até a superfície do discurso, como comprovam suas palavras:

As articulações figurativas atravessam os diferentes estratos do percurso, dotadas a cada nível de uma funcionalidade semântica própria, permitindo identificar ao lado das “coberturas figurativas” que asseguram a iconização do discurso, dos esquemas narrativos profundos conversíveis, eventualmente, nas estruturas semionarrativas de superfície (BERTRAND, 1983a, p. 4, tradução nossa)²³⁶.

Vemos que contrariamente a 1981, em 1983, a figuratividade é vista perpassando todos os níveis do percurso gerativo com funcionalidades semânticas diferentes em cada estrato do percurso. Destacamos as ideias de Françoise Bastide (1983) que, do ponto de vista

²³⁵ Trecho original: “[...] connexions plus fines entre les divers composants de l’analyse, à la mise en évidence des enjeux sémiotiques de la figurativité saisie dans le vif de l’activité de discours”.

²³⁶ Trecho original: “Les articulations figuratives transversent les différents strates du parcours, dotées à chaque niveau d’une fonctionnalité sémantique propre permettant de dégager, à côté des ‘couvertures’ figuratives que assurent l’iconisation du discours, des schèmes figuratifs profonds convertibles éventuellement dans les structures sémio-narratives de surface”.

semântico, reconhece conversões do nível profundo para o nível discursivo, assim como Bertrand (1983b), que afirma que a figuratividade está em toda a parte do percurso, seja de forma mais icônica, seja mais abstrata (aqui já existe, inclusive, gradação sêmica). Ao mesmo tempo, Joseph Courtés (1983) não somente concebe a figuratividade operando em todos os níveis, mas também mostra como é operada a ligação paradigmática das figuras do discurso entre os estratos do percurso gerativo do sentido. Dito de outro modo, o pesquisador demonstra como a figuratividade de um nível se liga ao nível subsequente semanticamente.

Apesar desse saldo positivo, ao final, no posfácio intitulado “De la figurativité”, Greimas (1983, p. 48-51) ainda sente a necessidade de realizar um procedimento de revisão teórica e da metalinguagem em torno da figuratividade: em certos casos, atestando pontos de vista; em outros, corrigindo equívocos evidenciados nos seminários. Dessarte, assinala que “o seminário de 1982-1983 sobre a figuratividade se distingue pela riqueza e eficácia de suas contribuições, pela diversidade de pontos de vista e pelo número de pontos de convergência” (GREIMAS, 1983, p. 48, tradução nossa)²³⁷. Todavia, o seminário também apresentou mal-entendidos sobre a teoria. Adverte, entre outras considerações, que a instância de enunciação não é um lugar de conversão no percurso gerativo, ao contrário, é uma “ruptura radical” na medida em que o discurso explora, no nível semionarrativo, seja as formas sintáticas seja as semânticas ali situadas. Ademais, afirma que “[...] sendo [o discurso] uma organização autônoma, nada se opõe a que, utilizando como materiais a espacialidade, a temporalidade e a actorialidade, se construa uma sintaxe e, sobretudo, uma *semântica* discursiva organizada, eventualmente, em *patamares de profundidade*” (GREIMAS, 1983, p. 48, grifos do autor, tradução nossa²³⁸).

Outra observação do mestre lituano, diz respeito ao referente interno. Ele relembra que Barthes o considera como produtor de efeito de ilusão²³⁹, enquanto Rastier o define como impressão referencial. Seja como for, para ele, quanto maior a densidade sêmica, mais icônicas são as figuras. Nesse sentido, as estruturas modais de persuasão são responsáveis por compor patamares temáticos do fazer figurativo referencial de forma que produzam efeitos de realidade ou, ao contrário, de irrealidade. De qualquer maneira, o líder intelectual do GRSL

²³⁷ Trecho original: “Le séminaire de 1982-1983 sur la figurativité se distingue par la richesse et l’efficacité de ses contributions, par la diversité des points de vue et nombre de points de convergence”.

²³⁸ Trecho original: “[...] étant une organisation autonome, rien ne s’oppose à ce que, utilisant comme matériaux la spatialité, la temporalité et l’actorialité, on construísse une syntaxique et surtout une sémantique discursive, disposée éventuellement em palliers de profondeur”.

²³⁹ De acordo com Barthes (1966, p. 36), o referente enraíza a ficção no real, ou seja, opera na construção da incontestabilidade do discurso, apresentando-o ancorado à realidade. Ele explica que um exemplo de referente, nesse caso, seria o tempo introduzido no discurso, um tempo que não é o “verdadeiro”, mas, sim, uma “ilusão referencial” (BARTHES, 1966, p. 38).

assevera que “o sucesso ou o fracasso do enunciador depende igualmente do enunciatário. A ‘comunicação assumida’ [...] resultaria, nesse caso, em vários ‘efeitos de verdade’ produzidos pelo discurso” (GREIMAS, 1983, p. 49, tradução nossa²⁴⁰).

Na sequência, chama atenção para as isotopias figurativas, pois são os seus investimentos semânticos que enriquecem os discursos e possibilitam a discursivização da narração. Elas podem ser “compactas” – do tipo contínuo, devido à recorrência semêmica ou à relação interfrástica, nos moldes das parábolas; do tipo alternativo, quando isotopias contrárias e contraditórias se alternam; e do tipo retórico, aquelas que mesmo diante de variações estilísticas ou morfológicas se mantêm – ou “difusas” na medida em que marcas figurativas são distribuídas pelo discurso todo. Também existem as “isotopias metassemiótica”: i) denotativas, se reconhecidas devido à recorrência de traços inerentes a uma isotopia figurativa manifestada, como as linguagens plástica, espacial, etc.; ii) conotativas, quando possibilitam a construção de novos significados, como o simbolismo, explica Greimas (1983, p. 49-50).

Por fim, o semioticista define que o espaço figurativo é estruturado após a correlação das classes de figuras reconhecidas, mas ainda é necessário precisar modelos que deem conta de dinamizar e possibilitar as operações sintáticas, ou seja, narrativizar esse nível abstrato (GREIMAS, 1983, p. 51). Em grande medida, os autores demonstram ter consciência de que há muitos pontos a serem considerados e muitos problemas a serem resolvidos em torno do conceito. É nesse sentido que Greimas assume, no posfácio, que apesar de todas as discussões persiste a necessidade de debater a figuratividade produtora da sintaxe discursiva, pois não deu tempo de tratar desse assunto.

Entretanto, a busca por novas contribuições da figuratividade para a semiótica não se encerra, tem continuidade nos anos 1990, em trabalhos de Keane (1991) e Fontanille (1999).

5.2.3. A experiência sensível: da plasticidade nas relações semissimbólicas e perceptivas dos textos à construção de uma sintaxe figurativa

A hipótese de Floch (1979) sobre a existência de uma semiótica ao mesmo tempo poética e sinestésica não é imediatamente explorada pelos semioticistas. É necessário um salto de pelo menos uma década e o respaldo da aceitação das ideias presentes em *Da imperfeição* (2002 [1987]), de Greimas, para Keane em 1991 e, em certa medida, Fontanille em 1999

²⁴⁰ Trecho original: “La réussite ou l’échec de l’énonciateur dépend également de l’énonciataire. La ‘communication assumée’ [...] résulterait dans ce cas d’une sorte d’effet de vérité’ produit par le discours”.

ocuparem-se do papel da figuratividade na exploração da sensorialidade e das experiências sensíveis que provoca.

A primeira e a última hipóteses de trabalho lançadas por Floch (1979) são retomadas e desenvolvidas na pesquisa de Teresa Keane em 1991, quando publica, no número 17 da *NAS*, “Figurativité et perception”. Com um título que se constitui também o tema principal do Seminário de Semântica Geral de 1990, o conteúdo dessa comunicação científica resulta dos debates realizados pelo GRSL naquele ano na EHESS. É por influência desses debates que a pesquisadora analisa um texto literário da perspectiva da figuratividade visual, mais precisamente o papel das dimensões cromática, eidética e luminosa na construção da significação em textos de Ítalo Calvino.

Concernente ao cromatismo em um texto literário, um dos trabalhos que servem de referência para a autora de “Figurativité et perception” é aquele de Floch publicado em 1979²⁴¹, tendo em vista defender que um sistema semiótico visual – no caso, o cromático – “[...] é independente de qualquer linguagem de manifestação [...]”, sendo, dessarte, admissível que a semiótica visual dê conta de um sistema semiótico visual que se suponha estar por detrás de um julgamento linguístico (FLOCH, 1979, p. 7, tradução nossa²⁴²).

Todavia, ao contrário do semioticista, que não acredita que o sistema cromático possa pertencer a um universo socioletal, mas sim ao universo idioletal de uma obra literária, não sendo possível, portanto, considerar universais as qualidades cromáticas e a maneira como são organizadas – pelo menos não em “Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités” –, da perspectiva de Keane (1991, p. 11) não há impedimento para que princípios de organização de qualidades cromáticas reconhecíveis na produção de um escritor não sejam aplicáveis aos trabalhos de outro. A esse respeito, a autora afirma:

Somos forçados a reconhecer a organização da dimensão colorida do mundo segundo os princípios da narratividade em que o deslizamento das tonalidades, de uma para a outra, representa mudanças aspectuais no eixo do espectro de cores e revela-se reconhecível como expressão idioletal de um determinado autor, neste caso Calvino, mas cujo princípio de uma organização poderia ser postulado para qualquer outro escritor que tivesse algo a dizer sobre o mundo. A gama cromática idioletal parece, portanto, ser um conceito generalizável. (KEANE, 1991, p. 11, tradução nossa²⁴³).

²⁴¹ Servem de referência em “Figurativité et perception”, obras como *Semântica estrutural* (1973 [1966]), *Maupassant a semiótica do texto* (1993 [1976]), *Da imperfeição* (2002 [1987]), de Greimas; *L'espace et le sens* (1985), de Bertrand; e ainda os *Documents* “Symbolisme et enunciation” número 43 (1983), de Quéré, entre outras.

²⁴² Trecho original: “[...] est indépendant de tout langage de manifestation [...]”.

²⁴³ Trecho original: “Force nous est de reconnaître l’organisation de la dimension colorisée du monde selon les principes de la narrativité où le glissement des teintes, de une à l’autre, représente des changements aspectuels

Por essa razão o estudo da pesquisadora se desenvolve tendo como ponto de partida o papel da organização figurativa na construção de um discurso a um só tempo complexo e coerente, pois a figuratividade tudo pode realizar no discurso à medida que as estruturas narrativas são construídas, como asseveram suas palavras,

A problemática geral da organização discursiva [...] porta ao mesmo tempo sobre a complexidade e sobre a coerência interna do discurso. Do lado da estratégia global e da colocação em discurso das estruturas narrativas, se coloca, igualmente, a questão da diversidade da figuratividade e de seu papel no “todo de sentido” do discurso. (KEANE, 1991, p. 1, tradução nossa²⁴⁴).

Em conformidade com essa afirmação, a analista propõe-se a descobrir como a figuratividade faz para que o mundo seja reconhecido em uma obra literária com base na relação entre as categorias semissimbólicas (eidética, cromática e luminosa) e a sensorialidade presentes em uma obra de Italo Calvino. Essa proposta retoma um anseio de Floch (1979, p. 29) de integrar a dimensão visual de um romance aos sentidos que constituem o conjunto da sensorialidade, a exemplo dos poemas de Baudelaire dos quais ressoam cores, sons e perfumes.

Assim, considerando que o romance de Calvino é composto de várias narrativas intercaladas, a pesquisadora se ocupa de como o reconhecimento do mundo emerge no desdobramento de duas grandes isotopias, sendo uma mais abstrata e outra mais icônica. É nesse sentido que ela se interroga “[...] sobre o estatuto da figuratividade profunda e abstrata” (KEANE, 1991, p. 2, tradução nossa²⁴⁵), visto que acredita não ser difícil identificar como a figuratividade aparece nas estruturas profundas do discurso, ao passo que o mesmo não ocorre em relação à superfície, haja vista a complexidade imposta pela variedade de coordenadas temporais, espaciais e actoriais. Dessa forma, a função principal da figuratividade seria a de garantir a homogeneidade do discurso por meio de isotopias (KEANE, 1991, p. 2).

Diante dessa preocupação com a relação entre as figuratividades das instâncias profundas e superficiais do discurso, a autora mostra como as categorias eidéticas, cromáticas e luminosas se manifestam no nível profundo do discurso e como são percebidas no nível

sur l’axe du spectre des couleurs e s’avère reconnaissable comme l’expression idiolectale d’un auteur donné, en l’occurrence Calvino, mais dont le principe d’organisation pourrait être postulé pour tout autre écrivain ayant quelque chose à dire sur le monde. L’éventail chromatique idiolectal paraît donc être un concept généralisable”.

²⁴⁴ Trecho original: “La problématique générale de l’organisation discursive [...] porte en même temps sur la complexité et sur la cohérence interne du discours. À côté de la stratégie globale et de la mise en discours des structures narratives, se pose également la question de la diversité de la figurativité et son rôle dans le ‘tout se tient’ du discours”.

²⁴⁵ Trecho original: “[...] sur le statut de la figurativité profonde et abstraite”.

superficial através da sensorialidade. Isso fica claro quando demonstra de que maneira as figuras sensoriais podem constituir vários níveis de figuratividade além do modo como se dá a transformação no nível da narratividade profunda, conforme a mudança de ícone e a permanência da *gestalt* se relacionam com traços figurativos profundos – alto/baixo ou englobante/englobado, por exemplo (KEANE, 1991, p. 7).

De acordo com a analista, na transformação, um sujeito pode, portanto, viver vários níveis de figuratividade sensoriais. Além disso, o figurativo mais profundo subjaz aos ícones e a percepção “[...] aparece como o lugar onde são engendradas as figuras do mundo” (KEANE, 1991, p. 15, tradução nossa²⁴⁶) que por serem esquemáticas permitem que as qualidades do mundo sejam reconhecidas por intermédio de traços. Simultaneamente, aos traços reconhecidos são acrescentados traços suplementares, revestindo as figuras de tal modo que se transformam em ícones (KEANE, 1991, p. 15).

No que tange à participação do objeto na construção da percepção, Teresa Keane (1991, p. 20-21) introduz a noção de consistência em distinção das propriedades sensíveis que durante o fazer perceptivo são apreendidas pelo sujeito. Dessa maneira, faz uma aproximação fenomenológica do programa perceptivo, tomando como exemplo primeiro o corpo sólido. Por meio da propriedade da solidez, o sujeito sente o duro e considera-o resistente, conseqüentemente o fazer perceptivo reconhece o traço da dureza por intermédio da sensação tátil. Evidentemente, a visão faz a identificação anterior ao tato de que o sujeito está diante de um corpo sólido, e este, pelo toque constata as demais características sensíveis – constatação que, acreditamos, remete a *Da imperfeição* (2002 [1987]).

Contudo, no mundo natural, nem todos os corpos são bidimensionais; têm massas e volumes tridimensionais também. É nesse momento que o sujeito submisso à percepção visual precisa tocar os objetos para identificar outras características perceptivas como as ondulações, o liso, o áspero. Esse tipo de percepção pelo toque é chamado de textura, explica Keane (1991, p. 21).

De mais a mais, Keane (1991, p. 26-27) esclarece que a sensorialidade também tem conotações tímicas que fazem o sujeito se interrogar sobre o corpo próprio diante das inúmeras sensações provocadas pelas percepções do mundo e das reações interiores que evocam. Essas conotações podem ser eufóricas ou disfóricas e interferir nos estados patêmicos. Por isso, os estados de alma – seja dos sujeitos individuais, seja dos coletivos –, significam mediante qualidades sensíveis apreendidas do mundo perceptivo.

²⁴⁶ Trecho original: “[...] apparaît comme le lieu où sont engendrées les figures du monde”.

Keane (1991, p. 30) conclui que tanto o sujeito quanto o objeto participam do processo da percepção, pois é graças à relação entre esses dois actantes que as figuras do mundo são organizadas para serem apreendidas em suas qualidades sensíveis. Essa relação permite que o corpo perceba as manifestações semissimbólicas que aparecem no nível profundo e se complexificam conforme emergem no nível superficial e são prolongadas por experiências anteriores à memorização de imagens que, mesmo sendo clichês, podem se modificar e se transformar em novas percepções do e/ou sobre o mundo.

No final dos anos 1990, a relação entre a figuratividade e a sensorialidade é retomada no trabalho “Modes du sensible et syntaxe figurative”²⁴⁷ de Jacques Fontanille²⁴⁸. Nesse artigo, Fontanille (1999, p. 1-2) explora a participação do que chama de “modos semióticos do sensível”, ou seja, dos cinco sentidos (ou da sensorialidade), no funcionamento da enunciação e da sintaxe figurativa. Para o semiótico, a sensorialidade tem muito a contribuir para as sintaxes discursiva e figurativa, sobretudo no que diz respeito à polissensorialidade e à sinestesia. Assim, à medida que propõe o estabelecimento de uma sintaxe figurativa, esclarece que ela é mediada pelos modos semióticos do sensível.

Para mostrar como a mediação da sintaxe figurativa ocorre, o analista demonstra como os cinco sentidos perpassam a sintaxe figurativa e de que maneira os modos semióticos do sensível tanto contribuem para a construção da autonomia figurativa do discurso quanto para a organização discursiva. Em suas palavras, “descrever de que maneira a sensorialidade participa da construção do sentido do mundo natural pelo homem, será então primeiramente descrever seu esquema sintático” (FONTANILLE, 1999, p. 25, tradução nossa²⁴⁹).

Fontanille (1999, p. 30) apresenta a sintaxe figurativa dos modos semióticos do sensível na forma de “efeitos de campos posicionais” que seriam os efeitos actanciais, modais e axiológicos em um discurso. O semiótico começa o percurso da sensorialidade pelo toque, que considera o “princípio de *contato fundamental*” (FONTANILLE, 1999, p. 32, grifos do autor) até chegar à visão, modo sensorial cujo uso é dominante no homem e que o semiótico considera ser o “[...] estágio último de autonomização da sintaxe figurativa”, percebido por meio da debreagem (FONTANILLE, 1999, p. 42, tradução nossa²⁵⁰).

²⁴⁷ Esse trabalho desdobra-se na posterior publicação de dois livros no século seguinte: *Soma et séma. Figures du corps*, em 2004, e *Corps et sens*, em 2011, este último traduzido para o português por Fernanda Massi e Adail Sobral em 2016.

²⁴⁸ Esse trabalho resulta de participação no Seminário Intersemiótico “Modes du sensible et formes sémiotiques II. L’autonomie du figuratif: Polysensorialité, synesthésie, syncrétisme et sémiotique du corps” ocorrido entre 1997 e 1998, sediado no CNRS.

²⁴⁹ Trecho original: “Décrire la manière dont la sensorialité participe à la construction du sens du monde naturel pour l’homme, ce sera donc d’abord décrire sa schématisation syntaxique”.

²⁵⁰ Trecho original: “[...] le stade ultime de l’autonomisation de la syntaxe figurative”.

Quanto às modalizações, que Fontanille (1999, p. 51-57) chama de “modalizações somáticas”, são subdivididas em modalizações do contato, sensorio-motoras, do campo recíproco e invólucros englobantes, do campo reversível e simultâneo, e do campo debreado. Elas seriam responsáveis pela “elaboração semiótica da sensação”, pois corresponderiam a um grau de debreagem figurativa resultante de um conflito entre valências de intensidade, que nomeia *energia*, e valências de extensão, que nomeia *matéria*. Assim, através do contato, a relação entre energia e matéria desenha a forma do corpo tocado. No final, as sensações são elaboradas pelo conjunto de modalizações, e as ordens sensoriais são convertidas em modos semióticos do sensível. De acordo com o pesquisador, essa sintaxe figurativa une-se a uma sintaxe tensiva, reconhecida a partir da formação de um sistema de valores dos modos semióticos do sensível, e conforme gerencia desequilíbrios e conflitos eidéticos, converte-os em *formas figurativas* (FONTANILLE, 1999, p. 67-68, grifos do autor).

Enfim, “Figurativité et perception” (1991) e “Modes du sensible et syntaxe figurative” (1999) retomam preocupações presentes no tomo II de “La figurativité”, a exemplo da necessidade de a semiótica discutir o papel da figuratividade na sintaxe discursiva, conforme observação de Greimas (1983), e explorar mais detidamente a existência de percursos figurativos isotópicos capazes de fazer emergir no nível superficial figuras presentes no nível profundo, como alertara Bastide (1983). Assim como Keane (1991), ao demonstrar como a construção figurativa da sensorialidade interfere na percepção do mundo pelo sujeito senciante, com seu estudo em torno de uma sintaxe figurativa autônoma, construída com a participação da sensorialidade, que traz uma contribuição sinestésica e polissensorial à sintaxe discursiva, à enunciação e às categorias tensivas, Fontanille (1999) dá continuidade aos debates de 1982-1983 e os complementa à medida que procura encontrar respostas para as questões que inquietaram os semioticistas na década anterior.

5.3. A figuratividade nos (*Nouveaux*) Actes Sémiotiques: um esforço coletivo de compreensão e construção de um conceito

Como vimos ao longo deste capítulo, nos textos examinados nas seções que trataram da plasticidade das semióticas-objeto, a figuratividade esteve associada seja à constituição dos fomentos plásticos e figurativos, seja às relações semissimbólicas, seja à exploração das linguagens mítica e poética dos textos. Epistemológico, o texto de Greimas (1984a) abordou todos esses aspectos. Da mesma maneira, Floch (1979) abordou a plasticidade e a natureza semissimbólica inerentes à visualidade aplicadas ao exame de textos literários. Coube a

Ruprechet (1983) colocar em prática o estudo dos formantes e do componente figural do discurso, nos termos zilberberguianos, na análise de um rótulo de xarope. O semissimbólico teve espaço no exame de objetos visuais realizado por Silva (1980, 1987) e, ainda, a espacialidade, as relações semissimbólicas, os motivos e a retórica possibilitaram a Thürlemann a análise de textos pictóricos, assim como Floch (1981) enxergou, nas relações semissimbólicas e na dimensão retórica de um texto publicitário, contribuições da figuratividade para a semiótica discursiva.

Nas seções voltadas para a operacionalidade da organização figurativa em diferentes textos – literários, científicos, crítica literária –, levando em conta os artigos analíticos, somente Frölicher (1981) e Bastide (1981) abordaram a figuratividade atuando em apenas um nível do percurso greimasiano. Ainda assim, ambos relacionaram suas pesquisas, em alguma medida, com a referencialização do discurso, assim como Rastier (1983), Geninasca (1983), Fontanille (1983), Bertrand (1982; 1983) e Silva (1980) – nesse caso, atrelada a um texto pictórico –, por meio de termos como impressão referencial, ilusão referencial, referencialização, desreferencialização do discurso. A um só tempo, da mesma maneira que Floch (1981) e Thürlemann (1983), Sacré (1983) problematizou a relação entre a figuratividade e a retórica, somando a ela o motivo, também caro a Courtés (1983), na composição e no desenvolvimento de sua hipótese de trabalho. O figural, nos termos de Zilberberg (1983), encontrou espaço em Ruprechet (1983) e ainda foi retomado por Bertrand (1983b), que divide com Thürlemann (1981; 1983) o estudo sobre a espacialidade no discurso, porém em textos realistas. Apõe-se a todos esses estudos, a polemização da constituição e a operacionalidade da figura por Geninasca (1981a).

Nos anos 1990, frente a novos olhares dos semiotistas para a teoria, somam-se aos demais trabalhos, a contribuição de Keane (1991), concernente ao estudo da figuratividade na sua relação com o sensível e a construção de uma sintaxe figurativa por Fontanille (1999). No próximo capítulo, vejamos como os grupos brasileiros polemizaram a figuratividade e quais contribuições surgiram desses debates.

6. ESTUDOS SOBRE A FIGURATIVIDADE NO BRASIL: DAS METAMORFOSES IGNACIANAS À FIGURATIVIDADE SENSÍVEL DE UM NOVO SÉCULO

[...] é possível caminhar com volúpia para o objeto do conhecimento, sentindo prazer no desafio da ilusão, do logro; partir para uma luta como que espanhola do toureiro contra o touro. Esse não é, porém, o modo mais praticado de fazer ciência. O mais praticado é, antes, o que privilegia o impulso para a verdade, a caminhada árida, penosa, lenta, em direção ao objeto do conhecimento. (SILVA, 1995a, p. 25).

No capítulo anterior, iniciamos a exploração dos textos-fontes reservados à investigação do conhecimento produzido sobre a figuratividade. Uma vez que determinamos, no segundo capítulo, que o exame dos textos-fontes seria dividido entre a produção científica desenvolvida na França e aquela que resulta de estudos empreendidos em grupos de semiótica brasileiros, debruçamo-nos, naquele capítulo, sobre as comunicações científicas publicadas no periódico administrado pelo grupo de semiótica francês, o GRSL.

Assim, percorremos a produção do GRSL sobre a figuratividade, em publicações coletivas e individuais nos (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, e identificamos os pontos de vista dos semioticistas, sendo alguns de tom mais provocativo, muitos em assonância e/ou de complementação teórica, outros simultaneamente concordantes e discordantes dos trabalhos dos colegas, mas todos voltados para um objetivo comum: colaborar com a elaboração de uma teoria do figurativo; uma teoria que fosse o mais geral possível, atendendo às ambições do projeto de construção coletiva da semiótica. Vimos reflexões sobre a constituição da figura e das organizações figurativas, como são operadas no e pelo discurso, e ainda o seu papel na construção do sentido e no fazer manipulatório no interior do processo enunciativo.

Neste capítulo, dando continuidade ao nosso propósito de tornar conhecidas as transformações sofridas na construção do conhecimento sobre a figuratividade na semiótica, damos atenção às contribuições dos grupos brasileiros para o conceito: de início, o CESAJG, fundador não somente de uma semiótica brasileira, mas, ao mesmo tempo, de uma escola paulista de semiótica, representada pelos trabalhos de pesquisadores dos grupos CASA e GES-USP, que sucedem as proposições teóricas dos semioticistas do Centro de Estudos Semióticos.

6.1. As produções de membros do CESAJG na *Significação*

Levando-se em conta que o processo de construção/transformação do saber acerca da figuratividade no Brasil tem início em 1974, ocasião em que a revista *BACAB* metamorfoseia-se em *Significação*, analisamos, a partir de agora, os textos que compõem o inventário do quadro 14: “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação” (1974) e “Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão” (1987), de Diana Luz Pessoa de Barros; “Estruturação do universo linguístico” (1974), “A construção do ator: do sîgnico ao simbólico” (1987a), “Indagações sobre os fundamentos da linguagem” (1990), “Sincretismo e comunicação visual” (1994) e “Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark” (1999), de Ignacio Assis Silva; “A figurativização na publicidade” (1990), de Leonilda Ranzani de Luca.

Nas seções seguintes, verificamos as contribuições teóricas dos pesquisadores brasileiros nos trabalhos ora elencados.

6.1.1. A figuratividade da metamorfose que funda a apreensão mítica: contribuições de Ignacio Assis Silva para uma semiótica efetivamente brasileira

Estando a teoria em fase de construção, assim como a semiótica a ser desenvolvida no CESAJG, e os membros do grupo instigados pela recente visita de Greimas ao Brasil, no número inaugural da *Significação*, dois trabalhos se destacam por abordarem, cada qual à sua maneira, a teoria do figurativo também ainda em devir. Um desses trabalhos é “Estruturação do universo linguístico”, de Ignacio Assis Silva. Nesse texto, Silva (1974), faz uma releitura de *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) voltada para a relação entre os arranjos figurativos e a percepção para polemizar uma revisão teórica de Greimas concernente ao nível semiológico, tendo em vista que na obra greimasiana é estabelecido que o “mundo dos ‘objetos’”, ou Mundo Natural, é codificado pela Língua Natural, o que quer dizer que o mundo à volta do sujeito é significado conforme é experimentado e, conseqüentemente, percebido, esclarece Silva (1974, p. 30).

Ele explica que em razão da relação entre língua e mundo dos objetos – sendo a língua o código que impõe ao destinador a experiência da percepção do mundo dos objetos (mundo exterior) –, dois níveis distintos se articulam no plano do conteúdo: o nível semiológico, lugar de articulação, no discurso, das figuras sêmicas que decorrem do mundo dos objetos, e o nível semântico, manifestação do discurso. Contudo, durante o curso “Semiótica da Narrativa”, essa escolha terminológica é desfeita, uma vez que da perspectiva greimasiana, para existir

significação para um leitor do mundo são observados tanto semas do nível semântico, quanto semas “[...] que encontram correlatos no mundo exterior [...]”.

Dessarte, o líder intelectual dos semioticistas brasileiros no período de implantação do CESAJG, nas palavras de Silva (1974, p. 30, grifos do autor), “[...] se declara propenso a substituir a expressão *nível semiológico* por *nível figurativo*”, tendo em vista que para produzir a significação, o leitor do mundo (sujeito que percebe) é perpassado por semas do nível semântico a ele intrínsecos (categorias interoceptivas), como a língua, e por semas que são exteriores a ele, porém correspondentes aos já internalizados por ele (categorias exteroceptivas). Isso quer dizer que esses semas pertencem à cultura desse sujeito perceptivo e o contato que esse sujeito tem com os semas se dá mediante uma articulação dos sentidos (percepção pelo olfato, pela visão, etc.). Eles seriam, “[...] por exemplo, os semas que diferenciam os lexemas *grande vs. pequeno, alto vs. baixo, quadrado vs. redondo, reto vs. curvo*”, narra Silva (1974, p. 30, grifos do autor).

Nesse sentido, uma vez que esses semas são significantes, a explicação greimasiana é de que o significante que circunda o sujeito só ganha significado ao passar pelo cérebro. Em outras palavras, existe uma relação “mundo-pensamento” que medeia a transformação de significantes em significados; relação que explica a revisão terminológica feita por Greimas, na qual as categorias exteroceptivas, como são concebidas na obra inaugural da semiótica, passam a ser denominadas “[...] *nível figurativo*, cuja função é articular, transformar o mundo exterior em significação [...]”, continuando, as categorias interoceptivas, pertencentes ao nível semântico (SILVA, 1974, p. 30, grifos do autor).

Ainda que o pesquisador brasileiro não mencione explicitamente nessa comunicação, em publicações ulteriores a *Semântica estrutural* (1973 [1966]) – republicadas na coletânea *Sobre o sentido* (1975 [1970], p. 42-43; 51) –, os semas reconhecidos como elementos do mundo natural já são chamados de “*figuras do mundo*”, devido, justamente, ao fato de darem ao homem a competência de perceber o mundo através da linguagem. Isso não impede, todavia, que o semioticista faça uma reflexão a respeito da manifestação figurativa pertencente à “gramática de superfície” (ou “nível aparente”), lugar de articulação da “instância de manifestação” e da “instância de realização”, como esclarece:

O nível aparente ou gramática de superfície se articula numa *instância de manifestação* (estrutura da manifestação conforme Greimas 1970, p. 136 e

plano da manifestação conforme Greimas 1972²⁵¹, p. 14) na qual os sememas e os diagramas semêmicos *desposam* (a metáfora é de Greimas) as combinações paralelas e não isomorfas da expressão, constituindo dessa maneira entidades virtuais que permanecem em disponibilidade na língua (às quais se poderia reservar o nome de *entidades-tipo*: signo-tipo ou frase-tipo), e numa *instância de realização*, onde se dá a atualização das entidades constituídas na instância de manifestação (têm-se então as *entidades-ocorrência*: signo-ocorrência e frase-ocorrência ou enunciado). (SILVA, 1974, p. 33).

Silva (1974, p. 33-34) explica, em nota de rodapé, que se em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]) a manifestação “[...] cobre apenas a distância que vai do que chamamos de instância profunda à nossa instância de superfície [...]”, em *Sobre o sentido* (1975 [1970]) o termo é estendido a uma identificação de manifestação com realização e, em entrevista de Greimas ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em agosto de 1973, há um alargamento no entendimento de manifestação, que em suas estruturas passa a ter um novo nível, “manifestação figurativa”, que corresponderia à instância de manifestação oposta à instância de realização.

Considerando que Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 300) definem a manifestação como “[...] a postulação do plano da expressão no momento da produção do enunciado e, inversamente, a atribuição do plano do conteúdo o momento de sua leitura”, com o objetivo de tornar as palavras de Ignacio Assis Silva mais claras, podemos entender por “manifestação figurativa” as figuras a serem investidas de conteúdo para, em seguida, serem reconhecidas como pertencentes a um universo sociocultural pelo enunciatário. Elas estão instaladas, nesse sentido, no plano da expressão do enunciado.

A manifestação figurativa, assim como a instância de realização, uma vez que integram a “gramática de superfície” do discurso, constituem-se critérios de descrição linguística que pertencem a uma hierarquia na análise semiótica, ou seja, estão em relação com o “nível imanente” também chamado de “gramática profunda”, que integra as estruturas profundas da significação. A investigação desses dois níveis – gramática profunda e de superfície – pelo semiótico, objetiva mostrar, sobretudo, como a combinação entre semas e femas e, por conseguinte, entre sememas e fememas, nas instâncias profundas e de superfície da manifestação produz significação à medida que são manifestadas e realizadas. Isso quer dizer que a significação parte da instância profunda e, portanto, mais abstrata, até chegar à

²⁵¹ O autor faz referência ao texto “Pour une théorie du discours poétique”, publicado na coletânea *Essais de sémiotique poétique* (1972). A tradução obra para o português, realizada pelo CESAJG, mais especificamente, por Jesus Antonio Durigan, *Ensaio de semiótica poética*, foi publicada pela editora Cultrix em 1976.

instância de realização, mais concreta, graças, em grande medida, à manifestação figurativa (SILVA, 1974, p. 31-39).

Tal perspectiva teórico-metodológica leva-nos a crer que essa reflexão acerca da integração das duas gramáticas (profunda e de superfície) soma-se à inquietação em torno da manifestação figurativa instaurando uma pesquisa que se repercute em transformações de estados no fazer investigativo ignaciano sobre a figuratividade. Isso quer dizer que, intrínseco ao PN de busca desse sujeito-pesquisador, Ignacio Assis Silva, o artigo “Estruturação do universo linguístico” (1974) é subjacente a “Une lecture de Velasquez” (1980) e “L’art abstrait: une poetique du depouillement” (1987b), ambos os textos publicados nos *Actes Sémiotiques*, sendo que este último desdobra-se em “Indagações aos fundamentos da linguagem”, comunicação científica publicada na *Significação* em 1990.

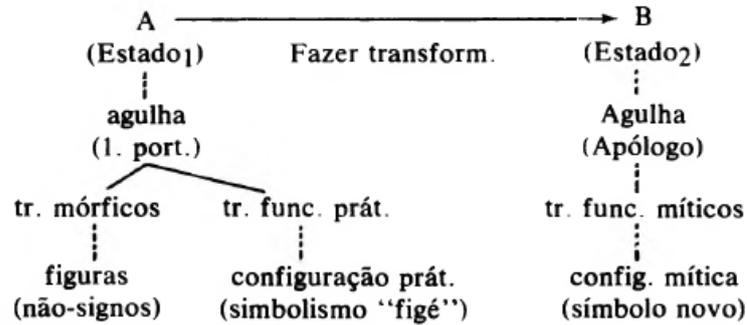
Em 1987, no número 6 da *Significação*, conformado a um espírito de época, no texto “A construção do ator: do sígnico ao simbólico”, Silva (1987a) investiga como o ator é construído pelo discurso, haja vista a figura ser tornada figura-ator, uma figura narratológica, por meio de procedimentos discursivos, entendidos pelo pesquisador como “[...] um percurso que nos leva do sígnico ao simbólico, ou melhor, como um trabalho de *transformação* que nos leva de um *estado sígnico* a um *estado simbólico*” (SILVA, 1987a, p. 51, grifos do autor). Essa figura-ator é, pois, uma instância semissimbólica que sincretiza a disjunção Mundo Natural/Língua Natural, como visto nos símbolos construídos no discurso e pelo discurso e não nos símbolos estereotipados, diz Silva (1987a, p. 51).

Embora o foco do semioticista seja a construção da figura-ator, a base da teoria que se desenha nesse artigo é a mesma de “Une lecture de Velasquez” (1980) – procedimento de desreferencialização sígnica anterior à reconstrução referencial com um novo valor, dessa vez, mítico. Entrementes, não somente outros conceitos são agregados à análise, mas também o *córpus* que já não é mais pictórico, e, sim, literário.

A transformação é explicada do ponto de vista da simbolização, na qual um simbolismo estereotipado é desconstruído para que um novo simbolismo seja construído no e pelo texto. Trata-se, nesse sentido, de uma transformação da função prática em função mítica, operação que será cara a Leonilda Ranzani de Luca (1990). Em outras palavras, um símbolo lexicalizado, portador de um sentido denotativo (em estado de dicionário), tem uma função prática, ou seja, um uso estereotipado (fixado) em uma cultura, a exemplo do termo “agulha” – uma haste fina utilizada para passar uma linha ou algo semelhante no processo de costura, bordado, tecitura, conforme *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014). Em um texto, esse mesmo

símbolo, a agulha, é refuncionalizado²⁵² por um programa narrativo que o leva a assumir um novo estado, um novo fazer, portanto mítico, como acontece com a agulha do conto machadiado, analisado nesse artigo de Silva (1987a, p. 51-52). Esse fazer transformador, demonstrando que a agulha tem, ao mesmo tempo, funções prática e mítica (simboliza o trabalho), é representado no esquema abaixo, formulado por Silva (1987a, p. 52):

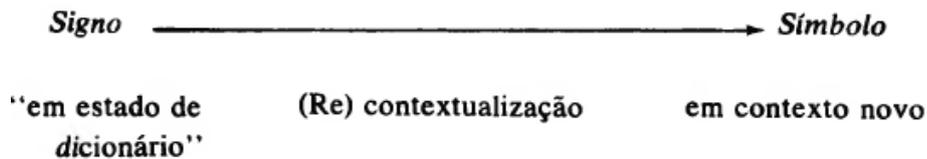
Figura 18– Construção do semissímbolo (transformação do signo em símbolo)



Fonte: Silva (1987a, p. 52).

O semiótico brasileiro esclarece que essa transformação só é possível, de uma perspectiva semiótica, na medida em que a base sêmica que representa a contribuição do mundo natural para a produção do sentido, desse modo exteroceptiva, assume a forma de “semas contextuais”, ou seja, de semas que medeiam a transformação do que é percebido pelo homem no mundo natural em linguagem (SILVA, 1987a, p. 53). Em termos ignacianos, no discurso, os semas contextuais são o “[...] domínio por excelência de manifestação da atividade humana de reconfiguração da relação LN x MN” (SILVA, 1987a, p. 54). Nesse sentido, esses semas recontextualizam o signo dicionarizado em um novo símbolo ou semissímbolo, mais precisamente, no processo de colocação do signo em discurso, que, nesse caso, resulta na construção do ator.

Figura 19 – Recontextualização sígnica em símbolo/semissímbolo/signo-símbolo



Fonte: Silva (1987a, p. 54).

²⁵² Embora esse termo cause estranheza, nós o utilizamos em adequação à metalinguagem utilizada pelo autor, para quem a transformação da “[...] entidade lexical /agulha/ em entidade discursiva [...]” corresponde a um “[...] trabalho de simbolização [que] procede a uma verdadeira *refuncionalização* que transforma, por exemplo, a função *prática* da *superatividade* de /cabeça/ em função *mítica*” (SILVA, 1987a, p. 51-52, grifos do autor).

Desse modo, a figura-ator, produto da recontextualização do signo é, reproduzindo palavras de Silva (1987a, p. 56), “[...] lugar ou instância semissimbólica onde se sincretiza a disjunção MN/LN. Tal sincretismo simboliza a construção pelo homem e para o homem de um lugar dotado de sentido para o seu ser/estar-no-mundo [...]” e as figuras narratológicas representam esse encontro.

Dando continuidade a esse interesse de Ignacio Assis Silva pelo semissimbólico, a partir de duas análises semióticas publicadas em outros periódicos, Silva (1990) desenvolve, em “Indagações aos fundamentos da linguagem”, o seu estudo em torno de duas metamorfoses a que já nos referimos no capítulo anterior: a dos touros picassianos²⁵³ e a do mito de Eco²⁵⁴. Com base na proposição de Bertrand e Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91) de que uma das funções da figuratividade é fazer com que as isotopias figurativas percam o contato com a referencialização, nesse texto de 1990, Silva prefere utilizar o termo figuratividade no lugar de figuração²⁵⁵, ao tratar do desaparecimento de traços figurativos no interior da gramática profunda do nível fundamental, mantendo a figurativização, responsável apenas pela concretização, em uma gramática discursiva (SILVA, 1990, p. 5-6).

Diante dessa distinção entre figuratividade e figurativização, Silva (1990, p. 6-11) demonstra como ocorrem as metamorfoses nas obras de Picasso e de Ovídio, dissecando os traços e as formas que destacam as particularidades dos objetos e que revelam as características mais abstratas (os temas), e as mais concretas dos enunciados, logo, mais facilmente identificáveis no mundo natural. No primeiro caso, a figuratividade produz um fenômeno de desreferencialização que se instala nas estruturas profundas, ao passo que na metamorfose ovidiana, a figurativização se encarrega dos efeitos de sentido de iconização, em que as figuras que recobrem os temas adquirem maior densidade sêmica na superfície discursiva, referencializando Eco e Narciso após terem passado por um processo primeiro de desreferencialização. A figuratividade, nesse sentido, para o pesquisador, é responsável pela disposição figurativa que faz significar o discurso em todos os níveis do percurso gerativo conforme o sentido se constrói, pois (re)arranjos figurativos são requeridos tanto no nível semionarrativo, quanto no discursivo.

Em meio a um jogo entre o figurativo e o não figurativo, entre o nível mais profundo e o mais superficial da significação, entre, por fim, a figuratividade e a figurativização, nesse

²⁵³ Conforme “L’art abstrait: une poétique du depouillement” (1987b), publicada nos *Actes Sémiotiques, Bulletin* número 44 – “L’art abstrait”.

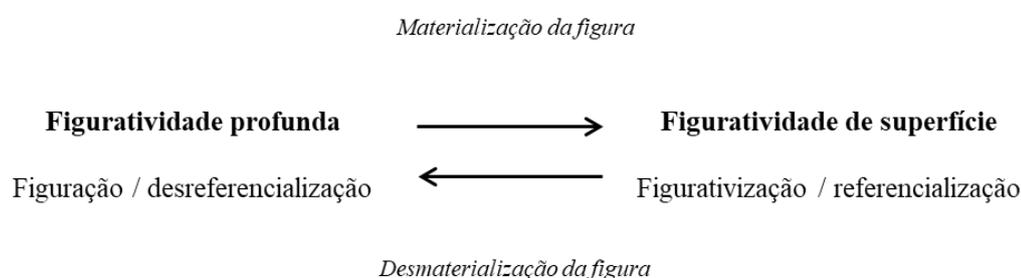
²⁵⁴ Conforme “A metamorfose de Narciso” (1988), publicada na revista *Cruzeiro Semiótico*, volume 9.

²⁵⁵ Segundo Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 212, grifos nosso), a figurativização é composta de dois patamares: um de *figuração*, onde se instalam as figuras semióticas, e outro de *iconização*, que reveste as figuras a fim de produzir ilusão referencial.

texto que sucede *Da imperfeição* (2002, [1987]), estando, assim, já amparado pela legitimação da manifestação figurativa na experiência sensível e pela conceituação da figuratividade no tomo II do *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), a interação dos métodos de análise empregados nas duas metamorfoses (de Picasso e de Ovídio) serve para ilustrar a proposta ignaciana de que a supressão de traços figurativos (a desreferencialização) conduz a um efeito de “evacuação de sentido” (como ocorre na rarefação do corpo de Eco e das formas dos touros de Picasso). Dessa perspectiva, consoante o autor, o exame das tramas figurativas faz “[...] uma caminhada que vai desreferencializando o discurso para provocar o efeito de sentido de desreferencialização do signo em relação ao objeto representado” de modo que possa, em seguida, “[...] aumentar a incidência do simbólico” (SILVA, 1990, p. 13). Tal afirmação, pensamos, recupera um ponto de vista já exposto em “Une lecture de Velasquez” em 1980.

Tendo em vista, portanto, o duplo movimento de referencialização e desreferencialização dos arranjos figurativos que Silva (1990) propõe em “Indagações aos fundamentos da linguagem”, desenvolvemos o seguinte esquema:

Figura 20 – Dupla leitura do percurso da figuratividade nos moldes ignacianos



Fonte: Santos e Portela (no prelo).

Como podemos perceber, nesse texto de 1990, procedimentos de figurativização e figuratividade são considerados fundamentos da linguagem, isto é, o alicerce da linguagem, e, por isso, são responsáveis por propiciar o engendramento de elementos figurativos a fim de produzir as metamorfoses (ou transformações) actanciais e temáticas em textos verbais, como a poesia, ou não verbais, nesse caso, o objeto visual. Há, nesse sentido, uma reafirmação à proposição de 1974 e ainda uma adequação à metalinguagem e à evolução do entendimento sobre como o figurativo se organiza para significar os discursos, visto que em 1990 a dimensão figurativa se organiza em dois patamares, nos quais a figurativização conduz às manifestações mais concretas, ou icônicas, ao passo que a figuratividade é responsável pela estruturação mais abstrata da significação – ponto de vista que faz ressoar as proposições de

Bertrand no *Buletin* “La figurativité” em 1983. Defendida a tese de livre-docência em 1992, isso fica mais evidente na medida em que esclarece que a figuratividade integra todos os níveis do percurso, mas “[...] a relação entre figuratividade profunda e de superfície é conhecida, na teoria semiótica, como *figurativização*” (SILVA, 1995a, p. 30, grifo do autor)²⁵⁶.

Além de figurativização, referencialização e desreferencialização, o semioticista brasileiro também explora outro conceito correlato à figuratividade na revista *Significação*: o semissimbolismo, que é comunicado em 1994 na forma de artigo, “Sincretismo e comunicação visual”, após a defesa de sua tese de livre-docência em 1992. Nesse artigo que alça a comunicação visual ao estatuto de melhor representante da relação entre diferentes semióticas em um mesmo texto (SILVA, 1994, p. 74), há uma retomada de trabalhos anteriores à adoção da semiótica como metodologia de pesquisa, a exemplo de “Conceitos básicos da análise estratificacional”²⁵⁷, publicado na BACAB em 1975, deixando clara a influência da Gramática Estratificacional de Lamb e Bennett na identificação do sincretismo nas relações entre os estratos, não importando a sua natureza: se “intra-estratal”, “interestratal” ou de “neutralização” (SILVA, 1994, p. 73)²⁵⁸.

Para explicar como acontecem as relações semissimbólicas, o autor parte da organização discursiva que possibilita produzir significação no sincretismo entre as linguagens para introduzir o que entende por semissimbolismo: corresponde às “[...] configurações de qualidades sensíveis sobre/sob as quais se erigem/deslizam qualidades de sentido [...]”, ou seja, “[...] grandezas atravessadas por tensões relacionais/relativizadoras” (SILVA, 1994, p. 75). Essas tensões surgem na oposição entre sincretismo e discretismo e

²⁵⁶ A fim de facilitar uma possível consulta à fonte original, sempre que nos referimos a informações contidas na tese de livre-docência de Ignacio Assis Silva defendida na UNESP de Araraquara em 1992, *Figurativização e metamorfose: relações intersemióticas (o mito de Narciso)*, utilizamos como referência a obra *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (SILVA, 1995a, p. 64-67), que é a tese metamorfoseada em livro.

²⁵⁷ Em “Conceitos básicos da análise estratificacional” (1975), o pesquisador defende a utilização de um modelo estrutural de análise. Assim, propõe uma hierarquização da análise, visto que a língua não somente deve “[...] ser concebida como uma hierarquia de estratos [...]” como também é constituída de uma “[...] rede de relações que se estabelece entre os elementos e as realizações desses elementos”, conforme determina a teoria estratificacional da linguagem (SILVA, 1975, p. 7). Para Silva (1975, p. 32-33), o “modelo estratificacional” é ao mesmo tempo sintagmático e distribucional, o que possibilita à “análise estratificacional” não admitir uma relação direta e imediata entre os planos da expressão e do conteúdo, visto que o significante linguístico não é linear, ou seja, pode se realizar de diferentes maneiras, como acontece no discurso poético. Esse ponto de vista reflete sua formação jakobsoniana que após afirmar que os resultados dessa tese “[...] repercutem proveitosamente nas modernas investigações do discurso poético”, deixa claro em nota que “quem mais tem insistido no caráter não linear do significante linguístico é Roman Jakobson” (SILVA, 1975, p. 34). Da mesma forma, traz à luz leituras da *Semântica Estrutural*, de Greimas (1973 [1966]), dos *Prolegômenos*, de Hjelmslev (2003 [1943]) e dos *Problemas de linguística geral*, de Benveniste (2005 [1966]).

²⁵⁸ Já na introdução do texto afirma: “Meu primeiro contato com a noção de sincretismo foi quando estudei os conceitos básicos da Gramática Estratificacional de Sydney Lamb e D. C. Bennett” (SILVA, 1994, p. 73).

resultam em três tipos de metamorfoses (SILVA, 1994, p. 76-77) que em sua tese de livre-docência nomeia: “faz-ser a leitura sgnica do mundo”, a que “faz-ser a relação semi-simbólica”, a que “faz-ser a linguagem das linguagens”, conforme Silva (1995a, p. 64-67).

Assim sendo, primeiramente, a tensão pode conduzir a uma “*dessincretizao*”, o que equivale a um “desinvestimento” passional, figurativo e temático no qual o “menos” passa a dizer “mais” através dos primitivos figurais e temáticos, ou seja, de uma “desfigurativizao” (SILVA, 1994, p. 77). Essa tensão também pode produzir o que Silva (1994, p. 77-78) chama de “sincretismo dos sincretismos”: intertextual e intra-actancial, recupera os valores, a cultura e a história adormecidos no signo já corroído pelo uso  medida que promove um jogo semiótico de metamorfose de figuras do mundo (figuratividade do mundo natural) em figuras da língua (classematicidade da língua natural) que se não anula a distância entre elas, a reduz drasticamente. Ao terceiro sincretismo está reservada a combinação de diferentes sistemas semióticos em textos visuais. Nele ocorre uma operação intratextual, mas simultânea e principalmente intertextual. Para Silva (1994, p. 78), trata-se de uma “[...] operação intersemiótica que faz-ser uma imagem ou conjunto de imagens [...] como uma figura emblemática de uma Cultura ou de uma fase dessa Cultura”.

Essa última metamorfose, para o semioticista só pode ser assim classificada se ocorrer em todos os estratos do percurso gerativo, ainda que não na mesma intensidade, entretecendo-os, assim como as “imagens” particulares a cada sistema semiótico, durante o ato de linguagem (SILVA, 1994, p. 79). Reproduzindo as suas palavras:

A meu ver, só se deve falar de sincretismo, neste terceiro caso, se há ato de linguagem que entretce as “imagens” particulares não em nível meramente temático ou meramente figurativo, mas as entretce em todas as camadas do percurso gerativo da significação, umas mais, outras menos, mas todas. Quanto menos se trabalham as “imagens” tanto gerativa como transformacionalmente, menos sincretismo há [...] (SILVA, 1994, p. 79).

Quanto ao sincretismo entre enunciação e enunciado, Silva (1994, p. 79-80) esclarece ser a criação do efeitos de discurso de enunciação enunciada, muito ricos no cinema e na televisão que usam artifícios de iluminação, enquadramento, entre outros, para introduzir, ilusoriamente, o enunciador e o enunciatário no enunciado. Esse recurso cria, porém, um efeito de crise/aceleração cognitiva que suprime a fdcia, conduzindo o enunciatário a uma não crença. Os efeitos de ilusão referencial, ou, ao contrário, de evacuação de sentido, não deixam de ser importantes para o semioticista em trabalhos posteriores, como “*Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark*”, publicado em 1999, no mesmo periódico.

Nesse texto²⁵⁹, Silva (1999) propõe analisar uma exposição de Lygia Clark realizada em 1967 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. À análise, aplica, entre outros conceitos semióticos, a noção de figuratividade, que em suas palavras “[...] desponta rumo ao sensível imanente, ao estatuto mítico, subjacente [...] às descamações do discurso; mítico, pois lá produz a transformação fundamental da relação Sujeito-Objeto, acontecimento único, extraordinário, estabelecimento instantâneo de um ‘estado de coisas’” (SILVA, 1999, p. 135, tradução nossa²⁶⁰). Em outros termos, a percepção da experiência sensível, para Silva (1999, p. 135, tradução nossa²⁶¹), é o “[...] o estatuto figural da metamorfose instantânea do estado de coisas”.

Ademais, Silva (1999, p. 138, grifos do autor) esclarece que a produção da artista plástica brasileira propicia o estudo da figuratividade no que concerne às pesquisas daquele momento sobre a figurativização e o semissimbolismo, à medida que estabelecem uma *matriz fundadora do imaginário*²⁶². Ele insiste que “a figuratividade profunda, concebida enquanto instância de uma metamorfose radical [...] onde [...] figuras do mundo engendradas pela percepção se transmutam em semas [...]” (SILVA, 1999, p. 138, tradução nossa²⁶³), é convocada para o esvaziamento da forma ao quase nada em Lygia Clark, à dessincretização que conduz à forma mais abstrata de sua produção, o que instiga a busca por uma *intersemiose fundamental* que precede o fazer do sujeito da enunciação. A um só tempo, em termos de pressentimento de valor, na relação entre sujeito e objeto na produção clarkiana, o sujeito é atraído pelo objeto ainda antes de ser modalizado e é nesse lugar de junção dos traços das macrossemióticas Mundo Natural e Língua Natural que o inteligível e o sensível se estabelecem primeiro (SILVA, 1999, p. 138, grifo do autor).

Esse texto encerra o percurso do semioticista²⁶⁴ que, ao relacionar figuratividade profunda às manifestações do sensível e do inteligível no trabalho de uma artista plástica, reafirma a relação entre semissimbolismo, sensorialidade e tensividade, muito estudada no decênio, a exemplo dos trabalhos de Fontanille no mesmo ano e, em certa medida, de Teresa Keane em 1991. Ao mesmo tempo, reflete novas inquietações relacionadas com a

²⁵⁹ Em nota de rodapé, Silva (1999, p. 129) esclarece que o artigo é a transcrição de uma palestra que proferiu em 1998 no VI Congresso da Associação Internacional de Semiótica Visual (AISV), realizado em Siena (Itália).

²⁶⁰ Trecho original: “[...] pointe vers un sensible immanent, au statut mythique, sous-jacent [...] les exfoliations du discours; mythique car il s’y produit la transformation fondamentale de la relation Sujet-Objet, événement unique, extraordinaire, établissement instantané d’un ‘état de choses’”.

²⁶¹ Trecho original: “[...] le statut figural de la métamorphose instantanée de l’état de choses”.

²⁶² A matriz fundadora do imaginário pode ser compreendida como um suporte figural que subjaz a figurativização (SILVA, 1995a, p. 94).

²⁶³ Trecho original: “[...] la figurativité profonde, conçue en tant qu’instance d’une métamorphose radicale [...] où [...] figures du monde engendrées par la perception, se transmutent en sèmes [...]”.

²⁶⁴ De acordo com nossa investigação, é o último texto publicado por Ignacio Assis Silva, que falece em 2000.

figuratividade como o evento estético e a busca por uma transcendência das estruturas²⁶⁵ – a exemplo do pressentimento de valor –, haja vista a experiência sensível convocar e ser convocada em pesquisas voltadas para a apreensão estética e estésica.

Se retomarmos os três últimos textos de Ignacio Assis Silva publicados na revista *Significação*, podemos notar que aplicado à comunicação visual, “Sincretismo e comunicação visual” contribui para o estudo das semióticas sincréticas. Nesse aspecto, a configuração das organizações figurativas mais e/ou menos concretas tanto concorrem para a produção de um fazer-crer, no caso das artes plásticas, quanto para uma supressão do crer na televisão e no cinema, dando continuidade aos estudos já empreendidos pelo pesquisador entre 1980 e 1990 em torno dos procedimentos de referencialização e desreferencialização. Ademais, este trabalho recupera, interdiscursivamente, uma das principais contribuições para a semiótica discursiva, introduzida em “Indagações aos fundamentos da linguagem”, em 1990, mas também recuperada em “Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark”, em 1999: a discussão em torno do pensamento mítico, mais precisamente, a respeito do que vem a ser a metamorfose radical que surge no e do discurso mítico, uma vez que a proposta do trabalho de Silva (1995a, p. 50) sobre a metamorfose é, em suas palavras, “[...] em vez de ir da metáfora radical às manifestações artísticas, ir destas àquela, ou melhor, à metamorfose radical”.

Nos textos de 1990 e 1994, não há uma referência direta à metamorfose radical, conceito explorado em *Figurativização e metamorfose* (1995a), mas sim ao pensamento mítico – cujo interesse não é entender a racionalidade do homem, mas a sua natureza simbólica, equivalente à compreensão semiótica das operações semissimbólicas²⁶⁶ –, como a seção “Metamorfose e pensamento mítico: a adesão ao aspecto concreto e particular das coisas”, em 1990, e o primeiro tipo de metamorfose, em 1994, que visa a “des-sincretizar, des-adensar para chegar a uma *relação mítica* despojada” (SILVA, 1994, p. 77, grifos nossos). Por outro lado, há recuperação anafórica do tipo intertextual à metamorfose radical no texto de 1999, não somente quando Silva (1999, p. 138) diz que a transformação de figuras do mundo engendradas pela percepção (percepts) em semas ocorre “na instância da metamorfose radical”, mas antes, ao retomar alguns conceitos-chave de sua tese concernentes à metamorfose, entre eles: i) que a metamorfose resulta da desconstrução de uma forma que

²⁶⁵ Essas questões são discutidas pelo pesquisador em “A escuta do sensível”, publicada na coletânea *Corpo e sentido* (1996), e “Brøndal, Hjelmslev, Greimas”, publicada em *Do inteligível ao sensível* (1995b). Nesse último texto, propõe que a semiótica pós *Da imperfeição* (2002 [1987]) não abandone a estrutura; por outro lado, sugere que ela se expanda rumo a uma semiótica “meta- ou semi-simbólica”; portanto, menos ortodoxa, em que a tensividade tenha mais espaço nas análises (SILVA, 1995b, p. 65-68).

²⁶⁶ Conforme Silva (1995a, p. 53), “[...] diferenças meramente morfológicas, ligadas à figuratividade do animal, servem de ponto de apoio para a estruturação de toda a narrativa mítica. O que a narrativa faz é pôr em discurso (discursivizar) a operação mítica [...] semi-simbólica na visão atual da semiótica”.

não desaparece totalmente (deixa um resquício); ii) a metamorfose radical é a fala do mundo, pois transforma um estado de coisas em um estado de signo; iii) a nova forma é gerada a partir de um suporte figural profundo (matriz figural), diz Silva (1999, p. 133).

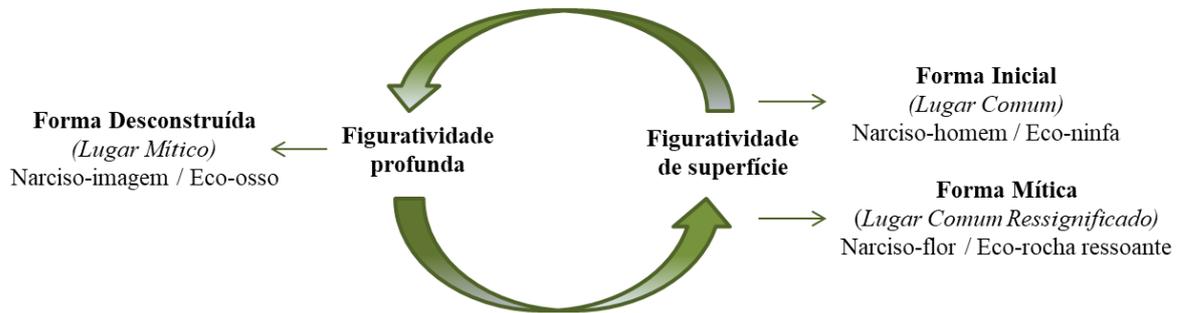
Mas o que seria essa metamorfose radical? Nos parágrafos finais de “Indagações aos fundamentos da linguagem”, Silva (1990, p. 13) explica que a desreferencialização sígnica produzida por Picasso (touro-linha) é tão cheia de sentido quanto as “formações insignificantes” de Henri Michaux, que ao pintar um homem-linha, portanto desprovido de forma, consegue significar “[...] um ‘eu’ produtor de espaço”; um espaço que só surge em razão da transformação “[...] da aparência [do homem] em sua origem”. Esse fazer do pintor, para Silva (1990, p. 14), é um “fazer mágico” que, por meio de um gesto radical, recorta a tela e inaugura “[...] a emergência do mundo do sentido”. Em “Sincretismo e comunicação visual”, o semiótico do CESAJG atribui ao primeiro tipo de metamorfose a característica de buscar o menos para dizer mais – tal qual o touro de Picasso e o homem de Michaux –, produzindo uma “relação mítica despojada”, pois alicerçada em “primitivos figurais e temáticos” (SILVA, 1994, p. 77).

Em *Figurativização e metamorfose* (1995a), o pesquisador encontra em estudos empreendidos por Ernest Cassirer acerca da natureza metafórica do pensamento mítico, o embasamento necessário para explicar, semioticamente, os movimentos realizados pelo touro-linha, pelo homem-linha rumo ao despojamento da relação mítica:

Cassirer escreve que até a forma mítica mais simples só pode surgir em virtude de uma transformação de uma impressão que é da ordem do comum, do cotidiano e do profano, em algo da ordem do sagrado, do mítico-religioso. E isso se faz como uma [...] transposição [...] para outro gênero ou classe [...] Ao acrescentar, porém, que não se trata a rigor de uma transposição, mas da criação da classe para onde se faz a passagem, não vejo mais aí a definição de uma metáfora, mas de uma metamorfose radical. (SILVA, 1995a, p. 49).

Silva (1995a, p. 49), portanto, entende a metamorfose radical como o movimento em que, na transposição de uma classe para outra, não se tem apenas a passagem de uma classe para outra que já está pronta, pois, ao mesmo tempo em que se tem um movimento de saída, esse mesmo movimento cria a classe para onde vai. Nesse sentido, a classe para a qual uma classe primeira é transposta é uma classe nova, transformada, e não uma classe preexistente. Abaixo, tomando como exemplo as metamorfoses de Eco e Narciso, exploradas pelo pesquisador, procuramos ilustrar de que maneira ocorre essa metamorfose radical:

Figura 21 – Modelo de metamorfose radical (a transformação de Eco e Narciso)

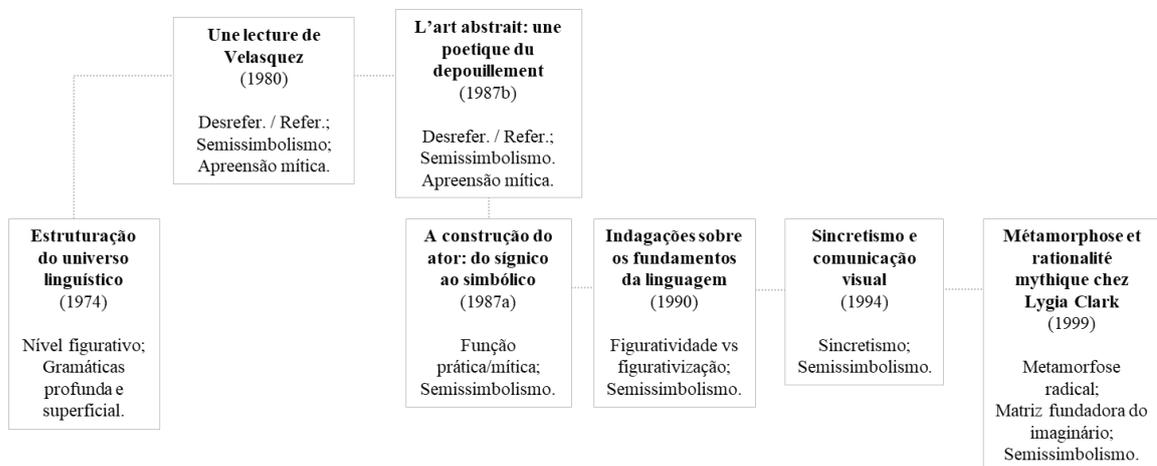


Fonte: Santos e Portela (no prelo).

Explicando melhor, pensando no desinvestimento figurativo dos atores Narciso e Eco, a metamorfose radical corresponderia à tentativa malograda de retorno do comum à sua situação inicial (classe do comum); malograda porque tendo sido destituído de sua forma primeira já não pode mais ser como antes (restabelecer a mesma forma ou o mesmo investimento figurativo), sendo, desse modo, transformado em mítico, ou seja, o comum já não pode ser mais o comum primeiro, pois já se configura um comum outro, um comum reformulado. É isso que acontece com a ninfa Eco – transformada em osso (o corpo é despido de traços perceptuais) e depois em rocha ressonante (só o som da voz volta a existir) –, e com Narciso (humano) – transformado em imagem (perde a materialidade) e, em seguida, em flor (permanece apenas a sua essência, a beleza).

Tendo em vista os trabalhos de Silva analisados nesta tese, antes de passarmos aos estudos realizados por Barros (1974; 1987) e por Luca (1990), ilustramos, o percurso dos conceitos semióticos relacionados com a figuratividade que mais se destacam em seus textos:

Figura 22 – Evolução da figuratividade nos estudos de Ignacio Assis Silva



Fonte: autora.

É importante esclarecer, sobre o trabalho desse autor, que ele publicou nos *Actes Sémiotiques* ao mesmo tempo em que era membro do CESAJG, porém estava realizando estágio com Greimas, motivo pelo qual transitou entre os dois grupos. Evidentemente, a contribuição dele naquele periódico foi registrada no capítulo anterior, mas não podemos nos esquecer de que a produção ignaciana, mesmo distribuída entre diferentes periódicos, constitui um processo e, se é anterior a 1992, vai culminar em *Figurativização e metamorfose* (1995a), caso desses trabalhos. Sendo assim, as publicações na França também são uma contribuição para a e da pesquisa brasileira, visto que os textos publicados lá foram traduzidos para outras línguas, publicados em outros países, como a Itália, por exemplo. Trata-se, pois, de uma contribuição da semiótica brasileira e que pode ser considerada bastante expressiva.

Como evidenciam outros trabalhos já analisados nesta tese, a relação entre a figuratividade e a construção de operações semissimbólicas não interessa somente a Ignacio Assis Silva. Outros pesquisadores ocupam-se dela à medida que atua em outras semióticas-objeto, como o texto publicitário, a exemplo de Floch (1981). Assim, em 1990, nos números 8 e 9 da *Significação*, Leonilda Ranzani de Luca realiza uma análise figurativa de peças publicitárias, visando mostrar de que maneira figuratividade e figurativização se relacionam em textos publicitários e, assim, evidenciar “[...] como a figuratividade/figurativização ‘brota’ e ‘floresce’ a partir dos valores da estrutura profunda até a manifestação” (LUCA, 1990, p. 17) no artigo “A figurativização na publicidade”. Antes dela, Barros (1974; 1987) investiga as relações figurativas na linguagem gestual, em pinturas e em textos literários.

6.1.2. Da compreensão da figura na linguagem gestual à publicidade: a assunção da figuratividade na homologação de categorias entre os planos da linguagem

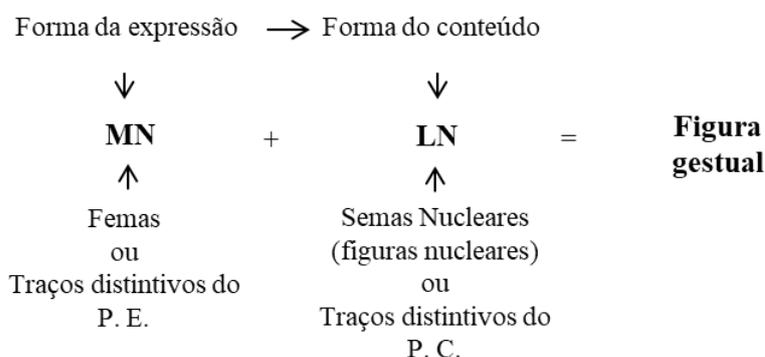
Como mencionado na seção anterior, outro trabalho que se destaca no primeiro número da revista brasileira de semiótica, haja vista tratar das manifestações figurativas, é “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação”, de Diana Luz Pessoa de Barros (1974). Nesse texto, a pesquisadora realiza, simultaneamente, uma revisão teórica – como forma de tornar mais conhecidas as proposições teórico-metodológicas presentes em *Semântica estrutural* (1973 [1966]), tomando como exemplo o estudo acerca da gestualidade empreendido por Greimas no artigo “Condições para uma semiótica do mundo natural” (1975 [1970]) –, e analisa, de uma perspectiva semiótica, um verbo de comunicação. Do ponto de vista teórico, a pesquisadora explora, em certa

medida, os mesmos aspectos de *Semântica estrutural* (1973 [1966]) que Silva (1974), abordando, inclusive, a substituição do termo “nível semiológico” por “nível figurativo”.

Uma vez que as manifestações figurativas não configuram seu interesse teórico no momento, a menção ao nível figurativo, em termos semióticos, é um programa narrativo de uso que busca chegar ao modelo de análise dos tipos de gestualidade, que, por sua vez, confere à pesquisadora a competência para realizar a *performance* de examinar um verbo de comunicação (o *cópus* do trabalho). Entretanto, nesse PN de uso Barros (1974, p. 80-82) também mostra como ocorre a correlação entre mundo natural e línguas naturais na constituição das figuras, utilizando como modelo a linguagem gestual, na medida em que exemplifica a constituição das figuras visuais/gestuais.

De acordo com a pesquisadora, em consonância com Greimas (1973 [1966]; 1975 [1970]), as figuras do mundo natural pertencem ao plano da expressão, por isso, são chamadas de figuras do plano da expressão do mundo natural. Elas correspondem às figuras visuais e demais figuras sensoriais (nesse caso, compreendendo todos os sentidos), como é o caso das figuras gestuais, que são inerentes à gestualidade. A forma da expressão das figuras sensoriais (do mundo natural, como as gestuais) constitui a forma do conteúdo das figuras nucleares, ou seja, ambas formam as figuras do conteúdo das línguas naturais (lembrando que a linguagem gestual é entendida como uma língua natural). Sendo assim, as figuras das línguas naturais pertencem ao plano do conteúdo. Além disso, se as figuras das línguas naturais são compostas de figuras nucleares, também chamadas de semas ou traços distintivos do plano do conteúdo, as figuras do mundo natural são formadas por femas, que são os traços distintivos do plano da expressão. Para tornar mais fácil a compreensão de como as figuras se formam, abaixo reproduzimos a explicação de Barros (1974, p. 80-82) na forma de esquema:

Figura 23 – Constituição das figuras visuais/gestuais

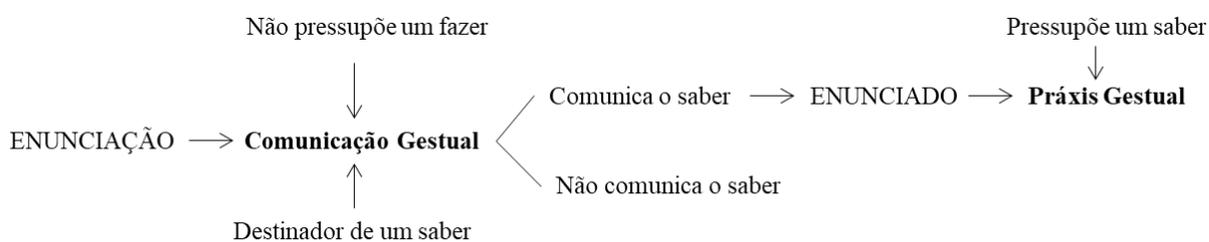


Fonte: autora.

Ao tratar da linguagem gestual, Barros (1974, p. 84-86) entende que a práxis gestual está relacionada com o fazer do gesticulante, sujeito do enunciado, uma vez que na relação “homem – mundo (sujeito – objeto)”, o homem realiza um fazer e o mundo é o objeto do fazer – é o que é feito (o gesto). A comunicação gestual, por sua vez, é detentora do saber do enunciador/destinador a ser transmitido para o enunciatário/destinatário. Nesse sentido, deve ser entendida no nível da enunciação, sendo o gesticulante sujeito da enunciação e destinador de um saber a um destinatário. Em outras palavras, a linguagem gestual é uma língua natural e como toda língua natural é responsável por codificar (ou transcodificar) o mundo percebido pelo homem (o mundo natural). Esse processo requer que o saber seja comunicado (comunicação gestual) e a realização da comunicação é competência do sujeito do enunciado, que coloca a linguagem gestual em prática (práxis gestual).

Na práxis gestual, a realização do fazer (gesticular) é naturalizada, ou seja, não pressupõe um saber, não precisa passar pelo processo de reconhecimento do mundo por parte do gesticulante, pois é um fazer já automatizado; uma automatização que transforma a práxis gestual em uma “não-comunicação”. O saber do qual a comunicação gestual é detentora, por outro lado, não exige um fazer, tornando o detentor do saber o destinador da transmissão desse saber. Em vista disso, a pesquisadora vale-se das funções da linguagem para explicar que apesar de destinadora da transmissão do saber, a comunicação gestual é incapaz de produzir enunciados com função referencial, no sentido jakobsoniano, razão pela qual existe enunciação sem enunciado (BARROS, 1974, p. 84-86). Desse modo, é inadmissível, para Barros (1974, p. 86), a existência do sincretismo destinador-sujeito, pois “aquele que gesticula é ou destinador, na comunicação gestual, ou sujeito, na práxis gestual”. De forma resumida:

Figura 24 – Papel actancial do gesticulante na enunciação e no enunciado gestual



Fonte: autora.

Em 1987, a semiotista do CESAJG publica “Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão”²⁶⁷ na revista *Significação*. Situando como atuais as

²⁶⁷ Em nota de rodapé, Barros (1987, p. 5) diz que o trabalho é derivado de uma apresentação em mesa-redonda sobre problemas de expressão no I Colóquio Luso-Brasileiro de Semiótica, realizado em 1984, em Niterói (RJ).

inquietações dos semioticistas acerca das relações entre expressão e conteúdo, com foco, sobretudo, no plano da expressão (o plano do conteúdo fora priorizado no início do projeto semiótico), a pesquisadora brasileira aponta o interesse da disciplina por dois produtos de correlações entre os planos da linguagem: as relações semissimbólicas e os sistemas semióticos sincréticos, estando, entre eles, a linguagem poética ou plástica. Diante disso, a autora considera merecer atenção dos semioticistas três contribuições do estudo da expressão, realizados por Floch e Thürlemann no GRSL, que afirma ainda estarem mal resolvidas (BARROS, 1987, p. 5).

A primeira, de acordo com Barros (1987, p. 5-6), corresponde à “separação de expressão de conteúdo, para análise”. Em outras palavras, nessa fase do projeto semiótico, na (re)construção da significação, expressão e conteúdo são organizações hierárquicas que precisam ser analisadas separadamente, visto uma ser independente da outra. Além disso, já não se admite mais examinar o plano da expressão apenas enquanto lugar onde formantes recebem significado, pois a expressão, mais que componente fonético-fonológico ou catálogo de cores, possui organizações secundárias (oposições de expressão cromáticas, eidéticas e topológicas²⁶⁸) que na relação com o conteúdo produzem efeitos de figuração e abstração, a exemplo dos encontrados em textos literários e pictóricos.

Afirmando, com base em Hjelmslev (2003 [1943]) e Greimas (1984a), que a distinção entre os sistemas semissimbólicos e os simbólicos está na identificação entre categorias dos planos da linguagem por parte dos primeiros, ao passo que, os segundos conformam termos isolados da expressão e do conteúdo, a semioticista aponta que a segunda contribuição está nas “elaborações secundárias da expressão”. Nesse sentido,

Os sistemas semi-simbólicos [...] ocorrem como linguagens secundárias, plásticas no visual e poéticas no verbal, ou melhor, como novas e superpostas relações entre o plano da expressão e o do conteúdo. Muito provavelmente seja a denominação de poética a mais adequada a tais organizações segundas da expressão correlacionadas a categorias abstratas do conteúdo, quer se trate de pintura, poesia ou dança. Agregados a linguagens, no sentido estrito acima referido, os sistemas semi-simbólicos dominam-nas, muitas vezes, invertendo-se a hierarquia, como parece acontecer na pintura e na poesia “abstratas” (ou “concretas”?). (BARROS, 1987, p. 7).

Assim, diante da correlação entre as categorias abstratas do conteúdo e as novas organizações da expressão, que leva Barros (1987, p. 7) a preferir chamar os sistemas

²⁶⁸ Como exemplo de oposições cromáticas, a autora cita, entre outros, “claro vs escuro”; de oposições eidética (ou de formas), “contornos rotundos vs angulares” (BARROS, 1987, p. 6).

semissimbólicos de “linguagem poética”, sobrevêm formas originais e criativas de fazer saber sobre o mundo, ou seja, de lê-lo, que podem se instaurar diante do enunciatório como no quadro *Girassóis*, de Van Gogh, explica a autora, o qual recobre traços de vida e juventude, pertencentes ao plano do conteúdo, por meio de elementos cromáticos da expressão, a exemplo do claro e do puro (referindo-se às cores puras).

A terceira contribuição diz respeito às “relações entre dois ou mais sistemas semióticos”, também chamadas de relações intersemióticas, uma vez que são “referenciais”. Barros (1987, p. 7-8) explica que se em uma leitura apenas do plano do conteúdo de *Girassóis*, a figurativização faz com que o tema do envelhecimento receba investimentos figurativos da flor que fenece, em uma leitura semissimbólica do mesmo quadro, outro procedimento de figurativização é realizado à medida que imbrica figuras da expressão (plásticas ou poéticas) e figuras do conteúdo. Assim, enquanto categoria do conteúdo, a oposição juventude *vs* velhice pode ser lida como correlata à categoria da expressão claro *vs* escuro. Por outro lado, na análise de textos verbais, esses dois recursos de figurativização tanto podem aparecer separados, como no caso do quadro de Van Gogh, quanto combinados. Nesse caso, um mesmo percurso temático (como a evasão) pode ser investido de figuras de expressão (fricção contínua) e de figuras do conteúdo (navegação), tal qual propõe Floch (1981)²⁶⁹, esclarece a semioticista brasileira. Em vista disso, Barros (1987, p. 10) assevera que os procedimentos discursivos e textuais são semelhantes na leitura do plástico em textos visuais e do poético em textos verbais.

Essa revisão teórica também mostra que a noção de iconização, procedimento que torna concretos os conteúdos temáticos abstratos, é redefinida pela autora, uma vez que a sua finalidade primeira de “representar o mundo” passa a ser “[...] de fazer crer que isso foi feito – efeito de sentido de real ou de referente –, ao mesmo tempo que, através sobretudo do plástico e do poético, procura recriá-lo [...]”, produzindo o “efeito de sentido de verdade” (BARROS, 1987, p. 9). A criação dos efeitos de verdade, nesse sentido, continua sendo responsabilidade das figuras do conteúdo, na medida em que o enunciador recorre à ilusão referencial para persuadir o enunciatório. Ademais, ela pode ser requerida tanto para causar efeitos de realidade, quanto de irrealidade do mundo, a depender da intencionalidade do enunciador. Em outros termos, mesmo que o plano da expressão dos objetos visuais possa ser correlacionado ao mundo sensível da mesma maneira que o plano do conteúdo, na esteira de Greimas

²⁶⁹ Barros (1987, p. 12) faz referência às “[...] relações entre materiais sensoriais diferentes (sonoro e visual, por exemplo) que manifestam uma mesma forma da expressão”.

(1984a)²⁷⁰, a produção de ilusão referencial por meio de recursos figurativos discursivos ainda prevalece quando se trata de reconhecimento de figuras do mundo, diz Barros (1987, p. 12).

Retomando a afirmação inicial de Barros (1987, p. 5) acerca da atualidade das discussões em torno da expressão, é importante esclarecer que embora publicado em 1987, esse artigo é versão de uma fala da pesquisadora do CESAJG em mesa-redonda sobre problemas de expressão realizada em 1984, mesmo ano em que Greimas publica “*Sémiotique figurative et sémiotique plastique*”. Esse texto, assim como outros trabalhos de semioticistas do GRSL, atualiza debates teórico-metodológicos iniciados ainda nos anos 1970 no ateliê de semiótica visual – e em certa medida ela confirma isso. Sendo assim, parece-nos mais adequado dizer que, à época da publicação do artigo, as preocupações com a plasticidade da linguagem poética, o sincretismo e o semissimbólico permanecem tão atuais quanto no ano em que a autora debateu esse assunto pela primeira vez, quando acreditamos ter havido um pico de interesse pela figuratividade. Ao mesmo tempo, publicar essa apresentação em 1987, reafirma um espírito de época, que se atualiza em trabalhos de Silva (1987a; 1990; 1994; 1999) e Luca (1990) no CESAJG e, da mesma maneira, em estudos dos pesquisadores do GRSL que também se interessam pelas relações entre expressão e conteúdo, como confirma Cañizal (1987, p. 4):

[...] o estudo do significante se tornou, nestes últimos anos, uma tarefa indispensável, já que é no plano da expressão onde a semiose encontra seu autêntico lugar de manifestação. Além disso, da organização material das formas significantes depende, amiúde, a produção de semas inexistentes nas formas conteudísticas fixadas pelo hábito e pelos dicionários.

Dando continuidade à preocupação com as relações entre os planos da linguagem, Luca (1990, p. 18) parte do preceito de que o texto publicitário é sempre composto de um “[...] objeto com valor prático e outro objeto com valor mítico [...]”. Assim, a pesquisadora reconstrói o sentido de várias propagandas tendo em vista o que chama de “[...] **refigurativização** no visual, de traços semânticos contextuais que compõem o aporte-predicado das figuras-ator sujeito e objeto, já expressas no verbal” (LUCA, 1990, p. 19, grifo nosso). Essa refigurativização nada mais é que a transformação de um estado sígnico em um

²⁷⁰ O significante dos objetos planares é construído a partir de qualidades do mundo natural e essas mesmas qualidades configuram-se “traços do *significado* nas línguas naturais”, segundo Greimas (1984a, p. 11, grifo do autor). Esse ponto de vista não se distancia do que o autor já afirmava em “Condições para uma semiótica do mundo natural” (1975 [1970], p. 53): “[...] categorias visuais [...] que parecem constituir a forma da expressão do mundo natural, se evidenciam como tais quando descrevemos a forma do conteúdo das línguas naturais. Daí resulta que [...] o mundo sensível está presente até na forma linguística e participa na sua constituição ao dar-lhe uma dimensão de significação [...]”.

estado simbólico tal qual propõe Ignacio Assis Silva (1987a) em “A construção do ator: do sógnico ao simbólico”. É, nesse sentido, a recontextualização a partir da qual surge o semissimbólico, a figura-ator construída no e pelo discurso por meio de arranjos e rearranjos figurativos (SILVA, 1987a).

De acordo com a pesquisadora, em um texto publicitário, a refigurativização tem fim persuasivo e é por meio do contrato a ser estabelecido entre o enunciador (anunciante) e o enunciatário (consumidor, mas também leitor da propaganda) que se constitui. Dito de outro modo, um texto publicitário com estrutura mítica negocia, ao mesmo tempo, a mercadoria e o mito. A primeira tem valor de uso, portanto, prático; o segundo figurativiza a realização de um desejo do consumidor, por isso o valor mítico. Nesse sentido, o investimento de valores míticos em objetos práticos tem a função de persuadir o enunciatário-consumidor de que a aquisição do objeto prático dará a competência de poder realizar os seus desejos (LUCA, 1990, p. 19-21). Trata-se, esclarece,

[...] de uma estratégia discursiva, de caráter retórico, através da qual transforma o PN de base ao modo do ser – que é a compra do produto – em PN de uso ao modo do parecer, necessário à aquisição do objeto mítico. Desta forma, o objeto de ordem prático-econômica (o produto) passa a ter um estatuto modal: representa a modalidade do poder-ser/ter. (LUCA, 1990, p. 23).

Para mostrar como a figura-ator pode apresentar valores práticos e míticos, uma das propagandas que seleciona é do refrigerante “Coca-Cola”. Assim, analisa os componentes eidéticos, cromáticos e topológicos tanto do texto visual, quanto do verbal, identificando os valores investidos no objeto “Coca-Cola” apreendidos pelo enunciatário e o objeto mítico construído e homologado pela propaganda, que nesse caso é o estilo de vida de quem consome a bebida. Para a semiótica, esses objetos são reconstruídos pela figurativização em dois percursos gerativos, o da expressão e o do conteúdo (sentido), porém admite que essa afirmação “[...] requer uma análise mais precisa, utilizando-se instrumentos da semiótica plástica” (LUCA, 1990, p. 34), o que não foi desenvolvido nesse trabalho.

Para Luca (1990, p. 35) a figurativização e a figuratividade são reclamadas no discurso publicitário para transmitir valores da estrutura profunda – ponto de vista que entendemos dialogar interdiscursivamente com Bertrand e Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91), além de Silva (1990) – e, para isso, explícita, no jogo de imagens e figuras de propagandas – entre elas, uma de refrigerante –, que esses valores só podem ser recuperados, compreendidos e avaliados na relação entre os níveis semionarrativo e discursivo.

Pensando nas contribuições desse artigo para a semiótica e para a figuratividade, acreditamos que ele consolida ideias semióticas sobre figuratividade e conceitos a ela correlatos, como semissimbolismo, linguagem mítica e poética, já discutidas por Floch em 1979 e em 1981, por Greimas em 1984 e por Silva em 1980 e 1987, embora nem todos esses estudos sejam citados pela semioticista. Cabe ainda ressaltar que esse trabalho ainda retoma a contribuição da retórica para o estudo da figuratividade, como fizeram alguns pesquisadores do GRSL nos *Bulletins* números 20 e 26. A esse respeito, Luca (1990, p. 35) explica que, em textos publicitários, relações de metáfora e metonímia podem ser criadas no nível discursivo “[...] quando vários conjuntos figurativos se conectam com o mesmo momento narrativo, fazendo uma figura valer por outra [...]”. Quanto às operações semissimbólicas, “[...] nos textos poéticos, para a compreensão da figuratividade, há que se considerar, também, o percurso gerativo da expressão [...], pois o enunciador nem sempre tem à mão um dicionário figurativo, o que o leva a “[...] criar novos percursos figurativos através de procedimentos semi-simbólicos” e, dessa maneira, construir o objeto mítico ou o valor investido no objeto.

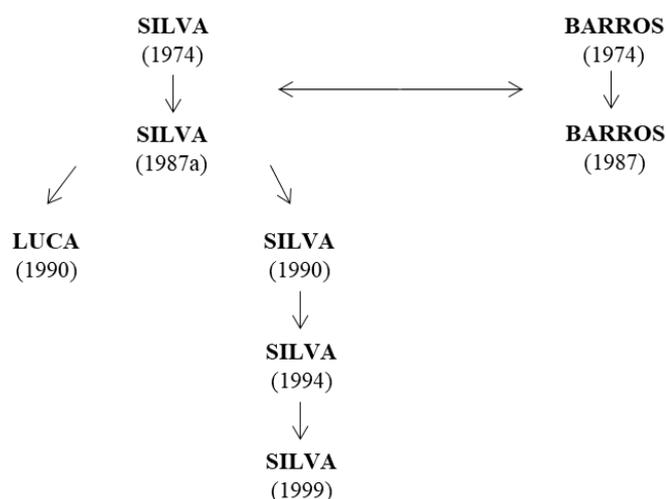
Observamos, nesse artigo, que a semioticista fundamenta suas análises em trabalhos de pesquisadores do GRSL e do CESAJG, como Silva (1987a) e Floch (1983), evidenciando, nesse sentido, um forte apelo ao discurso referencial (GREIMAS, 1981 [1976]) como forma de referendar a sua pesquisa. Esse mesmo recurso é utilizado, em maior ou menor medida, por todos os autores investigados, seja nos (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques*, seja na *Significação*. O trabalho de Luca (1990), além disso, reafirma o interesse dos semioticistas do GRSL e do CESAJG pela figuratividade, sobretudo na constituição dos sistemas semissimbólicos.

Além disso, ainda que não cite “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, de Greimas (1984a), no corpo do texto nem nas referências de sua comunicação científica, as ideias greimasianas perpassam os trabalhos de Floch e Silva consultados pela pesquisadora para trazer à luz “A figurativização na publicidade” (1990). Afinal, no texto greimasiano estão algumas das primeiras considerações sobre o semissimbólico e a relação entre o plástico e o figurativo, se considerarmos o seu ano de produção e não o seu ano de publicação. Ademais, é representante de um esforço coletivo iniciado ainda nos primeiros anos da construção do projeto semiótico, conforme afirma Eric Landowski (2017b) em “A borboleta tête-de-Janus: a propósito de Semântica Estrutural”; esforço que, como vimos no quarto capítulo, acompanha o fazer do semioticista. Na sequência, apresentamos um resumo das colaborações dos pesquisadores do CESAJG para o estudo da figuratividade e para a semiótica.

6.1.3. “Jogo de espelhos”: a contribuição de Ignacio Assis Silva (e do CESAJG) para a semiótica brasileira

Considerando todos os textos examinados nesta seção, parece pertinente afirmar que enquanto os pesquisadores do GRSL buscam por uma teoria geral da figuratividade, /querer fazer/ explicitado nos *Bulletins* 20 e 26 dos *Actes Sémiotiques*, a produção científica nos grupos brasileiros, no sentido de colaborar com a compreensão de como a figuratividade opera em diferentes objetos, no nível do parecer, afigura-se mais tímida, pois distribuída entre menos atores do discurso semiótico acerca desse conceito. No nível do ser, a contribuição do CESAJG está longe de ser, do nosso ponto de vista, menos significativa para a economia geral da semiótica discursiva. É, pois, na recorrência de publicações de Ignacio Assis Silva na *Significação* – tanto de artigos de pesquisa como de crítica que convergem em *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (1995a), cujo mote são as transformações figurativas que regem a produção de sentido em objetos pictóricos e literários –, e de Diana Luz Pessoa de Barros (1974), entre outros trabalhos publicados na revista do CESAJG, que surgem os traços, as formas e as cores do quadro teórico elaborado pelo primeiro grupo de semiótica brasileiro, cujo percurso nos estudos da figuratividade ilustramos a seguir:

Figura 25 – A figuratividade no CESAJG



Fonte: autora.

Semissimbolismo, semiótica poética, semiótica plástica, apreensão mítica, figurativização, figurativo, referencialização e desreferencialização, ilusão referencial são termos correlatos à figuratividade presentes em textos que se conformam aos estudos empreendidos no GRSL e também no CESAJG. No caso de Barros (1974; 1987), se, em um

primeiro momento, apresenta a teoria do figurativo em devir, ainda embrionária, assim como faz Silva (1974); em um segundo momento, traz a consolidação de um espírito de época, de uma agitação intelectual em vista de definir o lugar do plano da expressão na emergência das investigações que demandam a participação da figuratividade, caso das operações semissimbólicas. Arriscamos dizer que a pertinência de seu estudo talvez esteja na redefinição do papel da iconicidade, que deixa de representar o mundo para fazer crer que o mundo foi representado (BARROS, 1987, p. 9).

No que tange às operações semissimbólicas, assim como em Floch (1979, 1981), elas engendram o exame de textos publicitários, poéticos (literários) e picturais em artigos de Luca (1990) – que colabora com o exame dos valores práticos e míticos em peças publicitárias – e de Silva (1987a; 1990; 1994; 1999). Do ponto de vista de Cañizal (1987), os estudos de Floch (1981) e Silva (1987a) em torno do semissimbólicos se complementam:

Se, de um lado, Jean-Marie Floch analisa traços expressivos da linguagem publicitária para colocá-los em relação de semiose, destacando, nesse processo, a importância do sincretismo e dos mecanismos do semi-simbólico, de outro, Ignácio Assis Silva, ao assinalar a transformação da função prática em função mítica, confere aos chamados semas contextuais a condição de domínio por excelência da atividade humana, se preocupa também com o semi-simbólico e com o sincretismo, tal como se comprova quando define o ator como instância semi-simbólica onde se sincretiza a disjunção mundo natural/língua natural. (CAÑIZAL, 1987, p. 4).

Considerando as palavras de Cañizal (1987) e o percurso de estudo de Ignacio Assis Silva, ousamos dizer que o estudo do semissimbolismo pelo semiótico brasileiro – no qual se entrelaçam a figuratividade profunda e a de superfície em um movimento duplo de desreferencialização e referencialização, produtor da metamorfose, mas não uma metamorfose qualquer, e sim aquela que funda a apreensão mítica –, é, da nossa perspectiva, a principal contribuição do pesquisador e da semiótica brasileira para a economia geral da disciplina idealizada por Greimas. A esse respeito, Maria Célia Leonel (2010, p. 8) lembra que essa proposta ignaciana de leitura da estrutura profunda em direção à superfície e no sentido inverso “[...] foi significativa [...] porque [ela] havia internalizado, como outros talvez, o caminho de uma só mão, que talvez só seja bom na estrada”, de certo modo, ratificando a plausibilidade do nosso ponto de vista acerca das proposições teórico-metodológicas para a figuratividade empreendidas pelo semiótico do CESAJG e do Grupo CASA.

Em *Figurativização e Metamorfose*, o próprio Silva (1995a) faz uma metáfora sobre esse jogo entre a significação que surge do percurso que parte da superfície do discurso em direção às profundezas e do nível profundo rumo às camadas mais superficiais: “[...] pode ser

que as figuras de superfície sejam eco da estrutura profunda, pode ser ainda que a relação entre esses níveis seja uma espécie de relação narcísica, um jogo de espelhos” (SILVA, 1995a, p. 31).

De mais a mais, a pesquisa de Ignacio Assis Silva incorpora o espírito de uma época, de uma busca por uma teoria da figuratividade nos anos 1980, mas que após *Da imperfeição* (2002 [1987]) é reclamada nos estudos sobre o sensível e se desdobra no tratamento do sobrevir provocado pela experiência estética²⁷¹. Além disso, nos trabalhos posteriores ao *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II* (1986), tendo em vista uma das acepções de figuratividade asseverar que ela também é produtora da desreferencialização, os trabalhos de Silva (1987a; 1990; 1994; 1999) acompanham o posicionamento de que a figuratividade está instalada nas estruturas profundas do percurso gerativo, ficando a figurativização responsável pela superfície do discurso, razão pela qual a orientação figurativa do nível discursivo rumo ao nível fundamental ser considerada a marca de seu trabalho.

Em vista disso, não é inesperado o flagrante interesse do pesquisador, após *Figurativização e metamorfose* (1995a), pela figuratividade enquanto matriz fundadora do imaginário, ou seja, em uma figuratividade rumo à tensividade, como mostra o artigo “*Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark*” (1999). Tudo isso nos autoriza a dizer que há uma transformação no entendimento da figuratividade nos trabalhos realizados no CESAJG, sobretudo nos de Ignacio Assis Silva, pensando em termos semióticos. No que tange à produção bibliográfica de quem falou sobre a figuratividade enquanto conceito operacional da semiótica, considerando, portanto, um ponto de vista historiográfico, uma evolução teórica é notória nos trabalhos desse semioticista; um legado que deixa para os grupos brasileiros que derivam do CESAJG.

Entrementes, não podemos desconsiderar que o interesse de Ignacio Assis Silva pelo figurativo e a busca por uma semiótica ao mesmo tempo poética e plástica, nasce durante estágio realizado em Paris entre 1979 e 1980 após a participação nos ateliês “Semiótica Plástica”, de Floch, e “Semiótica do Discurso Poético”, de Zilberberg (SILVA, 1992 apud SOUZA, 2003, p. 5), temáticas que são retomadas em todos os textos do pesquisador, uma vez que pesquisas a elas relacionadas constituem o projeto do grupo CASA, desenhado, apropriando-nos de palavras de Ude Baldan (2003, p. 3), por Silva em 2000. Nesse projeto, o pesquisador propõe, entre outras leituras, a leitura de *Razão e poética do sentido* (2006

²⁷¹ Cañizal (1999, p. 91) também menciona a atualidade do estudo de Silva (1995a), enquanto reveladora do espírito de uma época, na medida em que o pesquisador brasileiro trata do sobrevir provocado pela experiência estética.

[1988]), de Zilberberg. Preferência que se alia à proposta de também ler *Tensão e significação* (2001 [1998]), de Fontanille e Zilberberg, corroborando o interesse crescente do semioticista brasileiro pela figuratividade mais profunda (figural), mais próxima da tensividade.

Verifiquemos, agora, como a figuratividade é abordada no CASA e no GES-USP.

6.2. A figuratividade nos grupos CASA e GES-USP: as heranças greimasiana e ignaciana nos grupos do século XXI

Já se tornou notícia requentada dizer que os semioticistas integrantes dos primeiros grupos de semiótica do Brasil e da França empreenderam grandes esforços em desenvolver uma teoria do figurativo nas três últimas décadas do século XX. No terceiro capítulo, também vimos que o CESAJG desaparece antes mesmo de ver ascender o novo século. Contudo, deixa um legado que faz surgir o Grupo CASA em 2000, na UNESP de Araraquara, estimulado por Ignacio Assis Silva, e o GES-USP em 2001, na USP em São Paulo, casa de Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, entre outros. De forma inesperada, Silva dá as últimas pinceladas no quadro da semiótica brasileira tão logo nasce o grupo araraquarense, que resiste mesmo vivenciando a perda do líder intelectual e fundador.

Assim, em 2010, sucede a reunião de pesquisadores de vários estados brasileiros, cada qual representando o grupo de semiótica a que estão vinculados, na UNESP de Araraquara por ocasião de um Seminário de Semiótica em comemoração ao decênio do Grupo CASA. Com o tema “Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA”, o evento resulta em diversos trabalhos em homenagem a Silva; alguns, ocupando-se de discussões relacionadas com a figuratividade. Esses textos são publicados na edição do segundo semestre daquele ano nos *Cadernos de Semiótica Aplicada*, dos quais selecionamos para análise, conforme quadro 14, “Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual”, de Diana Luz Pessoa de Barros; “Nos caminhos da figuratividade”, de Iara Rosa Farias; “Da presença sensível”, de Norma Discini.

Antes dessas comunicações, examinamos outros dois estudos também selecionados no quadro 14, porém publicados na revista *Estudos Semióticos*: “Considerações acerca da figuratividade e da percepção”, de Francisco Merçon; “Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial”, de Mariza Mendes.

6.2.1. Encontro de gerações nos *Estudos Semióticos*: o semissymbolismo no trabalho de uma remanescente do CESAJG e a percepção aos olhos de um membro do GES-USP

Refletindo um espírito de época – estudo da figuratividade correlacionada à percepção –, Francisco Elias Simão Merçon publica “Considerações acerca da figuratividade e da percepção” no periódico *Estudos Semióticos* em 2008. O trabalho de Merçon (2008, p. 4) busca mostrar que os textos fazem uso de estratégias discursivas de aproximação e de afastamento do mundo natural e o que difere um do outro é o grau de predominância de estratégias que tanto podem levar a percepção a reclamar a figuratividade mais icônica, como a mais abstrata.

Para o semioticista do GES-USP, não é possível entender a figuratividade excluindo discursos figurativos de discursos abstratos; eles não se excluem, ao contrário, se complementam na constituição dos discursos, ainda que nesse processo, um prevaleça sobre o outro. Toma como exemplo os discursos filosóficos: essencialmente abstratos, originalmente faziam uso de uma figuratividade mais icônica, mais próxima do mitológico e do cosmogônico. Esse discurso apela menos para a ilusão referencial na medida em que passa a generalizar os conceitos a fim de conferir cientificidade à filosofia, o que não impede os filósofos de, às vezes, recorrerem a recursos retóricos para exporem as suas ideias (MERÇON, 2008, p. 1-4). Esse mesmo recurso pode ser empregado pela literatura, que apesar de “[...] essencialmente figurativa, também incorporou a abstração em seu discurso”, a exemplo de um romance musiliano, “[...] entrecortado de isotopias abstratas diversas, nas ‘análises dos acontecimentos’, muitas vezes se assemelhando a um discurso pseudofilosófico [...]”, explica Merçon (2008, p. 4).

Em outras palavras, a dinâmica entre figuratividade e percepção faz com que textos figurativos por excelência lancem mão de recursos que conduzem a certo grau de abstração, assim como textos reconhecidos como abstratos (textos científicos), podem fazer uso de artifícios figurativos mais concretos para expor com maior precisão o que se pretende significar. A ênfase desse artigo está, portanto, na labilidade dos textos em utilizar estratégias discursivas em que predominam simulações de percepções mais afastadas do mundo natural, sobressaindo-se a abstração, ou simulacros que aproximam o enunciatário do mundo natural, caso da impressão referencial, esclarece Francisco Merçon (2008, p. 5). Dessarte, uma sorte de arranjos figurativos podem proporcionar, na mesma medida, inúmeros efeitos de sentido, muitas vezes, coexistindo em um mesmo texto, como ocorre na obra kafkiana:

[...] a **impressão referencial** da metamorfose é “saliente”. Por um recurso discursivo que explora o lexema “inseto”, em profundidade, nas diferentes configurações sêmicas que este recobre, Kafka, sem deixar de assegurar a **isotopia figurativa** do inseto (na verdade, intensificando-a ao máximo),

retira gradualmente a densidade sêmica do termo “inseto” até tornar saliente, também, um sentido mais profundo da metamorfose de Gregor, ou seja, a transformação do *sujeito provedor* em *parasita* (aquele que é provido). A **isotopia abstrata**, assegurada pela reiteração do traço de /perniciosidade/, sai da virtualidade e é, assim, atualizada, provocando o contraste com a isotopia figurativa desenvolvida inicialmente. (MERÇON, 2008, p. 5, grifos do autor, grifos nossos).

Como mostra o excerto acima, o pesquisador acredita que seguir uma linha isotópica para a produção de sentido nem sempre é viável: uma leitura mais fina, diz Merçon (2008, p. 5), “[...] às vezes, exige uma dinâmica da percepção que ora virtualiza uma figura que antes era saliente [...], ora faz emergir à superfície uma figura abstrata até então neutralizada”.

Em comparação com trabalhos publicados por pesquisadores do mesmo grupo de semiótica, nos periódicos analisados nesta tese, o posicionamento do semioticista de que os textos podem apresentar gradações de figuratividade, assemelha-se à sugestão de Discini (2010). Contudo, o pesquisador não explora, nesse texto, as organizações figurativas do ponto de vista da semiótica tensiva, como fazem os demais pesquisadores do GES-USP. Essa visada tensiva vai se refletir na tese de Francisco Merçon, defendida em 2012, *Samuel Beckett: do figurativo ao figural*, que foca a relação entre figuratividade profunda e superficial. Na tese, Merçon (2012, p. 107-108) baseia-se no ponto de vista zilberberguiano de que embora a significação, a percepção e a linguagem estejam imbricadas à figuratividade, a dimensão figurativa dá “[...] acesso aos elementos significativos da ordem da sensibilidade e da afetividade apreendidos pela percepção”, enquanto a figuralidade é convocada pela linguagem na medida em que as experiências perceptivas estão localizadas em uma figuratividade mais profunda onde se desenvolvem as categorias tensivas. Nesse trabalho, sim, a pesquisa de Merçon assume contornos tensivos suscitados em Farias (2010), Discini (2010), além de Siva (1999), Bertrand (1983) e Barros (2010).

De sua parte, fundamentando-se em textos publicados na década de 1980 por Greimas (1984a) e Floch (1985), no artigo “Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial”, publicado no periódico *Estudos Semióticos* em 2009, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes analisa uma peça publicitária e um afresco de Michelangelo na Capela Sistina com vistas a estudar manifestações plásticas renascentistas do pecado original (textos pictóricos que encenam Adão e Eva no momento em que tomam para si o fruto “proibido”).

Chama a atenção da pesquisadora, o fato de, nessas pinturas, Adão e Eva estarem “[...] em cenários e situações bastante diferentes, caracterizados por cores, linhas, formas e posições [...]” (MENDES, 2009, p. 75), razão pela qual decide examinar os dois textos

pictóricos ora mencionados pelo viés da semiótica plástica. A pesquisadora dos Grupos CASA e GEScom (da UNESP de Bauru) parte do princípio de que a utilização de procedimentos de análise capazes de “[...] identificar os elementos pertinentes para a significação dos sistemas de representação iconográfica” encontra justificativa na história da própria semiótica, que até os anos 1980 priorizava a forma do conteúdo no exame do texto verbal, ao passo que os textos plásticos foram abordados, desde o início, do ponto de vista da inextricável relação entre a forma do conteúdo e a forma da expressão (MENDES, 2009, p. 76), conforme propostas metodológicas de Greimas em “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” (1984a) e de Floch em suas “*Petites mythologies*” (1985).

A semioticista baseia seu estudo (e sua análise) nas proposições flochianas de que o processo de produção de sentido em uma imagem, na qualidade de “texto-ocorrência”, às vezes recorre aos “efeitos de sentido de realidade” (iconicidade), caracterizando um discurso que visa à exploração de “[...] conotações sociais da linguagem e suas relações com a realidade”. Nesse sentido, é imprescindível à semiótica plástica estudar como ocorrem as relações semissimbólicas, nas quais o significante e o significado põem em jogo não somente os temas e as figuras, mas também “[...] as linhas, as formas, as cores e as disposições topológicas”; mesmo ponto de vista greimasiano, que defende não desprezar as relações entre “as categorias plásticas do espaço enunciado”, esclarece Mendes (2009, p. 76).

Embora apresente uma revisão teórica dos estudos relacionados com a plasticidade dos textos, com as operações semissimbólicas e com a referencialização em imagens religiosas, a contribuição do artigo de Mariza Mendes não está voltada para proposições teóricas novas, mas para a atualidade de metodologias de análise desenvolvidas mais de duas décadas (talvez três) antes da publicação dessa comunicação científica. A pesquisadora do CASA também cita Silva (1995a) nesse trabalho, todavia não ao tratar da figuratividade ou dos conceitos a ela correlacionados (semissimbolismo, iconicidade, impressão referencial, etc.). O trabalho do pesquisador brasileiro é mencionado quando Mendes (2009, p. 75) justifica a escolha das obras de arte como objeto de análise, pois, sendo produtos da cultura, esses textos não somente constituem um “todo de significação”, como também são “instrumentos da comunicação” que se atualizam no ato da enunciação, em conformidade com Silva em *Figurativização e metamorfose* (1995a).

Como podemos observar, os dois trabalhos ora apresentados são bastante distintos, seja na escolha do cópuz – um é literário, o outro, publicitário –, seja na escolha temática – o primeiro dedica-se a relacionar a figuratividade com a percepção e o segundo se ocupa de todos os aspectos teóricos debatidos nos anos 1980 (motivos, semissimbolismo, formantes),

etc. –, seja, por fim, na filiação de grupo – Merçon é membro do GES-USP e Mendes participa do CASA. Todavia, esses trabalhos têm em comum a figuratividade e o éthos comum a todo semioticista: contribuir com a construção/continuidade do projeto greimasiano. Vejamos se os textos publicados nos *Cadernos de Semiótica Aplicada* possuem características semelhantes ou divergentes.

6.2.2. Contornos tensivos no estudo da figuratividade e da percepção: três investigações do GES-USP nos *Cadernos de Semiótica Aplicada*

Passados trinta e seis anos da publicação de “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação” (1974), em 2010, Diana Luz Pessoa de Barros retoma dois conceitos abordados naquele texto (práxis gestual e comunicação gestual) em “Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual”²⁷², trabalho resultante de participação no Seminário de Semiótica “Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA”. Nesse artigo, a práxis gestual é revista sob a ótica das “transposições gestuais” e a comunicação gestual associa-se à “gestualidade representada”. A primeira, na medida em que “[...] é transmitida por aprendizagem e se torna uma gesticulação automática por meio de uma operação de dessemantização” (automatização). A segunda, porque trata da “[...] representação da comunicação gestual entre o destinador e o destinatário do texto” (BARROS, 2010, p. 2).

A semioticista, agora integrante do grupo da USP, o GES-USP, então retoma conceitos extensamente estudados por Ignacio Assis Silva e debatidos no GRSL e no CESAJG – como semissimbolismo e iconização –, já que para falar de transposição na gestualidade poética da dança-espetáculo, nos tratamentos de fisioterapia e na passagem do gesto ao “signo”, na língua de sinais, Barros (2010, p. 3) recorre a operações como a (re)semantização e a dessemantização; relações semissimbólicas e iconização. Contudo, o que consideramos novo na abordagem da pesquisadora do GES-USP, é a articulação desses conceitos pelo viés da semiótica tensiva. Ao tratar da dança e dos tratamentos de fisioterapia, por exemplo, a pesquisadora articula as operações de (re)semantização e de dessemantização gestuais aos movimentos tensivos. Dito de outro modo, a dessemantização é a realização de um movimento tensivo descendente, porque a práxis gestual não precisa perceber e “traduzir”, ou seja, apreender o que foi percebido. Podemos exemplificar por meio de um paciente que

²⁷² Texto dedicado a Ignacio Assis Silva: “Para Ignacio, mestre e amigo” (BARROS, 2010, p. 1).

faz fisioterapia porque se acidentou e ficou sem os movimentos das pernas. Ele conhece o movimento do “andar”, realizava esse movimento até não poder mais realizá-lo. O gesto de andar era, até então, automático, dessemantizado.

Uma das funções da fisioterapia é ajudar o sujeito que estava impossibilitado de andar a reaprender os movimentos, os passos, concentrar toda a sua atenção em um fazer antes natural, mas que se tornou novo. Nesse sentido, à medida que o movimento é ressemantizado, torna-se ascendente, ou seja, a tensão afetiva aumenta em razão da consciência semântica da realização desse movimento que faz com que o programa gestual se encha de sentido em uma situação cotidiana específica (“bloco significante delimitado”), explica Barros (2010, p. 3-4).

A pesquisadora ainda esclarece que a ressignificação do movimento do gesto tem o mesmo efeito na fisioterapia e na dança, no entanto, na dança, o gesto de ressignificar um gesto demanda uma operação semissimbólica na qual há um aumento da intensidade da expressão e, igualmente, no conteúdo da prática gestual. Esse aumento da intensidade nos dois planos da linguagem é o semissimbolismo que, por sua vez, transforma a dança em uma linguagem poética. Outrossim, relembra que a dimensão figurativa é constituída da transposição de categorias visuais da forma da expressão do mundo natural em categorias da forma do conteúdo da língua natural. Sendo assim, as línguas de sinais realizam um tipo de transposição gestual no qual a dimensão figurativa da língua de sinais comporta o gesto em si (categoria visual gestual da forma da expressão do mundo natural) e a significação do gesto (categoria da forma do conteúdo da língua de sinais). Dessa operação de transposição resulta a iconização da língua de sinais, vinculada ao seu caráter visual, visto que “a iconização cria [...] relações de semelhança entre o plano da expressão da gestualidade visual do mundo natural e o plano da expressão gestual da língua de sinais” (BARROS, 2010, 4).

Quanto à gestualidade representada, aquela que vemos na pintura, na fotografia ou na publicidade, para Barros (2010, p. 5), ela pode figurativizar “[...] transformações narrativas, modais ou pragmáticas ou estados de sujeitos”, da mesma maneira que “[...] relações de comunicação/manipulação entre sujeitos e das interações sensoriais e passionais entre eles”²⁷³. De mais a mais, em sua explicação, recupera do texto de 1974 a assunção greimasiana, em “Condições para uma semiótica do mundo natural” (1975 [1970]), de que a comunicação gestual costuma cumprir cinco das funções jakbsonianas da linguagem. Assim, na gestualidade de comunicação direta destacam-se a função fática, a função apelativa e a função emotiva, enquanto a gestualidade mimética (em referência à mimise, figura de linguagem)

²⁷³ A autora cita como exemplo de gestualidade comunicativa: “[...] sacudir a cabeça para concordar com alguém ou a de cumprimentar com um movimento da mão, da cabeça ou dos olhos [...]” (BARROS, 2010, p. 5).

realiza a função metalinguística e a gestualidade lúdica demanda a função estética na gestualidade de transposição (BARROS, 2010, p. 6).

Uma mudança em relação a 1974 é notada: se à época, assim como Greimas (1975 [1970]), afirmava que a comunicação gestual não tinha função informativa ou referencial, a pesquisadora já encontra uma “brecha” para essa função, ainda que a restrinja a gestos de “[...] ‘mostrar’ ou de ‘indicar’ que, embora tenham função predominantemente conativa ou apelativa, assumem também o papel de dar informação sobre o que é mostrado”. Seriam exemplos desses gestos, os movimentos de apontar o dedo, assim como movimentos da cabeça ou expressões do rosto (BARROS, 2010, p. 7).

Quanto à articulação de conceitos como semissimbolismo, dessemantização, ressemantização e iconicidade a elementos de análise da semiótica tensiva, entendemos ser uma demonstração de evolução da teoria e de adequabilidade de conceitos desenvolvidos ainda nos anos 1980 a métodos mais atuais de investigação semiótica. Ao mesmo tempo, Barros (2010) dá continuidade à proposta de Silva (1995a, 1995b, 1996, 1999) de investir na tensividade, na “matriz figural” das estruturas profundas do discurso, proposta que rege outros estudos realizados por pesquisadores do GES-USP publicados na mesma edição dos *CASA*, como “Nos caminhos da figuratividade”, de Iara Rosa Farias (2010).

Preocupada em perfazer (ou refazer?) o caminho percorrido pela figuratividade para integrar a economia geral da semiótica, ao mesmo tempo, também contribuindo para o avanço científico da disciplina, Farias (2010) desenha um breve panorama histórico sobre os diferentes modos de pensar a figuratividade na semiótica até chegar aos novos rumos de investigação. Nas palavras da pesquisadora:

No contexto dos anos 80 do século XX, o papel último da figuratividade era entendido como acabamento do discurso com a função de manipular a crença do enunciatário pelos efeitos de realidade que provoca. Nos anos 90 do mesmo século e no começo dos anos 2000, acrescenta-se à concepção anterior outra noção: a de que a figuratividade instaura outra forma de apreensão do sentido, constituindo um raciocínio figurativo, mantendo relação direta com a percepção (FARIAS, 2010, p. 2).

Farias esclarece que, apesar das publicações e dos eventos científicos em torno de sua operacionalidade, como seminários, artigos e livros – seja considerando-a “acabamento do discurso”, seja “como resultado do ato perceptivo” –, os semioticistas não conseguem ser unânimes sobre o verdadeiro lugar da figuratividade, pois continuam buscando “[...] os rumos e as evoluções que a teoria greimasiana poderia tomar”.

Assim, após arriscar uma definição para a noção de figuratividade, conceituá-la dentro das perspectivas mais atuais – “[...] trata-se da qualidade que um texto possui em simular, por meio das suas figuras, a experiência sensível, podendo levar o enunciatário a tomá-lo como verdadeiro” (FARIAS, 2010, p. 3) –, a pesquisadora refaz os caminhos de algumas proposições teóricas que orientaram os estudos acerca do figurativo. Dito de outro modo, retoma a publicação dos dicionários de Greimas e Courtés, algumas discussões nos *Bulletins*, bem como outros trabalhos de Greimas que envolvem reflexões sobre a natureza da figuratividade até chegar em *Da imperfeição* (1987), bem como textos posteriores a essa obra, sobretudo os que relacionavam a figuratividade à percepção.

Parte da contribuição da pesquisadora está, entretanto, em dar certo destaque às proposições zilberberguianas que, como afirma Patricia Veronica Moreira (2019), regem as pesquisas desenvolvidas na USP, universidade onde a pesquisadora realizou o doutorado, estudo que em grande medida embasou a elaboração desse artigo. Não é novidade, claro, que proposições de Zilberberg acerca da figuratividade profunda são citadas em trabalhos dos membros do GRSL em 1983 (Bertrand, Ruprecht) e do CESAJG em 1999 (Silva). Da mesma maneira, o artigo de Barros (2010) publicado nessa mesma edição dos CASA também reclama a contribuição da semiótica tensiva, desenvolvida pelo semioticista francês. Por outro lado, chamar atenção para o papel da semiótica tensiva na construção da teoria do figurativo institui uma recorrência, ou melhor, uma continuidade da/na contribuição zilberberguiana para o conceito de figuratividade e que transcende a sua própria obra.

Ignacio Assis Silva, sobretudo quando introduz em sua pesquisa a “matriz fundadora do imaginário” não só faz referência direta às proposições da semiótica tensiva, como enfatiza a inextricabilidade do figural com a figuratividade profunda ao se referir à metamorfose do homem-linha de Michaux – “[...] cabe à figura nuclear (que é a base sêmica), enquanto *matriz figural*, constituir a *figuratividade profunda*, o estenograma a partir do qual será engendrada a nova forma” (SILVA, 1995a, p. 94, grifos do autor) – ou ao afirmar que na semiótica “o estado [já] não interessa, o que importa é a tensividade” (SILVA, 1995b, p. 68). Não menos importante, todo o trabalho de Denis Bertrand na década de 1980 se embasa na relação opositiva entre o figurativo e o figural, o primeiro, regendo o procedimento de referencialização na tecitura do discurso; o segundo, conduzindo a referenciação, ou seja, a instalação dos valores do discurso. Nos dois casos, proposições defendidas em teses de livre-docência e de doutoramento que se transformam em livros que, por sua vez, se metamorfoseiam em referências teóricas de base para o estudo da figuratividade.

Assim, ao falar da entrada “figura” no *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II* (1986), diz Farias (2010, p. 3-4, grifos da autora):

[...] o termo figura possui definições complementares. É na segunda entrada deste termo que se reavalia a oposição entre figurativo (textos mais concretos) e não figurativo (textos mais abstratos, temáticos). Claude Zilberberg, responsável pelo verbete, propõe abordar a oposição como dois modos de figuração. Assim, ao invés de pensarmos na oposição figurativo e não figurativo, o semioticista sugere que adotemos os conceitos *figurativo* e *figural*, numa visão gradiente da figura, entendendo que o primeiro seja tomado como termo variável e o segundo, como termo constante da dimensão figurativa do discurso [...]. A noção que apresenta o conceito defende que todo discurso se sustenta por uma organização figurativa mínima, ou seja, a figuralidade está inscrita em todos os textos.

Além disso, para Farias (2010, p. 6-7), apesar de *Da imperfeição* (2002 [1987]) ser considerada uma obra de ruptura por muitos semioticistas, em sua concepção, “[...] ele apenas faz uma marca temporal das mudanças que estavam se engendrando na Semiótica”, ponto de vista que temos em comum, pois, concordamos, há anos já vinha sendo discutida a relação entre a figuratividade e emergência do sensível e a obra de 1987 serviu para oficializar a abertura da semiótica para metodologias menos rígidas (ou menos presas ao percurso gerativo do sentido) de investigação do sentido. É nesse sentido que a percepção se torna essencial ao estudo das experiências sensíveis, cabendo à figuratividade o papel de organizar as sensações à medida que faz surgir o sentido dos textos. Por isso, *Semiótica das paixões* (1993 [1991]), diz a autora, é tão importante para a o enraizamento das investigações em torno do corpo e do sentir, pois coloca a “[...] relevância da figuratividade na organização e na apreensão do sentido” (FARIAS, 2010, p. 14).

Mais ao final do percurso apresenta os novos rumos possíveis para a figuratividade. Entre eles, defende um exame mais profundo da “[...] existência da percepção já semiotizada e atravessada pela(s) linguagem(ns)” (FARIAS, 2010, p. 12), conceituada por Waldir Bevidas como semiocepção. Essa proposta do semioticista gira, diz a pesquisadora, em torno das noções de percepção e de corpo, cuja autonomia foi conquistada conforme a figuratividade foi investigada. Para Farias (2010, p. 15), esse novo conceito proposto por Bevidas merece ser investigado mais a fundo, principalmente no que diz respeito à discussão em torno da relação entre a percepção e o corpo, “[...] noções que ganharam relativa autonomia dentro de tudo que foi realizado em torno da figuratividade”. Sendo assim, arrisca a tecer uma hipótese a ser desenvolvida nesse sentido, haja vista concordar com Bevidas de que não existe percepção fora da linguagem. Nesse sentido, de acordo com a pesquisadora,

seria interessante trabalhar com a possibilidade de que existem graus de semiocepção. Sendo assim, a depender do quanto um sujeito imerge na linguagem, maior ou menor será o grau de apreensão que ele tem.

Para concluir, Farias (2010, p. 12) afirma que o estudo da semiocepção pode “[...] ser um meio de se explicar a figuratividade profunda (ou de constatar a sua inexistência), a constituição de uma sintaxe perceptiva ou a metamorfose radical das figuras do mundo para as figuras do discurso”. Entendemos que colocar a noção de semiocepção como uma continuidade aos estudos sobre a figuratividade, mais que isso, como uma proposta inovadora, uma vez que é concebida a partir da proposição de que a percepção em si é semiotizada pela linguagem confere originalidade a esse artigo. Todavia, em sua reconstrução do percurso da figuratividade, embora cite que o conceito foi discutido em seminários realizados em Paris, como o de 1983 e o realizado entre 1997 e 1998²⁷⁴ – o *Séminaire Intersémiotique* dirigido pelo próprio Fontanille junto a Bertrand e cuja temática foi “Modes du sensible et formes sémiotiques: II. L’autonomie du figuratif: Polysensorialité, synesthésie, syncrétisme et sémiotique du corps” – (FARIAS, 2010, p. 13), a pesquisadora parece desconsiderar a existência de “Modes du sensible et syntaxe figurative”, texto de Jacques Fontanille publicado nos *Nouveaux Actes Sémiotiques* em 1999 como resultado daquele seminário que presidiu. Nas palavras de Farias (2010, p. 13, grifos nossos),

Os dois seminários ocorridos em Paris sobre a figuratividade, o primeiro, em 1983, e o segundo, entre 1998/1999, demonstram a necessidade do debate (e até mesmo da polêmica) para entender seu papel na teoria, na constituição dos textos, na existência de uma **sintaxe autônoma**, na relação implícita ou não com a percepção, no estabelecimento de sinestésias convocadoras dos sentidos do enunciatário e nas bases figurativas da linguagem.

Na esteira dos trabalhos de Barros (2010) e Farias (2010), está a relação entre o sensível e o inteligível que entrama os estudos realizados por Norma Discini (2010), que também traz a sua contribuição para o estudo da figuratividade ao atribuir ao jogo figurativo realizado nas estruturas profundas – onde as grandezas tensivas de intensidade e extensidade atuam conforme o sujeito é afetado por um acontecimento –, a noção de presença sensível. A pesquisadora da USP toma como ponto de partida para explicar de que se trata a presença sensível da noção de presença no *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]):

²⁷⁴ No artigo de Farias (2010, p. 13) consta que o evento ocorreu entre 1998 e 1999. Preferimos, porém, considerar a informação em nota de rodapé no texto de Fontanille (1999, p. 1) publicado nos números 61-62-62 dos *Nouveaux Actes Sémiotiques*.

Na perspectiva semiótica, a presença (o “estar aí”) será considerada como uma determinação atribuída a uma **grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo**. Tal acepção essencialmente operatória, estabelecida no quadro teórico da **relação transitiva entre o sujeito do conhecimento e o objeto cognoscível**, é muito ampla: estão presentes, neste caso, todos os objetos de saber possíveis e a presença identifica-se, em parte, com a noção de existência semiótica. (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 382-383, grifos nossos).

Para Discini (2010, p. 2), um sujeito é cognoscente à medida que estabelece relação com um objeto cognoscível e, amparada por elementos da semiótica tensiva, como as grandezas tensivas de intensidade e extensidade, atribui à cognoscência do sujeito uma gradação que parte do sensível (sentir, perceber) ao inteligível (reconhecer, ativação da função cognitiva). Assim, a passagem do sensível ao inteligível está ancorada na correlação entre a intensidade, onde subsistem os afetos, e a extensidade, lugar da percepção efetivamente realizada. Em outras palavras, “[...] podemos depreender variações de presença, já que o intenso, base do sensível, e o extenso, base do inteligível, orientam diferentes modos de percepção”, assevera a pesquisadora, entre eles o acontecimento (DISCINI, 2010, p. 2-3). Embora não entremos em detalhes acerca da operacionalização dessas grandezas tensivas responsáveis pela instauração do acontecimento tensivo nesta tese, grosso modo, podemos dizer que o acontecimento ocorre quando uma alta intensidade do sentir para, por algum tempo, a transição para o inteligível no eixo da extensão. O sujeito, nesse caso é tomado pelo sobrevir – o sofrer (uma ação) –, que é da ordem do sensível, até que, com o tempo, a intensidade do sentir esvaece e o percebido/sofrer é cognitivamente assimilado e tornado reconhecido pelo sujeito que sente.

Como podemos observar, e a pesquisadora confirma, na proposta zilberberguiana, o sensível rege o inteligível (DISCINI, 2010, p. 4) conforme orientação fenomenológica que subsiste nos estudos da percepção e da figuratividade principalmente a partir da década de 1990. Ao mesmo tempo, de acordo com a semiótica, precede a “[...] complexificação categorial do nível discursivo [...] um ‘fundo figural’ [...], que, pressuposto ao figurativo, orienta-se segundo a tensividade, a qual reúne em si a intensidade do sensível e a extensidade do inteligível (ou do racional)”, explica Discini (2010, p. 7). Dito de outra maneira, a intensidade e a extensidade, que atribuem a gradação entre o sensível e o inteligível, são figurais e, na construção da significação, que se inicia nas estruturas profundas do percurso gerativo do sentido, “o figural, como pressuposto, sustenta seu pressuposto, a concretude figurativa do discurso, contribuindo para que se vislumbre a presença como ‘campo de presença, ou uma presença que vai de x a y’ (DISCINI, 2010, p. 7).

Assumida essa relação entre a presença sensível e a organização figurativa que rege a introdução dos valores no discurso, a pesquisadora do GES-USP constata que “ao promover tais investigações, a semiótica dá um passo à frente em relação à concepção cognitiva concernente à pessoa discursiva”, afirma Discini (2010, p. 7). Esse passo é concretizado no Brasil por Ignacio Assis Silva, como mostra a semioticista em seu trabalho. Segundo Discini (2010, p. 12-13), no texto “A escuta sensível”, publicado em *Corpo e sentido* (1996), “Ignacio [...] lembra Zilberberg, para formular o conceito de ‘figural’. Discorre, [...], sobre ‘a escuta do figural’ [...] como aquilo que diz respeito à recuperação de ‘algo profundo a partir da superfície figurativa do discurso’”.

Discini (2010, p. 15) conclui a reflexão teórica sobre a contribuição da semiótica tensiva para o estudo do figurativo afirmando que é no âmbito do figural, pressuposto ao figurativo que reúne a intensidade do sensível e a extensidade do inteligível, nos termos de Zilberberg (1986, p. 92), que se abriga a expressividade inscrita na experiência do pensamento. Em seu entendimento, “o encontro do vivido (acontecimento, enquanto fenômeno permeado pela consciência) com o figural (a tensividade das percepções) oferece algum respaldo para o encontro da semiótica com a fenomenologia, com vistas a obtermos [...] um esboço da presença sensível” (DISCINI, 2010, p. 15).

Para nós, a contribuição do trabalho de Discini (2010) para a figuratividade está no fato do figural já não ser visto apenas na relação de oposição ao figurativo. Ele assume outros contornos na semiótica tensiva zilberberguiana, que rege as pesquisas uspianas. No interior do GES-USP, como demonstra o texto de Discini (2010), o figural está, portanto, associado à tensividade em devir, que surge na e pela percepção. A manifestação sensível (no caso, o acontecimento) a que o figural é subjacente encontra, na relação entre intensidade e extensidade da experiência sensível (o vivido), uma nova forma de assunção de valores à medida que se materializa figurativamente na superfície do discurso.

Ao mesmo tempo, não estaria vinculada à noção de presença sensível a noção primeira de figura – enquanto resultado da transformação daquilo que é percebido, na qualidade de expressão do mundo natural, em conteúdo pela língua natural, tal qual Greimas afirma em “A estrutura semântica” (1975 [1970])? Pensando nessa questão, parece-nos que seria interessante refletir sobre a concepção zilberberguiana do figural – o conhecimento em devir, ou seja, a se tornar inteligível pelo sujeito senciante, estando, nesse sentido, no ponto de transição, de transformação do que é percebido em saber, em objeto (re)conhecido, a ponto de ser considerado, desse modo, um objeto/valor reconhecível – a partir de Greimas (1975 [1970]).

Que fique claro: essa observação não significa que discordamos da autora (DISCINI, 2010). Estamos apenas lembrando que esse novo modo semiótico de olhar para o sujeito não rompe com concepções anteriores acerca da existência do mundo para o sujeito construído no e pelo discurso; um sujeito que acreditamos, com base em Greimas (1966, 1970, 1987), é persuadido em razão do reconhecimento do que é percebido como existente no mundo, na cultura que o conforma. O que vemos nesse texto é uma evolução, uma preocupação com o estado e não com o fazer do sujeito, predominante nos anos 1980, uma forma de olhar para a experiência sensível que arrebatava o sujeito, ponto de vista que condensa um modo de pensar de um grupo de especialidade. Trata-se, por fim, de uma evolução enquanto desenvolvimento do projeto greimasiano no mesmo sentido ignaciano de evidenciar como ocorrem as transformações teóricas: “Para mim, o figural consiste em um desnudamento da figura hjelmsleviana” (SILVA, 1999, p. 134, tradução nossa²⁷⁵).

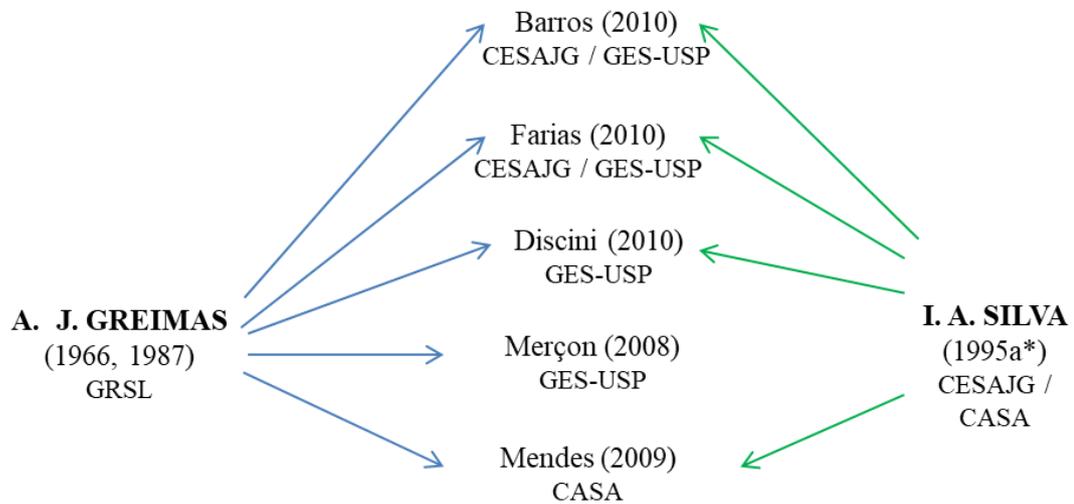
Além disso, notamos uma confluência entre os três trabalhos, que têm em comum, cada qual à sua maneira, uma abordagem do figurativo que engendra categorias perceptivas, além do figural, herança zilberberguiana.

6.2.3. Intersecções discursivas nos periódicos *Cadernos de Semiótica Aplicada e Estudos Semióticos*

Tendo em vista os trabalhos ora apresentados, ilustramos, a seguir, de que maneira os trabalhos publicados pelos membros dos grupos brasileiros pós-CESAJG retomam/reformulam modelos teóricos instituídos e/ou seguidos pelos líderes intelectuais do GRSL e do CSAJG:

²⁷⁵ Trecho original: “Pour moi, le figural consiste en un dépouillement de la figure hjelmslevienne”.

Figura 26 – Influência dos líderes intelectuais do GRSL e do CESAJG nos trabalhos publicados nos *Cadernos de Semiótica Aplicada* e nos *Estudos Semióticos*

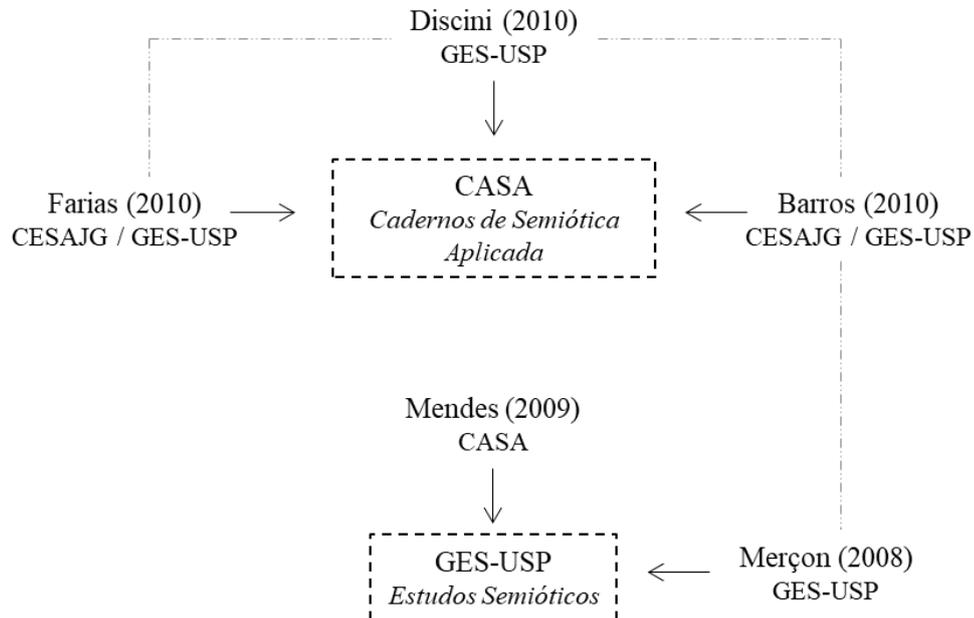


* Essa obra condensa proposições teóricas de todos os trabalhos do pesquisador.

Fonte: autora.

Nas reflexões teóricas publicadas nos periódicos dos grupos CASA e GES-USP, podemos observar, todos os textos exprimem um espírito de época, ou seja, ocupam-se da relação entre figuratividade e percepção, à exceção de Mariza Mendes (2009), pois a autora foca em propostas teóricas discutidas nos anos 1980 e as propostas relacionadas às experiências perceptivas desenvolveram-se mais a partir da década de 1990. Por outro lado, a escolha de Mendes (2009) indica que os trabalhos de Greimas (1984a) e Floch (1985) ultrapassaram o espírito de seu tempo. Ademais, os textos dos pesquisadores do GES-USP revelam a existência de um clima de opinião, conforme J. Nascimento (2005) à medida que fazem circular concepções da semiótica tensiva no período entre 2009 e 2010, demonstrando a construção conjunta de novas concepções teóricas, como evidencia a linha pontilhada na figura abaixo, na qual demonstramos como ficaram distribuídas as publicações de membros dos grupos CASA e GES-USP em seus respectivos periódicos – *Cadernos de Semiótica Aplicada* e *Estudos Semióticos* –, bem como o reflexo do clima de opinião dos membros do GES-USP nos artigos ora examinados:

Figura 27 – Publicações nos periódicos do CASA e do GES-USP e tensividade como clima de opinião entre pesquisadores do grupo da USP



Fonte: autora.

Como mostra a figura, a linha pontilhada interliga não somente os trabalhos de pesquisadores do GES-USP, mas, sobretudo, um ponto de vista comum: a figuratividade, em suas gradações, correlaciona-se com a percepção e essa correlação que é mediada pelas grandezas tensivas. Evidentemente, já dissemos isso, em “Considerações acerca da figuratividade e da percepção”, Merçon (2008) ainda não associa o estudo da figuratividade à semiótica tensiva, como faz em sua tese de doutorado em 2012. Contudo, o alinhamento às perspectivas de Farias (2010), Discini (2010) e Barros (2010) em sua tese indica a força que um clima de opinião exerce nas produções de um grupo, no modo pensar a teoria. Se em 2008, dois anos antes dos outros três trabalhos do grupo serem publicados nos *CASA*, a contribuição teórica do pesquisador está mais próxima das proposições de Bertrand (2003 [2000]) em *Caminhos da semiótica literária*, dois anos após o evento de comemoração da primeira década do grupo araraquarense, o ponto de vista teórico de Merçon (2012) já assume contornos zilberberguianos ao focar o figural, na dimensão profunda de um texto literário, ao mesmo tempo em que se articula à dimensão figurativa, portanto, superficial, desse texto.

6.2.4. Um cartograma para concluir

Ao longo deste capítulo, procuramos desenhar os desdobramentos teóricos da figuratividade identificados em publicações nos periódicos brasileiros de semiótica.

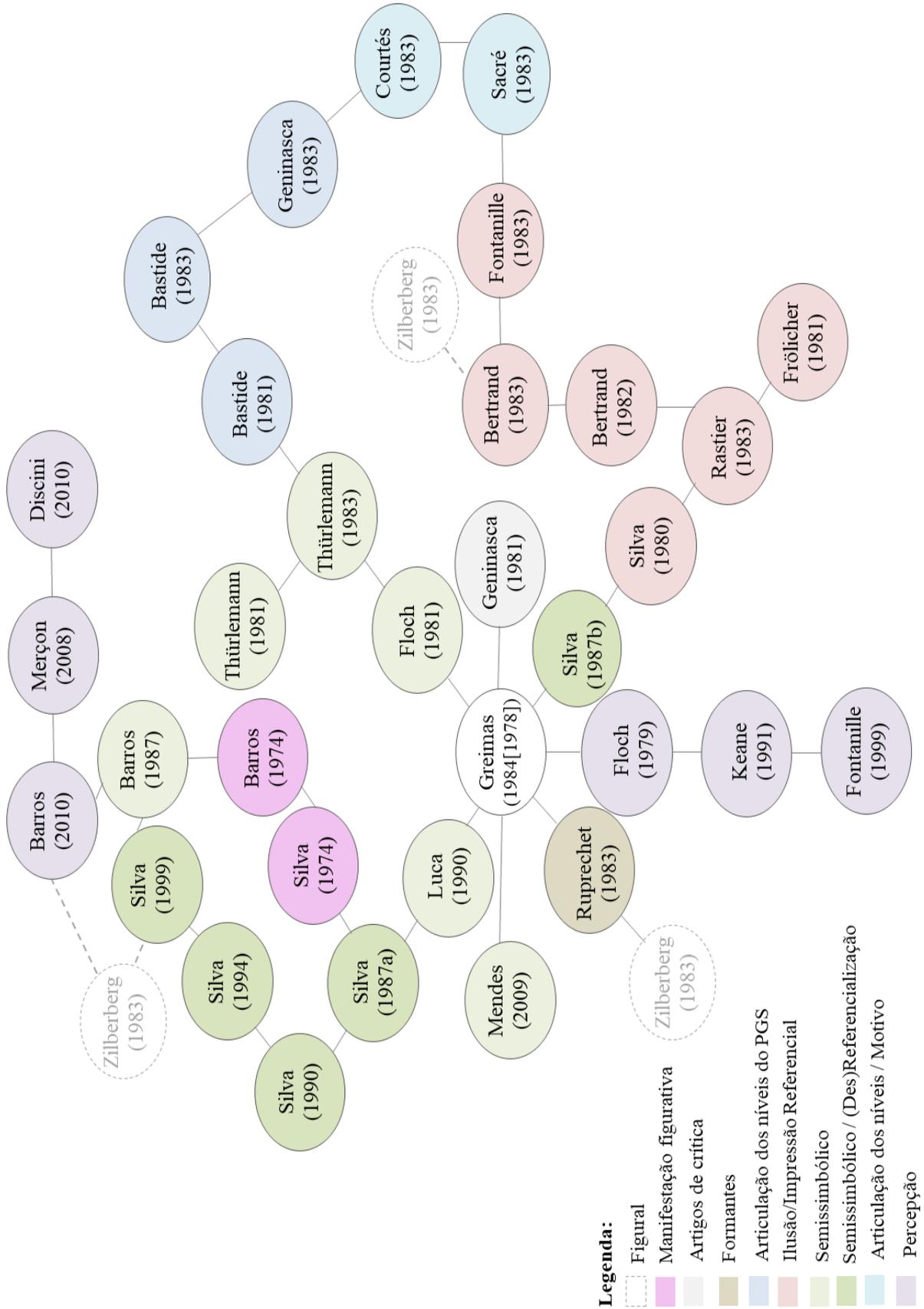
Buscamos evidenciar, assim como na *Significação* e nos *(Nouveaux) Actes Sémiotiques* as proposições teóricas e, na medida do possível, embates de pontos de vista.

Exploramos os trabalhos do CESAJG e verificamos que a grande contribuição para a figuratividade para as semióticas, brasileira e geral, é de autoria de Ignacio Assis Silva. No entanto, é importante levar em conta os trabalhos de Barros (1974; 2010) e Luca (1990) que, em seus trabalhos, apresentaram ideias pertencentes a um mesmo espírito de época com o pesquisador.

Também ficou evidente que nos anos 2000, o espírito intelectual muda. A figuratividade agora é estudada na relação com a percepção à medida que, juntas, constroem uma semiótica da experiência sensível. Soma-se à figuratividade e à percepção, pelo que observamos, as grandezas tensivas de intensidade e extensidade, conforme os moldes zilberberguianos adotados pelos pesquisadores do GES-USP. Ademais, o único trabalho de uma pesquisadora do Grupo CASA evidenciou uma continuidade dos estudos voltados para o semissimbólicos e para uma semiótica plástica em conformidade com modelos de análise desenvolvidos ainda nos anos 1980, por Greimas (1984a) e Floch (1985).

Na próxima página, apresentamos um mapa das proposições sobre a figuratividade com base nos textos-fontes examinados. Na sequência, vejamos como se constrói a relevância das proposições teóricas acerca da figuratividade desenvolvidas ou validadas por pesquisadores no quadro geral da semiótica discursiva.

Figura 28 – Mapa da figuratividade nos grupos GRSL, CESAJG, CASA e GES-USP



Fonte: autora.

7. POR UMA TIPOLOGIA DAS IDEIAS SEMIÓTICAS SOBRE A FIGURATIVIDADE

[...] a semiótica deve cumprir sua vocação generalista e se interessar radicalmente por todos os tipos de textos e discursos, especialmente pelos científicos, dando sua contribuição a uma meta-historiografia de inspiração semiótica. A semiótica, assim, não escapará de ser semiotizada. (PORTELA, 2018, p. 143).

Nos dois últimos capítulos, mostramos que, na década de 1980, a figuratividade é discutida no interior do nível discursivo ou semionarrativo, sendo, aos poucos, debatida na constituição da instância mais profunda do percurso gerativo até ser considerado fato teórico que a organização figurativa está presente em todo tipo de texto (do mais figurativo ao mais abstrato) – como demonstra Bastide (1981; 1983) ao comprovar que textos científicos também podem ser icônicos a depender da intenção de quem o enuncia – e que perpassa todos os níveis do percurso gerativo, com funcionalidades semânticas diferentes em cada estrato do percurso, segundo Bertrand (1983b), Courtés (1983), Bastide (1983), entre outros.

Anos mais tarde, reverberando inspiração merleau-pontyana, que envolve a percepção, após abertura dada pelo mestre lituano em *Da imperfeição* (2002 [1987]), em “Figurativité et perception”, Keane (1991) busca identificar de que modo o sujeito e o objeto são percebidos no discurso e encontra, nas relações semissimbólicas entre as figuras do conteúdo e as figuras da expressão do mundo natural, como a figuratividade profunda se manifesta à medida que convoca as categorias cromáticas, eidéticas e luminosas para a construção da sensorialidade, imediatamente reconhecida no discurso em razão dos procedimentos de figurativização. Cores, texturas e jogos de luz e sombra produzem sensações capazes de diferenciar a significação profunda daquela que se apresenta em imagens estereotipadas, constitutivas de um cotidiano banalizado pelo “mundo do senso comum” (KEANE, 1991, p. 30).

No final dos anos 1990, uma sintaxe figurativa é proposta por Fontanille em “Modes du sensible et syntaxe figurative” (1999). O caráter inovador desse trabalho é endossado por Eric Landowski (1999) no prefácio a esse texto. Segundo o pesquisador, em oposição a um fazer que, somente na aparência, demonstra menos rigor metodológico que aquele empreendido por uma semiótica reconhecidamente “dura” nos primeiros anos de sua construção teórica, o texto fontanilliano constrói uma semiótica da experiência sensorio-cognitiva e motora inspirada, ao mesmo tempo, em Merleau-Ponty, Lévi-Strauss e Greimas para aproximar a estesia, representada pela “sintaxe figurativa”, de uma “sintaxe do sensível”, sendo este último o lugar onde valores e sentido emergem. Desse modo, Fontanille (1999)

articula as dimensões narrativa e estética para mostrar como o corpo percebe o mundo e, conseqüentemente, constrói e apreende o sentido por meio da sensorialidade (LANDOWSKI, 1999, p. II-V). Alguns anos depois, Landowski (2017c [2006], p. 99) faz referência a essa proposta para dizer que nesse mundo sensível com que nos relacionamos o que apreendemos nada mais é que energia e matéria em movimento.

No Brasil, a figuratividade está intimamente ligada à investigação da densidade sêmica e à identificação da figura-nuclear no processo de organização figurativa e de produção do sentido (SILVA, 1974). Longe de estar presa ao processo de materialização do discurso no movimento de construção do sentido que sai das instâncias profundas em direção à superfície, percorre o sentido inverso, em busca da densidade sêmica mínima nos trabalhos de Ignacio Assis Silva. Se ela é chamada pelo pesquisador a articular os diferentes espaços de produção do sentido no percurso gerativo (SILVA, 1990), depois, é convocada a não somente organizar, articular e propiciar as experiências perceptivas, enquanto evento estético, mas também a assumir o papel de matriz fundadora do imaginário (SILVA, 1999). Para além das configurações semissimbólicas e dos sincretismos, atuando, igualmente, além do rigor das estruturas, a figuratividade é convocada a compor uma “matriz figural” que funda o imaginário, nos termos de Silva (1999).

Nos anos 2000, Discini (2010), Barros (2010) e Farias (2010), dão continuidade à preocupação da relação da figuratividade com a experiência perceptiva e propõem que a apreensão do mundo ganha contornos tensivos ao reunir categorias de intensidade e extensidade, estando a intensidade relacionada com o sensível e a extensidade com o inteligível. Na concepção das autoras, quanto menos o sujeito apreende o que percebe, mais próximo está do sensível (e do acontecimento tensivo) enquanto a figuratividade introduz os valores nas profundezas do discurso.

Levando-se em conta esse movimento das ideias semióticas sobre a figuratividade tecido nos capítulos anteriores, neste capítulo, visamos verificar em que medida a transmissão de (novos) conhecimentos produzidos dentro de cada grupo influenciou outros grupos no processo de construção do saber sobre a figuratividade como parte do projeto semiótico de Greimas. Para tanto, aplicamos, nos textos-fontes selecionados no quadro 14, os procedimentos desenvolvidos para análise dos dados no segundo capítulo a fim de identificarmos quais propostas exerceram influência em outros trabalhos sobre a figuratividade e de que modo esses discursos de influência (ou referenciais, em termos greimasianos) transitaram ou transitam entre os diferentes grupos de especialidades investigados nesta pesquisa de doutoramento.

7.1. Primeiro momento: os tipos de artigos identificados

Seguindo a metodologia proposta no segundo capítulo, mais especificamente na seção 2.4.2.2., consideramos, primeiramente, que uma das formas de aceitação das ideias semióticas, ou de qualquer disciplina científica, é a publicação de comunicações científicas em mídias especializadas que demandam avaliação desses textos por pares (no caso, outros semioticistas), responsáveis por considerar o conteúdo examinado pertinente e relevante para o campo científico a que tais textos pertencem, em consonância com Altman (1998, p. 45). Visto que, conforme a historiógrafa, a publicação de um artigo indica a validação das ideias ali contidas por, pelo menos, uma parte de dada comunidade científica, o nosso primeiro passo em direção ao estabelecimento da contribuição do conteúdo dos artigos publicados nos periódicos de semiótica para a elaboração (e conseqüente evolução) do conceito de figuratividade foi identificar, nos discursos manifestados nos textos-fontes selecionados, as retomadas, as reformulações e as possíveis rupturas teóricas que neles subsistem.

Assim sendo, com base nos dados apresentados no quinto e no sexto capítulos, relacionamos os textos-fontes e os classificamos como “programáticos”, “de pesquisa” e “de crítica”. Verificamos, desse modo, que os textos que indicam novos direcionamentos aos estudos sobre a figuratividade, ou instituem, cada qual a seu modo, modelos de investigação, sendo, portanto, considerados programáticos nos (*Nouveaux*) *Actes Sémiotiques* são os trabalhos de: Floch (1979), Silva (1980, 1987b), Floch (1981), Frölicher (1981), Thürlemann (1981; 1983), Bertrand (1982), Bastide (1983), Rastier (1983), Ruprechet (1983), Sacré (1983), Fontanille (1983), Geninasca (1983), Zilberberg (1983), Bertrand (1983b), Courtés (1983), Greimas (1984a), Keane (1991) e Fontanille (1999).

Os estudos de Bastide (1981) inovam ao afirmar que existe figuratividade em um texto científico. Porém, como retomam perspectivas em andamento, aplicando modelos teóricos pré-existentes às análises, ainda que demonstrem olhar de modo diferente para o conceito, não introduzem novas direções de pesquisa ou buscam impor um método de análise. Por isso, são, na nossa concepção, artigos de pesquisa. Em contrapartida, o texto de Geninasca em “La figurativité” (1981) aproxima-se muito do modelo de artigo de crítica. Nele, “Place du figuratif”, o autor propõe uma revisão dos critérios de constituição da figura, mais especificamente, aqueles concernentes ao investimento semântico que ela recebe. Por outro lado, Geninasca (1981a, p. 14) não discorda da perspectiva greimasiana de que as figuras recebem investimento semântico no discurso (GREIMAS, 2011 [1979]) e que esse

investimento semântico está sujeito às coerções socioculturais de produção discursiva (GREIMAS, 1984a).

Segundo Michael Schulz (2019, p. 65), esse olhar crítico e confrontativo de Geninasca para as ideias greimasianas é característico dos estudos desenvolvidos pelo semiótico italiano que, desde o início dos anos 1970, quando conhece Greimas, compartilha com o mestre lituano “[...] a concepção comum de uma teoria semiótica cujo objetivo é a modelagem dos mecanismos que governam a produção e [a] apreensão da significação” (SCHULZ, 2019, p. 65). No entanto, discorda de Greimas em vários aspectos teóricos da disciplina, o que o leva a construir uma semiótica distinta da greimasiana; uma teoria que não se ocupa da significação, mas, sim, das condições da instauração dos discursos (SCHULZ, 2019, p. 66). Isso não impede, em contrapartida, mesmo quase desconstruindo modelos caros a Greimas, que Geninasca contribua “[...] para que a semiótica permaneça um ‘projeto com vocação científica’ que está sempre para recomeçar”, esclarece Schulz (2019, p. 82-83).

Assim, entendemos que Geninasca (1981a) não chega a romper completamente com as proposições vigentes, apenas explora caminhos investigativos não trilhados nos outros textos. Nesse sentido, “Place du figuratif” (1981) está entre a continuidade e a ruptura, ou seja, em uma espécie de gradação. Em outras palavras, está, para nós, mais próximo de uma “fissura”, do que de uma ruptura²⁷⁶ e um exemplo disso é o fato de a definição geninasquiana de figura ter sido incorporada à disciplina por Silva (1987a).

Nas publicações da *Significação*, consideramos a comunicação científica de Barros (1974), bem como a de Luca (1990), artigos de pesquisa, haja vista reproduzirem modelos já existentes de investigação. Os textos de Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1994; 1999), por outro lado, apresentam novos modelos de investigação e propõem direções de pesquisa, assim como o artigo de Barros publicado em 1987. Nesse sentido, são classificados como artigos programáticos. Quanto aos demais trabalhos originados no Brasil, consideramos que os textos de Barros e Discini publicados em 2010, nos *Cadernos de Semiótica Aplicada*, instituem novas direções de pesquisa, uma forma de dar continuidade às proposições existentes. Ao incorporarem a semiótica tensiva às análises, agregam valor ao projeto semiótico, fazem-no avançar e evoluir, justificando classificá-los como artigos programáticos. Já Merçon (2008), Mendes (2009) e Farias (2010) aplicam um modelo de pesquisa preexistente proporcionando a manutenção das propostas teóricas reproduzidas em suas análises, motivo pelo qual tais

²⁷⁶ Escolhemos o termo “fissura” tendo em vista a acepção “pequena abertura longitudinal em; fenda, rachadura, sulco”, presente no *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014), pois demonstra uma condição concessiva de parte ainda pertencer a um todo apesar de não estar completamente ligada a ele.

trabalhos encaixam-se no modelo de artigo de pesquisa. O quadro abaixo resume essa distribuição de artigos em alinhamento à tipologia de Altman (1998):

Quadro 23 – Distribuição dos textos-fontes segundo as retomadas, as reformulações e as “fraturas” teóricas

TIPO DE ARTIGO	ARTIGOS ANALISADOS²⁷⁷
Programático	<p>“Estruturação do universo linguístico” (SILVA, 1974); “Des couleurs du monde au discours poétique” (FLOCH, 1979); “Une lecture de Velasquez (SILVA, 1980)”; “Sémiotique plastique et langage publicitaire” (FLOCH, 1981); “Des centaures aux sphinx” (FRÖLICHER, 1981); “La double spatialité em peinture” (THÜRLEMANN, 1981); “Du figuratif à l'abstrait” (BERTRAND, 1982); “Figurativité et représentation” (BERTRAND, 1983); “Symbolisme conventionnel et production du symbolique” (THÜRLEMANN, 1983); “Rôle de l'observateur dans la mise em discours des figures” (FONTANILLE, 1983); “Le problème du figuratif et l'impression référentielle” (RASTIER, 1983); “Translocation, plasticité et prégnance” (RUPRECHET, 1983); “Du motif à la rhétorique” (SACRÉ, 1983); “Le temps et l'espace comme figurants” (ZILBERBERG, 1983); “Figures, code figuratif et symbolisation” (COURTÉS, 1983); “Espace figuratif et langage spatial” (BERTRAND, 1983); “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” (GREIMAS, 1984a); “Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão” (BARROS, 1987); “A construção do ator: do sógnico ao simbólico” (SILVA, 1987a); “L'art abstrait: une poetique du depouillement” (SILVA, 1987b); “Indagações sobre os fundamentos da linguagem” (SILVA, 1990); “Figurativité et perception” (KEANE, 1991); “Sincretismo e comunicação visual” (SILVA, 1994); “Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark” (SILVA, 1999); “Modes du sensible et syntaxe figurative” (FONTANILLE, 1999); “Da presença sensível” (DISCINI, 2010) ; “Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual” (BARROS, 2010).</p>
De pesquisa	<p>“Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação” (BARROS, 1974); “Le sentier et la cascade” (BASTIDE, 1981); “A figurativização na publicidade” (LUCA, 1990); “Considerações acerca da figuratividade e da percepção” (MERÇON, 2008); “Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial” (MENDES, 2009); “Nos caminhos da figuratividade” (FARIAS, 2010).</p>
De crítica	<p>“Place du figuratif” (GENINASCA, 1981a).</p>

Fonte: autora.

²⁷⁷ Ordenados cronologicamente, conforme ano de publicação.

No quadro 23, fica mais claro como os artigos selecionados para análise se distribuem em termos de reformulação, reprodução ou descontinuidade de posicionamentos teóricos já existentes acerca da figuratividade. Também fica evidente que, entre os textos selecionados para análise, os artigos programáticos, responsáveis pela retomada e pela continuidade das ideias, são maioria, ao passo que apenas um artigo de crítica – cuja característica, por excelência, é o rompimento, em certa medida, com a retórica científica vigente, conforme J. Nascimento (2005) – foi identificado. E mesmo esse artigo de crítica revela os mesmos valores encontrados nas demais comunicações científicas; valores que compõem o *éthos* do semiótico, conforme o quarto capítulo: contribuir para a economia geral da semiótica, uma disciplina teórica em constante devir – “[...] o analista do discurso que se volta para os textos de literaturas, orais ou escritas, sente, mais do que qualquer um, a urgência de uma teoria do figurativo inscrita no quadro de um modelo geral do discurso” (GENINASCA, 1981a, p. 5, tradução nossa²⁷⁸).

7.2. Segundo momento: a identificação das proposições teóricas

Dando continuidade à metodologia semio-historiográfica de análise de dados proposta na seção 2.4.2.2., na qual desenvolvemos uma tipologia de proposições teóricas, levando em conta a abrangência de circulação das contribuições teórico-metodológicas dos membros dos grupos de especialidades e a influência que as comunicações científicas (artigos programáticos, de pesquisa e de crítica) possam exercer no grupo de onde se originam e em outros grupos, reunimos os dados levantados no exame dos textos-fontes nos capítulos cinco e seis: reflexões teóricas, assimilações de proposições de outros autores (entre os textos-fontes do quadro 14), divergências de pontos de vista, possíveis rupturas teóricas, etc. Observamos que alguns trabalhos se complementam a outros e que conjuntos de trabalhos de um mesmo autor ou de autores diferentes tanto refletem um espírito de época, como denotam um clima de opinião: em alguns casos, mais; em outros, menos restritos ao grupo a que se vinculam.

Tendo constatado que, à revelia do tipo de artigo em que são comunicadas, as diferentes contribuições teóricas identificadas entretecem-se umas às outras, fazendo surgir uma rede de conhecimento teórico-metodológico em torno da figuratividade, verificamos em que medida esses textos-fontes influenciaram as contribuições dos pesquisadores dentro e fora

²⁷⁸ Trecho original: “[...] le praticien de l’analyse du discours qui s’attaque aux textes des littératures, orales ou écrites, éprouve, plus que quiconque, l’urgence d’une théorie du figuratif inscrite dans le cadre d’un modèle général du discours”.

de seus grupos por meio de critérios qualitativos, voltados para a aspectualização e para os modos de existência dos discursos referenciais que julgamos ser mais pertinentes à determinação da relevância de uma comunicação científica.

É nesse sentido que aplicamos, nesta reta final de nossa investigação, os critérios elaborados no segundo capítulo aos textos-fontes ora analisados de maneira que possamos utilizá-los na constituição de uma tipologia de proposições teóricas relacionadas com a figuratividade. Em meio às discussões empreendidas pelos pesquisadores à medida que construam uma teoria do figurativo, de acordo com as seções anteriores, destacam-se propostas vinculadas aos formantes figurativos e plásticos, à impressão e/ou ilusão referencial, ao motivo, ao figural, à sensorialidade ou à percepção, às relações entre referencialização e desreferencialização ou dessemantização e ressemantização, bem como às operações semissimbólicas. Nas próximas linhas, elencamos, resumidamente, como esses conceitos foram articulados à figuratividade pelos semioticistas dos grupos de semiótica investigados.

Sobre os **motivos**, para Thürlemann (1983), eles podem ser concebidos como símbolos, ou seja, como signos socialmente convencionados e reconhecidos pelo uso. De acordo com Sacré (1983), o revestimento temático-figurativo do motivo deve-se: i) a procedimentos metafóricos, no nível fundamental; ii) ao jogo retórico, no nível narrativo e; iii) à estilização, no nível mais superficial do discurso, proporcionada pelas figuras de retórica. Courtés (1983), de sua parte enxerga os motivos manifestando os universos socioculturais reconhecidos nos contos maravilhosos. Organizando-se em todos os níveis do percurso gerativo, os motivos passam de um nível a outro através da organização sintática. Em resumo, os motivos são manifestações figurativas estereotipadas que comportam os valores dos discursos, são facilmente reconhecíveis pelo enunciatário na medida em que conferem alta densidade sêmica à organização figurativa e, ainda, detêm a capacidade de interligar os níveis semionarrativo e discursivo conforme as isotopias temático-figurativas atualizam os valores virtualizados no nível fundamental nos níveis subsequentes.

Outra contribuição, diz respeito à **referencialização** e à **desreferencialização**. A desreferencialização, segundo Silva (1980; 1987b), desconstrói a substância da manifestação, enquanto a referencialização reconstrói a substância da manifestação, restituindo a forma. O enunciado torna-se legível para o enunciatário através da leitura simbólica ou mítica do objeto reconstruído, que instaura a ilusão referencial (reconhecimento de um universo sociocultural). Bertrand (1982), por sua vez, ocupa-se da escrita realista, especificamente. Em vista desse corpus, foca na referencialização, que pode ser externa, conforme as figura do discurso se

relacionam com as figuras do mundo natural, ou interna, entendida como conjunto de retomadas anafóricas no interior de um texto, responsável por construir um simulacro do mundo natural em virtude da distribuição espacial de isotopias figurativas. Respondendo pela tessitura do discurso – introdução das isotopias e realização dos procedimentos de ancoragem actorial, espacial e temporal, instaurando, assim, os efeitos de sentido que promovem a ilusão de realidade –, a referencialização opõe-se à referenciação – esta, voltada para a “construção dos valores referenciais” – como assevera, mais tarde, em *L'espace et le sens* (BERTRAND, 1985, p. 32). Em outras palavras, cabe à referenciação introduzir os valores e à referencialização recobri-los figurativamente de modo que possam ser reconhecidos pelo enunciatário. Esta é, desse modo, a manifestação daquela. A desreferencialização, no sentido ignaciano, realiza um procedimento de despojamento de densidade sêmica desse valor manifestado, conduzindo-o a uma figurativização mínima dos valores.

Barros (2010), de sua parte, pensa a produção de sentido em termos de **dessemantização e ressemantização**. A dessemantização é, nesse sentido, a realização de um movimento tensivo descendente rumo à automação – ao não reconhecimento valores e práticas sociais já estereotipados pelo uso –, e, a ressemantização compreende a tomada de consciência semântica da realização de um gesto, da assunção de um valor ou de uma prática social, que se dá em um movimento ascendente. Analogamente, a dessemantização corresponderia à desreferencialização, enquanto a ressemantização estaria mais próxima da referencialização.

Considerada resultante da produção de efeitos de verdade ou de realidade do discurso pela representação icônica em Bertrand (1983b), a **impressão referencial** é cara a Rastier (1983), que diz que ela só é produzida em enunciados que correspondem a algum domínio semântico. Fontanille (1983), por sua vez, acredita que a impressão referencial produz um “efeito estético ‘impressionista’” no observador introduzido em determinado espaço e possuidor de dado saber. Já Greimas (1984a), Floch (1981; 1983), Silva (2004 [1980]; 1987b), Thürlemann (1981;1983) e o próprio Bertrand (1982), em texto anterior, preferem a terminologia **ilusão referencial**. O trabalho de Bastide (1981; 1983) exemplifica o processo de produção de efeitos de verdade ao tratar da descrição do mundo natural em um texto experimental, demonstrando que efeitos de sentido reivindicam figuras que mantenham identidade com esse mundo, possibilitando ao leitor reconhecer os experimentos realizados. Frölicher (1981), por outro lado, nega que as figuras sejam representações do mundo natural, por isso não vê necessidade de referencializar a superfície do discurso. Para ele, cabe à narratividade produzir a coerência do texto. A impressão/ilusão referencial, intimamente

relacionada com o procedimento de referencialização, é, por fim, um efeito de sentido produzido pela organização de figuras dotadas de alta densidade sêmica, ou seja, icônicas – imagens estereotipadas e, portanto, facilmente percebidas e reconhecidas como pertencentes ao mundo natural.

No que concerne ao **simbólico** e ao **semissimbólico**, Greimas (1984a) assegura que as propriedades semissimbólicas dos textos plásticos são homologadas pela conformidade com os planos da linguagem. É possível, entretanto, que duas linguagens sejam ligadas entre si por intermédio de oposições de traços plásticos e de unidades de significado. Silva (1980) acrescenta que a revelação da significação de valores simbólicos por categorias plásticas (relação semissimbólica) promove a transformação do sêmico em simbólico e, diante de um texto estético, Geninasca (1983) diz que, como uma obra de arte, a homologação da apreensão figurativa (valorização ética) e da apreensão perceptiva pressuposta à figurativização (valorização estética) também configura uma relação semissimbólica. Quanto a Floch (1979, 1981), o pesquisador acredita ser possível admitir a união da dimensão figurativa de um conteúdo com o plano da expressão de uma dimensão abstrata. Além disso, as linguagens semissimbólicas também podem se realizar entre manifestações de linguagens diferentes como na constituição das linguagens sincréticas; enquanto, para Keane (1991), as manifestações semissimbólicas são percebidas pelo corpo conforme o sujeito e o objeto interagem. Elas surgem na profundidade do discurso, porém, é na superfície do discurso que ressemantizam imagens do mundo recuperadas da memória, fazendo aparecer novas percepções do mundo e/ou sobre ele.

Já a significação simbólica, em contrapartida, não está associada à homologação entre categorias dos planos da linguagem, mas sim, à reunião de um plano da expressão com um plano do conteúdo. De acordo com Thürlemann (1983), os símbolos são signos convencionais, ou seja, possuem significação vinculada a práticas e valores ajustados a convenções sociais preexistentes. O símbolo corresponde, dessa perspectiva, ao motivo, entendido pelo semiótico como uma figura dotada de conteúdos temáticos (valores atualizados pelo discurso). De forma sintetizada, podemos dizer que enquanto o símbolo significa mediante o reconhecimento de uma grade axiológica, o semissímbolo possibilita a ressignificação dessa grade uma vez que, nesse caso, os valores sofrem uma dupla apreensão, ética e estética.

Acerca dos **formantes**, figurativos e plásticos, de acordo com Greimas (1984a), são concebidos como unidades do significante que passam a ser reconhecidas ao integrarem uma grade do significado, representando, em maior ou menor grau, um elemento do mundo

natural. Eles podem atuar na constituição da plasticidade do texto e na sua construção figurativa, mas a significação do formante plástico é anterior à do figurativo, porque não depende de uma grade de leitura para significar. Floch (1979) complementa que a manifestação do discurso comporta uma linguagem plástica e uma linguagem figurativa, podendo, a primeira, se transformar em uma linguagem “outra” devido aos formantes figurativos e plásticos. Como o formante plástico não depende de grade de leitura para significar, pode receber novos investimentos semânticos, produtores de significações mais abstratas. Dito de outro modo, os formantes figurativos são axiologizados, ao passo que os formantes plásticos, isentos de uma valoração ética, mas não de uma estética, podem produzir diferentes graus de significação a depender do investimento semântico recebido.

Quanto à **percepção (sensorialidade)**, Floch (1979) assevera que a sua manifestação sensível é assegurada pelas qualidades cromáticas das figuras. A sensorialidade participa do discurso veridictório conforme a figuratividade instala manifestações visuais, sonoras e táteis ao discurso. Para Keane (1991), as qualidades sensíveis do mundo são apreendidas à medida que as sensações são mobilizadas pelas organizações figurativas, isto é, quando a figuratividade propicia a percepção do mundo por meio da sensorialidade, que faz suscitar conotações tímicas. Desse modo, a figuratividade é reclamada a produzir sentido através da experiência sensível, ou seja, da figurativização de sensações táteis, olfativas, auditivas, gustativas e visuais. Esse ponto de vista é complementado por Fontanille (1999) que chama a sensorialidade a constituir uma sintaxe figurativa autônoma articulada à sintaxe discursiva, à enunciação e às categorias tensivas. Sobre a tensividade, Discini (2010) acrescenta que o sentir e o reconhecer se amparam nas gradações tensivas de intensidade e extensidade, responsáveis por levar o sujeito a tornar o sentir (o imediatamente percebido) inteligível com mais ou menos rapidez.

Por fim, Zilberberg (1983) considera que a figuratividade comporta um nível figurativo e um **figural**, sendo o primeiro pressuposto do segundo, seu pressuposto. Assim sendo, o figural pode ser considerado figurável, uma vez que tem a propriedade de vir a se tornar figurativo. Em Bertrand (1983b), existe uma espacialidade “figural” ou abstrata que se encontra no nível fundamental, pois, assim como as demais categorias figurais, gera novos discursos à medida que recebe novos revestimentos figurativos e é articulada pelas estruturas semionarrativas. Embora as discussões em torno da figuratividade abstrata ou figural não sejam alargadas nos textos examinados, notamos um esforço por parte de Bertrand (1983b) em delimitar o lugar da figuratividade icônica na superfície do discurso e o da figuratividade abstrada no nível profundo, confirmando a oposição entre o figurativo e o não figurativo

(entendido, nesse caso, como abstrato/figural) também sugerida por Zilberberg (1983). Contudo, em Zilberberg (1983), o figural parece ainda não dispor da figuratividade mínima comportada pelo figurativo abstrato bertraniano. É, nesse sentido, ainda virtual, isto é, anterior ao investimento semântico mínimo a ser percebido pelo enunciatário.

O quadro a seguir lista os autores que contribuíram para o estudo da figuratividade nos textos-fontes investigados nesta tese, correlacionando-a, em maior ou menor medida, aos conceitos semióticos acima descritos:

Quadro 24 – Proposições teóricas que contribuíram para o estudo da figuratividade

CONTRIBUIÇÃO	AUTOR
Figural	Zilberberg (1983), Ruprecht (1983), Bertrand (1983), Silva (1990; 1994; 1999) Barros (2010), Discini (2010), Farias (2010).
Formantes figurativos e plásticos	Floch (1979; 1981; 1983), Ruprecht (1983), Greimas (1984a), Luca (1990), Mendes (2009).
Impressão/ilusão referencial	Silva (1980), Frölicher (1981), Bastide (1981; 1983), Rastier (1983), Fontanille (1983), Geninasca (1983), Greimas (1984a), Luca (1990)
Motivo	Courtés (1983), Sacré (1983), Thurlemann (1983).
Percepção (experiência sensível, sensorialidade)	Floch (1979), Keane (1991), Fontanille (1999), Silva (1999), Merçon (2008), Mendes (2009), Barros (2010), Discini (2010), Farias (2010).
Referencialização/desreferencialização (dessemantização/ressemantização)	Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1994; 1999), Barros (2010).
Simbólico/semissimbólico	Floch (1979; 1981), Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1994; 1999), Geninasca (1983), Thürlemann (1981; 1983), Greimas (1984a), Luca (1990), Barros (1987; 2010), Discini (2010), Farias (2010).

Fonte: autora.

Mediante o posicionamento de cada autor sobre as proposições envolvendo a figuratividade que se destacaram na análise dos textos-fontes, relacionamos os artigos que fazem referência direta às proposições ora descritas e os textos que, embora não tenham sido citados, são anteriores ou contemporâneos aos textos-fontes relacionados e, ainda, ressoam as mesmas proposições teórico-metodológicas, demonstrando assimilação dessas propostas como reflexo de um espírito de época.

Quadro 25 – Repercussão de proposições teóricas mediante assimilação de ideias

TEXTO CITANTE	CITAÇÃO DIRETA	CONTRIBUIÇÕES ANTERIORES E/OU CONTEMPORÂNEAS
Barros (1974)	-	Silva (1974)
Barros (1987)	Floch (1981)	Greimas (1984a), Floch (1979; 1981)
Barros (2010), Silva (1987b; 1990; 1994; 1999), Thürlemann (1981)	-	Greimas (1984a), Floch (1979; 1981)
Bertrand (1983)	-	Zilberberg (1983), Ruprechet (1983)
Discini (2010)	-	Silva (1987a)
Farias (2010)	Bastide (1981), Keane (1991)	Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1994; 1999)
Fontanille (1999)	-	Keane (1991)
Frölicher (1981)	Geninasca (1981)	-
Keane (1991)	Floch (1979)	-
Luca (1990)	Silva (1987b), Floch (1983)	-
Mendes (2009)	Greimas (1984a)	Floch (1979; 1981),
Ruprechet (1983)	-	Zilberberg (1983), Bertrand (1983)
Silva (1974)	-	Barros (1974)
Silva (1987a)	Geninasca (1981)	-
Thürlemann (1983)	Bertrand (1982)	-
Zilberberg (1983)	-	Ruprechet (1983), Bertrand (1983)

Fonte: autora.

Sobre o conhecimento pertencente a um espírito de época, como esclarece Hegel (2008 [1837], p. 26-28), é um saber adquirido e produzido não somente com o propósito de ganho próprio, mas também de beneficiar a coletividade – um grupo, um povo, a humanidade. Da perspectiva semiótica de institucionalização dos grupos, um sujeito é modalizado, seja por um dever seja por um querer, para executar uma *performance* em favor do grupo (ou da cultura) a que pertence e, de certa forma, em prol de si mesmo, que, se bem sucedida, gera uma sanção positiva, pragmática e cognitivamente, do destinador, nesse caso, social (que entendemos, nesta tese, ser o líder intelectual do grupo a que o pesquisador pertence). Entretanto, para que essa manipulação seja aceita, é imprescindível que o objeto de busca do sujeito tenha o duplo valor a que se refere o filósofo alemão, individual e coletivo, ou seja, uma proposta autoral, porém resultante de um empreendimento do grupo.

7.3. Terceiro momento: a aplicação dos critérios de identificação de relevância de proposições teóricas

Como mostra o quadro 25, em meio às influências publicamente reconhecidas (citações diretas), de um lado, e aquelas provenientes de citações assimiladas, de outro, as proposições teóricas identificadas nos textos-fontes tornam-se discursos referenciais, cada qual tecendo, em seu discurso, as divergências de pontos de vista – fissuras na compreensão da teoria –, ou, ainda, a maneira como se complementam, fazendo ecoar um espírito de época, conforme esclarecemos. Pensando na forma como se entrecruzam, constituindo, assim, o projeto semiótico, aplicamos a essas proposições os critérios qualitativos de identificação de um discurso referencial, em conformidade com o quadro 15.

Em vista disso, entendemos que as proposições teóricas que tratam do figural possuem aspecto iterativo, pois são abordadas por Zilberberg, Bertrand e Ruprechet no auge dos estudos sobre a figuratividade em 1983, depois são recuperadas em textos de Ignacio Assis Silva nos anos 1990 e são retomadas em pesquisas empreendidas por Norma Discini, Iara Farias e Diana Barros em 2010. Em cada texto, a proposta que envolve a relação entre o figural e a instância profunda da significação é atualizada e depois realizada nas análises, tornando esse estudo permanente na construção do projeto semiótico. Todas essas características confluem para a classificação dessa contribuição como de relevância **estear** para a semiótica.

Características similares têm as proposições em torno da homologação de categorias entre planos da expressão e do conteúdo, seja em uma mesma linguagem ou entre linguagens, que são as propostas teórico-metodológicas voltadas para as operações semissimbólicas. Da nossa perspectiva, mais que iterativo, o aspecto dessa ideia semiótica é durativo, pois tem início no final dos anos 1970 e continua sendo constantemente retomada, sem grandes intervalos de tempo entre os textos-fontes examinados. Diante dessa atualização reiterada e consequente realização em análises, só podemos classificar as pesquisas acerca do semissimbolismo e da figuratividade que o constrói como **esteares**.

Também consideramos **estear**, o percurso das inquições relacionadas com a percepção. Floch (1979) convoca os semiotistas a estudarem as organizações figurativas que instalam a sensorialidade nos textos em “Des couleur du monde au discours poétique”, mas somente após a publicação de *Da imperfeição* (2002 [1987]) os semiotistas demonstram interesse pela proposta. Da publicação de “Figurativité et perception” por Keane em 1991 até os textos publicados em 2010, nos *CASA*, é demonstrado relevo ao estudo das experiências

perceptivas e de sua relação com a figuratividade, ganhando mais robustez à medida que a experiência sensível é abordada do ponto de vista tensivo e também da interação. Sua relevância, portanto, é medida pelo aspecto durativo e pelo modo de existência atualizado e realizado.

Os motivos, por sua vez, são abordados para a construção da teoria do figurativo apenas em 1983, por Courtés, Sacré e Thürlemann. Nos demais artigos analisados, os motivos não são novamente reclamados para compor análises ou proposições teóricas, até serem mencionados em análise realizada por Mendes (2009) e publicada no periódico *Estudos Semióticos*. Tendo em vista o aspecto pontual e o modo de existência potencializado, sendo reclamado, portanto, atualizado e realizado, em uma análise após um intervalo de mais de 25 anos, consideramos que os motivos têm relevância **incidental**. A mesma classificação têm as proposições sobre impressão/ilusão referencial. Bastante estudado no interior de um espírito de época (entre 1980 e 1990), considerando os textos que examinamos, o referente deixou de compor os trabalhos envolvendo a figuratividade nos anos que se seguiram, de modo que as contribuições ficaram estagnadas naquela década, o que não configura impedimento para a impressão e/ou a ilusão referencial serem retomadas em investigações exteriores à desta tese.

No que concerne às operações de referencialização e desreferencialização tão caras a Ignacio Assis Silva (1980, 1987a, 1987b, 1990, 1994, 1999), consideramos tratar-se de uma proposição de relevância **mediadora**. De caráter incoativo, instaura um estudo que se desdobra em outros (percurso ascendente da atualização à realização), porém estudos do mesmo autor, que culminam em uma obra de base para a semiótica de vertente francesa. Em Bertrand (1982; 1983), acontece o mesmo. A referencialização em textos realistas, mencionada em 1982, encontra a completa definição em sua tese que se transforma em livro em 1985, *L'espace et le sens*, tal qual acontece com Silva (1995a) que tem em *Figurativização e metamorfose* a reunião de todos os textos que tratam de referencialização e desreferencialização analisados nesta tese. Levando-se em conta os textos que compõem o nosso córpus, a proposta de Barros (2010) em torno da dessemantização e da ressemantização, essa proposição é abordada ainda em 1974, em “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação”. Uma vez que, em 2010, a semioticista afirma que o texto decorre de um trabalho investigativo mais extenso – é, portanto, um resumo disso – e que em 1974 ela fala apenas de dessemantização, consideramos, aqui, que a instauração posterior da noção de ressemantização atribui um aspecto terminativo ao trabalho da autora, o que também contribui para a classificação da proposição acerca da dessemantização e da ressemantização como **mediadora**.

Por fim, a proposta dos formantes figurativos e plásticos embora traga uma importante contribuição para a operacionalidade da figuratividade em textos visuais e plásticos, não tem um lugar fixo, nem contínuo no espaço-tempo das investigações semióticas. Uma vez que a maior parte desse estudo pertence a um dado espírito de época, aquele em que era urgente edificar uma teoria do figurativo (década de 1980), o estudo dos formantes apresenta aspecto pontual e um modo de existência potencializado, haja vista ficar à espera de ser retomado por Mariza Mendes em 2009 e ser realizado em seu trabalho, tornando sua relevância para o projeto semiótico e para a figuratividade, dentro desta análise, **incidental**.

Simultaneamente, no âmbito da relevância das proposições teóricas, outra característica deve ser observada: de que maneira as contribuições examinadas circulam nos e entre os grupos de semiótica? Conforme quadro 15, o domínio actancial das proposições que classificamos como esteares é coletivo, pois essas ideias transitam entre todos os grupos de semiótica (CASA, GES-USP, GRSL e CESAJG), sendo aplicadas em/resultantes de debates realizados nesses grupos e comunicados em seus periódicos.

As proposições mediadoras também circulam entre mais de um grupo: Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1994; 1999), a respeito da referencialização e desreferencialização, publica na *Significação* e nos *Actes Sémiotiques*, ao mesmo tempo em que integra tanto o CESAJG, quanto o GRSL; enquanto Barros (1974), membro do CESAJG, publica na *Significação*, depois, em 2010, membro do GES-USP, publica nos *Cadernos de Semiótica Aplicada*, do grupo CASA. Neste último caso, contudo, a circulação é diferente: Silva debate e publica a mesma proposição teórica em grupos diferentes e dos quais é membro; Barros publica no periódico do grupo ao qual está vinculada em 1974, mas, em 2010, o grupo de Araraquara é só receptor, não é emissor da proposição, já que ela está vinculada ao GES-USP. Independentemente de um mesmo autor (ou vários autores) tratar(em) de uma mesma proposição teórica em um único grupo – como Bertrand (1982; 1983) – ou em grupos diferentes, o critério do domínio actancial, que permite à proposição mediadora tanto ser coletiva (perpassar mais de um grupo) quanto individual, foi atendido.

Concernente às proposições incidentais, o domínio actancial individualizado predomina na medida em que ficam restritas a apenas um grupo, como os motivos, os formantes e a ilusão/impressão referencial, propostas do GRSL publicadas nos *Actes Sémiotiques*. Todavia, podem encontrar formas de escapar à regra de pertencer a um domínio actancial individualizado quando, após terem sido remanejadas para o modo existencial potencializado, são convocadas em outro grupo, como acontece com a proposição sobre os

formantes em Mendes (2009), membro do Grupo CASA. Além disso, a pesquisadora publica no periódico *Estudos Semióticos*, que pertence a outro grupo, o GES-USP.

7.4. Para além das ideias semióticas sobre a figuratividade: os textos que as comportam e as influências exteriores à semiótica

Cabe esclarecermos que, embora essa tipologia volte-se para as propostas teóricas que envolvem a figuratividade, com vistas a expandirmos um pouco a nossa análise e voltarmos para os textos que as comportam, se as propostas primeiras sobre o semissimbólico, a sensorialidade, os formantes figurativos e plásticos – de que decorrem debates sobre a linguagem poética e mítica – surgem dos debates do ateliê de semiótica visual e a primeira publicação de que temos registro é “Des couleurs du monde au discours poétique”, de Floch (1979), as propostas desse texto foram de tal maneira assimiladas pelos semioticistas, que as ideias vigoraram, mas o texto, parafrazeando Silva (1990), sofreu um processo de desreferencialização, caminhando para o esquecimento, ou para um aparente apagamento da história da semiótica. No âmbito da práxis enunciativa, ele foi remanejado para fora do campo de presença dos semioticistas, desaparecendo na memória do discurso em ato.

O texto “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, de Greimas (1984a), que trata das mesmas proposições flochianas, mas publicado mais tardiamente e por um líder intelectual, trilhou caminho inverso: ganhou tamanha notoriedade que suas proposições não passam despercebidas mesmo que não sejam citadas – associação das relações semissimbólicas à linguagem gestual, realizada por Barros (2010), por exemplo. Ainda assim, as citações (referências diretas e indiretas à obra) dão condições para que o texto seja constantemente atualizado e, conseqüentemente, realizado, permanecendo no campo de presença dos semioticistas após a sua publicação, ao contrário do texto flochiano que contém as mesmas proposições, mas não é citado pelos pesquisadores.

Ainda assim, não podemos dizer que houve marginalização do texto de Floch (1979) nem rejeição a ele ou às ideias que nele vigoram. Como o texto comporta um espírito de época, foi publicado em um periódico impresso, cujos exemplares, em número limitado (poucas tiragens), ficaram restritos a um pequeno grupo de pesquisadores que frequentaram as reuniões do GRSL na França. Essa restrição de acesso, certamente tornou mais difícil a disseminação da comunicação científica flochiana e as proposições ali contidas, conseqüentemente. Dessarte, o texto original em si, acabou desaparecendo, voltando a ser

divulgado recentemente, quando uma versão digitalizada da obra foi disponibilizada pelos *Actes Sémiotiques* na seção “Réédité en ligne” (“Reeditado *on-line*”).

Relembramos que Floch (1979) chega a ser retomado por Keane (1991), doze anos depois, mas não aparece em nenhum outro texto-fonte analisado nesta tese. Tal fenômeno se repete com o artigo da própria Keane (1991), que é citado apenas por Farias (2010), entre os textos-fontes que examinamos, apesar de praticamente inaugurar um espírito de época – a inserção do pensamento fenomenológico às análises semióticas e ao estudo da figuratividade. Dizemos praticamente porque esse texto é posterior a *Da imperfeição* (2002 [1987]), obra greimasiana que muda o ponto de vista dos semioticistas sobre o modo de fazer semiótica e já é considerado inaugural em termos de ditar os novos rumos do papel da figuratividade, agora imediatamente correlacionado à percepção, às configurações passionais.

Outro texto com proposições inovadoras para a figuratividade, da nossa perspectiva, é “Modes du sensible et syntaxe figurative”, de Fontanille (1999), porém é do mesmo modo apagado, considerando os textos analisados, visto que nenhum autor menciona a sintaxe figurativa²⁷⁹. Já “Du figuratif à l’abstrait”, que abriga a proposta de Bertrand (1982) de que existe uma figuratividade profunda e uma de superfície no âmbito específico da espacialidade – bem como suas proposições acerca do figural, da impressão referencial, etc. –, é citado apenas por Thürlemann (1983). Os trabalhos de Silva, por sua vez, que tratam dos mesmos fenômenos – de forma mais ampla concernente à compreensão de que existe uma figuratividade profunda e uma superficial, que, para ele, não se restringe à espacialidade –, tornam-se referenciais teóricos, porém apenas entre os semioticistas brasileiros, pois o autor não é citado pelos pesquisadores do GRSL.

Assim, em termos de movimentação de propostas nos e entre os grupos de semiótica, entendemos que, no exame dos textos selecionados no quadro 14, as proposições teóricas dos pesquisadores brasileiros ficam restritas aos grupos desse espaço geográfico (mesmo quando publicadas na França), enquanto as proposições de origem europeia perpassam todos os grupos, se extracontinentalizam. Simultaneamente, todos os textos examinados contribuem, de alguma forma, com o enraizamento das obras que entendemos serem marcos teóricos da figuratividade na história da semiótica discursiva, relacionadas no primeiro capítulo. Em vista disso, ilustramos, a seguir, como as comunicações examinadas nesta tese (ou as proposições

²⁷⁹ Esclarecemos que esse texto não é referenciado nos textos-fontes selecionados para análise nesta tese, assim como as proposições que ele abriga. Todavia, esse trabalho é desdobrado na obra *Soma et séma. Figures du corps* (2004) e *Corpo e sentido* (2016 [2011]).

que veiculam) se entremeiam à publicação das obras basilares para a construção da teoria da figuratividade, e, conseqüentemente, ao projeto semiótico:

Figura 29 – O discurso sobre a figuratividade na história da semiótica: marcos teóricos revisitados

1966 – *Semântica Estrutural* (GREIMAS)

1970 – *Sobre o sentido* (GREIMAS)

“Estruturação do universo linguístico” (SILVA, 1974); “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: o problema dos verbos de comunicação” (BARROS, 1974); “Sémiotique figurative et sémiotique plastique” (GREIMAS, 1984a [1978]); “Des couleurs du monde au discours poétique” (FLOCH, 1979).

1979 – *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS)

“Une lecture de Velasquez (SILVA, 1980)”; “Sémiotique plastique et langage publicitaire” (FLOCH, 1981); *La figurativité* (1981); “La figurativité II” (1983)

1985 – *Petites mythologie de l’œil et de l’esprit* (FLOCH)

1986 – *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II* (GREIMAS; COURTÉS)

1987 – *Da imperfeição* (GREIMAS)

“Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão” (BARROS, 1987); “A construção do ator: do sógnico ao simbólico” (SILVA, 1987a); “L’art abstrait: une poetique du depouillement” (SILVA, 1987b); “Indagações sobre os fundamentos da linguagem” (SILVA, 1990); “A figurativização na publicidade” (LUCA, 1990);

1991 – *Semiótica das paixões* (GREIMAS; FONTANILLE)

“Figurativité et perception” (KEANE, 1991); “Sincretismo e comunicação visual” (SILVA, 1994)

1994 – *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (SILVA)

“Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark” (SILVA, 1999); “Modes du sensible et syntaxe figurative” (FONTANILLE, 1999)

2000 – *Caminhos da semiótica literária* (BERTRAND)

“Considerações acerca da figuratividade e da percepção” (MERÇON, 2008); “Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial” (MENDES, 2009); “Nos caminhos da figuratividade” (FARIAS, 2010); “Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual” (BARROS, 2010); “Da presença sensível” (DISCINI, 2010).

Fonte: autora.

A caminho de concluirmos, registramos uma última observação, dessa vez, relacionada com as influências teóricas que possibilitaram a introdução, o desenvolvimento e o enraizamento do conceito de figuratividade, porém não da parte dos autores dos textos ora

analisados, e, sim, de autores advindos de outros campos disciplinares (filosofia, semiologia, teoria da comunicação). Do olhar barthesiano para o referente e para a isotopia à contribuição da fenomenologia merleau-pontyana para a abertura da disciplina rumo a uma semiótica da experiência mediada pela figuratividade, notamos a referência direta²⁸⁰ a Barthes em Barros (1974), Silva (1980), Floch (1981), Greimas (1984a); e a Merleau-Ponty em Keane (1991), Silva (1999) e Discini (2010) à medida que são chamados a compor argumentações em diferentes trabalhos. Há, ainda, uma recorrente retomada a Jakobson (2010), sobretudo nos textos em que os autores tratam da função poética e/ou mítica da linguagem ou da metáfora. A teoria da comunicação jakobsoniana aparece em Floch (1981), Greimas (1984a), Silva (1974), Barros (1974; 2010) e Luca (1990), embora esta última não mencione o autor, apenas a função poética.

Quadro 26 – Pesquisadores de outros campos disciplinares mais requisitados a contribuir para o estudo da figuratividade nos textos investigados

AUTOR CITADO	OBRA(S) MAIS CITADA(S)	AUTORES CITANTES
Rolland Barthes	<i>Éléments de sémiologie</i> (1964); “Rhétorique de l’image” (1964)	Barros (1974), Silva (1980); Floch (1981), Greimas (1984a).
Roman Jakobson	<i>Linguística e Comunicação</i> (2010 [1963])	Barros (1974; 2010), Silva (1974), Floch (1981), Greimas (1984a).
Maurice Merleau-Ponty	<i>Phénoménologie de la perception</i> (1945)	Keane (1991), Silva (1999), Discini (2010).

Fonte: autora.

Por fim, neste capítulo, traçamos os caminhos percorridos pelos textos-fontes selecionados no quadro 14, as contribuições de cada autor e como essas contribuições teóricas se entreteceram umas às outras para compor uma rede de conhecimento teórico-metodológico que envolve figuratividade e enunciação e percepção e percurso gerativo do sentido e funções da linguagem e procedimentos retóricos de persuasão. Esses caminhos passaram por discursos teórico-científicos ora densos (GREIMAS, 1984a), ora mais leves (MERÇON, 2008), em alguns momentos, carregados de críticas (GENINASCA, 1981), mas todas as propostas, no interior de todos os grupos investigados, veiculadas por todos os periódicos examinados colaboram entre si, em maior ou menor medida, tendo em vista um condutor de ideias comum aos grupos de semiótica da França e do Brasil: a construção de um projeto que está sempre em via de se tornar, que é a semiótica discursiva.

²⁸⁰ Referimo-nos às citações no corpo do texto ou em nota de rodapé e às referências bibliográficas.

CONCLUSÃO

Nos anos 1980, A. J. Greimas tinha o hábito de dizer, em tom meio sério, meio jocoso, com uma certa autoironia na voz, que a semiótica era aquilo que nos impede de sair dizendo qualquer disparate. [...] [Assim] Uma característica da semiótica, em meio aos campos de estudo afins, é sua determinação de manter um pacto entre, por um lado, o rigor metodológico [...] e, por outro, a relevância humana daquilo que tem a dizer. [...] Manter essa dupla exigência foi, no tempo de Greimas, e continua a ser hoje, um dos desafios da semiótica. (I. LOPES, 2003, p. 65-66).

Em todo método científico há uma grande parte de intuição e um dos objetivos da ciência é reduzir essa intuição a modelos ou a aproximações objetivas, sem a intervenção de um sujeito determinado. (GREIMAS, 1982, p. 5, tradução nossa²⁸¹).

Ao longo desta tese, dissertamos sobre nossa investigação em torno dos estudos sobre a figuratividade enquanto conceito operador de análises semióticas, desde o seu surgimento – ainda embrionária em *Semântica estrutural* (1973 [1966]), efetivamente nomeada em “Metaphore et isotopie” (1982 [1973]), ambos os textos de Greimas –, até o último estágio de sua evolução na semiótica discursiva – na qualidade de mediadora dos processos perceptivos –; estudos comunicados em periódicos de semiótica do Brasil e da França. Dito de outro modo, esta pesquisa buscou reconstruir a história da figuratividade e o discurso científico que a envolve no interior desse campo do saber, configurando-se nosso objeto de reflexão. Sendo assim, para identificarmos quem falou sobre a figuratividade, o que falou e quais proposições foram adotadas e/ou abandonadas no decorrer da construção do projeto semiótico, optamos por reunir métodos de investigação de duas disciplinas, Historiografia Linguística e Semiótica, transformando esta tese em um trabalho de natureza semio-historiográfica.

Uma vez que objetivamos investigar o processo de construção do conceito de figuratividade e dos diferentes modos de operacionalização desse instrumento de análise na semiótica para, assim, identificarmos e classificarmos as contribuições teórico-metodológicas dos pesquisadores para o dispositivo geral da teoria conforme ela mesma é construída, no segundo capítulo, inventariamos e selecionamos, segundo critérios de seleção greimasianos e metodologia da HL, os textos-fontes que nos forneceram os dados necessários à realização de nosso propósito. Os critérios adotados para a seleção de textos-fontes consistiram em: i) comunicações científicas publicadas em periódicos franceses e brasileiros especializados em semiótica discursiva, fundados e administrados por grupos de semiótica que ii) tivessem a

²⁸¹ Trecho original: “Dans toute démarche scientifique, il y a une très large part d’intuition et l’un des objectifs de la science est de réduire cette intuition à des modèles ou a des approches objectives, ne nécessitant pas d’intervention d’un sujet déterminé”.

figuratividade como objeto de estudo ou enquanto operador de análise semiótica. Para o primeiro critério, no caso dos periódicos brasileiros, os grupos deveriam estar abrigados em instituições paulistas, haja vista a semiótica ter se estabelecido, originalmente, no estado de São Paulo. Desse modo, limitamos a nossa inquirição aos periódicos (*Nouveaux Actes Sémiotiques*, *Significação*, *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)* e *Estudos Semióticos*).

Nesse sentido, a HL, disciplina que, de acordo com Ronaldo Batista (2018, p. 157), elabora “[...] narrativas interpretativas sobre a história do conhecimento produzido sobre a linguagem” e norteia a nossa elaboração de uma parte das ideias semióticas, em conformidade com o projeto de Portela (2018), contribuiu consideravelmente para a realização desta tarefa, uma vez que nos propusemos a selecionar um *cópus* dotado de informações necessárias à reconstituição do processo evolutivo²⁸² da figuratividade e, simultaneamente, capaz de nos ajudar a compreender a dinâmica da formação e da manutenção dos grupos de especialidades (MURRAY, 1994) por intermédio da institucionalização, bem como de todas as atividades que envolvem o fazer científico dentro dessa comunidade científica. Sendo assim, a definição pelo modelo epi-historiográfico (SWIGGERS, 2010) e, ainda, a seleção de artigos por amostragem (LAKATOS; MARCONI, 2002) foi o que nos possibilitou fazer as escolhas que consideramos ter sido, de fato, as mais adequadas para a análise diante de um inventário extenso, como mostram os quadros 1 a 14.

Em termos de formação de grupos de especialidades, ainda temos a dizer que o estudo desenvolvido por Murray (1994), do qual adotamos a mesma interpretação dada por Altman (2008) e Batista (2013), apresentado no segundo capítulo desta tese – assim como a HL e outros conceitos dessa disciplina de que fizemos uso no desenvolvimento deste trabalho (clima de opinião; espírito de época; artigos de crítica, de pesquisa e programáticos; influência, entre outros) –, conforma-se ao nosso interesse pelo papel dos grupos de semiótica e de sua institucionalização no desenvolvimento de um conceito semiótico como o da figuratividade, fazendo com que a atuação da figuratividade se amplie na semiótica à medida que o fazer coletivo dos membros desses grupos, de natureza concomitantemente deôntica e volitiva, também colabora com o progresso da disciplina. É em decorrência desse trabalho de Murray (1994) e de posicionamentos de Bourdieu (1996; 2004) que, no terceiro e no quarto capítulos, atingimos o objetivo específico de desvelar a maneira como os grupos de especialidade em semiótica (GRSL, CeReS, CESAJG, CASA, GES-USP) se formam na França e no Brasil, se institucionalizam e se mantêm institucionalizados e produtivos no

²⁸² Referimo-nos aqui menos ao aperfeiçoamento ou à melhoria e mais à mutabilidade dos pontos de vista sobre o conceito em uma teoria sempre *in fieri*, como é concebida a semiótica.

campo da semiótica, fazendo circular, entre eles, as proposições teóricas resultantes de suas atividades.

Do mesmo modo, a semiótica das práticas de Jacques Fontanille (2005, 2008a, 2008b) contribui para essa discussão na medida em que práticas de institucionalização empreendidas e estimuladas pelos líderes intelectuais e organizacionais dos grupos de semiótica subjazem a formação dos grupos de semiótica e de sua institucionalização propriamente dita. Dessa perspectiva, a proposta fontanilliana ajusta-se aos estudos de Murray (1994) e Bourdieu (1996; 2004), complementando-os. Assim, conforme vão sendo desnudadas as práticas de construção do *éthos* do semioticista, sempre preocupado em dar continuidade ao projeto greimasiano, em fazer a semiótica evoluir, visto não estar acabada, motivado pelo líder intelectual a executar tarefas coletivas para levar as investigações semióticas a novos patamares, práticas de transmissão do saber se interagem para formar novos semioticistas e promover a manutenção da semiótica (do fazer semiótico), bem como comunicar o que é produzido pelo grupo aos pares. A essas práticas, acoplam-se outras práticas como tradução de textos para a disseminação da teoria, produção de material didático para ajudar os semioticistas menos experientes a compreenderem-na, escrita e publicação de artigos científicos, etc. Ao identificarmos como todas essas práticas se interagem para institucionalizar a semiótica, alcançamos o segundo objetivo específico desta tese.

O terceiro objetivo específico é atingido no sétimo capítulo, após termos examinado os artigos selecionados no quadro 14 e correlacionado propostas teóricas sobre a figuratividade, autores que as lançaram, pontos de vista convergentes e divergentes a essas propostas. Trata-se do capítulo em que concluímos o nosso percurso semio-historiográfico de análise de dados, ou seja, relacionamos as proposições teóricas de acordo com a tipologia de ideias semióticas que desenvolvemos no segundo capítulo; uma tipologia que leva em conta critérios de identificação de relevância teórica como a aspectualização e o modo de existência das contribuições para o estudo da figuratividade, bem como o domínio actancial em que tais proposições circulam (se permanecem em apenas um grupo ou se perpassam outros grupos).

Ao longo desses sete capítulos, buscamos confirmar a hipótese de que a figuratividade foi vista de diferentes maneiras, atuando em diferentes frentes na semiótica discursiva dentro da delimitação temporal que contempla pelo menos quatro décadas dessa disciplina. As análises dos textos nos mostraram que a operacionalidade desse conceito semiótico passa por metamorfoses desde a constituição da figura e a compreensão de sua função na construção do sentido do discurso até se tornar indissociável dos processos enunciativos e do estudo da percepção, demonstrando que a construção da teoria do figurativo acompanha os avanços na

construção do próprio projeto semiótico. A figuratividade, nesse sentido, exerce, na semiótica discursiva, o papel de articuladora das organizações figurativas – na forma de metáforas ou de isotopias temático-figurativas –, arranjando e rearranjando as figuras sintagma e paradigmaticamente pelo percurso gerativo, de modo que o discurso enunciado e materializado no texto seja recebido e reconhecido como verdadeiro pelo enunciatário, realizando com êxito o processo enunciativo.

Essa constatação parte dos fatos apresentados no primeiro capítulo, no relato do percurso da figuratividade, enquanto conceito tomado de empréstimo da teoria estética que recebe contribuições panofskyana, e também jakobsoniana, hjelmsleviana e da retórica à medida que se estabelece na semiótica discursiva, ficando distribuídas algumas nuances do pensamento barthesiano no conjunto da tese. No quinto e no sexto capítulos fica evidente que, inicialmente marginalizada, considerada obscura e instável até o final dos anos 1970, conforme a entrada “figurativização” no *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), a figuratividade passa a ser indispensável à elasticidade do discurso, à introdução e à manutenção dos valores discursivos, além de ser necessária à construção persuasiva do discurso nos anos 1980 e à instauração da experiência sensível nos anos 1990.

Os capítulos analíticos também mostram que em razão do interesse de Ignacio Assis Silva (1980; 1987a; 1987b; 1990; 1995a) pela metamorfose, a defesa do pesquisador de que há uma orientação figurativa do nível discursivo rumo ao nível fundamental configura-se a principal contribuição do semioticista (e da semiótica brasileira) para a semiótica discursiva. Essa descoberta da existência de uma dupla orientação na transformação, que tanto pode seguir um movimento de referencialização (da estrutura profunda em direção à superfície), quanto de desreferencialização (da superfície para a estrutura profunda), produzindo, assim, uma metamorfose fundadora da apreensão mítica, resulta de um processo investigativo e de amadurecimento teórico que se constrói ao longo das publicações do autor de *Figurativização e metamorfose* (1995a); um valor científico reconhecido por pesquisadores como Cañizal (1987) e Leonel (2010, p. 8), por exemplo.

Associando essa linha de pensamento às reflexões empreendidas no segundo capítulo, os fatos teóricos, históricos e de produção das proposições teóricas em torno da teoria do figurativo se enredam a um PN complexo, em que sujeitos-pesquisadores são imbuídos de um valor de base, que é a construção do projeto semiótico. Esse valor é introduzido nas estruturas profundas desse discurso, à medida que o éthos do semioticista é edificado. Mas a construção do projeto semiótico exige que PNs de uso se entretaçam ao PN de base e um deles é a busca por um valor modal, o objeto-valor “figuratividade”. Os pesquisadores que, ao mesmo tempo,

devem e querem – ajustamento entre protocolo e conduta nas práticas de institucionalização da semiótica – construir o projeto semiótico, buscam pela figuratividade dotados de um /saber-fazer/ (conhecimentos adquiridos em sua formação e pelas práticas de leitura e debate nos grupos) e de um /poder-fazer/ (prática do trabalho coletivo), dons adquiridos em virtude do fazer dos líderes (intelectual e organizacional). Esses sujeitos “autodestinados” realizam a *performance* de construir essa teoria do figurativo, que é premiada com uma sanção pragmática positiva na medida em que os textos resultantes dos debates são publicados. A sanção cognitiva (e também positiva) é dupla: as proposições publicadas entre os grupos são atualizadas em outros trabalhos, que as citam e as aplicam em novas proposições teóricas, geralmente complementares, ou em análises; o aceite dessas proposições por outros pesquisadores e por outros grupos contribui para a economia geral da teoria, ou seja, para a construção do projeto semiótico, consumando a realização do PN de base e a conjunção com esse valor primeiro do semiótico.

Todo esse movimento de construção teórica revela que o assentamento de uma perspectiva teórica, muitas vezes, demora a acontecer. Embora pareça que os debates sobre a atuação da figuratividade nos diferentes níveis, interligando-os pertençam aos anos 1980, década em que essa característica se fixa na economia geral da semiótica discursiva, Barthes já a enxergava em 1966 ao tratar do papel da isotopia na narrativa²⁸³. Embora essas inquietações recrudescam, não cessam de emergir outras problematizações impostas ao e sobre o papel do figurativo nas análises semióticas na década de 1980. É nesse sentido que, no papel de actantes coletivos nesse percurso de busca pelo melhor aproveitamento da figuratividade na semiótica, os grupos de especialidade em semiótica são modalizados por um querer e por um dever fazer a teoria avançar, e é através da construção coletiva do conhecimento que adquirem as competências necessárias à realização da *performance* de reconhecer o papel da figuratividade em diferentes modelos de investigação no interior da semiótica discursiva ao longo dos últimos cinquenta anos, e, acima de tudo, de acompanhar a evolução da teoria. Dito de outra forma, os grupos de especialidade em semiótica são, nesse

²⁸³ Barthes (1966, p. 13-14), ao investigar a organização narrativa enquanto uma sequência de núcleos narrativos dispostos em série e solidariamente relacionados (interligados), portanto, compreendendo microssequências que se estruturam hierarquicamente para formar o tecido narrativo, diz que é característico da isotopia promover a integração das unidades produtoras de sentido de um nível (microssequência) a outro, imediatamente superior, como forma de impedir que a significação oscile, proporcionando, assim, uma “leitura única”, conforme Greimas (1975 [1966]). Dito de outro modo, a integração isotópica dos diferentes níveis da sequência narrativa, em termos barthesianos, assegura a continuidade da significação na narrativa. Além disso, esse processo possibilita uma leitura ao mesmo tempo horizontal (sintagmática, pois dentro de um nível, ou microssequência) e vertical (paradigmática), encaixando a significação na estrutura do texto (BARTHES, 1966, p. 25-26).

sentido, lugar de debate, mas também de assimilação, manutenção e transformação teórico-científica.

As análises, por fim, evidenciam que combinar aspectos da HL a elementos metodológicos da Semiótica pode trazer resultados positivos ao analista, sobretudo quando a investigação semiótica se interessa pelas relações sociais intrínsecas à Cultura, no caso aqui exposto, a cultura acadêmico-científica englobada pela cultura ocidental onde estão o Brasil e a França. Considerando especificamente a proposta de investigação deste trabalho, constatamos que a contribuição que a reunião das duas disciplinas traz é dupla: ao mesmo tempo em que a HL vem a se somar à semiótica no auxílio à identificação do processo de formação dos grupos de semiótica e consequente institucionalização da disciplina no Brasil, a Semiótica contribui para a teoria de formação de grupos por meio das práticas semióticas. A análise hierarquicamente organizada em níveis, proposta por Jacques Fontanille (2005, 2008a, 2008b), configura-se uma ferramenta de identificação de práticas e estratégias de liderança intelectual e organizacional, que se relacionam com a construção da identidade do grupo, ou seja, do espírito de grupo, fazendo uso de uma terminologia historiográfica. Em termos semio-historiográficos, essa prática se estabiliza no campo da semiótica conforme os membros do grupo aderem a um contrato de crença no trabalho ali empreendido, em grande medida, devido ao papel motivacional desempenhado pelo líder intelectual, destinador do fazer do actante coletivo “grupo de semiótica”.

As práticas de construção da identidade dos grupos de semiótica possibilitam que seja firmado um contrato veridictório de crença no qual é necessário e premente o comprometimento dos membros do grupo com o projeto greimasiano não somente para melhorá-lo, torná-lo mais forte cientificamente, mas para fazê-lo progredir, evoluir, visto que o fazer científico impede a completude da teoria semiótica de modo a requerer constantes revisões de pontos de vista. É dessa maneira, pensamos, nas incertezas do fazer científico, nas transformações sociais, ou seja, nos novos modos de pensar e de agir no interior da cultura que o movimento permanente de readequação da teoria se instala, como demonstra o editorial da edição de 1994 da *Significação*, assinado por Eduardo Peñuela Cañizal:

Neste número de *Significação*, o leitor poderá encontrar uma surpreendente **heterogeneidade de pontos de vista** que, em princípio, representa um **compromisso aberto com a diferença**, sem que isso signifique, porém, um **afastamento radical da sistematicidade defendida pela semiótica**. Ao contrário, essa pluralidade se reveste de uma característica essencial a partir do instante em que percebemos ser as diferenças as forças propulsoras de qualquer tipo de ordenamento. **Somente dessa maneira a significação pode**

ser entendida como resultado de um complexo conjunto de articulações. Caminhar nessa direção é, sem dúvida, uma tentativa de chegar mais perto das marcas que o sentido deixa nos objetos culturais, objetivo sempre perseguido por esta revista (CAÑIZAL, 1994, p. 5, grifos nossos).

E é daí, portanto, que vem a força do grupo para a manutenção da disciplina no campo das ciências humanas: da adesão a um contrato que se mantém em virtude do comprometimento com um projeto; comprometimento atualizado pelas reiteradas retomadas à importância do trabalho coletivo, ao valor da produção científica resultante desse trabalho, às conquistas científicas do grupo e da semiótica, por fim, à condição inacabada da semiótica da Escola de Paris.

Em via de concluirmos, acreditamos ter concretizado nossa proposta de realizar uma abordagem ao mesmo tempo “cronista” e “inovadora”, nos termos de Portela (2018, p. 141), conforme mostramos os diferentes modos de pensar a figuratividade – os confrontos teóricos e as concordâncias entre os pares – e, por intermédio do relato do modo como cada pesquisador se apropriou das proposições dos outros pesquisadores em meio às atividades dos grupos, introduzimos as contribuições teóricas que ficaram entre as publicações das obras basilares para a figuratividade e, em maior ou menor medida, foram introduzidas nessas obras basilares. Desse modo, conseguimos, ainda, recuperar discursos teóricos aparentemente perdidos na história do conceito, possibilitando, de certa maneira, que escapem do esquecimento, a exemplo das propostas contidas em “Des couleurs du monde au discours poétique”, de Floch (1979); “Du figuratif à l’abstrait”, de Bertrand (1982); *Figurativité et perception*, de Keane (1991); “Modes du sensible et syntaxe figurative”, de Fontanille (1999).

Para encerrarmos, parafraseando, talvez até subvertendo as palavras de Silva (1995a) em *Figurativização e metamorfose*, pois da mesma forma que ele diz que não trata de metamorfoses biológicas em seus trabalhos, mas sim das metamorfoses de papel – entendidas como eventos discursivos, mais precisamente semióticos –, de metamorfoses escritas e também inscritas, é, da mesma maneira, dessa metamorfose que tratamos nesta tese: das metamorfoses inscritas nos textos sobre figuratividade, entremeadas à metamorfose da própria semiótica que se institucionaliza no Brasil e na França.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi ; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1971].
- ABLALI, Driss; DUCARD, Dominique (orgs.). **Vocabulaire des études sémiotiques et sémiologiques**. Paris, Honoré Champion, Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2009.
- ACTES SÉMIOTIQUES [online]. **Communiqués**. Limoges: Pulim, 2016. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/1468>. Acesso em: 02 julho 2016.
- ACTES SÉMIOTIQUES [online]. **Tous les numéros**. Limoges: Pulim, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/57>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. Memórias da lingüística na lingüística brasileira. *In: Revista da ANPOLL*. São Paulo, n. 2, 1996, p. 173-189. Disponível em: <http://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/245/258>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- ASSOCIATION FRANÇAISE DE SÉMIOTIQUE. **Séminaires**. Paris, 2020. Disponível em: <http://afsemio.fr/actualites/seminaires/>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- BACHELARD, Gaston. **Le rationalisme appliqué**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 3ª ed., 1966 [1949].
- BALDAN, Ude. O desenho do arquiteto. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 1, n. 1, 2003, p. 1-9. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/569/490>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini. Figuratividade – da retórica à semiótica. *In: Estudos Linguísticos (CASA)*, Araraquara, v. 32, 2003, p. 1-3. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc053.htm>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto, n. 1, 1974, p. 80-116.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*. São Paulo, n. 6, 1987, p. 5-12.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da norma na gramática de João de Barros. *In: Alfa - Revista de Lingüística*, Universidade Estadual Paulista, v. 45, 2001, p. 11-32.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4183/3781>. Acesso em 02 jul. 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da norma nas gramáticas portuguesas do século XVI. *In: Estudos Portugueses*, v. 5, 2005, p. 11-24.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da gramática: imagens da norma e da língua. *In: Lingüística*, Madrid, v. 5, 2006, p. 11-24.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *In: Alfa - Revista de Linguística*, Universidade Estadual Paulista, v. 53, n. 2, 2009, p. 351-364. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120/1738>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 8, n. 2, 2010, p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3318/3044>. Acesso em: 22 dez. 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da gramática do português. *In: Revista da ABRALIN*, v. eletrônica, n. especial, 1ª parte 2011, p. 291-332. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32355/20554>. Acesso em 02 jul. 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *In: Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 2012, p. 149-186. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2019/3404-1558531744.pdf>. Acesso em 31 out. 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A formação do semioticista: experiência e paixão semióticas. *In: Estudos Semióticos*. São Paulo, v. 13, n. 2 (edição especial), 2017, p. 1-5. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141598/136608>. Acesso em 30 abr. 2018.

BARTHES, Roland. **Éléments de sémiologie**. Paris: Le Seuil, 1992.

BARTHES, Roland. Rhétorique de l’image. *In: Communications*, n. 4, 1964, p. 40-51. Disponível em https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027. Acesso em 10 maio 2018.

BARTHES, Roland. Introduction à l’analyse structurale des récits. *In: Communications*, n. 8, 1966, p. 1-27. Disponível em https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1113. Acesso em 10 maio 2018.

BASTIDE, Françoise. Le sentier et la cascade. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 20, 1981, p. 16-26.

BASTIDE, Françoise. Figurativité et représentation. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 16-20.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. História da linguística e retórica revolucionária. *In: Revista Linguística*, v. 34, n. 2, 2018, p. 145-168. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/es/content/ling%C3%BC%C3%ADstica-n%C2%BA-34-2>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BEIVIDAS, Waldir; SOARES DE LIMA, Eliane. Uma homenagem ao centenário de Algirdas Julien Greimas. *In: Estudos Semióticos*. [online], volume 13, n. 2 (edição especial). São Paulo, 2017, p. i-v. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141596/136607>. Acesso em 8 set. 2019.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. *In: Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966].

BERTRAND, Denis. Du figuratif à l'abstrait. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, Paris: EHESS-CNRS, n. 39, 1982, p. 5-37.

BERTRAND, Denis. Introduction. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983a, p. 3-4.

BERTRAND, Denis. Espace figuratif et langage spatial. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983b, p. 41-43.

BERTRAND, Denis. **L'espace et le sens**. Germinale d'Émile Zola. Paris: Hadès-Benjamin, 1985.

BERTRAND, Denis. **Précis de sémiotiques littéraire**. Paris: Éditions Nathan HER, 2000.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

BERTRAND, Denis; FLOCH, Jean-Marie. Figurativité. *In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (orgs.). Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tomo II. Paris: Hachette, 1986, p. 91.

BOURDIEU, Pierre. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. *In: Sociologie et sociétés*, v. 7, n. 1, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1975, p. 91-118. Disponível em <https://doi.org/10.7202/001089ar>. Acesso em 08 mar. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução de Sergio Miceli Pessôa de Barros [et. al.]. São Paulo: Edusp, 1996 [1982].

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Texto revisado pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004 [1997].

BUENO, Wilson Costa. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *In: Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp., 2010, p. 01-12. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/67611>. Acesso em: 12 setembro 2016.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Considerações sobre a metáfora pictórica. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara: Gráfica do Câmpus de Araraquara, n. 4, 1984, p. 47-59.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Apresentação. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto, n. 6, 1987, p. 3-4.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Editorial. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Annablume, n. 10, 1994, p. 5.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Editorial. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Annablume, n. 11-12, 1996, p. 5.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. La Metáfora Visual en las Cartografías del Cuerpo. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Annablume, n. 13, 1999, p. 75-126.

CASA. **Histórico do periódico** [online]. Araraquara, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/about/history>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASA. **Patrocínio da revista** [online]. Araraquara, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/about/journalSponsorship>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASA. **Equipe Editorial** [online]. Araraquara, 2018c. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/about/editorialTeam>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASA. **Submissões** [online]. Araraquara, 2018d. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/about/submissions#onlineSubmissions>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASA. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada** [online]. Araraquara, 2018e. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS. **Agenda – 1995**. São Paulo: PUCSP - Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 1995. Disponível em: <https://www.pucsp.br/cps/downloads/atividades-ja-realizadas/atividade1995.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS. **Agenda – 1996**. São Paulo: PUCSP - Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 1996. Disponível em:

<https://www.pucsp.br/cps/downloads/atividades-ja-realizadas/atividade1996.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS. **Agenda – 1999**. São Paulo: PUCSP - Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 1999. Disponível em: <https://www.pucsp.br/cps/downloads/atividades-ja-realizadas/Atividade1999.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CERES. **Les membres permanents** [online]. Limoges, 2019a. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ceres/contacts/les-membres-permanents/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CERES. **Les chercheurs associés** [online]. Limoges, 2019a. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ceres/contacts/les-chercheurs-associes/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CERES. **Projet Scientifique** [online]. Limoges, 2019c. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ceres/les-axes-de-recherche/projet-scientifique/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CHABRON, Claude (org.). **Semiótica narrativa e textual**. Tradução de Leyla Perrone Moisés, Jesus Antonio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977 [1973].

CNRS. **La Recherche** [online]. Paris, 2019c. Disponível em: <http://www.cnrs.fr/la-recherche>. Acesso em: 12 jan. 2019.

COQUET, Jean-Claude. Note bio-bibliographique. In: PARRET, Herman; RUPRECHT, Hans-George (orgs). **Exigences et perspectives de la sémiotiques**. Recueil d'hommages pour Algirdas Julien Greimas, v. 1. Paris: John Benjamins, 1985.

CORRAIN, Lucia; VALENTI, Mario. (org.). **Leggere l'opera d'arte. Dal figurativo all'astratto**. Bologna: Esculapio, 1991.

COURTÉS, Joseph. Figures, code figuratif et symbolisation. In: **Actes Sémiotiques: Bulletin**, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 44-47.

COURTÉS, Joseph. **Le conte populaire: poétique et mythologie**. Paris: PUF, 1986.

DISCINI, Norma. Da presença sensível. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, Araraquara, v. 8, n. 2, 2010, p. 1-28. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3330/3054>. Acesso em: 13 ago. 2017.

DONDERO, Maria Giulia. L'argumentation de l'image scientifique: une affaire de méréologie. In: GLORIEUX, Carole; POLLET, Marie-Christine (orgs.). **Argumenter dans les écrits scientifiques**. Namur (Belgique): Diptyque (CEDOCEF) n. 33, 2016.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: O campo do signo, 1945/1966**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1993.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: O canto do cisne, de 1967 aos dias atuais**. Tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. Bauru: Edusc, 2007.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. 16. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 2011.

ESTUDOS SEMIÓTICOS. **Sobre a revista** [online]. São Paulo, 2018a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/about>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ESTUDOS SEMIÓTICOS. **Equipe Editorial** [online]. São Paulo, 2018b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/about/editorialTeam>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ESTUDOS SEMIÓTICOS. **Submissões** [online]. São Paulo, 2018c. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/about/submissions>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ESTUDOS SEMIÓTICOS [online]. São Paulo, 2018d. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/index>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FARIAS, Iara Rosa. **Das figuras do mundo às figuras do discurso: uma visão semiótica da percepção**. 2002. Tese (Linguística) - Universidade de São Paulo.

FARIAS, Iara Rosa. Nos caminhos da figuratividade. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 8, n. 2, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3320/3046>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **A Linguística entre os nomes da linguagem** – uma reflexão na História das Idéias Linguísticas no Brasil, 2009. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

FIORIN, José Luiz. Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa. *In: Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 42 (História das Idéias Lingüísticas), 2002, p. 131-146. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cei/article/view/8637144/4866>. Acesso em 02 jul. 2019.

FIORIN, José Luiz. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *In: Galáxia: Revista de Comunicação Semiótica Cultura*, São Paulo, v. 5, 2003, p. 19-52. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>. Acesso em: 21 mai. 2016.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. *In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima [*et. al.*]. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. *In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília. Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLOCH, Jean-Marie. Des couleurs du monde au discours poétique des leurs qualités. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, Paris: EHESS-CNRS, n. 6, 1979, p. 7-31.

FLOCH, Jean-Marie. Sémiotique plastique et langage publicitaire. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1981, p. 7-27.

FLOCH, Jean-Marie. Figures, iconicité et plasticité. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 5-7.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologie de l'œil et de l'esprit**. Hadès-Benjamins, Actes Sémiotiques, 1985.

FONTANILLE, Jacques. Rôle d'observateur dans la mise en discours des figures. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 8-11.

FONTANILLE, Jacques. Modes du sensible et syntaxe figurative. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 61-62-63, Limoges: PULIM, 1999, p. 1-68.

FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade** – exercícios práticos. Tradução de Elizabeth B. Duarte e Maria Lilia D. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. *In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008a [2006], p. 15-74.

FONTANILLE, Jacques. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008b.

FONTANILLE, Jacques. L'exploration du visible et de l'invisible. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 10, n. 1, 2012, p. 1-9. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/5277/4282>. Acesso em: 13 ago. 2017.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2012 [1999].

FONTANILLE, Jacques. Les voies (voix) de l'affect. *In: Actes Sémiotiques*. Limoges: PULIM, n. 120, 2017, p. 1-24. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5806>. Acesso em: 12 mar. 2019.

FONTANILLE, Jacques; HÉNAULT, Anne; PANIER, Louis; TARASTI, Eero. Première table ronde: la sémiotique de Greimas dans les institutions. *In: Actes Sémiotiques [en ligne]*, Limoges, n. 116, 2013, p. 1-12. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/4808>. Acesso em: 31 maio 2019.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tension et signification**. Hayen: Mardaga. 1998.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

FRÖLICHER, Peter. Des centaures aux sphinx. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 20, 1981, p. 27-33.

GENINASCA, Jacques. Figures, passions et discours. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 27-30.

GENINASCA, Jacques. Place du figuratif. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 20, 1981a, p. 5-15.

GENINASCA, Jacques. Avant-propos. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 20, 1981b, p. 3-4.

GES. **Sobre o Ges-Usp** [online]. São Paulo, 2018a. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/224>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **FAPS_homepage** [online]. São Paulo, 2018b. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/336>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **LabOrES_homepage** [online]. São Paulo, 2018c. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/164>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **Semiótica Seminal** [online]. São Paulo, 2018d. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/715>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **miniENAPOL de Semiótica** [online]. São Paulo, 2018e. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/166>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **Seminário de Semiótica na USP** [online]. São Paulo, 2018f. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/semsem>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GES. **Arquivo**. Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral FFLCH-USP, semestre II-2014: disciplinas da área de semiótica e afins [online]. São Paulo, 2019a. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/188>. Acesso em 10 dez. 2019.

GES. **Arquivo**. Pós-graduação FFLCH-USP: disciplina semiótica no primeiro semestre 2016 [online]. São Paulo, 2019b. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/419>. Acesso em 10 dez. 2019.

GOODMAN, Nelson. **Linguagens da arte**. Tradução de Vítor Moura e Desidério Murcho. Lisboa: Gradiva Publicações, 2006 [1976].

GREIMAS, Algirdas Julien. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. *In: Langages*. Pratiques et langages gestuels, sous la direction de A. J. Greimas, Paris: EHESS, v. 3, n. 10, 1968, p. 3-35.

GREIMAS, Algirdas Julien. Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique. *In: Communications*. Recherches sémiologiques: l'analyse structurale du récit, Paris: EHESS, n. 8, 1966, p. 28-59.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Essais de sémiotiques. Paris: Du Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**: pesquisa de método. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966].

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].

GREIMAS, Algirdas Julien. A estrutura semântica. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar. *In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos.* Petrópolis: Vozes, 1975 [1970], p. 36-45.

GREIMAS, Algirdas Julien. Condições para uma semiótica do mundo natural. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar. *In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos.* Petrópolis: Vozes, 1975 [1970], p. 46-85.

GREIMAS, Algirdas Julien. Por uma teoria da interpretação da narrativa mítica. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. *In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos.* Petrópolis: Vozes, 1975 [1970; 1966], p. 171-216.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica do discurso científico e da modalidade**. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difusão Editorial, 1976.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e Ciências Sociais**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitini. São Paulo: Cultrix, 1981 [1976].

GREIMAS, Algirdas Julien. Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur. *In: ARRIVÉ, Michel; COQUET, Jean-Claude (orgs.). **Langages**. Sémiotiques textuelles.* Paris: Didier: Larousse, 8^e année, n. 31, 1973, p. 13-35. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/lgge_0458-726x_1973_num_8_31?sectionId=lgge_0458-726x_1973_num_8_31_2233. Acesso em 22 fev. 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. *In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos.* São Paulo: Nankin: Edusp, 2014 [1980], p. 31-59.

GREIMAS, Algirdas Julien. Métaphore et isotopie. *In: **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica.* Araraquara, n. 3, 1982, p. 4-13.

GREIMAS, Algirdas Julien. De la figurativité. *In: **Actes Sémiotiques: Bulletin**,* Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 48-51.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. *In: **Actes Sémiotiques: Documents**,* Paris: EHESS-CNRS, n. 60, 1984a, p. 5-24.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica Figurativa e Semiótica Plástica. *In: **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica.* Araraquara, n. 4, 1984b, p. 18-46.

GREIMAS, Algirdas Julien. Préface à une posface. *In: **Actes Sémiotiques: Documents**,* Paris: EHESS-CNRS, n. 60, 1984c, p. 3-4.

GREIMAS, A. J. Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem. Tradução de Norma Tasca. *In: **Cruzeiro semiótico**,* Porto, v.11/12, p.187-194, 1989/1990.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Maupassant a semiótica do texto**: exercícios práticos. Tradução de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002 [1987].

GREIMAS, Algirdas Julien. Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica. *In*: BARTHES, Roland [*et al*] (orgs.). **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1966] , p. 63-113.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (orgs.). **Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Tomo II. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima *et. al*. São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993 [1991].

HACKEROTT, M. M. S. Prefácio. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

HAMMAD, Manar; ARANGO, Sylvia; DE KUYPER, Eric; POPPE, Émile. L'espace du séminaire. *In*: **Communications**, n. 27. Sémiotique de l'espace. Sous la direction de Pierre Boudon, 2017, p. 28-54. Disponível em http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1977_num_27_1_1408. Acesso em 12 abr. 2019.

HARD-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Tradução Maria Rodrigues e Hans Harden. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999 [1837].

HÉNAULT, Anne. **História concisa da semiótica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1992].

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de T. C. Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003 [1943].

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010 [1963].

USP JÚPITER. **Sistema de graduação**. 2019. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLL0437&codcur=8051&codhab=404>. Acesso em: 02 dez. 2020.

KEANE, Teresa. Figurativité et perception. *In*: **Nouveaux Actes Sémiotiques**, n. 17, Limoges: PULIM, 1991.

KLOCK-FONTANILLE, Isabelle. Présentation [online]. In: **CeReS**. Limoges, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ceres/bienvenue-au-ceres-2/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. The Importance of Linguistic Historiography and the Place of History in Linguistic Science. In: **Foundations of Language**, v. 14, n. 4, 1977, p. 541-547.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Questões que persistem em historiografia lingüística. In: **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 1, n. 2, 1996, p. 45-70. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/240/253>. Acesso em: 21 mai. 2016.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. A importância da historiografia lingüística e o lugar da história nas ciências da linguagem. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Quatro décadas de historiografia lingüística: estudos selecionados**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, Coleção Lingüística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman, 2014a, p. 9-15.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. O problema da ‘influência’ na historiografia lingüística. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Quatro décadas de historiografia lingüística: estudos selecionados**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, Coleção Lingüística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman, 2014b, p. 91-102.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. Avant-propos: Du savoir à la saveur. In: FONTANILLE, Jacques. Modes du sensible et syntaxe figurative. In: **Nouveaux Actes Sémiotiques**, Limoges: PULIM, n. 61-62-63, 1999, p. I-VI.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. In: **Galáxia: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura/Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC**, São Paulo, n. 2, p. 19-56, 2001 [1998]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1241/747>. Acesso em: 18 mar. 2018.

LANDOWSKI, Eric. Le papillon tête-de-Janus: a propos de Sémantique Structurale, quarante ans après. In: **Significação - Revista Brasileira de Semiótica**, São Paulo: Annablume, v. 33, n. 2, 2006, p. 205-228.

LANDOWSKI, Eric. Les nouveaux *Nouveaux Actes Sémiotiques*: présentation. In: **Actes Sémiotiques** (online). Limoges: Pulim, 2007. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5665>. Acesso em: 02 jul. 2016.

LANDOWSKI, Eric. Aux lecteurs, contributeurs et collaborateurs des *Actes Sémiotiques*. In: **Actes Sémiotiques** (online). Limoges: Pulim, 2013a. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/1471>. Acesso em: 02 jul. 2016.

LANDOWSKI, Eric. Politique éditoriale. In: **Actes Sémiotiques** (online). Limoges: Pulim, 2013b. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2958>. Acesso em: 02 jul. 2016.

LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2017a.

LANDOWSKI, Eric. A borboleta tête-de-Janus: a propósito de Semântica Estrutural, quarenta anos depois. In: LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2017b [2006], p. 73-74.

LANDOWSKI, Eric. Vinte anos depois: a propósito de “Semiótica figurativa e semiótica plástica”. In: LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2017c [2006], p. 95-100.

LANDOWSKI, Eric. O círculo semiótico de Greimas. In: LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2017d [2015], p. 49-70.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Apresentação. In: SILVA, Ignacio Assis (org.). **Corpo e sentido**: a escuta do sensível. São Paulo: Editora UNESP, 1996, p. 7-8.

LEONEL, Maria Célia. Ignacio Assis Silva e os estudos literários. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada** (CASA), Araraquara, v. 8, n. 2, 2010, p. 1-9. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3376/3099>. Acesso em: 13 set. 2019.

LEMONS, Carolina Lindenberg; PORTELA, Jean Cristtus; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. Le soin de la formation: l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. In: **Signata** - Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics, v. 3, n. 1, 2012, p. 47-89. Disponível em: <https://journals.openedition.org/signata/806>. Acesso em: 04 abr. 2019.

LEMONS, Carolina Lindenberg. A história dos *Actes Sémiotiques*: o caso dos *Bulletins*. In: **Anais do Colóquio Internacional Greimas**, São Paulo: PUC, 2017, p. 768-786. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/ef01b2_df77e1c9b11d43c1b4c2d8d6f464ebba.pdf. Acesso em: 13 mar. 2019.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.

LOPES, Edward. **Depoimento oral** [2000]. Entrevistadores: Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela. Bauru: UNESP (FAAC), 2000. 4 cassetes sonoros.

LOPES, Edward; SILVA, Ignacio Assis. O Centro de Estudos Semióticos Algirdas Julien Greimas: 1973 – 1983. In: **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica, Araraquara: Gráfica do Câmpus de Araraquara, n. 4, 1984, p. 1-17.

LOPES, Ivã Carlos. **Depoimento oral** [set. 2017]. Entrevistadora: Flavia Karla Ribeiro Santos. Campo Grande, 2017. 1 arquivo .mp3 (46 min.).

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, José Américo Bezerra. Apresentação. *In: Estudos Semióticos*. [online], volume 9, n. 1. São Paulo, 2013a, p. i-ii. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/61239/64183>. Acesso em 8 set. 2019.

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, José Américo Bezerra. Apresentação. *In: Estudos Semióticos*. [online], volume 9, n. 2. São Paulo, 2013b, p. i-ii. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69525/72107>. Acesso em 8 set. 2019.

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, José Américo Bezerra. Apresentação. *In: Estudos Semióticos*. [online], volume 10, n. 1. São Paulo, 2014, p. i-ii. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/83482/86494>. Acesso em 8 set. 2019.

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, Américo. Apresentação. *In: Estudos Semióticos*. [online], volume 11, n. 2. São Paulo, 2015, p. i-ii. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/111022/109368>. Acesso em 8 set. 2019.

LUCA, Leonilda Ranzani de. A figurativização na publicidade. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo n. 8-9, 1990, p. 17-36.

MARCHESAN, Renata Coelho; BALDAN, Ude. Editorial. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 8, n. 2, 2010, p. 1-3. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3377/3100>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARRONE, Gianfranco. O dizível e o indizível - através de uma estética semiolinguística. *In: Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*. Tradução de Claudionor Aparecido Ritondale. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2001, p. 01-36. Disponível em: https://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/marrone_g_o_dizivel_e_o_indizivel_a_atraves_de_uma_estetica_semiolinguistica_.pdf. Acesso em: 02 jul. 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Editorial. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 1, n. 1, 2003, p. 1-2. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/804/662>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Gláucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana. *In: Alfa - Revista de Linguística*, v. 53, n. 2, 2009, p. 1-17. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119/1737>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MAURAND, Georges. Eléments d'une approche léxico-sématique. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 16-20.

MAZZARON DE CASTRO, Carolina; PORTELA, Jean Cristtus. A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido. *In: Estudos Semióticos*. [on-line], v. 14, n. 3, São

Paulo, 2018, p. 1–14. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/148463/149462>. Acesso em 14 abr 2020.

MENDES, Mariza Bianconcini Teixeira. Adão e Eva no paraíso: da propaganda religiosa à propaganda comercial. *In: Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2009, p. 75-83. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49235/53318>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MERÇON, Francisco Elias Simão. Considerações acerca da figuratividade e da percepção. *In: Estudos Semióticos*, São Paulo, n. 4, 2008, p. 1-11. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49211/53294>. Acesso em: 01 fev. 2018.

MERÇON, Francisco Elias Simão. **Samuel Beckett**: do figurativo ao figural. 157f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/flavi/OneDrive/DOCTORADO/TESE/2012_FranciscoEliasSimaoMercon.pdf. Acesso em: 11 fev. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MOREIRA, Patricia Veronica. **A emergência do sensível na semiótica discursiva**: uma abordagem historiográfica. 2019, 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara. 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira_pv_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 nov. 2019.

MURRAY, Stephen O. **Theory Groups and the Study of Language in North America: A Social History**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1994.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. *In: CORTINA, Arnaldo; MARCHESAN, Renata Coelho (Orgs). Razões e Sensibilidades: a semiótica em foco*, Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004a, p. 191-202.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. Resposta ao Ignacio: um galo sozinho não tece uma manhã. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 2, n. 1, 2004b, p. 1-4. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/612/529>. Acesso em: 07 mar. 2018.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Concepção e princípios da historiografia lingüística. *In: Interletras*. Dourados, v. 1, n. 2, 2005, p. 1-10. Disponível em: http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n2/arquivos/cocepcao.pdf. Acesso em: 07 jan. 2019.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Estesia e experiência do sentido. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 8, n. 2, 2010a, p. 1-12. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3376/3099>. Acesso em: 13 ago. 2017.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. As Origens da Semiótica no Brasil. *In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques de; CASTRO, Cosette (orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil***, Brasília: Ipea, v. 2, 2010b, p. 139-148. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6864.

Acesso em: 07 jan. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Uma história e muitas idéias ou uma idéia e muitas histórias. *In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos***. Campinas, v. 42 (História das Idéias Lingüísticas), 2002, p. 5-6. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637137/4859>. Acesso em 02 jul. 2019.

OUELLET, Pierre. Figures: perception et signification. *In: **Nouveaux Actes Sémiotiques***, n. 17, Limoges: PULIM, 1991, p. I-VIII.

PANIER, Louis. La ‘vie éternelle’, une figure dans la Première Epître de Saint Jean. *In: **Actes Sémiotiques: Documents***, Paris: GRSL-EHESS-CNRS, n. 45, 1983, p. 5-33.

PANIER, Louis. La “vie éternelle”: une figure. *In: **Actes Sémiotiques: Bulletin***, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 39-40.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1955].

PEREIRA, Wilcon Joia. **Escritema e figuralidade nas artes plásticas contemporâneas**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1976.

PINTO, Neiva Ferreira. Eco: linguagem e paixão. *In: **Itinerários** - Revista de Literatura*, Araraquara, n. especial, 2003, p. 175-184.

PORTELA, Jean Cristtus. Conversations avec Jacques Fontanille. *In: **Alfa** - Revista de Linguística*. n. 50, v. 1. UNESP, 2006, p. 159-186. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=3>. Acesso em: 02 mar. 2016.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. *In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (orgs.). **Semiótica e Mídia**: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008a, p. 93-113.

PORTELA, Jean Cristtus. **Práticas didáticas**: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. 2008. 183p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2008b.

PORTELA, Jean Cristtus. Metalinguagem semiótica: empréstimos e redefinições. *In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)***, Araraquara, v. 10, n. 2, 2012, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/5598/4402>. Acesso em 02 abr. 2019.

PORTELA, Jean Cristtus. Editorial. *In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)***, Araraquara, v. 11, n. 1, 2013, p. 1-2. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/6107/4581>. Acesso em 02 abr. 2019.

PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *In: Estudos Semióticos* [online], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, 2018, p. 138–143. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144317/138716>. Acesso em 02 abr. 2018.

PORTELA, Jean Cristtus; LOPES, Ivã Carlos. Formas de vida do semioticista. *In: NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; ABRIATA, Vera Lucia Rodela (orgs.). Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014, p. 87-108.

RASTIER, François. Le problème du figuratif et l'impression référentielle. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 12-15.

RASTIER, François. Figurativité. *In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (orgs.). Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tomo II. Paris: Hachette, 1986, p. 90.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1991].

RUPRECHET, Hans-George. Translocation, plasticité et prégnance. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 24-26.

SACRÉ, James. Du motif à la rhétorique. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 31-34.

SCHULTZ, Michael. De Greimas a Jacques Geninasca. Por uma semiótica da fala. *In: Galáxia* [online], São Paulo. n. especial, 2019, p. 64-84. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532019545629>. Acesso em 22 jan. 2020.

SEMINÁRIO DE SEMIÓTICA DA UNESP. **Sobre**. *In: BLOG Seminário de Semiótica da UNESP*. Araraquara, 2012. Disponível em: http://seminariodesemiótica.blogspot.com/p/sobre_10.html. Acesso em: 23 ago. 2018.

SIGNIFICAÇÃO - Revista Brasileira de Semiótica. Ribeirão Preto: Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, n. 1, 1974.

SIGNIFICAÇÃO - Revista de Cultura Audiovisual. **Histórico do periódico**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/about/history>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. Contribuições para o estudo da figuratividade em textos de Ignacio Assis Silva. *In: Alfa - Revista de Linguística*, Universidade Estadual Paulista, no prelo.

SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. A comunicação científica na revista *Actes Sémiotiques*: práticas e estratégias de difusão do saber científico. *In: Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, Franca: Universidade de Franca, v. 14, n. 1, 2018, p. 53-75.

SILVA, Ignacio Assis. Estruturação do universo linguístico. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto: Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, n. 1, 1974, p. 26-42.

SILVA, Ignacio Assis. Conceitos básicos da análise estratificacional. *In: BACAB - Estudos Semiológicos*, São José do Rio Preto: BACAB, n. 2, 1975, p. 3-36.

SILVA, Ignacio Assis. Une lecture de Velasquez. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, Paris: EHESS-CNRS, n. 19, 1980.

SILVA, Ignacio Assis. Uma leitura de *Vieja friendo huevos* de Velasquez. *In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004 [1980], p. 189-206.

SILVA, Ignacio Assis. A construção do ator: do sígnico ao simbólico. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*. São Paulo, n. 6, v. 1, 1987a, p. 51-57.

SILVA, Ignacio Assis. L'art abstrait: une poétique du depouillement. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 44, 1987b, p. 16-22.

SILVA, Ignacio Assis. A metamorfose de Narciso. *In: Cruzeiro semiótico*, Porto, v. 9, 1988, p. 57-71.

SILVA, Ignacio Assis. Indagações sobre os fundamentos da linguagem. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, n. 8-9, 1990, p. 5-15.

SILVA, Ignacio Assis. **Figurativização e metamorfose**. Relações intersemióticas (O mito de Narciso). Araraquara, UNESP. Tese de Livre-Docência, 1992.

SILVA, Ignacio Assis. Sincretismo e comunicação visual. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Gráfica Francisco Rocha Morel da ECA-USP, n. 10, 1994, p. 73-80.

SILVA, Ignacio Assis. **Figurativização e metamorfose**: o mito de Narciso. São Paulo: Editora UNESP, 1995a.

SILVA, Ignacio Assis. Brøndal, Hjelmslev, Greimas. *In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric (Orgs.). Do inteligível ao sensível*. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, 1995b, p. 55-68.

SILVA, Ignacio Assis (org.). **Corpo e sentido**: a escuta do sensível. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

SILVA, Ignacio Assis. Métamorphose et rationalité mythique chez Lygia Clark. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo: Annablume, n. 13, 1999, p. 127-141.

SOUZA, Marisa Giannecchini Gonçalves de. Permanências: Ignácio por ele mesmo. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, Araraquara, v. 1, n. 2, 2003, p. 1-6. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/622/537>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *In: Revista argentina de historiografía lingüística*. v. 1, n. 1, 2009, p. 67-76. Disponível em: <http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SWIGGERS, Pierre. História e historiografia linguística: *status*, modelos e classificações. Tradução de Maria Cristina Fernandes Salles Altman. *In: Revista Eutomia*. Recife. n. 6, v. 1, 2010, p. 1-17. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1702/1289>. Acesso em: 21 jan. 2016.

THÜLERMANN, Felix. Avant-propos. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, Paris: EHESS-CNRS, n. 6, 1979a, p. 3-4.

THÜLERMANN, Felix. Avant-propos. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 11, 1979b, p. 2-3.

THÜLERMANN, Felix. La double spatialité en peinture: espace simulé et topologie planaire. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 20, 1981, p. 34-46.

THÜLERMANN, Felix. Symbolisme conventionnel et production du symbolique. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 37-38.

UNILIM. **CERES** - Centre de Recherches Sémiotiques [*online*]. Limoges, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/recherche/laboratoires/shs/ceres/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Instituto de Estudos da Linguagem. **História das Idéias lingüísticas no Brasil**. Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/hil/apresenta.html>. Acesso em: 20 ago. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística. **Relatório de conferência de proposta**. São Paulo, 2017, p. 1-46. Disponível em: <http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/inline-files/Proposta%20do%20programa.pdf>. Acesso em 02 fev. 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística. **Semiótica e Política** - FLL5149. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://linguistica.fflch.usp.br/eventos/fl5149>. Acesso em 18 dez. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação do Câmpus de Araraquara. Instalação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Literatura Portuguesa. Parecerista da CCPG/UNESP: Prof. Dr. Antônio Lázaro de Almeida Prado, 15 de agosto de 1978. **Processo 119/77**. Araraquara, p. 3-372, 1977.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários**. Araraquara, 2019. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-estudosliterarios>. Acesso em: 12 set. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Araraquara. **Disciplinas - Linguística e Língua Portuguesa**. Araraquara, 2020a. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/linguistica-e-lingua-portuguesa/disciplinas/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Araraquara. **Disciplinas**. Araraquara, 2020b. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/estudos-literarios/disciplinas/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

WESTPHAL, Bertrand. SHS [online]. In: **Institut de Recherche des Sciences de l'Homme et de la Société**. Limoges, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/recherche/laboratoires/shs/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

ZILBERBERG, Claude. Le temps et l'espace comme figurants. In: **Actes Sémiotiques: Bulletin**, Paris: EHESS-CNRS, n. 26, 1983, p. 35-36.

ZILBERBERG, Claude. **Raison et poétique du sens**. Paris, PUF, 1988.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: Edusp, 2006.

ZILBERBERG, Claude. Figure. In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (orgs.). **Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Tomo II. Paris: Hachette, 1986, p. 91-93.

ANEXOS

ANEXO A – ACTES SÉMIOTIQUES - BULLETINS (1978-1987)

Nº/ANO	TÍTULO/TEMA	AUTORES
1 (1977)	Vers une sémiotique de la manipulation	D. L. P. de Barros <i>et. al.</i>
2-3 (1978)	Sémiotique littéraire	
4-5 (1978)	Sémiotique visuelle	
6 (1978)	Pour une sémiotique des passions	
7 (1979)	Sémiotique didactique	
8 (1979)	Sémiotique du domaine religieux	
9 (1979)	Sémiotique des passions	
10 (1979)	Sémiotique de l'architecture	
11 (1979)	Productions 1978-1979	
12 (1979)	Le rapport scientifique	
13 (1980)	Métalangage, terminologie et jargons	
14 (1980)	Les universaux du langage	B. Pottier, J.-M. Zemb, G. Kalinowski, R. Martin
15 (1980)	La dimension cognitive du discours	
16 (1980)	Problématique des motifs	C. Bremond, D. Bertrand et J.-J. Vincensini, J. Courtés
17 (1981)	Le carré sémiotique	
18 (1981)	Parcours et espace	
19 (1981)	Les universaux du langage (2 ^e partie)	G.Fauconnier, C. Hagege, G. Lazard, M. Toussaint
20 (1981)	La figurativité	F. Bastide, F. Thürlemann, J. Geninasca, P. Frölicher.
21 (1982)	La sanction	
22 (1982)	Bibliographie sémiotique	
23 (1982)	Figures de la manipulation	
24 (1982)	Aspects de la conversion	
25 (1983)	Explorations stratégiques	E. Landowski, P. Boudon, A. Joxe, J. Fontanille, P. Rosensthiel et P. Fabbri
26 (1983)	La figurativité II	J.-M. Floch, J. Fontanille, F. Rastier, F. Bastide, G. Maurand, H.-G. Ruprecht, J. Geninasca, J. Sacre, C. Zilberberg, F. Thürlemann, L. Panier, D. Bertrand,

		J. Courtés, A. J. Greimas
27 (1983)	Sémiotiques syncrétiques. Activités du G.R.S.L (1983-1984)	J.-M. Floch, M. de Marinis, M.-C. Ropars, M. Hammad, A. V. Heiz, M.-L. Fabre et F. Bastide
28 (1983)	Sémiotique musicale	M. Castellana, E. Tarasti, D. Charles, C. Mioreanu, G. Stefani, J.-C. Coquet
29 (1984)	Bibliographie sémiotique II (Atlas)	
30 (1984)	Polémique et conversation	C. Zilberberg, J. Petitot, H. Quéré, G. Latella, J.-F. Bordron, J. Fontanille, D. Bertrand
31 (1984)	Le discours de l'éthique	J.-F. Bordron, P. A. Brandt, I. Darrault-Harris, B. Pottier, A. Saudan, P. Stockinger, C. Zilberberg
32 (1984)	Sémiotique et prospectivité	M. Hammad, J. Petitot, P. A. Brandt, P. Delpuech, C. Pellegrini, I. A. Belloso, C. Zilberberg, M. Jacquemet
33 (1985)	Procédures de découverte	F. Bastide et P. Fabbri, E. Landowski, M. Callon et F. Bastide, B. Latour, F. Bastide, G. Combet, M. Hammad, J.-L. Excousseau, P. Fabbri et P. Rosenstiehl
34 (1985)	L'actant collectif	C. Zilberberg, A. A. Bouacha, F. Thom, D. Maccannel, P. Stockinger, J. Fontanille, C. Catalame, M.-F. Tardien
35 (1985)	Regards sur l'esthétique	J.-F. Bordron, M. Hammad, C. Pellegrini, J. Petitot, C. Zilberberg
36 (1985)	Intelligence artificielle et théorie sémio-linguistique	P. Stockinger, J.-P. Desclés, M. Arnold, P. Boudon, F. Rastier
37 (1986)	Variations sur le discours publicitaire	J.-P. Martinez, J.-M. Floch, É Landowski
38 (1986)	Autour d'un dictionnaire	I. Pezzini, H. Parret, J. Geninasca, A. J. Greimas, C. Zilberberg
39 (1986)	Les passions. Explorations sémiotiques	D. Bertrand, A. J. Greimas, J. Fontanille, A. Hénault
40 (1986)	Intelligence artificielle, tome II: approches cognitives du texte	P. Stockinger, M. Zock, G. Denhière et A. Piolat, J. Fontanille
41 (1987)	La subjectivité au cinéma	J. Fontanille, E. Dagrada, M.-C. Ropars, P. Sorlin, A. J.-J. Cohen, M. Colin

42 (1987)	Sémiotique didactique	J.-J. Vincensini, J. Fontanille, G. Bensimon-Choukroun, G. Maurand et M. Naude
43 (1987)	Quatre thèses	A. J. Greimas, P. Boudon, P. A. Brandt, G. Bucher, P. Stockinger, C. Geninasca, J. L. Fiorin
44 (1987)	L'art abstrait	I. A. Silva, F. Thürlemann, L. Régis, O. Calabrese.

Fonte: autora²⁸⁴.

²⁸⁴ Dados extraídos do periódico (*Nouveaux Actes Sémiotiques [online]*) (2019), bem como de Portela (2008b), Lemos (2017), e de exemplares impressos.

ANEXO B – ACTES SÉMIOTIQUES - DOCUMENTS (1979-1987)

N°/ANO	TÍTULO/TEMA	AUTORES
1 (1979)	Jacques Geninasca	Du bon usage de la poêle et du tamis
2 (1979)	Claude Zilberberg	Tâches critiques
3 (1979)	Jean-Claude Coquet	Le sujet énonçant
4 (1979)	James Sacre	Pour une définition sémiotique du maniérisme et du baroque
5 (1979)	A. J. Greimas	La soupe au pistou
6 (1979)	Jean-Marie Floch	Des couleurs du monde au discours poétique
7 (1979)	Françoise Bastide	Approche sémiotique d'un texte de sciences expérimentales
8 (1979)	Ivan Darrault	Pour une approche sémiotique de la thérapie psychomotrice
9 (1979)	Joseph Courtes	La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (le partie)
10 (1979)	Joseph Courtes	La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (2e partie)
11 (1980)	Felix Thürlemann	L'admiration dans l'esthétique du XVIIe siècle
12 (1980)	Eric Landowski	L'Opinion publique et ses porte-parole
13 (1980)	A.J. Greimas	Description et narrativité, suivi de: A propos du jeu
14 (1980)	Joseph Courtes	La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (3e partie)
15 (1980)	Paul Ricoeur	La grammaire narrative de Greimas
16 (1980)	Jacques Fontanille	Le désespoir
17 (1980)	Georges Maurand	Le Corbeau et le Renard
18 (1980)	Madeleine Arnold	Ordinateur, sémiotique et "Machine molle"
19 (1980)	Ignácio Assis da Silva	Une lecture de Velasquez
20 (1980)	Thomas G. Pavel	Modèles génératifs en linguistique et en sémiotique
21 (1981)	Hans-George Ruprecht	Du formant intertextuel
22 (1981)	Eric Landowski	Jeux optiques: une dimension figurative de la communication
23 (1981)	Daniel Patte	Carré sémiotique et syntaxe narrative
24 (1981)	Henri Quere	Sens linguistique et ré-interprétation
25 (1981)	Michel Arrive	Le concept de symbole (le partie: sémio-linguistique)
26 (1981)	Jean-Marie Floch	Sémiotique plastique et langage publicitaire

27 (1981)	A. J. Greimas	De la colère
28 (1981)	Françoise Bastide	La démonstration
29 (1981)	François Rastier	Le développement du concept d'isotopie
30 (1981)	Claude Zilberberg	Alors ! Raconte ! (Notes sur le faire informatif)
31 (1982)	P. A. Brandt; J. Petitot	Sur la véridiction
32 (1982)	Dominique Maingueneau	Dialogisme et analyse textuelle
33 (1982)	Jacques Fontanille	Un point de vue sur "croire" et "savoir"
34 (1982)	Claude Calame	Énonciation: véricité ou convention littéraire ?
35 (1982)	Tahsin Yucel	Le récit et ses coordonnées spatio-temporelles
36 (1982)	Michel Arrive	Le concept de symbole (2e partie: psychanalyse)
37 (1982)	Herman Parret	Éléments pour une typologie raisonnée des "passions"
38 (1982)	Jean Delorme	Savoir, croire et communication parabolique
39 (1982)	Denis Bertrand	Du figuratif à l'abstrait
40 (1982)	Georges Kalinowski	Vérité analytique et vérité logique
41 (1983)	Alain Saudan	Analyse sémiotique de "l'affaire A Moro"
42 (1983)	E. Tarasti ; M. Castellana; H. Parret	De l'interprétation musicale
43 (1983)	Henri Quere	Symbolisme et énonciation
44 (1983)	Michele Coquet	Le discours plastique d'un objet ethnographique
45 (1983)	Louis Panier	La vie "éternelle": une figure
46 (1983)	Ole Davidsen	Le contrat réalisable
47/48 (1983)	J. Petitot; R.Thom	Sémiotique et théorie des catastrophes
49 (1983)	Jean Davallon	L'espace de la "lecture" dans l'image
50 (1983)	A. J. Greimas; E. Landowski	Pragmatique et sémiotique
51 (1984)	Italo Calvino	Comment j'ai écrit un de mes livres
52 (1984)	D. T. Mozejko	Énoncé et énonciation, chez O. Paz
53 (1984)	Francesco Marsciani	Parcours passionnels de l'indifférence
54 (1984)	Michel De Certeau	Le parler angélique
55 (1984)	Jean-Claude Coquet	La bonne distance
56 (1984)	Roland Posner	Signification et usage
57 (1984)	Jacques Fontanille	Une topique narrative anthropomorphe
58 (1984)	Jacques Geninasca	Le regard esthétique
59 (1984)	Denis Bertrand	Narrativité et discursivité: points de repère et problématiques
60 (1984)	A. J. Greimas	Sémiotique figurative et sémiotique plastique

61 (1985)	Michael A.K. Hallida Y	Intonation et rythme
62 (1985)	Peter Stockinger	Prolégomènes à une théorie de l'action
63 (1985)	Claude Zilberberg	Retour à Saussure?
64 (1985)	Luc Régis	Le scarifié et le tatoué
65 (1985)	Joseph Courtés	Pour une sémantique des traditions populaires
66 (1985)	Jean-Luc Excousseau	Objectivité et subjectivité en physique
67 (1985)	Pierre Boudon	L'abduction et le champ sémiotique
68 (1985)	Abraham Zemsz	Les optiques cohérentes
69-70 (1985)	Jean-Pierre Descles	Représentation des connaissances
71 (1986)	Eric Landowski	Pour une approche sémio-narrative du droit
72 (1986)	V. Brøndal; A. J. Greimas	Omnis et totus / Comment définir les indéfinis?
73-74 (1986)	Joseph Courtés	Introduction à la sémantique de l'énoncé
75 (1986)	Per Aage Brandt	Quatre problèmes de sémiotique profonde
76-77 (1986)	Claude Zilberberg	"Larme" d'Arthur Rimbaud
78 (1986)	Henri Quéré	La publicité par la bande
79-80 (1986)	Françoise Bastide	Les logiques de l'excès et de l'insuffisance
81 (1987)	Umberto Eco	Notes sur la sémiotique de la réception
82 (1987)	Claude Zilberberg	"Larme" d'Arthur Rimbaud (II)
83 (1987)	Jacques Geninasca	Pour une sémiotique littéraire
84-85 (1987)	Manar Hammad	L'architecture du thé
86 (1987)	Peter Stockinger	La nation: essai d'une représentation conceptuelle du raisonnement idéologique
87 (1987)	Jean-Marie Floch	La génération d'un espace commercial
88 (1987)	Jean-Claude Coquet	Linguistique et sémiologie
89 (1987)	Françoise Bastide	Le traitement de la matière
90 (1987)	Desiderio Blanco	Figures de l'énonciation cinématographique

Fonte: autora²⁸⁵.

²⁸⁵ Dados extraídos do periódico (*Nouveaux Actes Sémiotiques [online]*) (2019), bem como de Portela (2008b).

ANEXO C – NOUVEAUX ACTES SÉMIOTIQUES [IMPRESSO] (1989-2006)

N°/ANO	PESQUISADOR RESPONSÁVEL	TÍTULO/TEMA
1 (1989)	M. Colin	La grande syntagmatique revisitée
2 (1989)	H. Queré, M. Tetu	L'affiche électorale: positions et parcours Image d'une marque, image de marque
3 (1989)	C. Zilberberg	Modalités et pensée modale
4-5 (1989)	M. Hammad	La privatisation de l'espace
6 (1989)	J. Fontanille	Les passions de l'asthme
7 (1990)	P. Ricoeur	Entre herméneutique et sémiotique
8 (1990)	A. Semprini	Métro, réseau, ville: essai de sémiotique topologique
9 (1990)	F. Rastier	La triade sémiotique, le trivium et la sémantique linguistique
10-11 (1990)	J. Geninasca	Le discours en perspective
12 (1990)	C. Calame	Illusions de la mythologie
13 (1991)	H. Toëlle	Les quatre éléments dans le "Coran": l'au-delà
14 (1991)	J.-D. Urbain	Idiologues et polylogues: pour une sémiotique de l'énonciation
15-16 (1991)	M. Jacquement	Autour de la petite phrase de Vinteuil
17 (1991)	T. Keane	Figurativité et perception
18 (1991)	M. P. Pozzato	Le monde textuel
19 (1992)	P. Fabbri	Pertinence et adéquation
20 (1992)	P. Ouellet	Signification et sensation
21-22 (1992)	J. Courtes	Du signifié au signifiant
23-24 (1992)	C. Zilberberg	Présence de Wölfflin
25 (1993)	J. Fontanille, M. Arrivé, J.Geninasca, J. Delorme, P. Ricoeur, B. Quemada	Hommages à A. J. Greimas
26-27 (1993)	J. Fontanille	Le ralentissement et le rêve: à propos de L'éloge de l'ombre, de Tanizaki
28 (1993)	A. Assaraf	Quand dire, c'est lier: pour une théorie des "ligarèmes"
29-30 (1993)	M. Derycke	Carré, khôra: l'excès de la structure sémiotique
31 (1994)	D. Maddox	Voix et textualités du schéma eschatologique

32-33 (1994)	N. Everaert-Desmedt	Un film qui donne des ailes au spectateur à propos des <i>Ailes du désir</i> de Wim Wenders
34-35-36 (1994)	Groupe μ , J.-F. Bordron, G. Sonesson, J. Fontanille, F. Saint-Martin	Approches sémiotiques sur Rothko
37 (1995)	K. Nastopka	Portrait d'une impossibilité: lecture sémiotique de <i>Lokis</i> de P. Mérimée
38 (1995)	H. Parret	Préhistoire, structure et actualité de la théorie hjelmslevienne des cas
39-40 (1995)	Per Aage Brandt, R. Flores	Niveaux et stratégies de la véridiction
41-42 (1995)	M. Schulz, C. Vogel	La praxis énonciative
43 (1996)	A. C. A. de Oliveira	La vitrine: de la vision au sens
44-45 (1996)	S. Persegol, J. Fontanille	Des figures de discours aux formes de vie: à propos de René Char
46-47 (1996)	J. Fontanille, C. Zilberberg	Valence/Valeur
48 (1996)	M. Renoue	Analyse sémiotique de la perception d'un objet nature
49 (1997)	P. Bourdon	Une interface discursive: l'ironie
50-51 (1997)	H. Toelle	Explorations sémiotiques de l'univers poétique de Milosz
52-53-54 (1997)	J. Cosnier, J. Vaysse, P. Feyereisen, G. Barrier	Geste, cognition et communication
55-56 (1998)	E. Landowski, G. Marrone, G. Grignaffini, S. Montes, L. Taverna, F. Marsciani	Sémiotique gourmande. Du goût, entre esthésie et sociabilité
57 (1998)	M. Castellana	La peur et l'invisible. <i>Dante Alighieri, Divina Commedia, Inferno, I</i>
58-59 (1998)	J. Courtes	L'énonciation comme acte sémiotique
60 (1998)	U. Bälher	De la place du sujet individuel à l'époque scientifique: <i>Le Crime de Sylvestre Bonnard</i>
61-62-63 (1999)	J. Fontanille	Modes du sensible et syntaxe figurative
64 (1999)	K. Fall, D. Simeoni	Catégorisation épistémique, catégorisation praxéologique
65-66 (1999)	S. Caliandro	Le Libro de' disegni de Giorgio Vasari: un métatexte visuel
67 (2000)	E. Harkot-de-LaTaille	Bref examen sémiotique de la honte

68-69-70 (2000)	G. Marrone	Le corps de la nouvelle : trois études sur identités et styles dans les journaux télévisés italiens
71-72 (2000)	N. Couegnas, M.-P. Halary, J. A. Aldama	Recherches socio-sémiotiques: l'actant collectif
73-74-75 (2001)	A. Beyaert-Geslin, S. Caliendo, M. Renoue, H.-R. Shairi, J. Fontanille	Dynamiques visuelles
76-77-78 (2001)	H. Parret	Présences
79-80-81 (2002)	A. Zinna	Décrire, produire, comparer et projeter. La sémiotique face aux nouveaux objets de sens
82 (2002)	J. B. Camprubi	Les fonctions du titre
83 (2002)	E. Landowski	En deça ou au-delà des stratégies, la présence contagieuse
84-85 (2002)	M. Arnold	L'émergence des figures en conception d'artefacts
86-87 (2003)	W. Fiers	Polysensorialité et systèmes sensori-moteurs. A propos de quelques "sans titre" de Gérard Garouste
88 (2003)	B. Verine, C. Detrie	Dialogisme et narrativité: la production de sens dans <i>Les Fées</i> de Charles Perrault
89-90-91 (2003)	E. Bertin	Penser la stratégie dans le champ de la communication. Une approche sémiotique
92-93 (2004)	R. N. de C. Monteiro, M. Lopes, I. C. Lopes, L. Tatit	La chanson brésilienne. Approches Sémiotiques
94-95 / 2004	R. Dorra	La maison et l'escargot
96-97 (2004)	T. Metzger	Objet-poème et Discours poétique
98-99-100 (2005)	J. Fontanille	Les régimes temporels dans les <i>Illusions perdues</i> , ou l'emploi du temps selon Balzac
101-102-103 (2006)	E. Landowski	Les interactions risquées
104-105-106 (2006)	J. Fontanille	Pratiques sémiotiques: <i>immanence et pertinence, efficience et optimisation</i>
107-108 (2006)	C. Zilberberg	Retour sur <i>Bonne pensée du matin</i> de Rimbaud
109 (2006)	J.-F. Bordron	Vers une sémiotique des machines

Fonte: autora²⁸⁶.

²⁸⁶ Dados extraídos do periódico (*Nouveaux Actes Sémiotiques [online]*) (2019).

ANEXO D – NOUVEAUX ACTES SÉMIOTIQUES [ONLINE] (2007-2012)

Nº/ANO	PESQUISADOR RESPONSÁVEL	TÍTULO/TEMA	DOSSIERS
110 (2007)	E. Landowski	Les nouveaux <i>Nouveaux Actes Sémiotiques</i> : présentation	Penser la stratégie dans le champ de la communication: une approche sémiotique.
111 (2008)	R. Dorra	Corps sécrétant (La maison et l'escargot)	Sémiotique et Architecture: quel apport offre cette discipline à une science du projet ?
112 (2009)	E. Landowski	Avoir prise, donner prise	En quête de Greimas.
113 (2010)	-		Les mots du son.
114 (2011)	I. Darrault-Harris A. Beyaert-Geslin	-	Phénoménologie et sémiotique; Images et démonstration scientifique.
115 (2012)	P. Basso-Fossali; A. Beyaert-Geslin E. Landowski	-	Les formes de vie à l'épreuve d'une sémiotique des cultures; A la mémoire de Jacques Geninasca.

Fonte: autora²⁸⁷.

²⁸⁷ Dados extraídos do periódico (*Nouveaux Actes Sémiotiques [online]*) (2019).

ANEXO E – ACTES SÉMIOTIQUES [ONLINE] (2013-2016)

Nº/ANO	PESQUISADOR RESPONSÁVEL	TÍTULO/TEMA	DOSSIERS
116 (2013)	M. Hammad	La sémiotisation de l'espace; Esquisse d'une manière de faire	Pertinente impertinence; Journée d'hommage à la mémoire d'A.J. GREIMAS,
117 (2014)	F.Marsciani	À propos de quelques questions inactuelles en théorie de la signification	Sémiotique du vêtement, aujourd'hui; La négation, le négatif, la négativité; Approches sémiotiques de la notion de territoire.
118 (2015)	J.Fontanille	La sémiotique face aux grands défis sociétaux du XXI ^e siècle	Natures de la culture: Recherches sémiotiques en Italie.
119 (2016)	J.-D.Urbain	Le périple sémiotique d'un anthropologue (1974-2014)	Écriture(s); <i>Narrativité et clinique psychiatrique</i> , ou " <i>La clinique de la narrativité</i> ".

Fonte: autora²⁸⁸.

²⁸⁸ Dados extraídos do periódico (*Nouveaux Actes Sémiotiques [online]*) (2019).